COMUNICAÇÃO COM O MUNDO DO ESPÍRITO DE DEUS

AS SUAS LEIS E OBJETIVOS

AS EXPERIÉNCIAS DE UM SACERDOTE CATÓLICO

Trádozźo de Amadeu António

INTRODUÇÃO

"Essa gente zomba de tudo o que não entende." (Judas 1:10)

Existirá para a humanidade uma vida após a morte? Existirá algum Além? Existirá um mundo de espíritos, em que os espíritos dos seres humanos sejam recebidos depois de deixarem o corpo? E como devemos imaginar a vida nesse outro mundo? Que destino nos estará reservado? Ou será que tudo termina entre os muros do cemitério? Quando lá enterramos o corpo, também sepultaremos o espírito, e nada sobra do homem, de todas as suas esperanças e medos, de todas as suas lutas e cuidados, de todas as suas alegrias e tristezas, de todas as suas boas e más obras, além de um crânio ou de um punhado de cinzas? Somos repetidamente assaltados por perguntas destas. Nas horas silenciosas de uma doença grave elas sobrecarregam fortemente o coração humano cansado. Em todo leito de morte em que compareçamos, atrás de cada caixão que sigamos, elas primem-nos a alma. Elas pairam sobre cada túmulo, e dilaceram profundamente cada lápide.

Quem irá resolver-nos o grande enigma do Além? A quem recorreremos nós com as nossas dúvidas para podermos chegar a conhecer a verdade real? Deveremos consultar junto das várias religiões e dos seus ministros? Eles ensinam-nos a acreditar numa vida futura e na sobrevivência do espírito do homem, é verdade, mas enfraquecem a força das suas próprias doutrinas, ao negarem a continuidade da vida dos espíritos dos animais. Pois que, se os animais não sobrevivem, por que motivo particular deverá a raça humana sobreviver? O género humano e o animal têm o mesmo destino. Ambos são concebidos e nascem do mesmo jeito. Ambos experimentam prazer e dor, certo e errado, e um acha-se sujeito à morte do mesmo modo que o outro. Isto é confirmado pela Bíblia nas palavras:

"O destino do homem e o destino dos animais é um e o mesmo. Assim como um morre, também o outro; Todos possuem o mesmo alento. O homem não é melhor que os animais. Ambos encontram-se destinados ao mesmo fim; Ambos vieram do pó, e ambos retornam ao pó. Quem pode afirmar que o sopro vital do homem vá para cima, enquanto o sopro vital de um animal vá para a terra?" (Eclesiastes 3:19-21)

Além disso, as várias igrejas defendem pontos de vista conflituosos sobre as questões mais importantes da religião. Podemos, pois, deixar de procurar uma resposta conclusiva nelas. O homem, falível como é, não é guia fiável nessas

questões. Para alcançar a verdade com respeito a essas questões há um só caminho: se existir um Além, povoado por um mundo de espíritos, poderemos obter provas conclusivas se esses mesmos espíritos nos visitarem e nos esclarecerem, porquanto só eles nos poderão revelar a verdade sobre as grandes questões relativas a uma vida após a morte. Enquanto o fosso existente entre o mundo espiritual e o nosso próprio permanecer por colmatar, permaneceremos nas trevas da incerteza e suportaremos as dores da dúvida corrosiva.

Mas hoje, as pessoas riem daqueles que mencionam a mera possibilidade da comunicação entre os espíritos e o mundo do homem; elas riem e ridicularizam, do mesmo modo que sempre ridicularizaram qualquer visão que entrasse em choque com as crenças populares do seu tempo.

Quando Galileu ensinou que a Terra gira e que o Sol permanece imóvel, os seus contemporâneos o consideraram mentalmente perturbado. A Igreja encarou-o como um herege e excomungou-o. Ele foi lançado na prisão, e só foi capaz de pôr fim ao seu sofrimento e perseguição apenas retratando-se e retirando o que havia proclamado.

Quando o primeiro telefone foi demonstrado à Academia de Ciências em Paris, um dos mais eminentes professores dessa instituição chamou a coisa toda de uma farsa, realizada por meio de ventriloquia. Aconteceu o mesmo com todos quantos proclamaram uma nova verdade. Os seus contemporâneos ridicularizaram-nos, desprezaram-nos, insultaram-nos, queimaram-nos ou crucificaram-nos. Assim, o mundo hoje ri daqueles que procuram provar à humanidade que existe um mundo espiritual que não está vedado à humanidade, mas com o qual podemos comunicar-nos se o fizermos da maneira correta e se observarmos os requisitos necessários. Pois existem leis que governam o mundo espiritual, tão imutáveis quanto qualquer em vigor no mundo da matéria.

À doutrina sobre a comunicação entre o mundo espiritual e homem foi dado o nome de “espiritualismo.” Hoje essa palavra goza de pobre reputação entre as massas, embora muito poucas pessoas realmente saibam o que significa. O “espiritualismo” é considerado uma fantasia ridícula de mentes desequilibradas. As pessoas falam de "aqueles espiritualistas idiotas" com desprezo.

“Essa gente zomba qualquer coisa que lhe escape ao entendimento.” (Judas 1:10)

Nesta batalha contra o espiritualismo, as igrejas estão lutando linhas da frente. Isto é realmente difícil de explicar, porquanto essas mesmas igrejas ensinam que receberam as suas verdades religiosas através da comunicação com o mundo espiritual. O Judaísmo e o Cristianismo baseiam-se no testemunho do Antigo e do Novo Testamento e, portanto, repousam inteiramente no espiritualismo, pois que, a maior parte do conteúdo de todas as obras espiritualistas, cuja maior é a Bíblia, depende de mensagens enviadas do Além. A cada passagem das Escrituras lemos sobre a comunicação estabelecida entre o mundo espiritual e nosso.

Portanto, as igrejas não estão em posição de negar a comunicação com o mundo espiritual que é relatada na Bíblia, a menos que estejam preparadas para cortar o galho sobre o qual elas próprias se encontram. Elas procuram defender a luta que empreendem contra o espiritualismo afirmando que as tentativas de se comunicar com o mundo dos espíritos são proibidas pela Bíblia, e citam a injunção: “Não questionarão os mortos." Mas que quererá a Bíblia quer dizer com "questionar os mortos"? Quando a Bíblia se refere aos "mortos", não significa aqueles espíritos que foram separada do corpo pela morte do corpo, mas aqueles que se encontram num estado de “morte” espiritual.

(NT: Tal prescrição destinada ao desencorajamento das massas sem preparo nem compreensão espiritual, no sentido de levar as pessoas a entender que se atrai, nessa comunicação, na justa medida do preparo espiritual, ou falta dele, que se tenha desenvolvido, que geralmente era nula.)

“Morte,” de acordo com as Escrituras, consta da separação do espírito de Deus.

Os "mortos" são, pois, aqueles que se separaram de Deus devido à incredulidade e à deserção. Eles são os espíritos das trevas. O "Reino dos mortos" é o reino de Lúcifer, o reino dos adversários De Deus, o reino das mentiras e do desastre.

De acordo com as Escrituras existe um reino dos "mortos" e um reino dos “vivos.” Está no nosso poder comunicar com espíritos de qualquer desses reinos. Podemos procurar o conselho dos "espiritualmente mortos" – o que equivalerá a consultar espíritos trapaceiros, ou, como nos termos bíblicos, "a questionar os mortos". Assim como podemos voltar-nos para os "vivos" do

Além, que seria buscar conselho do bom mundo espiritual, ou, como a Bíblia o coloca: “inquirir a Deus.”

Buscar o conselho dos "mortos," vale dizer, do mundo dos espíritos separado de Deus, seria a maior afronta possível que faríamos a Deus. Representaria idolatria, que consiste em comunicar com espíritos trapaceiros.

Os necromantes da antiguidade eram geralmente reconhecidos como estando, consciente e deliberadamente, em comunhão com os Poderes das Trevas - os demónios. Daí a ordem estrita que Deus expresso no Antigo Testamento, de extirparem os necromantes do meio do povo.

Existe, pois, apenas um tipo de comunicação com os espíritos claramente definido que as Escrituras proíbem, a saber: a comunicação com os maus espíritos Por outro lado, é dever da humanidade procurar a comunhão com Deus e com o bom mundo espiritual. "Quando alguém lhe disser para consultar 'Necromantes,' perguntem-lhes se as pessoas não deverão preferir consultar o seu Deus.

“Por que eles devem consultar os mortos em favor dos vivos.” (Isaías 8:19)?
"Pergunta-me sobre coisas que estão por vir!" (Isaías 45:11)

O convite a “inquirir a Deus” foi aceito com entusiasmo pelos fiéis de todas as eras. Entre os israelitas era uma questão de ocorrência diária. “Todo aquele que quisesse consultar o Senhor, devia ir ao tabernáculo da congregação.” (Êxodo 33: 7) Deus dava a sua resposta por uma infinita variedade de maneiras. Os seus mensageiros espirituais estavam em constante contacto com os fiéis. Encontramos referências a eles por todo o Antigo e Novo Testamentos.

Se nós, fiéis servos de Deus, ou, pelo menos, honestos buscadores da verdade, tentarmos entrar em contato com o mundo dos bons espíritos, não estamos a cometer nenhum pecado, mas sim a obedecer a um dos mandamentos de Deus.

É um mandamento importante, porquanto somente através do contacto com o bom mundo do espírito podemos chegar à verdade. Não há outro caminho.

(NT: Isto constitui uma distorção que brota de uma tendência compreensível, mas que não foge à ideia do que o autor pretende defender, porquanto a comunicação não se achar sujeita à ação de agentes externos, o que colocaria o indivíduo no dilema da separação, uma vez que podemos e devemos procurar o esclarecimento, ou compreensão espiritual, antes de mais em nós mesmos, que concorrerá para a "comunhão" com o divino inerente à alma.)

Por esta razão, em parte alguma de todas as Escrituras é dito aos buscadores da verdade para procurarem a orientação dos seus pares, mas sempre junto a Deus e dos Seus espíritos. Isso vale também com relação ao Novo Testamento. Por altura da sua a partir da terra, havia muita coisa que Cristo ainda queria dizer aos seus seguidores, que eles ainda não entendiam. Essas questões ser-lhes-iam explicadas mais detalhadamente mais tarde, porém, não por qualquer agente humano, mas através dos espíritos de Deus, que Cristo lhes enviaria como mensageiros da verdade, cujas ações seriam discerníveis pelos sentidos humanos.

"Vocês verão espíritos de Deus a subir e a descer." (João 1:51)

Esta ascensão e descida dos mensageiros de Deus foi testemunhada pelos primeiros cristãos nas suas reuniões, de onde vem a exortação que o Apóstolo Paulo fez a todos os cristãos: "Esforcem-se por comunicar com os espíritos." (I Coríntios 14:12)

É fundamental para a vida religiosa da humanidade que a verdade sobre as grandes questões da vida e do Além sejam buscadas não junto dos homens ou das suas interpretações, mas por via da comunicação direta com o reino espiritual de Deus, que é a fonte de toda a verdade.

Assim, Deus ensina-nos no Antigo Testamento, e Cristo no Novo. Assim, também, nos é ensinado pelos Apóstolos, e esses ensinamentos foram obedecidos pelo povo de Deus antes do nascimento de Cristo e pelos cristãos dos primeiros séculos.

Com o passar do tempo, essa doutrina fundamental foi ficando desbotada. Homens pecadores usurparam o lugar de Deus e o dos Seus mensageiros espirituais como profetas da verdade. A pregação da Palavra de Deus tornou-se numa forma de "comércio," para usar expressão do apóstolo Paulo. A religião foi transmitida por instrutores humanos, como qualquer conhecimento mundano. E assim permaneceu até o presente.

Os líderes espirituais do povo tornaram-se senhores absolutos em todos os assuntos pertencentes à religião, e desse modo acumularam um crescente poder mundano. Cada vez mais numerosas se propagaram as ordenanças humanas colocadas sobre os ombros dos crentes em nome da religião. A liberdade dos Filhos de Deus de outrora foi convertida em servidão religiosa. Quem se tenha rebelado e tentado viver segundo as próprias convicções foi punido com a morte. O sangue de milhões correu em nome da religião.

Os textos genuínos do Novo Testamento desapareceram e foram sucedidos por cópias que diferiam em aspetos fundamentais dos originais. Recorreu-se à falsificação intencional de modo a emprestar a autoridade da Bíblia às opiniões e às restrições criadas pelo homem que tinham sido introduzidas no decurso de tempo. Foi uma repetição daquele estado de coisas de que Deus (…) se queixa tão amargamente no Antigo Testamento por intermédio dos Seus profetas, quando diz:

"Como poderão dizer: Somos sábios; Estamos na posse da lei de Deus? Olhai, a caneta dos copistas falsificadores converteram isso numa mentira. Os sábios devem, pois, sentir-se envergonhados e consternados. Destruíram a palavra do Senhor. Que sabedoria, pois, é que eles possuem?" (Jeremias 8:9)

A pesquisa científica moderna revelou o facto de que essas falsificações se estenderam qual praga devastadora a todos os documentos antigos. A Bíblia, os Pais da Igreja, os escritos de autores Judeus e Pagãos, todos eles foram alterados para apoiar as falsas doutrinas religiosas que eram atuais no momento.

Tudo isso fora do alcance das pessoas comuns, que aceitaram inquestionavelmente as assim chamadas "verdades" religiosas e interpretações apresentadas pelos seus líderes espirituais, e as legaram a seus filhos e aos filhos dos seus filhos. E assim continua até os dias atuais. A religião é um legado que todos nós herdamos dos nossos pais e instrutores, sem nos determos e usarmos o nosso próprio julgamento quanto à verdade que encerra. A maioria das pessoas, poderemos acrescentar, não está em condições de o fazer. Por tal razão, a maioria de nós que hoje somos cristãos teríamos sido igualmente zelosos seguidores da fé Judia ou Muçulmana, caso tivéssemos nascido de pais Hebreus ou Muçulmanos.

Não era assim nos dias em que os homens estavam em comunicação com o bom mundo espiritual. Então podiam perguntar: "O que é a verdade?" e

recebiam uma resposta. Foi por essa razão que Paulo exortou os primeiros cristãos a buscar o conselho de Deus, se os Seus pontos de vista diferissem em qualquer aspeto do seu próprio.

"E se, em qualquer assunto vocês forem de opinião diferente, Deus vo-lo há de deixa claro." (Filipenses 3:15).

Referência tão singela à única (…) maneira de chegar à verdade como a dada na passagem precedente pelo maior apóstolo Cristão teria sido impossível alguns séculos depois. Quem quer que não acreditasse nas doutrinas ensinadas pela "Igreja", ou tentasse chegar à verdade inquirindo Deus segundo o costume dos antigos Israelitas ou dos primeiros Cristãos, sujeitava-se à proibição da Igreja e não raro morria na estaca. É verdade que os não ortodoxos não mais são conduzidos à fogueira, porque hoje o "Igreja" perdeu o poder de a acender, mas a proibição permanece, e haveria de recair sobre o maior dos primeiros Padres da Igreja se ele se encontrasse vivo hoje, e ensinasse as doutrinas que pregava no seu tempo aos Cristãos.

O caminho que levava ao mundo espiritual de Deus foi bloqueado por escombros, e com ele o caminho que conduz à verdade. As opiniões e as regras dos homens foram empregues para erigir estruturas religiosas em que a humanidade é convidada a encontrar assento. Centenas de credos alegam ser os senhores da verdade, uns destruindo o que os outros veneram, uns proclamando como verdade sincera o que o outros condenam como heresia abominável. A humanidade só pode ser libertada desses grilhões do erro se Deus hoje nos enviar os seus espíritos como arautos da verdade, como fez nos primeiros milénios. Não são os "mortos" nem o "Reino das Trevas" nem os homens falíveis para quem devemos nos voltar, mas para Deus.

Ele é o mesmo Deus hoje que era então. Ele não respeita a pessoa, e ama tanto o povo de hoje como amava o de eras passadas.

E como, então, Ele se revelou à humanidade por meio de Seus mensageiros, assim fará Ele hoje. É de esperar que as "Igrejas" façam o máximo para obstruir este caminho para a verdade. Isso é de esperar, já que eles estão a lutar pela sua própria existência. Eles consideram que são os propagadores infalíveis da verdade. Cada uma delas tem o seu papa, quer ele use ou não uma tiara. Qualquer instrução analisada pelos mensageiros de Deus seria vista como competição destrutiva que põe em perigo a continuidade da existência da igreja,

uma vez que ela teme que as verdades reveladas pelos espíritos de Deus não estejam de acordo com os princípios sustentados pelas igrejas.

Evidentemente, só pode haver apenas uma verdade.* Ou se encontre na posse de um dos muitos credos, caso em que todos os outros credos radicarão no erro, ou então a verdade não pode ser encontrada em nenhum deles. Quando tudo é dito, estas palavras do Fausto de Goethe aplicam-se a todas as religiões, sem exceção: "Retractos berrantes denotam muito pouca clareza, uma riqueza de erro e apenas um grão de verdade."

**(NT: Nesta passagem o autor distorce o sentido implícito à "Verdade Una" ao cair na cilada implícita à expressão vigente na aparente dicotomia que compromete a relação singularidade versus diversidade ou pluralidade, por que essa "verdade Una" se traduz)*

Durante vinte e cinco anos eu fui um padre católico. Eu acreditei que a minha era a verdadeira religião; Não seria, de facto, a fé dos meus pais, dos meus professores e dos meus conselheiros espirituais? Apesar das provas da sua veracidade não me tenham convencido por completo, não tinha motivos para recusar aceitar o que fora aceite como verdade por todos os meus companheiros católicos. Além disso, qualquer dúvida voluntária quanto à verdade dos princípios defendidos pela minha igreja teria sido um pecado mortal de acordo com os seus ensinamentos.

Eu nada sabia nada da possibilidade de comunicar com o mundo do espírito. O conhecimento que tinha do "espiritualismo" limitava-se à leitura dos jornais diários. Eu o considerava uma fraude e uma ilusão por que nos enganávamos a nós mesmos. Então, veio um dia em que eu dei, involuntariamente, o meu primeiro passo rumo ao contacto com o mundo espiritual. Experimentei coisas que me levaram a mudar até às profundezas da minha alma. Uma vez que esse passo tinha sido tomado, eu não podia, não ousava parar. Senti-me compelido a prosseguir a minha busca de clareza. Cautelosamente avancei, mantendo na ideia as palavras do Apóstolo Paulo:

"Ponham à prova toda a comunicação do espírito; apeguem-se apenas ao que procede do bem." (I Tessalonicenses 5:21)

Era apenas "o que procede do bem" que eu queria. Eu estava procurando a verdade, e pronto para a aceitar, qualquer que fosse o custo. Eu sabia que Deus não deserta o buscador sincero e altruísta, e que, como Cristo disse, Ele não dá

uma pedra àqueles que humildemente Lhe pedem pão. Eu também estava claramente consciente das graves consequências de minhas ações. Eu via a posição de ministro ordenado que assumira, toda a minha existência material, o meu futuro aqui na terra destruído, caso eu persistisse. Eu sabia que insultos, perseguição e sofrimento em abundância seria o destino que teria. Mas a verdade valia do que a pena. E eu encontrei a verdade na nova estrada que eu tinha trilhado. E isso trouxe-me liberdade e felicidade. Os problemas externos que eu sofri em consequência e que persistem até hoje não podem perturbar a paz interior que eu ganhei.

Este livro tem o propósito de descrever o caminho que me conduziu à comunicação com o mundo espiritual e me abriu a verdade aberta. O livro foi escrito num espírito de amor para os meus companheiros, independentemente do credo ou visão da vida que tenham. Destina-se a todos os que buscam a verdade, como guia para todos aqueles que desejo de se comuniquem com o benevolente mundo do espírito, a fim de alcançar a verdade e Deus pelo caminho mais curto. Os roteiros para quem viaja pela Terra são escritos por pessoas que tenham visitado os lugares que descrevem nos textos dos seus trabalhos. Esses livros não são escritos para pessoas que esperam ficar em casa, mas para aqueles que querem conhecer lugares até então desconhecidos para eles.

Este meu livro destina-se a servir de roteiro desses. Foi concebido para dirigir o leitor para aquela ponte sobre em que mensageiros espirituais do Além veem ao nosso encontro. Quem quer que, à luz do que fica aqui estabelecido, pisa essa ponte do espírito irá ver todas as declarações que aqui aparecem neste livro plenamente confirmadas.

Não espero, pois, que nenhum dos meus leitores aceite as declarações contidas neste livro pelo que afirmam ser, sem submetê-las à prova. Se o fizessem, estariam a basear as suas crenças concernentes a questões importantes da vida no parecer de um ser humano falível. Isso eles não devem fazer, por a afirmação de que as verdades que registei no meu livro, que não derivam de mim nem de meu próprio pensamento, mas da comunicação com o benévolo mundo espiritual do Além poder ser deliberadamente enganoso ou deceção da minha parte. Eu, como homem fraco, falível e pecador, não posso reivindicar maior fiabilidade do que qualquer um de meus companheiros. Portanto, não peço que creiam em mim cegamente.

Mas uma coisa eu peço: Que a verdade que me foi revelada seja verificada pela mesma via pela qual veio ao meu encontro. Esta via foi precisamente descrita por mim para que ninguém possa deixar de a encontrar. Os instruídos e os iletrados, tanto ricos como pobres, todos podem percorre-la. Sem preparo, não é necessário qualquer treino especial. Nenhuma portagem é exigida. Só uma coisa é indispensável: o desejo da verdade.

Aqueles que procuram devem estar prontos para aceitar a verdade no momento em que lhes é apresentada de uma maneira convincente, e devem estar dispostos a moldar as suas vidas de acordo. Este livro não foi escrito para aqueles que não aceitarem esses termos. Para eles, nenhuma via conduz à verdade, por Deus só manifestar a Sua verdade àqueles que dotados de boa-fé.

Aqueles que não têm o desejo da verdade, que não estão prontos para explorar a via que aponto, perdem assim o direito de criticar o meu livro. Se, por exemplo, um químico anunciasse ao mundo que havia encontrado um método de fazer ouro através da combinação de certas substâncias, e se descrevesse minuciosamente o seu processo, apenas aqueles capazes de expressar uma opinião inteligente quanto às suas alegações e que tivessem seguido fielmente todas as suas instruções, teriam percebido as experiências descritas por esse químico.

Estou certo de que este livro contém a verdade. "Porque eu sei em quem eu acreditei." (II Timóteo 1:12) Não receio que aqueles que sigam o caminho indicado por mim não venham a encontrar qualquer coisa que entre em conflito com o que eu descobri. Todos que até agora seguiram o meu conselho e procuraram entrar em comunicação com o benévolo mundo espiritual tiveram experiências exatamente iguais às minhas. No entanto, é certo que este meu livro irá encontrar muitos adversários amargos.

Não tanto entre a grande massa do povo como naqueles círculos para quem a aceitação da verdade significaria pesados sacrifícios materiais, a clero das várias denominações religiosas. O credo que eles têm vindo a pregar para as suas congregações proporcionou-lhes um meio de subsistência. E se, agora, em consequência de uma mudança da sua maneira de ver a verdade, eles se virem compelidos a fazer alterações naquilo que professam, deixarão de ser o clero dos seus respetivos credos e perderão o pão de cada dia, até agora garantido. E abrir mão de uma posição de vida e sair pelas incertezas do mundo, pobre e ser assediado por inimigos, é um dos maiores sacrifícios que uma pessoa pode fazer.

Não são muitos os que virão a consegui-lo. Em breve eles ficariam sem a verdade.

Foi por esta razão que os sacerdotes Judeus travaram uma guerra tão amarga contra Cristo e as suas doutrinas. Viram o seu sustento incorrer em perigo. Eles não estudaram os ensinamentos de Cristo de modo a serem capazes de dizer se estes estavam certos ou errados, mas soltaram o seu Odio mortal sobre aquele cujas palavras ameaçavam alienar as pessoas deles e assim minar a influência que exerciam sobre as massas. Foi por isso que ele teve que morrer. A maldição de ser o mais implacável adversário da verdade - daqueles que a procuraram e daqueles que a proclamaram - persiste até aos dias atuais sobre o sacerdócio de todas as religiões. Com fogo e espada, o sacerdócio eliminou milhões sob o estandarte externo da batalha contra a heresia, tal como os sacerdotes Judeus que condenaram Cristo se esconderam atrás da acusação: "Ele blasfemou contra Deus."

Mas a verdadeira razão, então, como posteriormente, foi o medo da perda total ou parcial da influência temporal, das honras mundanas, postos e receitas. Claro que tem havido e ainda há exceções. E hoje talvez mais do que antes. Mas estes Nicodemos dos últimos dias não estão mais capacitados a impedir os líderes espirituais de hoje de sentenciar a verdade de morte, do que os Nicodemos primitivos.

Portanto, o clero de hoje não só repudiará o meu livro, mas recusar-se-á a testar a veracidade das declarações que contém no modo aqui descrito. No entanto, é um caminho que todos podem percorrer com consciência. Ou será porventura repreensível um clérigo ou leigo sentar-se sozinho ou na companhia de outros, a fim de adorar a Deus na privacidade do seu lar, voltando-se para Ele como numa oração cantada, e implorar o cumprimento da promessa de Cristo:

“Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais não haverá o vosso Pai Celestial de dar o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lucas 11:13)

Haverá alguma possibilidade de ser um pecado estudar as verdades das Sagradas Escrituras em tal serviço, discuti-las com os outros e orar por uma verdadeira perceção? Será pecado juntar as mãos em tal ocasião à maneira dos primeiros cristãos e com tranquilidade interior concentrar os pensamentos no arrependimento dos erros humanos, perdoar uns aos outros e suplicar a Deus para nos ajudar e para nos enviar o Espírito da Verdade que Cristo prometeu aos

seus seguidores? Existirá alguém que não possa fazer essas coisas com clareza de consciência? Mais do que isso eu não peço, por este caminho, e nenhum outro, ter sido o que eu percorri ao experimentar o que meu livro relata. Nenhuns privilégios especiais me foram dados; recebi apenas o que qualquer pesquisador sincero receberá. Na verdade, muitos dos que me seguem o rastro podem receber revelações maiores do que as minhas.

O facto de as coisas que aprendemos desta maneira parecem tão incríveis não é razão para se recusar a percorrer o caminho indicado, por Deus prometer expressamente mostrar-nos o inacreditável nas palavras:

"Pergunta-me, e eu te responderei, e te mostrarei coisas grandiosas e incríveis que não conheces." (Jeremias 33:3)

O autor.
Páscoa, 1932

EXPERIÊNCIAS PESSOAIS NO CAMPO DAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS
O PRIMEIRO PASSO NA COMUNICAÇÃO COM O MUNDO ESPIRITUAL

Então eu pensei sobre isso, tentando entender, mas foi muito difícil, até que entrei em comunicação com o mundo do espírito de Deus. (Salmo 73:16-17)

Foi em finais do verão de 1923. Naquela época, eu era o padre Católico de uma pequena comunidade rural. Além dos meus deveres clericais, eu estava à cabeça de uma associação de caridade, cuja sede se situava numa cidade próxima. Eu fazia duas viagens por semana para o escritório dessa associação a fim de atender às atividades caritativas.

Aconteceu certo dia que, enquanto eu estava no escritório, um homem entrou e perguntou-me: "Que opinião tem do Espiritualismo?"

Antes que eu pudesse responder, ele começou a narrar-me as próprias experiências por que tinha passado, relatando que tinha criado o hábito de assistir a uma espécie de serviço divino realizado uma vez por semana por um pequeno grupo, cujos membros oravam, liam as Escrituras e depois debatiam as passagens que tinham lido. Entre os participantes desses encontros encontrava-se um rapaz de 16 ou 17 anos, de uma família despretensiosa, possuidor apenas de um nível médio de educação, e aprendiz em uma empresa privada.

Nas sessões esse rapaz frequentemente costumava cair para a frente como se estivesse morto, para ser imediatamente puxado de volta para a posição vertical por uma série de puxões como que movidos por uma força invisível, depois do que ele se sentava de olhos fechados, e distribuía ensinamentos maravilhosos pelo seu auditório. Também respondia às perguntas que lhe eram dirigidas, recusando responder, todavia, a todas as de natureza puramente materialista. Ao concluir os seus ensinamentos ele voltava a cair para a frente e imediatamente recuperava plena consciência. Do que tinha acontecido e do que ele tinha dito ele não guardava a menor recordação.

O menino, disse o meu informante, era saudável e animado e não sentia qualquer desconforto, cefaleia ou quaisquer sintomas semelhantes em resultado dessas ocorrências.

O homem terminou a sua história com as palavras: “Agora, fico ansioso para ouvir o que você pensa de tudo isto. Mas antes de expressar qualquer opinião, por favor venha assistir a uma das nossas reuniões, para que você possa ver por si próprio o que sucede por lá. Você terá oportunidade de dirigir as suas próprias questões ao garoto.”

Eu escutava-o com a maior atenção. Que haveria de dizer? Eu nada sabia nem entendia nada sobre o chamado "Espiritualismo." É verdade que ocasionalmente lia relatos nos jornais diários sobre a exposição de médiuns e sobre fraudes espiritistas semelhantes, pouco abonatórias. Mas agora, era-me solicitado, a mim que era um homem de espírito sério e um clérigo, que penetrasse nesse terreno e corresse o risco de ser ridiculizado. Tal coisa afeiçoava-se fora de questão. Eu sentia-me, é verdade, tentado pela ideia de testar, do ponto de vista científico, os fenómenos que me tinham sido revelados, se isso fosse possível e quando eu me encontrasse sozinho e na privacidade do meu próprio gabinete. Mas visitar as casas dos outros e expor-me à alcovitice, nisso eu não estava disposto a incorrer.

Por isso, disse com toda a franqueza ao meu visitante que não tinha tido qualquer experiência com o "Espiritualismo" e que não me encontrava em condições de expressar opinião sobre as coisas que ele tinha testemunhado. Disse-lhe, além disso, que eu tinha sérias dúvidas quanto à conveniência de aceitar o convite para participar numa das reuniões que ele havia descrito, pela consideração que devia à minha batina e por não poder correr o risco de ser marcado ostensivamente como um "Espiritualista," porquanto em breve a

minha presença nesses encontros se haveria, sem dúvida, de tornar objeto do conhecimento geral.

O homem não aceitou tais razões, e respondeu: "Este é um assunto importante, sobre o qual você, enquanto clérigo e figura pública, devia estar informado. De qualquer modo, considero que tem o dever de investigar o assunto e, depois de o ter feito de forma cuidadosa e imparcial, formar uma opinião. Esta provavelmente não será a única vez que você é interrogado sobre estas questões na sua vida, pois para quem deverão voltar-se os leigos em busca do esclarecimento, senão para os seus líderes espirituais, aos quais confiam a capacidade de os informar da verdade? Esta questão não pode mais ser descartada, ignorando-a. Bem aqui na Alemanha o número de círculos espiritualistas cresce de dia para dia. Podemos vê-los em quase todas as cidades mais avantajadas Estou bem ciente de que as igrejas pretendem ocultar o Espiritualismo como uma fraude ou como obra do Diabo, mas a questão não será resolvida dessa forma.

"Se são consequências desagradáveis as que teme, não precisa preocupar-se quanto a isso. O público não vai chegar a saber da sua presença nas nossas reuniões, por os poucos participantes que nos frequentam serem pessoas de discrição que evitarão fazer qualquer coisa que possa prejudicá-lo. Pelo que você não precisa preocupar-se por concordar em vir!"

"Eu não conseguia negar a força dos seus argumentos: ele estava certo. Se nós, clérigos, que aspiramos a ensinar e a orientar as pessoas nos recusarmos a investigar pessoalmente a verdade de tais manifestações conforme descrito, quem mais o há de fazer? Quem poderia ter maior interesse vital nessas questões do que o clero de todos os credos? Porquanto, se o Espiritualismo fosse considerado verdade, isso seria de extrema importância para todos os religiosos da comunidade.

Consequentemente, após alguma hesitação, concordei em comparecer na reunião que estava para se realizar na noite do domingo seguinte. Nos dias seguintes tive a mente constantemente ocupada com a questão. Por vezes eu lamentava ter aceite o convite, por as desagradáveis consequências que a minha ação poderiam acarretar se agigantarem na minha imaginação, quanto mais sobre elas pensava. Aguardava o domingo seguinte com ansiedade. Depois da conclusão do serviço divino da tarde, fui à cidade, com a intenção de cuidar de umas questões prementes no gabinete, antes de ir à reunião. No bolso do casaco, eu levava um pedaço de papel no qual tinha anotado as perguntas que

pretendia colocar ao rapaz nessa noite; que, de cariz teológico, exigiriam respostas elaboradas. Eu próprio não as conseguia responder e queria saber qual a explicação que o menino lhes teria a dar.

Ao chegar ao gabinete, deparei-me com uma carta do homem que me convidara para a reunião. Nela, ele disse que a reunião seria realizada, não, conforme originalmente planeado, em sua casa, mas na de uma outra família cujo endereço ele fornecia. Tinha sido ordenado assim. Tal mudança inesperada surpreendeu-me e despertou suspeitas da minha parte. Estariam a brincar comigo? A família para cuja residência a reunião tinha sido transferida eu não conhecia nem mesmo pelo nome. Deveria arriscar a humilhação diante de estranhos? Talvez, afinal, tudo não passasse de uma armadilha que me montavam. E decidi-me a não comparecer.

A fim de não atrasar a reunião que estava à minha espera, enviei um mensageiro ao homem com uma nota afirmando que eu não iria participar na reunião. Não demorou muito para que comparecesse no escritório pessoalmente, e pedir-me para reconsiderar. Ele disse que a mudança no lugar da reunião não tinha sido iniciativa sua, mas tinha sido ordenada por uma fonte que devia ser obedecida, e que porventura a razão para a mudança se prendia com o facto de ser menos provável que a reunião atraísse atenção na outra casa do que na sua própria. No final, lá acabei por ir.

Eram sete e meia quando chegamos. Fui cordialmente recebido pela família e podia ver que eles estavam satisfeitos com a minha comparência. Dado que a reunião só começava às oito, tive ampla oportunidade de conversar com o menino, que também tinha chegado antecipadamente. Dirigi-lhe uma série de perguntas que me permitiria avaliar a extensão da aprendizagem que tinha, e descobri que, a esse respeito ele não diferia da juventude média da sua idade. A sessão começou às oito horas. Havia muito poucos de nós, e eu surpreendi-me ao descobrir que a reunião não se realizasse no escuro, como eu tinha suposto que era habitual nessas sessões, mas que o quarto fosse deixado amplamente iluminado.

A abertura consistiu numa breve oração oferecida com reverência por um dos presentes. De facto, todos os participantes pareciam adotar uma atitude profundamente séria e possuir serenidade interior. Tão logo a oração terminou, o menino caiu para frente num súbito frémito com uma exalação que me deixou assustado. Se não tivesse sido apoiado pelos braços da cadeira na qual se sentava, ele teria caído no chão. Após apenas alguns segundos, ele foi

empurrado por uma série de sacudidelas como que por uma mão invisível, e permaneceu sentado de olhos fechados. Eu podia sentir o coração a acelerar em antecipação do que estava prestes a acontecer.

"Bom dia" começou, e imediatamente virou-se para mim com a perguntou: "Por que razão vieste aqui?" Ele usou a forma de tratamento familiar "tu," o que me deixou surpreendido, já que em circunstâncias normais o menino nunca teria ousado tomar tal liberdade. "Vim à procura da verdade," respondi. "Ouvi falar do que sucede nestas reuniões e quero satisfazer a curiosidade pessoal que sinto por estas coisas, e apurar se são verdadeiras ou falsas."

"Acreditas em Deus?", prosseguiu, acrescentando, sem esperar qualquer resposta: "Eu sei o que tu fazes, mas eu quero fazer-te uma outra pergunta: Por que acreditas em Deus?" Esta pergunta era tão inesperada que mal sabia o que dizer. Também tive a sensação de estar confuso em consequência de ter respondido de forma tão inadequada que eu próprio me sentia inteiramente insatisfeito com a resposta que dera. "Eu esperava algo melhor da tua parte," respondeu ele calmamente, uma observação que me ofendeu como uma bofetada na cara. Eu viera com a ideia de expor uma demonstração de charlatanismo, mas nos primeiros minutos fora humilhado.

"À pergunta que respondeste de modo tão insatisfatório voltaremos mais tarde," disse ele gentilmente, "agora é a tua vez de me fazer perguntas. Eu respondê-las-ei na medida do que me for permitido. Tu trazes contigo uma lista com as perguntas anotadas que me pretendes colocar. Retira a folha de papel na qual as anotaste, do bolso!" Os outros olharam para mim com espanto, pois ninguém tinha conhecimento dessa lista. A primeira pergunta era a seguinte: "Por que é que o Cristianismo parece não mais exercer qualquer influência sobre a população atual?"

Sem um momento de reflexão ou hesitação, ele deu início à resposta. Às questões fortuitas que lhe fossem colocadas ou objeções suscitadas por algum dos seus ouvintes ele respondia com incrível simplicidade e clareza. De acordo com as anotações abreviadas que fiz, a resposta que deu foi a seguinte:

"Os ensinamentos de Cristo nos documentos que chegaram até vós não se encontram mais completos nem na pureza e clareza originais. No que é chamado de Novo Testamento, uma série de seções dignas de nota foram omitidas; na verdade, foram removidos capítulos inteiros. Aquilo de que atualmente dispõem não passa de cópias mutiladas. E, sem conhecimento dos originais, vocês são

incapazes de determinar que mutilações são essas. Aqueles que foram culpados por tais mutilações foram severamente punidos por Deus."

Um dos presentes perguntou quem havia mutilado de tal modo as Sagradas Escrituras. "Isso não lhe interessa," foi a resposta brusca que deu. "É suficiente que saibam que isso ocorreu e que Deus puniu os culpados. Que proveito teriam se ficassem a conhecer os seus nomes? Vocês usariam a informação apenas para julgá-los, e vocês sabem que não deve julgar os vossos semelhantes. É Deus quem julga. Isso é quanto basta!

"Até mesmo uma carta escrita pelo Apóstolo Paulo a todas as congregações Cristãs foi destruída. Nela vinham cuidadosamente explicadas passagens dos seus escritos anteriores que deram origem a mal-entendidos. Mas as explicações dele não estavam de acordo com muitas doutrinas erróneas que tinham subsequentemente penetrado na fé Cristã."

A esta altura, perguntei-lhe quando foi que as primeiras perspetivas que tinham gerado atrito com os verdadeiros ensinamentos tinham tido lugar na religião Cristã, ao que ele respondeu:

"Em certa medida, logo no século Primeiro dC. Conforme sabes, mesmo durante a vida dos apóstolos havia mais do que algumas diferenças de opinião entre as congregações Cristãs. Mais tarde, foram introduzidas muitas opiniões humanas erróneas e dogmas que não se achavam em conformidade com os ensinamentos. Se vocês dispusessem do texto completo e não adulterado das doutrinas de Cristo, muitas das cargas impostas pelo homem em nome da religião e do Cristianismo ser-lhes-iam tiradas dos ombros. Muita doutrina em que esperam que vocês acreditem, ainda que pareça inteiramente desarrazoada, seria descartada por ser reconhecida como errada, e vocês, enquanto Filhos de Deus, poderiam respirar novamente em liberdade. Conforme está, milhões de pessoas sentem que muito do que hoje se ensina como parte da fé Cristã não pode ser verdade. Por força do hábito, elas podem conformar-se externamente, mas falta-lhes a verdadeira convicção.

"Hoje em dia, há muitos que não professam sequer uma adesão externa ao cristianismo. Em vez de rejeitarem apenas as partes que não são verdadeiras, descartam por completo a sua crença no Cristianismo e em Deus, por pensarem que essas coisas sejam todas da mesma peça. E isso é terrível.

"Mas chegará tempo em que os ensinamentos de Cristo serão restaurados para a humanidade, em toda a sua pureza e verdade. De que maneira isso vai acontecer, tu não precisas saber presentemente.

"Além disso, os originais dos documentos do Novo Testamento, mesmo nos aspetos que foram preservados, foram alterados em mais do que algumas passagens. Os copistas *(NT: e tradutores)* substituíram palavras e frases inteiras, deixando de fora uma palavra aqui ou inserindo outra acolá, alterando assim o sentido do texto para o ajustar aos objetivos que pretendiam.

Na maioria dos casos eles tentavam criar passagens na Bíblia que apoiassem os pontos de vista religiosos da sua época, e para isso falsificaram o seu texto. Nem sempre tinham consciência da magnitude da ofensa que cometiam, acreditando, ao invés, que estavam a servir a causa da religião. Desse modo foi o povo enganado, e muitos deles sentem no seu íntimo não estar no caminho certo, mesmo não tendo a oportunidade de ser esclarecidos. A consequência necessária é que uma religião tão desprovida das suas raízes já não pode exercer qualquer influência fecunda. Toda dúvida quanto à verdade reduz o seu efeito."

"Posso pedir-lhe," interpus com um sentimento de apreensão, "que assinale um ponto no Novo Testamento em que a palavra tenha sido alterada ou omitida, falsificando assim o sentido do texto?"

"Conquanto este não seja o momento adequado," respondeu ele, "para entrar nessa questão das falsificações -- farei isso mais tarde quando vier a explicar a Bíblia como um todo – vou-te conceder uma resposta ao pedido e assinalar-te dois sítios: um em que uma palavra foi substituída por outra, e outro em que uma palavra foi omitida por completo.

"Tu estás familiarizado com a exclamação feita pelo Apóstolo Tomé, conforme apresentada pela vossa Bíblia moderna: "Meu Senhor e meu Deus!" (João 20:28) De facto, porém, Tomé usou a forma de tratamento sempre empregada pelos apóstolos para com Cristo: "Meu Senhor e Mestre!" A palavra "Mestre" foi posteriormente alterado para "Deus." A razão por que isso foi feito, explicarei numa ocasião posterior.

"Uma frase na qual uma palavra foi omitida, em consequência do que, todo o seu significado foi alterado, deve ser de enorme interesse para ti pessoalmente, já que és um padre Católico e eu creio que, enquanto tal,

detenhas o poder de perdoar os pecados. Que passagem do Novo Testamento citarias que apoie a reivindicação de que esse poder tenha sido conferido aos sacerdotes?"

Eu recitei a seguinte passagem: "A quem perdoarem os pecados, eles ser-lhes-ão perdoados." (João 20:23) Ele corrigiu-me, citando textualmente a passagem: "Se perdoarem os pecados dos outros, os vossos pecados ser-vos-ão perdoados," e prosseguiu:

"A palavra do Grego que vocês traduzem como 'eles' também tem o significado de 'vós.' Agora, no texto original a palavra "vós" vem antes da palavra 'vossos.' O que hoje é apresentado como "eles" era na verdade "vós próprios." Então no original da passagem lê-se: "Se vocês perdoarem os pecados dos outros, eles ser-lhes-ão perdoados a vós próprios. Já podes ver como o sentido desta passagem foi distorcido pela omissão da palavra "vossos." Cristo aqui não disse nada além do que tinha dito repetidamente noutro lugar, designadamente:

"Vocês precisam, nos vossos corações, de perdoar aos vossos semelhantes as falhas e os pecados que eles cometeram contra vós, para que possam obter o perdão de Deus para os vossos próprios pecados." "Perdoa-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofendem!' O perdão é a tarefa mais difícil da vossa vida, e é por essa razão que Deus lhes estende a Sua ajuda especial para tal propósito. Cristo, como tu sabes, diz no mesmo lugar: "Recebei um espírito santo! Se vocês perdoarem os pecados dos outros, os vossos pecados serão perdoados. Se, no entanto, vocês os conservarem – quer dizer, no vosso íntimo - então os vossos pecados serão retidos por Deus. Compreendes?"

Enormemente confundido e pensativo, respondi com um "Sim" silencioso, acrescentando imediatamente: "Então você acha que não tenha qualquer nenhum valor para mim, enquanto padre, receber as confissões dos outros, visto que eu não posso conceder-lhes a absolvição? Está a dizer que eu deveria interromper a prática por completo?"

"Isso não é necessário," respondeu ele. "Como os Cristãos da tua Igreja acreditam que precisam confessar-se a um padre para que os seus pecados lhes possam ser perdoados, podes continuar a confessar, em boa fé, como a tua função assim o exige. Não é danoso nem proibido por Deus revelar os vossos pecados ao semelhante. Mas não penses que podes perdoar os pecados dos

teus confessandos no lugar de Deus. O teu dever cinge-te a remover pensamentos pecaminosos dos seus corações por meio de conselhos, advertência e palavras de conforto e de encorajamento, para que possam voltar a casa como homens e mulheres melhores, e dar evidência da sua mudança de índole pela sua conduta.

A confissão e a absolvição rotineiras não são apenas inúteis, mas profanam a ideia de uma reconciliação com Deus. "Essas perguntas que tu suscitaste desviaram-me da questão que eu suscitara, à qual agora voltarei.

"Embora partes dos ensinamentos de Cristo, conforme se acham contidas nas cópias dos manuscritos antigos que chegaram até vós, tenham sido propositadamente omitidas ou falsificadas para distorcer o seu significado, parte suficiente do verdadeiro material ainda permanece para permitir que as pessoas, que a utilizem como guia, se aproximem do seu Deus. Infelizmente, eles não conseguem distinguir o verdadeiro do falso.

"O fundamento dos ensinamentos de Cristo é, nas suas próprias palavras: 'Amem a Deus acima de todas as coisas e amem o próximo como a vós próprios. "Quem quer que obedeça a este mandamento, cumprirá toda a lei Cristã. Todas as outras verdades são apenas complementos desta verdade fundamental, além de orientações úteis para a observância da lei na vida de cada indivíduo.

"E agora chego à última, mas não menos importante razão pela qual o Cristianismo parece ter tão pouca influência sobre o povo de hoje. Não encontram nos vossos líderes espirituais grande observância, prática, dos ensinamentos do Cristianismo ou do que os próprios líderes apregoam. Isso é verdade para o clero de todos os credos Cristãos. Há exceções, mas essas são relativamente raras. Onde poderás encontrar clérigos quem conseguissem ficar ao lado de Cristo sem corar? Quantos haverá que partilhem do sofrimento, da pobreza e da carência dos seus irmãos e irmãs -- porquanto não será o que os membros das suas congregações são? Será que eles os servem como Cristo manda, ou na verdade o não façam , mas os dominam e exploram? Farão eles alguma coisa a troco de nada? *Não haverá sacerdotes que até aceitam pagamentos pelas orações que oferecem?*

"Quanto às vidas que eles levam, disso eu não direi nada por ora. É uma questão que eu gostaria de falar contigo um dia destes, em particular." Com estas palavras ele virou-se para mim e prosseguiu: "Tu planeias visitar a tua família amanhã. Não há necessidade de pressa. Vai num outro dia e volta aqui

amanhã às sete e meia. Então nós os dois poderemos conversar em privado. Para tal fim, diz a este garoto por intermédio de quem eu estou a falar, assim que ele recobrar a consciência, para estar aqui a essa hora."

Em conclusão, ele ofereceu uma oração numa língua que me era estranha e, erguendo as mãos numa atitude de bênção, proferiu as seguintes palavras: "Bendito sejas em nome de Deus! Adeus!"

Depois desta saudação, o rapaz caiu de novo para a frente, como início da reunião, abriu os olhos e olhou com assombro. Ele não conseguia entender por que era tão tarde. Do que tinha acontecido, ele nada sabia. Ele disse que sentia como se tivesse tido um sono sossegado muito longo e que se sentia recobrado e perfeitamente bem. Quando lhe pedi para regressar na noite seguinte às 7:30, ele declarou que isso era impossível. Eles tinham algum trabalho urgente para terminar na sua loja, disse, e muito provavelmente não iria para casa antes das nove horas da noite. Disso o patrão já o tinha notificado.

No entanto, decidi adiar a minha viagem e voltar na noite seguinte à hora que tinha sido indicada. Ao voltar ao meu alojamento após a reunião, senti como se tivesse despertado de um pesado sonho. A lua derramava a sua luz prateada pelos telhados e as estrelas brilhavam pacificamente no claro céu noturno, mas em mim as chamas dos meus pensamentos ardiam ferozmente, e eu sabia que essas chamas estavam já a tomar as vigas em que toda a estrutura da minha fé até agora assentava.

Quem diria a verdade: o credo de que eu era sacerdote, ou a voz que tinha falado através daquele menino? Ou teria ele inventado tudo da sua própria cabeça e encenado uma farsa às nossas custas? Isso viera da sua própria cabeça? Daquele garoto? Não, isso era impossível. Eu aceitaria qualquer outra explicação, por mais improvável que fosse. Eu tinha, naturalmente, lido por aqui e por ali qualquer coisa sobre "clarividência," "o subconsciente" e "Telepatia," mas nada disso parecia aplicar-se ao caso em questão. Decidi, pois, continuar a minha investigação. Achei o assunto demasiado importante para ignorar. Para mim, não havia volta; Eu tinha que conseguir um completo esclarecimento. Talvez a próxima reunião me trouxesse mais um passo em frente.

A DECISÃO

"Escolhi o caminho da verdade; Os Teus julgamentos coloquei eu diante de mim. (Salmo 119:30)

Depois de uma noite de pouco descanso eu tentei no dia seguinte aliviar o meu pensamento torturado por meio de uma aplicação extenuante ao trabalho no serviço da associação de caridade. Pouco antes das sete e meia daquela noite eu estava de volta ao aposento em que a reunião da noite anterior se tinha realizado. Para minha grande surpresa, o menino chegara lá antes de mim. Ele disse-me que às quatro horas daquela tarde, o patrão dele viera até ele com o anúncio de que tinha mudado de ideia, e que o trabalho que tinha pretendido terminar em horário extra naquela noite seria adiado até à manhã seguinte. Encontrava-me sozinho com o rapaz. À medida que o relógio tocava as sete e meia ele caiu para a frente como tinha feito no dia anterior, naquele estado inexplicável para mim, e de novo me cumprimentou com a saudação:

"Bom dia!" Pegou-me na mão e disse: "Eu estou contente por teres ficado, por ter tanta coisa a dizer-te. Contudo, em primeiro lugar, devo terminar o último aspeto que mencionei ontem. Lembras-te que eu disse que falaríamos disso quando estivéssemos a sós."

Ele então traçou um retracto das vidas conduzidas por uma grande parte do clero. Eu escutei, abalado e penosamente comovido. Contudo, ele disse-me na mais gentil das maneiras: "Agora fala abertamente comigo e com total confiança, pois sei que desde ontem tens estado em tumulto e que te sentes perdido."

Numa voz tremendo de emoção interior, respondi:

"Tem razão, tenho as ideias num turbilhão. Eu não sei o que pensar de tudo isto. Por favor instrua-me sobre tudo, mas acima de tudo diga-me quem é, e como é capaz de falar comigo através deste rapaz."

"Tens razão para me perguntar primeiro quem eu sou, pois é vosso dever testar os espíritos que falam convosco até para se assegurarem que eles foram

enviados por Deus, caso contrário vocês podem tornar-se vítimas de espíritos malignos que irão arruiná-los, de corpo e alma, e que não lhes dirão a verdade, mas guiá-los-ão com mentiras para o caminho que conduz à borda do precipício. Juro-te diante de Deus que eu sou um dos Seus bons espíritos; de facto, um dos Seus mais elevados espíritos, mas reserva o meu nome para ti próprio."

Então revelou-me o seu nome. "Eu sou aquele que te trouxe aqui. Por ordem de Deus, desejo instruir-te para que tu, por tua vez, possas instruir os teus semelhantes."

Durante todo aquele tempo eu mal sabia como me sentia ou o que estava a acontece-me.

"Começarei agora -- prosseguiu ele -- a instruir-te naquelas coisas que estão aqui a ocorrer. Podes pensar que aquilo que vês seja algo novo e inédito. É tão antigo quanto a humanidade. O mundo espiritual comunica com a humanidade desde os dias dos primeiros seres humanos até ao presente. Isso é verdade tanto em relação ao bom mundo espiritual quanto ao mau. Tu tens, é claro, lido com frequência nos textos antigos que vocês chamam de Antigo Testamento que Deus falou ao povo. Deus falou a Adão, Caim, Abraão, Isaque e Jacó, a Moisés e a muitos outros. Como achas que Ele fez isso? Tu sabes que Deus é espírito e que os espíritos não têm boca de carne nem voz nem cordas vocais que permitam que eles falem à maneira dos homens. Como poderá, pois, Deus ter falado a essa gente?"

"Eu não sei," foi toda a resposta que fui capaz de dar.

"E como explicarás tu a aparição dos três homens diante de Abraão? Ele sabia que não eram seres humanos, mas mensageiros enviados por Deus. Ainda assim, ele colocou comida diante deles e negociou com eles a destruição de Sodoma e Gomorra. Como explicas isso?" Eu nada tinha a dizer em resposta. Tudo isso eu tinha lido centenas de vezes e até mesmo ensinado às crianças na catequese, mas com respeito à maneira como a comunicação dos espíritos com o homem era efetuada, conforme relatado na Bíblia, eu não tinha ouvido falar nem refletido nisso.

Embora ele continuasse a examinar-me sobre essas questões, não havia uma única pergunta que eu conseguisse responder corretamente.

“Como sabes, vocês humanos têm vários meios de comunicação com aqueles que se encontram à distância. Vocês escrevem cartas, telefonam ou telegrafam, e ultimamente vocês chegam mesmo a fazer uso das ondas do éter, com o rádio. Da mesma forma, o mundo dos espíritos, que se encontra separado de vós pela matéria, tem várias maneiras de se comunicar convosco por meios percetíveis aos vossos sentidos.

“Mas vocês na atualidade não pensam nestas coisas. Tudo o que vocês fazem é ler sobre elas e deixar que a questão fique por aí. Vê a grande história de Moisés! Aí encontrarás que o "anjo do Senhor" lhe falava da sarça-ardente; que Deus diariamente enviava ordens a Moisés que ele obedecia; Que o "anjo do Senhor" surgia diante das pessoas numa coluna de nuvem da qual falava; Que Moisés pedia orientação a Deus com tanta regularidade quanta a que ele ansiava, e que Deus sempre respondia. O povo também poderia buscar o conselho de Deus. Eles iam para a tenda das reuniões fora do acampamento (Tabernáculo), em que a presença de Josué, o servo de Moisés, sempre se fazia necessária e da qual ele não estava autorizado a abandonar. Agora pára e pensa: por que foi que o jovem Josué recebeu a ordem de permanecer constantemente na tenda? Haveria alguma ligação entre este e os apelos dirigidos a Deus em busca de conselho?”

Qual relâmpago a resposta acudiu-me à mente e eu respondi rapidamente:
“Eu suponho que Josué tenha sido aqui como este rapaz. Assim como você está a fazer uso do seu corpo para falar comigo, também naqueles dias o mundo espiritual falava através de Josué.”

“Tens razão," disse ele. “Mas lembra-te que quando a Bíblia diz: “Deus falou,” muito raramente era o próprio Deus que falava, porque, por vis de regra, Deus fala somente através dos Seus mensageiros espirituais. E fica sabendo, além disso, que o mundo espiritual nem sempre fala através de um ser humano quando quer falar com a humanidade. Há muitas maneiras pelas quais os espíritos se podem dar-se-vos a entender. Assim verás que Deus falava através da 'coluna de nuvem.' Em muitos, muitos casos, a comunicação com os espíritos foi tornada possível pelos dons da "clarividência" e da "clariaudiência" que eram concedidos a certos indivíduos.

O facto de Deus ter falado a Adão e Eva e a outros mais tarde, foi efetivado por meio da clariaudiência. Havia ainda um outro canal que os Israelitas costumavam usar para consultar Deus, ou seja, o peitoral ou escudo usado na túnica do Sumo-sacerdote e, portanto, também chamado de "peitoral do juízo."

Numa ocasião posterior eu descreverei em detalhe os procedimentos seguidos quando Deus era consultado por meio desse canal.

"Não é somente no Antigo Testamento que encontrarás referências à comunicação com o mundo espiritual, mas no Novo Testamento, na mesma medida. Cada um dos evangelhos, em especial os Atos dos Apóstolos, encerra muitos relatos de revelações feitas por espíritos. O próprio Cristo prometeu solenemente a todos que acreditassem que ele lhes enviaria os espíritos de Deus. Os fenómenos testemunhados durante o serviço Divino dos primeiros Cristãos, para os quais vocês hoje não conseguem encontrar nenhuma explicação, não passava da vinda e ida dos espíritos.

Eles falavam através de um dos crentes numa língua estrangeira e por intermédio de um segundo na língua materna da congregação; Eles davam a um terceiro o poder de curar os doentes e outros dons, de acordo com a aptidão dos presentes a quem tais dons eram concedidos como instrumentos do mundo espiritual. Naqueles tempos, essas coisas tinham uma ocorrência diária e eram encaradas como matéria de facto.

"Não penses que a comunicação com os espíritos tenha terminado depois dos primeiros dias da era Cristã, conforme muitas das "igrejas" pedem que vocês acreditem. Pelo contrário, continuará sempre, conforme deveria, por ser a única maneira por que vocês podem conhecer a verdade.

"É verdade que cabe às pessoas obter ou não comunicação com os espíritos de Deus. Mesmo nos dias do Antigo Testamento, houve alturas em que esta comunicação desapareceu quase por completo. Esses foram os períodos da alienação de Deus.

"Também hoje, apesar dos inúmeros templos que eles erigem, as pessoas em grande medida se afastaram de Deus e submeteram ao poder do mal. Quando o povo da atualidade interiormente se aproximar tanto de Deus como no caso de muitos períodos no Antigo Testamento e dos primeiros tempos da era Cristã, todas aquelas coisas que lhes parecem tão miraculosas nos relatórios daqueles tempos terão lugar de novo. Pois Deus é o mesmo gora que era então. Ele ama as Suas criaturas com o mesmo carinho agora como as amava então, diante de Quem somos todos iguais.

"Estes ensinamentos de caráter geral devem ser suficientes por hoje. Os detalhes da comunicação que se estabelecia entre os espíritos e a humanidade,

ser-te-ão dados no devido tempo, se estiveres disposto a receber as instruções e a empreender a tarefa que te foi reservada. Não és obrigado a fazer isso. És livre de escolher. Podes aceitar o que te está a ser oferecido para testemunhares a verdade, assim como podes declinar e continuar no caminho que tens percorrido até agora. Se estiveres disposto a aceitar, com toda a probabilidade serás chamado a fazer grandes sacrifícios mundanos. Irás sofrer perseguição por causa da verdade e da justiça. Mas irás encontrar paz. Se rejeitares este dom de Deus que eu te ofereço, a responsabilidade é tua. Cabe-te a ti decidir.

"Não és convidado a aceitar qualquer coisa às cegas. É de esperar que testes se é verdade ou simplesmente engano da parte do maligno. Não te deves contentar em te convenceres por ouvires estas coisas da minha parte somente; deves, por observação própria, reunir experiências neste campo, independentemente do que aprenderes aqui. Assim, e para conclusão, peço-te que procures na tua paróquia rural gente que nada tenha que ver com estas questões. Mantém reuniões semanais com elas a uma hora conveniente, oferecendo oração e explicação das Escrituras, como fizeram os primeiros Cristãos. Em seguida, presta muita atenção ao que ocorrer. Dessa forma, ver-te-ás em condições de comparar aquilo que experimentas aí com o que aqui vês e ouves.

"Além disso, organiza as coisas para que possas comparecer aqui neste círculo todos os

Domingos à noite às oito horas, para que eu possa prosseguir com os meus ensinamentos."

"Estou pronto," disse eu, "para vir aqui todos os Domingos sempre que possível, mas não consigo decidir-me a pedir aos camponeses de entre os meus paroquianos rurais para assistirem a reuniões deste tipo. Na pequena aldeia em que vivo isso atrairia tanta atenção, que as consequências que isso geraria não se poderiam prever. Além disso, não consigo pensar em ninguém que eu considere adequado para o propósito."

"Se se te decidires a agir, o resto será tratado," respondeu ele à minha objeção. "Não estás a ser coagido a tal coisa. A decisão cabe-te inteiramente a ti. Mas eu aconselho-te a aceitar. E agora preciso concluir. Erguendo as mãos num gesto de bênção como tinha feito no dia anterior, ele pronunciou as palavras: "Que Deus te proteja. Ele pode dar-te forças para realizar a Sua vontade. Ámen. Bom dia!"

Uma vez mais, o rapaz se inclinou para frente e, passados alguns instantes, recobrou os sentidos, completamente inconsciente do que tinha ocorrido. Eu via-me forçado a rejeitar todas as explicações que me fossem dadas sobre qualquer motivo natural do que me tivesse acontecido, como inadequadas. Elas não contam nem mesmo uma pequena fração do que eu tinha testemunhado.

O que mais me cativou e, se mo é permitido dizer, o mais irresistível foi a clareza e a lógica convincente do que eu tinha escutado aqui pela primeira vez na minha vida. Somente a verdade poderia exercer tanta influência, uma influência de que eu não tinha o poder de me afastar, mesmo que eu tivesse tido tendência para isso. Muito da Bíblia, que até então tinha permanecido obscuro para mim, eu agora compreendia com clareza. O que era mais, eu estava apenas no começo. Tinha-me sido proporcionada instrução completa em tudo relacionado com o assunto, e tinha apenas que aceitar a oferta.

Além disso, eu não devia deixar-me convencer com o que eu tinha escutado ou aqui iria escutar, mas fui instado a recorrer a outra fonte independente, de modo a que não restasse o menor erro. Eu tinha sido aconselhado a sentar-me com camponeses inexperientes e simples, que não tinham a mais remota ideia de "Espiritualismo," para adorar à maneira dos primeiros Cristãos, longe de toda influência externa, na minha própria paróquia. Deveria assumir o risco? O que diriam as pessoas? Senti o receio da opinião dos meus companheiros a agigantar-se no meu íntimo. Os meus próprios paroquianos não me considerariam mentalmente insano se eu realizasse qualquer coisa desse tipo?

E se os meus superiores eclesiásticos soubessem disso, eu não perderia a posição que tinha?

Travou-se uma luta desesperada dentro de mim. Por que alternativa deveria optar? Pois eu sabia que precisava decidir, agora ou nunca. Em nenhum momento da minha vida eu orara mais fervorosamente a Deus do que então. No final, resolvi seguir as instruções que eu tinha recebido, mesmo que isso implicasse os maiores sacrifícios, incluindo a perda da minha posição e dos meus meios de sustento. Essa foi, pois, a minha decisão. Logo que eu a tomei senti-me inteiramente calmo interiormente, e capaz de confrontar o futuro com a máxima confiança.

A CORROBORAÇÃO DA VERDADE

"Vós entretanto, encontrais-vos entre aqueles que receberam a unção espiritual da verdade da parte do Sagrado e fostes pois, iniciados em toda a verdade." (I João 2:20)

Decidi, independentemente das consequências, selecionar alguns indivíduos da minha própria paróquia e organizar encontros com eles, como aqueles que eu tinha frequentado na cidade vizinha. Ainda não tinha ideia de quem escolher, por me ter sido dito que tudo seria tratado tão logo eu estivesse preparado para agir. E assim aconteceu. Eu não precisava escolher as pessoas; elas foram-me trazidos por um estranho encadeamento de circunstâncias, sem qualquer esforço da minha parte. Havia na minha paróquia uma mulher inválida que estava parcialmente paralisada, e a quem eu costumava ligar várias vezes por semana. Uma irmã dela era casada com um homem da minha paróquia, e tivera quatro filhos, que iam dos 20 aos 28 anos de idade: três filhos e uma filha.

Certa noite, enquanto eu conversava com a inválida, um dos filhos da irmã entrou e perguntou se a sua mãe estava em casa. Foi-lhe dito que ela tinha estado lá, mas tinha deixado alguns recados por atender e que logo estaria de volta, ao que o menino se sentou a fim de esperar por ela. Pouco tempo depois, a mãe chegou, e passados uns instantes os seus outros dois filhos, que tinham vindo buscar o irmão. Eles tinham combinado com alguns dos seus companheiros encontrar-se naquela noite na casa de uma determinada família. Depois de um outro curto intervalo a filha apareceu; era enfermeira, e tinha-me vindo perguntar se um dos doentes da paróquia teria de ser vigiado durante a noite. Isso fez com que sete de nós estivéssemos presentes.

De repente, um dos filhos começou a falar do sermão que eu tinha feito no Domingo anterior, em que eu havia citado uma passagem do Bíblia que eles desconheciam por completo. Expliquei essa passagem das Sagradas Escritura aos meus ouvintes, que me escutaram com a maior atenção. Quando terminei, um dos filhos comentou que desejaria poder ter a oportunidade de ver várias partes das Escrituras explicadas com uma frequência mais assídua.

Eu disse-lhe que ficaria encantado por me encontrar com todos eles em casa da sua tia inválida, e de responder a quaisquer perguntas que me pudessem

colocar, da mesma forma que os primeiros Cristãos se haviam reunido em casa uns dos outros para discutir assuntos de religião. Todos os presentes acolheram bem a minha sugestão, e imediatamente fixamos as noites em que combinamos encontrar-nos.

As primeiras reuniões noturnas tiveram lugar sem qualquer incidente. Nós sempre as abríamos com uma oração, depois da qual, de mãos dadas, ficávamos sentados por alguns minutos em silêncio, e concentrávamos os nossos pensamentos. Seguia-se uma leitura das Sagradas Escrituras, a interpretação e a discussão do conteúdo, e quaisquer perguntas feitas pelos presentes eram respondidas. Também deliberáramos sobre a melhor maneira de ajudar os necessitados da nossa vizinhança e dos arredores.

Fiquei muito impressionado com a seriedade com que, em especial os três irmãos acolheram a questão, e não apenas eu, mas também a sua mãe, que observou algo peculiar: os rostos de todos os três assumiam um aspeto muito mais subtil e nobre. Até mesmo estranhos comentaram tal facto. Além disso, um deles confidenciou-me que algo de inexplicável estava a suceder-lhe. Quando ele se encontrava a trabalhar no campo, uma voz interior exortou-o a louvar a Deus e a dar-Lhe graças. Ideias dessas jamais lhe tinham ocorrido antes. E agora, sempre que, irritadiço como ele era, ele dava lugar a um ataque de raiva, ponderava tão fortemente sobre a sua alma que se sentia compelido a parar o trabalho até que ele tivesse pedido a Deus que lhe perdoasse a ofensa. Só então ele poderia retomar feliz o seu trabalho. Anteriormente ele teria ofendido dessa maneira dezenas de vezes ao dia sem qualquer remorso.

Era a mesma coisa que eu também tinha experimentado desde o dia que assistira à reunião inicial na cidade vizinha. Ofensas e comportamento negligente, ao qual eu nunca tinha dado qualquer atenção, agora ardiam como fogo na minha alma.

Sucedeu que, na nossa quarta reunião, eu estava a interpretar uma determinada passagem da Bíblia, interpretação essa que era a mesma hoje dada por todas as autoridades Cristãs em Escrituras, por na época eu não conhecer mais nenhuma. Eu ainda não tinha concluído o que eu tinha começado a dizer, quando um dos garotos ficou inexplicavelmente empolgado, e me olhou com um estranho brilho nos olhos. Eu podia ver que ele se debatia fortemente com alguma comoção interior. De repente, virou-se para mim, com corpo inteiro a tremer, e disse: “Eu não consigo evitar. Preciso dizer-lhe que a interpretação que faz é incorreta. Vejo-me obrigado a dar-lhe a interpretação correta.”

Com isso, ele pronunciou as frases que lhe tinham inspirado a interpretação dessa passagem da Bíblia. O que ele disse foi tão claro e convincente que nem eu nem nenhum dos outros podíamos ter dúvidas quanto à correção que apresentava.

Ainda não nos recuperáramos do espanto, quando o mesmo rapaz exclamou: "Preciso escrever."

"Porquê, o que é que queres escrever?" Perguntei-lhe.

"Isso, eu não sei, mas estou a sentir-me compelido por um poder irresistível. Dê-me um lápis e uma folha de papel. Nós demos-lhe ambas essas coisas, e imediatamente ele começou a escrever com rapidez, continuando até ter coberto a folha de papel. Cada letra junta à seguinte, de modo que não havia espaço entre as palavras ou frases. No final aparecia a palavra "Celsior." O documento continha um ensinamento de grande valor para nós. O rapaz perguntou-me o significado da palavra "Celsior," e eu disse-lhe que era termo do Latim, que significava "O Superior," ou "Um Superior."

Perguntei-lhe de seguida quais as sensações que teve durante a experiência. Ele respondeu que não conseguia encontrar as palavras certas que a descrevessem; que ele estava sob a influência de um poder tão grande que não podia resistir, apesar de ter feito todo o possível para lutar contra o impulso para me dizer que a minha interpretação da Bíblia estava errada, por ele estar naturalmente convencido de que a minha explicação estava correta. Mas no final ele tinha-se sentido compelido, primeiro a falar e depois a escrever. Ele sentira como se os seus pensamentos se tivessem abarrotado e sido substituídos por outros.

Ele tinha tido consciência de estar a escrever e tinha conhecimento do conteúdo de cada frase, mas somente ao proferir ou escrever essa frase particular. Assim que uma frase era completada, ele perdia toda a lembrança dela, e a sua mente ocupava-se da seguinte, e via-se obrigado a pronunciar ou a escrever as palavras exatas por que o recebera. Ele tinha sido incapaz de prestar qualquer atenção às letras, ortografia ou pontuação durante a escrita. Depois de concluída a sua interpretação da passagem bíblica mencionada e a sua redação, ele tinha esquecido completamente o que tinha dito e escrito, pelo que se via completamente incapaz de repetir quaisquer dessas palavras.

Ainda estávamos a discutir o sucedido, quando um dos seus irmãos anunciou que não poderia mais participar nas nossas reuniões por descobrir que

ele não podia manter a cabeça parada e que estava continuamente a girar de um lado para o outro contra a sua vontade. Ele tinha feito o melhor que podia para controlar essa tendência, porém, sem sucesso.

Eu também tinha notado esse movimento da cabeça, assim como a sua mãe, que me olhou interrogativamente e alarmada. Eu tranquilizei-a, e ao jovem, dizendo-lhes que nada tinham a recear, porquanto o que estávamos a fazer nada tinha de possivelmente errado. Era verdade, acrescentei, que não entendíamos tudo o que se estava a passar ali, mas que, sem dúvida, isso logo nos seria esclarecido. Fenómenos semelhantes ocorreram nas reuniões dos primeiros Cristãos, uma declaração que confirmei ao ler em voz alta o capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios, que eu expliquei pelo melhor que fui capaz nessa altura.

O que aconteceu naquela noite era tão novidade para mim quanto para os restantes. Nas reuniões na cidade eu tinha testemunhado a manifestação de um espírito por intermédio de uma pessoa inteiramente inconsciente. O facto de os espíritos poderem tomar os seres humanos como instrumentos e de assumir plena posse das suas faculdades, e em especial, de poderem fazer com que eles falassem e escrevessem, não tinha tido cabimento na minha experiência anterior. Eu estava completamente confuso para entender o que estava a acontecer ao rapaz cuja cabeça não parava de se mover para a frente e para trás.

Fiquei, pois, muito contente por gozar da oportunidade de pedir esclarecimentos sobre estas questões por ocasião da minha sessão seguinte de Domingo, na cidade. Lá me foi dito: "Não te preocupes se cada aspeto não se revelar inteiramente claro de início. O assunto ainda é completamente novo para ti, e há muitos aspetos para os quais tu ainda não dispões dos conceitos corretos. Mas pouco a pouco tu virás a entendê-los todos. Ocorre o mesmo com as vossas invenções e descobertas humanas: a princípio, um facto recentemente descoberto é considerado impossível e aquele que o descobre é considerado mentalmente anormal. Anos mais tarde, a mesma descoberta é universalmente reconhecida e considerada óbvia.

Quantas pessoas há cem anos atrás poderiam ter concebido os vossos aviões modernos, o vosso telégrafo, o vosso telefone, para não falar no vosso rádio? Alguém que houvesse então predito que tempo viria em que as pessoas poderiam voar pelo ar, falar com lugares distantes e ouvir, nas suas próprias casas, um concerto que estivesse a ser dado a centenas de quilómetros de distância, e essa pessoa não teria sido levada a sério. E eram precisamente os cientistas que mais tinham zombado de qualquer dessas possibilidades.

"Tu foste informado, e estás a ver por ti próprio, que o mundo espiritual pode comunicar com a humanidade, assim que as condições necessárias tiverem sido obtidas. A maioria das pessoas não acredita nisso e considera-o impossível, tal como antigamente as pessoas não acreditavam na possibilidade de muito do que é realidade hoje.

"Assim também, os vossos académicos agora se recusam a aceitar que o mundo espiritual é capaz de entrar nas suas vidas de uma forma percetível aos seus sentidos. E ainda assim, mesmo nos vossos dias, há milhares de ocorrências que esses mesmos académicos podem verificar como factos indiscutíveis, e, o que é mais, *como factos que podem ser atribuídos apenas à intervenção do mundo espiritual*. Mas os vossos académicos procuram outras causas para tais ocorrências, e pedem-lhes para aceitarem as explicações mais insensatas e incríveis em explicação desses factos de uma maneira "humana," para que eles não precisem reconhecer a existência de um mundo espiritual e de um Além.

Alguns deles adotam essa posição por negarem a existência de uma vida após a morte; outros, por carecerem da coragem, enquanto cientistas que são, para falar a favor da intervenção dos espíritos, embora interiormente estejam convencidos de que existam. Eles temem que as suas reputações profissionais possam sofrer em consequência.

"Mas está chegar o tempo em que também as vossas ciências, serão forçadas a admitir que o mundo espiritual, tanto o bom quanto o mau, intervém de forma visível e percetível nas vossas vidas e na vossa sorte, e que o faz por uma grande variedade de maneiras.

"Não deves ficar, pois, surpreendido, se hoje és considerado como não muito normal quando afirmares ter falado com um espírito. Fico, todavia, espantado com o facto de as vossas diversas denominações religiosas se recusarem a admitir a possibilidade da intervenção do mundo do espírito e da comunicação que tem com a humanidade de hoje, ou da razão, caso o admitam, deles afirmarem que possa ser apenas o mundo do espírito maligno que se manifesta hoje.

"Tal posição é inteiramente insustentável, porquanto se for impossível que os espíritos venham até vós hoje, terá sido igualmente impossível no passado, e todos os relatos da comunicação com os espíritos que a Bíblia encerra deverão ser relegados para o domínio do mito. Se, por outro lado, apenas os espíritos malignos lhes podem tornar a sua presença conhecida hoje, então o mesmo terá

sido verdade anteriormente. Isto significa que todas as religiões baseadas no Antigo ou no Novo Testamento haveriam de colapsar como um castelo de cartas, por ser certo que alegam ter recebido as suas verdades religiosas e as suas leis por intermédio dos espíritos.

Assim, pois, se eram os bons espíritos que visitavam a humanidade no passado, então não há razão para duvidar que eles sejam capazes de o fazer igualmente hoje, pois ter sido o mesmo Deus que enviava os espíritos então, que os envia hoje. Assim como Ele tentava, então, guiar a humanidade no caminho correto, assim Ele o faz hoje. Ou achas que vocês não têm mais necessidade de ensino e da orientação dos espíritos de Deus? Por acaso pensarás que sejam melhores e mais sábios que o povo da antiguidade, e que vocês possuem toda a verdade?

"Aquilo que experimentaste na tua paróquia é uma confirmação do que estás a aprender comigo. Tu hás de testemunhar muito mais. Não receies pelo garoto que não consegue manter a cabeça parada; Estamos a trabalhá-lo e tu verás com os teus próprios olhos como os diferentes 'médiuns' são desenvolvidos.

"O termo 'médium' significa 'instrumento.' Os médiuns são seres humanos utilizados pelo mundo espiritual como instrumentos, para lhe possibilitar comunicar com a humanidade. Os animais também podem ser empregues com tal propósito, mas por enquanto não vamos falar sobre isso.

"Se os seres humanos devem servir ao mundo espiritual como instrumentos, por seu turno isso requer um desenvolvimento que é realizado pelo mundo espiritual e que leva mais ou menos tempo, dependendo do indivíduo, mas em particular da finalidade para a qual o médium deve ser empregue.

"Quando chegar a hora, vou instruir-te minuciosamente com respeito aos diferentes tipos de médiuns e aos pormenores do seu desenvolvimento. Hoje eu apenas te direi o suficiente para permitir que compreendas o que irá acontecer nas próximas reuniões que irão decorrer na tua paróquia.

"Presentemente tens lá dois tipos de médiuns submetidos a um desenvolvimento às mãos do mundo espiritual. Um é chamado "médium de inspiração." Um espírito instila certos pensamentos nele com tal força que os próprios pensamentos do médium são completamente expulsos dele, deixando-

o completamente sob o poder desse espírito. O médium não só recebe os pensamentos do espírito, como se vê compelido a pronunciá-los ou a anotá-los, enquanto mantém as plenas faculdades da consciência. O teu "médium de inspiração" exige um desenvolvimento adicional para aperfeiçoar a recetividade que tem das mensagens do mundo espiritual. Ainda é necessário remover dele muito que agora obstrui o processo. O que isso subentende ainda não o podes entender por ora, mas ser-te-á esclarecido mais tarde.

"O outro médium, que ainda não se encontra ativo, encontra-se na fase inicial do desenvolvimento. Refiro-me ao rapaz que não conseguia manter a cabeça quieta e que se sentia assustado com isso. Ele tornar-se-á um "médium de transe;" O seu próprio espírito será conduzido para fora do seu corpo, e outro espírito irá ocupá-lo e falar através dele. Esse estado é chamado de "transe". Existem diferentes graus de transe, dependendo do próprio espírito do médium se encontrar completa ou apenas parcialmente separado do corpo.

"A maneira pela qual essa separação é realizada é algo que tu irás achar difícil de entender, mas que te será explicado em detalhes numa ocasião posterior.

"O desenvolvimento de um 'transe total' ou de um 'transe profundo' não é coisa agradável de ver, mas é necessário e procede de acordo com as leis eternas.

"Para que a mãe do médium não se sinta desnecessariamente assustada com o que sucede, será melhor que por enquanto ela fique longe das reuniões.

"O desenvolvimento dos médiuns é matéria importante e sagrada, e tu deves, por conseguinte, nas vossas sessões, rezar muito pelos médiuns, e pedir a Deus por ajuda e força, para que tudo possa ser feito de acordo com a Sua vontade e os médiuns possam tornar-se ferramentas úteis para o bem e permanecer fieis a Deus.

"O que te disse hoje é necessário para que possas ter alguma compreensão do que acontece durante o desenvolvimento dos teus médiuns, e para que não te sintas alarmado com as coisas que possas testemunhar com eles."

Tudo o que me tinha sido dito sobre o treinamento dos dois médiuns na minha paróquia tornou-se literalmente realidade. O menino que fora descrito como "médium de inspiração" progrediu rapidamente. Ele foi inspirado com ensinamentos detalhados sobre as verdades mais importantes e os dedicou-se a anotá-las. Elas continham coisas inteiramente novas para mim e eram, em grande medida, contrários àquilo em que o rapaz até então tinha acreditado e ao

que eu próprio proclamara nos meus sermões como a verdade. Não havia, pois, possibilidade de tentar explicar os fenómenos com base no funcionamento do subconsciente ou da transmissão do pensamento, como as pessoas costumam fazer. A transmissão de pensamento estava inteiramente fora de questão, por tudo o que o médium de inspiração ter anotado a partir desse momento ter sido dedicado à escrita, não nas nossas reuniões mas na sua própria casa, e sem que alguém se encontrasse presente.

O rapaz não se sentava a escrever por vontade própria, mas toda vez se via obrigado a fazê-lo por aquela mesma força irresistível que tomava posse dele pela primeira vez na reunião que descrevi.

Até mesmo o momento preciso seria determinado por essa força. Assim que acordava muito cedo pela manhã, muito antes da hora habitual de se levantar, era incitado a se levantar e a escrever. Ele não obedecia ao incitamento, pensando ser muito cedo para se levantar, quando de repente ele se sentia forçado a sair da cama e a pôr-se de pé. Completamente assustado, ele erguia-se e sentava-se a escrever. Redigia observações notáveis sobre a "Redenção," que não concordavam nem num único aspeto com o que ele, enquanto católico, tinha aprendido sobre a questão, e que não se assemelhavam nem mesmo de forma remota a qualquer coisa que possa ser encontrada noutro lugar.

Da mesma forma, ele, um rapaz de campo sem instrução, redigiu um tratado sobre as "Sagradas Escrituras," que continha verdades que eram inteiramente novas. Não só o conteúdo, como também a fraseologia desses escritos eram tais que o rapaz jamais poderia tê-la criado com base na própria imaginação. Redigiu tratados em prosa sobre os seguintes temas: "A Espiritualização da Alma," "A Misericórdia de Deus," "O que tem o teu Redentor feito por ti?" "Primavera, Verão, Outono e Inverno," "A Colheita," "A noite," "Rogai ao Senhor," "A Escritura Sagrada," "O Amor de uma Criança," e "A Morte de um Mortal."

Como tema único de todos os seus escritos em prosa estavam as verdades de Deus, assim como os seus poemas: "O Chamado dos Heróis," "A Linguagem da Criação," "Salve e Hosana," "Nos Caminhos de Deus," "O Pastor de Deus e o Seu Rebanho," "O mais forte," e "Assim Trabalha o teu Criador." O desenvolvimento do seu irmão como "médium de transe" levou mais tempo, e o aspeto da condição física por que passava nessas ocasiões era muitas vezes alarmante. Eu fiquei feliz por ter sido advertido de antemão, pois caso contrário

eu poderia não ter tido a coragem de persistir até ao fim. Quanto à mãe dos meninos, eu tinha-lhe pedido para ficar longe das reuniões, de momento.

Após o seu desenvolvimento ter sido concluído, ele passava para o chamado estado de transe, da mesma forma que eu tinha inicialmente observado no caso do médium de transe na cidade. O primeiro espírito que falou através dele inicialmente chegou com a saudação: "Gott mit uns!" (Deus esteja connosco), jurando que era um dos bons espíritos de Deus e revelou o seu nome.

Por intermédio desse espírito, recebi um manancial de instrução e de ensinamentos, tudo quanto se mostrava em harmonia com o que eu tinha aprendido com o médium de inspiração da minha própria paróquia e, em especial, com o médium da cidade.

Com relação a isso, havia duas coisas que me surpreendiam: em primeiro lugar, pude detetar uma diferença de categoria entre o espírito que falava através do médium da minha paróquia e o espírito usado pelo médium da cidade, porquanto por diversas vezes, quando eu lhe colocava algumas questões muito importantes do anterior espírito, ele se recusava-se a responder, com a observação: "Eu não estou autorizado a responder a essa questão. Pergunta-lhe a ele!"

Com "ele," ele referia-se ao espírito que falara por intermédio do médium na cidade. Sempre que ele pronunciou a palavra "ele," em referência a esse espírito, o médium baixava a cabeça em sinal de reverência. A primeira vez que ele se referiu a esse espírito, eu perguntei ao espírito que se encontrava diante de mim se ele conhecia o outro. "Eu conheço-o," foi a resposta que me deu, mais uma vez pronunciada com uma profundo gesto de reverência.

No começo eu não conseguia entender por que o espírito que falava através do menino agricultor não deveria ser autorizado a responder a perguntas tão livremente quanto aquele para quem o menino na cidade atuara como médium, e um dia eu perguntei a este último espírito a razão disso. Ele informou-me de que os costumes do mundo espiritual eram semelhantes àqueles da Terra na medida em que, quando um mensageiro é enviado com uma incumbência definida, se espera que ele transmita apenas a mensagem que lhe tiver sido confiada e nada mais.

Assim, estando ele próprio devidamente autorizado por Deus, ele tinha o direito de responder a qualquer pergunta da minha parte caso ele considerasse tal resposta necessária ou útil, mas ao espírito que falava através do menino na minha paróquia, acrescentou ele, não era permitida tal latitude, e estava obrigado a remeter-me ao seu superior com relação a quaisquer perguntas que, na sua qualidade de subordinado, não tinha permissão para responder por si próprio.

A outra diferença que eu notei foi que era sempre *um e o mesmo* espírito que falava através do menino na cidade, ao passo que diversos espíritos diferentes falavam por intermédio do médium da minha paróquia, embora o mais elevado deles continuasse a ser o líder. Ele sempre vinha até nós com a saudação "Gott mit uns!" e era reconhecido pela voz e o discurso suaves. Também era sempre o primeiro a falar nas reuniões realizadas na minha paróquia.

Um dia perguntei-lhe como acontecia que apenas um espírito falasse por intermédio do médium da cidade, enquanto o médium que ele empregava também servia diversos outros espíritos. A resposta que me deu foi a seguinte: "Uma tarefa definida tinha sido atribuída ao outro espírito, e para tal fim o médium da cidade fora designado *para seu uso exclusivo*. Por tal razão, nenhum outro ser espiritual podia entrar nesse médium. Por outro lado, o médium por meio de quem falo, embora tenha sido desenvolvido para meu uso, pode, pela vontade de Deus, ser empregado por outros espíritos, bons e maus, elevados e inferiores, à mesma. Dessa forma vais estar autorizado a familiarizar-te com os diferentes tipos de espíritos e a aprender com o que dizem e as ações que praticam, acerca do estado em que se encontram no Além.

Acima de tudo, irás aprender alguma coisa sobre o caminho que os espíritos inferiores precisam seguir a fim de atingir a perfeição. É da maior importância que reúnas tal conhecimento pessoal do mundo espiritual por meio das suas manifestações através de médiuns, porque assim aprenderás muito mais acerca do assunto do que poderias por qualquer quantidade de instrução oral. No entanto, quaisquer espíritos que possam manifestar-se aqui através deste médium não virão nem partirão como lhes apetecer. Eles estão sujeitos a um espírito controlador designado para determinar que espíritos podem entrar no médium e quanto tempo eles podem permanecer nele. Tal controlador existe no caso de todos os médiuns que servem de instrumentos do bem, e o mesmo é válido para todas as sessões em que se realize qualquer comunicação com os espíritos pela forma desejada por Deus.

Na ausência de um controlador desses, nada de verdadeiramente bom ou bonito poderá ser realizado, por os bons espíritos e os espíritos elevados não aparecerem. Eles vêm apenas àqueles lugares em que tudo é feito conforme dirigido por Deus, e em que um dos Seus Espíritos mantém a ordem. Na maioria dos encontros espiritualistas de hoje esse controlador encontra-se em falta, e em resultado eles transformam-se numa recreação do mundo espiritual inferior.

"Durante os estágios iniciais dir-te-ei de antemão que espíritos deverão entrar no médium e que conduta deves adotar em relação a eles. Mais tarde serás capaz de distinguir por ti próprio entre eles, e irás apurar o que fazer em cada caso individual."

Isso foi precisamente o que aconteceu. Um grande número de espíritos fez uso do "médium de transe" da minha paróquia. Entre eles encontravam-se os *espíritos elevados*, que entravam e enalteciam e davam louvores a Deus, nos ensinavam assuntos de grande importância, e partiam depois de nos conceder as bênçãos de Deus. Havia também espíritos submetidos a um enorme sofrimento, que muitas vezes imploravam pela nossa ajuda com palavras comoventes, e nos suplicavam que orássemos por eles.

Por vezes eles falavam numa língua qualquer estrangeira e, achando que não podíamos entendê-los, retiravam-se desconsolados. Além disso, havia *espíritos inferiores*, que se amaldiçoavam e ao próprio destino, injuriando-nos e zombando de tudo que fosse elevado e sagrado no termos mais descomedidos. Quando os exortava-mos a juntar-se a nós em oração a Deus, eles recusavam com expressões de desprezo ou de Odio. Se insistíssemos que proferissem o nome de Deus, eles imediatamente abandonavam o médium.

Muito numerosos, de facto, eram os espíritos que não percebiam de todo que haviam sido separados dos seus corpos terrenos pela morte. Acreditaram que ainda estavam na Terra envolvidos nas ocupações que tinham seguido em vida. Esses eram os chamados "espíritos presos à terra."

As experiências mais terríveis por que passamos foram aquelas com os espíritos dos criminosos. Eles viam-se constantemente a frequentar a cena do crime e repetidamente testemunhavam o que tinha ocorrido durante o que tinham perpetrado, como um filme que se repete uma e outra vez. Os espíritos dos assassinos encontravam-se sempre envolvidos nos planos e na execução dos assassinatos em todos os seus detalhes e descreviam os pensamentos e

sentimentos que tinham durante essas horas terríveis, por palavras que nos faziam estremecer. Eles viam as vítimas a olhá-los fixamente com um olhar que levava ao desespero. Um destino semelhante tinham os espíritos dos usurários e de outros malfeitores que tinham levado os seus semelhantes à carência e à infelicidade.

Para onde quer que eles se virassem, eles eram confrontados com as imagens das suas vítimas. O espírito dos suicidas experimentavam repetida e incessantemente as sensações, os surtos de desespero e os eventos que tinham estado presentes no seu suicídio. Nenhum ator na Terra poderia desempenhar o seu papel de forma tão realista quanto a forma como esses espíritos descreviam a experiência dos momentos mais difíceis das suas vidas por meio dos órgãos destes médiuns, que eram completamente inexperientes, não possuíam instrução e eram inocentes em tais questões. Muitas vezes o que vimos e ouvimos foi o suficiente para nos deixar a tremer.

Vez por outra éramos visitados pelos chamados "espíritos zombeteiros," que nos tentavam divertir com as suas partidas e mentiras. Como não mostrássemos qualquer desejo da sua companhia, eles viam-se obrigados a sair tão rapidamente quanto tinham surgido.

O surgimento desses diferentes tipos de espíritos e os incidentes a eles ligados eram de extrema importância.

Os espíritos elevados trouxeram-nos valiosa instrução e por vezes sérias advertências e repreensões, e assim não raro um ou outro dos participantes caia num pranto. Mais de uma vez os pensamentos mais secretos de alguém presente eram expostos, embora isso sempre fosse feito de tal forma a não humilhar a pessoa aos olhos dos outros. É, de facto, característica do bom mundo do espírito sempre administrar a sua censura e reprovação de tal forma que nunca chega a magoar, e sempre fazer acompanha as suas advertências e repreensões com expressões de consolo, encorajamento e amor. Os espíritos do bem não quebrarão a cana ferida nem extinguirão o pavio incandescente, *(NT: Alusão a Isaías 42:3)* mas com verdade suscitarão justiça, com mãos gentis atam as feridas nos corações daqueles entregues aos seus cuidados.

Por regra, não repetem muitas vezes os avisos ou conselhos que dão com respeito às mesmas questões. Se nenhuma atenção for dada às suas palavras, eles poderão, porventura, lembrá-las uma ou duas vezes, mas não mais; ou então, apenas em casos raros. Mas se alguém se empenhasse diligentemente por seguir os seus conselhos ou em obedecer aos avisos, eles voltavam ao

assunto uma e outra vez a ajudar com os seus conselhos carinhosos e encorajamento, até que esse alguém tivesse alcançado o seu objetivo. Sempre que os mortais mostravam genuína boa vontade, o seu amor e misericórdia não conhecia limites, nem mesmo naqueles casos em que a fragilidade humana os levava a tropeçar repetidamente. Se, no entanto, alguém nem sequer tentasse fazer como um desses mensageiros de Deus ordenasse e posteriormente pedisse orientação numa outra questão, geralmente ser-lhes-ia dito: "Por que não me consultas quando fizeres o que te digo?"

O aparecimento até mesmo dos mais baixos espíritos era ainda mais instrutivo. Eu jamais esquecerei a noite em que o médium de transe foi visitado numa rápida sucessão pelos espíritos de três suicidas, o que nos forneceu a mais terrível visão que se pode testemunhar nesse campo. Quando o último desses espíritos se tinha retirado do médium e enquanto ainda nos encontrávamos lá sentados a tremer, o espírito-guia -- também conhecido como "o líder" -- entrou e dirigiu-se-nos nas seguintes palavras:

"Há uma razão profunda para lhes terem sido mostradas as horríveis coisas que viram esta noite. Em primeiro lugar vocês testemunharam o tipo de "descanso" que aguarda algumas pessoas após a morte. Vocês muitas vezes dizem quando se encontram ao lado de uma sepultura: "Por fim ele encontra-se em repouso.' Hoje à noite vocês viram algo desse "repouso."

Vocês não conseguem nem fazer ideia do que esses espíritos infelizes têm que sofrer antes que possam ser levados a compreender a condição em que se encontram e a voltar-se para Deus. Vocês não foram autorizados a esclarecê-los. Até à data eles não o mereceram. Eles precisam continuar a sofrer até o seu sofrimento os capacitar a receber tal esclarecimento. Hoje, tal esclarecimento teria sido em vão. Mas houve também uma outra razão pela qual a sua condição lhes foi mostrada."

Com isso, o espírito ergueu o tom de voz e disse solenemente: "Um de vocês esteve a dar abrigo a ideias suicidas hoje, e esteve prestes a preparar-se para cometer o ato."

Ao ouvir estas palavras, um membro do nosso círculo soltou um brado de surpresa e exclamou: "Fui eu; ah Deus, fui eu!"

"Sim, foste tu," respondeu o espírito num tom suave de voz. "Tu esperavas escapar de um fardo que suportaste durante anos, matando-te a ti próprio e assim encontrar repouso. Hoje pudeste constatar o tipo de "repouso" que terias

defrontado. Agora, tenho a certeza de que vais ficar curado de vez de tais ideias. Por isso, esta noite foi de um grande benefício para ti."

Eu prestei especial atenção à forma como as coisas ditas ou previstas pelos médiuns se tornaram facto ou realidade, porque, se pudéssemos verificar as afirmações suscetíveis de prova, não teríamos razão para duvidar da verdade daquelas que não eram. Das muitas afirmações que os espíritos fizeram que eu tenha examinado, vou citar algumas que devem convencer qualquer pessoa sem preconceitos.

1. *Um passeio com um médium através pela minha igreja paroquial.* Um dia, o médium da cidade veio ver-me à minha reitoria. Estávamos sentados juntos no meu gabinete, a falar de assuntos casuais, quando a minha governanta, que estava a trabalhar na cozinha, começou a entrar intermitentemente no aposento. Durante uma das suas ausências, o menino de repente caiu num transe, e o espírito dirigiu-se a mim nas seguintes palavras: "A tua governanta acaba de sair para se ocupar do jardim. Quero fazer uso desta oportunidade para falar contigo. Por favor, mostre-me a vossa Igreja."

O facto de a minha empregada ter ido para o jardim não poderia ter sido do meu conhecimento nem ter cabimento nas capacidades humanas do menino, por o jardim se situar atrás da reitoria e poder ser alcançado unicamente a partir da cozinha apenas passando pelo corredor de trás, a partir do qual uma porta lhe dava acesso. Ambos encontrávamo-nos sentados num aposento no lado oposto da casa e não podíamos ver nem ouvir o que estava a acontecer na cozinha ou no jardim.

Em resposta ao pedido que me fez para lhe mostrar a igreja, ergui-me; o rapaz, ainda em transe e de os olhos fechados, seguiu-me com passo pesado. A igreja situava-se junto à reitoria e era acessível a partir dela, sem se precisar atravessar a rua. A igreja poderia ser acedida por uma porta lateral que dava para o pátio da frente. Quando o fizemos, o espírito disse-me: "Vejo que o altar está situado diretamente por cima de um esqueleto humano que se encontra enterrada no solo, e existem outros esqueletos enterrados sob a nave principal. Certa vez existiu aqui um cemitério."

Eu respondi que não nada sabia sobre isso. Eu também não achava que fosse possível, por a Igreja estar situada sobre um pequeno outeiro, e não haver espaço em torno dele para cemitérios. "Pergunta aos moradores mais antigos," respondeu ele, "eles poderão ser capazes de te dizer algo acerca disso." Então

ele voltou os olhos fechados para a galeria do órgão e disse: "Sabes que eu raramente dou conselhos sobre questões puramente materiais, mas hoje eu preciso abrir uma exceção. Vocês compraram um órgão. Diz ao organista que depois de acabar de tocar, deve sempre fechar os tampões que ficarem por fechar, o que possibilita que o pó e a humidade penetrem nos tubos. Com o tempo, isso poderá afetar a pureza do tom. Falo disto por a boa música, a música pura, contribuir para a beleza de um serviço divino, e assim, para a glória de Deus."

A consola do órgão estava fechada, de modo que nem as chaves nem os tampões poderiam ser vistos, mesmo que nos posicionássemos bem diante do instrumento e certamente não eram vistos de onde estávamos de pé junto do altar. A essa distância não poderíamos ter visto nada, mesmo que o órgão estivesse aberto. A chave dele estava pendurada num armário na sacristia. A seguir, fomos a um dos altares laterais. O retábulo descrevia a morte de José, com Jesus e Maria em pé ao lado da cama.

"Este quadro não é fiel à verdade," disse ele. "Jesus não se encontrava presente quando José morreu." Tínhamos agora passado diversas imagens mostrando as imagens da Via Sacra. Quando chegamos a uma que representava Verónica a receber de volta o seu lenço, no qual aparecia a imagem do rosto ensanguentado de Jesus, perguntei-lhe se isso realmente tinha acontecido ou se era apenas uma lenda. "Foi verdade e não lenda," foi a resposta que me deu. Diante da imagem da crucificação, o espírito de repente perguntou-me: "O que achas que causou maior agonia a Cristo?"

"Ser pregado na cruz," respondi eu.

"Não," respondeu o espírito," não foi ser pregado na cruz, mas a sede. Os pregos foram pregados nas mãos e nos pés pela brutalidade dos verdugos assistentes com alguns golpes rápidos, causando uma dormência que não foi excessivamente dolorosa, tal como ocorre na guerra, quando muitos dos vossos feridos no primeiro instante não sentem as feridas das balas ou dos estilhaços das granadas, mesmo as mais graves. O pior é a sede que segue a perda de sangue, como os vossos feridos descobriram. Ela pode deixá-los loucos. Nenhuma dor corporal se pode comparar à agonia da morte pela sede."

À medida que caminhávamos chegamos a uma capela lateral em que havia uma antiga escultura de madeira de Maria, que séculos atrás tinha estado num convento situado nas proximidades cujas ruínas ainda podiam ser vistas por perto. "Esta talha," disse o espírito, "há muito tempo que tem sido procurada

pelos espíritos em sofrimento obrigados a permanecer perto do convento em ruínas que se encontra no vale abaixo."

Com espanto, perguntei: "Por que é que esses espíritos não foram capazes, durante todo esse tempo, de encontrar esta talha de Maria, quando é tão fácil encontrá-la aqui? E, além disso, que bem isso lhes poderia causar?"

"Não entendes? Então eu vou-to explicar. Os espíritos que são punidos pelos seus delitos ao serem restringidos a um determinado local não podem ultrapassar os limites que lhes são estabelecidos. Por essa razão os espíritos restringidos a esse vale perto das ruínas do convento não podem vir tão longe quanto a esta igreja. Eles podem procurar a escultura de Maria apenas dentro da sua área restrita, mas eles não a conseguem encontrar lá. Quanto ao bem que o ato de a encontrar lhes haveria de trazer, é verdade que a própria escultura não pode ajudá-los, mas foi algo ligado à escultura que anteriormente lhes trouxe alívio.

"Enquanto a escultura ainda se encontrava no convento, muitas pessoas iam orar diante dela. Nessas ocasiões, foram igualmente feitas orações pelas "pobres almas," como vocês chamam aos espíritos sofredores. Tais orações não podem, em verdade, diminuir a culpa dos espíritos nem reduzir-lhes a punição, mas eles *escutam* as orações, e os seus pensamentos são, assim, voltados para Deus. Isso alivia-lhes a agonia. Desde que a escultura foi tirada do convento, ninguém mais lá vai rezar, e os espíritos sentem a falta do alívio que as orações lhes traziam. Eles sabem que elas estavam associadas à presença da imagem de Maria, e assim estão ansiosos por recuperá-la."

Por essa altura, tínhamos chegado à escada que levava à galeria do órgão. Eu estava curioso com respeito às tampas que não tinham sido empurradas de volta para o seu lugar, mas de momento a minha mente estava ocupada com uma outra ideia. Eu queria saber se este espírito conseguiria tocar o órgão; que o rapaz não conseguia, eu sabia de facto. Eu tinha apenas uma dúvida: será que o espírito terá controlo suficiente sobre o corpo de menino de modo a mover as mãos e os pés tão rapidamente quanto é requerido no manuseio do órgão? Foi, pois, com alguma hesitação que lhe pedi para tocar.

"Com prazer," respondeu o espírito," se isso te trouxer satisfação." Corri de volta para a sacristia em busca da chave do órgão, e subimos as escadas que levavam à galeria do órgão. Desbloqueando o teclado, olhei de imediato para as tampas; com efeito, três delas estavam meio abertas. O espírito reiterou a prescrição de fazer notar isso ao organista. O menino sentou-se no órgão, tirou

as tampas e começou a tocar, primeiro suave e delicadamente, por acordes harmoniosos e melodiosos. Em seguida, um pouco mais alto -- quanto mais ele tocava, mais alto e intensificadas se tornavam as notas.

No clímax, o órgão sofreu uma sobretensão e trovejou e rugiu com todas as tampas abertas, como um furacão a arrancar as árvores pelas raízes. Então, lentamente, a música diminuiu de intensidade até que pareceu morrer em sons maravilhosamente suaves e pacíficos. Não poderia restar qualquer dúvida: sentado ao órgão encontrava-se um mestre organista. Quando terminou de tocar, ele empurrou todas as tampas de volta para o lugar e ergueu-se do assento. Eu tranquei o órgão de novo. Andando à minha frente, ele perguntou: "Sabes o que foi que eu toquei?"

"Não," respondi.

"Aquilo foi a tua vida," disse o espírito calmamente. Olhei para ele com espanto, por não conseguir imaginar que a vida de uma pessoa pudesse ser tocada num instrumento musical. Como se me lesse o pensamento, ele instruiu-me da seguinte maneira: "A vida de uma pessoa é como uma pintura; ela pode ser pintada em cores assim como por notas musicais. Cada cor representa uma nota, e cada nota uma cor. Há clarividentes que veem todos os tons nas suas cores, e que não distinguem a harmonia da dissonância de ouvido, mas olhando para as cores dos tons. Por conseguinte, é possível, pelo menos para os espíritos, reproduzir cada pintura por meio de som, como se alguém estivesse a tocar a partir de uma pauta de música."

Eu era incapaz de compreender essa explicação. O pensamento era demasiado novo para mim. Silenciosamente descemos a escada para a nave da igreja e fomos até à porta pela qual tínhamos entrado. Aqui, o meu companheiro parou e disse:

"Agora tenho de te deixar. Eu não posso ir contigo até à reitoria por a tua governanta estar a ponto de deixar o jardim e voltar para a casa, e eu não quero que ela veja o menino em transe. Vou agora postar-me junto da parede; tu ampara o corpo do menino, para que ele não caia quando eu me afastar dele."

Eu fiz conforme me fora ordenado e descobri que era necessário toda a minha força para impedir o garoto de cair para a frente quando o espírito o deixou. Ele imediatamente recuperou as suas faculdades e ficou bastante surpreendido por se encontrar na igreja comigo, ao se lembrar apenas que se tinha sentado comigo na reitoria. Do que tinha acontecido entretanto, ele nada

sabia. Quando eu lhe disse que ele tinha tocado tão bem o órgão, ele sacudiu a cabeça, incrédulo.

No instante em que abrimos a porta da reitoria a minha governanta passou do jardim para a parte traseira do corredor. Não tivesse o espírito deixado a menino quando o fez e ela não poderia ter deixado de ver o menino no seu estado transe.

Mais tarde, quando falei com o menino sobre as ocorrência que tinham tido lugar, ele negou qualquer conhecimento de esqueletos, tampas de órgãos, a morte de José, o lenço de Verónica, a agonia da crucificação, a imagem de Maria e a sua história, os espíritos restringidos às vizinhanças das ruínas do convento e o efeito da oração sobre eles, ou do recital de órgão e do que me tinha sido dito nessa ocasião. Nessa mesma noite eu fiquei a saber por meio de um interrogatório que o local agora ocupado pela igreja tinha há muito tempo sido realmente um cemitério.

2. *Um membro de uma ordem monástica frequenta reuniões Espiritualistas*. Uma mensagem, entregue certa noite através do menino da fazenda da minha paróquia enquanto médium de transe, pareceu-nos muito improvável. Fazia valer que um monge do mosteiro Beneditino vizinho estava a participar em "sessões espiritualistas," realizadas numa cidade não muito distante. Nós mal podíamos acreditar que um monge, vestindo o hábito da sua ordem, ia participar numa reunião espiritualista, dada a forte oposição que a Igreja Católica movia ao Espiritualismo. Não tínhamos qualquer maneira de verificar essa comunicação, mas a sua exatidão logo iria ser demonstrada por meio de um canal não previsto.

Eu tinha sido delatado às minhas autoridades eclesiásticas como um frequentador de reuniões espiritualistas, pelo que foi convocada uma comissão para me interrogar sobre o assunto. A audiência devia realizar-se no mosteiro Beneditino em questão, e foi-me ordenado que comparecesse lá.

Na audiência eu admiti francamente ter assistido a reuniões espiritualistas e as ter instituído na minha paróquia. Foi-me recordado que todos os Católicos tinham sido proibidos de participar de quaisquer reuniões dessas por uma ordem emitida por Roma. Eu reclamei que não tinha ouvido nada sobre tal proibição, mas que, se os factos fossem conforme alegados, eu não conseguia entender por que um sacerdote desse mesmo mosteiro também devia assistir a reuniões desse tipo. Eu disse isso, não para me defender, mas apenas para apurar dessa

forma se seria realmente verdade que um sacerdote desse mosteiro ia assistir a reuniões espiritualistas, conforme o médium tinha afirmado.

O chefe da comissão de investigação indignado negou a verdade da minha afirmação de que um sacerdote do mosteiro andasse a participar em reuniões espiritualistas e enfaticamente afirmou que isso era impossível. Só o seu hábito o impediria disso. Ele acrescentou que precisava, pois, rejeitar a minha afirmação como altamente caluniosa.

Eu respondi calmamente que eu não tinha suscitado o assunto para criar problemas ao monge do mosteiro, mas que eu tinha ouvido isso de uma certa fonte e que adotava essa forma para verificar a veracidade da história. Devesse a minha declaração provar-se falsa, e eu procuraria que meu o informante tivesse uma correção. O chefe da comissão de inquérito, em seguida, interrompeu aminha audição e foi, presumo, consultar o abade do mosteiro. Depois de uma curta ausência, ele voltou com uma expressão constrangida, e admitiu que eu estava certo. Em sua defesa, acrescentou que o monge em questão havia recebido permissão do abade para frequentar reuniões espiritualistas. A verdade do que o médium me tinha dito estava assim estabelecida.

3. No decurso dos processos instaurados contra mim recebi confirmação após *confirmação dos relatórios e previsões feitas pelos médiuns sobre as minhas questões.*

Certo dia eu fui convocado para comparecer perante o bispo. Mal a sua carta me chegara às mãos, quando o rapaz da fazenda da minha paróquia, o médium de transe, veio à minha casa paroquial e disse: "Eu fui obrigado a vir vê-lo. Você recebeu uma carta do seu superior episcopal, ordenando que comparecesse perante ele…"

Perguntei ao rapaz quantas linhas tinha a carta; até mesmo isso ele sabia com exatidão. Então ele passou para o estado de transe, e o espírito que falou por ele encorajou-me com as seguintes palavras: "Não precisas ter medo. Confia em Deus e não tenhas medo! Que te poderão as pessoas fazer?" Eu respondi que eu pretendia admitir diante do bispo as convicções que tinha adquirido em resultado das comunicações que tinha tido com o mundo espiritual, e que contava com a perda da minha posição como ministro do Igreja Católica em consequência.

"O bispo não irá fazer-te qualquer pergunta sobre o espiritualismo, ou sobre qualquer convicção que dele possas ter colhido," disse o espírito. "Em

algum momento futuro, ser-te-á concedida a saída. A separação da tua paróquia ocorrerá em paz entre ti e a tua igreja, e não por meio de demissão."

Eu mal conseguia imaginar que o bispo deixaria de me interrogar sobre os encontros espiritualistas e as verdades por ele reveladas, mas aconteceu exatamente conforme o médium previra. O bispo leu-me o édito emitido pelo Congregação de Roma em 1917, que declarava que os Católicos não estavam autorizados a assistir a reuniões espiritualistas, fez-me assinar um papel a reconhecer que tinha trazido a sansão ao meu conhecimento, e impôs-me uma penitência pelas violações que eu cometera em relação à proibição. Mas do espiritualismo propriamente ele não pronunciou nem uma palavra.

Um pouco mais tarde eu tive a experiência dolorosa de ver uma certa previsão, que tinha sido comunicada pelo médium da cidade, tornar-se realidade. Tinha-me sido dito numa sessão que um membro do círculo naquela cidade me iria trair. Não acreditamos que houvesse entre nós alguém capaz de tal traição, no entanto, o que parecia impossível aconteceu: uma mulher do nosso círculo denunciou-me às autoridades episcopais pela minha contínua participação em sessões espiritualistas.

Isso pareceu tornar a minha destituição uma conclusão inevitável. Eu tinha, conforme aconteceu, solicitado uma licença que me permitisse dedicar-me ao trabalho de caridade, mas o vicariato episcopal havia rejeitado o meu pedido tão bruscamente que humanamente falando parecia não restar qualquer esperança de o ver garantido. O caso contra mim nos tribunais eclesiásticos seguiu o seu curso, e foi marcada uma data para a audiência principal, para a qual recebi uma intimação. Faltavam alguns dias para essa audiência, que resultaria, eu tinha certeza, na minha demissão.

No entanto, eu ainda tinha fé na previsão que me tinha sido feita, de que eu deveria ser autorizado a deixar a minha paróquia em paz com a minha igreja, por meio da concessão de uma licença. Então, à última da hora, eu recebi um telegrama do conselho eclesiástico a notificar-me que o processo contra mim tinha sido abandonado por enquanto, por diretiva do bispo. Pouco depois ele escreveu-me, a conceder-me uma licença de ausência e quando e a perguntar-me quando eu gostaria de deixar a minha paróquia. Eu respondi, dando-lhe uma data, Dezembro 31, de 1925, o dia em que tinha antes sido previsto como aquele em a ligação que tinha com a minha paróquia terminaria. (...)

4. Em Whitsuntide de 1924, eu ia de viagem para Graz, na Estíria (Áustria). No trecho entre Passau e Viena, eu fiquei sozinho com um jovem num compartimento de comboio, sentado à frente dele a ler, quando vi a sua cabeça cair de repente para a frente como se tivesse adormecido. Quase instantaneamente, ele endireitou-se de novo, sentou-se com os olhos fechados, tirou um caderno do bolso e cobriu uma página com uma escrita. Em seguida, ele rasgou a página e entregou-ma dizendo: "Pegue isto e guarde-o. Do seu significado, você será informado em outro lugar."

Olhei para a escrita, mas não consegui decifrar os caracteres. Naquele instante, o jovem recuperou a consciência. Ele não sabia que havia escrito algo nem que me havia dado o papel, nem se lembrava de uma só palavra do que me tinha dito. Ele também não conseguia ler os caracteres escritos no papel.

Depois de voltar de Graz para a minha paróquia, carreguei o papel no bolso durante duas semanas. Certo sábado, pela noite, cheguei à casa da família do meu médium de transe. O rapaz estava sozinho na sala. Após alguns instantes, ele caiu num "transe" e disse: "Mostra-me o papel que você traz contigo, que te foi dado a caminho de Graz."

Quando eu lho dei, ele leu-o e disse: "Amanhã à tarde um Judeu virá ver-te. As pessoas pensam que ele está doente, mas na verdade ele está a ser atormentado por um espírito maligno que tem tanto poder sobre ele que mal consegue pronunciar palavra. Assim que ele chegar, chama o rapaz por meio de quem estou a falar. Deixa todo o resto comigo. Tu vais ver coisas portentosas. Esta nota foi escrita pelo espírito guardião do Judeu por meio da médium que tu conheceste na tua viagem para Graz. É o espírito de um falecido tio, que vivia em Colónia. O espírito maligno que atormenta o Judeu é também o de um parente falecido."

Às quatro horas da tarde seguinte, alguém tocou à campainha da reitoria. Abri a porta e fui surpreendido ao ver um homem cujos membros se encontravam contorcidos e cuja cabeça balançava para trás e para frente nervosamente. Ele tentou falar, mas não conseguiu pronunciar palavra. Peguei nele pela mão e levei-o para o meu aposento, e imediatamente mandei chamar o menino. Ele veio, caiu em transe diante do Judeu, ergueu-se, estendeu a mão como se estivesse a exorcizar o visitante e dirigiu-se a ele numa língua estrangeira que eu não consegui entender.

O Judeu foi jogado para a frente e para trás várias vezes por uma força invisível; então, foi libertado da influência maligna, chorou de alegria e começou a falar sem a menor dificuldade. Ele disse-me que sabia muito bem o que acabara de acontecer. Ele próprio, disse ele, tinha o poder de clarividência e podia distinguir os espíritos ao seu redor, os bons e os maus. O bom espírito dele era o de um tio seu de Colónia; o malvado era o de um parente que não conhecera nesta vida. O espírito maligno tentou impedi-lo de vir ver-me e, no caminho para minha casa, proferiu os epítetos e maldições mais vis para ele em Hebraico, alguns dos quais ele me repetiu. Agora ele esperava estar para sempre livre do espírito. Ele também sabia qual espírito o tinha libertado. Tirando o livro de orações do bolso, ele mostrou-me uma oração em Hebraico a um dos elevados poderes celestiais. O Judeu não se enganou: era o próprio espírito que então se encontrava presente.

Enquanto eu ainda estava a falar com o Judeu, o menino mais uma vez entrou em transe e se virou para mim, dizendo:

"O que lhe estou aqui a dizer não pode ser ouvido por este homem; os sentidos dele estão a ser entorpecidos de modo que ele não consiga escutar-me. As coisas que acabaram de acontecer foram mostradas como uma lição objetiva para você assim como para ele. Ele ver-se-á livre do seu espírito maléfico por um curto período de tempo, pois o espírito voltará e o atormentará até a morte. Ele mereceu essa punição. mas ele não virá vê-lo de novo, pois nunca mais será capaz de reunir forças para o fazer."

Perguntei ao Judeu se ele havia entendido o que acabara de ser dito e ele respondeu que não tinha ouvido nada. Profundamente comovido, despedi-me dele e nunca mais o vi.

5. Muitas vezes tive a minha atenção atraída por vários médiuns para o facto de que muitas falsificações haviam sido introduzidas nos documentos que datavam dos primeiros dias da era Cristã, e eu tinha-me interrogado repetidamente se não havia algum trabalho de mérito científico por que se tivesse tentado descobrir essas falsificações. Eu não conhecia esse tipo de trabalho nem consegui encontrar mais ninguém que o conhecesse. Nas nossas reuniões abstive-me intencionalmente de perguntar sobre o assunto, uma vez que me tinha sido dito que tudo o que poderia ser de utilidade para mim me seria trazido às mãos.

Um dia, recebi inesperadamente em duas encomendas separadas, porções de uma publicação. *As páginas não tinham sido cortadas*. Ao mesmo tempo chegou-me a carta de uma senhora que conhecera apenas uma vez na vida. Dizia o seguinte:

"Os livros que estou a enviar foram-me dados anteontem pela Sra. H. de F., dirigidos a si. Ela sentiu-se compelida a mandar-lhos de imediato, sem nem mesmo os ler. Coisas poderosas estão a acontecer-lhe. Fique certo de a procurar em breve. N.N."

A Sra. H., que se sentiu compelida a enviar-me essas obras, era uma pessoa inteiramente estranha para mim, até mesmo de nome.

Essas publicações, de cujo conteúdo ela própria nada sabia, continham a prova de que um documento do autor Judeu Flávio Josefo havia sido descaradamente falsificado em favor da religião Cristã por copistas cristãos, que fizeram de Flávio Josefo alguém que *menosprezava* Cristo, em um dos seus *devotos.*

Havia também muitas referências nessas publicações sobre falsificações intencionais dos escritos dos primeiros séculos, confirmando assim tudo o que me fora dito sobre isso por médiuns inteiramente não familiarizados com tais questões. Essa descoberta deixou-me muito satisfeito.

6. A confirmação da verdade generalizada da comunicação com os espíritos e de muitos factos individuais relacionados com esse campo foi-me concedido durante a minha estadia na América, onde o Espiritualismo, sob a designação de "espiritualismo," se acha muito difundido, e onde há grande número das chamadas igrejas "espiritualistas." No início, aproveitei a oportunidade para me familiarizar com a maneira como o espiritualismo era praticado nessas igrejas, frequentando os cultos em muitas delas.

Infelizmente as minhas visitas confirmaram o que eu tinha ouvido dos médiuns na Alemanha, que mais uma vez me disseram que os bons espíritos de Deus não chegam perto de lugares frequentados por pessoas mais preocupadas com questões temporais mas com o progresso no caminho que conduz a Deus. Apenas espíritos de classes inferiores, fui informado, compareciam a reuniões em que predominavam as visões materialistas. Também me disseram que não há controle sobre os espíritos nessas reuniões, que se tornam a base para os espíritos que vêm da região inferior sem que sejam

necessariamente inteiramente maus. Geralmente são os de parentes, amigos ou conhecidos daqueles que participam, espíritos que pouco progrediram no Além e que estão, pois, mais interessados nos assuntos temporais daqueles que eles deixaram para trás do que no seu avanço espiritual.

Essas reuniões não são mais serviços divinos, mas sim centros de informação para questões e interesses mundanos, e aproximam-se perigosamente de oferecer o meso tipo de coisas que ocorriam nas cerimónias idólatras pagãs e que deviam a sua atração ao facto de se esperar que os médiuns que nelas operavam transmitissem informações relacionadas com o seu sucesso mundano e carreiras terrenas dos participantes.

Não encontrei nada de elevado nem de edificante em qualquer dessas igrejas, por mais que o desejasse, pelo que fiquei desapontado. Ao contrário, o que geralmente descobri era mais de natureza a prejudicar do que a promover a causa do espiritualismo. Tive igualmente a impressão de que as pessoas que assistiam a essas reuniões estavam ali apenas por causa das mensagens que esperavam receber sobre *assuntos mundanos,* e que a questão do dinheiro parecia não ser de pouca monta para os líderes dessas igrejas. Era cobrada uma taxa fixa de admissão, geralmente de pelo menos cinquenta cêntimos [muito dinheiro no início dos anos 1930], o que significava que os realmente pobres não podiam comparecer.

Tudo isso corroborou o que me foi dito com tanta insistência na Alemanha sobre o espiritualismo moderno, mesmo quando conduzido com uma demonstração externa de respeito pelas formas religiosas, e fiquei convencido de que o espiritualismo desse tipo não levará a humanidade para muito mais perto de Deus; não é o Espiritualismo dos primeiros Cristãos. No entanto, também tive a sorte de conhecer os aspetos mais elevados do espiritualismo na América e, assim, corroborar as minhas experiências anteriores.

Durante a minha estada em Nova Iorque, morei com uma família Alemã chamada Niemann na 148 East 18th Street. Revelo o nome e o endereço por essa família ter desempenhado papel protagonista nos acontecimentos a serem relatados e me autorizou a divulgar a sua identidade. Em outra parte deste livro, evitei, por princípio, mencionar nomes para impedir a possibilidade de quaisquer consequências desagradáveis para qualquer pessoa nas mãos de pessoas mal-intencionadas em resultado da publicação.

Eu nunca tinha falado com o Sr. Niemann sobre o espiritualismo mas apenas lhe dera conta de algumas das experiências por que tinha passado nas igrejas Espiritualistas de Nova Iorque. Ele próprio não era membro de nenhuma igreja e parecia ter perdido a fé em Deus. Quanto ao que lhe contei das ocorrências nas reuniões espiritualistas, ele considerava tudo uma fraude e um esquema para ganhar dinheiro.

No entanto, por curiosidade, ele decidiu certa noite acompanhar-me a uma reunião numa dessas igrejas. À semelhança de todos os presentes, ele também recebeu uma mensagem. O que lá lhe foi dito mostrava-se acertado em todos os pormenores, apesar de o médium nunca o ter visto antes e, naturalmente, não saber quem era. Ele foi informado, entre outras coisas, de que possuía grandes poderes mediúnicos e foi instado a cultivá-los.

Depois que voltamos para casa, ele perguntou-me o que o médium tinha querido dizer ao instá-lo a cultivar os poderes mediúnicos, ao que eu expliquei a situação e me ofereci para realizar serviços de culto com ele e a Sra. Niemann uma ou duas vezes por semana. Isso, é claro, dar-me-ia mais uma oportunidade de verificar o que havia aprendido na Alemanha, embora não tivesse mais dúvidas a esse respeito.

Realizei os serviços como fizera no pequeno círculo da minha paróquia, conforme já foi descrito. Só que aqui, do outro lado do oceano, numa família que havia abandonado a sua fé em Deus, mas que estava honesta e sinceramente disposta a aceitar a verdade, observei o desenvolvimento dos médiuns progredir exatamente como haviam progredido no caso dos médiuns que observei no meu ambiente anterior. Assim, tanto lá como aqui, as leis que regem o desenvolvimento dos médiuns eram as mesmas.

Logo na primeira noite o Sr. Niemann começou a desenvolver escrita mediúnica, ciente do facto de *que* estava a escrever, mas sem saber *o* que estava a escrever. As diversas passagens que escreveu foram feitas com caligrafias diferentes e assinadas com os nomes de diferentes parentes e amigos, dos quais o Sr. Niemann se lembrou apenas quando viu as suas assinaturas afixadas no que havia escrito naquela noite. Todos eles lhe garantiam que, ao agindo como estava a agir, ele estava a escolher o caminho certo. Disseram-lhe que o mantivesse, pois eles próprios teriam ficado muito felizes se alguém lhes tivesse mostrado esse caminho para Deus enquanto

tinham estado vivos. As mensagens confirmavam que havia um Além e um Deus em quem, diziam, ele deveria confiar.

Quando o Sr. Niemann saiu do seu transe e leu o que ele próprio havia escrito em diferentes caligrafias, ficou sem palavras. Posteriormente, ele e a esposa participaram no serviço na minha ausência e de novo ele escreveu como na primeira ocasião, para grande surpresa da esposa, pois ela secretamente acreditava que eu havia hipnotizado o marido e lhe havia transmitido por telepatia os pensamentos que ele havia impresso na escrita. Agora, porém, ela tinha provas do contrário, por ele ter feito a sua escrita mediúnica da mesma maneira, mesmo quando eu não estava presente. A propósito, ela poderia ter refletido na primeira ocasião que eu não tinha tido como saber os nomes dos falecidos que apareciam na escrita, e não poderia, pois, transmiti-los ao escritor.

Nesse mesmo encontro, ela teve uma prova ainda mais forte: uma força invisível obrigou-a a pegar no lápis e a escrever, com lágrimas a correr-lhe pela cara abaixo. Ao contrário do marido, ela sabia o que estava a escrever. Sentiu o mesmo que um rapaz da minha paróquia de origem. Tal como com ele, os pensamentos eram-lhe enfiados à força na mente para serem escritos. Era, pois, uma "médium de inspiração," tal como o rapaz, e também não conseguia repetir depois aquilo que tinha escrito por inspiração.

A evolução desses dois médiuns foi-se dando semana após semana. O Sr. Niemann continuou a escrever durante algum tempo, mas depois começou a desenvolver-se como "médium falante", com todas aquelas manifestações exteriores que eu já tinha visto antes noutro médium da minha antiga paróquia. O espírito que falava por ele começava sempre com a saudação: "Der Friede Gottes sei mit euch!" (A paz de Deus esteja convosco) ou, quando a mensagem era mais importante, dizia: "Gottes Wort sei mit euch!" (A palavra de Deus esteja convosco).

Pouco tempo depois, recebemos uma confirmação que nos tocou profundamente e que provava a veracidade das mensagens trazidas por esse espírito. Eu tinha um grande amigo na Alemanha, um homem simples, do povo, que vivia numa aldeia pequena e a quem eu me tinha despedido pessoalmente antes de embarcar para a América.

No dia 20 de julho de 1930, durante um dos nossos encontros, o espírito, a falar através do Sr. Niemann, anunciou que esse meu amigo na Alemanha estava muito doente e que ia morrer em breve. A mensagem dizia:

"O teu amigo H. S. está muito doente. Sofre de uma doença crónica. Já não o voltarás a ver neste mundo."

Como esta notícia me deixou em lágrimas, o espírito tentou consolar-me, dizendo: "O teu amigo é um homem nobre. Está em boas mãos aqui connosco. Se quiseres escrever-lhe, fá-lo já, para que a carta ainda lhe chegue antes de morrer."

Posteriormente, como que para se certificar de que a carta ainda chegava a tempo, o médium virou a cabeça como se estivesse a perguntar algo a alguém, e depois, olhando para mim outra vez, garantiu-me: "Sim, a carta ainda vai chegar a tempo, mas não adies."

Escrevi no dia seguinte e, como uma espécie de despedida, mandei-lhe a minha fotografia. Claro que não lhe disse nada sobre a previsão da morte; pelo contrário, falei da alegria que teria em vê-lo em breve e pedi-lhe que viesse ao meu encontro em Bremen quando eu voltasse. A 20 de agosto de 1930, recebi uma carta da minha irmã, que vivia perto do meu amigo. A carta era datada de 11 de agosto e começava assim: "Custa-me muito dizer-te que o teu melhor amigo, H. S., de O., faleceu. Soube que só na segunda-feira passada recebeu uma carta tua com a tua fotografia. Por isso, ainda te viu uma última vez e pôde despedir-se. Dizem que chorou muito, porque lhe tinhas escrito a pedir que te encontrasse em Bremen quando voltasses. Agora está na eternidade."

Nesse mesmo dia em que recebi a carta da minha irmã, tivemos outro serviço com o nosso grupo. Desde a noite em que a morte do meu amigo tinha sido anunciada, o espírito que falava através do Sr. Niemann não tinha voltado a manifestar-se. Mas nesse dia voltou a entrar no médium e disse as seguintes palavras, que foram registadas em estenografia pela Sra. Niemann:

"A palavra de Deus esteja convosco! Ámen! Hoje falo por ele por exceção, para que o teu pedido seja atendido." (Durante o dia, eu tinha rezado a Deus a pedir palavras de conforto.) "Perdeste alguém que, como humano, te era muito querido. Mas não chores. Ele agora está muito melhor. E, como recompensa para ti, está agora ao teu lado direito, a olhar para ti e a sorrir, enquanto te passa a mão pela cabeça. Manda-te o seu amor e pede-te que não sofras tanto. Talvez mais tarde possas ouvir dele diretamente (ou seja, que talvez ele próprio me

falasse através do médium), mas por ora ainda não. A última luta dele não foi muito dura. Queria ver-te e falar contigo mais uma vez. Agora já consegue ver-te, mas ainda não pode falar. Morreu a rezar a Deus. Ai, vocês, pobres mortais! A vida custa-vos tanto, mas mantenham a fé! Não vacilem, não desistam, e a vossa recompensa virá. Muitos que na Terra tinham pouco são agora muito mais elevados no Além do que aqueles que os dominavam aqui. A 'matéria' não traz felicidade." (Quando o espírito dizia 'matéria', referia-se ao dinheiro — jamais usava a palavra dinheiro.) Por isso, não fique tão abatido! Ai, se o pudessem ver! O facto de ele estar aqui é sinal de que está muito elevado. Ainda precisa de uma ligeira purificação antes de chegar à décima primeira esfera; não vai precisar de passar pela décima. Em vida, foi mesmo um verdadeiro filho de Deus."

Depois, o espírito, a falar através do médium com os braços erguidos, proferiu a seguinte oração: "Pai Celestial, tem piedade de nós! Mostra-nos o Teu rosto! Dá conforto a quem está aqui, na dor e no sofrimento, a chorar a perda do seu amigo. Envia-lhe paz e alegria para que vença esta tristeza. Deixa que o falecido, que foi um exemplo entre os homens, venha até Ti com a Tua misericórdia. Recebe-o no Teu círculo, para que se desenvolva depressa e possa trazer bênçãos e graças à humanidade. Pai, aquele que escolheste está a chegar a Ti; deixa que ele cumpra a tarefa que Lhe destinaste. Tem piedade, Pai, e dá-lhes a ambos a Tua bênção. Ámen!"

Nos serviços que se seguiram, a Sra. Niemann, sob influência do meu amigo falecido, escreveu coisas que ela, como pessoa, não podia saber — entre elas, uma caminhada que eu tinha feito, há anos, com esse amigo por um vale nos montes Hunsrück. Nessa altura, tínhamos falado sobre Deus e sobre as grandes questões da vida depois da morte. Eu próprio só me lembrei desse episódio quando o vi escrito na mensagem mediúnica da Sra. Niemann, onde até vinha mencionado o nome exato do vale — um nome que só era conhecido por quem vivia naquela zona.

Mesmo nos anos em que o meu amigo ainda era vivo, recebi dele provas tão fortes da verdade daquilo que tinha apurado através da comunicação com o mundo espiritual, que por si só já chegavam para me convencer. Quando, por causa dessas experiências espiritualistas, fui forçado a mudar completamente as minhas crenças religiosas, fiquei com receio de perder também esse meu amigo querido, que era um bom católico. Numa das reuniões na Alemanha, partilhei esse medo com o espírito que se manifestava lá, e ele respondeu-me: "Não tens razão para ter medo de perder o teu amigo. Nós próprios vamos ensiná-lo e não vais precisar de lhe explicar nada."

E de facto, não passou muito tempo até que o meu amigo viesse ter comigo a contar umas visões impressionantes que tinha tido. Nelas, tinham-lhe sido mostradas várias verdades fundamentais que iam contra aquilo que ele aprendia enquanto católico — sobretudo a verdade, que lhe foi revelada numa visão num cemitério, de que até as almas dos condenados seriam um dia perdoadas e que todos, no fim, voltariam para Deus. Também teve visões sobre os diferentes destinos das almas dos falecidos, e ao mesmo tempo recebeu ensinamentos sobre isso. Foi-lhe até revelada a missão que me tinha sido confiada a mim, pessoalmente. Estas experiências, que davam para encher um livro inteiro, convenceram-no de tal forma que eu nem precisei de fazer mais nada senão confirmar-lhe que tudo o que tinha visto era mesmo assim.

Agora, há uma questão sobre a qual ainda hoje não consigo perceber o seu verdadeiro alcance — e embora ainda não se tenha concretizado, não a quero deixar de mencionar. Tem que ver com a localização de dois túmulos reais egípcios de cerca de 5.000 a.C. Não tenho a menor dúvida de que o que me foi dito sobre esses túmulos é verdade, que eles hão de ser encontrados um dia, e que têm lá tudo aquilo de que quatro médiuns diferentes me falaram.

Primeiro, deixem que conte a forma estranha como tudo começou.

No dia 1 de fevereiro de 1924, estava eu no meu escritório privado, na sede da organização de caridade, já depois do expediente, quando me apareceram dois jovens, um com uns 20 anos e outro com cerca de 28, a dizer que tinham sido enviados para me prestar um serviço. Mal disseram isto, para minha grande surpresa, caíram os dois num transe profundo, e os espíritos que falaram por eles pediram papel e lápis. Dei-lhos, e eles sentaram-se a uma mesa e começaram a desenhar. Quando pararam, passado um bocado, vi que cada um deles tinha feito o desenho de um túmulo real egípcio, com inscrições antigas numa escrita que eu não conhecia. Disseram que voltariam mais tarde para acabar os desenhos.

Perguntei-lhes quem eram. Só um deles percebia alemão e foi esse que me respondeu nessa língua. O outro falava uma língua que eu não conhecia, e as palavras dele eram traduzidas para alemão pelo companheiro. E foi então que me disseram o seguinte:

"Nós os dois, que estamos a falar e a escrever através destes corpos, fomos príncipes egípcios. Os nossos nomes são Arras e Isaris. Eu, Arras, era o governante do Alto Nilo, e o meu amigo Isaris governava o Baixo Nilo. Tratávamos bem os nossos súbditos. Não batíamos nos escravos e deixávamos

as pessoas viver à vontade. Eram ricas: praticamente não havia pobres. A terra rendia três colheitas por ano, por isso havia de tudo em abundância. Viviam bem, faziam grandes festas, exageravam em tudo, e viviam o dia-a-dia sem pensar em Deus. Comiam os frutos e os cereais que Deus fazia crescer. Bebiam da água mais pura que havia — não havia nascente mais limpa — e ainda por cima tinham os melhores vinhos. Mas nunca se lembravam de agradecer a Deus por nada disso. Foram ficando cada vez mais perdidos nos excessos. Deixaram de respeitar os costumes antigos e começaram a criar novos deuses, feitos de ouro e pedras preciosas. Rezavam a essas imagens feitas por mãos humanas e adoravam-nas. Houve até quem se deixasse matar por causa dessas estátuas.

"Nós, em vez de travarmos isso, ficámos a assistir, como se nada fosse. Pior: incentivámos essa idolatria para ganhar o favor do povo. Eu próprio mandei 10 carroças cheias de objetos de ouro para o ídolo Amojo, para me alçar na consideração do povo. E o Isaris fez o mesmo: 10 carroças para o ídolo Lachitju, também para obter prestígio. Marchámos à frente do povo nas cerimónias de consagração dessas imagens e pusemos soldados a guardá-las, quando devíamos era tê-las destruído. À frente de cada estátua, havia uma taça de ouro com sangue de recém-nascido. Esse sangue nunca podia secar — havia sempre alguém encarregado de manter aquilo cheio. Se, por acaso, secasse, o sacerdote responsável era executado à espada pelo Sumo Sacerdote, ali mesmo, diante do ídolo.

"A situação foi piorando cada vez mais. E então Deus mandou o castigo — terrível, mas justo. Secou as nascentes. Enviou um calor insuportável que queimou tudo. E mesmo assim, o povo não rezou a Deus. Se tivessem reconhecido o Seu poder, Ele talvez tivesse tido misericórdia. Mas ninguém rezava a Ele. Então Deus enviou a Sua vingança: destruiu completamente aquele povo apóstata que se recusava a reconhecê-Lo como Criador. Eles até podiam ter conhecido o verdadeiro Deus — tinham astrólogos e sábios que diziam a verdade e tentavam preparar o povo para o dia do juízo — mas foram gozados e desprezados. Ninguém lhes deu ouvidos, e acabaram mortos.

"Um dia, o céu escureceu. Juntaram-se nuvens cinzentas, o céu ficou enegrecido. Levantou-se uma tempestade. Relâmpagos caíram e destruíram os ídolos até não restar nada. Depois vieram as desgraças que acabaram com o povo: choveu fogo e enxofre do céu, encheu o ar de fumos que sufocaram toda a gente. Os palácios de pedra desabaram e soterraram tudo. E Deus ainda mandou um vendaval fortíssimo e cobriu toda a terra com um manto de areia

cinzenta e amarela durante um terramoto. Foi assim que Ele castigou a ofensa que Lhe fizeram — e foi um castigo justo."

Quando veio a destruição, nós os dois já tínhamos morrido. Eu, Arras, morri apunhalado por um sacerdote que cobiçava a minha mulher. O meu amigo e irmão de sangue, Isaris, a quem fui fiel toda a vida, morreu em combate contra Zyclov, que era um dos seus comandantes e vivia com ele. O Zyclov, com o coração impuro e cheio de ambição, quis tomar o poder ao seu mestre, rebelou-se contra ele e matou-o.

A nossa cidade e os nossos túmulos estão soterrados e ainda não foram descobertos. Vivemos cinco mil anos antes de Cristo, numa altura em que o Egito era governado por vários príncipes, todos sob um só soberano — o que hoje se chamaria um "imperador". Eram príncipes de estados federados, e nós fazíamos parte desse grupo. O Isaris era também o administrador de todo o império, uma espécie de chanceler imperial, como se diria hoje. A capital era Mênfis. O soberano era sempre de uma família específica e era escolhido pelas famílias mais influentes, pelos sacerdotes e pelos chefes militares.

Perguntei-lhes que outros povos existiam naquela altura, e responderam-me: a Península Arábica era habitada por tribos de árabes nómadas. Existia um grande império perto da foz do Eufrates que se estendia até ao Ganges. Havia ainda outro império — aquele que mais tarde seria habitado pelos mouros — e que ainda se pode identificar em mapas antigos.

Quando os médiuns voltaram a si, ficaram surpreendidos ao ver os desenhos que tinham feito e disseram que não sabiam nada sobre aquilo. No total, estes jovens apareceram sete vezes ao longo de três meses — e eu nunca sabia quando voltariam a surgir.

Uma manhã, quando me preparava para sair da paróquia e ir à cidade para o escritório da organização de caridade, apareceu o rapaz agricultor que tinha servido de médium falante e disse-me que tinha recebido instruções para me acompanhar à cidade nesse dia. Não sabia porquê. Levei-o comigo, porque sabia que, quando ele recebia esse tipo de instrução, era porque algo importante ia acontecer.

E de facto, nesse mesmo dia, voltaram a aparecer os dois médiuns que andavam a fazer os desenhos egípcios, e o rapaz também entrou em transe ao mesmo tempo que eles. Durante algum tempo ficou em silêncio, enquanto os outros dois continuavam a desenhar. De repente, o médium da minha paróquia

levantou-se, aproximou-se de um dos outros e falou-lhe numa língua estranha. Parecia estar a explicar-lhe qualquer coisa relacionada com o desenho. Depois veio ter comigo e pediu uma borracha. Dei-lha, e ele voltou junto do outro médium. Eu aproximei-me também e vi que o desenho representava o rio Nilo. O médium pegou na borracha, apagou uma pequena parte do curso do rio e fez uma alteração. Perguntei ao médium da minha paróquia, ainda em transe, se podia dizer-me o que aquilo significava.

E o espírito que falava por ele explicou que, nesse dia, ele estava encarregado de supervisionar o trabalho dos dois médiuns que faziam os desenhos. O desenho mais importante estava a ser feito naquele momento — o curso do Nilo. O espírito de um dos príncipes egípcios tinha levado o médium a desenhar o rio tal como era na altura deles, mas desde então o rio mudou de leito por causa dos depósitos de areia. E era precisamente a partir de um desses pontos que se iam tirar as medidas para encontrar os túmulos. Foi por isso que ele tinha influenciado o rapaz a vir comigo à cidade nesse dia.

Quando os desenhos ficaram concluídos, pediram-me que fizesse cópias de todos e que deixasse um conjunto selado num local específico. Um dos príncipes ditou-me então uma declaração que eu tinha de assinar e juntar aos documentos. Dizia assim:

"No ano de 1924 fui informado sobre a existência dos espíritos de dois antigos príncipes — que se chamam Arras e Isaris. Recebi deles vários desenhos e declarações com informações sobre as suas vidas e o seu destino. Fui encarregado de ir ao país deles e abrir os seus túmulos, bem como desenterrar os locais soterrados. Este material foi-me delegado entre 1 de fevereiro e 1 de maio de 1924.

Isaris declara, por si e por Arras: 'Seguindo instruções, demos-te a conhecer aquilo que fomos orientados a revelar, para que encontres os nossos túmulos. Cabe-te a ti cumprir esta missão. Trabalhaste com fidelidade, tanto do ponto de vista espiritual como psíquico. Agradecemos-te por isso. Pedimos-te que continues, e agora despedimo-nos. Voltaremos apenas mais uma vez — no dia em que a nossa previsão se cumprir e for reconhecida como parte da história, não apenas por ti, mas por todos.

'Reza por nós. Gott zum Gruss! [A saudação de Deus]
Quando estiveres diante das nossas sepulturas e encontrares os nossos restos mortais, nós lá estaremos. A nossa missão aqui está cumprida. Gott zum Gruss — até podermos falar contigo outra vez.'"

Assinei esta declaração e juntei-a aos outros papéis egípcios.

Aproveitei ainda para fazer algumas perguntas sobre o tema, e recebi esta resposta:

"Tudo o que diz respeito ao local onde os túmulos estão foi incluído nos desenhos; os detalhes mais específicos só to poderemos dar quando estiveres lá. Agora é só uma questão de levares a missão até ao fim. Basta procurares os túmulos e vais encontrá-los. Lá dentro vais encontrar vários objetos culturais semelhantes a outros que já foram descobertos — por isso, não têm um valor especial em si. O que realmente importa é o 'Apelo ao Povo' e o 'Pergaminho' com as leis da 'Magia Branca', sobre comunicação com os espíritos, e também instruções para curar doenças. Há também receitas para produzir substâncias a partir de plantas, sais e outras coisas, com as quais se podem conservar materiais e fabricar tecidos duradouros. Há também ouro e dinheiro — mais do que suficiente para cobrir todas as despesas.

O teu destino não será como o de muitos outros que abriram túmulos e morreram pouco depois, porque, embora cada túmulo tenha a inscrição 'Aquele que violar esta sepultura ou inspirar a sua violação sofrerá grande desgraça', tu vais em nome de Deus e vais escavar em nosso nome, com a ajuda de Deus. Por isso, nada de mal te acontecerá.

Perguntas-me sobre os caracteres nos desenhos. São de tipos diferentes, porque na altura não se usava a mesma escrita em todas as regiões. É a escrita do nosso tempo; tu não a consegues ler nem escrever. Eu até podia ditar-te letra por letra, mas não adiantava, porque cada letra pode representar uma palavra inteira ou apenas um som. A mesma escrita aparece nos nossos túmulos, palácios, nas pedras, colunas e paredes. Os vossos estudiosos podem partir a cabeça com estas pedras, mas não vão conseguir decifrar a escrita. Talvez um ou outro te diga que aquilo parece egípcio, por reconhecer um símbolo aqui ou ali, mas a maioria vai dizer que perdeste o juízo e vão pôr-te entraves. O nome do Grande Rei sob o qual governámos como príncipes da federação era 'AM-EL'. Morreu depois de nós os dois, e o túmulo dele ainda não foi encontrado. No Egito existem cerca de 10.000 túmulos de reis, príncipes e nobres — sem contar com os de outras pessoas. Por isso, podes ter a certeza de que ainda há muitos túmulos por descobrir."

Mais tarde, em várias sessões com os médiuns da minha paróquia, voltei a perguntar sobre esta revelação egípcia, para saber quando é que os túmulos seriam encontrados. E a resposta foi: "Isso acontecerá no tempo certo. Vão

ocorrer acontecimentos mundiais que vão trazer essa questão à tona. Neste momento, essa busca não é viável e haveria de custar a vida de muita gente , por razões que vocês, humanos, não conseguem compreender. Os grandes desígnios que Deus quer realizar com isto estão muito para além do entendimento humano."

Dediquei tanto espaço a contar esta história sobre o Egito com base nos documentos que tenho em minha posse porque, quando chegar a altura certa, este relato vai servir de prova de que todos os detalhes foram realmente previstos com precisão. Pessoalmente, acho que a descoberta destes túmulos será uma das provas mais fortes para a ciência moderna sobre a veracidade do que está neste livro. Mesmo os cientistas mais céticos e hostis à ideia de um mundo espiritual não vão conseguir ignorar uma evidência destas — vão ser obrigados a reconhecer o seu valor real. Mas isto, claro, é só a minha opinião. Não me foi dada mais informação sobre o verdadeiro significado da descoberta dos túmulos, mas recebi confirmação adicional através do médium da cidade, que me disse que o príncipe que se identificava como "Arras" também tinha usado o nome de "Hario".

Se pensarmos calmamente sobre todos estes exemplos que contei — e que, atenção!, representam só uma pequena parte das experiências que tive nesta área —, tornar-se-á óbvio para qualquer pessoa que isto não pode, de maneira nenhuma, ser explicado com os argumentos habituais de "processos naturais." Estes fenómenos não se devem nem a "sugestão", nem a "transmissão de pensamento," nem ao "subconsciente," porque nem os médiuns, como pessoas comuns, nem outras pessoas à volta, tinham qualquer conhecimento disto.

Coisas que nunca estiveram na consciência de alguém não podem simplesmente aparecer no seu subconsciente — tal como eu não posso transmitir a outra pessoa pensamentos ou palavras que eu próprio não tenho. Termos como "sugestão," "subconsciente" e "transmissão de pensamento" são, neste contexto, normalmente só isso mesmo — termos. Usam-se como se tivessem um significado científico profundo, mas, na verdade, impressionam é quem não está habituado a pensar por si próprio. Na prática, são palavras vazias, sem um conceito que se aplique verdadeiramente. Como se costuma dizer: "Quando não se tem um conceito, arranja-se uma palavra que pareça servir."

Quanto à tal "transmissão de pensamento," já tentei muitas vezes, antes de os médiuns entrarem em transe e até durante o próprio transe, passar-lhes os

meus pensamentos da forma mais concentrada possível. Mas nem uma única vez o que eles disseram depois teve qualquer relação com os pensamentos que eu tentei transmitir. Também levei outras pessoas a tentar o mesmo — combinávamos todos um tema específico e concentrávamo-nos nele, para ver se o médium dizia alguma coisa relacionada. Mas nunca resultou. Nenhuma dessas tentativas deu em nada. E, no entanto, aquilo que os médiuns me diziam — gente simples, sem estudos nem qualquer experiência em assuntos académicos — ultrapassava largamente todo o conhecimento humano sobre esses temas.

Só há uma explicação que faz sentido: existem, de facto, seres espirituais, extraterrenos, que usam estes médiuns como instrumentos para nos convencerem de que há um Além, de que existe Deus e de que existe um mundo espiritual. E fazem isso para nos orientar no caminho que nos leva até Deus. As explicações sobre "as leis da comunicação com os espíritos" e sobre "as grandes questões da Vida e do Além" que vêm nos capítulos que se seguem vão emprestar muito mais evidência e exemplos destas verdades.

SEGUNDA PARTE

AS LEIS QUE GOVERNAM
A COMUNICAÇÃO DO ESPÍRITO COM A CRIAÇÃO MATERIAL

OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Eu cheguei a perceber que tudo que Deus ordenou é eternamente válido. Nada lhe pode ser acrescentado e nada lhe pode ser subtraído. Deus providenciou isso para que O possamos reverenciar. (Eclesiastes 3:14)

Já no primeiro contacto que eu fizera com o mundo espiritual, me tinha sido prometido que seria instruído nas *leis* que regem as maneiras por que a comunicação dos Espíritos com o mundo material, e especialmente com a humanidade, ocorrem. O cumprimento dessa promessa viria a ser para mim uma nova e irrefutável prova da verdade do que aprendera anteriormente com essa fonte. Eu próprio nada conhecia dessas leis e muito menos os médiuns, que eram inexperientes em todos os ramos da ciência; daí que fossem incapazes de transmitir quaisquer ensinamentos sobre a questão do conhecimento do que os envolvia a eles próprios.

A promessa que me fora dada foi cumprida em muito mais vasta medida do que eu tinha ousado esperar. A instrução que recebi sobre as leis relativas à comunicação com o mundo espiritual apresentou uma clareza e um poder de convicção inerente apenas à verdade. Todas as minhas perguntas foram exaustivamente respondidas, até ao menor detalhe. Jamais encontrei o menor indício de contradição no que me foi ensinado. Tudo se enquadrava, como no mecanismo de um relógio de alta qualidade. O meu instrutor foi o mesmo espírito que por ocasião do nosso segundo encontro tinha prometido iniciar-me em cada aspeto da verdade, e que utilizava como seu médium o mesmo rapaz de então. O facto de o rapaz possuir apenas uma educação média também conferiu crédito às palavras do Apóstolo Paulo: *"Deus escolheu o que o mundo chama de tolo para envergonhar o sábio; e as coisas que o mundo chama de humildes e dignas de desdém foram escolhidas por Deus para aniquilar aquilo que ao mundo parece grandioso, para que nenhum mortal se vanglorie das suas próprias realizações diante de Deus." (I Coríntios 1:27-28)*

"Vocês mortais," começou o espírito os seus ensinamentos, "parecem presumir que somente o mundo da matéria se encontre sujeito a leis. Isso é um erro, pois Deus é tanto um Deus de lei e de ordem na criação espiritual quanto

na terrena. Nas suas ações Ele observa as leis que Ele definiu, e não desconsidera nenhuma. Assim também nós os espíritos devemos observar as leis da natureza ordenadas por Deus sempre que desejamos comunicar com o mundo material. Isso é verdade em relação tanto ao mundo espiritual bom quanto ao mundo do espírito do mal.

"Vocês têm o hábito de chamar de "milagre" tudo quanto não conseguem explicar pelas leis da natureza conforme as concebem. Para aqueles que se acham familiarizados com as forças que atuam no mundo material e espiritual, não existe tal coisa como "milagre," pois tudo acontece de acordo com as mesmas leis imutáveis, nenhuma das quais substitui ou altera as demais.

"Se ergueres uma pedra com a mão, a lei da gravitação, como vocês lhe chamam, que atua sobre a pedra não é, pois, anulada, mas é superada pela força superior da tua mão. Se, no entanto, uma pedra for erguida *por uma mão para vós Invisível, vocês considerariam isso um "milagre" por não* poderem *ver a força* e, consequentemente, poderiam pensar que a pedra estivesse a subir *por sua própria iniciativa. E, no entanto, em ambos os casos uma força deve achar-se presente* que faça com que a pedra seja erguida. O facto de poderem ver ou não a força não afeta o processo em si mesmo. *Em ambos os casos, a força de gravitação que atua sobre a pedra é superada por uma força mais forte.*

"Até mesmo o próprio Deus, em consequência das leis estabelecidas pela Sua Própria Omnipotência, não pode fazer com que uma pedra se eleve. Ele pode ter feito Matéria sujeita a diferentes leis; mas tendo criado leis que governam todos os acontecimentos terrenos conforme eles são. Também Ele precisa, sempre que uma pedra precisar ser erguida, implementar uma força maior que a da gravitação que atua sobre a pedra.

"A mesma coisa é válida em todos os campos. Também não ocorre nada de 'miraculoso' quando o mundo espiritual comunica convosco, mortais, e lhes fala. Sempre que eu falo contigo por meio deste garoto, eu faço-o de acordo com leis fixas, que devo observar e que precisam ser observadas da mesma maneira por qualquer espírito maledicente que fale através dele.

"Vê os vossos telefones! Quantas leis da natureza precisam ser cumpridas para que uma conversa possa ocorrer! Precisam dispor de uma corrente. Precisam instalar fios e outros elementos necessários para a transmissão da voz. Eles precisam estar em correspondência com as leis de eletricidade e da acústica. Não faz diferença se o telefone é usado por um bom cidadão ou por um

criminoso; ambos encontram-se sujeitos às mesmas leis da comunicação por telefone.

"Para que possas entender as coisas que testemunharás no domínio da comunicação espiritual, é importante que aprendas sobre as leis mais importantes que comunicação entre o mundo espiritual e a criação material envolve. Quando tiveres compreendido essas leis, serás capaz de compreender aquilo com que te vais deparar neste campo, coisas que até agora vos parecem tão inexplicáveis a vós, mortais.

A LEI DA "FORÇA ÓDICA," OU FORÇA VITAL

"Por causa das naturezas distintas que apresentam, espírito e matéria não podem agir um sobre o outro diretamente. Nem mesmo o teu próprio espírito é capaz por si só de ativar um membro ou um órgão do teu corpo. Nem mesmo eu, que tomei posse do corpo do rapaz, posso fazer com que o seu corpo se sente ou eleve as mãos, ou produza um som com os seus órgãos da fala por ação dos meus próprios esforços somente. Para operarmos essas coisas, o teu próprio espírito do mesmo modo que eu, exige uma *corrente de energia.*

"Da mesma forma, o operador de uma máquina requer um fornecimento constante de uma energia fornecida pelo vapor ou pela eletricidade, se quiser que a sua máquina funcione. Se o fornecimento for insuficiente ou inadequado, a máquina ficará parada. No nosso caso, o espírito é o maquinista. A máquina é o corpo ou a matéria. Se a matéria tiver que ser posta em movimento pelo espírito, será necessária uma corrente elétrica. Os homens eruditos da antiguidade chamavam a essa corrente de poder presente nos seres humanos "alma," distinta do "espírito" e "corpo." Assim, ensinavam, e corretamente, que o homem é constituído de espírito, alma e corpo. A Bíblia chama a corrente de poder ou energia vital de 'sopro vital.'

"...E Deus insuflou nas narinas do homem o fôlego vital; assim se tornou o homem um ser vivo." (Gênesis 2:7)

"Os cientistas de hoje chamam à corrente de poder existente no homem "força Ódica." "Essa força Ódica, ou força vital, existe em e ao redor de todas as coisas criadas por Deus. Todo ser humano, todo animal, toda planta, toda pedra, todas as águas, todos os corpos celestes, todos os espíritos e todas as coisas existentes possuem força Ódica. Não é nada material, mas espiritual e sempre se

acha associado a um espírito. É a força vital do espírito, que é, pois, sempre o seu transmissor. Portanto, onde quer que haja vida, existirá Od, e onde quer que haja Od, haverá espírito. Como essa força Ódica existe nas coisas e em torno das coisas criadas por Deus e está sempre associada ao espírito, segue-se que existe espírito em tudo na criação.

"Isso poder-te-á soar incrível, mas é verdade.

"Qualquer espírito associado a um corpo material possui, antes de mais, a força Ódica necessária *para a sua própria existência enquanto espírito,* e depois, de suficiente *força Ódica adicional* para induzir vida, crescimento e atividade no corpo terreno. Do mesmo modo, para fazer uso de uma parábola terrena inadequada, uma locomotiva requer uma certa quantidade de energia sob a fora de vapor para se colocar em marcha e uma certa quantidade de vapor adicional para poder puxar as carruagens acopladas a ela. A carruagem acoplada ao vosso espírito é o vosso corpo, para o qual o vosso espírito requer um poder Ódico adicional especial.

"No entanto, o Od reservado ao organismo difere do que é reservado para o espírito, uma vez que tudo o que deve agir sobre a matéria deve ser absorvido e adaptar-se a ela em certa medida. Daí que o Od dos corpos terrenos seja menos espiritual que o dos espíritos que os habitam.

"O Od físico assemelha-se às vossas correntes de energia terrena, que não são nem puramente materiais nem puramente espirituais. A vossa verdadeira natureza é-lhes desconhecida, embora vocês experimentem o seu efeito com base no dia-a-dia.

"Para as vossas correntes terrenas de energia vocês empregam condutores materiais, concebidos para transportar uma corrente de força mais adequada às vossas necessidades. Vocês têm máquinas e equipamentos de todos os tipos e usinas cuja operação requer corrente de uma certa intensidade. Se a corrente for muito poderosa, destruirá o vosso equipamento. Se for muito fraca, o equipamento deixará de funcionar.

"Da mesma forma, a corrente Ódica de todos os seres físicos é conduzida por um condutor ao longo de todo o corpo com todas as suas maravilhosas unidades, que vocês chamam órgãos, na intensidade necessária. Se a corrente exercer um efeito demasiado potente sobre um dado órgão, gerará desordem. Se for demasiado fraca, as funções do órgão cessarão.

"O sangue é o condutor da força Ódica. Se o condutor for destruído pela perda ou decomposição do sangue, a corrente Ódica também cessa, tal como as vossas correntes de energia deixam de fluir quando os seus cabos são danificados por agentes externas ou pela corrosão.

"Por o sangue ser o condutor do Od, e, portanto, a vida física é impossível sem sangue, a Bíblia chama o sangue de "base da vida:" "O sangue é a base da vida." (Deuteronómio 12:23)

"O Od *físico* não é *criado* pelo espírito do respetivo órgão, mas é derivado do alimento ministrado a esse corpo.

"Para que possas entender o que tenho a dizer mais sobre a energia Ódica, preciso explicar-te a *natureza da matéria.* Já tentaste entender como os corpos de vida dos organismos são formados? Considera o teu próprio corpo e o seu crescimento! Terá sido, por hipótese alguma, criado pelo acrescento de uma substância acabada, tal como uma casa é construída colocando uma pedra sobre a outra? Tu sabes por ti próprio que o teu corpo não foi criado dessa maneira. O corpo não é nada além de Od *condensado na matéria,* e isto é válido para todos os corpos, não só os dos seres humanos, mas também os dos animais, plantas e minerais. O seu crescimento e a sua forma material acham-se sujeitos a essas mesmíssimas *leis da condensação Ódica.*

"O Od dos organismos materiais das pessoas compreende uma mistura de Od das mais diversas forças e tipos, produzida por leis maravilhosas que não são do vosso conhecimento mortal. A mistura é diferente nos seres humanos da dos animais, diferente nos animais do que nas plantas, e diferente nas plantas do que nos minerais. Essa diferença na mistura do Od não se verifica apenas entre os estágios primários da natureza, mas também entre organismos individuais dentro do mesmo estágio. Assim, a composição Ódica das diversas raças humanas difere: a do negro não é igual à do branco ou do índio.

Além disso, nem todos os membros da raça branca têm a mesma composição Ódica. Isso também é verdade com relação a todas as outras raças da humanidade. Cada indivíduo tem a sua própria composição Ódica. Não há, pois, dois seres humanos com exatamente o mesmo Od, e o mesmo se aplica aos animais, plantas e minerais.

“Uma vez, pois, que a estrutura física de um organismo vivo resulta da condensação da mistura Ódica peculiar a esse organismo, cada corpo tem as suas próprias propriedades físicas individuais. Em cada ser vivo, carne, ossos, unhas, cabelo e todas as outras partes do corpo têm as suas características, que se baseiam na composição Ódica do indivíduo em questão.

"Aos vossos olhos humanos, é um dos segredos profundos da natureza como o Od, o qual existe numa forma etérea e é invisível a vós, pode ser condensado em matéria tangível. Que lhes é possível pela vossa própria experiência diária, pois vocês podem ver que o vosso corpo não cresce por ação da aplicação direta de matéria acabada. Vocês sabem que a bolota não se transforma num carvalho por ter mais e mais pedaços de madeira de carvalho agregados a ela, mas que o seu crescimento representa um processo que ocorre dentro do organismo. Vocês sabem, além disso, que o alimento que vocês ingerem não se adere às superfícies internas do vosso corpo e promovem o crescimento dessa forma, mas que um factor desconhecido flui em todas as partes, grandes e pequenas, de todo o vosso corpo, condensando-se em carne, osso, unhas, cabelo e outros tecidos, e que ao se condensar assim se torna matéria. Esse 'algo,' que vocês não conhecem, é 'Od'.

"De onde é que, poderão vocês perguntar, esse Od, que é tão necessário à formação e suporte de todos os seres vivos, vem? Vocês podem encontrar o resposta por vós próprios, se pararem para pensar sobre quais são as necessidades da vossa existência física: vocês precisam de ar, de água e de comida. Mas nem tudo quanto se encontra presente no ar, na água nem na comida pode ser utilizado pelo corpo. Sobretudo, isso não pode ser assimilado pelas diversas partes do vosso corpo na forma em que existe no ar, na água ou na comida, ou seja, na sua forma material. Até o próprio ar é matéria. Tudo deve primeiro ser convertido numa *forma etérea*, e conduzido na forma de Od a todas as partes do corpo, grandes e pequenas.

“A conversão dos nutrientes materiais em Od ocorre por meio da dissolução que ocorre nos vossos corpos durante o *processo de digestão.* O ar que vocês respiram compreende uma mistura material de Od, a partir da qual os vossos pulmões extraem apenas as partes do Od que os vossos corpos requerem, exalando aquelas que eles não podem usar, pelo processo da respiração. A água também tem uma composição de Od própria. O Od de água é necessário, acima de tudo, aos corpos dos seres humanos, animais e plantas, por esses corpos serem, na sua maior parte, uma condensação do Od retirado da água. Portanto, o Od da água predomina nos alimentos derivados dos reinos

vegetal e animal, de modo que quando vocês comem esse alimento, vocês geralmente também recebem a quantidade necessária de Od da água. Devido a que o Od de água desempenhe um papel tão importante em todos os corpos, eles não podem ficar sem ele por muito tempo. Aqueles profissionais que praticam o jejum podem passar sem alimentos sólidos durante semanas a fio, mas se não tivessem água, logo morreriam. Pela mesma razão os animais e plantas morrem quando negada a chance de água durante um período prolongado.

"Agora também já podes entender porque a tortura da sede é a maior tortura que qualquer ser vivo pode experimentar; constitui a morte e da forma mais dolorosa.

"O Od do ar é necessário não tanto para construir a estrutura do corpo, mas principalmente para produzir as diversas correntes de energia que transportam a dissolução da comida e a sua conversão em comida, a mistura dos diversos tipos de Od e, finalmente, a sua condensação final na matéria do corpo. Toda dissolução é causada por correntes Ódicas *quentes* e toda condensação pelas *frias*. Por essa razão, vocês não podem viver mais do que alguns momentos sem o Od do ar, pois onde este estiver ausente, todas as outras atividades Ódicas cessam automaticamente.

"Agora, ainda necessitamos de resposta para a questão: de onde é que vem o Od que encontramos no ar, na água e nos alimentos?

"Vem da terra, que, enquanto corpo celeste possui uma mistura Ódica e uma radiação Ódica que contém todo tipo de Od necessário para o suporte de todos os seres vivos existentes nela. O Od terrestre consiste no Od peculiar à terra enquanto corpo celeste; além disso, a terra absorve na sua própria mistura Ódica, a radiação Ódica de todos os corpos celestes que se situam na extensão da terra. Cada um desses corpos celestes tem um Od peculiar a si próprio, de uma natureza e composição não encontrada em nenhum outro corpo celeste.

"De acordo com a posição desses corpos celestes em relação à terra, a sua radiação Ódica terá um efeito maior ou menor sobre ela, e uma vez que a posição dos corpos celestes em relação uns aos outros muda a cada segundo, e as radiações Ódicas enviadas para a terra por esses corpos variarão em conformidade. A fusão do Od da vossa terra com o dos corpos celestes existentes ao seu redor é da maior importância para a vida e o crescimento na Terra. Também precisas lembrar-te de que todo tipo de Od possui poderes

peculiares a si próprio. Na medida, pois, em que o Od físico de uma criança no momento do seu nascimento se encontra sob a forte influência unilateral do Od de um ou mais corpos celestes, a própria composição Ódica da criança será afetada. Na hora do nascimento, essa composição ainda é, por assim dizer, bastante neutra, mas nesse momento é fixa uma tendência permanente pelas radiações Ódicas e misturas que atuam sobre ela.

"Se, ao produzirem uma mistura num copo, vocês despejarem uma grande quantidade de uma substância, isso reduzirá as quantidades que poderão acrescentar de outras substâncias. Toda a mistura será então caracterizada por aquela substância de que vocês adicionaram uma grande quantidade -- na cor, no odor, no sabor e noutras características externas. Vocês não podem mais tarde reduzir a quantidade da substância que adicionaram me demasia, nem podem diluí-la adicionando grandes quantidades de outras substâncias, por o copo não pode ser cheio além da sua capacidade.

"O mesmo se aplica à mistura do Od de um recém-nascido. O quantidade total de Od é predeterminada e não pode ser aumentada. Se, agora, um tipo de Od particular constituir o principal componente do todo, ele irá determinar o crescimento e o desenvolvimento do bebé para sempre. Uma vez que os diferentes tipos de Od desenvolvem, cada qual, energias vitais completamente individuais, a natureza particular do principal componente do Od dará ao recém-nascido -- além das suas características físicas individuais -- um conjunto individual de traços de carácter.

"Não é, pois, nem superstição nem fantasia vã presumir que se pode tirar conclusões sobre a natureza física e o carácter de uma pessoa a partir do instante do seu nascimento. A influência do Od dos corpos celestes sobre a vossa vida na terra, sobre as vossas energias vitais, o vosso caráter e o vosso temperamento é muito maior do que vocês imaginam. Vós próprios têm um ditado: 'Ele nasceu sob uma estrela da sorte (ou azar).' Isso se refere ao efeito exercido pela radiação Ódica de um corpo celeste sobre os seres vivos no momento do seu nascimento.

"Tudo isso se acha tão intimamente relacionado com as grandes questões do destino dos seres humanos que eu não poderia abster-me inteiramente de falar sobre isso. Todos os corpos de seres terrestres são, pois, Od condensado, derivado da radiação Ódica da terra e dos seus corpos celestiais circundantes. Um exemplo tirado da natureza irá ilustrar-te esse processo de dissolução e condensação:

“Tu sabes que a humidade do solo e dos leitos de água evapora sob a influência do calor, embora isso geralmente seja impercetível aos vossos olhos. A uma certa altura acima da terra, o vapor, que era invisível nos níveis mais baixos, condensa-se num véu de névoa fino, pouco percetível. À medida que a condensação progride, esse véu torna-se claramente visível como uma nuvem, que se torna cada vez mais densa sob a influência do frio, até que, depois de condensar ainda mais, se precipita de volta à terra sob a forma de chuva ou neve. Se a água arrefecer ainda mais, ela condensa-se em gelo e torna-se num sólido. Nisso tens a condensação, passo a passo, de uma substância etérea invisível aos vossos olhos numa matéria sólida, que você pode não só ver e tocar, mas que também exibe uma resistência considerável. Assim, a camada de gelo que cobre os vossos córregos, lagoas e rios é água solidificada, da mesma composição e propriedades distintas que a água a partir da qual é formada e que por sua vez é o vapor condensado.

“Assim, tal como o vapor sobe da terra e passo a passo se transforma em matéria sólida como gelo, apenas para se dissolver novamente em água e voltar ao estado de vapor, também sucede o mesmo com todos os corpos terrenos. Eles são derivados do Od da terra, invisível para vós, que se condensa em matéria pelo processo de crescimento e que retorna ao Od da terra após a morte dos organismos vivos. As palavras 'da terra tu és, à terra tu hás de voltar,' pois, aplicam-se a todos os seres terrenos. Este é o ciclo contínuo que perdurará até que toda a matéria seja finalmente dissolvida em Od e não volte a condensar-se em corpos materiais. Mais tarde, terei mais a dizer sobre isso.

"Pelo que eu disse, poderás deduzir que em cada ser terrestre existem três formas de Od: o Od do espírito incorporado nesse ser; aquele que se acha um pouco mais condensado de que ainda é invisível ao olho humano e que constitui a força vital do corpo; e o Od que se tornou matéria sólida, que vocês chamam o corpo. O Od que representa a força vital do corpo permanece sempre ligado ao Od do espírito e, portanto, ao próprio espírito. É o 'combustível' corporal que se encontra sob o controlo do espírito, tal como a vossa corrente terrena de alimentação constitui o 'combustível' que se encontra às ordens do engenheiro. Se, por conseguinte, o 'combustível' do corpo for reduzido abaixo da medida necessária para manter a vida, o espírito afasta-se do corpo e segue-se a morte corporal. Da mesma forma, o maquinista abandona a sua máquina quando não consegue mais mantê-la a funcionar por falta de energia.

"Quando os corpos terrenos morrem, a força Ódica permanece com o espírito, por os corpos terrestres não possuírem nenhuma força Ódica independente; apenas os espíritos que tiverem assumido a posse desses corpos possuem tal força.

"No entanto, o espírito pode, com a sua própria força Ódica e através do exercício da sua *força de vontade* fortalecer o Od do seu corpo, que pode ter enfraquecido por ação da doença; pode estimular a atividade de órgãos corporais preguiçosos e assim eliminar a matéria prejudicial ao sistema. Em tais circunstâncias é evidentemente essencial que o corpo enfraquecido evite comer alimentos nocivos, e que promova o efeito do espírito Od por meios de uma dieta saudável. Para usar uma outra metáfora concreta, o espírito neste caso funciona com base na sua própria energia Ódica como uma poderosa bomba de pressão sobre o físico e sobre o condutor da corrente Ódica, ou seja, o sangue.

"Quanta força de espírito poderá uma pessoa infundir no Od físico do seu corpo através da sua própria força Ódica pelo exercício da sua força de vontade, pode ser visto por meio de numerosas ocorrências. Muitas vezes pessoas paralisadas ameaçadas por um enorme perigo recebem tal fortalecimento da sua força Ódica corporal por intermédio da força de vontade do espírito, que se concentra na salvação do indivíduo, pelo que a sua paralisia desaparece e o uso dos seus membros é restaurado pelo menos temporariamente.

"O mesmo efeito é produzido pela elevada esperança de cura de um paciente. Esse é também um acto da vontade e, pela força que ela transmite à força Ódica do corpo, leva a muitas recuperações repentinas, que vocês consideram milagres.

"A força de vontade expressa na coragem, na esperança, na fé e na alegria é, pois, o melhor remédio e, curiosamente, a melhor salvaguarda contra doenças contagiosas. O Od do corpo, reforçado pela força de vontade, forma como que uma parede protetora que impede a entrada de germes nocivos. Quanto maior for a força de vontade, mais forte será essa armadura invisível. A falta de força de vontade, o desânimo, o medo e a timidez de um espírito tem o efeito oposto. Eles agem como uma bomba de sucção que extrai o Od físico, juntamente com o sangue, *de dentro* para fora do corpo e dos seus órgãos, enfraquecendo assim o sistema e pavimentando o caminho para a infeção.

"Assim como o espírito é capaz de conceder força ao corpo físico quando este se tornou enfraquecido pela doença, assim também a força Ódica das

pessoas saudáveis pode ser *transmitida,* e revigorar os doentes. Transmissões Ódicas desse tipo são o que vocês chamam de "magnetização."

"O Od pode ser transmitido por qualquer ser vivo a outro, não só de ser humano a ser humano, como também de seres humanos a animais, plantas e minerais. Ao transmitirem o vosso Od pessoal às plantas vocês podem promover o seu crescimento. Vocês podem magnetizar a água, o óleo e substâncias similares, infundindo-lhes, por assim dizer, o vosso Od, e assim acelerar a recuperação dos doentes que bebem dessa água ou que sejam ungidos com esse óleo. O homem pode igualmente usar o Od das plantas, das bestas e dos minerais para a sua própria cura. *É com base nessa transferência recíproca de Od que as leis do poder de cura da Criação de Deus se baseiam.* Assim, a pele de muitos animais vivos irradia um Od particular que possui poderes de cura. O poder de cura de muitas plantas é amplamente conhecido, embora infelizmente o povo de hoje não esteja tão familiarizado com as propriedades curativas que certas plantas específicas têm de curar diversas doenças como estavam as pessoas dos tempos antigos. O mesmo se aplica aos minerais.

A maioria das pessoas pensa ser superstição acreditar que todas as pedras tenham um poder Ódico próprio, e no entanto é precisamente o Od das pedras preciosas que possui uma incomum pureza e força que revigoram as pessoas que as usam. É naturalmente essencial que o utente selecione a pedra que mais se adequada ao seu Od pessoal, uma que não contenha forças Ódicas que gerem conflito com as próprias radiações Ódicas do indivíduo. Vocês possuem livros que os instruirão adicionalmente sobre a pedra preciosa mais adequada para cada indivíduo, dependendo da data de nascimento do portador.

"Um factor muito importante em toda a cura é a *transmissão de Od de uma pessoa a outra.* Uma criança doente logo se sente melhor quando a sua mãe a aconchega contra o seu corpo, pois ao fazê-lo transmite o seu próprio Od saudável à criança doente e reforça-lhe a Od, que tiver enfraquecido com a doença. Uma pessoa saudável que durma com doentes ou pessoas idosas transmite-lhes uma parte da sua força Ódica. Os seus companheiros de leito doentes ou velhos são, assim, revigorados, enquanto a pessoa saudável vai ficando cada vez mais fraca pelo dispêndio que faz da sua Od. Essa é a razão por que pessoas saudáveis que dormem com pessoas idosas ou doentes durante um período de tempo adotam uma aparência doentia, que é consequência do enfraquecimento da própria força Ódica. Por esse motivo, as crianças não deviam ter permissão para dormir na mesma cama que pessoas idosas.

"A Od *flui através de* todas as partes dos corpos terrenos e irradia mesmo um pouco *além deles.* Esta *irradiação que envolve organismos terrenos* tem sido chamada "aura" pelos vossos cientistas. Tudo na Criação possui uma Aura composta de Od, até mesmo os grandes corpos celestes. O que vocês chamam de gravidade da terra é o seu poder de irradiação Ódica, cujo alcance tem uma relação específica com o tamanho do globo. Isso também é verdade para todos os outros corpos cósmicos. Não há lugar algum no universo que não seja afetado pela radiação Ódica de algum corpo celestial. A aura Ódica envolve o corpo material a uma distância igual de cada ponto. *Por conseguinte, a 'aura' tem a forma do corpo* a que pertence e que engloba. Por essa razão se fala da *"corpo Ódico,"* ou *o" corpo astral,"* ou *o "fluido corporal,"* dos seres materiais, distinto dos seus corpos materiais. É o que a Bíblia chama de *"corpo espiritual."* Não é visível aos vossos olhos corporais, mas os chamados 'Clarividentes' dotados do dom da visão espiritual podem ver essas radiações Ódicas ou "corpos Ódicos."

"O espírito é a fonte da vida, mas o alcance e a atividade das vossas vidas são determinados pela força Ódica associada ao espírito e, portanto, chamado força vital. Esta força manifesta-se nas *vibrações do Od.* Toda a expressão da vida intelectual, toda a expressão de vida que os cerca na natureza, todas as forças naturais constituem *vibrações Ódicas*. Todo pensamento e toda volição são expressas nas correspondentes vibrações Ódicas, postas em movimento pelo espírito, como portadoras do Od. Toda sensação física, toda emoção mental é provocadas por vibrações Ódicas. Todos os tons, cores, odores, sabores e sensações são produzidas por vibrações Ódicas específicas. No mundo espiritual elas são vibrações do *Od etéreo puro;* na criação material, são vibrações do Od na sua forma mais ou menos *condensada.*

"Tudo que vocês vêm na terra, todo o crescimento, todo o florescimento e amadurecimento, todas as correntes de poder e de radiação, eletricidade, rádio, ondas de éter, luz, escuridão, todos matizes de tom, cor, odor, gosto e toque, todas as correntes de poder no universo, a força da gravidade exercida pelos corpos celestes e o seu movimento no espaço -- tudo assenta sobre essas vibrações Ódicas. Um sábio da antiguidade observou: "Tudo se encontra num estado de movimento." Ele deveria ter dito: "Tudo está em estado de vibração."

O grande *segredo divino dos números* baseia-se nas vibrações da força Ódica que fluem através do universo inteiro e impregnam as suas partículas mais ínfimas. Vocês, pequenos humanos jamais entenderão esse segredo. Vocês procuram o *número da unidade* no mundo dos factos, mas não vão encontrá-lo. É verdade que descobriram muitos factos relacionados com esse segredo dos

números. Vocês conhecem o número de vibrações que produzem as notas com que se acham familiarizados, e vocês estão a tentar descobrir o número de vibrações Ódicas em que as cores se baseiam, mas que representará tudo isso no vasto oceano da verdade que lhes é inacessível? Vocês não conseguem abrir os sete selos da Criação de Deus; podem unicamente curvar as vossas cabeças em admiração e reverência diante da sabedoria e da omnipotência do Todo-Poderoso.

"Pelo pouco que eu te disse acerca das vibrações Ódicas, retiremos agora algumas conclusões importantes para os nossos propósitos. Virás a descobrir que é lógico que a *harmonia* nas vibrações Ódicas representa a beleza, a saúde, a felicidade, a paz e a boa fortuna; e a *desarmonia* dessas vibrações deve ser a causa da fealdade, da doença, do sofrimento e da infelicidade. Tal como os tons e as cores dissonantes vos ofendem o sentido estético e, por assim dizer, realmente lhes provocar sofrimento mental, o mesmo sucede no plano espiritual quando um espírito criado perde a harmonia que tinha com o seu Criador.

A desarmonia reflete-se nas vibrações correspondentes do Od espiritual, e produz feiura espiritual, doença, descontentamento e infelicidade; enfim, sofrimento espiritual, que cresce na mesma medida em que a desarmonia do espírito para com Deus aumentar. O extremo da desarmonia, em que o espírito criado e o seu Criador constituem completos contrários, também representa a medida máxima de angústia espiritual e de infelicidade -- o que vocês chamam de inferno.

E já que a máxima desarmonia nas vibrações Ódicas também representa o máximo contraste com a beleza e a luz -- que pressupõem a mais perfeita harmonia -- também o inferno deve ser a condição da maior fealdade do corpo Ódico e da mais profunda escuridão. Estas conclusões são baseadas em leis eternas. Não é Deus que os lança no inferno, mas a desarmonia que geram com tudo que é bom e belo, com tudo o que é espiritualmente saudável e puro, com a luz e a vida. É por isso que o inferno representa a morte espiritual, na qual uma pessoa mergulha, cuja natureza espiritual se encontra em maior contraste com a natureza Divina.

As vibrações Ódicas desarmónicas do espírito são o leme do mergulho do espírito enquanto a harmonia é o leme de elevação. *A tarefa mais importante de todo ser vivo é a de banir essa desarmonia da sua vida espiritual.*

"No entanto, as vibrações Ódicas dos seres vivos são influenciadas não só pelos pensamentos e estados de espírito dos seus *próprios* espíritos, mas também por aquelas de *outros* seres cujas vibrações Ódicas sejam admitidas. Se, por conseguinte, pessoas que tenham um sexto sentido apurado entrarem suficientemente em contacto com as vibrações Ódicas dos outros, elas também admitirão os seus sentimentos ou sensações. Essa lei constitui a base da capacidade de 'sentir o outro," as sensações, o carácter, o modo de pensar e o destino da pessoa.

"Todas as vibrações Ódicas de um ser vivo deixam para trás dos seus próprios corpos Ódicos impressões semelhantes às produzidas pelas vibrações das notas de uma música num disco de fonógrafo, permitindo que essa canção se torne audível uma e outra vez posteriormente, e não simplesmente na medida em que respeita às notas, mas com a mesma expressão de sentimento que o cantor ou cantora tiver imprimido à canção enquanto a cantava. Essa é também a base do poder da memória: quanto mais profundas forem as impressões deixadas nesse revestimento Ódico, mais facilmente poderão ser recuperadas.

"O mesmo processo que ocorre na forma material no caso de um disco de fonógrafo prossegue espiritualmente no caso das sensações impressas na consciência dos que possuem o sexto sentido apurado assim que eles entram em estreito contato com o registo Ódico espiritual do outro. Esse contato produz na sua própria Od as mesmas vibrações, e consequentemente a mesmas sensações, que as presentes nos registos da outra pessoa.

"Do que tu aprendeste ficaste a saber que as vibrações específicas da força Ódica produzem não só um tom específico, mas também uma cor específica, um odor, um sabor e uma sensação táctil. As sensações de frio e calor baseiam-se igualmente em tais vibrações Ódicas. Há pessoas com um sexto sentido tal que conseguem ver um tom como uma cor e que conseguem mesmo indicar as cores pelo sentido do tato, sendo capazes de distinguir diferenças da cor de diferenças da radiação de calor ou frio emitidas pelos diversos matizes. Outros conseguem discernir as emoções de amor ou Odio, de boa ou má vontade, da coragem ou medo, da fidelidade ou infidelidade nos seus semelhantes, não só através de suas próprias sensações, mas das fotos correspondentes coloridas, e por isso são capazes de retratar os conceitos de amor, fidelidade, tristeza, alegria, Odio ou inveja numa imagem colorida. Tudo isso repousa nas vibrações Ódicas que acompanham as suas sensações.

"*Od é, por conseguinte, também o transmissor das nossas sensações físicas*. Consequentemente, se a Od for forçado a sair de um membro do vosso corpo, esse membro também perde todo o sentimento. O Od pode ser forçada a sair de todo o corpo ou de partes do corpo por muitas maneiras. Ela pode ser expulsa pelas pancadas ou por ruturas internas que interfiram com o funcionamento do sangue como o condutor do Od. Os médicos habitualmente expelem o Od por meio de anestésicos. Álcool consumido em excesso também irá causar a expulsão do Od e, assim, trazer parcial completa insensibilidade. A sensação do sentir retorna assim que o corpo se livrar dessas substâncias estranhas.

"Pelo contrário, o sentimento persiste mesmo depois de um membro *corporal* ter sido separado do seu corpo, por o *corpo Ódico* de um ser terrestre permanecer intacto, mesmo depois de uma parte do corpo corporal ter sido removida. Uma pessoa que tenha perdido uma perna, por conseguinte, ainda tem a perna Ódica, e uma vez que o Od é o transmissor do sentimento, a pessoa muitas vezes sente-se como se não tivesse perdido o membro corporal de todo, mesmo depois de ele se ir. Ela sente dores no joelho, nas barrigas da perna, nos calcanhares ou nos dedos do pé, numa perna que não faz mais parte do seu corpo. Alguém que tenha sofrido uma amputação irá dirá tal coisa.

"Por o Od permanecer com o espírito quando este deixa o corpo pela morte corporal e ser o transmissor das sensações físicas, é possível que o espírito desencarnado experimente as mesmas sensações que experimentava enquanto ainda habitava o corpo material. Por essa razão os espíritos dos que partiram são capazes de sentir uma dor tão aguda quanto podiam durante a sua terrena vida.

"Os espíritos dos falecidos que, por causa das vidas que eles levaram se tenham comprometido (ou submetido a) uma esfera baixa (inferior) acreditam que ainda habitam a terra como seres humanos. Isto porque: primeiro, eles ainda têm as mesmas sensações tinham enquanto seres humanos vivos; segundo, eles olham para os seus corpos Ódicos como corpos de carne e sangue, por o corpo Ódico ter exatamente o mesmo formato e a mesma aparência que o material; e, finalmente, eles perderam toda a lembrança da sua morte corporal.

"*O Od de todo ser vivo tem um odor característico*.

"Dado que o Od é espiritual na sua natureza, o seu odor é percebido através dos poderes espirituais da perceção e não através do sentido físico de

olfato. O odor do Od de todo ser vivo é diferente do de qualquer outro. Tal como não há dois indivíduos com o mesmo corpo e as mesmas características, também não há dois seres humanos que tenham o mesmo Od e o mesmo odor Ódico.

Como todo o espírito, até mesmo um sem corpo, possui um corpo Ódico, por isso, do mesmo modo, os espíritos desencarnados têm o seu próprio cheiro Od característico, que é o mais desagradável, o mais baixo para o espírito. É por isso que os livros antigos, quando referem da aparência do diabo, falam da sua chegada com um vil fedor.

"Devido ao facto de o Od se estender para além do corpo sob a forma da aura, ele pode ser percebido pelos outros pelo seu cheiro. Parte do odor Ódico de um ser vivo adere a todo objeto que as vossas radiações Ódicas toquem.

"É pelo cheiro Ódico que um cão pode dizer dos pertences de seu mestre e rastrear, e os cães policiais podem perseguir criminosos. Somente quando a trilha original tiver ficado turvada por outras posteriores cujo odor Ódico seja fresco é que se torna difícil ou impossível seguir a velha trilha.

"A radiação Ódica de um organismo vivo com o seu aroma característico adere, não só à matéria grosseira com que entrou em contato, mas também com substâncias finas tais como o éter através do qual o organismo passou. Assim, tudo na Criação deixa para trás um rastro Ódico da sua presença que liga a data da sua entrada na existência e o último dia da sua vida.

"Eu posso explicar melhor isso com um exemplo material. Se um vagão repleto de uma substância finamente moída [por exemplo, farinha] for conduzido ao longo de uma estrada, e uma corrente constante dessa substância vazar através de uma rachadura no fundo do vagão para o solo, o curso percorrido pelo vagão pode ser rastreado seguindo a trilha da substância, que é como uma faixa que liga o ponto de partida do vagão com a do seu destino.

"Tal faixa é formada pelo Od emitido de cada criatura pelo caminho que percorre ao longo da vida. É a trilha pela qual as aves migratórias encontram o caminho de volta para os seus países de origem e a andorinha encontra o mesmo teto sob o qual tinha certa vez construído o seu ninho. A sensibilidade Ódica dessas criaturas acha-se extremamente bem desenvolvida. Vocês chamam isso de "instinto" animal. Mas esse instinto é ativo somente enquanto eles se encontrarem *de saúde.* Os animais enfermos, devido ao enfraquecimento dos

seus poderes Ódicos, perdem a sua sensibilidade Ódica de seguir as suas próprias trilhas ou a trilha de outra criatura. Por essa razão aves migratórias que estejam de má saúde não conseguem encontrar o caminho de casa, e um cão doente não consegue seguir a trilha do seu mestre nem a sua própria.

"Há também os seres humanos, cuja sensibilidade Ódica é tão grande que eles conseguem perceber o odor Ódico de outro indivíduo a alguma distância e achá-lo agradável (acham a pessoa simpático) ou repulsiva (não gostam da pessoa), mesmo que nunca se tenham encontrado ou não tenham conhecido o indivíduo em questão. A atração mútua ou repulsão "à primeira vista" é apenas a reação à sensibilidade Ódica. Daí a expressão popular: "Eles não se suportam uns aos outros." [Em Alemão: Sie können sich nicht *riechen.* 'Eles não suportam o *cheiro* um do outro."]

"O Od é uma das coisas mais maravilhosas na criação de Deus. A faixa Ódica não só os mantém em contacto com tudo com vocês tenham entrado em contacto na vida, mas também reflete a vossa vida inteira: toda experiência, todo ato, toda palavra, todo pensamento vosso *é reproduzido por ele como num filme.*

É o "*Livro da Vida*", em que tudo é gravado. É um *registo fotográfico* que mantém e reproduz tudo. É um filme que não mente, e cujas revelações não podem ser negadas. É a evidência pela qual vocês um dia serão julgados pelo vosso Criador.

"Por o *destino* de todo ser terrestre estar *predestinado e se achar impresso na sua Od desde o início,* e poder ser visto tanto no corpo Ódico como um todo, assim como em cada partícula da Od. O destino de um ser, portanto, pode também ser lido nas partículas Ódicas que aderem como emissões a tudo aquilo com que esse ser tenha estado em contato.

"Nem tudo o que vocês fazem ou sofrem na vida é predestinado. A maior parte resulta da autodeterminação do vosso próprio livre arbítrio. Só o percurso geral das vossas vidas, juntamente com alguns pontos de mudança ao longo desse caminho, é predestinado. Aquilo que você fazem durante esse percurso e a forma como vocês agem nesses momentos decisivos de mudança fica ao vosso critério. Cabe a vós decidir por ser da vossa responsabilidade. *A vossa vida tem um único propósito: elevar o vosso espírito a um nível superior na senda que* lhes *foi traçada, que os leva para mais perto de Deus. O vosso caminho através* da *vida constitui um de vários testes.* A sua natureza e duração são previamente fixadas; isso vocês não podem mudar. Os pontos de mudança nesse percurso são

exames intermédios e a morte corporal representa o fim do percurso. Quer cumpram com o vosso dever ao longo do caminho predestinado ou não depende do vosso livre arbítrio. Quem passa o exame final, o seu espírito continuará a progredir no Além até que atinja o seu objetivo final: a união com Deus. Quem não passar nos testes precisa submeter-se outra vez até que possa passá-los. Passar ou deixar de passar, não está predestinado, mas depende do vosso próprio mérito ou imperfeições.

"As religiões cristãs não reconhecem esta verdade. Eles não sabem que o Criador funciona como um arquiteto que primeiro elabora os planos segundo os quais um edifício venha a ser construído. Esses planos não apresentam todos os detalhes da *construção interior* do edifício ou dos *materiais* a serem utilizados para esse fim, mas tão só os *contornos exteriores*.

"De uma maneira semelhante, Deus traçou as linhas principais para a estrutura da vida de cada indivíduo, de acordo com as quais a vida é fixa em linhas gerais, *deixando a cada pessoa liberdade para decidir acerca dos detalhes interiores*.

"Há muitas referências na Bíblia para o facto do destino do homem estar predestinado. *"O homem não conhece nem mesmo a hora em que lhe foi definida.' (Eclesiastes 9:12) "Todos os dias da minha vida foram estabelecidos no teu livro antes que eles tomassem forma.' (Salmo 139:16)*

E no Livro do Eclesiastes vocês leem ainda:

"Tudo o que acontece foi determinada há muito tempo atrás, e desde o início que foi definido o que uma pessoa vai experimentar, e ninguém poderá exigir uma explicação Àquele que é mais forte. O assunto é muito falado, mas isso é inútil, para quem sabe o que será bom para uma pessoa na vida?' (Eclesiastes 6:10-12) "Meu destino está nas tuas mãos." (Salmo 31:16)

O profeta Jeremias enuncia o seguinte:

"Oh, Senhor, eu sei o destino do homem não está nas suas próprias mãos e que uma pessoa que percorre a vida não pode dirigir os seus próprios passos." (Jeremias 10:23) "A sua ruína apressa-se a chegar.' (Deuteronómio 32:35)

"O nascimento e a morte e o tempo intermédio que se encontra entre eles estão predestinado e além do controlo do homem. Ninguém, nem mesmo um

médico, pode pois, salvar a vida de uma pessoa. Cada pessoa morre no momento designado.

'Ninguém tem poder sobre o dia da sua morte.' (Eclesiastes 8:8)

Cristo confirma essa verdade com as seguintes palavras:

"Quem haverá de entre vós que, com todas as suas preocupações possa prolongar o seu tempo de vida previsto por um único período?' (Mateus 6:27)

O Senhor disse a Moisés:

'Vê, o tempo está próximo em que deves morrer.' (Deuteronómio 31:14)

"Assim como um arquiteto humano pode fazer alterações aos seus planos originais de construção, assim é no reino das possibilidades de Deus, *por meio de exceção*, de modo a permitir alterações no destino de alguém. Só *Ele* pode aumentar ou encurtar o tempo de vida de uma pessoa. Como a Bíblia também diz, Deus às vezes prolonga a vida de um dos seus servos, que se tenha mostrado fiel e sido um auxiliar de confiança no plano de salvação de Deus para conquistar de volta aqueles que se afastaram d'Ele. Assim, a Ezequias Ele envia a mensagem:

'Vou acrescentar quinze anos à sua vida." (II Reis 20:6)

Ele encurta o tempo de vida preordenado de outros, por não só não realizar o trabalho de vida que lhes tenha sido atribuído, mas por tentarem dissuadir os seus semelhantes de cumprir o seu dever para com Deus.

'Esses mentirosos sanguinários não viverão metade dos seus dias.' (Salmo 55:24)

Por *'mentirosos sanguinários'* a Bíblia não quer dizer os culpados de derramamento de sangue real na terra, mas a matança das almas dos seus semelhantes seduzindo-os no afastamento de Deus.

"O temor do Senhor aumenta os dias, mas os dias dos ímpios serão abreviados." (Provérbios 10:27)

Deus inspira o profeta Jeremias a anunciar a Ananias:

"Este é o ano em que irás morrer, por teres instigado as pessoas à desobediência para com o Senhor.' (Jeremias 28:16)

"Pelo sangue que derramaste (por induzires as pessoas à separação de Deus) tornaste-te culpado, e pelos ídolos que fizeste tu te contaminaste e levaste com que os dias de juízo se aproximassem e chegaste ao final dos teus anos.' (Ezequiel 22:4)

"O destino das diversas nações também é preordenado.

"Tu não entendes estas questões por não teres uma verdadeira conceção das causas e dos fins dos grandes acontecimentos do mundo. Acima tudo, és ignorante do objetivo subjacente à criação material e não conheces as relações existes entre o espírito encarnado e a Criação de Deus. Dessas coisas te contarei mais adiante.

"Eu inseri estas observações relativas ao destino por ser necessário em ligação com a explicação que te dei da força Ódica, uma vez que caso contrário, não serias capaz de entender o que te estou prestes a dizer sobre a "clarividência" e a relação que tem com o Od. Os clarividentes são seres vivos, humanos ou animais, cujo espírito é capaz de se dissociar do corpo, de tal forma que o seu poder de visão se torna semelhante ao dos espíritos do Além, que deixaram por completo os seus corpos terrestres.

"Um clarividente bem treinado é capaz, em determinadas circunstâncias de ler o destino de outra pessoa impresso no Od dessa pessoa. Ele poderá ler todo o passado de uma pessoa cujo Od ele vê, não apenas a parte que que tenha sido predestinada, mas também aqueles eventos que já ocorreram em resultado do exercício do livre arbítrio do indivíduo. Do futuro, no entanto, ele pode ler apenas o que tiver sido preordenado, mas não o que depende do livre arbítrio da pessoa.

"A *maneira* da morte de uma pessoa pode ser prevista por um clarividente somente quando esta também for predestinada, por não fazer parte do destino de cada pessoa. De facto, o que tiver sido preordenado em alguns casos, é deixado para que o indivíduo determine noutros. É somente *a hora da morte*, que é predestinada para todos.

"Para que a 'clarividência' nesta área seja possível, a 'Vidente' deve, de alguma forma estabelecer contacto com o Od da pessoa cujo destino está em

questão. Ela deve ter essa pessoa diante dela em carne e osso para que as emissões Ódicas a possam alcançar, ou então deve tocar alguns objetos que tenham estado na posse da pessoa e à qual, consequentemente, alguma da sua radiação Ódica tenha aderido.

"A capacidade de um vidente para ler cartas seladas ou para reconhecer objetos que ele não pode ver com os seus olhos corporais também está baseada nessa radiação Ódica*. Quanto mais poderosa for a* radiação Ódica que emana do objeto, *mais distinta será a* visão do clarividente. "Se o espírito de um clarividente é capaz de se separar *completamente* do seu corpo e, na verdade o deixar, então ele estará em posição de seguir a trilha Ódica outra pessoa e de averiguar o seu paradeiro no momento.

"Nem toda a clarividência, contudo, vem através de radiação Ódica.

Muitos eventos que acontecem a uma grande distância do clarividente são vistos por ele no instante da sua ocorrência devido ao facto do seu espírito, que tendo abandonado o corpo, se encontra presente no local do evento, ou então, mesmo que o espírito permaneça no corpo, por a notícia lhe ser dada pelo espírito do mundo através de "clariaudiência" ou dada a ele por uma imagem através da 'clarividência'.

"O futuro dos indivíduos com cujas radiações o clarividente Ódico não tenha entrado em contacto, bem como o futuro dos países, povos, cidades e outras comunidades pode ser visto por um clarividente apenas quando lhe é mostrado pelo mundo espiritual por meio de imagens. A produção de tais imagens, que pode descrever eventos próximos, quer com uma precisão fiel ou por meio de "símbolos", não é difícil para os espíritos encarregadas dessa tarefa. O Od é o material empregue por eles para imagens desse tipo.

"O futuro das nações e outros eventos próximos era geralmente revelado aos profetas do Antigo Testamento, por meio de imagens simbólica*. O Od também possui a cor.* Mas também isso, varia de criatura para criatura, e vai do preto mais profundo através de triliões de tons até ao mais resplandecente dos brancos. Vós, mortais, não conseguis conceber a diversidade dessas cores. Num qualquer dia de Outono, estudem o amarelo das folhas. Entre todas as folhas que ficaram amarelas não encontrarão duas que tenham exatamente o mesmo tom de amarelo. Uma diversidade semelhante pode ser encontrada em todas as cores.

"Tenho-te repetidamente indicado onde reside a razão para a grande diferenças presente no aroma e cor do Od, nomeadamente no espírito das criaturas vivas. Quanto mais baixo for o pensamento e os desejos de um espírito em relação a Deus, mais feio será o espírito. *Os espíritos, também, possuem forma*. Os vossos espíritos humanos têm a forma do vosso corpo humano, ou, para o colocar mais corretamente, os vossos corpos humanos têm a forma dos vossos espíritos.

Assim, também os corpos dos animais são formados à semelhança dos seus espíritos, por o corpo físico possuir a mesma forma que o Ódico, e o corpo Ódico estar configurado para se adaptar completamente ao espírito. Com a ajuda do Od o espírito constrói o corpo físico de forma a corresponder à sua própria imagem e à sua própria forma.

"Os vossos chamados cientistas, naturalmente, ridicularizar-te-ão se tu lhes contares que os espíritos encarnados têm a forma dos corpos que habitam. Eles não conseguem conceber um espírito que possua uma forma. Eles acreditam que somente o que é material, e limitado pelo tempo e pelo espaço, pode ter forma. Eles estão extremamente enganados. Espíritos não são destituídos de forma, como de facto não há nada em toda a criação que não possua uma forma qualquer. Os espíritos têm forma e contornos, e ainda assim eles não estão vinculados por nenhum tempo nem espaço, como os corpos materiais. Como, a menos que cada um de nós tenha a sua forma, poderíamos nós espíritos reconhecer um ao outro? O Anjo Miguel é diferente de Gabriel, e Gabriel de Rafael e de outros espíritos, para citar apenas alguns personagens Bíblicos. O facto em questão está em que, todos os espíritos possuem forma, a começar por Deus e pelos Seus Espíritos elevados, até às figuras mais horrivelmente disformes das profundezas e ao mundo do espírito que se acha encarnado na matéria.

"A beleza é harmonia e fealdade é desarmonia. Essa é uma lei que se aplica a toda a Criação. A face mais bonita de um retracto pode ser tornada completamente horrenda por uma pincelada desarmoniosa do pincel. Da mesma forma, o espírito pode transformar-se no mais feio na forma e em especial nas características do seu rosto, quanto mais desarmoniosa for a atitude que tiver para com o Criador, em cuja imagem e semelhança foi originalmente criado.

"Assim como o Od que rodeia o espírito assume a forma deste último, *assim também compartilha da beleza ou fealdade da cor e aroma do espírito.* Por essa razão vocês testemunham, na materialização de espíritos que ocorre hoje

em dia, que as radiações Ódicas de um bom espírito emitem uma luz bonita e, como, à medida que a condensação da Od progride, emitem um cheiro doce, enquanto o Od dos espíritos inferiores se encontra envolto em sombras e sempre emite um aroma ofensivo. É verdade que os mortais nem sempre conseguem perceber esse aroma, já que ele só pode ser detetado pelo vosso sentido físico do olfato apenas em casos raros. Estes são os factos que os vossos estudiosos têm ampla oportunidade de confirmar.

"A harmonia ou discórdia do espírito também é transmitida através do corpo Ódico ao *corpo físico*. Por essa razão, o carácter de uma pessoa é expresso nas linhas do seu corpo, em particular nas características do seu rosto, e ainda na forma dos seus membros. Aqueles que estão familiarizados com esta lei podem pois, ler o carácter do espírito nas linhas e na forma das várias partes do corpo. Também a postura do corpo, a sua maneira de andar, e os seus gestos são expressões do espírito. Por essa razão, também o carácter de uma pessoa pode ser julgado a partir da sua caligrafia. É por isso que as mensagens comunicada através de um médium humano, pelo espírito de alguém que tenha morrido será escrito na caligrafia peculiar ao remetente, conforme era enquanto vivo na terra; a caligrafia muda apenas quando o personagem do falecido tiver sofrido uma acentuada melhoria no Além.

"Dado que o destino de uma pessoa aparece retratado na sua Od como planos de construção e é transmitido pela Od ao seu corpo físico, ele pode ser igualmente lido nas linhas e marcas do seu corpo. Por isso, quem estiver familiarizado com essas

marcas será capaz de ver pelo menos uma parte do que um clarividente pode ver mais

plenamente no Od.

"Eu poderia ditar-te um livro interessante sobre todos esses factos interrelacionados, mas não é a tarefa minha enriquecer o conhecimento humano; tenho a meu cargo apenas a revelação do suficiente sobre estas questões para que possam compreender os factos da comunicação que os espíritos têm com o mundo material, e as leis em que essa comunicação se baseia.

"Na medida em que o Od é espiritual por natureza, ele também possui a propriedade, em comum com os espíritos, *de não ser obstruído por matéria de tipo nenhum.* Da mesma forma que permeia o vosso próprio corpo (físico) sem

encontrar resistência, ele pode passar por qualquer outra forma de matéria, uma vez que deixou esse corpo. Não há nada que possa obstrui-lo.

"Vocês encontram algo semelhante no caso dos chamados raios Roentgen (raios-X), por isso não te será difícil entender o que te estou a dizer.

"Além disso, assim como na natureza as forças poderosas são desenvolvidas sob a influência de calor, e são acompanhadas pela formação de nuvens, e se tornam visíveis na forma de um raio, também o espírito do mundo pode, com a ajuda do Od, criar correntes de energia muito poderosos, quentes ou frias. No caso do relâmpago vocês falam das ondas de calor, que derretem o que atingirem, e de ondas de frio, que não ateiam fogo às coisas, mas atuam somente através da enorme pressão que exercem.

"O calor expande e dissolve, enquanto os frio e contrai e condensa.
Esta é uma lei que não se aplica apenas ao mundo da matéria, mas também ao do espírito.

"Assim como vocês são capazes de converter a matéria em vapor com a ajuda de altas
temperaturas e até mesmo de levar esse vapor a tornar-se invisível à vista desarmada, assim também é o mundo espiritual capaz de dissolver completamente a matéria. Isso também faz uso de correntes quentes de poder, por meio do qual ele converte a matéria em algo semelhante a Od, isto é, forma etérea. *Porquanto, conforme já te expliquei, toda a matéria não é senão Od corporificado, que pode ser dissolvida em Od espiritual.* Matéria que foi convertida em Od penetra tudo que seja material sem encontrar resistência, assim como todo o outro Od, e pode ser transportada para qualquer lugar e, em seguida, recondensada de novo em matéria.

"Vocês chamam a essa dissolução da matéria "*desmaterialização* "e à condensação do Od na matéria como '*materialização*.'

Enquanto o mundo espiritual faz com que a matéria se desintegre usando correntes Od potentes e quentes. Mas, para condensar o Od, usam correntes frias — tudo conforme as leis naturais. E, tal como nós, quando trabalhamos com correntes elétricas fortes, temos de ter cuidado para não nos magoarmos, o mesmo acontece com os espíritos: também tomam precauções quando aplicam correntes de força Od. Quando lidamos com cabos de alta tensão, usamos dispositivos de isolamento, certo? Falamos em "curtos-circuitos" e em tudo o

mais. No mundo espiritual é igual. Quando há fenómenos de "desmaterialização" ou "materialização" na presença de humanos, eles têm de ter os mesmos cuidados para não prejudicar ninguém e para que tudo corra bem.

Por isso é que qualquer interferência inesperada, durante uma sessão espiritualista, pode ser perigosa — tanto para o médium, que funciona como fonte de energia, como para os próprios participantes. Pode até dificultar ou impedir totalmente o fenómeno que se queria provocar. Porque, sim, também aqui pode haver uma espécie de curto-circuito, a menos que tudo esteja bem isolado e preparado.

Isto pode parecer-nos tudo demasiado humano, mas não dá para repetir vezes suficientes: tudo o que existe na Terra no plano material, também existe no mundo espiritual, só que em estado espiritual. Sem exceção. Nós é que temos dificuldade em perceber isto, porque o nosso pensamento está sempre moldado pelos conceitos do mundo físico, e depois é difícil traduzi-los para o plano espiritual.

O Od com que o nosso espírito opera dentro do corpo físico precisa de estar condensado até certo ponto, como já nos foi explicado — é preciso haver um equilíbrio entre o espírito e a matéria. E por isso mesmo, quando o mundo espiritual quer atuar através de seres materiais como nós, também tem de condensar o Od conforme o objetivo que têm em mente. A luz e o calor atrapalham muito esse processo de condensação. O calor, já percebemos facilmente porquê: dilata, dissolve — não ajuda. E a luz? Basta lembrarmo-nos de como é preciso um quarto escuro para revelar uma fotografia — dá que pensar, não dá?

Claro que não é impossível condensar Od com calor e à luz do dia, mas isso exige uma quantidade de Od tão grande que o mundo espiritual só a consegue reunir em casos muito raros, como quando está a realizar algo especial ou diretamente ligado à Criação, por ordem de Deus. Nesses casos, o mundo espiritual do bem tem à disposição força Od numa quantidade e intensidade ilimitadas.

Portanto, gozar com o facto de muitos fenómenos espiritualistas só acontecerem no escuro é sinal de ignorância profunda. Há cientistas que dizem que só se apagam as luzes para não se verem possíveis fraudes — mas isso é como chamar aldrabão a um fotógrafo por ter de revelar filmes no escuro.

Infelizmente, quase ninguém sabe que o mundo espiritual também opera segundo as mesmas leis que regem as nossas ações aqui na Terra.

Por exemplo, há o chamado "alimento Ódico" — uma forma de nutrição que nos parece impossível porque acontece de forma invisível. Mas é exatamente o mesmo princípio: o alimento é dissolvido em Od e depois recondensado dentro do organismo.

Sempre houve pessoas que não comiam absolutamente nada e, mesmo assim, continuavam vivas. Nestes casos, são os espíritos que alimentam essas pessoas — dissolvem a comida em Od, introduzem-na no trato digestivo, e lá dentro o Od transforma-se de novo em alimento material e é digerido normalmente. E por isso essas pessoas, que parecem não comer nada, continuam a excretar como se comessem comida de verdade. Mas atenção: este tipo de nutrição nunca é um fim em si — faz parte de algo maior, de uma missão com um objetivo superior.

A verdade é que, como já vimos, para que o mundo espiritual possa agir sobre seres humanos de forma percetível, precisa de força Od em quantidade suficiente. O Od é o combustível de toda a Criação de Deus — é o que alimenta o "laboratório espiritual" aqui na Terra.

E então surge a pergunta: de onde é que os espíritos tiram essa força Od quando querem comunicar connosco?

Podíamos pensar que usavam o Od deles próprios — mas não é assim. Os espíritos precisam do seu Od para viver no mundo espiritual e para fazer o seu trabalho lá. Além disso, o Od dos espíritos superiores é demasiado fino e puro para se misturar com o nosso, que é de uma natureza completamente diferente. É como misturar uma substância muito leve com outra muito densa — simplesmente não dá.

Portanto, para agir na Terra, o mundo espiritual tem de usar Od semelhante ao nosso. E normalmente encontra esse Od nos próprios seres que estão aqui no local — seres humanos, animais, plantas, minerais... são essas as fontes de onde os espíritos retiram o "combustível" que precisam. E nós chamamos "médiuns" a essas fontes.

Todos os seres vivos têm alguma capacidade mediúnica, porque todos têm força Od e podem ceder uma parte dela. Mas na maioria dos casos essa capacidade é tão pequena que não serve para nada neste contexto.

Mesmo os médiuns, por muito Od que tenham, nem sempre têm Od logo pronto a usar. No caso dos espíritos superiores, esse Od tem de ser primeiro purificado, ou, digamos, "filtrado". Tal como nós, muitas vezes, temos de purificar substâncias antes de as podermos usar.

Agora, os espíritos inferiores não precisam disso. Quanto mais impuro for o Od do médium, melhor para eles — é mais parecido com o deles. Por isso é muito mais fácil para eles usarem médiuns, e conseguem os seus objetivos muito mais depressa que os bons espíritos.

E aqui chegamos a outro ponto que até podíamos deduzir com lógica a partir de tudo o que já foi dito: como é que o mundo espiritual usa o Od terrestre para agir sobre a matéria?

A resposta mais simples é esta: da mesma forma que o nosso espírito usa o corpo para mexer os braços, as mãos, para pegar em objetos — o espírito desencarnado também precisa de ter "membros materiais" para interagir com o mundo físico. Para isso, reveste os seus membros espirituais com Od condensado retirado dos médiuns.

Ou seja, quando queremos pegar em algo, usamos a nossa mão física. Mas a nossa mão física é só o invólucro da mão espiritual, formada pela condensação do Od terrestre. O espírito, se quiser fazer o mesmo, tem de materializar a sua mão espiritual com o Od disponível — não há outro caminho. Essa materialização não precisa de ser tão densa como a nossa mão real, nem sequer precisa de ser visível a olho nu — basta que seja forte o suficiente para agarrar o objeto. Se não houver Od suficiente, então esse espírito não consegue mexer na matéria — tal como nós, se ficássemos sem braços nem mãos.

É verdade que um espírito pode mover um objeto sem materializar a mão, mas só se antes dissolver esse objeto em Od — porque a matéria eterealizada torna-se acessível diretamente ao espírito. Caso contrário, só mesmo com uma mão materializada — porque só o semelhante pode tocar no semelhante.

Há vários graus de condensação ou materialização do Od — desde aquele que só um clarividente consegue ver até uma materialização completa do espírito, em que ele parece totalmente humano. O grau de condensação depende da quantidade de Od que o espírito consegue reunir para esse fim.

"Deixa-me dar mais uns exemplos. O teu próprio espírito quer falar para que os teus semelhantes ouçam o que dizes pelos seus ouvidos físicos. O que é

que ele tem de fazer? Tem de usar os órgãos materiais do teu corpo para a fala; sem eles, não consegue. E quando um espírito quer falar, não tendo corpo nem órgãos de fala, como é que consegue produzir sons que os humanos entendam? Tem duas formas de o fazer.

Uma é materializar os seus próprios órgãos de fala espirituais, condensando-os com ajuda do Od terrestre; a outra é condensar os sons espirituais usando o Od disponível nos médiuns, para que fiquem audíveis aos ouvidos humanos. Neste último caso, o espírito não precisa de órgãos materializados, apenas do Od condensado dos sons. Vocês chamam a isto "vozes diretas", que podem ser ouvidas com mais ou menos volume, conforme a quantidade de força Ódica que os médiuns fornecem para condensar esses sons.

Vocês são visíveis aos outros porque têm um corpo material. Mas o corpo material é só a concha do vosso espírito, com todos os seus órgãos; cada órgão do corpo tem o seu equivalente espiritual. Por isso, se um espírito desencarnado quiser aparecer aos olhos humanos como um ser terrestre, tem de vestir a sua forma espiritual com todos os órgãos espirituais numa concha de matéria — produzida pela condensação do Od terrestre. Quando um espírito está assim materializado, o olho humano não consegue distinguir nada dele em relação a uma pessoa normal.

Esse espírito tem pele, ossos, todos os órgãos exteriores, unhas, cabelo, dentes, e também órgãos internos, como um coração a bater, sangue a circular e tudo o resto que tem um ser humano de carne e osso. Uma materialização completa destas exige tanto Od que nenhum médium consegue fornecê-lo sozinho. Por isso, numa situação destas, parte da substância do corpo do médium também tem de ser dissolvida para materializar o espírito. Por isso é que o médium perde bastante peso nessas materializações — mas ele recupera tudo assim que a materialização acaba.

Fico surpreendido por os vossos estudiosos, que fazem tantos experimentos nestas áreas, não descobrirem isto por si mesmos, porque certamente testemunham muitos fenómenos que os poderiam levar a essa conclusão. Eles veem mãos materializadas a agarrar e mexer em objetos, ouvem "vozes diretas" e, ao mesmo tempo, muitas vezes veem a nuvem de Od da qual essas vozes saem. Quando fotografam alguns destes fenómenos, às vezes aparece na imagem algo que parece uma laringe, formada pelo espírito ao materializar Od, para dar voz. Quando investigam materializações completas,

encontram tudo o que existe num ser humano normal, e mesmo assim não chegam à verdade.

O maior obstáculo para reconhecer esta verdade é a ideia errada que temos dos termos "espírito" e "matéria". Quando entendermos que a essência da criação espiritual é igual à da criação material, diferenciando-se só na natureza do ser, a maioria das dificuldades para compreender a comunicação entre espírito e mundo material desaparece sozinha. Vamos perceber que os espíritos criados têm o mesmo organismo na forma espiritual que os seres terrestres têm na forma material, que o corpo é a "casca" da forma espiritual e, por isso, nada do que está na casca material não está também na forma espiritual. Vamos também entender que o Além se parece em tudo com o Aqui, a única diferença é que no Aqui tudo é material, e no Além tudo é espiritual.

Mas toda a vida, tanto no mundo material como no espiritual, está ligada à força Ódica. Esta é a força mais poderosa da criação, e é por ela que Deus, que é a fonte dessa força, pode transformar tudo. É através dela que Ele e o mundo espiritual fazem os maiores "milagres", como vocês os chamam. É a força que permite ao mágico realizar feitos sobre-humanos, na medida em que os seus poderes Ódicos são aumentados pelo mundo espiritual, quer pelo mundo dos espíritos bons, quer pelo dos espíritos maus, consoante com quem se liga.

No caso dos espíritos maus, os demónios que cortaram relações com Deus, este poder tem limites claros, enquanto os espíritos de Deus podem usá-lo em força ilimitada.

Foi com esta força que Cristo curou os doentes e ressuscitou os mortos. Com ela também expulsou os maus espíritos dos possuídos, e, com a ajuda desta mesma força, os bons espíritos permitiram a Cristo andar sobre as águas. A mesma força foi usada pelo mundo espiritual do bem, sob comando de Cristo, para o milagre da multiplicação dos pães, materializando o pão que foi trazido na forma de Od.

Cristo prometeu este mesmo poder a todos os que acreditassem n'Ele. "E aos que crerem, estes sinais seguirão: expulsarão espíritos maus em meu nome; falarão em línguas estrangeiras; pegarão em serpentes; e se beberem algo venenoso, não lhes fará mal; imporão as mãos aos doentes, e esses ficarão curados." "Eles [os onze apóstolos] partiram e pregaram por toda a parte; o Senhor estava com eles, com o seu poder, e confirmou a palavra deles com os milagres que a acompanhavam." (Marcos 16:17-20) Quem acredita em Deus, não só acredita na Sua existência, mas tem uma fé inabalável e obedece fielmente à

Sua vontade — fica assim em união muito próxima com Deus, que é a fonte infinita de poder. Essa fé também põe o mundo espiritual de Deus ao serviço dessa pessoa, e a sua fé torna-o capaz de tudo. “Tudo é possível a quem crê.” (Marcos 9:23)

Por isso, todo o verdadeiro crente em Deus vai experimentar aquilo que se cumpriu em Cristo, nomeadamente: “Se fizermos a vontade de Deus, Deus também fará o que nós queremos.”

REFERÊNCIAS BÍBLICAS DO USO DA FORÇA ÓDICA NA COMUNICAÇÃO COM O ESPÍRITO

E o Senhor desceu na nuvem de Od, e falou com ele. (Números 11:25)

"As leis da natureza são universalmente aplicáveis e não admitem exceção. Se, portanto,

a lei da força Ódica que eu te descrevi constitui a lei básica de toda comunicação com o espírito, então ela deve aplicar-se sempre que os espíritos comunicam com o homem.

"A fim de mostrar que a corrente de energia Ódica era igualmente necessária

na comunicação do espírito com os seres humanos conforme relatada na Bíblia, eu quero

examinar alguns dos relatos do Antigo e do Novo Testamentos contigo, e explicá-los.

"Naturalmente, no caso da maior parte das manifestações do espírito que a Bíblia

fala, é feita menção apenas ao *facto* de tal comunicação; nada é dito sobre os fenómenos que a acompanham. No entanto, há uma abundância de casos em que o emprego de Od é expressamente mencionado. A primeira menção ocorre na história de Abraão. 'Quando o sol se tinha posto, e se tinha tornado completamente escuro, o que se passou entre aqueles pedaços de carne foi como um fogo fumegante e uma tocha acesa. *(Gênesis 15:17)*

Isso aconteceu quando o Senhor estava a falar com Abraão. A corrente Ódica, quando apenas ligeiramente condensada, parece uma *nuvem de fumaça* e tem um brilho amarelo-avermelhado no escuro, como uma *chama de fogo*.

"A história de Moisés está cheia de exemplos relevantes. "E o anjo o Senhor apareceu-lhe como uma *chama de fogo* saltando de um espinheiro: quando ele olhou, viu o espinheiro em chamas com o fogo, ainda que não fosse consumido por ele.' *(Êxodo 3:2)*

Também neste caso foi Od que o espírito empregou a fim de falar com Moisés. Tinha que ser noite, quando Moses viu tal aparição, porque durante o dia, o Od ter-se-ia parecido não como uma chama, mas como uma nuvem a envolver o espinheiro. Isto é confirmado pelo seguinte relato bíblico:

"O Senhor ia adiante deles, numa *coluna de nuvem* de dia, para lhes mostrar o caminho, e numa coluna de fogo pela noite, para poder brilhar para eles, para que eles pudessem viajar tanto de dia como de noite. Nem a coluna de nuvem de dia, nem a coluna de fogo de noite deixou o seu lugar à frente das pessoas.' *(Êxodo 13:21-22)*

A coluna de nuvem era nada mais do que a nuvem de Od, que, tanto no caso do espinheiro como no da orientação dos israelitas, formara a concha *Ódica* que rodeava o anjo do Senhor e de que o anjo necessitava para se tornar percetível ao homem. Eu já te expliquei que o Od está sempre associado a um espírito.

Não existe tal coisa como Od independente, a flutuar livremente. Assim foi em todas manifestações testemunhado pelo povo de Israel. Por isso, quando se fala no Velho Testamento da "Coluna de nuvem," é sempre em conexão com alguma atividade por parte

de um dos espíritos de Deus. "Assim, o" *anjo de Deus* "que tinha viajado na frente do exército de Israel até este ponto, mudou de posição e mudou-se para a sua retaguarda;

consequentemente, a coluna de nuvem se retirou de diante deles para trás.' (Êxodo 14:19)

"Assim que Moisés entrou na tenda, a "*coluna de nuvem*" desceu e ficou à entrada da tenda, *enquanto o Senhor estava a falar com Moisés." (Êxodo 33:9)* "Então Moisés reuniu setenta homens dentre os anciãos do povo, e fê-los ficar ao redor da tenda. *E o Senhor desceu na nuvem e falou com ele.' (Números 11:24-25)*

"No Monte Sinai, quando o Senhor queria falar com Moisés em tons altos o suficiente para que todas as pessoas ouvissem, Ele disse a Moisés: 'Desta vez

vou *tornar a nuvem ainda mais grossa*, para que todas as pessoas possam ouvir-me falar contigo e acreditem em ti para sempre.' *(Êxodo 19:9)*

Isto indica expressamente que a nuvem de Od era necessária para permitir ao Senhor falar com o homem. Isso também indica claramente que quanto mais denso for o Od tanto mais altos serão os sons produzidos por meio da força Ódica. O mesmo é verdadeiro praticamente verdadeiro em relação ao vosso rádio. Quanto mais forte for a corrente de alimentação, tanto mais forte será o som transmitido.

"Quando, pois, o Senhor apareceu no monte Sinai em meio a um poderoso clangor de trombetas, a força Ódica precisou ser correspondentemente forte. Consequentemente

é-lhes dito: *"E o monte Sinai foi completamente envolto em fumaça*, por o Senhor ter descido sobre ele em fogo; a fumaça subia como a fumaça de um forno de fundição, e todo o monte tremia. E o som das trombetas tornou-se cada vez mais alto. Moisés falava, e o Senhor respondia-lhe em alta voz." *(Êxodo 19:18-19)*

"Ao explicar a lei da força Ódica, eu salientei que o condensação do Od é produzida com a ajuda de correntes fortes. O mesmo é verdadeiro para a dissolução do Od condensado. As grandes massas de Od ao redor monte Sinai também foram condensadas por correntes de alta tensão. Era, pois, muito perigoso aventurar-se dentro do campo de alta voltagem dessas correntes. Daí o Senhor tenha proibido as pessoas de se aproximarem da montanha. Todos - humano ou animal - quantos ignorassem o mandamento, certamente morreriam. *(Êxodo 19:12)*

Não se tratava de uma ameaça vazia para instilar o medo de Deus nas pessoas, como vocês mortais poderão acreditar. Foi, sim, um aviso justificado do perigo letal que natural e necessariamente acompanhava qualquer contacto com essas correntes. Assim como vocês chamam a atenção para o perigo letal do contacto com as vossas correntes de alta tensão terrestres colocando sinais de alerta, assim também o aviso emitido para o povo de Israel foi dado com um propósito similar. Somente depois dessas correntes terem sido desligadas eram as pessoas autorizadas a subir à montanha. O Senhor anunciou a altura correta pelas seguintes palavras:

"Só quando o chifre de carneiro soar, poderão subir à montanha.' *(Êxodo 19:13)*

Somente aqueles a quem o Senhor tinha autorizado a entrar nas correntes Ódicas, ou seja, Moisés e Arão, poderiam fazê-lo antes, sem que colocassem as suas vidas em perigo. No caso deles, tinha-lhes sido fornecido um "isolamento" não contrário ao tipo que vocês usam para as pessoas que precisam expor-se a altas tensões.

"E quando o Senhor ordenou ainda que pessoas ou animais devessem ser mortos, por tentarem sequer chegar perto da montanha fumegante, isso não foi emitido como uma punição por desobediência, uma vez que, obviamente, na caso dos animais a questão do pecado dificilmente poderia surgir. Esse mandamento foi, sim, uma medida para evitar a todo custo qualquer interrupção da corrente de energia. Tal interrupção teria resultado caso quaisquer seres materiais entrassem em contacto com as correntes Ódicas sem autorização, isto é, se não fossem dotadas de meios de 'isolamento' próprios.

"Esta explicação dos eventos registados na Bíblia surpreende; os eventos podem parecer-lhes demasiado mundanos e materiais. Mas é a verdade, e fornece-lhes uma nova prova da validade universal das leis dadas por Deus, a que até mesmo o próprio Criador se submete, no trato que tem com a matéria. Ele não suspende uma única lei, ou, como a Sagrada Escritura expressa: "Eu sei que tudo o que Deus tem ordenado tem validade eterna." *(Eclesiastes 3:14)*

"Depois desta explicação, também irás entender porque Cristo, imediatamente após a sua ressurreição, proibiu Maria Madalena de o tocar. A materialização do seu espírito estava então somente a começar, e Maria Madalena, ao tocá-lo, teria não só impedido qualquer progresso subsequente do processo de materialização, como teria destruído o que já se tinha tido início. A explicação dada na Bíblia como a razão de recusa de Cristo para deixá-la tocá-lo foi adicionado mais tarde por um ignorante copista que inseriu as palavras: "Eu ainda não ascendi ao Pai." *(João 20:17)*

Que isso não tenha podido ser a verdadeira razão para recusar-se a deixar que Maria Madalena tocasse o seu corpo Ódico materializado é evidente a partir do facto de, um pouco mais tarde, Cristo ter convidado expressamente os seus apóstolos a tocá-lo, embora no momento ele também não tivesse ainda ascendido ao Pai. Mas o materialização do seu corpo estava, pois, completa e, portanto, qualquer contacto com ele não poderia causar danos físicos aos seus discípulos ou interferir com a materialização.

"Peguemos em mais alguns exemplos do Novo Testamento. Na Transfiguração no monte Tabor, "veio uma nuvem que os cobriu, e *uma voz chamou de dentro da nuvem.*" *(Mateus 17:5)* Assim, a nuvem de Od era necessária também aqui, a fim de produzir uma voz que pudesse ser ouvida por ouvidos humanos. A mesma nuvem foi usada por Moisés e Elias para se fazerem visíveis em corpos de Od condensado aos três apóstolos presentes.

"Foi numa figura de Od materializado que Cristo apareceu depois da sua Ressurreição e com que se apresentou diante dos seus discípulos no dia da Ascensão. Eles viram o seu corpo Ódico dissolver-se numa nuvem de Od diante dos seus olhos, e quando a nuvem em si se tornou invisível por uma maior dissolução, Cristo tinha desaparecido da vista deles. A crença geral de que se tratava de uma nuvem ordinária no céu que escondia Cristo dos seus discípulos é totalmente falsa.

"Por altura do Pentecostes, surgiram sobre a cabeça dos Apóstolos e daqueles que estavam com eles *"línguas de fogo."* Estas eram *pequenas chamas de Od,* como a chama vista no espinheiro, "que veio repousar sobre a cabeça de cada um." Cada um deles recebeu um espírito de Deus de tal concha de Od. Esses espíritos, com o auxílio do poder Ódico, começaram a falar através dos seus instrumentos humanos - um numa língua estrangeira, outro noutra - em tantas línguas estrangeiras quantas s eram diferentes nações representadas entre os seus ouvintes. Da circunstância das línguas dos Od pareciam pequenas chamas percebe-se que era noite quando os espíritos de Deus desceram. A hora real do surgimento do espírito seria, pelo vosso método de avaliação 1:30 da manhã. (...)

"*As oferendas de sacrifício no Antigo Testamento eram a fonte da qual os espíritos de Deus tomavam o Od necessário para os capacitar a falar.*

"Entre as partes do Velho Testamento que resultam incompreensível para vós acha-se o primeiro e acima de tudo as leis do sacrifício do Israelitas. Você interrogar-se-ão, e com razão: Como pode Deus, que é a fonte de toda a vida e felicidade, de tudo o que é bom e belo, encontrar prazer na oferta de animais, plantas e ervas? Por que Ele deveria deleitar-se com o sangue dos animais sacrificados e a gordura fumegante de touros, cabras e cordeiros? Por que ele deveria deliciar-se com as fragrâncias resultantes da mirra, da canela, do cálamo, da cássia e do azeite? Por que deveriam as especiarias ser especialmente atraentes a Ele?

Poderá parecer-lhes infantilidade que o grande Deus, que os próprios céus não conseguem conter, pudesse ter uma pequena tenda terrestre construída para Si, e que Ele mesmo devesse designar e determinar cada detalhe trivial, cada feixe e parafuso, cada tapete e cortina, cada peça de roupa que devia ser usada pelos sacerdotes, desde os seus toucados até às suas roupas interiores. Será que na verdade não lhes soará a vaidade humana que Deus devesse insistir com respeito à maioria dos materiais preciosos: o ouro, a prata e as mais belas pedras preciosas, de modo que o Tabernáculo e os seus acessórios custassem uma fortuna enorme no vosso dinheiro?

"Se observares essas coisas do ponto de vista puramente humano, poderá parecer-te indigno de um Deus. Mas assim que perceberes o propósito que Deus perseguia e entenderes que este efeito poderia ser alcançado apenas por meio daquilo que te parece tão incompreensível, irás maravilhar-te com a Sua infinita sabedoria e amor.

"Infelizmente um conhecimento desse propósito acha-se ocultado de vós, humanos, embora a própria finalidade lhes seja expressamente declarada e indicada nas sagradas escrituras. Vocês perderam a capacidade de ler as Escrituras de forma refletida.

A vossa vista passa por cima do seu conteúdo como o de qualquer livro mundano e interpretam aquilo que leem de uma forma puramente humana. Os vossos espíritos sagazes mundanos não conseguem discernir nelas feitos poderosos de Deus. Assim, eles são igualmente incapazes de compreender o verdadeiro significado do que vocês encontram nas formas físicas do Tabernáculo e nas oferendas descritas no Velho Testamento.

"Abre a tua Bíblia, e eu te levarei a uma compreensão do que ela diz sobre a tenda da revelação (Tabernáculo) e o seu mobiliário, as oferendas sacrificiais e o sacerdócio. O único propósito para o qual todas essas instruções foram emitidas é indicado nas palavras:

"Devem fazer um holocausto diário diante de Deus de geração em geração, à entrada do Tabernáculo, *onde eu irei entrar em comunicação convosco, a fim de falar convosco. Aí comunicarei com os filhos de Israel*." *(Êxodo 29:42-43)*

"A *comunicação de* Deus *com os israelitas* era o *único propósito* da edificação do Tabernáculo e de ter dado instruções sobre as oferendas sacrificiais. Sabes que todo o espírito requer força Ódica terrena sempre que

desejar comunicar com os seres materiais de uma forma percetível aos sentidos terrestres. Essa é uma lei estabelecida por Deus que se aplica a todos os seres espirituais, desde Deus, o espírito mais elevado, até aos mais baixos espíritos das profundezas. Sempre que, pois, o próprio Deus, ou os espíritos de Deus, seja a Seu mando ou com a sua aprovação, desejarem comunicar com os israelitas e falar com eles, eles precisavam ter Od de um tipo adequado disponível.

"*Todas as medidas acatadas por Moisés por ordem de Deus* na edificação do Tabernáculo e na apresentação das oferendas *eram concebidas para adquirir a mais pura Od terrestre.*

"Como os seres terrestres são portadores de Od terrestre, e o Od do ser humano seres constitui uma maravilhosa mistura de muitas variedades de Od da Terra, o Od necessário para permitir que Deus falasse com o homem era elaborado a partir de uma grande variedade de fontes terrestres, incluindo minerais, plantas, ervas, árvores e animais. Acima tudo, no entanto, era necessário para assegurar que o Od puro recolhido e já preparado não fosse contaminado por Od impuro que irradiasse da matéria terrestre. É por isso que todos os materiais utilizados na construção do Tabernáculo e na elaboração dos seus acessórios teve que ser apenas do Od mais puro. Entre os *minerais*, o ouro, a prata e o cobre possuem a mais pura Ódico mistura, conforme mostrado pelo facto de eles não enferrujarem, por efeito de formas de oxidação resultantes da absorção de Od impuro, a qual tem um efeito destrutivo sobre qualquer Od em que penetre.

"A mesma coisa acontece com respeito aos *tecidos* que eram usados, alguns para as vestes dos sacerdotes, alguns para cortinas e tapetes, e outros ainda para cobrir o telhado do Tabernáculo. Azul e vermelho púrpura, carmesim e linho fino são as tecidos com a mistura Ódica mais pura. Portanto, o Éfode (xaile ou manto sacerdotal) do sumo sacerdote, que mais se aproximava do espírito de Deus que falara através da nuvem de Od, tinha de ser feito de um linho fino vermelho e azul, púrpura, escarlate e sedoso retorcido, entrelaçado com ouro.

"A couraça *da justiça,*" usada por cima do Éfode, era feita no mesma maneira. Além disso, era adornada com 12 pedras preciosas, por estas conterem grandes quantidades da Od mais valiosa. A *roupa exterior* era toda azul, púrpura, e na borda de suas saias usavam romãs de azul e vermelho escarlate roxo e, adornadas com uns quantos sinos dourados no meio. Todos esses detalhes eram da maior importância. As *roupas de baixo* eram de linho, as calças de linho puro.

Também sabemos que o linho limpo usado ao lado do corpo ou usado para roupa de cama é especialmente propício à saúde. Isso deve-se a que esse tecido contenha um Od especial e puro que se transmite ao vosso corpo e exerce um efeito de reforço.

"De todas as *madeiras*, a acácia é a mais pura e, pois, a única madeira que podia ser usada na construção do Tabernáculo. Todas as demais instruções - sobre a composição dos utensílios de cozinha, das cortinas, dos tapetes e revestimentos da tenda - eram igualmente emitidos unicamente para assegurar o maior grau de pureza do Od. Tu poderás encontrá-los por ti mesmo, se consultares à Bíblia.

"Tudo o que tenho referido até agora serviu como uma *precaução* contra a contaminação do Od que estava a ser preparado na forma de uma *nuvem Ódica* formada acima da Arca da Aliança e que devia servir para transmitir as palavras de Deus. Pela mesma razão se requeria que os sacerdotes fossem obrigados a lavar as mãos e os pés na água que ficava na entrada do Santo dos Santos antes de irem para perto da Arca da Aliança.

"O mais importante, porém, era a preparação do próprio Od - que, flutuando como uma nuvem acima da Arca, era necessário para Deus falar a Moisés. Neste caso, o discurso não era feito através de um médium, mas por 'voz direta." Os sons do espírito eram suficientemente condensados pela Od terrestre da nuvem que os tornavam audíveis aos ouvidos humanos. Como a Bíblia diz: "E quando Moisés entrou no Tabernáculo, *ele ouviu a voz que lhe falava* da tampa da Arca da Aliança, do meio dos dois querubins: e era assim que Deus falava com ele.' *(Números 7:89)*

"*O propósito das oferendas prescritas consistia na elaboração da presente nuvem de Od.*

"Estás suficientemente familiarizado com o facto do sangue ser o condutor de Od no corpo físico. Daí que a maior quantidade dele, e a mais solúvel, seja encontrado no sangue, de modo que o sangue é a melhor fonte de Od para a comunicação com o mundo espiritual. E era só por uma questão de obtenção de Od que os animais eram sacrificados, tanto na adoração dos ídolos dos pagãos como no serviço divino dos judeus. O sangue era vertido sobre o altar, e uma parte da carne, especialmente a gordura, os rins e o fígado, eram desintegrados em Od ao serem queimados, por, a seguir ao sangue, essas peças serem as mais ricas em Od.

"Através de oferendas aos seus ídolos, os pagãos preparavam Od para comunicar com espíritos malignos. No Tabernáculo de Deus, a preparação do Od era realizada para tornar possível que Deus e os Seus espíritos mais elevados se comunicassem com o povo de Israel, conforme testemunham as palavras pronunciadas por Deus a Moisés: "O sacerdote espargirá o sangue sobre o altar do Senhor no entrada do tabernáculo, queimando a gordura de forma que suba como um doce aroma para o Senhor. *Eles deixarão de oferecer os seus animais em sacrifício para os espíritos malignos cuja adoração idólatra atualmente praticam.*' *(Levítico 17:6-7)*

"Dado que a nuvem de Od acima da Arca da Aliança representava o mais pura mistura de Od terrestre, apenas aqueles animais cuja Od foi do tipo mais puro eram autorizados a ser abatidos. Os chamados animais "impuros" não eram autorizados a ser utilizados como animais de sacrifício. Os animais considerados "Impuros" na Bíblia são aqueles que têm a menor quantidade e o mais impuro Od de qualquer criatura cuja carne poderia concebivelmente servir como alimento humano. Essa é também a razão porque as pessoas estavam proibidas de comer a carne dos animais impuros.

Devido à sua Od impura era prejudicial, em primeiro lugar, para o corpo humano.

Os seus médicos sabem muito bem que comer carne de porco não é recomendado, especialmente para crianças em crescimento. O que você chama escrófula dificilmente seria encontrada entre as crianças se lhes fosse negada a carne de porco, que é não saudável mesmo para os adultos mesmo que constitua uma parte substancial da dieta diária.

"Havia, no entanto, outra razão para proibir os judeus de comer a carne de animais impuros. Vocês sabem que qualquer Od impuro que se possa achar presente numa pessoa oferece uma abertura perigosa para o mundo mau do espírito e pode influenciá-los negativamente de forma duradoura. Uma Od impura constitui o sopro de vida dos espíritos malignos, e sempre que encontrarem alguém cuja Od seja como a sua própria, poderá prontamente influenciar os vossos pensamentos e imaginação, mas também despertar paixões físicas a um nível perigoso.

Uma pessoa cuja Od seja pura não se mostrará tão facilmente acessível ao mal, cujo contacto direto será evitado pela radiação da sua Od pura. Por o mal não poder suportar mais a radiação Ódica pura do que os olhos aflitos de uma pessoa pode suportar a luz forte. A pureza da Od da pessoa depende da pureza

do seu espírito, e uma vez que a maioria das pessoas, devido a que tenham os espíritos impuros, já possuem Od impuro suficiente que garanta uma abertura suficiente ao mal, é mais importante não adicionar mais Od terrestre impuro através do consumo de alimentos impuros.

"Portanto, Deus tinha razões muito importantes para proibir o consumo da carne dos animais impuros. A influência dos poderes do mal era particularmente forte naqueles dias, devido à idolatria generalizada, e Deus queria proteger as pessoas que Ele tinha escolhido como portadores da Sua fé contra tal influência perniciosa.

"Pela mesma razão, Ele emitiu as numerosas regras para governar os casos em que os israelitas entraram em contato com um Od impuro, e foram consequentemente considerados impuros.

"A Od de animais limpos sem mácula, no entanto, não era suficiente por si só, para a preparação da mistura Ódica necessária para o Tabernáculo. Também o Od mais puro que podia ser obtido a partir de plantas e minerais era necessário. O Od da mirra, da canela, do cálamo, da cassia, do pão de centeio, da farinha de trigo, do vinho e do azeite eram misturados com o das especiarias como o estoraque (resina odorífica), o ônix e o gálbano, o incenso puro temperado com sal. Assim, tornou-se num "aroma doce para o Senhor.' Sabes, pelo que te ensinei, o que se entende por "doce aroma para o Senhor;' sabes que o Od mais puro do mesmo modo emite o mais doce odor.

"A mistura Ódica para o Tabernáculo era preparado por espíritos de Deus num estado de pureza correspondente ao do espírito que se manifestava. Os 'Químicos do Além' eram aqueles seres que vocês chamam de "Querubins." É por isso que a sua imagem era colocada por cima da tampa da Arca da Aliança na forma de estátuas douradas e também era bordada nas cortinas e tapetes.

"Na medida em que o Od era reunido acima da tampa da Arca e era usado pelo espírito de Deus para falar, o Od tinha de ser preparado nas imediações da Arca, para que a fonte de Od estivesse sempre em estreita proximidade com o espírito que precisava dele. Daí os altares e as tabelas nas quais as várias oferendas eram feitas pronto estavam perto da cortina atrás da qual a Arca da Aliança se encontrava.

"A reunião e a condensação do Od era facilitada pelo facto de a arca se achar num espaço fechado por tapetes e um cortina. Também vós, quando desejam recolher Od em quantidade para alcançar um elevado grau de

condensação, fazem uso de uma assim chamado "cabine," dentro da qual ou em cuja entrada o médium, que é a fonte do OD, se senta. As leis que regem a comunicação do espírito com a humanidade são as mesmas em todos os lugares.

"O facto das asas dos dois querubins nas duas extremidades da Arca da Aliança estarem estendidas como um telhado contribuía ainda mais para segurar a nuvem de Od reunida acima da Arca.

"O grande rigor das determinações para manter qualquer Od impura afastada do Tabernáculo também servia a outro propósito: se as puras e muito poderosas correntes Ódicas produzidas no Tabernáculo pelos espíritos de Deus fossem autorizadas a entrar em contacto com correntes impuras, o portador da Od impura seria morto pelas correntes de alta tensão, da mesma forma como qualquer um que entre em contacto com a corrente elétrica de alta tensão terrestre sem um bom isolamento pode morrer.

"Por tal razão, a Aarão não era autorizada a entrada no santuário sempre que quisesse, mas só depois da condensação do Od acima do Arca se achar completa e depois das correntes de alta tensão utilizadas para o efeito terem sido desligadas. Era-lhe dito quando podia entrar. Se não tivesse atendido às instruções, também teria morrido, como os seus dois filhos, quando violaram as leis para manter a preparação do puro Od durante o queima dos ingredientes.

"Depois do que acabaste de aprender, entenderás as leis respeitantes às oferendas sacrificiais e o equipamento do Tabernáculo a uma luz diferente daquela que até agora usaste.

MÉDIUNS (INSTRUMENTOS)

Muitas eram as ocasiões e as maneiras por que Deus costumava falar com os nossos pais através dos profetas. *(Hebreus 1:1)*

"Nos dias em que os homens procuravam Deus no mais recôndito dos seus corações, a comunicação com o mundo espiritual de Deus era *direta*. A maioria dos indivíduos possuía as qualidades naturais necessárias para essa comunicação espiritual. O seu próprio espírito, sintonizado com o que era sublime e divino, era capaz de receber mensagens do mundo espiritual através da *visão espiritual, audição e do sentimento.* Era o mesmo que vocês chamam de "clarividência," "clariaudiência" e 'clarisciência' hoje. Não eram necessários intermediários para transmitirem as mensagens do Além.

"Esses dons desapareceram quando a humanidade se desviou de Deus e devotou todos os seus pensamentos e cuidados às coisas mundanas. Na perseguição excessiva de dinheiro e outros bens mundanos que empreenderam, as pessoas esqueceram Deus. Isso não só rompeu a comunicação com o mundo bom do espírito, mas levou a que aqueles dons que tornavam possível a comunicação espiritual desaparecessem. Hoje, a maioria da humanidade foi tão longe que já nem sequer pensa nem acredita na possibilidade de tal comunicação. Existem relativamente poucas pessoas hoje que possuam os dons em questão e que estejam em contacto com o bom mundo dos espíritos da maneira que os povos tementes a Deus do passado estavam.

"Mas está chegando o tempo em que as coisas voltarão a ser como antes eram a este respeito, isto é, em que cada indivíduo pode comunicar com o Além por meio da visão e da audição espiritual. Até que isso suceda, porém, aqueles que ainda acreditarem em Deus poderão comunicar com espíritos por intermédio de um outro canal, e muitos que não creem em Deus podem testemunhar os trabalhos do mundo espiritual com os seus sentidos corpóreos e, assim, despertar no seu íntimo de modo a retornarem à crença em Deus, no além, e na continuação da vida depois da morte do corpo.

"Para tal efeito, Deus concedeu à humanidade de hoje os chamados *'médiuns.'* O significado desse termo já te foi esclarecido, mas uma vez que compreensão correta da natureza dos "médiuns" representa um dos aspetos mais importantes no domínio da comunicação espiritual, não quero deixar de te instruir por completo nesse particular. Vou-me limitar a discutir os médiuns *humanos,* omitindo os casos em que *os animais* podem servir de médiuns.

"Médiuns" são intermediários, ou instrumentos humanos, empregados pelo mundo espiritual para comunicar com a humanidade. Na medida em que os seres espirituais necessitam de poder Ódico para esse fim, os 'médiuns' são seres humanos que servem o mundo espiritual como *fontes de força Ódica.*

"É principalmente *a sua própria Od* que os médiuns cedem aos espíritos que se manifestam. *Os médiuns são, no entanto, ao mesmo tempo coletores do Od contribuído pelos não-médiuns presentes nas chamadas sessões espiritualistas*. Assim como às vezes acontece na construção de um aqueduto, quando a água da fonte principal é suplementada pelas muitas fontes menores para aumentar a produção, do mesmo modo a capacidade que o médium tem de fornecer Od é aumentada pela adição do poder Ódico mais fraco das outras pessoas presentes.

"Enquanto todas as pessoas possuem poder Ódico, na maioria dos casos encontra-se muito estreitamente ligado ao corpo para ser cedido prontamente. Por conseguinte, não está ao dispor do mundo espiritual em força adequada. As pessoas adequadas para funcionar como médiuns são altamente" sensíveis." Isso significa que, devido à facilidade com que o seu Od pode dissolver-se, as impressões causadas sobre elas são muito mais profundas do que no caso das outras pessoas. Esse não é um estado doentio, como pensam os vossos cientistas, e não tem qualquer relação com o nervosismo, a histeria ou a falta de força de vontade; pelo contrário, os bons espíritos não podem usar pessoas nervosas, irresolutas ou doentes como médiuns. Um bom médium tem mais força de vontade, nervos mais fortes e uma melhor saúde física do que as demais pessoas.

"*Os médiuns* dividem-se em diferentes *tipos* de acordo com a finalidade com que seu poder Ódico é empregue pelo mundo espiritual.

"1. Se este poder for usado para erguer ou baixar uma mesa ou fazer com que ela emita batidas, o médium empregado, nesse contexto, é chamado *de 'médium de mesa.'*

"A levitação ou os batimentos na mesa são usados como linguagem gestual para a obtenção de mensagens do mundo *espiritual. Essa é a mais baixa forma de comunicação do espírito,* por os espíritos que comparecem em sessões de inclinação da mesa são quase sem exceção de baixa ordem.

O mundo espiritual mais elevado não escolhe essa forma de comunicação, de modo que em tais reuniões acontece os espíritos baixos que aparecem muitas

vezes carregam muita travessura, ocasionalmente assistidos pelos truques dos participantes. Infelizmente, a inclinação da mesa com as suas em parte irrisórias, e em parte inverídicas manifestações muito contribuem para desacreditar também *as formas superiores de comunicação do espírito.* Aqueles que procuram a Deus e os amigos da verdade, portanto, evitam toda comunicação desse tipo e escolhem apenas métodos dignos de objetivos elevados.

"2. Quando as mensagens do mundo espiritual são transmitidas *através da escrita* (automática) de um ser humano, essa pessoa é chamada de *'médium de escrita.* A maneira como a escrita é realizada difere amplamente por entre os médiuns da escrita. Num caso, os pensamentos são inspirados no médium no estado completamente consciente e escritos por ele (ou ela); Esse também é, pois, conhecido como *médium de inspiração.* A mão de um outro médium poderá ser guiada ao mesmo tempo que as palavras que escreve lhe são inspiradas no seu espírito. Ele está o tempo todo plenamente consciente das suas ações.

A inspiração simultânea é necessária naqueles casos em que o médium ofereça demasiada resistência à orientação da sua mão. Outros têm apenas consciência *de estarem a escrever*, mas não têm qualquer consciência *do conteúdo* da sua escrita. Outros ainda, escrevem em estado de completa inconsciência; eles não sabem nem que estão a escrever, nem o *que* eles estão a escrever. Além disso, acontece com frequência que um e o mesmo médium de escrita escreva por várias dessas maneiras. A chamada *'escrita direta'* é substancialmente diferente dos tipos de escrita mediúnica citados, e são produzidos pelo próprio espírito, que faz apenas uso da força Ódica do médium e não da sua mão. Por efeito do Od que toma do médium o espírito materializa a sua própria mão, e com ela escreve sobre uma superfície que não esteja em contacto com a médium, como uma ardósia, uma folha de papel, ou algo semelhante. A quantidade de Od requerida para tal método é significativamente maior do que quando a mão do médium é usada para escrever.

"Vós estais familiarizados com dois exemplos de "escrita direta" que constam na Bíblia. As tábuas dos mandamentos foram escritas no Monte Sinai pela mão de Deus, conforme relatado nos livros de Moisés: 'As tábuas foram obra direta de Deus, e a escrita inscrita nas tábuas era a Sua própria escrita." *(Êxodo 32:16)*

"Quando o rei Belsazar celebrou uma grande festa com os seus senhores e bebeu dos vasos sagrados que o seu pai tinha roubado do templo de Jerusalém, enquanto entoava cânticos de louvor aos seus ídolos, "os dedos de uma mão

humana apareceram e redigiram na parede caiada de branco do corredor real em toda a extensão a partir do candelabro, de modo que o rei viu as costas da mão à medida que ela escrevia. *(Daniel 5:5)*

"A mão do médium também pode ser usada para *desenhar* ou para a *pintura* em vez de escrever. Nesse caso, os médiuns são chamados "médiuns de pintura," sendo o processo geral o mesmo que no caso da escrita.

"3. Outro tipo médiuns de escrita é o chamado *'médium de prancheta.'* Uma "prancheta" é uma placa de madeira, metal ou outro material em que são marcadas as letras do alfabeto, números e outros símbolos. A superfície da prancha é lisa, de modo que um objeto poderá facilmente deslizar sobre ela. O médium, que mantém a consciência plena, coloca a mão sobre algum objeto que se desloque facilmente que repouse sobre a laje, e que tem um ponto ou ponteiro. Depois espera até que o objeto se mova em direção às letras. O ponteiro indica, uma após a outra, as letras individuais que completarão, uma vez reunidas, palavras e frases.

"O médium de prancheta senta-se de olhos fechados ou, melhor ainda, com os olhos vendados, para que não possa ver as cartas, dado que de outra forma possa haver o perigo de ele poder contribuir para o movimento da sua mão e assim reproduzir os seus próprios pensamentos. A mais famosa de todas as pranchetas foi a *'couraça'* da Éfode (veste) do sumo-sacerdote, que era ele próprio um médium.

"Na tradução moderna que fazem da Bíblia esse 'peitoral' é referido como "A placa do oráculo" porque era usada pelos israelitas quando eles inquiriam a Deus." Tinha a forma de um quadrado e consistia de quatro fileiras de pedras preciosas, a primeira das quais era composta por um sárdio, um topázio e um carbúnculo; a segunda continha uma esmeralda, uma safira e um diamante; a terceira um Jacinto, uma ágata e uma ametista; E a quarta um crisólito, um ônix e um *jaspe. (Êxodo 39:9-13)*

"Em cada pedra fora gravado um caractere, correspondente aos nomes das doze tribos de Israel; Assim, elas formaram uma espécie de alfabeto. Pedras preciosas eram usadas por possuem forte força Ódica e, portanto, fortalecerem o poder mediúnico do sumo-sacerdote. Entre as pedras havia um sulco de ouro largo e liso, sem cantos ou arestas. Uma parte do equipamento era chamada "placa da testa," um diadema de ouro gravado com as palavras: "Dedicado ao Senhor." Fixado à cabeça com um cordão de púrpura, era o mais importante dos

objetos usados na consulta do Senhor. Daí, que carregasse a inscrição: "Dedicado ao Senhor," com toda a razão. *(Êxodo 39:30-31)*

"Sempre que ele "inquiria a Deus," o sumo-sacerdote desatava a borda inferior do peitoral do Éfode e colocava o peitoral na posição horizontal. Então removia a placa de ouro gravada, ou o "diadema," da cabeça e colocava-a num dos sulcos por entre as pedras preciosas. Então ele colocava a mão sobre o peitoral, sem o tocar nem ao 'diadema' que repousava sobre ele. A forte força Ódica do sumo-sacerdote era usada pelo mundo espiritual de Deus para pôr em movimento o diadema dourado. Ele deslizava ao longo dos sulcos, tocando sequencialmente, com um pequeno orifício por meio do qual estava preso à cinta, aquelas pedras cujos caracteres uma vez reunidos formavam uma *palavra.*

"Quando uma *palavra* era formada, o diadema deslizava para a borda direita do peitoral, onde atingia um pequeno sino para indicar que a *palavra* estava completa. Quando as palavras eram colocadas de modo a formar uma *frase* completa, o diadema deslizava tanto para a direita como para a esquerda do peitoral, batendo nos sinos em ambos os lados em sucessão. Esse duplo sinal indicava a conclusão de uma *frase.* Dessa forma eliminava-se toda a possibilidade de erro, uma vez que nenhuma palavra poderia ser movida para o lugar precedente, e nenhuma frase anterior poderia ser movida para a seguinte.

"Na medida em que esse método excluía qualquer equívoco da resposta de Deus, o diadema e os sinos eram conhecidos coletivamente como os "lotes sagrados," símbolos de veracidade e de clareza. Nos textos hebraicos são chamados de "Urim e Thummim," palavras que também significam Verdade e Clareza. Nos dias dos reis de Israel, a "couraça do juízo" era frequentemente usada quando as pessoas "inquiriam a Deus," e os sacerdotes atuavam como médiuns. David, em particular, apelou desse modo a Deus em quase todas as questões importantes através do sacerdote Abiatar, fazendo uso do "peitoral," e por meio dele recebeu a resposta de Deus.

"4. O mais importante dos meios para comunicar a verdade são os *"médiuns de transe"* assim que eles são treinados para ser *médiuns de transe profundo.'* É referido que um médium está em "transe profundo" quando seu próprio espírito tiver deixado completamente o seu corpo. Nesse estado, o médium fica como um cadáver, e a única diferença está em que o seu espírito, que deixou o corpo, ainda se encontra ligado ao corpo por uma banda de Od, enquanto num cadáver a conexão dessa banda de Od se encontra em falta.

Através desta faixa de Od o corpo do médium recebe força vital suficiente do espírito fora do corpo para manter os seus órgãos em funcionamento.

É ao longo dessa faixa de Od que o espírito do médium também volta ao seu corpo. No lugar do espírito que se encontra fora do corpo, outro espírito entra no corpo do médium de transe e comunica a sua mensagem usando os órgãos de expressão do médium. Ao fazê-lo, faz uso das energias Ódicas que permanecem no corpo do médium após o seu espírito o ter deixado. Naturalmente, um médium de transe profundo não tem conhecimento de nada do que o espírito exterior tenha dito. Quando o espírito do médium volta a entrar no corpo, a consciência retorna e ele sente-se como se tivesse dormido. Daí vocês falarem no *'sono mediúnico'* dos médiuns de transe profundo.

"É da maior importância que aqueles a quem o espírito exterior se dirigir através de um médium saibam *que tipo de espírito* tenha tomado posse do corpo do médium - se é um espírito elevado ou inferior, bom ou mau. Por essa razão eu aconselho a todos *a testarem os espíritos,* a fim de saberem se eles são verdadeiramente enviados por Deus, ou se são maus. Isso pode ser conseguido *fazendo com que jurem em nome de Deus acerca da sua identidade e acerca da sua proveniência.* Um bom espírito fará esse juramento, ao passo que um maligno não o fará. Se estiverem a lidar com um bom espírito, ele irá informá-los, admoestá-los, instruí-los e aconselhá-los para vosso bem. Se, porém, o espírito for mau, expulsem-no de imediato, mas primeiro admoestem-no a voltar-se para Deus e a orar a Ele.

"Se os espíritos inferiores entrarem num médium de transe, de tipo que se encontre em severo sofrimento, mas forem de boa vontade, é vosso dever instruí-los sobre a condição em que se encontram, dirigi-los para Deus e orar junto com eles. Dessa forma vocês irão usar de uma grande amabilidade para muitas dessas " pobres almas," como vocês lhes chamam, e eles ficar-lhes-ão gratos por isso para sempre.

"O dever de testar os espíritos foi enfatizado pelos Apóstolos quando eles pregaram aos primeiros cristãos. Toda a comunidade cristã foi cuidadosamente instruída sobre essa matéria; igualmente bem informados nesse domínio estava o povo do Antigo Testamento.

"5. *'Médiuns de aporte'* são geralmente igualmente médiuns de transe profundo cujas forças Ódicas são usadas pelo mundo espiritual para transferir objetos materiais para espaços fechados a partir do exterior, ou de dentro

desses espaços para fora. O estado de transe profundo é necessário na maioria dos casos, uma vez que os espíritos exigem todas as forças físicas do médium, a fim de tornar esses "aportes" possíveis, uma vez que os objetos precisam ser dissolvidos num só lugar, e condensados de novo na substância no outro. Existem, é verdade, médiuns que são capazes de liberar Od suficiente para efetuar 'aportes' sem precisarem entrar num 'transe profundo,' especialmente se *vários* médiuns poderosos forem usados em simultâneo como fontes de Od.

"Embora vocês não possam fisicamente perceber o calor extremamente elevado que é desenvolvido pelas correntes Ódicas para o propósito de desmaterializar a matéria, vocês podem sentir parte do calor que permanece *após* os objetos terem sido condensados de novo. Um exemplo poderá deixar-te isso claro: Existem os chamados espectros, que ocasionalmente "atiram" pedras, areia e coisas similares da rua para os compartimentos fechados de um compartimento.

Eles só conseguem fazer isso quando tiverem suficiente força para produzir correntes quentes de alta tensão. Com elas dissolvem os objetos e transportam o dissolvido para os compartimentos, onde os voltam a condensar em matéria sólida, que passa a poder ser sentida como quente ao toque, porque, embora tenha sido condensada uma outra vez por correntes de energia frias, retêm parte do enorme calor usado na sua dissolução, assim como o aço brilhante, ao ser arrefecido em água, permanece quente durante um tempo considerável.

"Às vezes, o corpo do médium é transportado de um lugar para outro, ocasionalmente a uma enorme distância. Isso também é feito por desmaterialização do corpo do médium num ponto e uma nova materialização em substância no outro.

"Quando, conforme relatado no Velho Testamento, o profeta Habacuque, juntamente com a comida que levava consigo, precisou ser transportado por um anjo do Senhor a Daniel na cova dos leões, o anjo não carregou Habacuque pelo ar como as pessoas parecem acreditar, mas desmaterializou-o e tudo o que ele carregava consigo e voltou a materializá-lo na cova do leão.

"O mesmo aconteceu no caso de Filipe, conforme relatado nos Atos dos Apóstolos:

Quando ele ilumino e batizou o tesoureiro da Rainha Candace de Etiópia, "o Espírito do Senhor levou Filipe para Azoto." O espírito desmaterializou o corpo

de Filipe, fazendo-o desaparecer repentinamente diante do tesoureiro, e voltou a materializá-lo na cidade de Azoto. *(Atos 8:39-40)*

"Tais acontecimentos estão além da compreensão dos seres humanos por eles não poderem ver as forças em ação. O facto da matéria e mesmo dos corpos de pessoas vivas poderem ser desmaterializados num lugar e serem materializados de novo não mais pode ser negado, uma vez que casos bem autenticados desse fenómeno serem numerosos demais para admitirem tal negação. As leis naturais de acordo com as quais essas coisas se deverão ficar amplamente claras depois da explicação que te dei.

"6. No caso de *médiuns de materialização*,' toda a força física Ódica do médium é usada para permitir que um ou mais espíritos se façam visíveis aos olhos humanos. Uma vez que todo o Od do médium é necessário, o espírito do médium precisa ser afastado do seu corpo. Dependendo da quantidade de Od disponível, o espírito externo usa-o para envolver, quer toda a configuração, isto é, todo o seu corpo e todos os seus membros, ou apenas certas partes, como por exemplo, os olhos, o rosto ou as mãos. Se a materialização for completa o suficiente para permitir que o espírito materializado pareça um ser terreno, o Od do médium só não será suficiente, e a matéria precisará ser retirada do seu corpo e usada *no estado Ódico* para a materialização do espírito.

"Em tais ocasiões, um médium perde tanto peso corporal quanto o Od e a matéria que tiver cedido ao espírito externo. Os vossos cientistas determinaram essa perda de peso por meio de escalas automáticas, nas quais tenham colocado o médium no início da investigação. São conhecidos casos em que um médium de materialização perdeu tanto quanto 36 quilos no espaço de alguns minutos. Entretanto, a matéria e o Od ligados ao médium por meio da banda acima mencionada fluem de volta para o corpo do médium quando o espírito é desmaterializado de novo. É por isso que vocês veem a materialização sempre ocorrer perto da médium. Muitas vezes vocês podem notar, também, que os movimentos de um espírito sejam acompanhados por movimentos similares por parte do médium, por a conexão existente entre o médium e o espírito materializado ser uma conexão muito estreita.

1. Se as suas mãos e braços tiverem sido presos aos de alguém mais por meio de cordas firmemente atadas, e vocês gesticularem com os vossos próprios membros, vocês fariam com que a outra pessoa fizesse gestos semelhantes com os seus. O espírito materializado e o médium estão ligados de maneira análoga pelas bandas Ódicas espirituais.

"Essa conexão íntima entre o médium e o espírito materializado explica outro fenômeno que os vossos cientistas também acham incompreensível, nomeadamente, os diferentes odores frequentemente difundidos pelos médiuns durante a materialização. Às vezes, esses odores são agradáveis, outras vezes são um fedor ou o odor desprendido por um cadáver em decomposição. Esses odores dependem da natureza dos espíritos materializados por meio do Od.

Quando eu te falei acerca do Od, expliquei que ele assume um odor em conformidade com as qualidades do espírito que envolve. O Od tomado de um médium e usado por um espírito para a sua materialização, pois, assume um odor correspondente à natureza desse espírito, e uma vez que o material do espírito permanece intimamente ligado ao médium, o perfume Ódico do espírito também é transmitido ao médium. Isso dá a impressão de que o próprio aroma seja a causa do odor agradável ou desagradável, enquanto que os odores na verdade procedem dos espíritos que se materializam com o Od do médium.

"7. Existe ainda um outro tipo de médium; esses médiuns não são bons para a humanidade, por eles são usados principalmente por espíritos *malignos.* Eles são os chamados *'médiuns físicos'.* Os espíritos usam o poder Ódico desses médiuns para *mover objetos* que se encontram por perto do médium. Mesas, cadeiras, utensílios de todos os tipos são elevados e flutuam de um lugar para outro; os instrumentos começam a tocar; uma trombeta é elevada no ar e ressoa; um tambor próximo soa batidas; sinos passam a voar através do aposento e da área, e ocorrem inúmeras coisas semelhantes.

"Escusado será dizer que os *bons* espíritos não se comportam desta forma, por não ser tarefa do bom mundo espiritual produzir fenómenos apenas para satisfazer a obsessão do homem com experiências extraordinárias. Lembra-te, isto é verdadeiro em algumas manifestações que ocorrem igualmente com outros médiuns, mas não ocorre tão frequentemente com eles como com os "médiuns físicos."

"Tu perguntas a que propósito os espíritos baixos apresentam tal "carnaval" em sessões "sessões espiritualistas" modernas, ou porque realmente eles estão autorizados a fazê-lo. A isso posso só responder dizendo que os espíritos inferiores gozam do mesmo livre arbítrio que as pessoas perversas. Assim como estes últimos são deixados livres para agir como quiserem,

nenhumas restrições são impostas às liberdades dos primeiros, pelo menos até certo ponto.

É verdade que eles não gozam de total liberdade, porque se gozassem causariam à humanidade ainda mais mal do que causam. Por o objetivo do homem ser alcançar Deus, e, em face desse objetivo, Deus estabeleceu limites às atividades dos malfeitores. Mas até mesmo o "carnaval" do mal, como tu o chamaste, Que ocorre nas reuniões espiritualistas de hoje frequentemente tem um bom efeito apesar de tudo. Hoje, quando há tantas pessoas que não acreditam em Deus, no Além, no mundo espiritual e na sobrevivência após a morte, traz-lhes algum bem testemunhar tais coisas, nem que seja por os levar a pensar nessas questões, a sentir-se inseguros na sua descrença e começar a procurar a verdade.

"Esta afirmação aplica-se a tudo o que acontece nas reuniões espiritualistas de hoje, desde a levitação e batidas na mesa aos fenómenos físicos e à materialização do espírito. Mesmo que, para a maioria das pessoas o interesse que sente por essas coisas brote apenas de um desejo de experimentar algo sensacional, muitas vezes acontece que eles mantêm a impressão de que as forças sobrenaturais devam existir. Mesmo que esse resultado deixe muito a desejar, é pelo menos melhor do que se esses indivíduos nunca tivessem sido recordados sobre Além.

"Aquilo de que a humanidade precisa, e precisa de verdade, é duma explicação completa da natureza da comunicação espiritual e da maneira pela qual a comunicação pode ser estabelecida com o *bom* mundo do espírito. Essa deve ser a missão da tua vida, e por essa razão estás a receber todos estes ensinamentos. Eles não se destinam a ti sozinho, mas aos teus semelhantes também. Eles são teus irmãos e irmãs, e é teu dever ensinar-lhes estes factos. Quando as pessoas foram ensinadas a procurar a comunicação com o bom mundo espiritual, cada encontro espiritualista se tornará um serviço inspirador divino.

"8. Os vossos eruditos incluem entre os médiuns aqueles indivíduos que gozam dos dons de *'clarividência'* e *'clariaudiência'.* Isso não está correto. É verdade que os clarividentes, clariaudientes e os clarissencientes gozam de *poderes mediúnicos,* mas eles não são verdadeiros médiuns. No caso deles, é o seu *próprio* espírito que se encontra ativo, que vê e que ouve, enquanto no caso dos médiuns reais, é um espírito *exterior* que age enquanto o espírito do médium é temporariamente livre.

"Embora os dons da" clarividência "e da" clariaudiência" permitam que o espírito de um ser humano veja e ouça os espíritos ao seu redor, o clarividente não é um instrumento desses espíritos e, portanto, não é um 'médium.' O espírito de uma pessoa dotada de clarividência, clariaudiência e dos poderes sobrenaturais de cheirar, provar e sentir devem isso exclusivamente ao facto de se poderem desprender do corpo em maior ou menor grau.

Um espírito assim separado e parcialmente afastado do corpo torna-se independente dos sentidos físicos do corpo e assume as faculdades e propriedades de um espírito desencarnado, e vê, ouve ou sente à maneira dos espíritos do Além, de acordo com o grau em que se afasta do seu corpo e de acordo com a pureza do Od que envolva o espírito. Essa pureza do Od é de particular importância para os "clarividentes," por não se poder ver claramente através de um vidro impuro.

"Da mesma forma, os poderes espirituais dos Espíritos do Além variam muito de acordo com a composição do seu corpo Ódico. Alguns desses espíritos podem ver, ouvir e sentir coisas que outros espíritos são incapazes de detetar. O mesmo se aplica aos seres humanos dotados de Clarividência, clariaudiência e clarisciência. Também possuem essas faculdades de acordo com inúmeros graus de agudeza, desde as mais rudimentares às mais refinadas. Alguns simplesmente *sentem* a proximidade dos espíritos que os rodeiam e sentem vagamente a impressão em si mesmos, mas não veem nem ouvem esses espíritos. Outros são capazes de *ver* os espíritos, mas não *ouvi-los.* Ainda outros são capazes de os ver claramente, ouvir suas palavras e podem distinguir os diferentes espíritos segundo a sua natureza.

"Os muitos erros cometidos pelos vossos clarividentes nas declarações que fazem são devidos ao facto de que com a maioria deles a faculdade acha-se presente num estado muito imperfeito.

"Encontrarás muitas referências à clarividência tanto no Velho como no Novo Testamento. Do patriarca Jacó, é-nos dito: 'Ao seguir o seu caminho Jacó encontrou *"anjos de Deus."* Ao *vê-los,* Jacob disse: "Este é o exército de *Deus" (Gênesis 32:2-3)*

"Durante o reinado do rei Davi, quando o anjo do Senhor feriu o povo de Israel com a peste como castigo, *David realmente viu o anjo.* "O anjo do Senhor, porém, acabara de chegar à eira Araúna do Jebuseu. Quando Davi viu o anjo que

causara a mortandade entre o povo, gritou ao Senhor em oração: "Eis que tenho pecado e sido mau, mas estas ovelhas, que foi que elas fizeram?" *(II Samuel 24:16-17)*

"O profeta Eliseu tinha o dom da clarividência. É com respeito a ele que no Livro dos Reis diz que de forma clarividente ele vira o seu servo Geazi (Gedalias) seguir o capitão Naamã que fora curado e achacar os presentes com respeito a Eliseu com base em falsos pretextos. Quando Geazi escondeu esses presentes na casa destinada a seu próprio uso e se colocou diante do seu senhor, Eliseu perguntou-lhe: "Onde foste Geazi? Ele respondeu: "Não fui a parte nenhuma." Então Eliseu disse-lhe: "Eu não estava contigo em espírito, quando alguém se voltou para ti do seu carro? Será é um tempo para receber dinheiro e vestuário e para adquirir vinhas e pequenos animais e gado, e criadas e criados junto com isso? *(II Reis 5:25-26)*

"Eliseu também previu o destino que Hazael iria trazer através da clarividência, conforme está registado no mesmo livro da Bíblia: "Eliseu ficou com o olhar fixo no espaço, horrorizado, e a seguir irrompeu em lágrimas. Quando Hazael lhe perguntou: "Por que chora o meu senhor?" ele respondeu: "Porque eu sei que os desastres que irás infligir sobre os Israelitas. Irás incendiar as suas cidades fortificadas, matar os seus jovens à espada, e retalhar os seus filhos em pedaços e cortar os corpos das suas mulheres grávidas! O Senhor Deus me deixou ver-te reinando como rei sobre a Síria." *(II Reis 8:12-13)*

"Foi também por clarividência que os grandes profetas viram os espíritos que lhes foram enviados, assim como o destino reservado à humanidade, às nações e aos indivíduos. Esse destino era-lhes geralmente revelado pelo mundo espiritual por símbolos. Além do dom da "clarividência," os profetas também foram dotados de "clariaudiência." Encontrarás um exemplo disto se leres de novo o Livro de Daniel, especialmente aquelas passagens relacionadas com a aparição do arcanjo Gabriel:

"Enquanto eu pronunciava a minha oração, Gabriel, que eu tinha visto na primeira visão, veio rapidamente a mim na forma de um homem à hora da oferenda da noite. Ele quis iluminar-me e disse: "Daniel, eu vim agora para te ajudar a alcançar a compreensão adequada. Quando começaste a orar, Deus falou e eu vim comunicar-te as suas palavras, pois que és um homem especialmente amado por Deus; assim reflete nestas palavras e compreende a revelação." *(Daniel 9:21-23)*

"No vigésimo quarto dia do primeiro mês eu encontrava-me nas margens do Tigre, e quando ergui os olhos e olhei ao redor, vi um homem ali em pé vestido de linho, com um cinto de ouro fino de Ofir ao redor dos quadris, com um corpo semelhante ao crisólito, e o rosto a reluzir como um relâmpago, os olhos queimavam como tochas de fogo; os braços e pernas a cintilar como bronze polido; quando ele falou, a sua voz soou como o rugido de uma multidão. Eu, Daniel, fui o único que teve a visão.

Os homens a meu lado não o viram, porém apanharam tal susto que correram a esconder-se. Assim, fui deixado sozinho para ter a grande visão. Não me restavam forças; o meu rosto estava descorado, o que me tornou irreconhecível; eu tornei-me completamente impotente. Quando ele começou a falar em voz alta, e eu escutei o som das palavras que pronunciava, caí num desmaio morto, com o rosto no chão. Aí uma mão tocou-me e pôs-me de joelhos e sobre as mãos, todo a tremer." (*Daniel:10:4-10)*

"Citei estas duas passagens do Livro de Daniel, por elas serem especialmente instrutivas para ti e por confirmarem muito do que eu te disse até agora. Em primeiro lugar, tens aqui um claro exemplo de clarividência e clariaudiência. Daniel vê a figura do espírito, enquanto os companheiros não. Mas como eles também tinham alguma 'mediunidade,' eles *sentiram* a proximidade do espírito e o seu potente poder Ódico, e fugiram com medo. Isto confirma a minha afirmação de que certas pessoas, podem não ser capazes de ver ou de ouvir os espíritos, mas podem *sentir a sua presença*.

Além disso, essas passagens da Bíblia, à semelhança de tantas outras, confirmam o facto de que os espíritos têm uma imagem e membros espirituais semelhantes aos dos mortais. Finalmente, Daniel sentiu uma mão que o tocou e o levantou. Foi o mão de Gabriel, que a materializou com a ajuda da força Ódica de Daniel. Pois só com uma mão materializada Gabriel poderia erguer um ser humano. O discurso me voz alta do espírito e a materialização da sua mão exigiram tanta força Ódica que Daniel se afundou no chão, impotente, e teve que ser fortalecido por Gabriel com a sua própria energia espiritual Ódica. "Então aquele com aparência de um homem veio de novo e tocou-me e deu-me novas forças." *(Daniel 10:18)*

"Do Novo Testamento, mencionarei apenas a *'clarividência' do apóstolo Paulo.* Em Troas, à noite, Paul viu de repente um homem da Macedônia diante dele, que rogava a Paulo: Vem à Macedônia, e ajuda-nos." *(Actos 16:9)*

Numa outra noite, o Senhor apareceu ao lado de Paulo e disse-lhe: "Coragem! Como me testemunhaste em Jerusalém, assim também darás testemunho de mim em Roma." *(Atos 23:11)*

"Numa viagem para a Itália, Paulo disse à tripulação do navio: "Homens, *prevejo* que esta viagem vai trazer perigo e graves danos não só à carga e ao navio, mas também à nossa própria vida." *(Atos: 27:10-11*)

"Eu já te disse que os grandes acontecimentos do futuro podem ser previstos somente se eles forem revelados ao clarividente pelo mundo do espírito numa imagem. Isso também é confirmado neste caso, porque quando a tripulação não prestou atenção ao aviso de Paulo e se aventurou na viagem a despeito dele, eles depararam-se com uma tempestade que os obrigou a lançar ao mar parte da sua carga assim como o equipamento do navio, e já tinham abandonado todas as esperanças de ser salvos, quando Paulo se ergueu no meio deles e disse: 'Homens, vocês deviam ter-me dado ouvidos e ficado em Creta; poderíamos ter nos poupado este sofrimento e perda. No entanto, conforme as coisas agora estão, digo-lhes que se animem! Não haverá perda de vidas, somente do navio. Na noite passada, um "anjo do Senhor" a que pertenço e sirvo esteve diante de mim e disse-me: "Não tenha medo, Paulo! tu vais diante de César; e eis que Deus te concedeu a vida de todos os teus companheiros de viagem." Por isso, animem-se, homens! Confio em Deus e acredito que vai ser como me foi dito. No entanto, vamos ficar presos numa ilha." *(Atos 27:21-26)*

"Aos Coríntios, Paulo escreve: 'Embora ausente no corpo, eu estou convosco em espírito, como se aí estivesse convosco, e já determinei que o que tal ato praticou..." *(I Coríntios: 5:3)*

"Da mesma forma, ele escreve aos Colossenses: 'Embora eu esteja longe em corpo, o meu espírito está convosco, regozijando-me e vendo a vossa ordem e a firmeza da vossa fé." *(Cl: 2:5)*

"A partir destas duas últimas passagens vemos que o espírito de Paulo podia deixar o

corpo e estar presente em eventos que ocorriam em lugares distantes."

O DESENVOLVIMENTO DOS MÉDIUNS

Porque derramarei água sobre a terra sedenta e chuva em aluvião sobre a terra seca; eu derramarei o meu Espírito sobre o teu povo e as minhas bênçãos sobre sua prole. (Isaías: 44:3)

"O que quer que se destine a servir um propósito particular, deve primeiro ser exibido adequadamente externamente, preparado e adaptado, tal como as vossas máquinas e ferramentas são construídas para atender os fins para os quais foram projetadas.

"Os médiuns são os instrumentos do mundo espiritual, e a sua finalidade é a de tornar possível a comunicação entre os espíritos e a criação material. Consequentemente, esses médiuns devem ser habilitados a fazer tudo o que puder ser necessário para o alcance de tal fim. Isso é conseguido *pelo desenvolvimento dos seus poderes mediúnicos.*

"Os médiuns são principalmente *fontes de energia* a partir dos quais os seres espirituais retiram o combustível para o seu trabalho. *São eles, os médiuns, quem fornece o força Ódica.*

"Para tornarem os passos no desenvolvimento dos médiuns tão compreensíveis quanto possíveis para vós, vou, uma vez mais, fazer uso de uma comparação. Para fazerem mover os vossos automóveis, vocês usam uma substância obtida a partir de depósitos de petróleo. Para os explorarem, o primeiro passo que dão é perfurar profundamente o suficiente para obterem *uma quantidade suficiente* de petróleo para torne a vossa extração rentável. Mas o petróleo que flui a partir da poços não pode ser usado como está. Deve primeiro ser refinado e submetido a várias formas de filtragem que o tornam adequado para os muitos usos a que está a ser colocado.

"Da mesma forma, a primeira preocupação do mundo espiritual é a *prover uma quantidade tão grande de Od quanto possível* a partir dos médiuns. Essa Od é, no entanto, destinada ao corpo do médium, e deve ser tratada de modo que possa ser facilmente solta (dissolvida) e disponibilizada para o mundo espiritual na quantidade requerida.

"Vocês também falam de *solubilidade*, por exemplo, *em* referência aos componentes dos vossos fertilizantes artificiais. Vocês diferenciam entre o teor *total do* fósforo, o potássio, o azoto e o cálcio, e a percentagem *solúvel* desses

elementos. Somente a última parte tem valor para vós, e só a percentagem solúvel é paga.

"Da mesma forma, só essa força Ódica tem valor para os espíritos que pode ser disponibilizada em razão da sua capacidade de ser libertado de um corpo terrestre. Quanto mais solúvel for o Od de um médium, tanto maior a quantidade que pode ser disponibilizada, e tanto mais marcantes e abrangentes os fenómenos que os seres espirituais poderão produzir.

"Ao mencionar o Od disponibilizado pelo desenvolvimento do médiuns e utilizado como combustível pelos espíritos comunicantes, devo salientar algo muito importante. Se um espírito tiver uma ordem *especial de Deus a realizar*, esse espírito terá à sua disposição mais Od do que é possuído por todos criaturas na Terra juntas. Nesse caso, o espírito terá um vínculo especial com a fonte de toda a força Ódica, o próprio Deus, e poderá tirar dessa fonte a quantidade que achar necessária para a realização dessa ordem divina.

"Se, por exemplo, Deus ordenar a um espírito que transmita instrução à humanidade, a quantidade necessária de Od é fornecida a esse espírito. Contudo, o Espírito, fará igualmente uso do teu Od, por o mundo espiritual empregar esse recurso precioso com tal moderação como vocês, mortais fazem com os vossos mais valiosos recursos mundanos. Nesse caso, vocês reforçam o Od que o espírito dispõe com o vosso, e permitem que o espírito prolongue a comunicação para além do tempo originalmente planeado. É, pois, para fazer uso de um exemplo terreno, como adicionar água fresca à água de uma torre de arrefecimento, a fim de aumentar o efeito e a duração da operação.

"Se, contudo, os bons espíritos estiverem a agir, não por ordem de Deus, mas com base na sua própria responsabilidade, embora com uma sanção da Sua parte, o trabalho que puderem realizar dependerá da quantidade de Od disponível a partir das fontes terrestres, isto é, a partir dos médiuns. A quantidade de Od que pode ser libertada varia com cada médium.

"No caso de alguns, quase é suficiente para as tarefas mais simples do mundo espiritual; com outros, permite a atividade de um âmbito muito maior, ao passo que num terceiro caso poderá ser suficientemente abundante para os empreendimentos mais difíceis neste domínio. Entre esses encontra-se o corporificação de um espírito por meio de uma condensação da Od tão forte que o espírito apresenta-se diante de vós num corpo completo, não diferindo de um ser humano real. Foi num estado tal corporificação que três dos mensageiros de

Deus apareceram a Abraão, que o Arcanjo Raphael acompanhou o jovem Tobias, e que Cristo se apresentou diante dos seus discípulos após a ressurreição. (...)

"O principal objetivo no desenvolvimento de médiuns está, pois, em desenvolver a sua capacidade de libertar tanto Od quanto possível, por meio de uma concentração espiritual. A quantidade ou a força dessa Od terrestre é de igual importância para todos os espíritos, bons ou maus. A segunda tarefa no desenvolvimento dos médiuns está na adaptação da Od do médium ao do espírito que trabalha por intermédio dele. A realizando disso fica a cargo do mundo espiritual. (...)

"No caso de alguns médiuns há ainda um terceiro propósito a ser alcançado pelo desenvolvimento. Se, designadamente, a forma *Od física inteira* for para ser usada pelos espíritos no seu trabalho, isso só será possível desde que o espírito do médium seja removido do seu corpo; portanto, é necessário prover para que o seu espírito abandone o corpo dele. Isso não é fácil de realizar. Exige muito esforço e um trabalho demorado por parte do mundo espiritual.

O médium passa assim por um processo não muito diferente do morrer. Como sabes, quando uma pessoa morre, a morte também decorre da separação do espírito do corpo. Eu já te expliquei a diferença entre o corpo de um médium cujo espírito o deixou e um cadáver. Haverás de lembrar-te que, quando o espírito de um médium de transe profundo deixa o seu corpo, ele ainda mantém ligação com o corpo por meio de uma *banda de O*d, ao passo que no caso de um cadáver, a morte foi causada pelo rompimento dessa banda.

"Pelo que eu disse que terás ficado com uma ideia clara do propósito do desenvolvimento dos médiuns. O seu objetivo consiste na libertação do maior quantidade possível de Od, na purificação do Od para as tarefas empreendido pelo mundo espírito elevado, e, por fim, a libertação dos espíritos 'médiuns de transe' profundo dos seus corpos.

"O desenvolvimento das faculdades de 'clarividência' e 'clariaudiência' da mesma forma requerem treino. Também aí, o espírito é, em parte, libertado a partir do corpo da vidente, e o Od que rodeia o seu espírito deve ser submetido a uma purificação adequada. No entanto, a separação parcial do espírito no caso dos videntes difere radicalmente da separação do espírito de um médium de transe profundo. É verdade que o espírito dos clarividentes abandona o corpo, mas permanece ligado ao corpo com toda a sua física Od e todas as suas partes.

O Od simplesmente expande-se, para usar um conceito terrestre, e a sua expansão permite a saída parcial do espírito. No caso do clarividente, contudo, não ocorre nenhuma separação da Od física do espírito.

"Com um médio de transe profundo toda a Od, com exceção de uma banda Ódica,
é separada do espírito, o qual é, desse modo, liberta, sendo ativada para deixar
o corpo e viajar para grandes distâncias a partir dele, graças à enorme elasticidade
da banda. Quando o espírito do médium deixa o seu corpo, o seu lugar é ocupado
por um espírito estranho, que procede à entrega das suas mensagens. Isso não é
possível com um clarividente, porquanto no seu caso nenhum espírito estranho pode entrar, por o seu próprio espírito ainda se encontrar ligado a toda à Od física do seu corpo e, em consequência, nenhum espaço é deixado disponível para a ocupação por parte de outro espírito.

"No caso do clarividente, pois, uma união muito estreita é mantida entre o seu próprio espírito e a Od do seu corpo, e no de um médium de transe profundo dá-se uma libertação quase completa do espírito da Od física. Com o clarividente, é o *seu próprio espírito* que quer ver e ouvir; no do médium de transe profundo, o espírito do médium cede o seu lugar a *outro espírito*, permitindo que o espírito se manifeste através do corpo de forma e use a Od física, que ficou para trás.

"Há, contudo, clarividentes que também são médiuns de transe, seja do tipo transe parcial ou transe profundo.

"Irás prontamente compreender que o mundo espiritual tem um trabalho variado e difícil a realizar com o desenvolvimento e preparo dos médiuns. Pode, é claro, não formar qualquer conceção de quão caro - para usar uma mundana expressão - é o desenvolvimento de médiuns para o mundo espiritual. Quanto poder espiritual precisa ser gasto, quantos remédios preciosos e outras substâncias são consumidas no processo! Fazem-se necessárias operações espirituais, muitas vezes muito maiores e mais difíceis do que as feitas pelos vossos cirurgiões sobre os corpos humanos terrestres. Alguns médiuns têm defeitos internos que primeiro precisam ser curados antes que o seu desenvolvimento como um médium possa começar.

"Assim como os cirurgiões têm uma grande variedade de instrumentos e de medicamentos para as operações que realizam, assim também nós, temos uma contraparte espiritual para tudo que vocês possuem na forma material. Claro que nós espíritos nunca adoecemos e nunca nos são exigidas operações ou tratamento. Usamos o nosso conhecimento substancial e recursos apenas em prol da criação material, para curar homens e animais e desenvolver médiuns para fins de comunicação com o mundo espiritual. Temos os nossos especialistas em todos os departamentos, incluindo o desenvolvimento de médiuns. Temos os nossos médicos-chefe e assistentes, e uma ajuda e um treino mais diversificados. Temos uma grande variedade de instrumentos espirituais, anestésicos, tónicos e medicamentos, tudo quanto é usado no desenvolvimento dos médiuns.

"Consequentemente, um grande número de espíritos acham-se envolvidos no desenvolvimento de um médium para servir o bem. Assim como cada assistente numa operação conduzida por seres humanos tem uma tarefa específica, também, enquanto um médium está a ser desenvolvido, cada espírito ligado ao processo tem a sua obra especial a cumprir. Tudo é muito bem organizado. Os vossos médiuns em desenvolvimento encontram-se pois, em boas mãos, desde que se colocam à disposição dos *bons* espíritos, desde que eles evitem todo o mal e fizerem tudo com Deus.

"Ninguém tem, pois, necessidade, de ficar alarmado com o que testemunha durante o desenvolvimento de um médium, especialmente um médium de transe profundo.

Tudo segue leis fixas. Os bons espíritos são os melhores amigos que vocês têm, e vocês nada têm a temer da sua parte.

"*O desenvolvimento de médiuns é realizado mais rapidamente nos chamados encontros (*sessões) *espiritualistas.* "Por esta razão e tendo em vista a grande importância de tal desenvolvimento vou entrar em maiores detalhes a respeito de como essas sessões devem ser mantidas. Ao mesmo tempo, vou dar-te as razões para os detalhes que devem ser observados em tais ocasiões. Também vou explicar-te as coisas que acontecem nessas sessões no decurso do desenvolvimento de um médium.

"Quando um grupo de buscadores de Deus e da verdade decidem unir-se num esforço para entrar em comunicação com o mundo bom do espírito, a primeira coisa a ser determinada é o local onde as reuniões venham

regularmente a ser realizadas. Esse local deve ser escolhido de forma a garantir que eles não sejam perturbados. De igual modo tu, ao conduzires os teus afazeres mundanos importantes, deves precaver-te contra a intrusão. Isto torna-se ainda mais essencial quando vocês estiverem a tentar estabelecer um vínculo puramente espiritual, o que seria muito mais suscetível a influências perturbadoras do que qualquer empreendimento mundano.

"A melhor época para essas reuniões é à noite depois das oito horas, quando o dia de trabalho com as suas preocupações mundanas e pensamentos tiver terminado, e as pessoas

podem dedicar-se calmamente à compostura interna. De um modo geral, as sessões não devem ser realizadas com mais frequência do que duas vezes por semana. (...)

"Imediatamente antes da abertura da sessão, os presentes não devem mais falar sobre assuntos materiais, mas devem concentrar os seus pensamentos e descartar todos os assuntos puramente mundanos das suas mentes. Lembra-te, é *para um Serviço divino* que eles se reúnem!

"O assento que cada participante escolher na primeira reunião deve ser regularmente ocupado por ele sucessivamente, por a radiação Ódica, que varia com cada indivíduo, precisar ser gradualmente levada a um determinado equilíbrio. Por essa razão, os presentes devem sentar-se alternadamente de acordo com o sexo, para a Od do homem ser eminentemente positiva, enquanto que a do sexo feminino é negativa, e compensando uma com a outra é a melhor forma de estabelecer o equilíbrio. No entanto, esse arranjo alternativo não é imperativo; ele apenas facilita o equilíbrio da Od para a produção de uma corrente Ódica eficaz. A mudança de assento na ordem adotada originalmente deve ser feita apenas se o mundo espiritual der uma instrução como através de um médium treinado ou um médium que esteja submetido a um desenvolvimento.

"Se houver um instrumento musical como um piano ou um órgão do sala de reuniões, é melhor começar a reunião com um hino religioso, cantada com acompanhamento do instrumento. De forma alternada, poderão tocar um disco de fonógrafo de um hino ou de outra canção solene. O canto de uma bela canção inspira os corações dos ouvintes com harmonia e solenidade e volta os seus pensamentos para coisas mais elevadas. Essa música é também uma boa salvaguarda contra a influência do mundo dos espíritos malignos, que será tentada a infiltrar-se na reunião com a finalidade de a obstruir e perturbar, desde

que os espíritos maus são a discórdia e não se sentem bem num ambiente em que a harmonia em que bons pensamentos e sentimentos encontra expressão nas palavras e canções. Foi por isso que, conforme a Bíblia relata, o espírito maligno se retirava de Saulo quando David tocava harpa diante dele e cantava as belas canções ao Senhor.

"Depois que o canto tiver terminado, alguém presente deve dizer uma simples oração por suas próprias palavras. Se ele for muito tímido para proferir a oração sem a ajuda de anotações, ele pode anotá-la de antemão e lê-la em voz alta com a devida reverência. Quem quer que assista a essas reuniões deve ter a sua vez de oferecer uma oração.

"Após a oração, alguém deveria ler uma passagem do Velho ou do Novo Testamento, e os presentes devem, em seguida, discutir o que tiver sido lido. O canto, (a oração), a leitura e a discussão devem levar cerca de meia hora.

"Quando a discussão terminar, os participantes juntam as mãos, a luz deve ser, tanto quanto possível esmaecida, cada pessoa deve colocar a mão direita sobre a mão esquerda do seu vizinho. Isto é chamado de formação de uma cadeia, e é necessário unir a força Ódica de cada indivíduo num circuito fechado, tal como fios separados precisam ser ligados quando se deseja enviar uma mensagem de corrente elétrica de forma eficaz por seu intermédio. Deve-se ter sempre em mente que a capacidade que o mundo espiritual tem de realizar o seu trabalho numa sessão depende da força da corrente Ódica, e que o efeito da Od é enormemente reforçada, escurecendo as luzes.

"A 'formação da cadeia' também tem um significado altamente simbólico, porque, assim como os presentes juntam as mãos e assim ficam ligados exteriormente numa unidade, também eles devem tornar-se *num* coração e *numa* alma. Eles devem amar uns aos outros, ajudar uns aos outros, perdoar as falhas do próximo e banir dos seus corações tudo o que possa perturbar a harmonia interna do grupo.

"Foi pelas razões que citei que também os cristãos primitivos costumavam juntar as mãos quando se reuniam para o culto. Assim, procuravam dar expressão à unidade da mente, mas principalmente eles esforçavam-se por criar uma poderosa corrente Ódica, a fim de permitir que o bom mundo do espírito transmitisse as suas mensagens.

"Essa cadeia deve ser mantida durante 12 a 15 minutos. Durante esse tempo todos devem se esforçar para ficar compostos, por excluir todos os pensamentos mundanos e pensar no que é bom. Para esse fim, podem-se envolver na introspeção, rever a sua própria vida passada, os seus próprios defeitos, o comportamento que tenham para com Deus e os seus semelhantes, os seus pecados de omissão e similares, definir as boas resoluções correspondentes, implorar perdão a Deus e por força para evitar o mal. Ele deve dar graças a Deus por todas as bênçãos recebidas, louvá-Lo e exaltá-Lo e reverentemente rogar-Lhe por uma autorização para comunicar com o mundo bom do espírito. Ele poderá incluir na sua meditação e oração qualquer coisa que seja propícia ao bem-estar espiritual da sua alma. (...)

"O espírito de controle é o primeiro dos espíritos para chegar a cada sessão*, e ele sempre surge com uma saudação que faz referência a Deus.* É o guia espiritual dos participantes, a quem admoesta, adverte, critica e instrui. Em particular, tanto durante o desenvolvimento do médium como depois, ele enfatiza a necessidade de uma crença cada vez maior e confiança em Deus.

"Quanto mais perto uma pessoa interiormente se aproxima de Deus, maior é a sua quota no poder que emana d'Ele, e tanto maiores e mais maravilhosos forem os dons que Deus lhe concede para o benefício dos seus semelhantes. Portanto o objetivo de cada sessão em que espíritos de Deus se acham ativos é: "*Mais próximo meu Deus de Ti!*"

"Nos estágios iniciais da educação dos médiuns, quando as primeiras mensagens *escritas* do além são recebidas, são geralmente os vossos parentes e amigos que tiverem partido que obtêm permissão para se comunicar convosco, desde que eles estejam na rota para Deus no Além e não estejam entre os espíritos do mal. Eles também irão sinceramente exortá-los a acreditar em Deus, e não irão cansar-se de lhes dizer que na comunicação com os espíritos bons, vocês terão escolhido o caminho certo. Eles muitas vezes também expressam o pesar que sentem desse caminho não lhes ter sido indicado, enquanto eles estavam vivendo na terra.

"À medida que o desenvolvimento consegue novos progressos, as mensagens de parentes e amigos falecidos cessa *por completo*, e os seres do espírito superior fazem-se manifestar*. No entanto, isso pressupõe que os participantes procurem melhorar-se interiormente e que eles sejam dotados de boa vontade.* Se a um participante faltar boa vontade ou a perder, e se não acatar

admoestações repetidas que lhe sejam dirigidas pelos bons espíritos, ele será excluído do futuros encontros por ordem do espírito controlador.

Isso é necessário, não só por ele próprio não estar a fazer nenhum progresso, mas por ser um obstáculo para o resto, formando, como acontece, um foco para os espíritos malignos. Eles seguem-no até à sessão e exercem igualmente uma má influência sobre os outros presentes pelas mais diversas formas. Além disso, a força Ódica é adversamente afetada pela discórdia que ele introduz na assembleia como resultado de sua atitude interior.

"Reuniões mantidas com a finalidade de se comunicar com o mundo do espírito que não ocorrem sob a supervisão de um dos espíritos de Deus fazer não desfrutam da Sua bênção. Mesmo que elas apresentem todas as características externas de um 'Serviço Divino,' a direção que a comunicação com o espírito leva sob tais condições não é para com Deus. Eles não contribuem em nada para a purificação e a elevação da alma. Onde quer que o controlo divinamente nomeado estiver em falta, que não será o lugar para os espíritos designados para o serviço daqueles que buscam a salvação. *A salvação das almas dos participantes é o único propósito das reuniões espiritualistas.*

"Por isso, embora em muitas das chamadas 'igrejas espiritualistas' de hoje as reuniões tenham lugar num contexto de oração e hinos, o objeto real do que aí acontece está longe de servir a qualquer fim divino.

"Aqueles que atuam como líderes ou colegas de trabalho nessas igrejas são geralmente dotado de clarividência, clariaudiência e de sensitividade, e através desses dons que eles são capazes de se comunicar com os espíritos que acompanham os participantes nas reuniões. A radiação Ódica desses espíritos estabelece contato com a do médiuns, masculinos e femininos, servindo estas igrejas. Ela não só lhes comunica um perfil da personalidade dos espíritos presentes e das suas relações com as pessoas que estão a acompanhar, mas permite-lhes que recebam as mensagens trazidas pelos espíritos no interesse dos amigos que tenham por entre os vivos.

"A principal característica dessas reuniões de igreja assenta na transmissão de mensagens do espírito relacionadas quase exclusivamente aos destinos do mundo, às preocupações e ao *progresso material* dos participantes. Eles encaram essas igrejas como agências de informação, onde, mediante o pagamento de uma determinada taxa de admissão, eles podem ficar a saber algo sobre os seus próprios futuros do mundo dos espíritos dos parentes ou amigos que tenham

partido, através do trabalho da vidência empreendido com a igreja. Devido a isso, os líderes das igrejas desse tipo têm o cuidado de ver a ele que nenhum visitante deixe o serviço sem ter recebido uma "mensagem" dessas.

"Na medida em que os espíritos de Deus s mantêm afastados das reuniões desse tipo e, por conseguinte, não exercem qualquer controlo sobre eles, o mundo do baixo espírito é deixado livre para fazer o que lhe agradar. Mesmo que os espíritos que vêm e vão não sejam necessariamente maus, é um tipo de comunicação espiritual que é de pouco benefício para a alma de uma pessoa.

"Se acontecer, além disso, que os videntes que realizam serviço nessas igrejas também sejam médiuns de transe profundo, eles serão como janelas abertas através das quais os espíritos mundo inferior podem entrar à vontade, uma vez que não existe espírito controlador à mão para os manter de fora ou para manter a ordem. Daí que as mensagens espirituais sejam misturadas de uma forma que não poderá deixar de deixar as pessoas confusas. Isso está obrigado a refletir-se de forma mais desfavorável na boa e divinamente sancionada comunicação do espírito na determinação das pessoas que são frequentemente completamente novatas nesse domínio. Por causa do matiz religioso dado aos serviços dessas igrejas, é gerada a impressão de que o espiritualismo praticado aí, seja *do tipo agradável a Deus.*

"Os líderes dessas igrejas, pro conseguinte, têm uma grande responsabilidade diante de Deus por tudo o que acontecer nas suas reuniões. É seu dever dedicar os seus dons inteiramente ao serviço de Deus, desinteressadamente e independentemente das considerações mundanas. Eles devem orar pelo controlo do espírito, que lhes passará a ser de bom grado concedido. Tendo-o recebido, eles devem *obedecer-lhe completamente*. Se fizerem isso, as suas reuniões irão tornar-se serviços realmente divinos e irão servir o esclarecimento e o bem-estar espiritual dos participantes, para, de seguida, o elevado mundo espiritual se tornar ativo e aos espíritos inferiores ser negado o acesso.

"Se as reuniões forem realizadas como acabo de te instruir, elas irão trazer enormes bênçãos, muita alegria e verdadeira paz do coração.

"Toda reunião deve ser terminada com uma breve oração de agradecimento dita pelo membro que preside e, quando possível, com um canto.

"O desenvolvimento de um médium e de outra comunicação com o mundo bom do espírito pode, no entanto, também ocorrem de outras maneiras que não em *sessões comunais*. Qualquer indivíduo pode, *por si só*, dedicar um tempo específico, tal como meia hora, ou até mesmo menos, à serenidade interior todos os dias, ou várias vezes por semana. Ele, ou ela, procede da mesma forma que eu descrevi para as sessões de grupo: começa com uma breve oração, lê uma passagem da Sagrada Escritura e reflete sobre ela. Então ele pega num lápis e coloca a mão sobre uma folha de papel que tenha diante de si, e espera pacientemente, completamente relaxado. Se ele se sentir pressionado para anotar pensamentos que o instem insistentemente, deve confiá-los ao papel. Se a sua mão for posta em movimento por uma força externa, ele deve render-se a ela.

"No final do tempo que o indivíduo tiver atribuído a esse serviço divino privado, ele deve concluir com uma oração. Ele pode estar certo de que desde o primeiro momento ele procura contacto com o bom mundo espírito, e ele começará o seu trabalho sobre ele e criará todas as condições necessárias para tal contacto. Na verdade, esse trabalho começa assim que uma pessoa volta os seus pensamentos seriamente para essa questão. Muitas vezes acontece que indivíduos dotados de mediunidade experimentam o que para eles se traduz por uma sensação inexplicável na primeira conversa séria em que se envolvam sobre o mundo espiritual e o seu contacto com a humanidade. Essa sensação surge do facto de os espíritos do Além, alguns dos quais estão sempre a pairar sobre vós, comecem imediatamente a exercer a sua influência sobre eles, já que, por causa da predisposição mediúnica de que gozam, são altamente suscetíveis a qualquer ação Ódica por parte do mundo espiritual.

"Até que uma pessoa saiba pelo menos alguma coisa sobre a possibilidade de comunicar com o mundo espiritual, não será de qualquer utilidade para os espíritos que estejam com ela relacionados começar a trabalhar com ela. Não só isso, mas poderia ter consequências terrenas muito desagradáveis, porquanto nem ela nem os seus parentes seriam capazes de entender os sintomas mediúnicos que ela estaria a desenvolver. Ela pensaria estar a sofrer de algum distúrbio nervoso e seria colocada sob os cuidados de um médico ou enviado para um hospício. Daí que o bom mundo espiritual comece o seu trabalho apenas quando houver alguma perspetiva de sucesso, e não de outra forma.

"Para conclusão destes ensinamentos eu quero responder a uma pergunta que muitas pessoas fazem, e com razão: " *Será que o espiritualismo tem um*

efeito prejudicial sobre a saúde dos médiuns ou daqueles que frequentam sessões espiritualistas? A resposta que a isso dou é: 'Não' - e 'Sim.'

"Se uma reunião na qual os espíritos surjam for realizada *sob os auspícios de Deus*, se

tudo nessa reunião for feito em Seu nome, se vocês se *colocarem sob a Sua proteção*, e se vocês O *amarem e buscarem apenas o que for bom*, o contacto com o mundo espiritual *nunca poderá prejudicá-lo*s. *Pelo contrário*, vocês vai sair reforçados *física e espiritualmente*, em especial os médiuns. O sono, de que vocês precisam para se refrescar, não é necessário para os médiuns enquanto eles estão em transe profundo. Isto, naturalmente, é válido só desde que vocês estejam a servir a boa causa e expulsem os maus espíritos. Enquanto os médiuns estiverem num estado de transe, os seus corpos estão a descansar e são, assim, revigorados.

Apesar de nós, os bons espíritos, podermos estar a trabalhar neles, ou através deles, eles não são por forma nenhuma prejudicados. Pelo contrário, eles desfrutam do repouso físico, como eu disse, e sentem-se melhor no final de uma sessão do que sentem antes. A energia Ódica tirada dos médiuns e de outros participantes numa sessão é substituída pelo bom mundo espiritual por Od fresco. Além disso, durante o desenvolvimento de um médium, quaisquer aflições interiores que possam interferir com ou prevenir o estado de transe são removidas pelo bom mundo do espírito, de modo que esse indivíduo estará num estado de saúde melhor depois de se ter sido desenvolvido como médio de transe profundo do que antes.

"Por outro lado, *o espiritualismo é certamente prejudicial se Deus for desconsiderado* na sua busca, *e tudo for feito sob a influência do Mal, e vocês ainda encontrarem diversão no mal e na oração negligente.* Nesse caso, *vocês* gradualmente *caem em maus caminhos*. Isso é terrível, não só por vocês serem levados pelos espíritos malignos a desviar-se do caminho da verdade e da justiça, mas por vocês sofrerem lesões corporais graves. A força Ódica tirada de vós por esses espíritos não é substituída.

"Em resultado, a saúde de todos os participantes e em particular dos médiuns sai muito prejudicada e, com o tempo, completamente arruinada. Há, pois, um grão de verdade na crença popular de que, quem faz um pacto com o diabo deve sacrificar a sua própria vida, por a sua força Ódica ser gradualmente solapada pelo mal e o seu corpo perder o seu poder de sustentar a vida. Muitos

médiuns que se envolvem em formas inferiores de espiritualismo sofrem uma rutura mental e física. Alguns acabam em hospícios ou cometem suicídio.

"O Espiritualismo é, pois, prejudicial e perigoso somente se ele não for buscado por uma questão de aprendizagem da verdade divina e do crescimento interior, mas apenas para satisfazer a curiosidade e um desejo de experiências extraordinárias, ou para obtenção de

informações relativas a questões materiais ou de interesse puramente científico.

"Por isso, mais gravemente alerta os teus semelhantes contra a participando em comunicação do espírito *que sirvam fins não superiores.* Ensina-os sobre a comunicação do espírito de natureza boa e divinamente sancionada, por isso dever ser praticado por todos. É o vosso único caminho para a verdade, e o caminho mais curto para Deus.

"Mesmo aqueles que ainda não encontraram o caminho para a crença em Deus devem praticar o espiritualismo na sua forma boa, se tiverem sinceramente decidido aceitar a verdade, tão logo ela lhes seja convincente apresentada. Os buscadores da verdade que seguirem esse caminho num estado de espírito desses irão encontrar a verdade e a liberdade que é a herança dos filhos de Deus. Eles virão a conhecer o verdadeiro significado da religião. Foi com respeito a eles que Cristo disse: "*Buscai e vocês irão encontrar.*"

"Aqueles que ainda não passaram a acreditar em Deus devem, no entanto, orar-Lhe, ainda que de forma condicional. Eles podem adaptar a sua oração ao seu atual estado de espírito. A seguinte oração pode ser enunciada por qualquer descrente cuja intenção for boa e que esteja pronto para aceitar a verdade: "Oh Deus, se for verdade que Tu existes, eu oro a Ti com todo o meu coração para que deixes vir a conhecer-Te. Mostra-me a verdade e guia-me no caminho certo! Ámen."

"A Sua oração será certamente atendida, por Deus ser misericordioso para com todos os que possuem boa vontade. A participação que tenha nas boas reuniões espiritualistas não tem qualquer influência na denominação religiosa especial a que uma pessoa possa pertencer."

RELATOS BÍBLICOS DOS MÉDIUNS
E DAS ESCOLAS PARA MÉDIUNS

Criei alguns dos vossos filhos como profetas e alguns dos vossos jovens para serem Nazaritas (dedicados a Deus). (Amós 2:11)

"Para o homem de hoje a ideia da possibilidade de comunicação entre os espíritos e a humanidade parece estranha e nova. Isso deve-se a que vocês leiam a Bíblia apenas superficialmente e não reflitam nos seus ensinamentos. Se o fizessem precisariam que se questionar quanto ao o que aí é relatado:

"Como é que todas essas coisas aconteceram? Como foram elas criadas? Que deverei pensar delas? Como poderei explicá-las?"

"Vendo que até mesmo as passagens da abertura da Bíblia relatou que Deus conversou com os mortais, que Ele falou com Adão e Eva, com Caim e Abel, com Abraão, Isaac e Jacó e Moisés, vocês, enquanto seres racionais, devem pelo menos fazer a tentativa de compreender o processo pelo qual isso foi feito. Aqueles a quem os espíritos de Deus falou de volta então, eram seres humanos como vocês. Eles tinham os seus pecados e falhas, como vocês têm os vossos.

As leis da natureza que governavam as suas vidas na Terra eram as mesmas que as que os governam a vós. Deus e mundo espiritual de Deus também são o mesmo hoje que era então. E quando vocês leem mais e descobrem que se dava uma comunicação diária entre o povo de Israel e o reino do espírito do Além, que cada homem poderia pedir conselho a Deus e receber uma resposta, que os líderes do povo empreendiam nada sem o conselho do mundo bom espírito, então o vosso próprio senso comum deve dizer-lhe que comunicação com o mundo espiritual é *possível*. E se é *possível*, e foi mantida por milhares de anos pela humanidade no passado, por que deveria ser negada ao povo de hoje?

"Vocês parecem acreditar que repousa inteiramente no mundo espiritual a decisão de comunicar ou de não comunicar convosco, e que pode, por sua própria conta conceder e por sua própria vontade, produzir esse contacto, sem a vossa cooperação. Vocês parecem pensar que os espíritos sejam livres para visitar a humanidade qualquer instante que eles queiram, e que o que todas as pessoas têm de fazer é acolher os espíritos e ouvir o atender ao que as mensagens do mundo espiritual possam trazer. E dado que vocês não veem evidência hoje da comunicação do espírito de antigamente, que desempenha um papel tão importante na Bíblia, vocês chegam à conclusão de que o

Além tenha cessado a comunicação com o mundo dos vivos de uma vez por todas. Esse é um erro infeliz. Antes pelo contrário, o bom mundo do espírito anseia por chegar até vós hoje e está pronto para cruzar a ponte que conduz do Além até aqui. *Mas vocês precisam ajudar a construir essa ponte.* Também no passado a humanidade por seu lado tinha que cumprir todas as condições necessárias para ativar o mundo dos espíritos para se comunicar com ele. Os povos da antiguidade estavam familiarizados com tais condições, e observava-as em conformidade.

"Hoje, quando vocês leem na Bíblia a descrição dos fenómenos que acompanhavam as manifestações de espíritos, vocês acham que esses fenómenos fossem meros adornos externos, sem nenhuma ligação com o comunicações com os próprios espíritos. Vocês realmente acreditam que não terá sido nada mais do que um jogo e afetação externa desnecessária o Anjo do Senhor falar a Moisés na sarça ardente e aos Israelitas a partir da coluna de nuvem - que ele poderia ter-se feito entender sem a chama e a coluna de Od?

Vocês talvez pensem que Deus estava a brincar quando disse a Moisés: "Tornarei a nuvem mais densa, para que todas as pessoas possam ouvir-me quando eu falar contigo," que Ele poderia ter aumentado o volume de Sua voz, sem a densificação da nuvem de Od? Ou acreditam que a grande nuvem que se instalou sobre o Monte Sinai em meio a trovões e ao som de trombetas não passou de mero show exterior, e que os trovões e o som das trombetas poderiam ter sido produzidos sem a nuvem?

"E quando David pediu Abiatar, o sacerdote, para lhe trazer o Éfode com o peitoral do juízo, por ele querer consultar Deus e receber a uma resposta da Sua parte, que esse peitoral do juízo não tenha passado de um jogo também? Ou não seriam as chamas no espinheiro, a coluna de nuvem, o peitoral do juízo, e as outras coisas que vocês encontram na Bíblia quando leem sobre a comunicação do mundo espiritual com a humanidade, os condutores absolutamente essenciais para as "conversas de telefone da outra vida para aqui?

"Na verdade, eles constituíam a ponte sobre a qual os espíritos de Deus viajavam para alcançarem as pessoas daqueles tempos. Sem essa ponte, eles não poderiam ter vindo. O material com que os seres terrestres contribuíam era a força Ódica, que se tornava visível para todos, na forma de uma chama na sarça ardente, e, na forma de uma nuvem de Od no caso da coluna de nuvem. Da mesma forma a força Ódica era necessária para construir a forma material das

muitas materializações de espíritos naqueles tempos. Uma quantidade suficiente dessa mesma força tinha de se achar disponível para aqueles espíritos que indicavam as letras na couraça (Éfode) do juízo que formavam as frases que constituem as respostas enviadas a partir do Além. As fontes da força Ódica para as comunicações espiritualistas registadas no a Bíblia eram, assim como são hoje, os médiuns.

"Nos escritos do Antigo Testamento vocês encontram uma grande quantidade de matéria redigida acerca dos "profetas" e "escolas de profetas." O que achas que isso significa? Leva-os a acreditar, porventura, que o dom de profecia possa ser cultivado na escola, da mesma forma que uma educação científica mundana é adquirida? Na vossa moderna linguagem vocês usam a palavra "profeta" para designar uma pessoa que pode prever o futuro, e de acordo com tal definição, seria natural supor que seria possível, nas escolas dos antigos profetas, adquirir a capacidade de prever eventos futuros.

"Isso é um equívoco do significado do termo "profeta" e "escolas de profetas," usado na Bíblia.

"Um "profeta" é uma pessoa por intermédio de quem não o próprio, mas um espírito estranho fala. Foi nesse sentido que o apóstolo Paulo escreveu sobre os "espíritos dos profetas." *(I Coríntios 14:32)* Se os espíritos que falam através dos "profetas" são espíritos de verdade, eles são chamados de "verdadeiros" ou profetas "reais." Se, no entanto, eles forem espíritos mentirosos, por outras palavras, espíritos maus, a Bíblia fala deles como "falsos profetas."

"Uma pessoa que tenha sido chamada "profeta" nos tempos bíblicos, seria hoje conhecida como um médium. A escolha das palavras é irrelevante; é a substância que conta. Todas as grandes personalidades do Antigo e do Novo Testamento foram grandes "médiuns," e embora as condições mediúnicas em que eles tenham rendido a sua força Ódica ao mundo espiritual não tenham sido minuciosamente descritas nas Sagradas Escrituras, elas são, pelo menos indicadas em algumas das passagens.

"*Abraão era um médium*. O estado de transe em que ele entrava para o capacitar a emitir o seu Od durante a sua comunicação com o Além é claramente referido numa passagem: "À medida que o sol se pôs, um profundo sono caiu sobre Abraão; um grande espanto e uma grande escuridão caiu sobre ele... Quando o sol se pôs, e tinha-se tornado muito escuro, o que se passou entre

aquelas metades era como um fogo fumegante e uma tocha acesa." *(Génesis 15:12-17)*

"O sono profundo não era um sono normal, mas o que vocês hoje chamam igualmente, um "*sono mediúnico,*" em que Od do médium é libertado para ser usado pelo mundo espiritual para as suas manifestações. O medo e a grande escuridão mencionados aqui, que muitas vezes sujeitam um médio que sirva uma boa causa, são produzidos pelo mundo espírito maligno nas suas tentativas de impedir as mensagens dos bons espíritos, vendo que a sensação de medo irá interferir com o rendição qualquer Od do médium, tornando a comunicação do espírito impossível. As forças do mal já tinham anteriormente tentado exercer a sua influência perniciosa sobre Abrão. Por ordem do Senhor, ele tinha abatido animais e dividido em pedaços.

"Aves de rapina" tinha descido sobre os cadáveres, mas Abraão tinha-as espantado. O objetivo do abate de animais era abrir uma fonte de Od para acrescentar à de Abraão, ou seja, o Od das bestas abatidas. O que a Bíblia aqui chama de "aves de rapina" não eram as aves naturais das presas, mas espíritos do mal que se materializavam como tal.

Apenas em forma materializada poderiam eles carregar os pedaços de carne. Agora podes entender o que eles tinham em mente. Primeiro tentaram remover a fonte de Od que tinha sido tornado disponível por intermédio do abate dos animais, e, em seguida, eles tentaram sufocar a fonte humana do Od, o médium Abraão, incutindo nele uma sensação de medo. O momento escolhido para as atividades mediúnicas de Abraão era depois de escurecer, porque, de acordo com as leis conhecidas, a luz e o calor têm um efeito adverso na condensação necessária do Od. Reconhecerás que a "*fumaça*" e a "tocha acesa," mencionados nessa passagem eram manifestações de Od.

"*Também Moisés foi um médium*. Foi o Od libertado por ele que brilhou na "queima" da sarça como uma chama. Foi reforçada pela Od fornecida pelo rebanho que ele tinha ao seu cuidado, que se encontrava por perto. Esse incidente também ocorreu à noite. A condensação Ódica ocorreu num espinheiro, porque os seus ramos agirem um pouco como uma cortina que mantinha a massa Ódica junta, muito parecida com a cortina do "Tabernáculo" ou o "gabinete" utilizado no hoje nas sessões espiritualistas. O espinheiro também possuía Od própria, que se combinava com a outra Od.

“Em épocas da antiguidade os "médiuns" eram chamados "videntes," por geralmente possuírem o dom da clarividência, além das suas outras capacidades mediúnicas. A palavra "profeta" é uma cunhagem mais tardia.

“Esses "videntes" ou "profetas" encontravam-se por toda a parte.

“Quando Saúl e o seu servo estavam à procura dos burros do seu pai que se haviam extraviado, o servo disse-lhe: "Nesta cidade há um ‘vidente." Vamos até ele. Talvez ele possa dizer-nos alguma coisa." E a essa altura o relato bíblico acrescenta, à guisa de explicação: "Antigamente, em Israel, quando se ia consultar a Deus, usava-se a expressão: Vem, vamos ao “vidente,” porque aqueles que são agora chamados de “profetas” eram anteriormente chamados de “videntes.” *(I Samuel 9:6-9)* Foi assim que Saúl e o seu servo foram à casa de Samuel.

“Samuel não era apenas ele próprio um "médium" mas ele era o chefe da "Escola de Médiuns," em Ramá. Nesses dias, essas escolas eram chamadas das "escolas de profetas."

“Quando Saúl se encontrou com Gibeá a caminho de casa, ele deparou-se com um bando de "médiuns" que se encontravam em estado de transe, por intermédio de quem os espíritos e entoavam os louvores do Senhor. Saúl também caiu em transe, e um espírito entrou nele. *(I Samuel:10:10)*

“Os vossos tradutores da Bíblia, que não entendem o significado de desse estado, dizem: "Ele foi subjugado pela inspiração profética," uma expressão a partir da qual o leitor irá achar muito difícil encontrar muito significado. Não era o espírito de Saúl nem os dos médiuns que ele conheceu que estavam inspirados; os bons espíritos do além tinham tomado posse de Saúl e dos outros. Para esse efeito, não era necessário que os médiuns estivessem num "transe profundo." O que agora chamam de "transe parcial" ou "semitranse" era suficiente.

“A Bíblia refere ainda que Davi fugiu para Samuel, em Ramá, onde ambos viveram na "casa dos profetas" ou, por outras palavras, na "Escola de Médiuns..." Quando os mensageiros que haviam sido enviados por Saúl para ir buscar David chegaram, Samuel encontrava-se envolvido numa sessão com os médiuns, e estes encontravam-se em estado de transe. A tradução que fazem da Bíblia diz: 'Quando o mensageiros viram a congregação de profetas que estavam “inspirados”, e viram Samuel de pé à sua frente, um espírito de Deus veio sobre

os mensageiros de Saúl, de modo que também eles se viram subjugados pela inspiração profética.

Quando isso foi relatado a Saúl, ele enviou outros mensageiros, e eles também profetizaram. A mesma coisa aconteceu com um terceiro grupo de mensageiros que Saúl enviou. De seguida, ele próprio foi a Ramá. Quando ele chegou ao grande poço que ficava em Sécu, perguntou: "Onde estão Samuel e David?" Alguém respondeu: "Na casa dos profetas, em Ramá." E assim ele partiu dali para a casa dos profetas, em Ramá. Enquanto ele ainda estava a caminho, um espírito de Deus veio também sobre ele, e ele ficou num estado constante de "Inspiração Profética" até que chegou à casa dos profetas, em Ramá. Lá, ele também despiu as suas vestes exteriores e um estado de "Êxtase" deitou-se com as suas roupas íntimas por todo aquele dia e toda aquela noite. É daí que vem a expressão "Encontra-se Saúl também entre os profetas?" *(I Samuel 19: 20-24)*

"Há muito neste relato que requer explicação. A circunstância em que todos os mensageiros de Saúl terem caído em "transe" tão rapidamente pode ser explicada pelo facto de que eles serem altamente mediúnicos. Em meio a uma grande e poderosa corrente Ódica, tal como a que se encontra presente em qualquer reunião de médiuns desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, à semelhança da reunião na escola de médiuns de Samuel, em Ramá, não é difícil o mundo espiritual produzir um estado de "semitranse" em pessoas de inclinação mediúnica.

"O próprio Saúl era um médium; assim, no seu caso, nenhuma força Ódica exterior era requerida para permitir que entrasse num semitranse. Foi por isso que ele entrou nesse estado ainda a caminho para Ramá.

"Não precisas ficar chocado com a ideia dos médiuns sentados na escola em Ramá, ou, de acordo com o costume da época, por ali deitados em roupas interior. Ainda hoje, os médiuns vestem-se o mais leve possível quando participam nas sessões, já que tudo deve ser feito para impedir o desenvolvimento de uma grande quantidade de calor, pois o calor, como sabes, tem o efeito perturbador de retardamento sobre a condensação Ódica. Por essa razão também Saúl se deitava em roupas interiores. Quando é relatado que ele ficava ali todo aquele dia e toda aquela noite, isso não significa que ele estivesse em "transe" o tempo todo.

Ele foi mantido lá por esse período de tempo, por ser a última tentativa que o bom mundo espiritual fizera por o conduzir de volta a Deus, de Quem ele se tinha se afastado por desobediência. Ele não mais se encontrava em contacto com o mundo bom do espírito, mas tinha caído sob o feitiço de um espírito maligno. De facto ele tinha ido a Ramá, naquele dia com a finalidade de capturar e matar David. Tudo isso agora foi feito diante dos seus olhos num último apelo Divino em muitas mensagens diferentes trazidas pelos espíritos de Deus, que falaram através dos médiuns presentes.

O próprio Samuel, por meio de fervorosa exortação, fez o máximo para salvar o homem que tinha ungido como o primeiro rei da destruição que ameaçava. Esse foi o objetivo também dos vários serviços Divinos que Samuel realizou na presença de Saúl, dos quais a Bíblia não faz Referência: ele procurava tocar o coração do rei e induzi-lo a mudar os seus caminhos.

"O *Serviço Divino* era realmente a parte mais importante do currículo nas das escolas de médiuns." Os objetivos eram para levar os médiuns a ser aí desenvolvidos - ou "estudantes de profeta," como eram chamados na época - em comunhão sincera com Deus em toda a sua atitude interior e estabelecer uma crença inabalável e permanente de confiança em Deus como fundamento sobre o qual as capacidades mediúnicas dos alunos poderiam ser desenvolvidas. Dessa forma eles iriam tornar-se qualificados para servir os seus semelhantes enquanto instrumentos dignos de Deus e do Seu mundo dos espíritos, por os perigos que ameaçavam os médiuns nesses tempos serem os mesmos de hoje.

"O maior desses perigos, pois, como em todas as eras, era o desejo de honra e de dinheiro. Os médiuns eram altamente considerados. Não só os governantes mundanos tentavam ter diversos médiuns, como muitas famílias de posses mantinham um médium, a quem chamavam de "padre," que empregavam no serviço de consulta do Além. A esses médiuns eram dados presentes valiosos além de toda a sua completa subsistência. A maioria deles eram o que hoje seria chamado de "Médiuns de prancheta," que consultavam o mundo espiritual por meio de uma "couraça do juízo" feito em imitação do "escudo do juízo" usado no Tabernáculo.

"Descobrirás o que afirmo confirmado no Livro dos Juízes. É aí relatado como um homem chamado Miqueias restaurou o dinheiro que tinha tirado à mãe, e como ela usou parte do dinheiro para mandar "esculpir e moldar uma imagem Divina" que foi instalada em casa de Miqueias. Miqueias designou um dos seus filhos para o servir enquanto "padre."

“Ele também induziu um levita de Belém para o servir da mesma forma, dizendo-lhe: "Fica comigo, sê o meu padre e sacerdote; dar-te-ei dez moedas de prata por ano e proverei o que vestir e a tua subsistência. Quando ele o incentivou ainda mais, o levita concordou em viver com o homem." *(Juízes 17:10-11)* O que aparece na vossa tradução como uma "imagem divina esculpida e moldada" eram as duas partes de uma "prancheta." (*NT: De que o tabuleiro Ouija é um derivado?)*

“É humanamente compreensível que os médiuns empreendessem todos os esforços para permanecer nas boas graças daqueles com quem viviam, e nisso residia o grande perigo. No seu desejo de transmitir unicamente notícias agradáveis aos seus empregadores, às vezes eles não hesitavam em ocultar deles verdades desagradáveis e em proferir mentiras em seu lugar. Ao fazerem isso eles se tornavam "falsos profetas," cortando assim a ligação que tinham com o bom mundo do espírito e tornando-se instrumentos do mal, mesmo que por uma questão de aparência invocassem o nome de Deus, quando envolvidos no seu trabalho mediúnico.

“Especialmente aqueles médiuns que estavam ao serviço dos mestres mundanos eram propensos a ceder a essa tentação, como mostra a história do Rei Acabe. *(I Reis 22)* Aí vocês leem que 400 médiuns conspiraram para não contar nada ao rei exceto notícias agradáveis, uma conspiração que surgiu a partir das suas próprias inclinações para o mal. Assim, se isolavam eles dos espíritos da verdade, ao se tornarem conscientemente instrumentos de espíritos mentirosos.

Naturalmente temiam que sua falsidade fosse exposta caso o rei consultasse um médium do bom mundo do espírito e, portanto, quando Acabe convocou Miqueias para uma audiência, um médium ao serviço do bom mundo do espírito, os outros médiuns enviaram um mensageiro para intercetar Miqueias com instruções para o persuadir a entrar na trama. Miqueias, porém, advertiu Acabe, do desastre iminente, como o espírito de Deus lhe dissera, após o que um dos profetas presentes deu um passo à frente e atingiu Miqueias na cara, dizendo: "O quê? Será, porventura, que um espírito do Senhor me deixou para falar através de ti?"

Aqui tens um exemplo de uma profecia absolutamente corrupta, que não teve escrúpulos em recorrer à mentira e ao engano por causa das riquezas e honras do mundo, e que, no entanto, deu a impressão de ser um instrumento de

Deus. Os seus enunciados mediúnicos eram inspirados por espíritos da mentira, um facto de que esses profetas estavam bem conscientes e que por sua das suas inclinações para a maldade fizeram o máximo por ocultar.

"Mediunidade desse carácter, especialmente sob o patrocínio de reis que se tinham afastado de Deus, estava destinada a ser desastrosa também para toda a nação, *assim que alinhavam declaradamente pelo lado de idolatria indisfarçável.* 'Profetas de Baal' era o nome por que ficaram então conhecidos, e tornaram-se extremamente numerosos. Às vezes, o número de médiuns existente era escasso. Assim, diz-se do tempo do sumo sacerdote Eli: 'Na época em que o jovem Samuel servia ao Senhor sob a supervisão de Eli, as revelações do Senhor eram *raras* em Israel." *(I Samuel 3:1)*

"No Monte Carmelo, o profeta Elias permaneceu o único "profeta de Deus" em comparação com 450 profetas de Baal e 400 profetas de Aserá. *(I Reis 18:22)*

"O facto de os médiuns da antiguidade se permitirem a ser influenciado pelas vantagens mundanas para abuso dos seus dons podem ser encontrado nas palavras enunciadas por Deus através do profeta Miqueias: "Assim o Senhor falou contra os profetas que extraviam o meu povo, que preveem a boa fortuna quando recebem alimento, mas pregam a guerra santa a qualquer que se recuse a alimentá-los." *(Miqueias 3:5)*

"Os seus profetas adivinham *por dinheiro*, e invocam o Senhor a toda a hora." *(Miqueias 3:11)*

"Não deves pensar que as pessoas desses dias aceitassem descontroladamente e como verdadeiros todos os fenómenos evocadas pelos médiuns. Também eles percebiam que podiam ser enganados e suspeitavam tanto dos médiuns quanto vocês suspeitam hoje. A fim de se protegerem do enganado de atuações de prestidigitação, eles tinham o hábito de vendar os médiuns. É por isso que os médiuns privados, que viviam da vocação que tinham, tinham à mão nas suas casas lenços e vendas adequados à cabeça, às mãos e aos pés, e submetiam-se a ser amarrados com eles pelos seus visitantes. Se depois de terem sido amarrados, ocorressem manifestações que só pudessem ser atribuídas a, e que na realidade fossem produzidas por, seres espirituais, os visitantes sentir-se-iam devidamente impressionados e seriam conquistados em relação a esse tipo de comunicação do espírito. Mas uma vez que não eram os bons espíritos que usavam esses médiuns como seus instrumentos, aqueles que frequentavam esses eventos, eventualmente, caiam sob a influência do mal. Os

ensinamentos que recebiam dos maus espíritos através dos médiuns afastava-os do verdadeiro Deus, e levava-os a vícios do tipo mais vil.

Eram as médiuns do sexo feminino, em particular, que eram as que eram tratadas com maior condescendência, e contra quem era dirigida a ameaça anunciada pelo Senhor através do profeta Ezequiel: - 'Filho do homem, confronta as mulheres da tua nação que atuem apenas como "profetas" segundo o próprio critério que estabelecem; fala contra elas, e diz: Assim diz Deus, o Senhor: "Ai das que cosem amarras para todos os pulsos, e fazem capuzes de um tamanho apropriada à captura das almas. Vós estais-me a roubar almas a mim. Vós me profanastes-me entre o meu povo por um punhado de cevada, e por um pedaço de pão, a fim de matar as almas que não deviam morrer, mentindo ao meu povo, que gosta de ouvir mentiras."' *(Ezequiel 13:17-19)*

"O método seguido no desenvolvimento de médiuns nas 'Escolas médiuns' dos tempos bíblicos não é descrita com detalhe na documentos originais das Escrituras Sagradas. Antes de mais, os requerentes de mediunidade eram testados quanto à aptidão geral que apresentavam para o chamado. Rapidamente se tornava evidente se possuíam a aptidão necessária. Aqueles que não fossem adequados eram dispensados.

"Mas até mesmo os candidatos altamente dotados pela natureza como médiuns eram mantidos como estudantes somente se o seu carácter garantisse a crença de que eles viessem a empregar os seus talentos mediúnicos a serviço de que era bom e sagrado. Esse factor era essencial para os dirigentes das escolas de bom médiuns, ao passo que nas escolas conduzidas por sacerdotes que adoravam ídolos era levado em consideração unicamente os poderes mediúnicos da recorrente. Existia a mesma diferença naqueles dias no desenvolvimento de médiuns que tu podes encontrar hoje.

Você próprio testemunhou com os seus próprios olhos o desenvolvimento de vários médiuns. Arranjaste e conduziste reuniões em que esse desenvolvimento ocorreu. Realizaste tais reuniões como um *Ofício Divino* e deste o teu melhor para chegares e levares os outros participantes para mais perto de Deus. Colocaste-os sob a proteção de Deus. Abriste e encerraste os encontros com uma oração e com louvor ao Senhor. As tuas leituras foram escolhidas com base na palavra de Deus, registadas nas Sagradas Escrituras. Buscaram apenas o que é bom, e estavam prontos, caso aprouvesse a Deus, a tornar-se instrumentos úteis do Bem.

“Os Israelitas, que acreditavam em Deus procuravam desenvolver médiuns da mesma maneira.

“Comparado com isso, porém, devias observar o que sucede nas 'sessões espiritualistas' da atualidade. Geralmente não fazem menção a Deus nem O louvam. As pessoas participam para experimentar algo fora do comum, e pela emoção da excitação. Quem produz essas manifestações, se bons ou maus espíritos, não tem a menor importância; e muitos daqueles que vão a tais reuniões nem sequer acreditam que os fenómenos testemunhados sejam obra do mundo espiritual, e insistem em dar-lhes uma ‘explicação humana. Isso anula desde logo o único propósito que o mundo do espírito tem no estabelecimento de uma comunicação com a humanidade, designadamente, para levar as pessoas pata mais perto do seu Deus.

“Era em reuniões desse tipo que os 'médiuns de Baal' eram desenvolvidos. É verdade que as gentes desses tempos sabiam que aquilo a que assistiam era comunicação com os espíritos, mas todos que se envolviam nessa forma vil de espiritualismo estavam interessados apenas em experimentar e aprender coisas através desse canal que lhes satisfizessem os empreendimentos e ambições mundanas. Tinham o destino que viessem a ter no Além longe da ideia, como está em relação à maioria das pessoas da presente era. Por isso, era natural que as gentes desse tempo não tivessem interesse em fazer porque os médiuns fossem desenvolvidos com vista a prepará-los para fins divinas nobres e sagrados.

“A Bíblia não faz qualquer descrição detalhada das escolas de médiuns conduzido pelos sacerdotes idólatras, por o desenvolvimento dos médiuns de Baal ocorrerem nas reuniões gerais realizadas em homenagem aos ídolos. Nenhuma forma especial de desenvolvimento é requerida para servir a fins malignos - isso acontece por si só, pois: ‘O homem tem inclinação para o mal desde os dias da sua juventude.' Mas para atingir o que é bom e agradável a Deus exige grande esforço e uma dura luta, e para isso, se faz imperativo um especial preparo. Consequentemente, tal preparo era necessário àqueles médiuns que tinha resolvido tornar-se instrumentos da vontade divina somente. Eles foram educados nas “Escolas de Profeta,” conforme relatado na Bíblia, sob a orientação e espiritual liderança de homens de Deus, como Samuel, Elias e Eliseu.

“Nos tempos em que grandes homens dotados por Deus estavam à cabeça de tais escolas médiuns," como nos tempos de Samuel, Elias e Eliseu, muitos

eram os candidatos que buscavam admissão, por as famílias tementes a Deus considerarem uma dom especial de Deus, ter um dos seus filhos detentor de poderes mediúnicos, que podiam ser desenvolvidos sob a liderança desses homens.

"Nos tempos de Elias e Eliseu havia uma escola de médiuns em cada grande cidade, como em Ramá, Gilgal, Betel, Jericó e outras. Os estudantes profetas que estavam a cargo de Eliseu eram tão numerosos que os seus locais de reunião não mais conseguia contê-los, e assim aconteceu que um dia lhe disseram: 'Este compartimento onde nos sentamos diante de ti para ser instruídos é, como pode ver, demasiado pequeno para nós. Vamos, portanto, para o Jordão, onde cada um de nós arranjará uns toros para construir uma morada para nós.' E ele respondeu: 'Sim, vão!' *(II Reis 6:1-2)*

"Nos dias a que o Novo Testamento se refere não haviam escolas especiais para médiuns entre os Cristãos. Não eram necessárias por as assembleias para o Culto Divino serem realizadas de tal maneira que eles tomaram o lugar, em todos os aspetos, das funções das escolas de médiuns anteriores. Os adoradores davam as mãos entre si quando ofereciam a oração, num ato que significava que eles eram 'todos *um* coração e *uma* alma,' que eles estavam unidos pelo amor numa comunidade, e que eles dirigiam a sua oração a Deus como uma unidade, todos membros de *um* corpo espiritual, inspirados por *um* espírito, acalentando *uma* esperança, unidos por *uma* fé comum, orando ao Deus *Uno*.

"Para os membros mediunicamente talentosos da comunidade esse costume de dar as mãos era de grande importância, uma vez que dessa forma a energia Od de todos os presentes era recolhida numa única corrente Ódica. Os espíritos de Deus poderiam usar essa corrente tanto com a finalidade de se manifestar através dos médiuns já desenvolvidos, bem como para desenvolver aqueles que se encontravam em processo de se tornar médiuns.

Os primeiros cristãos estavam perfeitamente familiarizados com as etapas do desenvolvimento de médiuns desde os seus dias do paganismo, de modo que eles estavam bem cientes do que se tratava. Como pagãos tinham tido o hábito de se comunicar com os maus espíritos, e as leis naturais que regem essa comunicação eram bem conhecido deles. Eles também sabiam que a adoração de ídolos pagãos nada mais era que comunicação com os demónios, que era realizada sob as mesmas leis naturais que se aplicam à comunicação com os espíritos bons.

“Por isso, não havia necessidade de Paulo instruir os Coríntios sobre as leis pelas quais a comunicação espírito pode ser realizada; ele poderia limitar-se a dizer-lhes os benefícios da influência dos bons espíritos, como contrário àquele exercido pelos maus.

“Os capítulos 12 e 14 da Primeira Epístola aos Coríntios contêm tudo que está relacionado com a comunicação com os espíritos bons que todo devoto que busque a Deus precisa conhecer. Infelizmente, a vossa presente geração não compreende os ensinamentos transmitidos aos Coríntios pelo apóstolo nesses capítulos. Isso deve-se, em primeiro lugar, ao facto de vocês geralmente serem ignorantes em matéria de comunicação do espírito. Além disso, grande parte da culpa deve ser atribuída às traduções incorretas que vocês têm da Bíblia e às explicações erróneas que são dadas aos cristãos com o vigor dessas traduções incorretas.

“Por causa da importância do assunto, vou passar revista aos capítulos 12 e 14 da Primeira Epístola aos Coríntios contigo, e dar-te a explicação correta dos mesmos.

“De acordo com a tradução que você têm, o capítulo 12 começa com a palavras: 'Com respeito aos dons espirituais, queridos irmãos, eu não quero deixá-los na incerteza. Vocês sabem de quando eram pagãos, como foram atraídos com força irresistível para ídolos mudos.' Já as primeiras palavras, 'Com respeito aos dons espirituais,' contém um erro falacioso na tradução. O leitor poderá interpretá-las apenas no sentido de que os dons em questão são dons concedidos por Deus no espírito do homem, ao passo que o texto grego que têm à vossa disposição diz algo completamente diferente. Traduzido literalmente, ele diz: Com respeito às questões relativas à comunicação com o espírito, eu não quero deixá-los na incerteza.”

Hoje precisamos colocá-lo de uma forma mais sucinta e dizer: 'Eu não quero deixá-los na incerteza com respeito ao “espiritualismo.” Além disso, o texto original não refere ídolos 'mudos, mas 'deuses mortos,' cujo sentido é universalmente entendido como significando 'demónios,', ou espíritos separados de Deus, que são sempre referidos no a Bíblia como os 'mortos.'

“A tradução correta de toda a passagem seria assim: Com respeito ao “Espiritualismo” eu não quero deixá-los na incerteza. Você estão familiarizados com desde os tempos em que ainda eram pagãos, quando vocês recorriam aos

espíritos que tinha caído na separação de Deus, espíritos para quem vocês se sentiam irresistivelmente atraídos.

"No que se segue, há duas frases ausentes no texto Grego agora disponíveis. Eles dizem: 'Assim, vocês se tornaram companheiros dos maus espíritos, que não reconhecem Jesus como seu Senhor. Mas agora que vocês pertencem a Cristo e estão sujeitos ao seu governo, vocês estão em comunicação com espíritos santificados.' Essas frases, que foram omitidas na tradução da Bíblia que você s têm, eram diretamente seguidas pelo versículo 3, que na vossa tradução rezam: Assim lhes digo: ninguém que fale pelo Espírito de Deus poderá dizer: "Maldito seja Jesus" - e ninguém poderá dizer: "Jesus é o Senhor," a não ser através do espírito Santo.'

"Mas também na tradução deste versículo 3 há um erro que obscurece o significado. O texto Grego não diz por meio *do* Espírito de Deus e através *do* Espírito Santo, mas sim através de *um* espírito de Deus e através de *um* espírito santo.

"Não é o próprio Deus que produz diretamente os vários efeitos, mas os espíritos que O servem, que realizam a Sua vontade entre as Suas criaturas com a ajuda do Seu poder.

"Em resultado do facto de os vossos tradutores das Escrituras terem, em inúmeras passagens, usado a expressão: '*o* Espírito Santo', onde o grego texto tem '*um* espírito santo,' eles não só causaram interpretações erróneas das passagens em questão, mas, acima de tudo, causaram tal confusão em relação ao termo 'Espírito Santo' a ponto de dar origem à falsa doutrina de que o Espírito Santo seja uma Divindade.

"Para te dar uma compreensão clara do *espírito* e dos *espíritos*, para que tu sejas capaz de compreender o que acima foi mencionado nos dois capítulos da Primeira Epístola aos Coríntios, vou recorrer a um exemplo da vossa vida mundana.

"Nos dias em que os vossos reis eram governantes absolutos, *somente a vontade do rei* importava no que tinha lugar nos seus domínios. Todas as leis e regulamentos procediam dele. No seu reino somente *uma* vontade apenas *um* espírito, governava: a vontade e o espírito do rei. Os seus servos e funcionários executavam os seus atos oficiais sujeitando-se completamente à sua autoridade, e apenas de acordo com a sua vontade e dentro do espírito que implementava.

Daí não se segue que eles fossem obrigados a obter o consentimento do rei para cada ato individual oficial; eles tinham as suas leis e as suas instruções gerais, a partir do que eles poderiam decidir por si mesmos o que devia ser feito em cada caso particular.

"Haviam, pois, muitas pessoas envolvidas no governo do reino, mas apenas *um* governador: o rei.

"Assim também é no Reino de Deus, no qual existe apenas *um* governante absoluto, cuja vontade é lei em todas as coisas. Esse governante é Deus - ou, como é às vezes é expressado na Bíblia, o Espírito de Deus, ou *o* Espírito Santo. Os outros espíritos, igualmente conhecidos como espíritos de Deus ou espíritos santos, são meramente agentes executivos de Deus, os Seus servos e funcionários. Eles também têm leis e instruções, de acordo com as quais agem. Daí que, também, não requeiram instruções especiais de Deus em todas as ocasiões.

Todos eles funcionam no mesma espírito e sob as mesmas convicções, de acordo com a vontade de Deus e o Seu espírito. Eles representam, por assim dizer, um grande órgão de governo composto pelas muitas partes que, apesar de individualmente distintas e independente de cada uma das outras, são governados como as partes de um todo pelo Espírito que tornou o mundo do espírito num órgão de governo, e Que lhe confere o seu próprio poder e autoridade. Isso é o que Paulo tinha em mente quando escreveu: Bom, existem diversos dons concedidos, mas apenas *um* Espírito; e existem diversos serviços, mas unicamente *um* Senhor. Existem igualmente diversas operações do poder, mas apenas *um* Deus, Que opera tudo em todos.' *(I Co. 12:4-6)*

"Assim, aquando das reuniões dos Cristãos de Corinto, um espírito falava através de um médium numa língua estrangeira e um segundo através de outro médium na sua língua materna, e um terceiro dotava o seu médium com o poder de cura, e muitos outros espíritos trabalhavam de outras maneiras, esses espíritos não estavam a agir segundo o seu próprio critério ou sob o seu próprio poder, mas de acordo com a vontade e sob o poder do *um* Deus, Espírito o mais elevado todo-poderoso.

"Os Coríntios ficavam, naturalmente, muito impressionados e espantados sempre que um espírito falava através de uma ou um dos seus médiuns numa língua estrangeira. Eles desejavam, pois, ansiosamente e incluíam esse desejo nas suas orações, de que como tantos espíritos quanto possível pudessem

manifestar-se dessa maneira. Mas como esse desejo brotava apenas da curiosidade humana e da predileção pelo sensacional, eles foram repreendidos por causa disso por Paulo, que lhes disse que o funcionamento dos espíritos que os visitavam tinha o único propósito de servir à edificação e crescimento interior da congregação cristã, e não se destinava a satisfazer os desejos puramente pessoais.

Que benefício espiritual, perguntava ele, lhes traria o facto dos espíritos que viessem a eles falassem em línguas estrangeiras? Tampouco o espírito do médium beneficiaria com isso, uma vez que não conseguia entender as palavras que eram ditas, nem os ouvintes do médium as entenderiam, por o discurso estrangeira lhes ser igualmente ininteligível. Que eles, em vez disso orassem para ser visitados por espíritos que lhes transmitissem ensinamentos na sua língua nativa, e se um espírito lhes falasse numa língua estrangeira, deviam orar para que o seu discurso fosse traduzido para a sua língua materna, o que poderia ser feito quer por esses espíritos ou por outros.

"Poderá parecer extraordinário que espíritos devessem falar em absoluto numa língua desconhecida dos seus ouvintes, mas havia uma boa razão para isso, pois servia para provar a realidade da comunicação do espírito, ou, como Paul apropriadamente diz, como evidência para aqueles que não acreditam.

"Aqui devo fazer uma pausa para explicar que as vossas traduções da Bíblia se referem à fala em línguas estrangeiras como 'falar em línguas,' e se refere às comunicações transmitidos na língua materna dos ouvintes como 'Profetizar.'

"O facto de que Paulo aprovava calorosamente os esforços que os Coríntios faziam por comunicar com o mundo espiritual é mostrado pelas suas palavras: Assim, já que vós também tendes zelo pelos dons espirituais, procurem a abundância daqueles que concorram para a edificação da congregação (igreja).' *(I Coríntios 14:12)*

"Os vossos tradutores também têm tornado esta frase ininteligível ao substituírem o termo 'dons espirituais' pela palavra 'espíritos,' apesar do facto de o texto original afirmar expressamente *'espíritos'* e não 'dons espirituais.'

"Na conclusão do seu ensinamento, Paulo exorta os Coríntios a zelarem por que na sua comunicação com o espírito tudo seja feito de forma ordenada moda, por Deus não ser um Deus de confusão, mas de ordem e paz. A tal ordem são igualmente os médiuns são aconselhados a obedecer. Não mais que dois ou três deles no máximo, devem colocar-se à disposição dos espíritos oradores

numa língua estrangeira, e isso apenas se estiverem presentes espíritos que sejam capazes de traduzir a língua estrangeira para a língua materna dos participantes.

E se não houver nenhum intérprete presente, discursar numa língua estrangeira não deve ser permitido. Quanto às revelações feitas na língua materna dos participantes, essas devem igualmente ser restringidas a duas ou três, de modo que os ouvintes possam ter tempo para discutir o que ouviram e para expressar os seus pontos de vista quanto ao significado. Paulo diz tanto quando escreve: 'Deixem que os outros expressem um julgamento sobre o que tiver sido dito.'

"A admoestação que Paulo dá aos Coríntios nesta passagem é a mesma que eu, como sabes, tenho enunciado com tanta frequência nas tuas reuniões. Eu, bem como os outros espíritos que têm falado contigo, pedimos-vos, na conclusão das nossas visitas, para discutirdes entre vós o que tiverem acabado de ouvir, e para expressar as vossas opiniões sobre isso, ou, como diz Paulo, para "julgarem" o que tiver sido dito, pois não é o quanto vocês possam ouvir em qualquer reunião, mas o quão bem vocês entende mo que vocês ouviram (que importa).

Se você falarem entre vós sobre as coisas que nós espíritos lhes tivermos transmitido, poderemos ver que nos terá entendido, e quem não, pois permanecemos presentes durante a vossa discussão e ouvimos o que vocês estão a dizer. Se apurarmos pelas observações que fizerem que a vossa interpretação está incorreta ou que existam diferenças de opinião entre vós, entraremos uma vez mais nos médiuns e esclareceremos quaisquer pontos que permaneçam em dúvida.

"Qualquer um que não esteja familiarizado através da experiência pessoal com os factores interrelacionados na comunicação do espírito e com a relação que os espíritos tenham com os médiuns não será capaz de entender as regras do procedimento estabelecidas por Paulo. Portanto vou acrescentar uma breve explicação.

"Vocês não podem exagerar na avaliação do carácter humano dos bons espíritos que comunicam convosco. Eles são os melhores amigos que vocês têm, e estão sempre presentes em grandes números nas vossas reuniões religiosas. Na maioria dos casos, eles são espíritos que foram mortais como vós, e que

progrediram rumo a Deus no Além. Eles foram designados como vossos guias, conselheiros e guardiães.

Eles têm o desejo mais fervoroso de os conduzir, tanto quanto possível, ao longo do caminho em direção a Deus, enquanto vocês ainda estão na terra, para que, quando vocês deixarem a terra, vocês possam entrar numa esfera tão alta quanto possível no mundo espiritual. Muitos dos vossos amigos espirituais viveram em outros países e falaram as línguas desses países, enquanto eles estavam na terra. Alguns eles não conseguem falar a vossa língua nativa, por os espíritos também precisarem aprender as línguas humanas que não conheceram quando estavam na terra.

"Todos eles, porém, estão ansiosos por lhes dirigir uma palavra de bem, e amontoam-se ao redor dos médiuns a fim de os usar para se dirigirem a vós ou lhes escreverem. Para preservar a ordem, há, em cada reunião dedicada à comunicação com os espíritos bons, um 'espírito controlador' que decide qual dos espíritos podem falar e por quanto tempo eles podem fazê-lo, levando desse modo em conta também as regras e resoluções adotadas pelos participantes na assembleia.

Se, por exemplo, os participantes concordarem em não permitir comunicações numa língua desconhecida deles, o espírito controlador não admitia qualquer espírito incapaz de se expressar na língua nativa dos presentes. Os médiuns, também, têm o poder de recusar a entrada de um ser espiritual nos seus corpos, porquanto um estado de 'transe' ocorre apenas quando nenhuma resistência é oferecida da parte dos médiuns. Por isso, como diz Paulo: 'Os espíritos proféticos obedecem aos profetas, ou seja, aos Médiuns.

"Há uma passagem dos ensinamentos de Paulo que é obscura, em parte em si mesma e em parte por causa de tradução incorreta de que foi objeto. Essa passagem diz: 'Sempre que se reunirem, cada um terá algo pronto: um salmo, um ensinamento, uma revelação, um discurso em línguas, uma interpretação. Que tudo isso seja feito para iluminar a congregação.'

Antes de mais, a tradução está errada. No texto deve ler-se: 'Sempre que vocês se reunirem, cada um de vocês *recebe* um salmo, e assim por diante.' Cada um *recebe* o que quer que possa ser recebido da parte dos médiuns presentes. Ele não o encontrará pronto de antemão, como se o trouxesse consigo; ao contrário os espíritos apresentam-lhes essa diversidade de coisas através dos médiuns no decurso da reunião. Um poderá apresentar um hino, outro um

ensinamento instrutivo, uma terceiro uma revelação, outro uma mensagem numa língua estrangeira, e ainda um outro uma tradução dessa mensagem na língua nativa.

A partir da enorme diversidade de oferta proporcionada, todos os presentes poderão escolher o que melhor satisfizer as necessidades imediatas da sua alma, por o objetivo estar no esclarecimento de toda a congregação, ao invés de apenas num ou noutro dos seus membros. Assim, muitas coisas distintas são proporcionadas por as necessidades espirituais dos participantes serem tão diferentes.

Quando muito é apresentado, sempre há algo para todos. Alguém que tenha pessoalmente experimentado uma particular boa sorte, ou cuja família tenha passado por isso, será capaz de expressar os seus sentimentos melhor por palavras de louvor ao Senhor, que serão apresentadas por um espírito através de um médium. Alguém poderá sentir-se abatido e será animado por uma mensagem de consolação. Um terceiro pode sentir-se atacado por dúvidas quanto ao facto das coisas que ele testemunha serem de facto o funcionamento do mundo espiritual e poderá sentir-se aliviado dessas dúvidas ao ouvir um médium a falar numa língua estrangeira.

"Os ensinamentos de Paulo aos Coríntios sobre a natureza da comunicação espiritual não é da sua própria criação, mas foi dada a mando do Senhor, pois ele termina a admoestação que faz com as palavras: 'Se alguém pensa que seja um "Profeta," ou espiritualmente dotado, que ele saiba que o que eu escrevo aqui é um *mandamento do Senhor.*' *(I Coríntios 14:37)* E acrescenta: 'O mesmo ensino também eu, em todas as congregações santas.'"

CONSULTAR A DEUS, CONFORME CONSTA DAS SAGRADAS ESCRITURAS

Assim diz o Senhor, o Santo de Israel e o vosso Criador: Perguntem-me sobre as coisas que estão por vir! (Is 45:11)

"Deus é a fonte da verdade. Todo aquele que colher dessa fonte receberá a verdade e ver-se-á apartado do erro. Este conhecimento levou o fiel da antiguidade a entrar em comunhão com Deus quando o faziam em busca da verdade. N*ão* se tratava uma comunhão por meio de *iluminação interior;* ao contrário, eles escolhiam a via da *receção das revelações da verdade do exterior, enviadas por Deus de um modo percetível aos sentidos humanos.* Eles consultavam a Deus por meios humanos, e obtinham resposta da Sua parte pelos mesmos canais.

"Eles tinham plena consciência de que o bom mundo do espírito no serviço a Deus é o agente de Sua vontade e das Suas revelações, *e assim consultar os seres espirituais do reino de Deus equivale a consultar a Deus.*

"Eles tinham igualmente plena noção de que existe coisa tal como um mundo espiritual do mal, e a experiência diária ensinou-lhes que era possível comunicar com ele também.

"Ao longo dos tempos do Velho Testamento e nos primeiros dias da era Cristã, aqueles que buscavam Deus faziam uso liberal do privilégio de consultar a Deus. Nas escrituras do Antigo e do Novo Testamento abundam casos em que é relatado que os fiéis, quando desejosos de saber a verdade, consultavam a Deus' e recebiam as suas respostas, transmitidas através dos espíritos de Deus.

"Se abrires a tua Bíblia e leres os textos um a um, irás encontrar a confirmação da afirmação que fiz.

"A menção de 'Consultar a Deus' é feita logo no início da Bíblia. É relatado o caso de Rebeca, a esposa de Isac, que receando ser infértil durante a gravidez havia consultado o Senhor: Por os gémeos lutarem no seu ventre, ela disse: "Se é assim, por que me encontro eu nesta condição?" '*E assim ela foi consultar o Senhor.*' *(Genesis 25:22)* Não há registo quanto à maneira por que ela consultou o Senhor ou à maneira pela qual ela recebeu a resposta que lhe foi dada, mas a forma informal em que a história é contada mostra que consultar a Deus não era uma prática incomum na época.

"Após o êxodo dos Israelitas do Egipto, o povo vinha diariamente a Moisés para o levar a consultar a Deus' em seu nome. "E quando o sogro de Moisés viu tudo o que ele fazia pelo povo, disse: "Por que fazes tal esforço pelas pessoas? Por que é que só tu procuras o juízo sozinho, enquanto toda essa gente vem diante de ti desde a manhã até à noite?" E disse Moisés ao sogro, "*por o povo vir a mim a fim de eu consultar a Deus.*" Sempre que eles têm uma ação judicial, eles vêm a mim para que eu seja o juiz entre os partidos, e para eu lhes dar a conhecer as *ordens e decisões de Deus*."' *(Êxodo 18:14-16)*

"Também aqui nada é dito sobre como as consultas eram dirigida a Deus. Só mais tarde, quando Moisés, por ordem de Deus, construiu o Tabernáculo, vocês encontram um relato mais detalhado dos meios pelos quais a consulta a Deus' e as respostas obtidas eram possíveis: 'E toda a vez Moisés lá pegava na tenda e armava-a para o Senhor fora do acampamento, e chamava-lhe o 'Tabernáculo' [tenda da revelação]. Sempre que alguém queria consultar ao Senhor, ele ia para o Tabernáculo, que ficava situado fora do acampamento.

Quando o próprio Moisés deixava a tenda, todo o povo se levantava e se punha à entrada da sua tenda, e observava Moisés, até que ele ter ido para o Tabernáculo. Quando Moisés entrava no Tabernáculo, *a coluna de nuvem descia*, e assumia a sua posição à porta do Tabernáculo, *contanto que o Senhor falasse a Moisés*. Quando as pessoas viam a coluna de nuvem à entrada do Tabernáculo, todos eles se jogavam no chão à frente das suas tendas. Mas o Senhor falava a Moisés cara a cara, como uma pessoa fala ao seu amigo. Moisés, em seguida, voltava ao acampamento; mas o seu servo Josué, filho de Num, um homem jovem, não abandonava o Tabernáculo.' *(Êxodo 33:7-11)*

"As partes essenciais desta narrativa já te soam familiares por causa dos anteriores ensinamentos que te dei. Também hás de notar que há uma diferença entre a maneira pela qual *Moisés* consultava a Deus, e a que era empregue pelas *pessoas. Enquanto representante de todo o povo*, Moisés recebia respostas do Senhor para as *solenes* consultas de Deus descritas aqui através da *coluna de nuvem,* enquanto que quando as pessoas individualmente consultavam a Deus, e a resposta que recebiam chegava, não através da coluna de nuvem, mas através de um outro canal, que, embora não claramente definido nesta passagem, é suficientemente sugerido, de modo a não deixar nenhuma dúvida a esse respeito na mente de qualquer pessoa familiarizada com a questão.

Refere a passagem que Josué, servo de Moisés, não estava autorizado a deixar o Tabernáculo; a sua presença constante lá deve ter tido uma razão. Essa razão estava diretamente relacionados com a prática de consultar a Deus: *Josué servia como médium para as pessoas* que desejavam consultar a Deus a respeito dos seus *assuntos particulares*. É expressamente declarado que 'todos quantos quisessem consultar a Deus iam ao Tabernáculo.' Não se estabelecia um horário fixo para consultar a Deus' pelo que Joshua era obrigado a estar sempre presente no Tabernáculo, para que pudesse estar disponível para todos como um médium para transmissão das respostas de Deus. *Os espíritos de Deus usavam-no como um instrumento da mesma maneira que usam os médiuns da atualidade.*

"Tornou-se prática habitual entre os Israelitas não realizar nada importante sem antes consultar a Deus. Afinal, Deus tinha dito a Moisés: 'Vou dar-te todos os mandamentos que desejo que transmitas aos Israelitas.' *(Êxodo 25:22)* 'E lá no Tabernáculo comunicarei com os Israelitas.' *(Êxodo 29:43)* Quando consultavam a Deus, pois, as pessoas agiam inteiramente em consonância com a vontade de Deus.

"Depois da morte de Josué, os Israelitas consultaram a Deus: 'Qual de nós irá primeiro contra os Cananeus, pelejar contra eles? E o Senhor disse: 'Judá irá primeiro: Por este meio lhes concedo poder sobre essa terra.' *(Jz. 1:1-2)*

"Quando os Danitas procuraram um lugar para habitar, enviaram cinco homens a explorar a terra e encontraram um Levita que vivia na residência de Miqueias como médium e disseram-lhe: *'Por favor, consulta a Deus para que possamos saber se o caminho que seguimos prosperará*.' E o sacerdote disse-lhes: *Ide com confiança: A missão agrada ao Senhor*.' *(Jz. 18:5-6)* Neste capítulo existe igualmente um relato detalhado sobre a maneira pela qual o Levita consultara a Deus. É relatado que Miqueias tinha mandado um ourives esculpir e fundir uma imagem de Deus,' conforme os vossos tradutores o expressam, sem saber o que esses termos significam e acreditando mesmo que essas imagens fossem 'ídolos.' Na realidade, tratava-se de uma *reprodução do peitoral do juízo usado nas vestes do Sumo-sacerdote* e assim chamado, como sabes, por ser usado para consultar a Deus.

"Eram usadas reproduções da couraça do juízo do Sumo-sacerdote sempre que o povo de Israel consultava a Deus' em questões de *interesse privado*. Era o mesmo que o 'prancheta' usada nos vossos círculos espiritualistas e, como ela, constituída por duas partes: uma parte fixa inferior, geralmente expressada na

figura de uma placa com as letras do alfabeto e outros símbolos gravados, e uma parte superior de madeira, leve e belamente esculpida à mão, e equipada com um ponteiro. A consulta através da placa fundida era feita quer em cima de uma mesa ou fixa numa base ou num pilar. Era altamente polida de modo a permitir que a parte superior de madeira deslizasse sobre ela com facilidade.

"Sempre que procuravam conselho da parte de Deus, a parte superior móvel era colocada em cima da placa, e o médium colocava a mão sobre ela, e aguardava que ela se movesse pelos ação dos seres espirituais com a ajuda do seu próprio poder Ódico até às letras do prato. Quando isso acontecia, o ponteiro indicava na ordem correta os caracteres que, quando combinados em palavras e frases, enunciava a resposta transmitida pelo mundo espiritual. Era, pois, substancialmente o mesmo que com a couraça do juízo do Sumo-sacerdote.

"Os peitorais ou couraças privadas iam a ponto de copiar o precioso original e de ter os caracteres gravados em pedras preciosas que eram definidas artisticamente na placa fundida por um Ourives. Grandes somas de dinheiro eram gastas com essa finalidade. Assim como o Sumo-sacerdote usava vestes caras quando procurava o conselho de Deus, vestes semelhantes eram fornecidos aos *médiuns privados* que usavam a couraça do juízo. Miqueias fez o mesmo: 'Ele mandou fazer uma veste sacerdotal cara e uma couraça do juízo, e consagrou um dos seus filhos ao serviço de sacerdote pessoal.' *(Jz. 17:5)*

"Gedeão também transformou a recompensa de ouro tirada aos Midianitas num 'oráculo' (Éfode) dos do tipo descrito, e situou-o na sua cidade, Ofra, onde ele poderia ser usado por todos na consulta a Deus.' Em pouco tempo, porém, passou a ser usado pelas pessoas igualmente na consulta de espíritos maus. 'Toda a Israel praticou idolatria com ele, pelo que se tornou uma armadilha para Gedeão e a sua casa.' *(Juízes 8:27)* Gedeão tinha-o feito para Consultar a Deus' somente, mas foi mal utilizado pelas pessoas na 'consulta aos mortos,' por outras palavras, para comunicar com o mundo espírito maligno. O que representava idolatria.

"No entanto, aqueles de entre os Israelitas que observavam os mandamentos de Deus

faziam uso dos canais privados das suas próprias famílias para consultar a Deus apenas em casos de emergência. Em assuntos de importância, eles ainda preferiam consultar a Deus no lugar que Ele próprio havia designado para o efeito nos tempos de Moisés. Eles iam ao 'Tabernáculo' e levavam o Sumo-

sacerdote a usar a sua couraça do juízo para consultar a Deus. Assim, os Israelitas iam até Betel ‘consultar a Deus' qual deles deveria ir primeiro para a batalha contra os filhos de Benjamim. O Senhor respondeu: Judá irá primeiro.' *(Jz. 20:18)*

“Quando Saúl quis perseguir os Filisteus derrotados pela noite e destruí-los por completo, e o seu povo se mostrou disposto a segui-lo, o sacerdote disse: 'Vamos primeiro consultar a Deus aqui.' Quando Saúl perguntou a Deus: 'Deverei avançar na perseguição dos Filisteus? Entregá-los-ás Tu nas mãos de Israel?' Deus não lhe respondeu naquele dia. *(I Samuel 14:36-37)*

“Deus não respondeu a Saúl nesse dia, por o filho de Saúl ter violado a proibição de Deus. Recusando-se a responder, Deus quis deixar claro que ele só responderia àqueles que O obedecem.

“Davi quase invariavelmente consultava a Deus através da couraça do juízo. O seu médium era Abiatar, o sacerdote. 'Davi ganhou um novo vigor através da confiança que tinha no Senhor, seu Deus, e disse a Abiatar: “Traz-me o 'Éfode!' (couraça do juízo)” Quando Abiatar trouxe o Éfode a Davi, Davi perguntou ao Senhor: “Devo perseguir esse bando de ladrões? Irei dominá-los? ”E recebeu por resposta: “Sim, persegue-os. Certamente que irás dominá-los e salvar os prisioneiros.”' *(I Samuel 30:7-8)*

“Deus só permitirá que O consultem aqueles que n’Ele depositam inteira confiança na obtenção de ajuda. No entanto, Deus rejeitará todos aqueles que comunguem com o Maligno, e que buscarem a ajuda dos espíritos do abismo. 'Esses homens adotaram os seus ídolos no seu íntimo, e colocaram a pedra de tropeço da sua iniquidade diante de si: *Por que deveria eu permitir que me consultem em absoluto*?' *(Ez. 14:3)*

“Não são aqueles cujos corações se acham divididos - que hoje se voltam para Deus e amanhã para Baal, que frequentam hoje a igreja e se dedicam amanhã à maldade - que receberão resposta de Deus. Isto era verdadeiro na antiguidade e é verdadeiro hoje. Deus traçou um retracto verídico de tais pessoas pela boca do profeta Isaías: 'Eles *consultam-se, dia após dia* , e desejam conhecer os meus caminhos; como se fossem um povo que pratica a justiça e não tivesse abandonado a lei do seu Deus, e pedem-me juízos justos e impacientemente esperam por uma *revelação de Deus*.

“Por que jejuamos,” dizem eles, “e Tu não vês isso?”... Este é jejum justificado, como eu gosto: o abrir mão de laços de infidelidade, romper com as ataduras do jugo da servidão, libertar os oprimidos, e romper com todo jugo. Não será que, quando vocês partilham do vosso pão com o faminto, e vocês acolhem o infeliz sem-teto na vossa casa, quando vocês vestem aqueles a quem vocês encontram nus, e não se afastam dos vossos compatriotas - a vossa luz irrompe como a aurora e vossa cura alcança progressos rápidos?... *Assim, se vocês perguntarem (pedir), o Senhor responderá.*' *(Is. 58:2-9)*

“Deus, transmitia as Suas mensagens de muitas maneiras diferentes aos fiéis

que procuravam o Seu conselho para as preocupações que os assaltavam. A história de Saúl relata como esse primeiro rei do povo de Israel recebeu respostas do Senhor, enquanto ele permaneceu fiel a Deus. No dia anterior à batalha de Gilboa, Saúl, que tinha sido abandonado pelo espírito de Deus por causa de desobediência,' da sua parte consultou do Senhor,' mas o Senhor não lhe respondeu, nem em '*sonhos*,' nem através da couraça *do juízo*,' e muito menos através dos *profetas*.' *(I Samuel 28:6)*

Isso demonstra como em ocasiões anteriores Saúl tinha sido atendido por 'sonhos' ou através da ‘couraça do juízo' ou através dos 'profetas.' O que os vossos tradutores da Bíblia traduzem como 'sonhos' é uma visão espiritual, uma visão, um ato de clarividência ou de clariaudiência, por meio da qual a verdade é revelada a uma pessoa.

“Tais visões podem ser enviados apenas àqueles que tenham poderes mediúnicos. O mundo espiritual, pois, ao decidir como transmitir as suas mensagens, precisa levar em conta as faculdades dos destinatários.

“Quando era feito uso da 'couraça *do juízo*,' as respostas de Deus eram dadas em colaboração com um médium, conforme repetidamente já te expliquei.

“Quanto aos '*profetas* ' que tão frequentemente figuram na Bíblia como portadores de mensagens de Deus, eles eram médiuns de transe, que muitas vezes recebiam as respostas de Deus por via da clarividência e clariaudiência e, em seguida, as transmitiam.

“Onde quer que nas Escrituras encontrares uma referência à consulta a Deus,' vocês também encontrarás confirmação da verdade de que Deus envia a

Sua resposta por alguma forma *humanamente percetível* a todos aqueles que se voltam para Ele com confiança e apelam a Ele em busca de conselho."

O QUE SE ENTENDE NA BÍBLIA POR "CONSULTAR OS MORTOS"

"NÃO DEVERÁ O POVO CONSULTAR O SEU DEUS? POR QUE CONSULTAR OS 'MORTOS' EM NOME DOS VIVOS?" (*ISAÍAS 8:19*)

"Quando vocês falam ou escrevem sobre os 'mortos,' atualmente vocês estão a referir-se àqueles que morreram aqui na terra e cujos corpos se encontram em repouso no cemitério.

Vocês não têm nenhum outro significado para a expressão 'os mortos.' Por conseguinte, vocês entendem a 'morte' como significando apenas a separação do espírito do seu corpo terreno.

"As Sagradas Escrituras com frequência referem a 'morte' e 'os mortos,' mas apenas em certos casos essa 'morte' significa uma morte terrena. 'Os mortos' de quem a Bíblia fala não são aqueles cujos dias na terra terão terminado. Quando a Bíblia fala de 'morte' não significa a separação do espírito do corpo*, mas a separação do espírito de Deus.* Estar unido a Deus e pertencer a Ele representa 'vida'. Separar-se de Deus é 'morte.'

"Este ensinamento repete-se ao longo de todas as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. "Os *'mortos'* são, pois, aqueles *que se encontram apartados de Deus*, os que se encontram *espiritualmente mortos,*' sejam eles espíritos do Além ou que passem pela vida na terra como as pessoas que esqueceram Deus.

"A primeira vez que o termo 'morte' surge na Bíblia designa a *separação de Deus*, pois quando Deus proibiu as primeiras pessoas no paraíso de comer de uma certa fruta, Ele acrescentou o aviso: 'Pois no dia em que comerem da árvore vocês *estarão condenados a morrer.*" *(Gênesis 2:17)*

"Não era a morte do corpo que se entendia por essas palavras, mas a separação de Deus, pois, como vocês sabem, as primeiras pessoas não sofriam corporalmente, mas *a morte espiritual* quando eles violavam as Suas ordens. Por causa da sua desobediência, eles foram para o lado do mal, e, assim, apartaram-se de Deus.

"Quando a vida de Moisés na Terra chegou ao fim e ele se despediu do povo, fez-lhes a seguinte advertência: "Eu coloquei a 'vida' e a 'morte' diante de vós, a bênção e a maldição: Escolham a "vida," e, em seguida, amai o Senhor, vosso Deus, e obedecei aos seus mandamentos e atei-vos a Ele." *(Deuteronómio 30:19-20)*

"Não foi nem a *vida corporal* nem a *morte corporal* que ele colocou diante deles, mas *a vida espiritual*, que perdura enquanto as pessoas se ativerem a Deus; e a *morte espiritual*, que se seguirá imediatamente sempre que as pessoas abandonarem a Deus, e se separarem d'Ele. 'Aquele que guarda os mandamentos de Deus deverá preservar a sua vida; mas aquele que desdenhar da palavra de Deus morrerá.' *(Provérbios 19:16)* 'Quem guardar a minha palavra não verá a morte em toda a eternidade.' *(João 8:51)*

"O pecado da apostasia de Deus, implica, pois, na morte espiritual. 'Não sabem que vocês são, ou servos do pecado, *o qual conduz à morte*, ou servos que obedecem ao chamada da justiça?' *(Romanos 6:16)*

"Que frutos tinham vocês a mostrar naqueles dias que serviam o pecado? Apenas aqueles de que vocês agora se envergonham, porquanto eles terminam na *morte*. Mas agora que vocês estão livres do pecado e se tornaram filhos de Deus, vocês dispõem do fruto do santificação e da *vida eterna em resultado* . Por a paga do pecado ser a "*morte* " mas o dom da graça de Deus ser *a vida eterna*.' *(Romanos 6: 21-23)*

"*Nem todo o pecado conduz à separação de Deus,* mas apenas '*o pecado que é desenvolvido por completo gera a morte'." (Tiago 1:15)* Não é o tropeção e a queda daqueles que creem em Deus e O buscam que produz a morte espiritual, porque o tropeço sucede pela fraqueza humana, e as quedas serem sofridas no caminho para Deus. Mas *abandonar Deus, voltar-Lhe as costas, e viver como se não existisse Deus*, esse é o pecado que acarreta a *morte espiritual.*

"'Os mortos' são os inimigos de Deus. Eles sujeitaram-se à regra dos espíritos do mal. 'Pois, à semelhança de Adão eles violaram a aliança: eles afastaram-se sem fé para longe de mim.' *(Oseias 6:7)*

"Eles abandonaram o [seu Deus] e serviram o Príncipe das Trevas. Eles escolheram-no como seu deus. Esse é o significado da palavra 'idolatria' que

surge tantas vezes nas Sagradas Escrituras. 'Todos os seus atos não permitirão que voltem ao seu Deus; por o espírito de idolatria residir neles.' *(Oseias 5:4)*

"Por causa da deslealdade das suas crenças eles não estão prontos para um retorno a Deus. 'Por que deveria eu libertá-los do poder do reino dos mortos? Por que deverei *resgatá-los da morte* ? Não. Em vez disso: Morte, onde estão os teus flagelos? Inferno, onde está a tua perdição?' *(Oseias 13:14)*

"Pragas e perdição são as punições que Deus impõe sobre os apóstatas através das forças do espírito do mal. Eles precisam ser desgastados primeiro pelo sofrimento e pela infelicidade; precisam tornar-se infelizes como o filho pródigo, até que a saudade do lar do seu pai -- de Deus -- os confranja e os leve a voltar.

"É natural que Deus, que almeja unicamente a vida espiritual, deva ter proibido estritamente toda a comunicação com os 'mortos,' que são Seus inimigos. Nada de bom se pode aprender com 'os mortos', nem verdade nem virtude.

"Terrível, aliás, foram as consequências da comunicação das nações da antiguidade com os espíritos apóstatas e do mal, através espiritualismo inferior, que a Bíblia refere como 'idolatria.' 'Os mortos,' através dos seus médiuns humanos, seduziam as pessoas mal orientadas para todas as abominações concebíveis. Não só as pessoas comiam a carne das oferendas que tinham sido dedicadas aos demónios, em sinal da associação que tinham com estes últimos; eles chegavam a sacrificar os seus filhos e filhas aos maus espíritos e cometiam os mais vergonhosos atos sexuais nos ritos de sacrifício.

Todas essas práticas eram instigados pelos poderes do mal, uma vez que as pessoas haviam entrado em comunicação com eles. 'Aderiram a Baal-Peor e comeram as oferendas de sacrifício para o "mortos."' (*Salmo 106:28*) 'Sim, eles sacrificaram os seus filhos e filhas aos maus espíritos.' *(Salmo 106:37)*

"Os efeitos da idolatria são descritas conforme segue, no Livro de Sabedoria: 'Porque conquanto eles agora matam os seus filhos em sacrifício ou celebram ritos secretos, agora fazem festanças com ritos estranhos, eles não mantêm nem a sua vive nem os seus casamentos sem mácula. Não, uns cometem assassinato traiçoeiro contra os outros, ou ofendem-nos através do adultério.

Entre todos, sem exceção prevalecia o derramamento de sangue e o homicídio, o roubo e a fraude, a corrupção, a infidelidade, os tumultos e o perjúrio, a inquietação das pessoas boas e a ingratidão, a profanação das almas e as práticas sexuais não naturais, o rompimento do matrimónio, o adultério e a fornicação. *Pois a adoração de 'ídolos mortos 'é o começando, a causa e o resultado de toda calamidade.* Porque, ou se entregam ao desvario no seu regozijo, ou *profetizam mentiras .' (Sabedoria 14:23-28)*

"Quando vocês leem estas coisas podem ser levados a concluir que essa gente não estava mais no seu perfeito juízo. No entanto, eles eram tão normais quanto vós. Mas o poder do mal é tão grande, e as suas formas de sedução dos outros é tão subtil, que assim que aqueles que tiverem caído nas suas armadilhas acham que é praticamente impossível livrar-se. De todas as armas dos poderes das trevas, o mais poderosa é *uma mistura de verdade e falsidade.*

"Eles convenciam aqueles que comunicavam com eles por meio da consulta dos mortos' que os animais, o sol, a lua e as estrelas incorporavam poderoso espíritos que tinham grande poder sobre a humanidade e que podiam trazer-lhes felicidade ou infortúnio, e que, em consequência, se deve adorá-los para garantir bem-estar mundano e evitar a calamidade. Eles ensinavam, além disso, que se poderia comunicar com eles por meio de sacrifícios, especialmente o sacrifício de crianças.

"Que os espíritos se incorporavam em todos os seres materiais era verdade, e também que a comunicação pode ser estabelecida com esses espíritos através de oferendas sacrificiais. A falsidade fatal estava em que esse mundo do espírito consistia em espíritos poderosos do bem que trazia felicidade para aqueles que os adoravam. Contudo, uma vez que os espíritos malignos tinha convencido os seus adeptos disso, era apenas um passo para o sacrifício humano. Os pais das crianças que eram para ser sacrificadas eram informados de que após a morte dos seus filhos, o seu espírito estaria constantemente ao seu redor e lhes trariam boa sorte, mas que ambos, eles e os seus filhos haveriam de experimentar as coisas mais terríveis, se recusassem aos ídolos esse sacrifício. Obcecados como eram, no fim eles sempre cediam.

"Vocês não precisam admirar-se com isso, porque durante os ritos realizados ante os ídolos e em reuniões idólatras em geral, os espíritos malignos anunciavam essas doutrinas através dos seus médiuns em transe e apoiavam-nos com a exibição de milagres que acompanhavam os seus discursos. Não raro, os próprios ídolos falavam. Tais discursos eram a 'voz direta' produzida pelo

mundo do baixo espírito com o auxílio do Od das oferendas de sacrifício e o dos médiuns presentes.

"Deus permitiu isso porque ele permite total liberdade dentro do limites que foram igualmente definidos para aqueles que são maus.

"A causa da apostasia de Deus assentava então, como assenta agora, no desejo de sucesso mundano e de prosperidade. Só que naqueles tempos os pré-requisitos para comunicar com o mundo espiritual eram bem conhecidos, enquanto hoje eles caíram no esquecimento. Consequentemente, a apostasia manifestava-se naqueles tempos, não só na *deserção interior de Deus*, mas na comunicação humanamente percetível com o mundo mau do espírito deliberadamente promovida, através a adoração de ídolos espiritualistas. '*Consultar os mortos*' era uma necessidade diária para os de mentalidade mundana, já que a *Consulta a Deus* era uma parte integrante do culto dos fiéis.

"As mensagens enviadas pelos 'mortos' através dos seus médiuns eram tais que lisonjeavam as paixões humanas dos destinatários. Tudo o que ouviam era agradável, e assim eles não tinha vontade de dar ouvidos aos instrumentos de Deus, os bons médiuns. O que estes últimos tinham a comunicar-lhes a mando de Deus era amargo demais para eles. 'Pois é um povo rebelde, com filhos que acabaram mal, que não escutam os mandamentos do Senhor.

Eles dizem às videntes: "Não vejas", e aos profetas de Deus: "Não nos profetizes a verdade. Profetiza coisas agradáveis, profetiza engano, abandona o caminho da correção, afasta-te do caminho justo. Não nos incomodes com 'o Santo de Israel'! *(Isaías 30:9-11)* Eles queriam ouvir apenas as coisas agradáveis, especialmente coisas que promovessem os seus interesses mundanos. Eles queriam comunicar com espíritos específicos, como Saúl quis que o espírito de Samuel lhe aparecesse quando consultou a 'bruxa de Endor.'

Os bons Espíritos não se permitirão ser convocados por capricho e prazer dos homens. Eles veem por sua própria iniciativa com a sanção de Deus, ou, em certos casos, por Sua ordem expressa. No entanto, eles vêm apenas àqueles que buscam a Deus, a fim de lhes poder mostrar o caminho para Ele. *Que* bom espírito se manifestará é cabe ao homem determinar; é decisão que cabe ao mundo bom do espírito. Além disso, do mundo espírito maligno nem sempre vêm aqueles cuja visita o povo deseja, por também eles poderem comunicar apenas com permissão. Contudo, invariavelmente os espíritos inferiores afirmam ser os que foram convocados, quer isso seja ou não verdade, pois eles são

espíritos de falsidade cuja única preocupação está em dizer aos seus seguidores o que eles gostam de ouvir.

"É, pois, um ato de grande insensatez as pessoas combinar entre si que quem morre primeiro deixe os sobreviventes saber se deverá ou não existir um Além. Quem quer que entre num acordo desse tipo, e torne a sua crença numa existência futura contingente sobre o cumprimento do mesmo, invariavelmente deixará de receber as provas que almeja, por os acordos desse tipo serem a prova em si mesmo que essa gente não tem uma crença em Deus. Aqueles que morrem sem acreditar hão de encontrar reservado a eles no Além um destino tal que não estarão em posição de comunicar com os vivos.

"Os espíritos das mais baixas esferas não recordam nada de nenhum desses acordos. Mas mesmo que eles recordassem, não podiam deixar o local em que se acham confinados por causa das suas transgressões. Quem crê em Deus, porém, será capaz, sem qualquer acordo e sem qualquer esforço consciente, de comunicar durante a sua vida com os espíritos dos seus queridos defuntos, se eles também tiverem sido crentes. Aqui se aplicam igualmente as palavras de Cristo: 'Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça; essas outras coisas deverão ser-lhes igualmente dadas.'

Sabem, quem andava metido com o mundo dos espíritos inferiores, nunca estava realmente à procura do Reino de Deus. Não era da natureza dessas pessoas procurar Deus. Pensavam era no bem-estar delas aqui na Terra, e por isso é que recusavam qualquer contacto com o mundo dos bons espíritos. As respostas que vinham do lado bom eram sempre demasiado duras e amargas para quem vivia agarrado às suas paixões. As palavras vindas de Deus pareciam-lhes um peso, um fardo opressivo — ao ponto de chamarem, com blasfémia, às advertências e avisos dos profetas, dados por ordem de Deus, de "fardo do Senhor".

Sempre que queriam saber o que é que Deus tinha para dizer, perguntavam: "Qual é o fardo do Senhor?" E foi por isso mesmo que Deus lhes mandou esta mensagem: "Quando alguém — seja do povo, seja profeta ou sacerdote — te perguntar 'Qual é o fardo do Senhor?', tu respondes: 'Vocês é que são o fardo do Senhor, e eu vou-vos rejeitar, diz o Senhor.' E se algum profeta, sacerdote ou pessoa disser 'fardo do Senhor', eu vou castigá-lo, a ele e à sua casa. Falem antes assim entre vocês: 'O que é que o Senhor respondeu?' ou 'O que é que o Senhor disse?' Mas deixem de usar a expressão 'fardo do Senhor', para não se tornarem escravos das próprias palavras, porque estariam a

distorcer as palavras do Deus vivo, o Senhor dos exércitos, o nosso Deus." (Jeremias 23:33-36)

Portanto, quem queria mesmo pertencer ao povo de Deus, não podia andar a meter-se com o mundo espiritual que se tinha afastado d'Ele. Não era permitido "consultar os mortos", porque isso era como trair Deus — era um abandono da verdade. Porque a verdade não está entre os mortos. "Os mortos não sabem nada." O que dizem são mentiras e enganos, só para arrastarem os crentes para baixo.

É por isso que Deus dizia ao Seu povo: "Perguntem-me a mim sobre o que há de vir, meus filhos! Deixem que a obra das minhas mãos fique comigo." (Isaías 45:11) E também: "Sou eu, o Senhor vosso Deus, que vos ensina o que é bom para a vossa salvação e que vos guia pelo caminho certo." (Isaías 48:17) E ainda: "Quando vos disserem para consultarem médiuns e espiritualistas que murmuram e cochicham, perguntem-lhes: 'Mas o povo não devia consultar o seu Deus? Hão de ir perguntar aos mortos pelos vivos?'" (Isaías 8:19)

E depois há esta chamada de atenção dura: "Então vocês querem sujar-se como os vossos pais se sujaram, e ainda ir atrás dos seus monstros? Até hoje vocês continuam a sujar-se com os vossos ídolos, a sacrificar os vossos filhos e a apresentar ofertas impuras! E acham que eu ainda vos devo dar respostas? Juro pela minha vida: não serei consultado por vocês." (Ezequiel 20:30-31)

Os israelitas tinham aprendido estas práticas no Egipto. Muitos ficaram viciados na idolatria. Por isso é que uma das primeiras ordens que Deus lhes deu depois de saírem do Egipto foi: "Não pratiquem adivinhação nem feitiçaria." (Levítico 19:26) "Não vão ter com médiuns nem com adivinhos. Não os consultem, para não se contaminarem. Eu sou o Senhor, vosso Deus." (Levítico 19:31) "Se alguém for consultar médiuns ou adivinhos para se entregar à idolatria, eu vou voltar-me contra essa pessoa e afastá-la do meu povo." (Levítico 20:6) "Um homem ou mulher com espírito de adivinhação ou que invoque os mortos deve ser morto a pedradas. A culpa de sangue cai sobre eles." (Levítico 20:27)

Isto mostra que esses homens e mulheres eram "médiuns" — era por eles que os espíritos maus falavam. E eles eram responsáveis por isso. Tinham sempre a possibilidade de recusar o mal, de se voltarem para Deus e estabelecerem contacto com o mundo dos bons espíritos. Como não o fizeram, mereceram o castigo.

Além dos médiuns, havia também quem usasse a clarividência para comunicar com os maus espíritos.

E atenção: "culpa de sangue" aqui não quer dizer que tenha havido sangue derramado mesmo. Na Bíblia, "culpa de sangue" refere-se a uma morte espiritual, a um afastamento da alma em relação a Deus. Os que invocavam os mortos tinham essa culpa porque punham os outros em contacto com os espíritos maus, afastando-os de Deus, matando-os espiritualmente.

E a contaminação que vem de quem se junta a esses médiuns não é física, é espiritual. Vem do mau "Od" (o fluido vital) que absorvem dos conjuradores. Isso estraga o seu próprio "Od" e transforma-o num terreno fértil para as ações dos espíritos maus.

Na Bíblia há pelo menos um caso bem descrito de conjuração: o momento em que o rei Saul foi consultar a feiticeira de Endor. É um episódio cheio de ensinamentos.

O profeta Samuel já tinha morrido. Saul tinha mandado expulsar todos os médiuns do país. Mas quando os filisteus vieram invadir, em força, Saul ficou com medo — e tremeu por dentro. Então consultou o Senhor, mas Deus não lhe respondeu, nem por visões, nem por meio do peitoral do julgamento, nem por bons médiuns. É que Saul tinha-se afastado de Deus por causa da sua desobediência. Os espíritos de Deus tinham-no deixado, e agora era um espírito mau que o dominava. Foi então que Saul mandou os seus criados encontrarem uma mulher que conjurasse espíritos — queria ir consultá-la. Como o mundo bom dos espíritos já não lhe falava, ele decidiu tentar o lado mau.

Disseram-lhe que havia uma mulher assim em Endor. Saul disfarçou-se e foi ter com ela à noite. Pediu-lhe que o ajudasse a falar com um morto. A mulher hesitou — tinha medo de ser apanhada e condenada à morte. Mas Saul garantiu que nada lhe aconteceria. Então ela perguntou: "Quem queres que traga?" E ele: "Samuel." Quando a mulher viu Samuel, gritou e disse a Saul: "Enganaste-me! Tu és o rei!" Mas ele respondeu: "Não tenhas medo. O que vês?" E ela: "Vejo um ser que parece sobre-humano, a subir da terra." "Como é que é?" — perguntou Saul. "É um homem velho, vem envolto num manto." Saul percebeu logo que era Samuel, e prostrou-se, mostrando respeito.

Samuel perguntou: "Porque é que me incomodaste, a chamar-me de volta?" E Saul respondeu: "Estou desesperado. Os filisteus vêm contra mim e Deus não me responde. Foi por isso que te chamei, para me dizeres o que devo

fazer." E Samuel respondeu: "Porque é que me perguntas a mim, se Deus já te abandonou e se tornou teu inimigo? Ele fez o que já tinha dito que ia fazer — tirou-te o reino e deu-o a outro, a David. E foi porque não obedeceste à ordem de Deus que tudo isto te está a acontecer. E o Senhor vai deixar Israel cair nas mãos dos filisteus contigo, e amanhã tu e os teus filhos vão estar comigo." (1 Samuel 28:3-19)

Claro que este relato levanta muitas dúvidas. Vai parecer-vos estranho, por exemplo, o facto de Saul, que era um homem corajoso, com tantas batalhas vencidas, começar de repente a tremer de medo só de ver os filisteus. Não era nada próprio dele. Mas sabem como é: às vezes, há uma coisa que se sente por dentro — chamam-lhe "pressentimento de morte", mas talvez fosse melhor dizer "certeza de morte". Mal viu o exército inimigo, algo dentro dele avisou-o: a hora dele tinha chegado.

E isso, essa hora, está marcada para todos. Mas que voz é essa, que fala lá dentro e nos diz que o fim chegou? Foi a mesma voz que muitos soldados ouviram em tempos de guerra: "Não vais sobreviver ao próximo ataque." ou "Não passas de hoje." ou "Este é o teu último regresso a casa." Por que é que tantos, que já tinham ido de licença antes, sentiam uma angústia especial na última vez?

No caso de Saul — como em tantos outros em que alguém sente, com toda a certeza, que a sua hora está a chegar — foram os espíritos guardiões que lhe deram esse sinal. Eles estão connosco como guias e amigos. Ao longo da vida, muitas vezes nos avisam de perigos que se aproximam. São como protetores. Às vezes até conseguem intervir a tempo e salvar-nos. Mas, quando se aproxima mesmo aquele momento final e inevitável, esses amigos do lado de lá abalam-nos por dentro de tal forma que não conseguimos ignorar o aviso: a hora está mesmo aí. E nós sabemos. Nem sempre os espíritos têm autorização para dar esse aviso, mas quando têm, é uma graça especial de Deus — é para dar à pessoa tempo para se reconciliar com Ele e pedir ajuda para dar o passo decisivo para o Além.

Com Saul, foi isso mesmo: um último apelo dos mensageiros de Deus para que ele voltasse ao Senhor, a quem tinha sido infiel. Mas Saul, mesmo sabendo que ia morrer, em vez de se voltar para Deus com arrependimento sincero, limitou-se a fazer o gesto exterior de O invocar, como se fosse só para resolver os problemas dele no mundo. Não procurou uma ligação interior com Deus, nem um verdadeiro arrependimento pelas suas ações. Por isso é que Deus não

respondeu. E Saul, com medo pela vida dele, foi ter com a feiticeira. Quando ele disse "Estou em grande aperto", o que ele queria mesmo dizer era: "Eu sei que a morte está à porta."

Aproveitando este ponto, convém lembrar que há muitos outros sinais que anunciam a aproximação da morte. Já ouviram de certeza dizer que o uivar dos cães, certas aves que aparecem, plantas que empalidecem, entre outras coisas, são prenúncios de morte. Pois bem, isso não é só superstição, por muito que a nossa era moderna e científica goste de pensar que sim. É verdade. Mesmo que esses sinais não digam exatamente quem vai partir, quem os conhece deve levá-los a sério e refletir sobre o seu próprio estado interior. São alertas dos nossos amigos espirituais, a chamar-nos a atenção para Deus e para o momento de prestação de contas depois desta vida.

É o mundo espiritual que usa esses animais e elementos como instrumentos — fazem-nos agir de forma que nós percebemos como sinais. Como já dissemos, também os animais podem ser usados como médiuns, tanto pelo lado bom como pelo lado mau. O mesmo vale para plantas e flores. Mas esses sinais só são usados quando quem os vê é capaz de os entender, porque o mundo espiritual não faz nada sem um propósito.

Voltando ao caso da feiticeira de Endor: pode parecer estranho que Samuel tenha aparecido, visto que ele não era um dos "mortos" afastados de Deus, nem um dos espíritos das trevas com quem aquela mulher costumava comunicar. Samuel era um espírito de Deus, e a própria mulher percebeu isso logo, pelo tamanho sobre-humano com que ele apareceu. Aquela aparição foi um castigo direto de Deus pela ofensa que Saul cometeu ao consultar as forças do mal.

Se ali tivesse surgido um espírito mau disfarçado de Samuel, não teria dito a verdade sobre o destino trágico que esperava Saul. Teria inventado qualquer coisa reconfortante, uma mentira bonita. Por isso, foi vontade de Deus que o verdadeiro espírito de Samuel se mostrasse, e que falasse através daquela mulher — que era tanto clarividente como clarividente auditiva — para anunciar a Saul o que o esperava no dia seguinte.

E saber tudo aquilo com antecedência foi, para Saul, o pior. "Amanhã tu, os teus filhos e grande parte do teu exército vão morrer." A angústia começou logo ali, e corroeu-lhe a alma até ao momento em que se cumpriu. Foi por isso que ele caiu no chão, desfeito. O que ele queria ouvir — um plano para vencer os inimigos — não ouviu. Em vez disso, ficou a saber da desgraça que o esperava, como castigo. Assim se cumpriu a profecia de Deus através de Ezequiel: "Se

alguém do povo de Israel, ou um estrangeiro entre eles, se afastar de mim, meter ídolos no coração, levantar tropeços de pecado e ainda assim vier consultar um profeta para saber de mim, eu, o Senhor, responderei a essa pessoa diretamente. Agirei contra ela, farei dela um exemplo e uma lição, e vou afastá-la do meu povo, para que saibam que eu sou o Senhor." (Ezequiel 14:7-8)

E por que é que a feiticeira percebeu que era Saul, quando viu Samuel? Foi porque ela tinha o dom de ouvir espiritualmente — ouviu o nome dele quando o espírito de Samuel o pronunciou.

E quando Samuel disse: "Amanhã tu e os teus filhos estareis comigo", não queria dizer que iam partilhar o mesmo destino no Além. Só queria dizer que iam morrer e que ele estaria lá para os receber quando passassem para o outro lado. Os espíritos das pessoas que partem são recebidos logo ali, à beira da morte, por outros que foram próximos durante a vida. Eles ajudam-nos, orientam-nos, avisam-nos antes de seguirem para o destino que lhes cabe. No mundo espiritual, isto é tão óbvio como para nós irmos buscar um amigo ao aeroporto quando ele chega a um país onde já estamos. Mas isso não quer dizer que o destino de ambos vá ser igual nesse novo lugar.

A feiticeira de Endor comunicava com os "mortos" através da clarividência e da clarividência auditiva. Dizia aos outros aquilo que via e ouvia. Já outros conjuradores funcionavam como verdadeiros médiuns — entravam em transe e era o espírito, diretamente, que falava por eles.

E quando a Bíblia diz que o espírito de Samuel "subiu da terra", isso foi apenas a forma como apareceu. Para um espírito se tornar visível, precisa de um tipo de "nuvem de Od", e essa nuvem vem da radiação Od dos presentes. Essa nuvem não aparece de repente — cresce aos poucos, de baixo para cima — e isso dá a impressão de que está a subir. Samuel apareceu com o aspeto de um velho, com o mesmo manto que usava em vida, para que fosse reconhecido. Os espíritos mostram-se com os traços e roupas com que eram reconhecidos em vida. Tal como escolhemos as roupas que usamos aqui, os espíritos também escolhem a forma que o seu "Od" deve ter, conforme o que querem transmitir.

E, como as leis que regulam a comunicação com espíritos maus são as mesmas que se aplicam aos bons, vemos na Bíblia que os métodos usados para consultar os mortos eram iguais aos usados para procurar respostas de Deus. Em ambos os casos, havia médiuns a fornecer a força Od necessária — fossem eles profetas de Baal ou de Deus. Em ambos os lados, sacrificavam-se animais,

queimava-se incenso, escolhiam-se locais tranquilos, livres de perturbações, e com pouca luz e calor, para facilitar a condensação do Od.

É por isso que a Bíblia condena não só a idolatria, mas também os lugares onde estas comunicações com espíritos maus aconteciam. Diz em Oseias: "O meu povo consulta um pedaço de madeira, espera que o seu bastão lhe diga o futuro! O espírito de idolatria enganou-os; afastaram-se de Deus e entregaram-se aos ídolos. Oferecem sacrifícios nos montes e queimam incenso nas colinas, debaixo dos carvalhos, choupos e terebintos, porque a sombra é agradável." (Oseias 4:12-13)

Tudo o que aprendemos na Bíblia sobre os "mortos" aponta sempre na mesma direção: os "mortos" são as Forças do Mal. Quem se liga a essas forças afasta-se de Deus e sofre uma morte espiritual. Como está escrito: "Israel era grande, mas quando pecou servindo Baal, começou a morrer." (Oseias 13:1)

Mas atenção, não pensemos que o culto a Baal se resume a fazer ídolos com as próprias mãos e procurar conscientemente os espíritos maus, como se fazia antigamente — e como ainda se faz nalgumas culturas. Idolatria é muito mais do que isso. Idolatria, na verdade, é qualquer estado de espírito que deixa Deus de fora, que se vira só para o material, que põe o mundo no lugar de Deus. E isso, infelizmente, continua a ser muito comum.

O ser humano de hoje não é menos idólatra do que os povos da Bíblia. A diferença é que já não se levantam ídolos de pedra ou madeira — pelo menos nas sociedades ditas "civilizadas". Mas agora os ídolos estão dentro das pessoas: são o dinheiro, a fama, o sucesso, o conforto. E fazem-se tantos sacrifícios a estes ídolos como antigamente se faziam aos outros. Quantos milhões de adultos e crianças são sacrificados todos os anos a estas "divindades" modernas? Talvez não com sangue — mas sacrificados estão, na mesma.

As forças do mal, essas do "reino dos mortos", continuam a mandar sobre a maioria da humanidade. O que o profeta Miqueias disse do seu tempo encaixa perfeitamente nos dias de hoje: "Já não há gente fiel na terra, já não se encontra ninguém honesto. Todos andam à procura de fazer o mal, cada um arma ciladas ao outro. As mãos estão sempre prontas para o crime. O príncipe exige subornos, o juiz aceita dinheiro, e o poderoso diz o que quer — e entre eles arranjam tudo. O melhor deles é como um espinheiro, e o mais justo é pior que uma sebe de espinhos.

Está a chegar o dia anunciado pelos teus vigias, o dia do castigo. Aí sim, será um tempo de confusão. Já não se pode confiar num amigo, nem ter segurança junto de quem está connosco. Até àquela que repousa no teu peito tens de guardar o que dizes. O filho despreza o pai, a filha revolta-se contra a mãe, a nora enfrenta a sogra. Os inimigos da pessoa estão dentro da própria casa. – Mas quanto a mim, eu olho para o Senhor, confio no Deus que me salva. O meu Deus há de ouvir-me." (Miqueias 7:2-7)

Mesmo assim, Deus continua a ser misericordioso com a humanidade de hoje. Ele quer que voltemos a comunicar com o mundo dos bons espíritos e, através disso, que sejamos ressuscitados espiritualmente. "E acontecerá que derramarei o meu espírito sobre toda a humanidade; os vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos com revelações, os vossos jovens terão visões. Até sobre os servos e as servas derramarei o meu espírito nesses dias." (Joel 3:1-2 na Bíblia Católica; Joel 2:28-29 na Bíblia Protestante)

PARTE III

A COMUNICAÇÃO COM OS ESPÍRITOS DEPOIS DA ERA APOSTÓLICA E NOS TEMPOS MODERNOS

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Depois de ter recebido os ensinamentos descritos na segunda parte do livro, sobre as leis da comunicação espiritual e os fenómenos mencionados na Bíblia, senti que devia estudar também como é que essa comunicação se manifestou noutras épocas da história humana — e compará-la com aquilo que aprendi do mundo espiritual.

Fui incentivado a investigar em particular o que se passa nas sessões espiritualistas dos nossos dias e o que a ciência moderna tem a dizer sobre os "médiuns" e as mensagens que estes transmitem.

Gostaria muito de ter estudado também os escritos antigos — tanto pagãos como cristãos — que falam da comunicação com os espíritos. Isso implicaria ler os filósofos, poetas e historiadores da Grécia e Roma antigas, assim como os escritos dos pais da Igreja e autores religiosos desde a era pós-apostólica até à Idade Média, sem esquecer os místicos. E depois ainda teríamos todos os relatos sobre santos e as inúmeras publicações sobre o "ocultismo" moderno.

Mas, mal comecei, percebi logo que uma investigação completa ocuparia toda uma vida.

Por isso, decidi limitar-me a três capítulos adicionais. Neles, procuro mostrar, de forma breve, que a comunicação com os espíritos era algo conhecido e aceite depois da era apostólica, que continua a acontecer hoje (mesmo que nem toda a gente a aceite), e que obedece sempre às mesmas leis — as mesmas de sempre e para sempre.

E assim surgiram os capítulos seguintes:
– "A Comunicação com os Espíritos na Era Pós-Apostólica";
– "O Papel dos Espíritos na Vida de um Pastor Protestante e de um Padre Católico no Século XIX";
– "O Espiritualismo à Luz da Ciência Moderna".

A COMUNICAÇÃO COM OS ESPÍRITOS NA ERA PÓS-APOSTÓLICA

"Quando aparece alguma coisa nova, que nos faz dizer 'Isto nunca se viu!', acabamos por descobrir que afinal já existia há muito tempo." (Eclesiastes 1:10)

Entre o mundo pagão, onde surgiu o cristianismo, e o próprio cristianismo, houve um combate intenso. Era uma verdadeira luta entre a vida e a morte. Os cristãos da época acreditavam que as Forças do Mal é que estavam por trás de todo o paganismo, e que tanto os governantes como os povos eram apenas instrumentos dessas forças. O Inferno sentia que estava a perder o controlo da humanidade, porque o mundo dos bons espíritos começava a manifestar-se através do cristianismo.

"Agora enfrentava-se um príncipe maior que o imperador romano, e forças mais poderosas do que os seus oficiais. Essas forças já existiam muito antes de Roma e estendiam-se pelas províncias mais obscuras, onde Roma mandava só no nome. Mas o poder delas ia também aos pensamentos e aos corações das pessoas — onde nenhuma autoridade terrena consegue mandar." (Weinel, p. 2)

Tanto na vida do Estado como na vida privada, havia uma ligação forte ao mundo dos espíritos, que os pagãos chamavam deuses, heróis ou demónios. A vida pública, com festas e cerimónias, era muitas vezes dedicada a esses seres. (Weinel, pp. 2-3)

Mesmo que os ídolos fossem só estátuas de pedra ou madeira, acreditava-se que por trás deles havia espíritos reais, que podiam manifestar-se. O mártir cristão Justino disse: "Essas imagens têm os nomes e as formas de espíritos maus que apareceram." Eram esses demónios que os pagãos adoravam. "Antigamente, os demónios apareciam (em médiuns humanos), tinham relações com mulheres, abusavam de rapazes, mostravam cenas horríveis para assustar quem não entendia o que se estava a passar — e o povo chamava-lhes deuses e dava-lhes nomes conforme o disfarce que usavam. Faziam-no por medo, porque não sabiam que eram demónios maus." (Justino I: 5, 2)

E esses espíritos maus não eram coisa do passado — os primeiros cristãos viam-nos em ação todos os dias. Por exemplo, nas doenças em que parecia que o doente era "tomado" por outro espírito. Se alguém enlouquecia, dizia-se que tinha um demónio. Os histéricos e epiléticos eram considerados possuídos. Isto era uma crença comum a judeus, pagãos e cristãos.

Esses espíritos também falavam através de médiuns humanos. O escritor cristão Taciano descreveu uma médium do deus Apolo: "Depois de beber água, entra em transe; o incenso fá-la perder o juízo, e parece que está a profetizar." (Tatian 19, p. 86) Esse estado de êxtase, de descontrolo, era sinal de que um espírito inferior tinha tomado conta dela. Quando são espíritos bons, há sempre calma e paz.

As cenas de delírio dos sacerdotes de Baal, os movimentos frenéticos das bacantes nas festas gregas e romanas, os dervixes dançantes dos nossos tempos, e até muitos fenómenos das sessões espiritualistas modernas — tudo isso deve-se à ação de espíritos maus.

Naquele tempo, os espíritos também podiam ser vistos por pessoas com o dom da clarividência. Quem tinha esse tipo de capacidade — fosse para ver, ouvir ou comunicar com o mundo espiritual — era chamado de "pneumático". Essa palavra vem do grego *pneuma*, que quer dizer "espírito". Hoje em dia, como já não se conhece nada das leis da comunicação com os espíritos, interpreta-se "pneumático" como alguém "dotado espiritualmente", o que dá a ideia errada de que era o espírito da própria pessoa a provocar os fenómenos. Mas, na verdade, esses "pneumáticos" eram mesmo médiuns, ou pessoas com talento mediúnico, ou ainda dotadas de clarividência ou claraudiência.

Portanto, os "pneumáticos" tanto podiam estar ligados ao mundo dos bons espíritos como ao dos maus. As leis que regem essa comunicação são iguais nos dois casos.

Os demónios também se tornavam visíveis às pessoas, para fingirem que eram algo respeitável. "Os seus corpos aéreos e de fogo são facilmente visíveis — embora só para os pneumáticos — mas o facto de serem vistos com frequência é uma certeza," dizia Taciano. (Oratio ad Graecos 15, p. 70) Estes corpos de "ar e fogo" são os corpos Odílicos. Todos os espíritos têm corpo Odílico, mas o seu aspeto depende da esfera onde pertencem.

É verdade também que os ídolos falavam e faziam milagres. Nem os cristãos podiam negar isso — toda a gente sabia. Era precisamente isso que levava os pagãos a acreditar que os ídolos eram seres vivos, com grandes poderes. Perguntavam: "Como é que certas imagens fazem milagres, se não forem deuses os seres a quem erguemos essas estátuas? Não parece provável que figuras imóveis e sem vida tenham poder por si mesmas, sem algo que as anime." E o cristão Atenágoras respondia: "Nós, cristãos, não negamos que em

certos lugares, cidades ou regiões tenham acontecido milagres em nome dos ídolos — mas não os consideramos deuses." (Atenágoras leg. 23, p. 116)

Por exemplo, havia uma estátua de um tal Neryllius em Troas que supostamente profetizava e curava os doentes. O povo fazia-lhe sacrifícios, cobria-a de coroas e ouro. Também se dizia que em Parion, a estátua de Proteu podia profetizar, enquanto a de Alexandre recebia ofertas e festas pagas pelo Estado, como se fosse um deus. Atenágoras não negava os fenómenos — o que ele dizia era que, quem os provocava, eram espíritos maus.

As pessoas viam tudo isto a acontecer e, por isso, sabiam que existia um mundo misterioso de seres espirituais, além do que se via — seres mais poderosos, mais sábios, mas também mais implacáveis do que nós. Acima e para além do Império Romano, começava o domínio daquele que era o verdadeiro senhor do mundo: Zeus, o Diabo. E foi precisamente dentro do Império Romano, onde as elites tanto resistiam ao cristianismo, que esse reino espiritual pareceu consolidar o seu baluarte mais forte. (Weinel, pp. 11-12)

Os cristãos sentiam na pele os efeitos do poder invisível do Diabo e dos seus instrumentos.

E o que é que o Diabo e os seus demónios queriam com tudo isto? Muito simples: afastar os cristãos de Deus, levá-los ao erro do politeísmo, arrancá-los da vida espiritual e empurrá-los para a morte da alma. "Os demónios só querem afastar as pessoas do seu Deus e Criador, e do Seu primogénito, Cristo. E aos que não conseguem elevar-se acima das coisas do mundo, os demónios prendem-nos a objetos feitos por mãos humanas — e continuam a fazê-lo até hoje." (Justino 1, 58)

"Conseguiram isso ao inventarem mitos e mistérios, uma cópia enganosa do plano de salvação de Deus. Criaram, com as suas imagens e encenações, uma versão agradável mas destruidora da verdadeira Revelação." (Justino 1, 56)

Os espíritos maus que falavam através dos ídolos nas cerimónias pagãs produziam vozes audíveis ao usar o Od disponível para criar o que se chama "vozes diretas". Era uma imitação do que acontecia quando Deus falava através da nuvem de Od sobre a Arca da Aliança no Tabernáculo. Essa voz de Deus também era uma "voz direta", produzida com a nuvem de Od criada pelo sangue das oferendas e pela fumaça do sacrifício. E nos rituais pagãos era o mesmo: o sangue das vítimas e o fumo dos altares davam o Od necessário para os espíritos maus falarem.

Por causa do perigo imenso que vinha do Diabo e dos seus seguidores, havia um grande medo entre os cristãos em relação a essas forças das trevas. E atenção — não estamos a falar de sombras ou figuras da imaginação, como muita gente hoje pensa. Nem de doutrinas que as religiões atuais mantêm sem provas. Naquela altura, os espíritos maus eram uma realidade vivida: comunicavam, interferiam, agiam misteriosamente, mas com força. (Weinel, p. 24)

Imaginem um cristão da época. Vivia rodeado de imagens — nas casas, nas ruas, nas praças, nos templos. Havia ídolos por todo o lado. E muitos desses ídolos tinham formas horríveis, misturando traços humanos e animais. Aquilo causava arrepios a quem sabia que por trás daquilo estava um espírito real e ativo. Mais perigosos ainda eram os demónios que davam "vida" às estátuas — ao mármore reluzente, às figuras bonitas dos deuses e deusas gregos — com um charme que seduzia os sentidos. Era assim que o Diabo escravizava a humanidade. E os cristãos percebiam, com horror, que toda aquela beleza viva tinha sido roubada a Deus — usavam a majestade que devia ser de Deus para fins perversos, para afastar as pessoas da verdadeira bondade e pureza divinas.

E quando, em festas familiares ou celebrações públicas, os cristãos viam a força terrível da idolatria a manifestar-se — quando viam crimes e horrores dos demónios e heróis representados nos palcos, quando viam paixões humanas e divinas como a ganância, o Odio, a vingança e a luxúria retratadas de forma encantadora — percebiam o quanto tudo aquilo era uma armadilha. E os corações deles enchiam-se de desprezo e revolta por aqueles que afastavam as almas das pessoas do Deus verdadeiro com ilusões e enganos.

Mas o mais feliz dos cristãos era aquele que só sentia esse repúdio. Porque se a beleza das imagens, dos corpos, ou o fascínio das festas começasse a mexer-lhe por dentro — se a sede de violência despertasse nele quando via os gladiadores lutar — então ouvia, com horror, essas mesmas forças das trevas a chamarem-no. Às vezes com lisonjas suaves, outras com seduções intensas. E não era imaginação: quanto mais lhes dava ouvidos, mais fundo se envolvia com o mundo espiritual, mais se tornava um "pneumático", e mais claramente via e ouvia esses espíritos — até sentir fisicamente os tormentos da sua presença.

E se, apesar de tudo, se mantivesse fiel a Deus, ainda assim podia esperar o pior. Porque nos tempos de perseguição, Satanás e os seus aliados mostravam todo o seu poder. Os cristãos conheciam então, com horror e sofrimento, a

crueldade desses inimigos implacáveis — seja pelas dores dos amigos, seja pelas torturas que eles próprios sofriam. (Weinel, pp. 24-25)

Então, qual era afinal a força que permitia aos cristãos vencerem os poderes dos espíritos maus? Eles próprios responderam: "É um espírito santo, um espírito de Deus, que nos dá essa força." Os espíritos de Deus vinham ter com eles, tal como tinham vindo às primeiras comunidades cristãs. Por exemplo, Justino dizia que os cristãos do seu tempo recebiam dons — cada um conforme o seu mérito — e eram iluminados em nome de Cristo. Uns recebiam espírito de discernimento, outros de conselho, outros de força; e havia ainda quem recebesse dons de cura, de previsão, de ensino ou de piedade. (Justino, Diálogo 39)

Ele também escreveu: "Entre nós há homens e mulheres a quem um espírito de Deus concedeu dons da graça." (Diálogo 88) E no seu diálogo com Trifão, o judeu, dizia ainda: "Os dons da profecia ainda existem entre nós. É assim que podes ver que aquilo que antes era dado ao teu povo, agora foi-nos concedido a nós." E acrescentava: "Assim como no tempo dos profetas verdadeiros também existiam falsos profetas entre vocês, também hoje há falsos mestres entre nós." (Diálogo 82)

Houve quem tentasse expulsar da religião a comunicação com os espíritos de Deus. Mas Ireneu, falando em nome da Igreja do seu tempo, criticava os Alogianos por isso. Dizia: "Eles rejeitam o dom do espírito que foi derramado sobre toda a humanidade nestes últimos tempos, segundo a vontade de Deus. Recusam a forma de evangelização descrita no Evangelho de João, onde o Senhor prometeu enviar-nos o mundo espiritual. E rejeitam não só esse evangelho, como também o espírito da profecia."

Para os cristãos, a expressão "últimos tempos" referia-se ao período desde a vinda de Cristo até ao fim do mundo. E por "espírito de profecia" entendiam um espírito que transmitia a verdade de Deus através de um ser humano — algo que era prática comum nas primeiras comunidades cristãs. A doutrina era clara: a verdade só podia vir dos espíritos de Deus. E isto resumia-se numa máxima: "A verdade deve ser aprendida onde se encontram os dons da graça de Deus."

Como as leis que regem a comunicação com espíritos bons são as mesmas que se aplicam aos maus, os dois tipos de mensagens podem parecer semelhantes à primeira vista. Só conseguimos distinguir de onde vêm — se de cima ou de baixo, do bem ou do mal — pelo conteúdo da mensagem e pelo comportamento do espírito que fala através do médium. Naquele tempo, tanto

judeus como pagãos e cristãos (católicos ou não) aceitavam estas mensagens como vindas de seres invisíveis.

E Weinel dizia: "Sempre que um cristão tem uma visão — seja de um anjo, de um demónio, de Cristo ou do Diabo —, ou quando um pagão ou um gnóstico tem uma visão, não é verdade, como dizem alguns teólogos modernos, que só os cristãos têm experiências reais e os outros são alucinados. Em todos esses casos há mesmo uma revelação de seres espirituais invisíveis e sobre-humanos. E essas visões podem acontecer da mesma forma em qualquer um desses contextos." (Weinel, p. 64)

Ele acrescenta ainda: "As atividades dos espíritos bons e dos demónios não só são parecidas, como o mesmo fenómeno pode ser interpretado de forma diferente, conforme o ponto de vista religioso. O que para um gnóstico é obra de um espírito bom, para um católico pode ser uma alucinação provocada por demónios — e vice-versa."

E mais: "Sempre que aparecem manifestações pneumáticas no mesmo tipo de ambiente espiritual e físico, as semelhanças entre elas são impressionantes ao longo dos séculos. Os místicos dos mosteiros medievais, os quacres na Inglaterra protestante, os huguenotes inspirados, os curandeiros do século XIX — todos eles experienciavam e agiam exatamente como os 'pneumáticos' da Igreja primitiva." (Weinel, p. 65)

Para os cristãos, não havia fenómenos neutros no mundo espiritual: ou o espírito era bom, ou era mau. (Weinel, p. 67)

Os métodos de comunicação usados pelos espíritos nos tempos pós-apostólicos eram os mesmos já descritos anteriormente. Os espíritos falavam através de médiuns. Havia os "médiuns em transe parcial", em que o espírito da própria pessoa ainda ouve e está consciente do que está a ser dito, e havia os "médiuns em transe profundo", em que o espírito comunicador falava enquanto o médium estava completamente inconsciente.

Um médium em transe parcial explicava assim o que sentia: "Sempre que isso acontecia, sentia-me como se fosse elevado até Deus. Por isso, posso declarar solenemente, em nome de Deus, que nunca fui subornado nem influenciado por ninguém, nem por interesses mundanos, para dizer outra coisa que não aquilo que o espírito ou anjo de Deus dizia através da minha boca. Entrego a minha língua a esse espírito, enquanto, ao mesmo tempo, tento manter o meu espírito voltado para Deus e lembrar-me das palavras que saem

dos meus lábios. Sei que há uma força superior a falar por mim. Não penso no que vou dizer, nem sei o que será dito. Parece-me que as minhas palavras estão a ser faladas por outra pessoa — mas ficam gravadas no meu espírito." (Weinel, pp. 77-78)

Muitas vezes, era o espírito que rezava através do médium em transe parcial. Um exemplo marcante dessa "oração no espírito" aparece no martírio de Policarpo. Ele tinha estado escondido, mas quando os soldados chegaram, desceu até eles, pediu aos servos que lhes dessem comida, e pediu uma hora para rezar em paz. Quando lha concederam, ficou de pé diante deles e, cheio da graça de Deus, rezou com tanta intensidade que não conseguiu parar durante duas horas.

Os soldados ficaram cheios de temor, e muitos arrependeram-se de ter ido prender um velho tão cheio da graça divina. Policarpo não conseguia parar — porque não era ele quem falava, mas algo dentro dele que não o deixava calar-se. Ele nem sequer se apercebia do que se passava à volta, nem se cansava, apesar da idade. Todos perceberam que não era ele quem falava, mas sim outro ser. Quando isto acontece, é sempre uma experiência forte para quem assiste — e ainda mais para quem vê algo assim pela primeira vez.

O pastor Blumhardt, da Suábia, que curava doentes com oração e expulsava os espíritos de doença, também era assim — rezava como Policarpo. (Weinel, p. 83)

Entre os Montanistas, os médiuns entravam muitas vezes em "transe profundo", ou em verdadeiro "êxtase". Eusébio, que se opunha a Montano, contava que este, recém-batizado, com ambição desmedida, deixou que o inimigo maligno entrasse na sua alma. Ficou possuído por um espírito e, num acesso de êxtase, começou a falar com grande agitação e em línguas estranhas. O mesmo aconteceu com duas mulheres influenciadas por ele: falavam também de forma estranha, inconscientes, dominadas pelo mesmo espírito maligno.

O espírito que falava por Montano explicava o fenómeno assim: "Vede: o homem é como uma lira, e eu voo até ele como uma palheta." Isto mostra bem a relação entre o espírito e o médium. O médium é apenas o instrumento — ele é o piano, e o espírito é quem toca. E isto vale para todos os verdadeiros médiuns, sem exceção.

A condenação que Eusébio fez dos fenómenos espirituais que ocorriam entre os Montanistas — que, não nos esqueçamos, também eram cristãos como

ele — tem de ser vista como aquilo que é: o julgamento de um opositor religioso. E, como sabemos, entre todos os tipos de inimigos, os religiosos são geralmente os mais ferozes. Ao longo da história, os adversários religiosos sempre foram os que mais recorreram à mentira, à calúnia e à distorção da verdade.

E é evidente que a comunicação espiritual entre os Montanistas não podia ser aquilo que os seus opositores católicos diziam. Basta pensar que Tertuliano — um dos maiores teólogos da altura, um homem sério e culto — trocou a comunidade católica pelos Montanistas. E quem conhece os escritos de Tertuliano percebe imediatamente que ele nunca teria feito isso se os fenómenos espirituais que ali aconteciam fossem uma farsa ou algo leviano. Tinha de haver ali algo sério e sagrado.

O que aconteceu foi que os fenómenos espirituais entre os Montanistas chamaram tanto a atenção e começaram a ter tanto impacto que acabaram por prejudicar a posição da Igreja católica da altura. E como resposta, os líderes católicos proclamaram, como dogma, que nenhum verdadeiro instrumento de Deus fala em êxtase — ou seja, em transe profundo. Fizeram isto apesar de, em todas as épocas, ser conhecido que muitas pessoas falaram como instrumentos de Deus em estado de êxtase.

O próprio Atenágoras, que era católico e viveu nessa época, escreveu: "Os profetas, estando em estado de inconsciência extática, guiados por um espírito divino, proferiram palavras que lhes foram sopradas por esse espírito — como um flautista que toca a sua flauta." (Legatio 9, p. 42) Noutras partes, ele diz que "os espíritos usaram os órgãos de fala dos profetas como se fossem instrumentos". Em *Oratio ad Graecos*, lê-se: "O plectro divino, enviado dos céus, tocava os justos como se fossem uma cítara ou uma lira." Justino e Teófilo também usam estas imagens — as mesmas que o espírito, falando por Montano, usou. Nos Montanistas, os métodos de comunicação espiritual eram os mesmos que já existiam nas primeiras comunidades cristãs.

O livro *O Pastor de Hermas*, totalmente espiritualista, era tão respeitado nos tempos pós-apostólicos que chegou a ser incluído nas Escrituras Sagradas. Esse livro explica com clareza como distinguir um médium de bons espíritos de um médium influenciado por espíritos maus. Segundo Hermas, "o espírito vindo do alto" e o espírito terreno não se distinguem pela forma de falar. A diferença está no conteúdo do que é dito. Ainda assim, há alguns sinais importantes.

Primeiro: "Um espírito enviado por Deus nunca se deixa interrogar ao estilo de oráculo." Ou seja, não se deixa usar para satisfazer a curiosidade humana. As pessoas podem — e devem — fazer perguntas, claro, especialmente se não entenderem bem a mensagem. Os bons espíritos esperam que os ouvintes queiram compreender bem as mensagens, porque falam para ajudar, e querem ser entendidos corretamente. Muitas vezes, até convidam a que se façam perguntas — desde que não sejam sobre assuntos puramente materiais.

Segundo sinal: "Não são os humanos que decidem quando e se um espírito vai falar. Um espírito fala só quando Deus quer que fale." Ou seja, ninguém pode pôr um médium em transe e forçar a comunicação. Podemos, sim, criar as condições necessárias — com o Od adequado —, mas não podemos obrigar um espírito a manifestar-se. Isso só acontece se for permitido por Deus.

Hermas descreve o processo assim: "O anjo do espírito profético entra na pessoa, e essa pessoa, cheia de espírito santo, fala à comunidade conforme a vontade do Senhor."

O transe profundo dos médiuns montanistas — e, na verdade, de todos os médiuns em transe profundo — é descrito com a expressão: "Eles curvam os rostos até ao chão." Isto refere-se ao início do transe. Quando o espírito do médium sai do corpo, este inclina-se para a frente, e só volta à posição ereta quando o espírito comunicador entra. A palavra "êxtase" quer dizer precisamente isso: sair de si. Quando o espírito comunicador é bom, a comunicação decorre com calma. Mas se for um espírito mau, tudo muda — e mesmo quem não percebe muito do assunto nota logo que há algo errado, algo que parece possessão. Como dizia o cristão Taciano: "Delirar é coisa de demónios."

Clarividência, claraudiência e clarsenciência — isto é, sentir pelo gosto ou pelo olfato — também aconteciam frequentemente entre os cristãos dos primeiros séculos.

O Pastor de Hermas dá muito destaque à clarividência e claraudiência, porque foi assim que Hermas recebeu a maioria das mensagens. Era através de uma figura feminina, que ele via e ouvia, que lhe eram explicadas as verdades do Além. Era a sua guia — como Beatriz foi para Dante na *Divina Comédia*. E Dante também viu grande parte do que escreveu por meio da clarividência.

O mártir Policarpo também previu a sua morte através da clarividência. Estava refugiado numa casa de campo com alguns companheiros, e passava os dias e as noites em oração por todos — como era seu hábito. Três dias antes de ser capturado, enquanto rezava, teve uma visão: viu a sua almofada a arder. E disse logo aos que estavam com ele: "Deus determinou que eu vou ser queimado vivo."

As visões mais frequentes que os crentes clarividentes recebem são de figuras e paisagens do Além — uma espécie de mundo parecido com o nosso, mas espiritual em vez de material.

E claro, os clarividentes pagãos também tinham visões do mesmo tipo. Porque a clarividência é uma faculdade do espírito humano que depende da configuração do Od à sua volta, e permite ver como se fosse um espírito desencarnado. O que o clarividente vê é tão fiel à realidade como o que vemos com os olhos físicos. O mundo espiritual pode apresentar essas imagens quando quiser. Elas são compostas de Od. E é a atitude interior do clarividente que determina se aquilo que vê vem do lado bom ou do lado mau do mundo espiritual.

Já as visões ligadas ao que acontece na Terra, que dependem das radiações *Ódicas* dos seres materiais, não são afetadas pela atitude interior. Por isso é que os clarividentes pagãos conseguiam prever acontecimentos terrenos tão bem como os cristãos — mesmo que os cristãos dissessem que essas visões vinham de demónios.

Os registos dos primeiros séculos do cristianismo estão cheios de casos destes — de clarividência e claraudiência. Por exemplo, quando Policarpo morreu mártir em Esmirna, Ireneu estava em Roma e ouviu uma voz, como o som de uma trombeta, que proclamava: "Policarpo tornou-se mártir."

Quanto à escrita mediúnica, muitos dos principais cristãos da época diziam que eram inspirados pelo mundo espiritual quando escreviam. O desenvolvimento dos médiuns na era pós-apostólica acontecia da mesma forma que nas primeiras comunidades cristãs — durante os encontros para o culto divino.

Segundo *O Pastor de Hermas*, um profeta entrava em estado "pneumático" enquanto a congregação orava em conjunto. Todos davam as mãos, num gesto de união. Esse circuito fechado de corrente *Ódica* fornecia ao mundo espiritual o "material" de que precisava para desenvolver médiuns e transmitir mensagens

através dos que já estavam prontos. Quem já viu sessões de desenvolvimento mediúnico hoje em dia reconhece facilmente essa descrição — o processo era idêntico.

E quando Eusébio diz que a Igreja não permitia que as pessoas se deixassem desenvolver como profetas — nem por outros, nem por conta própria —, isso também faz todo o sentido para quem entende o assunto. Uma pessoa podia tornar-se médium num encontro comunitário, mas também podia consegui-lo sozinha ou com mais algumas pessoas em oração. A diferença era que, nos grandes encontros, o poder *Ódico* conjunto era muito maior, e por isso o desenvolvimento era mais rápido. A força *Ódica* de uma só pessoa, mesmo em concentração profunda, é bem mais fraca — mas, com o tempo e dedicação, também pode resultar.

A proibição da Igreja (mais propriamente, da Igreja Católica) de que as pessoas se desenvolvessem como médiuns — por si ou com ajuda de outros — surgiu numa altura em que as comunicações com espíritos já tinham deixado de acontecer nos próprios cultos. Isso aconteceu porque os líderes da Igreja reprimiram essas práticas à força.

As razões eram — e ainda são — muito semelhantes às das igrejas cristãs atuais: quando uma igreja se transforma numa instituição fechada, com estrutura mundana, os seus líderes não querem concorrência vinda do mundo espiritual.

Mesmo no tempo de Ireneu, a Igreja já se tinha transformado numa organização terrena, governada por cargos clericais. Os bispos já não eram escolhidos por espíritos manifestantes, mas sim por pessoas — por nomeação ou eleição. E também já não viam o seu papel como o de "epíscopos", ou seja, guardiões e servidores da comunidade, como nos tempos dos apóstolos. Agora, consideravam-se os únicos portadores da verdade e os seus intérpretes legítimos.

Mas sempre que seres humanos se apropriam de coisas sagradas sem terem sido escolhidos para isso por um espírito de Deus, a profanação não demora. O mesmo se passou com os "presbíteros" dos tempos seguintes — que já não tinham nada que ver com os presbíteros da era apostólica.

Se quisermos resumir, só com base na história da religião, a diferença entre o cristianismo original e a Igreja Católica que veio depois, podemos dizê-lo assim: No cristianismo original, a palavra dos espíritos de Deus era tudo — e a dos

homens, nada. Na Igreja Católica posterior, a palavra dos homens passou a ser tudo — e a dos espíritos de Deus, nada.

O PAPEL DOS ESPÍRITOS NA VIDA DE UM PASTOR PROTESTANTE E DE UM PADRE CATÓLICO NO SÉCULO XIX

Uma biografia muito respeitada do pastor Johann Christoph Blumhardt, um dos nomes mais importantes da Igreja Protestante Alemã no século XIX (viveu entre 1805 e 1880), foi escrita por Friedrich Zündel. Grande parte do livro é dedicada aos fenómenos espirituais que marcaram a vida de Blumhardt e o seu trabalho pastoral.

Estes relatos são especialmente importantes para compreendermos a comunicação espiritual moderna, porque não há dúvida quanto à veracidade dos fenómenos — e os acontecimentos são idênticos aos que sempre aconteceram ao longo da história da humanidade.

Blumhardt escreveu um relatório com as suas experiências espirituais, dirigido aos seus superiores e com um compromisso absoluto com a verdade — sem embelezar, sem esconder nada. E logo no prefácio, ele diz com franqueza:

"Ao entregar este documento à minha autoridade eclesiástica, sinto a necessidade urgente de declarar que nunca me abri assim com ninguém sobre estas experiências... Como a maior parte do que aqui conto era um segredo que podia ter levado comigo para a cova, estava completamente livre para escolher o que queria incluir. Teria sido fácil escrever algo que ninguém levasse a mal. Mas isso não fui capaz de fazer. E mesmo que, a cada parágrafo, sentisse medo de estar a ser precipitado ou imprudente ao contar tudo, havia sempre uma voz dentro de mim a dizer: 'Diz tudo!'"

"Pois bem, assumo o risco — e faço-o em nome de Jesus, o vitorioso. Agir com franqueza e honestidade neste assunto não era só um dever perante os meus superiores eclesiásticos, que têm todo o direito de esperar sinceridade da minha parte. Era também um dever perante o Senhor Jesus, por cuja causa lutei. Mas, como é a primeira vez que falo sem filtros, peço que as minhas palavras sejam vistas como se fossem uma confissão íntima feita a amigos de confiança."

"E peço outra coisa — que os leitores respeitados leiam tudo mais do que uma vez antes de julgarem. Confio n'Aquele que conhece os nossos corações. E, venham os julgamentos que vierem, fico com a consolação de saber que falei com verdade, sem reservas — e com a convicção inabalável de que **'Jesus é vitorioso!'**"

Mais tarde, quando respondeu a um ataque de um tal Dr. Valenti, Blumhardt esclareceu ainda:

"Sim, bem podiam dizer que eu teria sido mais esperto se tivesse omitido certas partes do meu relatório — aquelas que podem parecer presunção exagerada. Afinal, já estamos habituados a ouvir histórias de fenómenos demoníacos e de sonâmbulos que acabam em nada. Mas não pensem que fui franco por ignorância. Se tinha de apresentar um relatório — e pediram-mo — então não podia deturpar a verdade só para parecer que isto era apenas mais um caso excêntrico ou teatral. Isso envergonhar-me-ia. Não quis ser mais um aventureiro esotérico, a brincar com visões e manifestações para entreter."

"Tratei este assunto com temor de Deus. E se os factos foram muito mais sérios do que é costume nestes casos, era precisamente isso que eu tinha de mostrar, nem que fosse só para justificar o que vivi. Se era para escrever, então tinha de contar tudo — e foi isso que fiz, com total abertura. Assim, podia aceitar o que viesse, com consciência tranquila. E se cometi algum erro, ou fui mal interpretado, ou me enganei, então que os meus superiores o discernissem. Não estou disposto a fazer como tanta gente faz — ficar calado e agarrar-me a ideias erradas."

"Há quem guarde tudo em segredo e só partilhe com quem lhes dá razão. Eu não quis isso. Quis trazer o caso para a luz do dia — mas atenção: apenas como se fosse uma confissão feita ao meu confessor, e só dirigida aos meus superiores. Confiei neles — e, por enquanto, em mais ninguém. Cumpri a minha palavra."

Na paróquia de Blumhardt vivia uma família pobre de apelido Dittus — três irmãs e dois irmãos. Uma das irmãs chamava-se Gottliebin e tinha 25 anos. Na primavera de 1840, essa família mudou-se para o rés-do-chão de uma casa modesta em Möttlingen, a freguesia onde Blumhardt era pastor.

Não demorou muito até que Gottliebin começasse a sentir que algo estranho se passava. Dizia que ouvia e via coisas esquisitas dentro de casa. Logo no primeiro dia em que se mudaram, enquanto dava graças antes da refeição,

teve um ataque súbito e caiu desmaiada no chão. Começaram a ouvir-se, com frequência, pancadas e barulhos de arrastar — no quarto, na sala, na cozinha. A família ficou em pânico, assim como os vizinhos do andar de cima. Mas ninguém tinha coragem de falar sobre isso.

À noite, Gottliebin sentia que as mãos lhe eram forçadas a cruzar-se. Via figuras, via luzes. Poucos rumores destas coisas chegaram a Blumhardt, que, no início, não deu muita importância.

O estranho é que isto durou mais de dois anos. E só depois de os familiares de Gottliebin pedirem ajuda, preocupados com o estado miserável em que ela se encontrava, é que Blumhardt se envolveu. Nessa altura, o barulho na casa já era tão intenso que se ouvia a uma boa distância — parecia que andavam operários a trabalhar dentro de casa.

Gottliebin via repetidamente o espírito de uma mulher da aldeia que tinha morrido dois anos antes — e essa mulher aparecia sempre com uma criança morta nos braços. Não dizia logo quem era, mas contava que ela ficava de pé junto à cama, às vezes avançava para ela, e repetia: "Quero descanso." ou "Dá-me papel e nunca mais volto!"

Blumhardt então arranjou uma amiga de confiança para dormir com Gottliebin, a ver se isso a distraía. Mas a amiga também começou a ouvir os ruídos noturnos. Ambas viram uma luz intensa. Foram atrás dela e encontraram, debaixo de uma tábua do soalho, uma folha de papel chamuscada, com escrita ilegível. Ao lado, estavam três moedas antigas e outros papéis, todos com fuligem por dentro.

A partir daí, a casa ficou em silêncio, e Blumhardt até pensou que o caso estava resolvido.

Mas duas semanas depois, tudo voltou — e pior. Os ruídos aumentaram dia após dia. O médico local, Dr. Spaeth, em quem Gottliebin confiava, passou duas noites com ela acompanhado por outras pessoas. O que testemunharam ali ultrapassou tudo o que imaginavam. A notícia espalhou-se depressa, e começaram a chegar curiosos de todos os lados — como sempre acontece quando há qualquer coisa sensacional ligada ao sobrenatural.

Blumhardt decidiu pôr um fim ao escândalo. Escolheu seis homens da paróquia — sérios, fiáveis — e juntos foram investigar. Enquanto os outros se distribuíram em pares pela casa e pelo exterior, Blumhardt ficou na sala, a

observar Gottliebin. Nessa noite, os sete testemunharam o seguinte: em apenas três horas, ouviram 25 pancadas fortíssimas vindas do quarto — tão violentas que fizeram saltar uma cadeira do chão, tremer as janelas e cair estuque do teto. O barulho era tal que, na rua, parecia fogo-de-artifício no Ano Novo. Toda a aldeia ouviu.

Gottliebin voltou a ver a tal mulher com a criança morta, e perguntou a Blumhardt se devia dizer-lhe o nome dela. Ele recusou, com firmeza. No dia seguinte, veio a notícia: Gottliebin estava inconsciente e à beira da morte. Blumhardt correu até ela e encontrou-a rígida na cama, com a pele da cabeça e dos braços a brilhar e a tremer; parecia sufocar. A casa estava cheia de gente, incluindo um médico de uma aldeia vizinha, que tentou reanimá-la — mas, sem sucesso, saiu de lá a abanar a cabeça, sem saber o que fazer.

Meia hora depois, Gottliebin acordou. Contou a Blumhardt que voltara a ver a mulher com o bebé morto e que, mal a viu, desmaiou.

Blumhardt decidiu então tirá-la daquela casa e levá-la para junto de uma família responsável. Ninguém podia visitá-la — nem sequer os irmãos.

Sobre o que sentia, Blumhardt escreveu:

"Tinha um receio especial destas aparições sonambúlicas, que tantas vezes dão má fama e, no fundo, pouco ou nada ajudam. Como o que se abria diante de nós era um terreno misterioso e perigoso, entreguei o caso ao Senhor, sozinho em oração, pedindo-Lhe que me guardasse — a mim e aos outros — de qualquer erro ou loucura. Custava-nos ver que o Diabo ainda tinha tanto poder e conseguia armar laços invisíveis à humanidade. A nossa compaixão era por ela, sim, mas também pelos milhões que se afastaram de Deus e caíram nas armadilhas secretas da magia. Pedimos a Deus que, pelo menos aqui, nos desse vitória — e que esmagasse Satanás."

Mas o problema voltou — desta vez, na nova casa para onde Gottliebin fora levada. Assim que começavam os ruídos e pancadas, ela entrava em convulsões, cada vez mais fortes e mais longas.

Um dia, as convulsões foram tão violentas que a cama se desfez. O Dr. Spaeth, que estava presente, com lágrimas nos olhos, disse: "Parece que nesta aldeia não há pastor, com esta rapariga doente aqui sozinha. Isto não é natural."

Blumhardt ficou tocado com aquelas palavras. Começou a visitar Gottliebin com mais frequência. Um dia, estando ele e o médico com ela, viram-na tremer por completo. Os músculos da cabeça e dos braços agitavam-se em espasmos, mas o corpo estava rígido. Saía espuma da boca. O médico, sem saber o que fazer, ficou em silêncio. De repente, ela acordou, sentou-se e bebeu água — e ninguém acreditava que fosse a mesma pessoa.

Blumhardt começava a ter a certeza de que aquilo era obra do maligno. Um dia, como por inspiração, durante uma dessas crises, aproximou-se dela, forçou-lhe as mãos a cruzarem-se em oração e, mesmo estando ela inconsciente, disse-lhe ao ouvido: "Diz: 'Senhor Jesus, ajuda-me!' Já vimos o suficiente do Diabo — agora queremos ver o que Jesus pode fazer!"

Passados alguns momentos, ela acordou e repetiu a frase. Para espanto de todos, as convulsões pararam.

Blumhardt reconheceu mais tarde que este momento foi o ponto de viragem da sua vida. Nas horas seguintes, Gottliebin ficou em paz. Mas depois as convulsões voltaram com ainda mais força. Ele fê-la repetir de novo: "Senhor Jesus, ajuda-me." E mais uma vez, tudo cessou.

Noutra visita, quando ele chegou, ela teve uma reação nova: ficou furiosa ao vê-lo, e começou a tentar agredi-lo — embora sem nunca o tocar. Depois, bateu com força na cama. Parecia que havia algo a sair das pontas dos dedos dela — como uma força invisível. Aquilo durou algum tempo, até que se acalmou.

Mas esse alívio não durou muito. Passado pouco tempo, começaram-se a ouvir estalinhos, como de dedos a bater à volta dela, e de repente levou um murro no peito que a fez cair para trás. Voltou a ver a figura feminina que já lhe tinha aparecido na casa antiga — e desta vez revelou a Blumhardt quem era: uma viúva que tinha morrido há alguns anos e que ele conhecia bem do tempo em que a acompanhava pastoralmente. Lembrava-se que, em vida, ela andava sempre triste, à procura de paz — mas nunca a encontrava.

Blumhardt começou então a rezar em voz alta, dizendo o nome de Jesus. Nesse instante, os olhos da Gottliebin reviraram-se, as mãos abriram-se com força, e uma voz — claramente estranha, não tanto pelo tom, mas pelas palavras e pela maneira de falar — gritou: "Não suporto ouvir esse nome!" Todos os que estavam ali presentes ficaram arrepiados. Blumhardt conta: "Nunca tinha ouvido nada assim e pedi a Deus, em silêncio, sabedoria e

prudência." Depois perguntou: "Não consegues descansar na sepultura?" — E a voz respondeu: "Não." — "Porquê?" — "É o castigo pelos meus pecados. Matei duas crianças e enterrei-as no campo." — "Não conheces maneira de obter ajuda? Não consegues rezar?" — "Não consigo rezar." — "Conheces Jesus, que perdoa os pecados?" — "Não suporto ouvir esse nome." — "Estás sozinha?" — "Não." — "Quem está contigo?" — A voz ficou em silêncio uns momentos, e depois, num grito: "O pior de todos."

A entidade disse que estava ligada ao Diabo por feitiçaria, e que já tinha saído do corpo da Gottliebin sete vezes, mas não voltaria a sair. Quando Blumhardt perguntou se podia rezar por ela, ela hesitou, mas acabou por consentir. Ele disse-lhe que não podia continuar ali dentro. A princípio, ela pareceu suplicar, mas logo ficou desafiadora. Então ele ordenou que saísse. Gottliebin começou a bater com força na cama, e depois ficou livre.

Mas dias depois tudo voltou. Parecia agora que centenas de demónios saíam dela em grupos, um a seguir ao outro. A cara da mulher mudava a cada vez, assumindo expressões novas e ameaçadoras contra Blumhardt. Os homens que o acompanhavam eram empurrados e levavam murros — mas sem verem quem os batia. Só Blumhardt é que parecia intocável. Diziam que não lhes era permitido tocá-lo. Nesses momentos, Gottliebin arrancava os cabelos, batia no peito, dava com a cabeça nas paredes — fazia tudo para se magoar. Parecia que quanto mais Blumhardt intervinha, mais horrível se tornava a situação. "O que eu sofri naquela altura, na alma e no espírito, não se pode descrever por palavras", escreve ele.

Ele queria, cada vez mais, pôr fim àquilo. Sempre que saía da casa, sentia-se satisfeito, como se o poder demoníaco tivesse sido forçado a ceder, e como se a mulher estivesse de novo em paz. Mas aquele poder sinistro parecia regenerar-se sempre, como se estivesse a preparar um plano para o enredar e destruí-lo a ele — e ao seu trabalho de pastor. Os amigos diziam-lhe para parar, mas ele tremia só de pensar no que aconteceria a Gottliebin se ele desistisse.

E pior ainda — se tudo acabasse mal, seria ele o culpado. Sentia-se preso numa teia. Se abandonasse tudo, causaria mal a si próprio e a outros. E mais: ele não conseguiria encarar-se ao espelho, nem encarar Jesus, a quem tantas vezes rezava, se recuasse. "Quem é o Senhor aqui?", perguntava a si mesmo. E confiando n'Ele, ouvia dentro de si: "Segue em frente! Há de acabar bem, mesmo que tenhamos de descer ao mais fundo dos infernos — a menos que não seja verdade que Jesus esmagou a cabeça da serpente com o seu calcanhar."

Os episOdios em que parecia que demónios saíam dela tornaram-se mais frequentes. E começaram a surgir fenómenos estranhos, fisicamente visíveis. Uma noite, enquanto dormia, Gottliebin sentiu uma mão em chamas apertar-lhe o pescoço — e ficaram marcas de queimadura bem visíveis. A tia, que dormia com ela, acendeu a luz e já havia bolhas à volta de todo o pescoço. No dia seguinte, o médico não sabia o que dizer.

Durante o dia e a noite, Gottliebin levava pancadas no corpo — nas costelas, na cabeça, nos pés — e caía no meio da rua, nas escadas, onde quer que estivesse. Ficava cheia de nOdoas negras e feridas.

A 25 de junho de 1842, Blumhardt foi chamado para ir a uma festa de crianças. Quando voltou, disseram-lhe que Gottliebin estava às portas da loucura. Correu para ela, e pouco depois parecia recuperada. Mas nessa mesma tarde aconteceu algo fora do normal. Teve uma crise tão violenta que ficou ali estendida como morta. Mais uma vez, parecia que demónios saíam dela — mas desta vez foi tão forte que Blumhardt acreditou que tinha alcançado uma vitória enorme. E de facto, durante várias semanas, não houve mais problemas. Ela pôde sair livremente.

Mas um dia apareceu em casa dele — pálida, com um ar torcido. Veio contar-lhe algo que até aí tinha escondido por vergonha. Disse-lhe que todas as quartas e sextas-feiras tinha hemorragias abundantes e dolorosas, e que, se aquilo não parasse, ia acabar por morrer. Contou-lhe também outras coisas ligadas a esse problema — que não se podem repetir aqui — e que deixaram Blumhardt em choque. Parecia que os piores pesadelos do povo sobre bruxaria estavam a ganhar vida.

Ele escreveu: "Ao princípio, custou-me aceitar que a Escuridão pudesse ter tanto poder sobre as pessoas. Pensei: 'Isto acabou. Agora entraste no mundo da bruxaria. Como é que vais lutar contra isto?' Mas depois olhei para aquela rapariga a gemer, e senti um calafrio só de pensar que talvez não houvesse ajuda possível. Lembrei-me de que havia pessoas conhecidas por terem poderes secretos para afastar o mal e fazer milagres em casos destes. Devia ir por esse caminho? Mas eu já tinha decidido há muito: não ia combater o Diabo com armas dele."

E então pensou: "A oração sincera não há de valer alguma coisa contra isto tudo, seja o que for? Se não podemos pedir ajuda lá de cima, que esperança nos resta? Se estas coisas existem mesmo, será pecado ficarmos quietos, quando podemos combatê-las com seriedade?"

Blumhardt olhou para a doente e disse: "Temos de rezar! Seja o que for, temos de tentar. Não perdemos nada com a oração. A Bíblia está cheia de promessas — o Senhor vai fazer o que prometeu."

No dia seguinte — um dia que ele nunca mais esqueceu — foi novamente ver a doente. Lá fora, formava-se uma trovoada, depois de meses de seca. Gottliebin, em delírio, parecia determinada a acabar com a própria vida. Corria de quarto em quarto, gritando por uma faca. Depois subiu ao sótão, trepou para a janela e já estava com meio corpo cá fora, agarrada só com uma mão. Foi então que o primeiro relâmpago a atingiu no olhar. Ela parou, como que acordada, e gritou: "Por amor de Deus! Não, não vou fazer isso." Mas o momento de lucidez passou depressa, e no meio da confusão, atou uma corda a uma viga e fez um laço — pronto a apertar.

Ela já estava com a cabeça quase toda enfiada no laço quando outro relâmpago, vindo pela janela, lhe atingiu os olhos — tal como o primeiro — e voltou a fazê-la recuperar os sentidos. No dia seguinte, desfez-se em lágrimas quando viu a corda ainda pendurada da trave, com os nós todos apertadinhos e complexos, como só alguém fora de si conseguiria fazer.

Às oito da noite desse mesmo dia, chamaram outra vez Blumhardt. Encontrou-a completamente coberta de sangue. Os outros horrores por que ela tinha passado nem vale a pena descrever. Ele tentou animá-la com algumas palavras, mas sem grande efeito — então pôs-se a rezar com fervor, enquanto lá fora a tempestade rebentava com tudo. A oração foi tão poderosa que, em quinze minutos, todos os sintomas desapareceram. Ela ficou completamente normal, e ele saiu por um bocadinho para que ela pudesse mudar de roupa.

Mas de repente voltou tudo ao mesmo — mais uma daquelas crises como as anteriores. Só que desta vez foi diferente: os demónios explodiram num coro, a berrar e a choramingar frases como: "Agora está tudo perdido. Fomos traídos. Estás a estragar tudo. A nossa aliança está a desfazer-se. Acabou-se, está tudo confuso. A culpa é tua, com essas rezas incessantes! Vais acabar por expulsar-nos a todos. Ai, ai, está tudo perdido. Somos 1.067, e há muitos mais ainda vivos. Eles deviam ser avisados. Ai deles, estão perdidos — entregues a Deus e perdidos para sempre."

Era uma cena impossível de imaginar: os gritos dos demónios, os relâmpagos, os trovões, a chuva a cair com força, o ar grave das pessoas ali presentes, as orações de Blumhardt — e os demónios a ir-se embora, um atrás do outro. Inacreditável.

Esta perturbação acabou por desaparecer completamente, mas não passou muito tempo até surgirem outros fenómenos demoníacos. Só que agora, os espíritos que apareciam eram diferentes. Alguns estavam cheios de Odio por Blumhardt, diziam-lhe coisas que, segundo ele, até mereciam ser anotadas. Tinham medo do abismo que viam aproximar-se e diziam frases como: "Tu és o nosso pior inimigo, e nós somos os teus. Se ao menos pudéssemos fazer o que quiséssemos! Se ao menos não houvesse Deus no céu!"

Mas, ao mesmo tempo, admitiam que a culpa era toda deles. Um deles, que Gottliebin já tinha visto antes em casa, confessou que tinha sido perjuro. Fazia caretas, levantava três dedos com rigidez, tremia, gemia. Foram muitos os episOdios deste género, e Blumhardt lamenta que não tenham havido mais testemunhas.

Curiosamente, muitos dos espíritos que apareceram entre agosto de 1842 e fevereiro de 1843 — e até mais tarde — pareciam estar desesperados por se libertarem das garras de Satanás. Falavam em muitas línguas, quase sempre não europeias. Quando tentavam falar alemão, era estranho e às vezes até engraçado, porque usavam rodeios para dizer coisas que não sabiam como traduzir. Às vezes, ouviam-se palavras que não pareciam vir de nenhum desses espíritos, mas sim de uma esfera mais elevada. Eram mensagens com instruções, apelos a Deus, dirigidos tanto às pessoas como aos próprios demónios, para os fazerem ver a maldade do que estavam a fazer.

Durante muito tempo, Blumhardt não sabia como reagir perante esses espíritos, especialmente os que pediam ajuda com um sofrimento tão visível. Ele próprio diz: "Durante muito tempo nem lhes ligava. Mas custava-me ver-lhes a cara cheia de dor, as mãos erguidas a pedir, as lágrimas a escorrer, as palavras cheias de desespero... por vezes sentia que nem um coração de pedra aguentava ficar indiferente." Ele resistia a envolvê-los porque tinha medo de pôr em causa a fé que professava como pastor protestante. Mas chegou a um ponto em que já não conseguia ignorar, sobretudo porque os demónios não saíam nem com ameaças nem com sermões.

O primeiro espírito com quem tentou este tipo de abordagem foi o daquela mulher — a que, ao que tudo indicava, tinha sido a origem de tudo. Ela apareceu de novo na Gottliebin, mas desta vez determinada: disse que queria pertencer ao Salvador, não ao Diabo. Falou de como as lutas daquele tempo tinham mudado muita coisa no mundo espiritual. Disse que foi um milagre Blumhardt ter usado apenas a palavra de Deus e a oração — que se tivesse recorrido às

modas espirituais da altura, como muitos faziam, teria-se perdido. E, com o dedo apontado de forma séria, concluiu: "Foi uma luta terrível a que travaste." Depois, pediu-lhe com insistência que rezasse por ela — queria ficar completamente livre do poder do Diabo.

Dia após dia, Blumhardt sentia que aquelas comunicações vinham de espíritos em sofrimento, mas guiados por Deus. Não eram dramáticas nem caóticas — vinham em paz. Mesmo assim, ele confessa que nunca conseguiu perceber totalmente o que estava por detrás de tudo aquilo.

Só para dar um exemplo mais, dos muitos que relata: um espírito pediu-lhe para entrar na igreja. Blumhardt respondeu: "Vês que é o Senhor quem te está a indicar o caminho. Isso não depende de mim. Vai para onde Ele te mandar." Então o espírito perguntou: "Posso ir à tua casa?" A pergunta surpreendeu Blumhardt, que, ao pensar na mulher e nos filhos, ficou hesitante. Mas acabou por dizer: "Está bem, se não incomodares ninguém, e se Jesus permitir, podes ir." Mas logo uma voz gritou da boca de Gottliebin: "Não entres! Deus é juiz de viúvas e órfãos!" O espírito desatou a chorar e pediu para, ao menos, ir ao jardim. Esse pedido parece ter sido autorizado pela vontade divina. Ao que tudo indicava, era o espírito de alguém que, em vida, tinha roubado casa e abrigo a viúvas e órfãos.

Há outras experiências que Blumhardt relatou, mas que Zuendel — o autor da biografia — escolheu não incluir. Achou que seriam tão chocantes e perturbadoras que iriam distrair os leitores da mensagem mais importante: o auxílio de Deus. Mas talvez tivesse sido melhor contar tudo. A verdade não precisa de se esconder.

O que Zuendel omitiu tinha que ver com a capacidade que os espíritos tinham de transformar matéria física em substância espiritual, transportá-la assim para outro sítio — como, por exemplo, para dentro do corpo de alguém — e depois voltar a torná-la sólida. As leis deste processo, a que se pode chamar "desmaterialização" e "rematerialização", já tinham sido explicadas antes no livro, na parte sobre o "od". Blumhardt usa a palavra "magia" para descrever isso. Mas vamos ouvi-lo com as suas próprias palavras:

"Embora já tenha contado tanta coisa incompreensível e nunca antes ouvida, o pior ainda está para vir. Vou continuar a relatar com honestidade o que me lembro, e estou certo de que o Senhor continuará a proteger-me também nesta parte. A minha única intenção é contar tudo isto para honra d'Aquele que é o Vencedor de todos os poderes das trevas."

A 8 de fevereiro de 1843 começou uma nova fase na doença. A partir daí, o que se passou foi ainda mais assustador — apareceram visões e efeitos de feitiçaria que pareciam saídos das histórias populares mais absurdas. Mas eram reais. O que até então se achava que era superstição ridícula, estava agora a acontecer mesmo à frente dos olhos de Blumhardt.

Objetos sem fim começaram a aparecer dentro do corpo da Gottliebin — como se fossem lá postos por magia — e tudo com o objetivo de a matar. Ela começou a vomitar areia e pedacinhos de vidro. Depois começaram a sair pedaços de ferro, sobretudo pregos antigos, todos tortos, como os que se usam em tábuas. Houve uma vez em que, depois de muito engasgar, doze desses pregos caíram, um a um, dentro da bacia onde os estavam a recolher. Também saíram fivelas de sapatos, de todos os tamanhos e formatos — algumas tão grandes que ninguém percebia como é que tinham passado pela garganta dela.

Uma vez, saiu-lhe da boca um pedaço de ferro tão grande que lhe tirou o ar, e ficou ali, estendida, sem se mexer, como se estivesse morta. Saíram também alfinetes, agulhas de costura e bocados de agulhas de tricô, às vezes um a um, outras vezes vários de uma vez, embrulhados em papel e penas. Parecia até que as agulhas de tricô lhe atravessavam a cabeça de um lado ao outro. Um dia, vários pedaços — do tamanho de um dedo — saíram-lhe pelo ouvido. E houve vezes em que, ao pôr-lhe as mãos, Blumhardt ouvia e sentia as agulhas a partir-se e a entortar-se dentro da cabeça dela. Algumas eram de aço, outras de ferro maleável. E, por vezes, saíam-lhe da boca já todas dobradas.

Blumhardt chegou a tirar-lhe vários alfinetes do nariz. Uma vez foram quinze de uma vez, com tanta força que ficaram espetados na mão dela, que tinha posto em frente da cara. Noutro dia, queixava-se de dores de cabeça, e quando ele lhe pousou a mão na testa, viu uns pontinhos brancos a brilhar debaixo da pele. Eram doze alfinetes ainda meio enfiados na cabeça, que ele foi puxando, um a um. Ela dava um salto de dor cada vez. Também lhe tirou agulhas da boca, da parte de cima e de baixo da mandíbula. Primeiro começou com uma dor de dentes forte, mas durante muito tempo não se via nada, até que começaram a sentir-se as pontas.

Para as tirar, foi preciso puxar com força. Um dia até apareceram dois arames tortos, do tamanho de um dedo, enfiados na língua. Foi preciso tempo e esforço para os tirar. Noutra ocasião, havia dois pedaços compridos de arame, dobrados várias vezes, espalhados por debaixo da pele em todo o corpo. Ele e a

mulher demoraram uma hora a tirá-los todos. Ela desmaiou mais do que uma vez, como aliás acontecia muitas vezes nestes episodios.

Do tronco dela saíram agulhas de tricô — inteiras ou partidas — às dezenas, saindo às vezes de lado, outras vezes de frente, outras mesmo da zona do estômago. E por vezes, mesmo já com a agulha a meio caminho, ainda demorava meia hora até conseguir puxar o resto com toda a força. Saíam também agulhas de vários tipos, pedaços grandes de vidro, pedras pequenas e até uma barra de ferro, tudo vindo da zona do peito.

Blumhardt disse que até compreendia quem duvidasse disto tudo — era mesmo coisa que ia além da imaginação. Mas estas coisas aconteceram ao longo de quase um ano e foram sempre testemunhadas por outras pessoas. Ele fazia questão de ter gente presente sempre, para evitar maledicências. Por isso contava tudo abertamente e com confiança de que ali não havia engano possível.

Sempre que ele ia ter com ela — fosse chamado ou não — alguma coisa começava a mexer dentro dela e saía-lhe por alguma parte do corpo. A dor era sempre terrível. Ela dizia: "Não aguento. Isto vai matar-me."

E só com oração é que os objetos saíam. Quando se queixava de dor num sítio, bastava Blumhardt pôr-lhe as mãos e rezar, e ela logo sentia o objeto a mexer e a procurar por onde sair. A pele era sempre o mais difícil de atravessar. Muitas vezes dava para sentir, por dentro, alguma coisa a empurrar. Mas nunca havia sangue nem feridas. Só se notava, por uns tempos, a marca do sítio por onde tinha saído. Mas isto só acontecia se fosse com oração. Quando, em desespero, ela própria tentava cortar a pele para aliviar a dor, essas feridas quase nunca saravam.

Mas nem era só isso. Animais vivos saíam-lhe da boca — gafanhotos, morcegos, rãs e, uma vez, até uma víbora, que depois lhe mordeu o pescoço e o pé com tanta força que o sangue não parava.

Ele diz que não podia terminar esta parte do relato sem contar mais um episodio, talvez o mais horrível de todos. No início de dezembro de 1843, ela começou a ter uma hemorragia nasal que não parava. Já tinha enchido uma tigela com sangue misturado com água, quando o sangramento recomeçou com força. Ninguém percebia como é que ela ainda estava viva depois de perder tanto sangue. O cheiro era fortíssimo e o sangue saía muito escuro.

Um dia, ao voltar de uma visita fora da vila, alguém correu até ele a pedir que fosse depressa ter com Gottliebin. Quando chegou, viu gente às janelas, a gritar: "Pastor, é urgente!" Entrou no quarto dela e quase que foi repelido pelo cheiro. Ela estava sentada no meio do quarto, com um balde à frente, meio cheio de sangue. O chão dos dois lados estava coberto de sangue. Ela própria estava de tal maneira encharcada que mal se viam as roupas. O sangue saía-lhe pelos ouvidos, pelos olhos, pelo nariz… e até do alto da cabeça! Era uma visão absolutamente aterradora.

Ele ficou sem reação por um momento, mas depois recompôs-se, rezou com intensidade, e a hemorragia parou por um tempo. Lavaram-lhe a cara e a cabeça, que já nem se reconheciam. Quando lhe tocou na testa, onde ela dizia sentir algo, encontrou um pequeno prego torto a empurrar de dentro para fora. E na parte de trás da cabeça, debaixo da pele, sentiu outro objeto a mover-se. Era outro prego grande, dobrado. Quando este saiu, a hemorragia parou de vez. Ao fim do dia, ela já se sentia melhor e mais forte.

Ela lembrava-se que, no passado, às vezes sentia algo estranho depois de comer sopa ou outros alimentos. Uma vez até deu restos dessa comida a uma galinha, que começou a correr como louca e caiu morta. Quando lhe abriu o pescoço, encontrou — com horror — um monte de pregos. Como é que tais coisas iam parar ao corpo?

Gottliebin contava que, à noite, espíritos de todo o tipo vinham ao pé da cama e lhe punham qualquer coisa parecida com pão na boca ou tocavam-lhe noutras partes do corpo. Ela logo sentia alterações por dentro, e depois os objetos saíam-lhe. Os dois pregos que causaram a hemorragia tinham sido postos na cabeça dela por um espírito com vestes de sacerdote, que ela viu à espera dela no meio da rua. E foi pouco depois disso que o sangue começou a jorrar.

Numa noite, apareceram-lhe três homens em forma de espírito, com um copo cheio de um líquido venenoso. Ela não se conseguia mexer. Um deles abriu-lhe a boca, outro segurou-lhe a cabeça, e o terceiro tentou dar-lhe o veneno. Só conseguiu meter-lhe um bocado. Depois fecharam-lhe a boca para a sufocar, mas o fumo do líquido saía-lhe pelo nariz. No meio disto, ela só conseguiu soltar uma pequena oração, entre suspiros. Ao verem que não a conseguiam matar, despejaram-lhe o conteúdo do copo sobre a cabeça e foram-se embora. No dia seguinte, a touca dela estava corroída por uma substância amarela fedorenta, que se desfazia ao toque.

Olhem, numa das noites, a Gottliebin tinha deixado a saia pendurada na porta do quarto. Dormia com a irmã na mesma cama, e essa irmã sabia muito bem o que estava no bolso da saia e também que a Gottliebin não se tinha levantado durante a noite. Mas a verdade é que ela viu uma figura a aproximar-se da saia, a tirar de lá uma caixinha metálica – daquelas que os agricultores costumam ter – e mais umas coisinhas, e depois a vir ter com ela. No dia seguinte, imaginem, vomitou moedas e até a própria caixinha de metal.

Chegados a este ponto, e como parecia que os acontecimentos não paravam de acontecer, tomei coragem e rezei com toda a força que tinha. Pedi a Deus – que afinal é quem criou tudo a partir do nada – que fizesse com que aquelas coisas voltassem a ser nada, para que o poder do Diabo fosse anulado. Lutei assim durante vários dias, e o Senhor, que disse "Tudo o que pedirdes em Meu nome, Eu vo-lo darei", manteve a promessa. E consegui.

Mas mesmo depois disto, os sintomas horríveis da Gottliebin voltaram, como se alguém quisesse mesmo que ela morresse. Uma vez, ela feriu-se de uma maneira inacreditável, e as feridas curaram-se de forma milagrosa. Mas de repente voltaram a abrir-se. Uma amiga dela veio ter comigo, em pânico, a dizer que ela podia morrer a qualquer momento. Eu ajoelhei-me no meu quarto e falei alto. Desta vez, já estava tão fortalecido que recusei ir lá pessoalmente – não queria dar essa vitória ao Diabo. Pedi à amiga dela para lhe dizer que se levantasse e viesse ter comigo. E que conseguisse fazê-lo com a fé que tinha. E não é que ela apareceu a subir as escadas pouco depois? Mas ninguém pode imaginar o que senti naquele momento.

Depois, ele conta que tudo o que tinha acontecido até então parece que veio tudo junto de uma vez. O pior é que, nesses dias, as coisas más começaram também a afetar o irmão meio-cego da Gottliebin e a irmã dela, a Katharina. Foi aí que percebi que tinha de lutar por todos ao mesmo tempo, porque os casos estavam claramente ligados. Não consigo contar tudo ao pormenor – era tanta coisa diferente que nem dá para lembrar tudo.

Foram dias que espero nunca mais viver. As coisas chegaram a um ponto tal que tive mesmo de arriscar tudo – era vencer ou morrer. Mas ao mesmo tempo que me esforçava tanto, sentia-me protegido por Deus. O irmão foi o primeiro a ficar livre, e tão completamente que até ajudou no que se seguiu. Desta vez, não foi a Gottliebin quem mais sofreu (embora ainda tivesse mais umas lutas antes de parecer estar livre dos demónios), mas sim a irmã Katharina.

Ela nunca tinha tido nada parecido, mas de repente ficou completamente fora de si, e mal conseguimos segurá-la.

Ela ameaçava desfazer-me em mil pedaços, e eu nem me atrevia a aproximar-me. Tentava magoar-se a si própria com as mãos, ou andava a rondar como se estivesse à espera de uma oportunidade para fazer mal a alguém. E gritava e falava de forma tão violenta, que parecia ter mil línguas más dentro dela ao mesmo tempo. O mais estranho é que estava completamente consciente – dava para falar com ela. Quando a repreendíamos, ela dizia que não conseguia agir de outra maneira. Até pedia para a segurarmos bem, para não fazer mal a ninguém. Mais tarde, lembrava-se de tudo, até das tentativas mais horríveis de matar, e ficou tão abalada com isso que tive de passar dias inteiros só com ela, até que, graças às minhas orações, essas memórias começaram a desaparecer.

Mesmo assim, ainda se ouvia claramente a voz do demónio dentro dela. Dizia que não era um espírito de alguém morto, mas sim um anjo importante de Satanás, e o chefe de toda a feitiçaria. Afirmava que se fosse lançado no abismo, a feitiçaria ia começar a morrer aos poucos, como se fosse a sangrar até ao fim.

Depois, por volta da meia-noite, a rapariga começou a fazer uns sons – um grito só, contínuo, durante quase um quarto de hora – que parecia que iam fazer a casa cair. Nunca vi nem ouvi nada tão horrível. Metade da aldeia ouviu aquilo e ficou aterrorizada. No meio daquilo tudo, a Katharina começou a tremer tanto, com tanta violência, que parecia que o corpo dela se ia desmontar. E ainda se ouvia a voz do demónio, desafiadora, a pedir a Deus um sinal, a implorar para não ser tratado como um pecador vulgar, mas que lhe fosse permitido ir para o inferno com "honras". Nunca vi nada tão misturado de maldade, desespero, arrogância e raiva.

E depois, veio o momento mais emocionante de todos. Era duas da manhã. De repente, o tal "anjo de Satanás" gritou – com uma força que nem parecia de garganta humana – enquanto a rapariga se dobrava para trás na cadeira: "Jesus é o vencedor! Jesus é o vencedor!" Estas palavras, quem as ouviu, nunca mais as esqueceu. A força do demónio começou a esmorecer cada vez mais. Foi ficando mais calmo, mais fraco, até que desapareceu, pouco a pouco, como alguém a morrer. Só por volta das oito da manhã é que acabou.

E assim terminou aquela luta de dois anos. O que o Blumhardt viveu foram manifestações de espíritos malignos a usarem pessoas como intermediárias. Em si, isto não era novidade, mas para ele foi algo completamente novo. Se ele não tivesse ajudado aquelas pessoas que estavam nas mãos do Maligno, o mais certo

era acabarem num manicómio ou até tirarem a própria vida. Muita gente acaba assim, porque nós, sem percebermos nada destas coisas, deixamo-los entregues à sua sorte.

A Gottliebin Dittus era uma "médium de transe profundo". Não dá para saber ao certo como é que ela chegou a esse ponto, mas é provável que tenha começado com sessões de "mesa giratória" com os irmãos, e que o dom natural dela para estas coisas se tenha desenvolvido cada vez mais.

Sempre que um espírito estranho tomava conta dela, o próprio espírito dela saía do corpo e ela caía como morta. Depois, o espírito que entrava nela punha-a de pé e falava através dela. Os sons fortes que se ouviam – as pancadas – vinham da energia que ela libertava, que os espíritos usavam para fazer esses barulhos inexplicáveis. Quanto mais energia se acumulava nela, mais altos eram os sons. E essa energia aumentava também com a presença das pessoas à volta.

Sem o saber, o próprio Blumhardt também tinha bastante poder mediúnico. Por isso, as manifestações espirituais eram mais fortes quando ele estava presente. Até as luzes e aparições eram feitas pelos demónios com a energia mediúnica da Gottliebin.

A irmã da Gottliebin, a Katharina, não era uma médium de transe profundo como ela. Entrava apenas num transe parcial. Isso queria dizer que o espírito dela não saía completamente do corpo, por isso conseguia ouvir tudo o que era dito através dela pelo espírito estranho. Ou seja, ela lembrava-se de tudo o que se passava, mesmo não conseguindo evitar o que acontecia, já que estava completamente sob o poder desse espírito.

Com o tempo, o Blumhardt começou a perceber melhor os diferentes tipos de espíritos. E uma coisa ficou-lhe clara: quando apareciam espíritos superiores – ou mesmo espíritos sofredores mas com boa vontade – havia sempre uma espécie de controlo Divino por trás. Tudo acontecia com ordem. Era esse espírito controlador que decidia quais espíritos podiam entrar. Por isso, os tais espíritos sofredores, que tinham sido autorizados a entrar por essa entidade superior, no início nem obedeciam ao Blumhardt quando ele tentava mandá-los embora sem os ter ajudado. Eles tinham sido enviados por ordem superior justamente para que ele os ajudasse, para que os orientasse no caminho até Deus. Ou seja, tinham direito a essa ajuda, e ele tinha o dever de a dar. O problema é que ele só percebeu isso mais tarde.

Uma coisa que o Blumhardt aprendeu de forma clara com tudo isto foi que a comunicação com o mundo espiritual é real. O que lhe aconteceu à frente dos olhos não foi imaginação, nem uma história inventada – foi tudo muito visível, com muita gente a assistir e a confirmar o que se passava.

Aliás, foi precisamente por isso – pela força dos factos – que as autoridades da igreja lhe pediram um relatório completo dos acontecimentos.

Ao princípio, o Blumhardt só via aquilo que lhe aparecia diante dos olhos, sem grande interpretação. Foi com o tempo que começou a perceber melhor certas ligações. Mas, mesmo assim, nunca chegou a compreender as leis eternas que regem esta comunicação com os espíritos. Por isso é que ele também nunca entendeu bem como é que o povo de Israel, e até os primeiros cristãos, comunicavam com os bons espíritos. Ele acabou por experimentar, e de forma muito intensa, as vozes dos espíritos maus e sofredores, mas as mensagens bonitas e elevadas que vêm dos espíritos de Deus – essas foram-lhe negadas. E havia uma razão para isso: tudo tem o seu tempo. É quase certo que, nos tempos em que o Blumhardt viveu, as condições não estavam reunidas para que se estabelecesse uma comunicação direta e consciente com o mundo dos bons espíritos. Além disso, com a atitude da igreja da altura, ele podia pôr em risco todo o seu trabalho e até a própria posição que tinha. E já assim enfrentou muita oposição dos superiores da igreja protestante, quando mais tarde os bons espíritos começaram a manifestar-se a ele e aos paroquianos. Se ele tivesse ido mais longe – tipo organizar sessões espiritualistas – não tenhamos dúvidas de que teria sido alvo de uma grande repressão por parte da liderança da igreja. Até o próprio mundo espiritual de Deus adapta a sua ação às condições dos tempos em que se vive.

Se o Blumhardt viu e viveu coisas terríveis vindas dos espíritos das trevas, também foi testemunha de algo maravilhoso: a presença viva dos espíritos de Deus, tanto nele como na comunidade. Foi como reviver o que se passava nos primeiros tempos do Cristianismo.

A primeira graça que recebeu, depois daquela luta dura contra as forças do Mal, foi o espírito de arrependimento e de mudança de coração – para toda a paróquia e arredores. As pessoas começaram a ir ter com ele, uma a uma, levadas por uma força interior que não conseguiam resistir. Iam confessar os pecados da vida toda. E o Blumhardt, orientado interiormente por um espírito de Deus, sabia a quem podia dizer que os pecados estavam perdoados. Mas atenção: não era como as confissões normais da Igreja Católica. Isto era uma

limpeza da alma, que vinha através de uma revelação trazida por um espírito de Deus. Foi daí que nasceu o lema dele: "Vamos orar e esperar por um novo derramamento do Espírito Santo."

Depois veio também o espírito de cura. Doenças graves começaram a desaparecer com o toque das mãos dele, com as orações e até só com a presença dele. Ficou claro que muitas doenças crónicas são causadas por espíritos maus – tal como a própria Bíblia nos diz. E assim que esses espíritos iam embora, a cura era quase imediata. Estes milagres estão todos descritos no livro do Zuendel.

Para acabar este retrato da influência do mundo espiritual – tanto o bom como o mau – na vida do Blumhardt, vale a pena citar o que ele próprio escreveu numa carta:

"Se alguém quiser saber se tudo o que o Senhor tem feito comigo é só para mim, ou se outras pessoas podem viver o mesmo, tenho de dizer que, por causa das lutas que travei, ganhei uma coisa pessoal que nem toda a gente consegue assim do nada. Mas também acredito que isso há de tornar-se mais comum, e que é perfeitamente legítimo orarmos por um regresso total aos dons dos primeiros tempos. No meu caso, tenho apenas a certeza de que essa oração pode ser feita. Agora, se o céu não se abrir – por assim dizer – para acolher essa oração, ela não será respondida. E é um erro pensar que basta ter de novo fé para recuperar tudo o que os apóstolos tinham.

Não, esses dons foram mesmo retirados, e só podem ser recuperados pouco a pouco. A falta de fé e o afastamento do Cristianismo durante mais de mil anos trouxeram sobre nós o desagrado do Senhor e abriram espaço para o domínio de Satanás. Por isso não dá para fazer um novo começo assim de repente; se tentarmos, vamos logo dar de caras com grandes obstáculos. É aqui que me distancio totalmente dos 'irvinguianos', que querem tudo de volta sem terem em conta o estado em que está o mundo cristão. O que é preciso primeiro é uma nova conversão do Cristianismo – e de forma muito mais abrangente do que aquilo que vemos acontecer aqui e ali.

Para que isso aconteça, temos de lutar mais, pregar mais de acordo com as Escrituras e orar com mais fervor. Se o espírito de arrependimento for derramado em grande escala – como eu vi acontecer à minha volta, em pequena escala – e se isso for seguido pelos primeiros sinais dos dons espirituais, então as outras coisas virão, uma a uma, até voltarmos a ter algo como a era apostólica. E é aí, claro, que também se levantará o verdadeiro Anticristo."

Pronto, ele aqui está a tentar explicar o que viveu, mas a verdade é que nem tudo o que diz está certo. A realidade é que qualquer pessoa – seja cristã ou não – pode comunicar com o mundo dos bons espíritos, desde que o queira mesmo e que procure essa ligação da forma certa. O que se recebe, antes de tudo, é orientação – uma mensagem de verdade que mostra o caminho para Deus. Agora, se a pessoa vai ou não receber mais ajuda do mundo espiritual, isso vai depender de como vive a sua vida depois de receber essa verdade, e do esforço que faz para pô-la em prática.

Olhem, uma coisa é certa: quem ouve a mensagem de verdade vinda do mundo espiritual mas depois não faz nada com isso, não muda nada na vida, não vai receber mais nada lá de cima. Pelo contrário, acaba até por perder o contacto que tinha com os bons espíritos – eles deixam de comunicar. Agora, quem aceita essa verdade no coração e se esforça mesmo por melhorar a sua vida interior, esse sim vai começar a ver sinais do poder dos espíritos – como acontecia no tempo dos primeiros cristãos. E esses sinais aparecem de acordo com o papel de cada pessoa na vida.

Mesmo naquela altura, nos tempos dos primeiros cristãos, nem todos tinham os mesmos dons. E os dons não eram para proveito próprio – eram para servir os outros, para o bem de todos. O apóstolo Paulo insistia muito nisto.

Hoje em dia, também, se houver um grupo pequeno, de pessoas piedosas e devotas, vão receber dos espíritos de Deus as mesmas coisas que os primeiros cristãos receberam. O importante é querermos mesmo o bem, com toda a nossa força, e afastarmos o mal. O tamanho do grupo – se é grande ou pequeno – não interessa nada para o modo como o mundo espiritual de Deus age.

Um retrato das manifestações dos mundos dos espíritos do bem e do mal semelhante ao que vimos no caso do pastor protestante Blumhardt é encontrado nas experiências do padre Católico Vianey de Ars. (2)

Johannes Baptista Maria Vianey viveu de 1786 a [1859] ; daí que, uma parte considerável da sua vida se enquadre no período de vida do clérigo Blumhardt. Enquanto Blumhardt desenvolvia as suas actividades beneficentes no paróquia alemã de Möttlingen, Vianey viveu e trabalhou na pequena comunidade de Ars, na França. A limitação dos talentos que possuía, custou a Vianey grandes esforços para se qualificar para o sacerdócio.

Desde a infância que ele dedicava muito tempo diariamente à meditação e

à oração. Essa concentração interior, que ele continuou a praticar durante toda a sua vida, tal como Blumhardt, respondeu pelo desenvolvimento dos seus dons mediúnicos,

o pré-requisito para a influência exercida sobre as pessoas pelo mundo espiritual.

O mesmo foi real com Blumhardt.

Enquanto o pastor Protestante começou por testemunhar as manifestações demoníacas por meio da médium Gottliebin Dittus da sua paróquia, e não experimentou as influências de ambos o mundo espiritual do bem e o mundo espiritual do mal sobre a sua pessoa senão até mais tarde, o cura de Ars foi o único por meio de quem os espíritos se manifestaram. Não se observaram tais efeitos em nenhumas outras pessoas da sua paróquia nem das proximidades.

De resto, as experiências de ambos foram as mesmas. Blumhardt e Vianey testemunharam atividades similares dos demónios; também testemunharam atividades similares da parte de espíritos do bem. Ambos possuíram um espírito muito poderoso de cura. Ambos detiveram o dom da clarividência conforme com respeito a eventos passados, presente e futuros. Ambos eram capazes de perceber a condição mais íntima de pessoas por meio da clarividência. As paróquias de ambos os pastores foram milagrosamente abençoadas com o espírito missionário, que gradualmente se disseminou a distritos distantes.

Ambos se transformaram na meta de peregrinações feitas por milhares de pessoas torturadas pela consciência de uma vida pecaminosa, que lhes acudiam a confessar os seus pecados e a receber a garantia do perdão de Deus. Ambos souberam por inspiração interna a quem tal garantia poderia ser dada. A coincidência em todos estes assuntos para esses dois homens estende-se aos mínimos detalhes, o que nos permite descobrir nisso a operação da lei Divina. Também as leis de acordo com que os demónios comunicaram foram as mesmas em ambos os casos.

2 Joseph Vianey: Leben und Wirken des hl. Johannes [Maria] Vianney, Pfarrer von Ars . 1930. Publicado por Gebr. Steffen, Limburg a.d. Lahn. [Tradução: O Beato John Vianney, Cura d'Ars, padroeiro dos párocos. Tradução de C.W.W. O nome Vianey / Vianney varia na aplicação, cf. Apêndice do livro José de Vianey. Os colchetes contêm correções baseados na consulta da obra citada.]

Vamos agora permitir que os factos da vida de Vianey falem por si próprios, começando pelos fenómenos demoníacos que ocorreram com ele.

Na sua biografia, a parte que trata das influências demoníacas é apresentada com as seguintes palavras; "Deixem-me dizer aqui uma palavra em benefício daqueles que se sentem tentados a ter dúvidas a esse respeito, ou a sorrir ao lerem as páginas que se seguem. Eles não serão os primeiro a fazê-lo. De facto eles não formarão nem expressarão uma só opinião sobre a matéria que não tenha sido formado ou expressado pelo mundo durante a vida de Vianey, e que o clero da sua época não tenha expressado da forma mais veemente ainda do que os leigos. Mal o boato começou a espalhar-se de que o cura de Ars estava a ser perseguido por demónios, e irromperam as gargalhadas e o ridículo generalizado de todas as pastorais da área ao redor.

Sem demora todos os seus "queridos" colegas explicaram ao pároco de Ars que ele era um grande sonhador e que ele andava mal da cabeça; que a [gruta] de que os seus demónios vinham nada mais era do que a gamela em que ele permitia que as suas batatas ganhassem mofo. 'Meu caro colega,' costumavam dizer-lhe, 'viva como todo mundo. Coma alimentos mais nutritivos. Assim, o seu cérebro irá ficar bem e você irá deixar de ver mais desses [truques diabólico].' *[pp. 66-67]*

"Vianey, devia ser explicado, vivia de forma muito modesta, e quase exclusivamente à base de batatas, que ele cozia no primeiro dia da semana para toda a semana e depois comia frias; até que, muitas vezes, lá pelo final da semana elas terem ficado bolorentas.

"Assim, longe de ser um espírito débil que se tornasse vítima de alucinações, como os seus colegas se tinham convencido, o Pastor Vianey era, por natureza, tão difícil de convencer, que a princípio ele não admitiria tratar-se de demónios o que o atormentavam. Não foi senão até que ele tivesse procurado em vão por uma explicação para os ruídos peculiares que repetidamente o perturbavam durante a noite que ele reconheceu a sua origem e natureza.

"Um dia ele ouviu a bater alto e bom som à porta da casa. Abriu a janela, e perguntou: 'Quem está aí?' Não recebendo qualquer resposta, e coo o ruído se repetisse na porta que dava para a escada, ele repetiu o pergunta. Mais uma vez não recebeu qualquer resposta. Na medida em que ele tinha armazenadas no seu Presbitério algumas vestes esplêndidas que lhe tinham sido dadas de

presente para a sua igreja, ele pensou que os ladrões haviam tentado invadir a casa, e considerou oportuno tomar medidas de precaução. Assim, pediu a diversos cidadãos corajosos para ficarem a velar por ele. Eles vieram e fizeram guarda várias noites, escutaram os mesmos ruídos, mas não descobriram nada. Uma vigília que tinha sido montada no campanário foi igualmente malsucedida. Escutaram golpes violentos, mas não deram com nada. Isto deixou os vigias alarmados, e até mesmo o pároco ficou bastante assustado.

Uma certa noite de inverno, quando ele voltou a ouvir fortes golpes contra a porta, saltou rapidamente para fora da cama, e desceu até o pátio, convencido de que os culpados, caso isso fosse o que eles eram, deveriam ter deixado rastos na neve que caíra recentemente, em razão do que se poderia finalmente apanhá-los. No entanto não viu ninguém, não ouviu mais barulhos nem conseguiu encontrar pegadas na neve. Agora não tinha mais dúvidas na mente de que ele estava a ser perseguido por Satanás. *[pp. 68-69]*

"Desde o dia em que ele se convenceu de que os desordeiros noturnos eram demónios, ele passou a sentir-se muito menos amedrontado. "Enquanto isso, os principais esforços dos demónios visavam, obviamente, tornar as suas atividades ministeriais menos frutíferas furtando ao seu corpo sobrecarregado o seu descanso noturno. Tudo respeitante a esses incómodos parecia admiravelmente projetado de modo a tornar-lhe impossível conseguir dormir.

Geralmente Vianey escutava um daqueles ruídos monótonos que mais de qualquer outra coisa era notoriamente favorável à insónia. Por vezes, os ruídos soavam como alguém a serrar ou a furar um barrote, outras vezes, como se estivessem a martelar uma fileira de pregos. Noutras alturas, parecia que regimentos de soldados passavam em marcha pela sua porta, como se um rebanho de ovelhas andasse por cima, como se um cavalo andasse a galopar por um piso de ladrilhos de cerâmica, como se alguém estivesse a tamborilar sobre a sua mesa, como se um tanoeiro estivesse a aplicar aros de metal nos barris, como se todas as carruagens de Lyon estivessem a passar pelo átrio da entrada, ou como se uma assembleia ruidosa estivesse a conversar no pátio numa língua estrangeira. Este último incómodo prolongou-se por várias noites seguidas. Numa outra ocasião, ele ouviu a abrirem a porta e alguém chamá-lo bruscamente pelo sobrenome.

Ele também foi submetido a um mundo de gracejos grosseiros, entre os quais o mais frequente era: 'glutão batateiro.' Além disso, a mobília era

arrastada para a frente e para trás, e as cortinas eram puxadas com tanta força que ele era surpreendido ao dar com elas direitas pela manhã." *(pp. 66-70)*

Grandes foram igualmente as tentações internas que ele teve de suportar por causa dos seres maldosos, através do que eles tentaram levá-lo ao desespero. Verificamos a mesma coisa no caso de Blumhardt. Infelizmente, o descrições que o seu relatório [de Blumhardt] encerra das influências demoníacas a que ele, pessoalmente, esteve sujeito foram deliberadamente suprimidas na sua biografia, conforme eu já afirmei.

No caso de Blumhardt, bem como no de Vianey, o único propósito dos ardis demoníacos era destruir completamente, ou pelo menos reduzir, a eficácia destes dois homens de condução dos seus companheiros humanos a Deus. Por tal razão, eles tentaram seduzir Blumhardt, através Gottliebin Dittus, no campo desconhecido (para ele) do demoníaco, e quando estes esforços fracassaram, tentaram confundi-lo e desencorajá-lo por oposição externa e interna.

Com Vianey, primeiro eles tentaram desencorajá-lo e conduzi-lo ao desespero, usando o clero Católico dos distritos vizinhos, que deram início a uma tal campanha de calúnias e insinuações contra o pobre pároco de Ars e que prosseguiu por dez anos, que qualquer outra pessoa teria desistido. Quando isso não produziu resultados, os demónios tentaram minar-lhe a saúde, privando-o do sono, um esforço que eles mantiveram toda a sua vida. Foi apenas nos seus últimos alguns anos de vida que ele parece não ter sido mais perturbado pela noite.

A semelhança entre esses dois homens torna-se ainda mais impressionante se compararmos a ajuda divina que receberam dos espíritos bons. A esse respeito as suas experiências foram idênticas. Os seus elevados dons divinos foram concedidos a ambos somente depois que eles terem sido severamente postos à prova na batalha com os poderes do mal e os seus instrumentos humanos.

Todos quantos desejem trabalhar como um instrumento de Deus para a salvação dos seus companheiros humanos, e adquirir os poderes divinos necessários para o efeito, precisam travar essa batalha. O próprio Cristo teve que travar essa batalha. As suas atividades públicas, que deram prova do poder divino que residia nele, só começaram depois de ter sido submetido por 40 dias e 40 noites aos terríveis ataques dos demónios, e de lhes ter resistido com sucesso. O servo não está acima do mestre.

A recuperação de almas através da efusão do espírito de arrependimento e de uma emenda interior dos modos tomou o mesmo curso na paróquia de Blumhardt que na de Vianey, e, em ambas as paróquias, espalhou-se gradualmente às regiões mais distantes. O primeiro efeito de espíritos de arrependimento no coração das pessoas é despertar nelas o alarme sobre os pecados e transgressões das suas vidas, e sobre a consequente separação de Deus.

O alarme interno em relação a si próprias, sentido pelas pessoas que eram tocadas pelo espírito de arrependimento é tão grande que não encontram descanso até que tenham revelado o íntimo da alma a um fiel servo de Deus e tenham ouvido o seu julgamento. Eles são irresistivelmente impelidos por uma força invisível, até que sintam a presença divina nos seus corações e tenham a garantia nele de que os seus pecados foram perdoados. A sensação de felicidade que em seguida lhes enche os corações está além do poder da descrição humana. Que o leitor consulte as biografias desses dois homens para saber mais sobre os sentimentos interiores desses convertidos.

Vianey poderia dizer à primeira vista que as almas não precisavam do seu socorro. Ele pedia-lhes de uma forma amigável para não lhe ocuparem o tempo, dizendo-lhes ocasionalmente: "Vá para casa e não se preocupe. Você não precisa de mim."

A cura de almas enfermas que não conseguiam aguentar por si sós, foi o objetivo principal do cura de Ars. A cura de doenças físicas era aos seus olhos de muito menor importância.

Vianey dava informações a muitos sobre muitos dos seus falecidos no Além, sempre que pensava que isso fosse propício ao seu bem-estar espiritual. Ele era igualmente capaz de ver o futuro por clarividência, e por isso pode-se dizer que, enquanto durante a sua vida nada tenha despertado tanto interesse como as batalhas que travou com os espíritos malignos, após a sua morte todo o mundo começou a falar das previsões que fizera. Estas, em quase todos os casos, estavam relacionadas com o bem-estar de indivíduos e não com o bem-estar público. A alguns daqueles que tinha reformado ele previu a iminência da sua morte; em outros casos, ele falou a terceiros da morte iminente de um parente, para que eles pudessem estar preparados para o acontecimento.

Também viu, em espírito, imagens de eventos no futuro distante que diziam respeito a pessoas com quem ele se envolvia em conversa. Um dia, notando um homem na multidão que estava à espera dele, ele disse: "Volte para Lyon tão rápido quanto puder. A sua casa está a arder," e assim era. Numa outra ocasião Vianey mandou uma camponesa que tinha acabado de lhe confessar os pecados imediatamente para casa, dizendo-lhe que uma cobra lhe tinha entrado em casa. A mulher apressou-se a regressar a casa e procurou por toda a casa, mas não encontrou nada.

Finalmente, ocorreu-lhe sacudir o colchão de palha, que ela tinha posto ao sol a arejar; e quando ela o fez, viu cobra a sair dele. Ele ordenou a uma jovem garota que ele viu em pé na igreja a voltar para casa sem demora, uma vez que a sua presença ali era urgentemente requerida; Após a sua chegada, ela encontrou a sua irmã, que até então tinha estado de perfeita saúde, deitada ali morta. Certa vez uma mulher que tinha conseguido uma garrafa de um suposto remédio milagroso de um "feiticeiro" veio a Ars confessar-se. Depois de Vianey escutar a sua confissão, ele disse-lhe: "Você não me contou nada sobre a garrafa que você escondeu nos bosques fora de Ars."

Ainda mais frequente era a sua capacidade que tinha de ler os pensamentos e sentimentos secretos dos outros. Esse dom, invariavelmente, manifestava-se no caso de conversões particularmente difíceis. Acontecia quase diariamente Vianey deixar o seu confessionário e fazer sinal às pessoas que estavam mais apressadas ou mais infelizes, para que eles pudessem ser os primeiros a receber a sua atenção.

Entre os seus visitantes figuravam alguns que apenas vinham testar o dom dele. Eles partiam bastante humilhados. Um deles confessou pecados graves que inventara. Vianey ouviu-o em silêncio e depois disse: "Você realmente abriga muita culpa na sua alma; mas o mal que realmente fiz não consiste dos pecados que você acabou de me revelar, mas dos seguintes:" após o que Vianey, para grande consternação do impostor, revelava toda a atos insensatos do passado desse último. Aqueles que não podiam visitar Vianey pessoalmente e eram obrigados a comunicar com ele por intermediário ou por carta eram curados, aconselhados, consolados ou reformados por ele à distância.

Cada traço individual até aqui mencionado na imagem das forças do espírito que operavam no caso de Vianey também aparece em género e em extensão, e, poder-se-á acrescentar, de forma idêntica, ao mais ínfimo pormenor, no caso de Blumhardt. É difícil dizer qual dos dois, Vianey ou

Blumhardt, foi visitado pelo maior número de pessoas, que acorriam a eles aos milhares e experimentavam nas suas próprias pessoas os mecanismos milagrosos dos seus poderes.

Uma outra manifestação que foi compartilhada por ambos era o que poderia ser chamado de milagrosa multiplicação dos pães. No caso de Blumhardt aconteceu que, devido ao grande afluxo de forasteiros de fora que foram hospitaleiramente recebidos e alojados pelos seus paroquianos, desenvolveu-se uma séria escassez alimentar. No entanto, uma bênção especial presidiu sobre essas refeições. Uma família, que não tinha comida suficiente à mão para 14 pessoas, conseguiu dar a 42 pessoas o suficiente a comer de sobra. No caso de Vianey é relatado um milagre ainda mais manifesto, que foi testemunhado por todos na sua paróquia.

Ele mantinha um lar para crianças pobres; um dia não restavam provisões à exceção de umas mão cheias de fruta-pão *(NT: Árvore-pão, fruto chamado Artocarpus altilis)* no armazém. Com pesar no coração, ele decidiu-se a mandar as crianças embora, mas antes de o fazer, ele ofereceu mais uma oração a Deus por auxílio. Ao voltar ao armazém ele encontrou-o cheio de grão até o teto. Todos os seus paroquianos subiram da mesma forma ao armazém para ver o grão. O evento causou uma grande sensação por todo o distrito. Até mesmo o bispo veio mais tarde e levou-os a mostrar-lhe ao ponto a que o armazém tinha sido enchido.

Se olharmos bem para estes dois homens como instrumentos de Deus, há uma coisa que salta logo à vista. Eram de crenças completamente diferentes: de um lado temos um padre católico, que venerava santos e relíquias, que dizia que todas as curas vinham por intercessão de Santa Filomena, celebrava missa, via a confissão como um sacramento essencial para o perdão dos pecados, acreditava na transubstanciação – e seguia todas as doutrinas da Igreja Católica à risca. Do outro lado, temos o pastor protestante Blumhardt, com ideias praticamente opostas: rejeitava por completo a adoração de santos e relíquias, não aceitava a missa nem os sacramentos à maneira católica, nem a confissão como sacramento, muito menos o papa e tudo o que achava ser invenções humanas e não coisas de Deus.

E mesmo assim, nas mãos de Deus, os dois tiveram o mesmo papel: ajudar a libertar as pessoas do pecado e do poder do Mal, e guiá-las de volta a Deus. Apesar das diferenças nas doutrinas que seguiam, os dois receberam os maiores dons que Cristo prometeu a quem acreditasse n'Ele.

Há, no entanto, algo que tinham em comum: uma fé profunda e verdadeira em Deus, uma confiança inabalável n'Ele e um amor enorme, tanto por Deus como pelas pessoas. E para Deus, o rótulo religioso que cada um tem não conta para nada. É só como um casaco que cada um carrega – não muda nada no que está por dentro, desde que o coração esteja cheio de fé e amor. Deus até permite que as pessoas mantenham esses "casacos", esse conjunto de erros humanos, desde que isso não atrapalhe a missão que lhes confiou.

E se alguém perguntar: "Mas porque é que os bons espíritos não lhes abriram os olhos para os erros que tinham nas crenças deles?" – a resposta é simples. Primeiro, porque isso não era necessário. Esses erros nas doutrinas não impediam os dois de cumprir o que Deus lhes tinha pedido: fazer com que as pessoas à sua volta olhassem para dentro, se arrependessem e voltassem a Deus. Nenhuma das suas crenças religiosas atrapalhava isso.

E depois, havia outra razão: se os bons espíritos tivessem revelado novas verdades ao Blumhardt ou ao Vianey, isso teria tornado impossível que continuassem a fazer o trabalho deles. O Blumhardt, por exemplo, se recebesse novos ensinamentos, teria de os começar a ensinar. Isso ia pô-lo logo de fora da Igreja Protestante, perdia o cargo e a comunidade onde trabalhava.

Com o Vianey ainda era mais complicado. Bastava ele divergir num ponto que fosse da doutrina católica, e era logo posto de parte. Na Igreja Católica, só podia salvar almas quem usasse as vestes do catolicismo, tal como o Blumhardt só podia ser aceite pelos seus se continuasse como pastor protestante.

E mesmo assim, os dois foram atacados ferozmente pelos próprios colegas. Imaginem o que teria sido se tivessem mudado de ideias... O Vianey, coitado, foi perseguido, criticado, caluniado, visto com desconfiança e até ameaçado fisicamente – e isto durante dez anos! Os outros padres não suportavam ver os fiéis a correr para ele, a preferirem ouvir a opinião dele em vez das dos seus próprios párocos. A inveja e o ciúme fizeram o resto.

Chamavam-lhe ignorante, diziam que mal sabia latim e que quase tinha sido expulso do seminário. E quanto mais as pessoas falavam dele com entusiasmo, mais os outros clérigos o odiavam. Inventavam mentiras vergonhosas, ameaçavam os fiéis com a exclusão dos sacramentos se fossem confessar-se com ele – até no leito de morte! E todos os domingos, em vez de pregarem o Evangelho, passavam os sermões a atacar o "pobre cura de Ars". Ele próprio disse um dia: "O Evangelho ficou a dormir no púlpito; toda a gente andava ocupada a pregar contra o cura de Ars."

Recebia cartas anónimas com insultos e acusações infames. Até colavam cartazes na porta da casa dele a acusá-lo de todo o tipo de imoralidades. Foi um autêntico ataque em massa. E com o Blumhardt também houve perseguição, talvez não tão cruel, mas ainda assim bastante dura.

Agora imaginem o que teria sido se alguém pudesse provar que eles estavam a ensinar coisas contrárias às suas igrejas. Teria sido o fim. Deus e o Seu mundo espiritual, quando escolhem os Seus instrumentos, têm em conta os tempos em que vivemos e o ambiente religioso onde essas pessoas vão trabalhar. Os erros humanos, as doutrinas, os rituais – tudo isso é ignorado pelo mundo espiritual de Deus, desde que não atrapalhem a missão que tem de ser cumprida.

Nenhum dos erros do Vianey foi corrigido pelos bons espíritos. Não era preciso. Só numa coisa eles intervieram: quando o Vianey, por causa da ideia que tinha sobre o valor da penitência física, começou a exagerar e a castigar o corpo de tal forma que estava a pôr em risco a própria saúde. Aí, sim, apareceu uma voz clara – ouvida em estado de claraudiência – a lembrá-lo da verdadeira missão dele. Ele próprio contou: "Não sei se era mesmo uma voz ou se era um sonho; de qualquer maneira, acordou-me. A voz dizia-me que era mais agradável a Deus salvar a alma de um só pecador do que oferecer todo o tipo de sacrifícios." Isto aconteceu numa altura em que ele andava decidido a fazer penitência para se santificar.

O Vianey, o padre católico de Ars, acabou por ser canonizado pela sua igreja. Mas se algum ser humano tivesse realmente o poder de canonizar outro, então o Blumhardt, o pastor protestante, merecia o mesmo. Porque, em carácter, em dons recebidos e em tudo o que fez, estava ao nível do colega católico.

As vidas destes dois homens mostram-nos que o mundo dos bons e dos maus espíritos continua a agir no nosso tempo, tal como acontecia no passado, e que as leis desse mundo espiritual continuam as mesmas de sempre.

Antes de me envolver com esta coisa da comunicação com o mundo espiritual, não fazia a mínima ideia de que isso sequer era possível. Nunca tinha lido nada sobre o assunto, nem livros, nem revistas, nada. E mesmo durante todo o tempo em que fui recebendo os ensinamentos dos meus guias do Além – os mesmos que estão registados neste livro – continuei sem qualquer contacto com outros grupos espiritualistas nem com literatura espiritualista. Eu, como pastor, estava totalmente concentrado nas verdades que nos iam sendo

transmitidas semanalmente através dos médiuns. E foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que virou completamente a minha visão religiosa de pernas para o ar.

Passava horas a estudar as Escrituras, porque queria mesmo perceber se essas novas verdades – que estavam a deitar abaixo tudo em que eu acreditava até então – batiam certo com o que está escrito na Bíblia. A Bíblia era o meu critério principal. E o próprio mundo espiritual estava sempre a incentivar-me a comparar aquilo que aprendia com o que diz a Bíblia. Nas nossas reuniões religiosas, o espírito que se manifestava pegava muitas vezes na Bíblia e explicava os seus conteúdos.

Só mais tarde, quando essa nova visão da verdade já estava bem enraizada em mim e eu acreditava mesmo nela, é que me disseram para começar a explorar os fenómenos espiritualistas contemporâneos. A ideia era poder observar esses fenómenos com olhos críticos, com base nas leis espirituais que já me tinham sido explicadas. E se eu visse alguma coisa que não entendesse, podia perguntar nas sessões e receber uma explicação.

Desde o início, decidi que só ia analisar fenómenos cuja autenticidade fosse indiscutível. Por volta de 1928, ouvi falar de uma revista científica que reunia investigadores e professores de vários países e que publicava relatos de acontecimentos que não se conseguem explicar pelas leis naturais conhecidas. A revista chamava-se *Zeitschrift für Parapsychologie* (Revista de Parapsicologia). A parapsicologia, basicamente, é o estudo científico de fenómenos que vão além da psicologia tradicional.

Peguei nos volumes de 1926 e 1927 – os primeiros – e usei-os como base para as minhas comparações. Os factos descritos ali estavam tão bem documentados que não deixavam margem para dúvidas. Tinham tudo o que se observa no mundo da comunicação com espíritos. Claro que a revista limitava-se a relatar os factos, sem entrar em grandes explicações. E, como seria de esperar, a ciência moderna não queria sequer admitir que estes fenómenos pudessem vir de um mundo espiritual. Muito raramente – e com muito relutância – lá aparecia um ou outro investigador a falar da possibilidade de haver intervenção de seres espirituais. Em vez disso, inventavam explicações que, para qualquer pessoa com bom senso, soavam a disparates.

Como os médiuns são as fontes de energia que o mundo espiritual usa para produzir estes fenómenos, nas próximas páginas decidi agrupar os acontecimentos à volta de vários médiuns mencionados nessa revista. Tirei os

relatos diretamente de lá e, no fim de cada secção, acrescentei a explicação correta com base no que aprendi.

Um dos médiuns era o Kluski, em Varsóvia. No número de 1926 da revista (páginas 5 a 22), há um relatório completo feito pelo professor F. W. Pawlowski, da Universidade do Michigan, nos EUA. Ele escreveu assim:

"Os fenómenos que testemunhei com o Kluski foram absolutamente extraordinários – superaram tudo o que tinha lido ou ouvido até então sobre este tipo de coisas.

"Antes de cada sessão, fazíamos uma inspeção rigorosa à sala e a tudo o que lá estava. Fechavam-se portas e janelas, selavam-se com tiras de papel encerado assinadas por todos. Quando não havia senhoras presentes, o médium ficava completamente nu, para afastar qualquer suspeita.

"Quando todos estavam sentados à volta da mesa e formavam uma corrente (entrelaçando os dedos mindinhos com os dos vizinhos), o Kluski entrava logo em transe profundo. Isso permitia que o resto da mão ficasse livre para escrever, tocar objetos, etc., sem quebrar o contacto.

"As sessões eram feitas às escuras ou com uma luz vermelha fraca. Havia umas placas luminosas na mesa – feitas de madeira leve, com cabos tipo espelhos de mão – pintadas com um material fosforescente. Antes da sessão, eram expostas à luz de magnésio. Às vezes nem era preciso apagar a luz branca da sala, porque ela apagava-se sozinha assim que o médium começava a entrar em transe. A luz vermelha acendia-se por si. Dizem que estas mudanças de luz acontecem gradualmente, mas eu pessoalmente não vi isso.

"Posso afirmar com toda a certeza, com base na minha experiência direta e no que me contaram testemunhas de confiança, que o Kluski produzia os seguintes fenómenos:

a. *Batidas ou pancadas* muito características e ao mesmo tempo fora do comum. O som não vinha da superfície da mesa ou da parede, mas de dentro delas. Tentei imitar o som, mas não consegui. Era mesmo único.

b. *Levitações* – tanto da mesa como do próprio médium ou de alguns participantes. Eu não vi isso com os meus olhos, mas contaram-me que acontecia com frequência nas sessões.

c. *Materializações*, especialmente cabeças humanas, que apareciam quase instantaneamente – às vezes atrás do médium, mas muitas vezes atrás ou entre os participantes, mesmo a alguns metros de distância. Depois de umas pancadas bem audíveis na mesa ou nas paredes, surgiam umas luzes – tipo estrelas ou faíscas – que flutuavam para o teto. Tinham um brilho azulado e variavam de tamanho, como ervilhas ou avelãs. Podiam aparecer uma dúzia de uma vez. Moviam-se rapidamente por cima das pessoas, agrupando-se ou emparelhando-se. Algumas desapareciam, outras desciam perto dos participantes.

Quando chegavam a uns 40 cm de mim, percebi com espanto que eram olhos humanos – a olhar diretamente para mim. Em segundos, desses olhos formava-se uma cabeça humana completa, iluminada por uma mão com a palma luminosa. A mão pairava por cima da cabeça, como se a estivesse a apresentar. A expressão dos rostos era amigável, com sorrisos. Cheguei a ver duas cabeças ao mesmo tempo, a flutuar de uma pessoa para outra, como balões, e a deslocarem-se quando alguém dizia 'Vem ter comigo'. Passavam por cima da mesa, como estrelas cadentes.

d. *Fantasmas invisíveis* – só se ouviam os passos no chão de madeira. Tocavam-me na cara, nas mãos, no corpo – com mãos vivas, humanas. O toque era inconfundível. Se lhes pedíssemos, iam buscar objetos pela sala inteira, mesmo no escuro, sem nunca se enganarem ou esbarrarem em ninguém – nem mesmo ao transportar coisas pesadas, como um busto de bronze de 14 kg ou uma chaleira de ferro cheia de parafina derretida, com mais de 12 kg."

Agora, vamos lá continuar com o que se observou nas sessões com o médium Kluski – coisas verdadeiramente incríveis.

e. Uma das coisas mais impressionantes eram as *aparições visíveis com luz vermelha*. Os fantasmas pegavam numa daquelas placas luminosas e voltavam-na com o lado escuro virado para nós, iluminando-se a si próprios para que todos os presentes os pudessem ver bem de perto. A luz era tão forte que dava para ver os poros da pele, as rugas, os detalhes das mãos e das caras – até as veias fininhas no nariz de um velhote que apareceu. Via-se também a textura do tecido da roupa que traziam vestida. Chegavam tão perto que dava para ouvir a respiração e até sentir o bafo deles na cara.

Mas o que mais impressionava mesmo eram os *olhos* e as *expressões faciais* – eram cheios de vida, expressivos. Quando alguém lhes fazia perguntas, a expressão mudava conforme a resposta, e os lábios sorriam com simpatia.

f. Também apareceram *fantasmas de animais*. Viram-se esquilos, cães, gatos e até, uma vez, um leão – e noutra, uma ave enorme, talvez um falcão ou um abutre. Eu vi pessoalmente os dois primeiros: o esquilo a saltitar pela mesa, e o cão a andar à volta dela, a abanar o rabo, a saltar para o colo das pessoas e a lamber-lhes a cara – como se fosse um cão treinado. Dizem que o leão foi mais agressivo, a bater com a cauda nos móveis. As pessoas ficaram tão assustadas que tiveram de acordar o médium e acabar com a sessão. Quanto à ave, voava pela sala, batendo com as asas nas paredes e no teto. Chegou a pousar no ombro do médium e, nesse momento, tiraram-lhe uma fotografia com flash.

Havia ainda uma aparição muito estranha que chamavam de *pithecanthropus* – aparecia muitas vezes, mas só no escuro total, por isso era difícil examiná-la. Tinha o aspeto de um homem coberto de pelos, tipo um macaco grande, com a testa alta e braços compridos e fortes. O comportamento dele era bruto, aproximava-se das pessoas, tentava tocar-lhes na cara e nas mãos – e muitas vezes, só por causa disso, a sessão acabava. Eu senti-o uma vez, quando roçou por mim. Tinha um cheiro esquisito, que depois me disseram que parecia com o de um cão molhado. Nessa vez, passou atrás de mim e agarrou a mão de uma senhora ao meu lado, que estava a segurar a do médium. Começou a esfregar a mão dela contra a cara dele e ela gritou de susto. A corrente foi interrompida e a sessão terminou ali.

g. Muitos destes fantasmas tinham *mãos luminosas*. As palmas brilhavam no escuro com uma luz branca esverdeada. Essa luz era tão intensa que, quando os fantasmas passavam as mãos sobre as suas próprias cabeças ou corpos, dava para ver tudo com clareza – como se estivessem a usar as placas luminosas. Também apontavam as palmas para nós, iluminando-nos diretamente – parecia que também nos estavam a observar. Numa dessas ocasiões, vi claramente que a luz não era estática: vibrava, mudava ligeiramente de intensidade. Dentro da luz, notavam-se raios mais brilhantes a moverem-se aos ziguezagues dos pulsos até às pontas dos dedos. E esse brilho vinha acompanhado de um cheiro forte a ozono.

h. Um dos fenómenos mais raros – e talvez dos mais elevados – era o de um *velho completamente iluminado por si próprio*. Só o vi duas vezes. Parecia uma coluna de luz, e segundo me disseram, é uma figura habitual no grupo de Kluski. A luz que emanava dele era tão forte que iluminava tudo na sala – as pessoas, os móveis, tudo, até ao fundo. Lembro-me bem: as palmas das mãos e a zona do coração brilhavam mais do que o resto do corpo. Ele apareceu no

meio da sala, não muito perto de nós. Nós estávamos sentados num canto, com o médium mesmo ao lado.

O velho usava um chapéu alto e pontiagudo e uma túnica comprida, com pregas que se moviam quando ele andava. Caminhava com passos majestosos e fazia gestos com as mãos em forma de triângulo. Falava com uma voz grave e solene. Parou atrás de mim durante uns 10 segundos, ergueu as mãos por cima de nós, falou mais um pouco, e depois afastou-se e desapareceu. O ar ficou impregnado com aquele cheiro a ozono, mesmo depois da sessão acabar. Era um homem muito velho, com uma barba cinzenta comprida. A língua em que falava era gutural e ninguém ali a conseguia identificar – mesmo tendo todos nós conhecimentos de várias línguas. Até hoje, ninguém sabe quem era, mas no grupo chamavam-lhe o *sacerdote assírio*, porque o aspeto batia certo com isso.

i. Outra coisa espantosa era que os fantasmas faziam *moldes em parafina*. Quando viam a chaleira com parafina derretida, pareciam ficar entusiasmados e, se lhes pedíssemos, mergulhavam as mãos na parafina e deixavam cair na mesa luvas moldadas. Quando a mão estava luminosa, via-se tudo como se fosse um peixe dourado a nadar dentro da parafina. Os fantasmas não eram muito cuidadosos com estas "luvas". Uma vez, duas caíram no meu colo e depois para o chão. Pedi aos outros que não mexessem os pés para não as estragar. Um dos presentes pediu ao fantasma para as apanhar e ele fez isso logo – agarrou-me no tornozelo e empurrou a minha perna para abrir espaço debaixo da mesa, que estava cheia de pernas (literalmente catorze!).

O curioso é que os fantasmas faziam os moldes em 30 a 45 segundos. Quando eu tentei, demorou vários minutos só para a parafina arrefecer, e mesmo assim não consegui tirar a luva sem a partir – nem sequer de um dedo mergulhado até à segunda falange.

Quando mais tarde removi a parafina de um dos moldes com água quente, reparei que flutuavam lá uns pelos. Eram normais, como os que crescem nas costas das mãos ou nos dedos. E eu tinha a certeza absoluta de que a água e a taça estavam impecavelmente limpas. Examinei outros moldes antigos e, por baixo da parafina mais fina, também lá estavam pelos incrustados.

Houve um caso que me marcou: um dos moldes mostrava uma mão fechada, com a ponta do polegar entre o indicador e o médio – um gesto nada comum. O fantasma tinha sido desafiado a fazer algo difícil, original. Ele esticou a mão, mergulhou-a na parafina e só depois fechou o punho. Antes de encher o molde com gesso, vi por dentro umas estruturas em relevo, como nervuras, a

sustentar a forma entre os dedos – era uma construção detalhada, que exigia precisão.

j. Quanto aos *apportes* (objetos transportados por espíritos para dentro da sala), vi poucos, e eram todos pequenos. Mas disseram-me que objetos bem mais pesados tinham sido trazidos de outras divisões da casa. O mais espantoso foi mesmo o *desaparecimento do próprio Kluski* da sala da sessão – que estava trancada e selada. Para espanto de todos, encontraram-no mais tarde noutra sala, bem longe dali, a dormir tranquilamente num sofá.

Mais dois fenómenos bastante marcantes aconteceram nas sessões com o Kluski.

k. Um deles era a *queda de temperatura* na sala das sessões. Eu, e outros presentes, sentíamos calafrios evidentes, especialmente mais para o fim das sessões, que podiam durar entre uma e duas horas. Tínhamos termómetros na sala e eles mostravam uma descida de 6 a 8 graus Celsius. O que é estranho, porque numa sala fechada, com sete pessoas lá dentro durante esse tempo todo, o normal seria o calor aumentar. Mas não – a temperatura descia visivelmente. A sala até nem era muito grande, por isso era mesmo algo anormal.

l. Outra coisa fascinante era quando, antes das aparições acontecerem, se via uma *espécie de fumo ou névoa luminosa* por cima da cabeça do médium – como uma nuvem pequenina a flutuar. Depois essa nuvem deslocava-se para o lado e, em poucos segundos, transformava-se numa cabeça humana. Ou então estendia-se para cima e formava uma figura inteira, que começava logo a mexer-se e a andar pela sala.

Mas o mais surpreendente de tudo – e o que mais me marcou – foi o comportamento destes fantasmas. Tinham uma *atitude completamente humana*. Eram como convidados numa festa. Passavam pelas pessoas conhecidas e sorriam, reconhecendo-as. E aos novos, observavam com atenção. O olhar deles era curioso, como se quisessem perceber tudo – os nossos gestos, as perguntas, os sorrisos, tudo. Dava para notar que faziam um esforço real para nos mostrar que eram *seres reais* e não só visões ou alucinações.

E mais: nem sempre apareciam em tamanho real. Se o médium estivesse cansado ou doente, as aparições eram mais pequenas – às vezes um terço ou metade do tamanho normal. À primeira vista, pensei que fosse uma criança, mas ao olhar melhor via-se pelas rugas que era um idoso, só que mais pequeno.

Quando isso acontecia, o responsável da sessão dizia logo: "Vamos ajudar o médium." E então todos começávamos a respirar profundamente, num ritmo certo. Era incrível: a figura encolhida começava a crescer logo e, em segundos, estava no tamanho normal.

As aparições que surgiam nas sessões do Kluski eram de *nacionalidades diferentes* e normalmente falavam a sua própria língua. Mas compreendiam perfeitamente tudo o que lhes era dito em qualquer idioma. Pareciam ter a capacidade de *ler os pensamentos das pessoas*. Não era preciso dizer nada – bastava pensar em algo que queríamos que fizessem, e eles faziam. Às vezes recusavam ou explicavam que não podiam naquele momento, mas prometiam tentar mais tarde.

Nem todos conseguiam falar. Alguns preferiam comunicar com *batidas*, o que demorava imenso tempo porque era preciso ir letra a letra pelo alfabeto. Mas os que falavam tinham vozes claras, como sussurros fortes. As expressões faciais enquanto falavam eram muito reais. Lembro-me bem de um episodio com a *aparição de um turco*. Ele curvou-se diante de mim e disse: "Chokyash Lehistan." Eu não percebi, então ele repetiu com um sorriso. Também não entendi, mas respondi com simpatia: "Vive la Turquie!" – e ele ficou visivelmente feliz. Sorriu, cruzou os braços, fez uma vénia e desapareceu. Mais tarde, perguntei a alguém que sabia a língua e fiquei a saber que o que ele tinha dito era: "Viva a Polónia!"

Agora, quanto à explicação de tudo isto: o professor Pawlowski, que esteve presente, confirmou que tudo batia certo com o que eu já tinha aprendido sobre as *leis da comunicação espiritual*, especialmente no que toca à *força Ódica* (o chamado "Od").

Nas sessões com o Kluski, o médium não agia por conta própria – ele servia apenas como *fonte de energia*, de "Od", que os espíritos usavam para se manifestar. Quando ele estava fraco ou doente, ou já tinha libertado muita energia, os fenómenos aconteciam com menos intensidade – ou nem sequer ocorriam. O Pawlowski chegou a ver essa energia como *fumo luminoso*, pequenas nuvens ou faíscas, de onde surgiam olhos, depois caras, e por fim figuras inteiras, à medida que a força Ódica aumentava.

Isto lembra-nos passagens da Bíblia: a sarça ardente, as colunas de fogo e de nuvem com Moisés, a nuvem sobre o Tabernáculo, a do Monte Tabor, e até as línguas de fogo em Pentecostes – tudo isto ligado a *contactos com o mundo*

espiritual. O princípio é o mesmo: a *manifestação visível* de algo invisível, feita com base nessa força especial.

Lembras-te daquela parte em que as figuras pequenas cresciam quando respirávamos fundo e com ritmo? Isso é porque o Od não vem só do médium – também vem das pessoas que assistem, especialmente se participam com frequência. São como "médiuns auxiliares". E a respiração profunda ajuda mesmo a libertar mais dessa energia.

Quanto à descida da temperatura no final das sessões – ao contrário do que seria de esperar – também tem explicação: o Od só se torna visível e utilizável pelos espíritos quando está condensado, e *o frio é essencial para essa condensação*. Por isso, perto do fim da sessão, o mundo espiritual faz fluir correntes frias para contrabalançar o calor que o nosso corpo emite, permitindo que o Od se mantenha utilizável.

O professor ficou fascinado com o comportamento humano dos espíritos materializados – olhava-lhes nos olhos, ouvia-lhes a respiração, sentia-lhes os batimentos do coração. E isso faz sentido: os espíritos continuam a ser quem eram em vida, com os mesmos órgãos – só que espirituais em vez de físicos. Quando se materializam, os órgãos "funcionam" como os nossos: daí o coração a bater, os pulmões a respirar, a pele com pelos – tudo.

E as *mãos moldadas na parafina*? Eram mãos de espíritos, materializadas, com todas as características que tinham em vida – impressões digitais incluídas. E claro, se tinham pelos nas mãos em vida, é normal que alguns ficassem presos na parafina. Isso só mostra o nível de detalhe das materializações.

Agora, atenção: essas características físicas – como rugas, deformações, etc. – só se mantêm se o espírito ainda estiver num *nível espiritual baixo*, mais próximo da forma humana. À medida que evoluem, tornam-se mais belos, mais nobres, e esses "defeitos" desaparecem. Mas quando vêm a uma sessão onde há familiares ou amigos, voltam a apresentar-se como eram em vida – para serem reconhecidos. É uma forma de se identificarem.

Para fazer aqueles moldes em parafina, os espíritos mergulhavam as mãos na substância quente e depois *desmaterializavam-se* parcialmente para retirar a mão sem partir o molde. Se a mão estivesse numa forma mais "gasosa" ou nebulosa, podia passar através da parafina sem a danificar, mesmo sem desaparecer por completo. Por isso, é perfeitamente natural que os moldes

ficassem intactos – mesmo quando eu, como humano, não conseguia fazer igual sem os partir.

Então, basicamente, um espírito tem três maneiras de formar e desfazer estes moldes de parafina. Primeiro, pode materializar a mão de forma sólida e depois desfazê-la completamente. Segunda opção: em vez de desfazer tudo, dissolve só em parte — reduz a espessura e o comprimento conforme precisa. E por fim, pode condensar o "Od" (uma espécie de energia vital) só até ficar como um nevoeiro espesso; nesse caso, consegue fazer os moldes e tirá-los sem os estragar. Aqui, a mão do espírito passa pelo parafina já fria sem resistência, pega no molde por fora e põe-no na mesa.

Agora, quando o Professor Pawlowski diz que os espíritos trataram os moldes de forma um bocado descuidada — até deixaram cair alguns ao chão — mas, ao mesmo tempo, elogia o modo simpático e prestável como se comportaram, percebe-se que lhe está a escapar um ponto importante. Ele parece não saber que os espíritos não conseguem manter a mão materializada o tempo que quiserem. Isso depende do "Od" disponível e do grau de condensação dessa energia. E, como sabemos, o calor dissolve o "Od". Por isso, a parafina quente enfraquece rapidamente a materialização da mão do espírito, e às vezes, quando o molde é retirado, o "Od" já não está suficientemente condensado para o espírito pousar o molde com cuidado — daí caírem. Não é desleixo, é falta de força energética.

Dá para entender que não são só os espíritos humanos que se materializam, mas também os dos animais. Quando um animal morre, o espírito sai do corpo como acontece com os humanos. A única diferença está no grau de desenvolvimento espiritual, não na essência do espírito. Os animais representam espíritos menos evoluídos; os humanos, mais avançados.

O facto de espíritos de animais se terem materializado nas sessões do Kluski mostra que havia ali uma presença dominante de espíritos inferiores, apesar de, de vez em quando, surgirem espíritos mais elevados — como o do "sacerdote assírio". Estes são normalmente espíritos protetores do médium, que tentam atenuar a influência do mal — mas só conseguem fazer isso até certo ponto. Não têm muito poder se o médium e os participantes não fizerem, por iniciativa própria, um esforço para se ligarem apenas ao que é bom e elevado.

E quem mais sofre com a presença de espíritos inferiores é o próprio médium, tanto a nível espiritual como físico. Segundo os ensinamentos que

recebi, a força "Ódica" que os maus espíritos retiram ao médium não é reposta. Por isso, como diz o Professor Pawlowski, o médium Kluski fica exausto no fim de cada sessão, chegando mesmo a ter de ser deitado antes de recuperar a consciência — o que às vezes demora horas. Por isso é que ele prefere fazer sessões só de duas em duas semanas; são pesadas demais para ele.

E o problema agrava-se quando o mal, depois de entrar numa sessão — por causa das falhas ou da atitude dos presentes —, sente que é bem-vindo. A partir daí, instala-se e faz o que quer, sem ligar ao que os participantes desejam. Às vezes, provoca cenas assustadoras que só acabam se a sessão for interrompida. Como dizia o poeta: "Os espíritos que invoquei, agora não os consigo mandar embora". O pior é que a saúde do médium vai-se deteriorando. Muitos médiuns fortes acabam por ficar sem forças, porque os espíritos inferiores esgotam-lhes completamente o "Od", e ele não volta.

Quando isso acontece, deixam de haver fenómenos. E aí surge outro problema: como esses médiuns estão habituados a serem admirados, nem sempre têm humildade para admitir que perderam as capacidades. Então recorrem a truques e enganos — e acabam por ser desmascarados. Quando isso acontece, os ignorantes aproveitam para dizer que tudo isto das comunicações com espíritos é fraude. É uma grande responsabilidade para quem participa nestas sessões não garantir desde o início que tudo é feito em nome de Deus, e que o mal não entra.

Se uma sessão for encarada como um momento de culto divino, ninguém tem de ter medo. As forças do bem dominam, e só entra o que está de acordo com a vontade divina. É por isso que nunca é demais alertar contra sessões feitas só por curiosidade ou busca de espetáculo — em vez de serem um esforço sincero para se aproximar de Deus através dos bons espíritos.

Aliás, o Professor Pawlowski até notou que o cheiro emitido pelos espíritos mais elevados era agradável, doce, enquanto que, durante a materialização de um grande macaco, se sentiu um cheiro desagradável, como de cão molhado — o que confirma o que já foi dito neste livro sobre os odores do "Od".

O relato do Professor Pawlowski termina com umas reflexões interessantes. Ele diz que não se pode negar nem ignorar estes fenómenos, nem explicá-los como truques. Reconhece que é difícil para muita gente acreditar nisto, que é complicado imaginar que, em poucos minutos, apareçam seres vivos, com ossos, carne, batimentos cardíacos... mas admite que tudo isto vai além da nossa compreensão. Diz que a ciência moderna nos habituou mal — já

não conseguimos acreditar nas coisas naturais, nem no mistério da vida e da morte, que está tão bem guardado. Se aceitássemos que isto é possível, mudaríamos por completo a forma de ver a vida, a morte, a filosofia e até a ciência.

E termina a dizer que os verdadeiros investigadores, os estudiosos a sério, vão acabar por aceitar todos os dados experimentais que já existem — e vão ajudar a chegar à verdade, independentemente daqueles moralistas que acham que admitir estes fenómenos é um perigo para a moral ou para a religião. Ele diz que esse tipo de medo é mais aceitável nos moralistas, que têm uma visão mais limitada e se preocupam mais com coisas passageiras. Mas um verdadeiro investigador, que procura a verdade, não pode ter esse tipo de receio. No fim, a verdade acaba sempre por vencer. E não há razão para a temer ou menosprezar.

Sobre o médium brasileiro Carlos Mirabelli, em 1927 apareceu em Santos um livro chamado *O Medium Mirabelli*, com 74 páginas a relatar fenómenos incríveis que aconteceram com ele. E tudo aconteceu com luz do dia ou luz forte artificial, muitas vezes com até 60 testemunhas presentes — incluindo cientistas e pessoas influentes da sociedade brasileira. Como os fenómenos relatados eram mesmo extraordinários, os editores da *Zeitschrift für Parapsychologie* foram perguntar ao cônsul brasileiro em Munique se conhecia as pessoas citadas como testemunhas.

E o cônsul confirmou: conhecia pessoalmente 14 delas, incluindo o então Presidente da República, que tinha até presidido a uma comissão de arbitragem relacionada com o Mirabelli. Também mencionou o Secretário de Estado Reynaldo Porchat, o Senador Muniz Sodré e o Professor de Medicina da Universidade de São Paulo, Olegário de Moura — todos homens de ciência e de caráter. Disse que, se fossem esses a garantir a veracidade dos fenómenos, não havia razão para duvidar.

Mirabelli foi observado por 557 testemunhas – 452 brasileiras e 105 estrangeiros –, entre as quais se contavam dois professores universitários, setenta e dois médicos, dezoito farmacêuticos, doze engenheiros, trinta e seis advogados, oito tradutores, três agricultores, vinte e dois dentistas, cinco químicos, vinte escritores, oitenta e nove estadistas, vinte e cinco oficiais militares, cinquenta e dois corretores da bolsa, cento e vinte e oito comerciantes, nove industriais, dezoito jornalistas e trinta e duas pessoas de outras profissões. Além disso, muitas pessoas de ordens religiosas estiveram presentes às sessões espiritualistas.

Mirabelli é um médium universal, cujo poder Ódico se revela suficiente para todos os tipos de fenómenos de comunicação com espíritos. Trata-se de um médium de incorporação, pois, em estado de transe, fala não apenas na sua língua materna e em vários dialetos regionais, mas também em alemão, francês, holandês, inglês, quatro dialetos italianos, checo, árabe, japonês, russo, espanhol, turco, hebraico, albanês, vários dialetos africanos, latim, chinês, grego moderno, polaco, dialetos sirio-egípcios e até em grego antigo.

Em estado normal, conhece apenas a sua língua nativa; em transe, porém, profere conferências sobre temas dos quais, enquanto ser humano, nada sabe: medicina, jurisprudência, sociologia, economia política, política, teologia, psicologia, história, ciências naturais, astronomia, filosofia, lógica, música, espiritualismo, ocultismo e literatura. Segundo declaração do próprio médium, nada do que pronuncia em transe lhe pertence; tudo provém dos espíritos que falam por seu intermédio e cujos nomes registra de bom grado, a quem chama guias espirituais.

Mirabelli é também médium escritor. Até agora, produziu textos em vinte e oito idiomas diferentes durante os trânsitos, escrevendo a uma velocidade incomparável para qualquer escriba em estado normal. Assim, em quinze minutos redigiu cinco páginas em polaco sobre "A Ressurreição da Polónia"; em vinte minutos, nove páginas em checo acerca de "A Independência da Checoslováquia"; em doze minutos, quatro páginas em hebraico sobre "Difamação"; em vinte minutos, uma composição em alemão sobre "A Grande Alemanha, a Sua Queda e Ressurreição"; em quarenta minutos, vinte e cinco páginas em persa sobre "A Instabilidade dos Grandes Impérios"; em quinze minutos, quatro páginas em latim sobre "Grandes Traduções"; em doze minutos, cinco páginas em japonês sobre "A Guerra Russo-Japonesa"; em vinte e dois minutos, quinze páginas em siríaco sobre "Alá e os Seus Profetas"; em quinze minutos, oito páginas em chinês sobre "Apologia Budista"; em quinze minutos, oito páginas em sirio-egípcio sobre "Os Fundamentos da Legislação"; em trinta e dois minutos, três páginas de hieróglifos ainda não decifrados, e assim por diante.

A escrita mediúmnica de Mirabelli realizava-se sob a supervisão de estudiosos que adotaram rigorosas precauções contra fraudes: o médium era conduzido por dois investigadores até à sala das sessões, onde vestuário e corpo eram cuidadosamente revistados; papel e lápis eram colocados numa mesinha sem gavetas nem compartimentos; Mirabelli, que se encontrava sempre em grande agitação antes das sessões, sentava-se numa cadeira sob luz intensa.

Os examinadores e outros participantes formavam um círculo à sua volta, seguindo-lhe atentamente cada movimento, até que o presidente da sessão pedia silêncio e aguarda a manifestação do guia espiritual do médium. Entrando então em grande êxtase, o médium invocava o auxílio divino e entoava um hino antes de, em transe, agarrar o lápis, lançá-lo repetidamente ao chão, recuperá-lo e lançar-se com fervor à escrita, enquanto o lápis deslizava pela folha a uma velocidade estonteante, sem interrupção. Durante todo o processo, ele ergue-se frequentemente, suspira, fixa o olhar no alto, com ar radiante, alegando ver o guia espiritual que orienta a sua mão e com o qual conversaria afetuosamente. Um secretário recolhia as folhas escritas em ordem, à medida que surgiam.

Por vezes, o estado do médium oscilava do êxtase à apatia para, então, assumir contornos ainda mais dramáticos: Mirabelli parecia perder completamente o controlo de si, rindo, chorando, cantando, invocando nomes, respondendo a perguntas, contorcendo-se como um funâmbulo, cuspindo sem direção, assumindo gestos indecentes, golpeando a cabeça contra a parede ou tentando ingerir substâncias químicas, salivando abundantemente e agitando-se violentamente. Só após esse tumulto regressava à calma, permitindo o encerramento da sessão.

Estas manifestações requerem explicação: a agitação prévia do médium deve-se ao grande número de espíritos, bons e maus, que o cercam e se impõem para guiar sua mão na escrita. Inicia-se então um combate entre as forças do bem e do mal, como mostra a intermitente ação de segurar e atirar o lápis. Quando os espíritos malévolos ganham momentaneamente a vantagem, servem-se do corpo do médium para proferir impropérios e comportar-se inapropriadamente. O seu objetivo é a ruína física e moral de médiuns ao serviço do bem. Mirabelli, embora invoque auxílio divino e pretenda atrair apenas espíritos benéficos, comete o equívoco de servir-se das suas faculdades mediúnicas em sessões de mero interesse científico ou sensacionalista, proporcionando aos espíritos maléficos um domínio temporário.

Se limitasse as suas atividades a reuniões religiosas, destinando-se exclusivamente ao bem, as forças do mal não o afetariam, e não haveria espaço para comportamentos vexatórios. Além disso, manteria intacto o seu poder Ódico, enquanto, ao serviçar finalidades profanas, este tende a esmorecer, ao ponto de vir a perder totalmente as suas faculdades mediúnicas, comprometer gravemente a sua saúde — e, possivelmente, sucumbir a infortúnios ainda mais graves.

Infelizmente, esse receio revelou-se fundado: hoje, Mirabelli perdeu por completo as suas faculdades mediúnicas. A força ocasionalmente exibida pelos espíritos malignos para obstruir a ação dos espíritos benéficos encontra paralelo nos relatos bíblicos: quando o arcanjo Gabriel foi enviado a Daniel para revelar-lhe o futuro, o espírito maligno que governava o reino idólatra da Pérsia opôs-lhe forte resistência durante vinte e um dias, até que o arcanjo Miguel acorreu em seu auxílio e livrou-o das investidas das forças do mal (Daniel 10:13).

Mirabelli é ainda médium físico. Na Farmácia Assis, na Rua 15 de Novembro, nº 9, em São Paulo, as vitrinas de vidro voaram subitamente dos seus lugares na presença do médium; um crânio de partes móveis saiu do laboratório, pairou no ar, abriu e fechou a mandíbula, lançou diferentes objetos ao redor, deslocou-se de um lado para o outro e caiu ao chão sem se partir.

Numa reunião realizada num dia nacional, com a presença de Mirabelli e de outras pessoas, tanto os convivas como habitantes dos arredores ouviram o rumor de tambores e o estrondo de trombetas executando uma marcha militar. Simultaneamente, copos e garrafas na sala de assembleias tilintaram sem serem tocados, produzindo sons perfeitamente harmoniosos e reproduzindo a marcha com surpreendente perícia musical.

Mirabelli chegou a jogar bilhar sem tocar no taco, que se movia por si só, golpeando as bolas; um crânio moveu a mandíbula, e um chapéu colocado sobre ele ergueu-se em gesto de saudação. Todos estes factos foram confirmados por testemunhas incontestáveis, sendo razão de destacar que eventuais fenómenos duvidosos foram desde logo excluídos do relatório original.

Numa sessão bem concorrida em São Vicente, com a presença dos ilustres Dr. Mário Alvin e Dr. Annibal de Meneses, Mirabelli encontrava-se sentado numa cadeira, vigiado de perto por todos os presentes. De repente, a cadeira moveu-se do lugar sem qualquer impulso das pernas do médium, circunstância firmemente estabelecida. Mirabelli ergueu o olhar ao céu, estendeu os braços e permaneceu em estado de arrebatamento. Após alguns minutos de oração silenciosa, a cadeira arrancou num movimento brusco, elevando-se vários centímetros do chão. A atenção de todos manteve-se centrada nos pés, braços e tronco do médium.

A cadeira continuou a erguer-se com ele, flutuou de um lado para o outro e atingiu a altura de dois metros acima do solo. Os investigadores acompanharam-na minuciosamente enquanto pairava sem apoio, deslocando-se numa direção e, finalmente, descendo lentamente até tocar o chão a 2,30 metros do local de

partida. Durante todo o tempo, o médium permaneceu em transe, dialogando com diferentes entidades espirituais. Ao despertar, Mirabelli nada recordava do que tivera lugar.

Como já foi explicado no capítulo sobre "Médiuns", os fenómenos físicos são geralmente obra de espíritos inferiores, ainda que não necessariamente malignos. Em termos gerais, os bons espíritos não se prestam a experiências como as dos fenómenos físicos de Mirabelli descritos na secção anterior; só o fazem ocasionalmente, quando um propósito divino o exige, por exemplo, para fornecer provas da existência dos espíritos do Além a quem procura Deus.

Mirabelli como médium de aporte: da residência de Pinto de Queiros, em São Paulo, foi apportada* uma arma de fogo que estava trancada num baú, para a casa de um tal Sr. Watson, após ter sido anunciada a sua transferência. Além disso, um quadro foi apportado, em plena luz do dia, da residência do Sr. Watson para o escritório de uma seguradora, a vários quilómetros de distância, onde caiu ao chão com um estrondo, provocando enorme agitação.

*(*NT: Fenómenos de transporte sobrenatural de objetos sou mesmo pessoas)*

Numa outra ocasião, Mirabelli encontrava-se na estação ferroviária da Luz, em companhia de várias pessoas, caminho de Santos, quando desapareceu subitamente. Cerca de quinze minutos depois, chegou um telefonema de São Vicente, a noventa quilómetros da Luz, informando que o médium ali se encontrava exatamente dois minutos após o seu desaparecimento em São Paulo.

Num sessão do comité investigador em honra do Dr. Enrico de Goes, com a presença de muitos estudiosos, Mirabelli desvaneceu-se na sala das sessões sem que as suas amarras tivessem sido desfeitas ou que o selo de qualquer porta ou janela tivesse sido quebrado. Foi encontrado deitado num sofá numa sala adjacente, ainda em transe e a cantar um hino. Estes chamados "aportes" enquadram-se no domínio da desmaterialização e rematerialização da matéria: a matéria é desintegrada e convertida em Od num lugar, transportada através de paredes e portas fechadas nesse estado, e reconstituída em matéria sólida noutro local.

Encontram-se vários exemplos desse mesmo processo na Bíblia: o profeta Habacuque, trazido de uma grande distância até Daniel na cova dos leões; o discípulo Filipe, que subitamente desapareceu dum lugar e reapareceu instantaneamente noutra cidade; a libertação de Pedro de trás de portas de

prisão trancadas – todos estes episOdios ocorreram segundo as mesmas leis de dissolução e recondensação da matéria observadas no caso de Mirabelli.

Mirabelli como médium de materialização: as materializações por ele produzidas são as manifestações mais poderosas de espíritos tomando forma corpórea testemunhadas nos tempos modernos. Num sessão realizada no laboratório do comité investigador em Santos, presidida por Estanislao de Camargo, Alberto Riveira e J. F. Schmid, pelas nove horas da manhã, e com assistentes de relevo, a sala de dez por onze metros no rés-do-chão encontrava-se hermeticamente selada: as janelas que davam para a rua tinham ferrolhos de ferro, o piso de tábuas estreitas fora examinado uma a uma para garantir ausência de artifícios, e verificou-se que a única forma de entrar seria escavar paredes espessas ou portas emolduradas em pedra.

Mirabelli, sentado numa cadeira, empalideceu, indicando o início do transe profundo: os olhos saltaram-lhe das órbitas e contorceu-se como se o estrangulassem, enquanto gotas de suor lhe destacavam pelo corpo. De imediato ouviram-se três pancadas secas sobre uma mesa, e uma voz infantil chamou: "Papá!" O Dr. Ganymed de Souza, um dos presentes, declarou emocionado reconhecer a voz da filha falecida de influenza na capital. Todos aguardaram em tensão e, pouco depois, surgiu a figura de uma menina ao lado do médium. O pai, mal contendo a emoção, saiu do círculo, chamou-a pelo nome, abraçou-a e, entre soluços, assegurou repetidamente que era de facto a sua filha e que o vestido que ela trazia era o mesmo em que fora sepultada.

Enquanto isso, Mirabelli jazia como em agonia de morte, encolhido na cadeira, de tez cera, músculos mortos, respiração fraca e pulsação quase impercetível. O coronel Octávio Viana levantou-se para confirmar a realidade da aparição: tomou a criança nos braços, sentiu-lhe o pulso, olhou-lhe nos profundos olhos inexplicáveis e fez-lhe várias perguntas, às quais ela respondeu de forma racional, embora em voz triste e monótona. Também ele confirmou tratar-se de algo real. O Dr. de Souza mencionou então vários episodios da infância da filha, recebendo da aparição respostas que mostraram compreensão. A figura foi fotografada e o retrato incluído no relatório do comité.

Depois da fotografia, a criança flutuou pela sala, levantando-se no ar e rodopiando como um peixe na água, mantendo-se ao alcance de um braço. Os espetadores levantaram-se, seguiram-na, enquanto o médium imitava com os braços os seus movimentos. Passados alguns segundos, a aparição desapareceu repentinamente, tendo-se mantido visível por trinta e seis minutos, à luz do dia e

em condições irrepreensíveis, para um público de homens cultos que testemunharam ver diante de si um ser humano perfeitamente formado. O Dr. de Souza perdeu a filha pela segunda vez, tamanha a comoção suscitada. As atas deste episodio foram assinadas por dez doutorados presentes, a certificar a veracidade dos factos.

O médium continuou a tremer e a mostrar exaustão durante algum tempo após vencer o esforço nervoso intenso provocado pelo fenómeno. Antes mesmo de recuperar forças, ouviram-se golpadas noutro armário onde se guardava um crânio de estudo; o crânio era atirado freneticamente contra as paredes do interior, como se revoltado, até que, quando um dos presentes se aproximava para abrir o móvel, as portas se escancaram sozinhas e o crânio lançou-se para o ar, subindo e rangendo os dentes de forma macabra.

O Dr. de Souza perguntou-se por que não surgiria o resto do esqueleto, quando, como se em resposta ao seu pensamento, as vértebras do pescoço começaram a formar-se, seguidas pelos ossos do tórax, braços, coluna, arcada pélvica, pernas e, por fim, pés, até ao último osso. Nesse momento, o médium, segurado pelos braços, expeliu um fio de saliva espumosa e, ainda sentado, golpeou-se com raiva. As artérias pareciam entupidas e batiam com violência, ao passo que um odor pútrido de cadáver enchia o salão, imune a qualquer ventilação.

O esqueleto ergueu-se e percorreu a sala com passos compridos e hesitantes, quase tropeçando, mas sempre recuperando o equilíbrio. O Dr. de Souza, para se certificar da sua realidade, tocou-lhe os ossos duros e oleosos, sentindo um choque que lhe estremeceu os nervos, antes de voltar ao lugar. O médium contorcia-se na cadeira e só podia ser contido com dificuldade. Outros presentes, encorajados pelo exemplo do Dr. de Souza, ergueram-se um a um para tocar aquele lúgubre símbolo da morte. Todos ficaram abalados; o odor persistiu. Durante a contagem do tempo, o esqueleto começou a desintegrar-se lentamente a partir dos pés, até só restar o crânio a flutuar, silencioso, que depois caiu sobre a mesa.

Tudo isto sucedeu às nove e quarenta e cinco da manhã, à luz do dia, sob condições controladas quase como se houvesse polícia a vigiar, na presença de inúmeras pessoas letradas, e durou vinte e dois minutos contados.

Enquanto os presentes ainda comentavam o sucedido, o médium agitou-se de novo e disse ver na sala a figura do bispo José de Camargo Barros, perdido no naufrágio do Syrio. Interrompeu-se todo o ruído e Mirabelli foi submetido a nova

vigilância, desta vez por Ataliba de [O.] Aranha e Odassio Sampaio. Um aroma de rosas encheu o recinto enquanto o médium recaía em transe.

De súbito, formou-se no círculo uma névoa fina, que se adensou e cintilou como uma nuvem dourada, da qual, à medida que se contavam os minutos, emergiu gradualmente uma figura sorridente, ostentando a mitra episcopal e as insígnias completas de bispo. Erguendo-se da cadeira, anunciou em voz alta e audível a todos: "Dr. José de Camargo Barros". Os presentes certificaram-se de não se deixarem iludir. O Dr. de Souza aproximou-se sem receio, examinou-o com cuidado — tocou-lhe o corpo e os dentes, sentiu-lhe a saliva, ouviu o batimento cardíaco e a respiração, encostou o ouvido ao abdómem para confirmar o funcionamento dos órgãos, inspecionou unhas, globos oculares e capilares — e regressou ao seu lugar convicto de que era a figura de um homem real.

Os restantes testemunhos seguiram o exemplo do Dr. Ganymed de Souza, e o misterioso visitante portou-se da mesma forma atenciosa com todos. Ninguém nutria dúvidas de que se tratasse de uma brincadeira frívola: estava diante deles um ser humano com órgãos normais que se mostrava perfeitamente vivo. O bispo conversou com os presentes em português puro e refinado e, por fim, disse: "Agora observem-me com atenção enquanto desapareço." Com estas palavras, aproximou-se da cadeira onde o médium ainda permanecia em transe profundo, e todos os espetadores acompanhavam cada gesto, ansiosos por assistir à parte mais fascinante do fenómeno — a desmaterialização.

Ao chegar junto de Mirabelli, cujo transe não se alterara, o bispo inclinou-se sobre ele, pousou-lhe as mãos e ficou em silêncio por alguns instantes, rodeado pelos assistentes formando um círculo. O corpo materializado contraiu-se em espasmos repetidos e começou então a reduzir-se gradualmente. O médium, encharcado em suor frio, respirava com um ruído estridente. A visão contraiu-se até ter cerca de trinta centímetros de altura e, num súbito indescritível, desvaneceu-se. Logo voltou a encher-se a sala o perfume intenso e suave de rosas, e Mirabelli recuperou lentamente a consciência. A inspeção posterior não encontrou qualquer explicação natural para o sucedido.

Em Santos, sede da Academia, realizou-se uma sessão às três e meia da tarde, cujo relatório foi confirmado por sessenta assinaturas. Primeiro surgiu a aparição de uma mulher que conversou com os presentes e depois desapareceu. Passados alguns minutos, um sino ergueu-se no ar e tocou em sons prateados.

Mirabelli despertou do transe e afirmou ver ao seu lado, junto à mesa, uma figura imponente vestida de linho branco, envolta numa aura luminosa. Enquanto o sino tocava incessantemente no ar, vários espetadores, que antes se mantiveram distantes, aproximaram-se do círculo formado pelo comité investigador.

Então ouviu-se o cair firme de um cabedal no chão e, logo a seguir, o coronel Soares e o Dr. Octávio Moreira Cavalcanti anunciaram a presença do saudoso Dr. Bezerra de Menezes, famoso médico hospitalar, já falecido. A aparição voltou-se para os espectadores, apresentou-se e assegurou-lhes a sua presença; a linguagem e o ar resoluto causaram forte impressão. A sua voz projetou-se por toda a sala através de megafone, e foram obtidas várias fotografias da visão.

Os Drs. Assumpção e Mendonça aproximaram-se então da figura velada e submeteram-na a um exame de quinze minutos, confirmando tratar-se de um ser humano anatomicamente normal, dotado de todos os seus órgãos naturais, facto atestado pelas assinaturas dos estudiosos presentes. Depois de cumprimentar os participantes, a aparição anunciou que iria desaparecer. Elevou-se no ar como um avião: os pés sumiram primeiro, depois as pernas e o abdómen, restando apenas o tórax, os braços e a cabeça. O Dr. Archimedes Mendonça, que tinha acompanhado o processo com intenso interesse, aproximou-se do torso ainda materializado e, ao tentar tocá-lo, caiu inconsciente no chão. Quando regressou à consciência numa sala adjacente, declarou ter sentido entre os dedos uma substância pegajosa antes de perder os sentidos.

Mirabelli acordou extenuado e encontraram-se intactas as suas amarras, bem como os selos das portas e janelas. O relatório do comité investigador inclui trinta e quatro ilustrações: as três primeiras mostram as condições do experimento, a forma como o médium foi amarrado e a supervisão exercida; há ainda dezoito fotografias das materializações, muitas delas captando simultaneamente a figura materializada e o médium. N algumas, a aparição surge isolada e noutros registos encontra-se sentada à mesa com o médium e os investigadores, parecendo um elemento vivo do comité.

Como observa com acerto o editor da Zeitschrift für Parapsychologie, "perante o testemunho de um conjunto tão vasto de observadores e uma investigação tão rigorosa, não podemos ignorar esta prova extraordinária da autenticidade dos fenómenos mediúnicos".

Se analisarmos o relatório relativo aos fenómenos produzidos por Mirabelli à luz das leis do Od expostas neste livro, compreendemo-los sem dificuldade. Tudo decorre segundo leis imutáveis, seja na Europa, na América ou em qualquer outro continente, seja em épocas antigas ou modernas. A aparição dos três homens a Abraão, a materialização do anjo Rafael a Tobias, a aparição de Cristo após a ressurreição e inúmeras outras materializações espiritualistas obedeceram às mesmas leis que governaram as materializações de Mirabelli.

A única diferença está no facto de, nas materializações dos elevados espíritos divinos, a fonte do Od não ser mencionada, enquanto nas materializações ocorridas no Brasil o médium foi a principal fonte de Od, cabendo aos participantes espiritualmente dotados contribuírem sem necessidade de transe. Já se destacou que, quando os altos espíritos são convocados para transmitir mensagens a mando de Deus, dispõem de Od em quantidade ilimitada, não dependendo dos médiuns humanos; contudo, as leis da comunicação mantêm-se as mesmas.

Os vários espíritos que utilizam Mirabelli como instrumento são responsáveis pelos seus discursos e escritos em línguas que lhe são alheias e pelos mais diversos temas. Os aportes realizam-se pela ação do mundo espiritual que, com o Od do médium, gera as correntes de energia necessárias à dissolução e recondensação da matéria. As materializações e desmaterializações obedecem a esse mesmo processo, que utiliza o Od e a substância física do médium. Infelizmente, o excerto alemão do relatório brasileiro não especifica quanto peso perdeu o médium durante as materializações.

Os choques sentidos ao tocar em aparições em desmaterialização devem-se às correntes de Od que operam esse processo; se alguém tocasse numa materialização em formação, sentiria a mesma influência. Uma vez concluída a materialização, as correntes são interrompidas e as aparições podem ser tocadas sem efeitos adversos.

A presença nos espíritos materializados de todos os órgãos humanos explica-se pelo fato de que o espírito possui esses órgãos em forma espiritual; basta condensá-los com o Od humano até torná-los visíveis no corpo material. O mesmo aconteceu com Mirabelli quando desapareceu da sala selada e foi depois encontrado noutra divisão: a dissolução do corpo material em corporalidade Ódica, transportada e reconstituída conforme as mesmas leis que regem as materializações espirituais.

O aroma suave dos espíritos elevados, em contraste com o odor cadavérico que acompanha os espíritos inferiores, esclarece-se pelo que foi explanado no capítulo sobre o Od: enquanto os altos espíritos emitem fragrâncias agradáveis, os espíritos de baixa vibração exalam odores repulsivos que denunciam a sua natureza.

Clarividência à beira da morte. (Zeitschrift für Parapsychologie, 1927, pp. 475–477) Um homem de São Francisco relata as visões que teve durante cinco horas junto ao leito da esposa moribunda. Eis o seu testemunho:

"Seria eu vítima de ilusão ou teria de súbito adquirido clarividência nas cinco horas que antecederam o falecimento da minha mulher? Hoje, para mim, essa é uma questão sem resposta satisfatória, e provavelmente jamais a terei. Antes de narrar este episodio, importa ao leitor saber que, no meu caso, bebidas alcoólicas, cocaína ou morfina estão totalmente fora de questão; não sou nada suscetível nem visionário. Pelo contrário, reputam-me equilibrado, calmo e ponderado, e sou profundamente cético em relação a tudo o que diga respeito ao espiritualismo.

"Como todos os meus amigos sabem, a minha mulher faleceu na sexta-feira, 23 de maio de 1902, quinze minutos antes da meia-noite. Alguns dos meus mais próximos confidentes congregaram-se ao seu leito, juntamente com o médico e duas enfermeiras registadas. Sentei-me ao lado da paciente, segurando-lhe a mão direita, e assim passaram-se duas horas sem qualquer mudança visível. O mordomo entrou para anunciar que o jantar estava servido, mas ninguém tinha apetência para comer. Cerca das 18h30, pedi insistentemente aos meus amigos que se alimentassem, pois não sabíamos quanto tempo duraria a nossa vigília, após o que todos saíram do quarto.

"Quinze minutos depois, olhei involuntariamente para a porta e vi três camadas distintas de nuvem a flutuar para dentro do quarto. Cada véu media cerca de um metro e vinte de comprimento por quinze a vinte centímetros de largura; a camada mais baixa pairava a sessenta centímetros do chão, as outras mantinham um espaço de quinze centímetros entre si. Pensei, num primeiro instante, que os meus amigos estivessem a fumar do lado de fora, e que o fumo dos seus charutos se infiltrava no quarto. Levantei-me para protestar, mas não havia ninguém junto à porta, nem se via alguém no corredor ou na divisão contígua.

"Tomado pelo espanto, voltei o olhar para as nuvens. Elas deslizaram silenciosamente até ao leito e envolveram-no por completo. Enquanto as

observava, à cabeceira da minha mulher vi surgir uma figura feminina translúcida, mas brilhante, como um raio de ouro vivo, de cerca de um metro de altura — uma criatura de tal sublime beleza que me faltam as palavras para a descrever em detalhe. Vestia uma túnica grega de mangas largas e pendentes, e ostentava sobre a cabeça uma coroa radiante. Permaneceu imóvel, irradiando esplendor e serenidade, com as mãos erguidas sobre a minha mulher, num gesto acolhedor e pacífico. Duas outras entidades de branco ajoelharam-se ao lado do leito, apoiando-se na mulher. Outras, mais ou menos nítidas, flutuavam acima da cama.

"Acima da minha mulher, mas ligando-se a ela por um cordão [Ódico], pairava uma figura nua e esbranquiçada, aparentemente o seu corpo Ódico. Durante algum tempo esta forma permaneceu imóvel; depois encolheu-se até medir cerca de quarenta e cinco centímetros de altura. O corpo Ódico estava completo, com braços e pernas perfeitamente formados. À medida que encolhia, debatia-se, batendo membros contra si próprio, como se lutasse por libertar-se. Debruçava-se de um lado para o outro até exaustão, no que parecia um esforço contínuo para romper o laço que ainda o prendia ao corpo físico; então, acalmava, aumentava de novo de tamanho e o processo recomeçava.

"Esta visão, ou o que quer que fosse, manteve-se diante de mim, ininterrupta, durante as cinco horas que precederam o último suspiro da minha mulher. As breves interrupções — quando falava com os amigos, fechava os olhos ou virava a face — não afetavam o fenómeno; bastava olhar de novo para o leito para encontrá-lo intacto. Durante todo esse tempo senti uma opressão estranha: peso na cabeça e nos membros, olhos pesados de sono. As sensações eram tão invulgares, e as aparições tão vivas e constantes, que temi perder a sanidade. Disse várias vezes ao médico: 'Doutor, está a ver? Estou a enlouquecer.'

"O momento fatal chegou por fim. Um último suspiro, o corpo Ódico remexeu-se, a minha mulher cessou de respirar. Pareceu-me morta, mas instantes depois voltou a inspirar. Após dois suspiros, tudo se aquietou. No instante do último ar retirado, o cordão rompeu-se e o corpo Ódico desvaneceu-se. As nuvens e as figuras espirituais desapareceram também, e, curiosamente, a sensação de peso que me oprimira se dissipou de imediato. Tornei-me eu próprio de novo, equilibrado, calmo e lúcido, e a partir do momento da sua morte pude tratar de todos os pormenores relativos ao corpo e ao funeral.

"Deixo ao leitor a tarefa de decidir se fui vítima de alucinação induzida pela dor, pelo luto e pelo cansaço, ou se os meus olhos mortais tiveram o privilégio de vislumbrar o mundo espiritual em toda a sua beleza, felicidade, repouso e paz."

As experiências descritas não foram alucinações, mas perceções reais. O marido pôde ver as figuras espirituais porque se cumpriram duas condições: em primeiro lugar, ele possuía uma predisposição mediúnica para a clarividência, ainda que pouco desenvolvida; em segundo lugar, havia Od suficiente na sala para tornar visíveis os corpos espirituais. A principal fonte desse Od era a própria moribunda, pois, no momento da morte, o Od liberta-se do corpo. O marido, por via da sua sensibilidade mediúnica, também contribuiu com força Ódica, o que explica a opressão, o sono e o cansaço que o afligiram até as aparições desaparecerem — então, o Od regressou ao seu corpo, e as sensações intrusivas se esfumaram. O Od manifestou-se sob forma de nuvens que envolveram todo o leito, das quais se condensaram as figuras espirituais. A incapacidade de distinguir nitidamente todas as entidades deveu-se à quantidade limitada de Od disponível, insuficiente para lhes conferir igual visibilidade.

Espíritos do Além acompanham todos os moribundos, geralmente amigos e familiares já falecidos, bem como as entidades que, ao longo da vida, lhes prestaram proteção e guia. Muitos agonizantes são eles próprios capazes de ver tais espíritos, pois, nas horas finais, o espírito liberta-se parcialmente do corpo e adquire visão espiritual, reconhecendo as almas que o aguardam e chamando-as pelo nome. Esses espíritos não apenas acompanham o moribundo na travessia, mas auxiliam-no a libertar o seu espírito do invólucro físico.

Sempre que vários espíritos se reúnem com um propósito definido, há um líder a coordenar os trabalhos. No episodio narrado, a figura feminina sublime que o marido viu acima da esposa exercia esse papel de supervisora das operações. A forma esbranquiçada e nua observada a debater-se sobre o corpo era o corpo Ódico da agonizante. Os contorcionismos resultavam do esforço do espírito, já livre em grande parte, por romper o cordão Ódico que ainda o ligava ao corpo físico — cordão esse que o marido também viu nitidamente. A sua robustez torna-o de difícil rompimento.

Casos especiais de clarividência. (Zeitschrift für Parapsychologie, 1926, pp. 22–25) Num artigo desta revista, o professor Oesterreich descreve vários episodios de clarividência observados na sua paciente, Maria Reyes de Z., pelo médico Dr. Pagenstecher, radicado no México. Posteriormente, esses mesmos

casos foram investigados e confirmados pelo americano Mr. Prince. Segundo Oesterreich:

"Os fenómenos estudados por Pagenstecher e Prince centraram-se sobretudo em clarividência e psicometria. Os ensaios realizados revelaram-se absolutamente convincentes, e é sem dúvida esse carácter notável que levou Pagenstecher — oriundo da escola materialista — a tornar-se, pelas suas próprias observações, crente na existência de tais fenómenos. Ele partilhou então as suas experiências na Associação Mexicana de Médicos, onde alguns colegas torceram o nariz, chegando a duvidar da sua sanidade mental. Ainda assim, formou-se um comité que acabou por confirmar a correção das suas observações."

Que factos, então, se apuraram no caso da clarividente — ou melhor, da clairsentiente — Maria Reyes de Z.?

a. Numa determinada ocasião, ela sentiu exatamente as mesmas sensações que o Dr. Pagenstecher sentia ao sentar-se frente a ela: tinha a impressão de estar dentro do organismo dele, embora isso só se verificasse enquanto o Dr. Pagenstecher se mantivesse a menos de três metros de distância.

b. Nessas alturas, via uma radiação colorida e uma faixa luminosa que a ligava diretamente a Pagenstecher.

c. Quando lhe entregaram um fragmento de meteorito, experimentou a sensação de voar pelo espaço—atravessando alternadamente regiões de intenso calor e de frio extremo—e de cair em abismos sem fundo.

d. Foi-lhe entregue uma carta de um autor desconhecido, mas ela sentiu, viu e descreveu exatamente o que acontecera durante o naufrágio de um navio, delineando a personalidade do remetente com a mesma precisão que teria se estivesse a observá-lo no convés. Sentiu igualmente o afundar-se no oceano e o emergir de novo à superfície; a carta, selada numa garrafa, tinha sido recolhida em alto mar.

A explicação dos incidentes aqui relatados encontra-se no capítulo que trata da lei da força Ódica. O Od é o veículo não só das sensações físicas, mas também de todas as sensações espirituais. Visto que o espírito de um ser vivo é o portador da sua força Ódica, todos os pensamentos e sentimentos do espírito manifestam-se em vibrações correspondentes do Od. Ao mesmo tempo, as vibrações Ódicas de um ser vivo são influenciadas não apenas pelos

pensamentos e pelos humores do seu próprio espírito, mas também pelas radiações Ódicas de outros seres vivos cujas emissões consigam atingi-lo.

Quando, portanto, indivíduos "clarissensitivos" entram em contacto suficientemente próximo — por qualquer forma que seja — com a radiação Ódica de outra pessoa, passam a sentir em si próprios as sensações dessa pessoa. Esta é a lei que explica a capacidade de certos indivíduos de "entrar em sintonia" (empatizar) com os sentimentos, o carácter, os afetos e o destino dos outros.

Assim, quando a mulher clarissensitiva experimentou as sensações do Dr. Pagenstecher como se se encontrasse dentro do organismo dele, foi porque a sua radiação Ódica transmitia-lhe essas impressões. No caso dele, o alcance efetivo dessa radiação era de apenas três metros; para além dessa distância, não possuía força suficiente para influenciar as vibrações Ódicas da mulher. Sempre que os clarissensitivos vivenciam as sensações alheias, encontram-se num estado que se assemelha a um transe parcial, no qual o seu próprio espírito se separa em certa medida do corpo.

A faixa colorida de Od que a mulher via a ligá-la a Pagenstecher correspondia à sua radiação Ódica a propagar-se até ela. O facto de todas as radiações Ódicas terem cor foi também evidenciado na secção sobre o Od: a cor depende das vibrações Ódicas, tal como o som, o olfato, o paladar e o tato, e todas as outras expressões da vida, cuja força motriz é sempre o espírito. Tudo isto se encontra intimamente interligado.

Um meteorito também é um ser vivo, pois existe um espírito em tudo o que existe. Por isso, o meteorito possui vibrações Ódicas características que, enquanto voa pelo espaço, são influenciadas pelas vibrações Ódicas dos corpos celestes, bem como pelo seu mergulho em profundidades insondáveis. Todas as vibrações Ódicas de um ser vivo deixam impressões no seu Od, de modo análogo às marcas que um cantor grava num disco fonográfico, permitindo que essas vibrações sejam sempre reproduzidas posteriormente.

O mesmo processo que ocorre, de forma mais material, num disco fonográfico sucede espiritualmente quando pessoas clarissensitivas "reproduzem eventos" após estabelecerem contacto suficientemente próximo com o registo Ódico de um ser vivo: as vibrações reproduzem-se no seu próprio Od, gerando as mesmas sensações que estão gravadas no registo original. Isto explica também a capacidade da médium clarissensitiva de Pagenstecher de ver o destino e a personalidade do autor da carta a bordo do navio em naufrágio.

Acresce que o registo Ódico de um espírito se assemelha não só a um disco fonográfico, mas também a uma placa fotográfica, e por isso reproduz não apenas as sensações, mas também a imagem da pessoa que emitiu as radiações Ódicas, visto que a imagem, tal como as sensações, resulta de vibrações Ódicas. De modo semelhante, as nossas invenções mais recentes procuram permitir-nos ver, através do telefone, as pessoas com quem falamos — também isso se baseia em vibrações Ódicas, sendo os processos físicos uma condensação mais material e os processos espirituais uma condensação espiritual.

Durante os experimentos, Pagenstecher e a sua médium clarissensitiva registaram uma perda média de peso de 100 gramas. Isto explica-se facilmente, pois toda entrega de Od acarreta perda de peso. No caso de Pagenstecher, deveu-se ao facto de ter irradiado uma grande quantidade de Od para a médium; por seu turno, nela ocorreu uma perda correspondente ao receber e processar espiritualmente essas impressões Ódicas. Todo o trabalho — espiritual ou de outra natureza — implica um certo consumo de Od, tal como reproduzir um disco fonográfico exige energia suficiente para fazê-lo rodar à velocidade adequada de forma a reproduzir os sons gravados.

Assim, todo o trabalho realizado por um ser humano envolve a libertação de Od, o que se traduz numa redução de peso. Se nos pesarmos antes e depois de trabalhar, veremos que o nosso peso diminui proporcionalmente ao esforço, mental ou físico, mesmo que não haja ocorrências de eliminações corporais nesse intervalo. Até os magnetopatas, que tratam os pacientes por magnetização e, nesse processo, emitem parte do seu Od, sofrem uma perda de peso correspondente. Esta explicação abrange todos os fenómenos de clarissensibilidade, independentemente da forma como se manifestem.

PARTE QUATRO
MENSAGENS DO BOM MUNDO ESPIRITUAL SOBRE AS QUESTÕES DA RELIGIÃO

Observações Introdutórias

E todos serão ensinados por Deus. (João 6:45)

Os ensinamentos que recebi, relativos às leis que regem a comunicação espiritual com a Criação material, bem como todas as minhas experiências pessoais nesse domínio, lançaram tanta luz sobre os eventos narrados na Bíblia — que até então me eram incompreensíveis — que todas as obscuridades se dissiparam. Além disso, permitiram-me compreender muitos outros episódios extraordinários de que, mais tarde, vim a ouvir ou a ler.

Contudo, as grandes questões religiosas eram o que mais me preocupava. Foi em relação a elas que mais ansiei obter certezas. Eu era clérigo e dedicara a minha vida à instrução religiosa dos meus irmãos de fé. Por isso, era natural que o meu maior interesse se centrasse em descobrir se tudo em que acreditara e o que ensinara até então correspondia à verdade, ou se, entre os dogmas da minha igreja, existiria algum em contradição com ela.

Embora mal pudesse prever que tais discrepâncias seriam tão numerosas e amplas quanto depois, para meu grande espanto, as descobri, estava desde o princípio preparado para encontrar algumas divergências.

Anos mais tarde, li que a própria Igreja Católica e autores católicos, ao escreverem sobre "espiritualismo", emitiram veementes advertências contra o chamado "espiritualismo de revelação", isto é, precisamente contra aquilo que qualquer sincero buscador da verdade mais desejaria. Quem, tal como eu, conduzia sessões espiritualistas genuínas como verdadeiros atos divinos, ao estilo dos primeiros cristãos, não procurava fenómenos tão interessantes quanto possível — esse é o objetivo das sessões ocultistas comuns.

Eu queria, sim, estabelecer contacto com o mesmo bom mundo espiritual que instruiu o povo dos tempos bíblicos. Foi desse mundo espiritual que esperei aprender a verdade acerca das questões mais vitais da vida humana, esclarecendo as relações entre o Aqui e o Além. Tudo o resto me parecia secundário.

Olhando para a questão do ponto de vista das "igrejas", compreendi por que advertiam contra um "espiritualismo de revelação" tal como o praticava:

porque, uma vez admitida a possibilidade de o ser humano ser iniciado na verdade plena por comunicação direta com os espíritos de Deus — mesmo hoje em dia —, começam a abalar-se os fundamentos das igrejas. Face aos seus credos contraditórios, as igrejas arriscariam perder adeptos, pois a humanidade deixaria de depender do clero na busca da verdade e possuiria, através do seu contacto com o mundo espiritual divino, o mesmo caminho direto para a fonte da verdade que tiveram os povos das Sagradas Escrituras.

É o instinto de sobrevivência que leva as igrejas a oporem-se ao espiritualismo em geral e ao "espiritualismo de revelação" em particular. A batalha que travam é a mesma que Herodes escolheu enfrentar em defesa do seu reino, ao saber do nascimento do Rei dos Judeus.

Todavia, a luta das igrejas contra a comunicação espiritual divinamente ordenada será tão vã quanto foi a batalha de Herodes contra o emissário de Deus. A verdade de que o bom mundo espiritual pode comunicar-se com os seres humanos e esclarecê-los sobre as grandes e importantes questões do Além, independentemente de qualquer igreja ou clero, há de prevalecer junto da humanidade. E, no que toca às igrejas, sucederá um dia o que se disse delas: "Porque os que buscaram a vida da criança estão mortos." (Mateus 2:20)

"O que hoje as igrejas pregam às massas ignorantes não é a verdade. As respostas que o mundo espiritual de Deus dá a perguntas sobre Deus, a Criação, o seu destino, a Redenção, Cristo, a sua vida e obra, a igreja e os sacramentos, o céu e o inferno, a origem e o fim de toda a Criação diferem grandemente do que as igrejas atuais ensinam.

DEUS

"Podereis alcançar os princípios originais de Deus ou sondar o infinito do Todo-Poderoso? (Jó 11:7) Queres que eu te esclareça acerca de Deus, mas que posso eu dizer-te que compreendas? Não entendes sequer as criaturas mais insignificantes que vos rodeiam; não vos entendeis a vós próprios. Não percebeis a pedra mais miúda à beira do caminho, nem o verme mais desprezível dos campos. Sois completamente ignorantes dos objetos mais vulgares que tendes diante dos olhos, e ainda assim pedis-me que ensineis algo de natureza puramente espiritual! Isso é impossível, visto que vos faltam todos os conceitos necessários para apreender essas verdades supremamente elevadas. 'Pois o corpo efémero pesa sobre a alma, e o corpo terreno sobrecarrega o espírito pensante. Mal compreendes o que está sobre a terra e só com grande esforço

encontras as coisas que te parecem tão óbvias. Mas quem penetrará nos segredos do que há nos céus?' (Sabedoria 9:15-16)

"Só uma coisa cada um de vós pode deduzir por si mesmo, através do raciocínio lógico: deve haver alguma Causa para a existência de tudo quanto existe na Criação. Tal como é impossível conceber um relógio sem supor a existência de um relojoeiro, assim é impossível conceber o mais grandioso e maravilhoso dos instrumentos temporais — o Universo — sem reconhecer a existência de um Grande Artífice que o construiu com os seus triliões de engrenagens, todas elas tão perfeitamente ajustadas e a funcionar de modo tão exato que os astrónomos de hoje podem calcular as posições relativas dos corpos celestes com precisão para milhares de anos vindouros.

"O Criador deste instrumento do tempo, cuja grandeza escapa à mente humana, vós chamais 'Deus'. Deveria, pois, ser óbvio a todos que Deus é inevitável, e só os tolos dizem em seu íntimo: Não há Deus. (Salmo 14:1)

"Quanto à natureza de Deus, porém, isso não posso explicar-vos, assim como não posso explicar a Causa da existência Divina. Seria como tentar ensinar os cálculos de uma órbita planetária a uma criança de quatro anos, que naturalmente ignora astronomia, matemática e todas as fórmulas e equações envolvidas. Se mesmo os vossos maiores astrónomos levam anos a calcular a orbita de um único astro, alguém que nada saiba desses princípios ficaria louco se tentassem incutir-lhe ideias que estão inteiramente fora do seu alcance de compreensão. Do mesmo modo, seríeis levados ao desvario se eu tentasse preencher as vossas mentes com conceitos completamente incompreensíveis e que o vosso entendimento não consegue assimilar.

"Tu próprio te verias forçado a admitir: "Tal saber é demasiado maravilhoso para mim; não o posso compreender." (Salmo 139:6) Para além do que já sabeis acerca de Deus, pouco mais posso dizer-to. O teu próprio raciocínio ensina-te que Deus é um espírito criador, dotado de vontade, que ordena todas as coisas com sabedoria; mostra-vos igualmente a Sua onipotência, sabedoria e grandeza, na medida em que a mente humana é capaz de apreendê-las. As Escrituras esclarecem-vos ainda sobre a forma como Ele governa o mundo, sobre as Suas maravilhas e o Seu amor e misericórdia para com as Suas criaturas. Tudo o que posso fazer é dar-vos uma explicação mais precisa das verdades contidas na Sagrada Escritura relativamente a Deus e chamar a vossa atenção para interpretações erradas presentes nos ensinamentos dos vossos diversos credos acerca de Deus e dos Seus atributos.

"O facto de Deus ser espírito é algo em que todas as religiões concordam, e para o que tendes a própria palavra de Cristo: 'Deus é espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade.' (João 4:24) Um ponto em que, porém, não concordam é que este espírito supremo tem forma. Muitos julgam que a forma se associa apenas à matéria, e não ao espírito. Isso é errado. O mundo material é uma cópia do mundo espiritual, e como todas as coisas materiais têm forma e feição, assim também as têm todas as coisas espirituais, inclusive Deus. De facto, não existe nada que não possua forma, seja no mundo material, seja no espiritual. A beleza é a perfeição da forma, e isso vale tanto para o plano espiritual como para o material. Deus é a perfeição da beleza e, portanto, também a perfeição da forma.

"Deus, como ser integral, pensante e planeador, é uma personalidade, e não pode haver personalidade—um 'eu'—sem forma e figura.

"Deus, na Sua condição de espírito supremo, difere de todos os espíritos criados, e a diferença só é possível quando existem traços distintivos. Mais uma vez, esses traços só existem onde há forma e figura. Por possuir forma, Deus pode ser visto pelos outros espíritos. Todos quantos se dirigem a Ele O verão face a face, tal como Ele é. Foi por isso que Moisés implorou a Deus para viajar pessoalmente com o povo de Israel: 'Se tu não fores comigo, não nos faças sair daqui.' (Êxodo 33:15)

"E o Senhor disse a Moisés: 'Também esta tua petição te concederei.' (Êxodo 33:17) E Moisés voltou a perguntar: 'Mostra-me, peço-Te, a Tua face.' … Mas Deus disse: 'Não podes ver o meu rosto; porque o homem não verá a mim e viverá.' (Êxodo 33:18-20) Logo, Deus tem figura e rosto, e pode ser visto pelos espíritos, embora não pelos olhos humanos.

"Porquanto Deus possui personalidade e forma, não está presente em todo o lugar no sentido em que vós entendeis a palavra 'onipresença'. É verdade que Ele está a par de todas as coisas e de todos os eventos através da força que d'Ele emana, pois tudo o que existe deve o seu ser, a sua subsistência e as suas funções exclusivamente à força que Deus difunde. 'Em Deus vivemos, nos movemos e existimos.' Pela Sua potência, Ele mantém contacto com tudo o que há; nada pode escapar à Sua influência. Mas, enquanto espírito personificado, Ele não está em todo o lado.

"Por isso rezais: 'Pai nosso, que estás nos céus.' 'O Senhor olha desde os céus e contempla todos os seus filhos humanos; do Seu trono examina todos os habitantes da terra, Aquele que formou os corações de todos e dá atenção a

tudo o que fazem.' (Salmo 33:13-15) 'O Senhor olha dos céus para os filhos do homem, para ver se há alguém que entenda, que busque Deus.' (Salmo 53:2) E acerca da habitação de Deus lê-se: 'Há um rio, cujos ribeiros alegram a cidade de Deus, a santa habitação do Altíssimo. Deus está no meio dela; não será abalada.' (Salmo 46:5-6)

"O que a Sagrada Escritura vos diz sobre Deus em tantos lugares não é figurado nem alegórico, mas verdadeiro, com a diferença de que aquilo que entendeis em sentido material do que está escrito é espiritual no que respeita a Deus. O trono de Deus e a habitação de Deus existem realmente. Deus pode visitar todas as partes da Criação em pessoa. É verdade quando diz a Bíblia: 'Quando Deus acabou de falar com Abraão, deu-Se por acabado e subiu aos céus.' (Génesis 17:22) Certamente conheceis as muitas passagens bíblicas que falam das idas e vindas de Deus.

"Não posso sequer começar a explicar-vos quão maravilhosamente Deus planeou o governo do Universo, pois isso ultrapassa em muito os limites da compreensão humana. Não conseguis imaginar que os espíritos de Deus vigiam cada ser vivo e que tudo o que acontece Lhe é relatado. Assim, nada pode ocorrer sem que Deus o saiba, e por isso O considerais omnisciente. Neste ponto, estais corretos, embora em certo aspeto exagereis a Sua onisciência, talvez por receio de menosprezar a Sua grandeza. Ensinais, nomeadamente, que Deus sabe também quais serão as decisões futuras dos homens feitas por livre vontade, mas, nesse ponto, estais mal informados.

"Deus sabe tudo quanto aconteceu no passado e tudo quanto acontece no presente. Conhece todo o pensamento. Quanto ao futuro, conhece os destinos que Ele próprio planeou para as Suas criaturas, mas não tem pré-conhecimento dos acontecimentos futuros que elas próprias vierem a moldar pelo exercício da sua liberdade de vontade. Ele não sabe de antemão o que uma criatura Sua fará de livre vontade em todas as circunstâncias. Por isso, Ele testa as Suas criaturas. Fazer de outro modo seria supérfluo e sem propósito, se o resultado do teste fosse conhecido de Deus com antecedência, e Deus nada faz sem propósito.

"Além disso, qualquer pré-conhecimento por parte de Deus de ações controladas pelas Suas criaturas teria de assentar em leis que tornassem essas decisões futuras obrigatórias e, assim, eliminassem o livre arbítrio. Afirmar que algo ocorrerá como exercício livre da vontade e, simultaneamente, ser predestinado, constitui por si mesmo uma contradição. Qualquer coisa de que Deus tivesse conhecimento certo teria de acontecer necessariamente, pois até o

conhecimento divino está sujeito a leis eternas — logo, a lei de que 2 vezes 2 é 4 aplica-se a Deus tanto como a qualquer outro espírito.

"Na ausência de qualquer fundamento, não pode haver conhecimento nem pré-conhecimento, nem mesmo por parte de Deus, pois Ele próprio está vinculado ao axioma: 'Nada existe sem causa.' Se Deus soubesse com certeza como as Suas criaturas agirão livremente no futuro, teria de existir uma razão para esse conhecimento; e a única razão possível seria que Deus influenciasse de tal forma esse exercício de vontade que só uma via restante fosse possível. Isso, porém, eliminaria qualquer liberdade de escolha por parte das Suas criaturas.

"A ignorância de Deus quanto a decisões futuras a serem livremente tomadas pelas Suas criaturas não indica imperfeição alguma da Sua parte. É a consequência necessária da liberdade de vontade, o maior dom que Deus poderia oferecer às Suas criaturas. Tal como há coisas que Deus não pode fazer por serem contraditórias — por exemplo, nem Ele pode fazer 2 vezes 2 igualar 5 —, assim também não pode criar um agente livre cujas ações futuras consiga prever com absoluta certeza, pois nesse caso essas ações estariam obrigadas a ocorrer. Liberdade de escolha e coerção para agir de certo modo são duas realidades em conflito inerente, e a certeza absoluta de que um evento ocorrerá liga-se sempre à necessidade absoluta de que esse evento ocorra.

"Este é um axioma que nenhum dos vossos teólogos pode refutar, por muitos livros que escrevam em sentido contrário. As suas conclusões são falácias que apenas confundem a humanidade. Estão totalmente enganados ao afirmar que, para Deus, só existe o presente, que para Ele não há futuro, e que tudo quanto vai acontecer, inclusive as ações voluntárias das Suas criaturas, é um facto consumado aos Seus olhos e, por isso, Lhe é conhecido. Tal como uma casa que planeies erguer não está ainda construída, também não são factos consumados com Deus os acontecimentos futuros. Acrescento que a própria ideia de liberdade de escolha implica a questão de saber se os eventos dependentes dessa escolha acontecerão ou não, e, em caso afirmativo, de que modo acontecerão.

"Sabei que vos digo a verdade em tudo isto, assim como em todo o resto. Tendes provas abundantes de que sou um espírito veraz. Para isso, tenho o meu juramento, prestado em nome do Todo-Poderoso, o verdadeiro Deus. Quando vos afirmo que Deus não conhece de antemão as ações voluntárias dos homens, não diminui a Sua grandeza; sois vós que O desonrais ao ensinar o contrário e, assim, O retratar de forma odiosa, pois há muitos que negam a existência de

Deus justamente porque não conseguem conceber um deus capaz de criar seres, sabendo com certeza absoluta que estariam predestinados à infelicidade eterna.

"Ensinais, embora erroneamente, que os condenados permanecerão eternamente condenados. Segundo essa doutrina, Deus teria criado milhões de seres humanos com a plena e inalterável certeza de que sofreriam tormentos infinitos. Tal divindade não seria um Deus, mas sim um monstro. Nem o pai humano mais desumano enviaria o seu filho para um suplício certo e eterno, e, no entanto, exigis que creiamos que, com o Seu amor infinito, o Pai Celestial seria capaz de uma barbárie que nenhum pai terreno conceberia!

"Lede as Sagradas Escrituras! Elas ensinam que Deus envia as tribulações para testar como os homens agirão sob pressão e que decisões tomarão. 'O Senhor, vosso Deus, prova-vos para saber se amais o Senhor, vosso Deus, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma.' (Deuteronómio 13:4)

"Quando Deus poupou certas nações, permitindo que escapassem às mãos de Josué, a Bíblia explica o motivo assim: 'Estas são as nações que o Senhor deixou para pôr à prova Israel, para saber se obedeceriam aos mandamentos do Senhor, cujo serviço Ele ordenara aos vossos pais através de Moisés: os reis dos filisteus, todos os cananeus, os sidónios, os heveus… Foi por meio deles que Ele quis testar Israel, para ver se cumpririam os mandamentos do Senhor.' (Juízes 3:1-4)

"Do rei Ezequias, que foi fiel a Deus, relata-se: 'Quando apareceram os embaixadores dos príncipes da Babilónia para inquirir acerca do milagre ocorrido na terra, Deus o deixou, para o pôr à prova e saber o que havia em seu coração.' (II Crónicas 32:31)

"Nos Salmos lemos: 'Seus olhos examinam os filhos dos homens; o Senhor prova os justos e os ímpios; ama a justiça e odeia a iniquidade.' (Salmo 11:4-5) E em Provérbios: 'O crisol é para a prata, o forno para o ouro, mas o Senhor prova os corações.' (Provérbios 17:3) E Isaías profetiza: 'Conhecei que Eu vos purifiquei, mas não vos achei prata; crucifiquei-vos no cadinho da aflição.' (Isaías 48:10)

"As tribulações de Jó, como narradas na Bíblia, foram apenas um teste para que Deus avaliasse o comportamento daquele justo na hora da maior angústia.

"Todos os provações a que Deus sujeita os homens seriam mera encenação se o seu resultado já Lhe fosse conhecido de antemão.

"É evidente que Deus, que conhece intimamente as Suas criaturas, pode prever com grande probabilidade qual o caminho que cada uma escolherá, e nós, espíritos, igualmente possuímos essa faculdade em larga medida. Mesmo vós, mortais, se conheceis o caráter de alguém, podeis prever, com razoável certeza, como agirá num dado caso. Mas tudo isso não passa de conjetura e não é o que aqui interessa. Eu falava de um conhecimento infalível e absoluto de uma decisão que depende do livre arbítrio – tal presciência infalível não pertence a nenhum espírito, nem sequer a Deus. Por isso, Deus não poderia prever que alguns, ou muitos, dos espíritos que criou O abandonariam, nem saber de antemão quais o fariam. Ele sabia apenas que existia a possibilidade de tal deserção, em virtude da liberdade que Lhes concedeu.

"Se Deus tivesse posse desse pré-conhecimento certo, como ensinam as vossas doutrinas, de que as Suas criaturas abusariam da liberdade e O desertariam, Ele não as teria criado, mas apenas aquelas cuja fidelidade pudesse assegurar.

"Há ainda outros dois graves erros sobre Deus, presentes nos vossos credos, sobre os quais me limitarei a falar brevemente, pois serão tratados em maior detalhe noutra ocasião. Ensinais que há união de três pessoas numa só divindade, afirmando que são três espíritos, cada um Deus verdadeiro, mas que, unidos, formam apenas um Deus. Essa é a insanidade humana e o maior absurdo. Não há união de três pessoas nem Trindade no sentido que ensinais. Deus é apenas uma única personalidade. Só o Pai é Deus. Todos os outros espíritos santos são criaturas de Deus. Nenhum deles é igual ao Pai.

"Além disso, pregais um Deus que inflige punição eterna e falais de um inferno perpétuo. O inferno não é eterno. Deus é amor. Ele não condena nenhuma criatura de modo irremediável. Todos os que Lhe voltaram as costas acabarão por regressar a Ele. Essa é a verdade, e prová-la-ei noutra ocasião.

DEUS, A SUA CRIAÇÃO E O SEU DESTINO

"Mas Tu dispuseste todas as coisas com medida, número e peso, pois és poderoso em tudo o que criaste." (Sabedoria 11:20-21)

"Deus é espírito, e tudo quanto Ele criou é espírito. Foi à Sua imagem que chamou à existência espíritos em número infinitamente vasto, muito além de qualquer cifra concebida pelo homem.

"De que modo o Deus infinito e omnipotente criou o mundo espiritual, não podereis compreender nem que Eu tentasse explicar-vos. Esse conhecimento não é necessário ao homem nem útil para o bem de sua alma. Basta que ele saiba a sua posição em relação à Criação de Deus; disso pode entender por que foi colocado na Terra e quais as tarefas que deve cumprir durante a sua estadia neste mundo. É para vos ensinar estas coisas que vos falo da Criação.

"Deus não criou o mundo espiritual de uma só vez. Deus é o grande Criador que, respeitando leis concebidas com sabedoria infinita, faz dos poucos elementos muitos, de um único elemento milhares, de uma semente a árvore cujas sementes, por sua vez, geram novas árvores, e edifica a família não trazendo pais e filhos simultaneamente à existência, mas criando primeiro os pais e dando-lhes o poder de gerar, de modo que, com o tempo, a família cresça por meio dos seus descendentes, e dessas famílias surjam outras sem fim.

"Deus agiu do mesmo modo na Sua Criação espiritual. Todas as leis que encontrais na Terra existem também no mundo espiritual. Já vos disse isto repetidamente e com insistência, e enfatizá-lo-ei uma vez mais, porque é a verdade fundamental que está na base de todo o conhecimento do Além, quer acrediteis nela, quer a rejeiteis com um sorriso de escárnio como algo inacreditável."

"Podereis escutar isso e duvidar, mas a lei de reprodução pela união de macho e fêmea, que prevalece em toda a natureza terrestre e em todos os seres vivos, deve e de facto se aplica na Criação espiritual. A matéria não passa de uma encarnação do espírito e, portanto, mais um estado do espírito, no qual as leis espirituais não são anuladas, mas aplicadas de forma adequada à matéria. Assim como na Criação material há machos e fêmeas em cada espécie, também na Criação espiritual existem espíritos masculinos e femininos. Há tantos espíritos masculinos quantos femininos, sendo atribuído a cada um, segundo a lei de Deus, um espírito complementar.

"Estes encontram-se perfeitamente afinados e encontram a sua maior felicidade na complementaridade mútua e na colaboração fiel na tarefa que Deus lhes confiou. Esses pares de espíritos criados um para o outro são denominados "duais", termo que exprime "dois que pertencem um ao outro". "Contemplai, pois, todas as obras do Altíssimo; sempre dois e dois (isto é,

pares), um pertencendo ao outro." (Eclesiástico 33:15) Estes são os casamentos celebrados no céu. Só Deus está isento desta união de masculino e feminino. Esta lei aplica-se, pois, também ao "Filho de Deus" que foi o primeiro ser criado por Deus e a quem chamais "Cristo". As palavras da Escritura — "macho e fêmea os criou" e "sede fecundos e multiplicai-vos" — referem-se a todos os espíritos criados.

"Cristo é o espírito supremo que, na Sua omnipotência, Deus pôde criar. Ele é, em todos os aspetos, a imagem mais perfeita do Criador que um espírito criado pode ostentar. Assim, Paulo o chama, e corretamente, 'imagem do Deus invisível, primogénito de toda a Criação'. (Colossenses 1:15) Logo, Cristo não é Deus, como se ensina geralmente hoje, mas o primeiro "Filho de Deus", a criatura mais elevada e perfeita.

"Após Cristo, surgiram outros seis espíritos, igualmente denominados "filhos de Deus", mas devem a existência dos seus corpos celestiais ao primeiro Filho e não podem igualá-lo em grandeza, poder e glória.

"O segundo "filho de Deus" foi aquele a quem chamais "Lúcifer" — o "Portador da Luz" — o maior dos espíritos criados depois de Cristo, o qual mais tarde se desviou de Deus. Outro dos "sete filhos de Deus" aparece na história de Tobias, quando o grande espírito celestial que acompanhara o jovem na sua forma humana se revelou à família com estas palavras: "Eu sou Rafael, um dos sete filhos de Deus." (Tobit 12:15)

"Excetuando-se o primeiro Filho de Deus, todo o resto do mundo espiritual criado não foi gerado diretamente por Deus, como aconteceu com o primogénito, mas formou-se através dele por um processo progressivo de procriação espiritual. Como Paulo escreve na sua Epístola aos Colossenses: "Por meio de Cristo foram criadas todas as coisas no céu e na terra, visíveis e invisíveis, tronos, dominações, potestades e virtudes; tudo foi criado por ele e para ele, e ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste." (Colossenses 1:16-17)

"Assim como a raça humana deve a sua existência física ao primeiro homem, assim todo o mundo espiritual deve a sua existência corpórea a Cristo. Tal como os humanos herdaram apenas os seus corpos materiais do seu ancestral por muitas gerações, enquanto o seu espírito se une ao corpo sem qualquer colaboração dos progenitores, os seres celestiais devem os seus corpos ao primogénito da Criação, ao primeiro Filho de Deus, enquanto os seus espíritos, vindos de Deus, foram em cada caso unidos por

"Ele aos seus corpos celestiais. Pelos que já vos falei da diferença entre corpos celestiais e materiais, sabeis distinguir uns dos outros. Nos seres espirituais, o corpo existe em forma espiritual — ao que Paulo alude em I Coríntios: "Há corpos celestes e corpos terrestres; mas a glória dos corpos celestes é diferente da glória dos corpos terrestres… Assim como há corpo material, há também corpo espiritual." (I Coríntios 15:40-44) O espírito recebe a sua forma no chamado "corpo Ódico". O espírito é um faísca do Divino e brilha de acordo com o corpo em que habita. Falo agora apenas em metáforas, pois não há outro modo de apresentar assuntos espirituais a vós, mortais, senão através de metáforas imperfeitas.

"Tal como há, na Criação terrestre, géneros e espécies de organismos vivos extremamente diversos — uns superiores, outros inferiores, mas cada qual perfeitamente desenhado para cumprir a sua função —, assim há uma maravilhosa variedade de géneros e espécies entre os espíritos que Deus moldou em seres individuais dotados de corpos celestiais. Na vossa Bíblia distinguem-se igualmente querubins, serafins, arcanjos, anjos, dominações, virtudes e potestades no mundo espiritual.

"O mundo espiritual criado por Cristo e unido em comunhão com ele formou um organismo vivo maravilhoso, no qual todos os espíritos eram membros de uma só comunidade espiritual, embora diferenciados em espécie e perfeição. Tal como os membros de um corpo material, de formas e funções diversas, constituem um todo orgânico em que nenhuma parte é supérflua nem independente das outras, assim também os espíritos criados formaram um corpo espiritual cujo cabeça era Cristo, sendo os outros espíritos os membros.

"Num reino bem ordenado na terra, o rei, enquanto cabeça do país, com os seus ministros e servidores, altos e baixos, e o conjunto dos súbditos, constituem uma grande família em que todos trabalham para o bem comum, do qual depende, por sua vez, o bem de cada indivíduo. Assim era a grande família dos espíritos. Cada espírito tinha a sua tarefa atribuída, grande ou pequena, mas todos, em conjunto, formavam uma unidade grandiosa e gloriosa, em que nenhum espírito era supérfluo e em que cada um não trabalhava apenas para si, mas colaborava com os demais na maravilhosa obra que a Criação de Deus havia de cumprir. Deveriam participar nos labores de Deus e, consequentemente, na felicidade e beleza Daquele que os chamara à existência, na glória de Deus e de Cristo, o seu rei, que Deus ungira.

"Por isso o Apóstolo Paulo, nas suas epístolas, refere-se constantemente ao "mistério do corpo de Cristo". "Assim como o corpo é um e tem muitos membros, mas todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim também Cristo. E uns são membros do outro. Mas a cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo." (Romanos 12:4-6)

"Que, de facto, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, cresce conforme a sua própria edificação, na medida em que cada parte exerce a sua função." (Efésios 4:15-16) "E quem é a cabeça do corpo, da igreja, esse é o princípio, o primogénito dentre os mortos; para que em tudo tenha a preeminência." (Colossenses 1:18) "Cristo é a cabeça, do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, cresce para edificação de si mesmo em amor." (Colossenses 2:19)

"Esta grande comunhão de espíritos é também chamada por Paulo a "igreja". "E Ele é a cabeça do corpo, da igreja…" (Colossenses 1:18) "E sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés, e o pôs por cabeça sobre todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos." (Efésios 1:22-23)

"A 'igreja' é, pois, a comunhão dos espíritos leais a Deus sob o governo de Cristo. A palavra 'igreja' significa o 'governo do Senhor'. Quem quer que assuma a sua fidelidade a este governo e, consequentemente, a Deus, pertence à 'igreja'. O verdadeiro sentido da palavra 'igreja' nada tem que ver com as vossas igrejas mundanas e denominações religiosas, que são obra do homem, nascidas do erro humano e, como toda obra humana, efémeras.

"O que Paulo descreve como o 'corpo espiritual de Cristo' foi um facto literal na Criação espiritual. Todos os seres espirituais que passaram a existir eram membros desse grande organismo espiritual e estavam subordinados a Cristo, a sua cabeça. No entanto, não lhes era imposta nenhuma compulsão: desfrutavam de perfeita liberdade e podiam seguir a sua própria vontade em tudo. Todos estavam verdadeiramente devotados a Cristo, regente de Deus e seu rei, e, por intermédio dele, a Deus. Esta grande família espiritual estava estreitamente unida pelos laços do amor. O governo de Cristo, como regente de Deus, não era o de um déspota, mas de uma proteção fraterna — era a mão protetora do forte estendida para salvaguardar o fraco.

"O livre-arbítrio, o mais elevado dom conferido aos espíritos pelo Criador, tornava-lhes possível recusar obediência às ordens do rei que Deus lhes havia

imposto. As palavras da Bíblia "O Criador não pode confiar nem nos seus servos, e também os seus anjos erram" (Jó 4:18) e "Considera: até mesmo nos seus santos anjos Deus não confia, e nos céus não vê pureza" (Jó 15:15) referem-se a todo espírito criado, exceto ao Filho primogénito de Deus. No entanto, permanecem santos enquanto reconhecem a soberania de Deus e de Cristo sobre si e não se separam, por apostasia, do reino de Deus.

"Infelizmente, uma grande parte do mundo espiritual desviou-se de Deus, rebelando-se contra o reinado de Cristo. Não foi, como ensinas, uma revolta direta contra Deus, mas contra o regente que Ele havia nomeado. Essa foi a primeira revolução, e decorreu de modo mais humano do que possas imaginar: foi o reflexo exato das revoluções que tendes na Terra. Nas vossas próprias insurreições, não são os corpos físicos dos revolucionários que planeiam e procuram executar as ações, mas os seus espíritos. Se examinardes a origem e a história das revoluções humanas em todos os seus pormenores, tereis uma ideia essencialmente fiel do que ocorreu durante a primeira revolta no mundo espiritual de Deus.

"Todas as revoluções são planeadas com antecedência; não surgem de súbito. Geralmente começam com um líder, que procura conquistar o máximo de adeptos, expõe-lhes os seus planos e promete-lhes altos cargos e grande influência em caso de sucesso. Os iniciados dedicam-se então a trabalhar, primeiro de modo discreto e depois de forma cada vez mais aberta, junto das massas, sem cujo apoio nenhuma revolução é possível. Estas massas, que fazem grande parte do barulho nas revoluções terrestres, não sabem, em geral, o que se passa.

"Juntam-se ao movimento porque outros o fazem e gritam porque outros gritam. São, portanto, menos culpadas do que os líderes, que previram todas as consequências dos seus atos e prepararam cuidadosamente todos os pormenores. Estes sabem exatamente o que fazem e, mesmo pelos vossos códigos penais, estão sujeitos a penas mais severas, enquanto as massas são julgadas e sancionadas com maior leniência.

"O líder da revolta no reino espiritual de Deus foi Lúcifer, o 'portador da luz', o segundo filho de Deus e, após Cristo, o espírito mais elevado e belo da Criação. Qual era o seu objetivo? Ambicionava ser o soberano supremo, recusando-se a ocupar um segundo lugar, subordinado a alguém superior. Queria ocupar o lugar de Cristo e reinar em seu nome. Pretendia usurpar o trono do seu irmão. Este plano não lhe surgiu de repente; foi amadurecendo nele até

que a sua determinação se firmou e se consumou no pecado que maculou esse espírito elevado.

"Deus não interveio para exterminar a revolta ainda na sua nascente, nem a impediu à força, como teria podido fazer. Deixa as Suas criaturas livres para agirem conforme a sua vontade, tal como, entre os homens, não intervém quando planeiam um crime e preparam o seu cometimento. Permitiu, assim, que Lúcifer e os seus cúmplices prosseguissem, sem nada fazer para os impedir de seduzir os espíritos mais elevados e influentes e de atrair as massas com promessas. Foi o grande teste a que Deus quis submeter todo o mundo espiritual criado, deixando-o livre para decidir se permaneceria fiel a Cristo, seu rei legítimo, ou se desertaria para o lado de Lúcifer.

"Entre os seguidores — que existiam em todas as categorias de espíritos — encontrava-se um príncipe conhecido na vossa Bíblia como Adão, nome que passou a usar enquanto homem. Havia inúmeros príncipes como ele no reino espiritual de Deus, cada um a reger vastos contingentes de súbditos. Muitos desses príncipes tornaram-se líderes auxiliares de Lúcifer, ajudando-o a preparar a revolta. Outros, como Adão, limitaram-se a apoiar o movimento, trazendo consigo mais ou menos seguidores.

"O momento chegou em que Lúcifer e o seu séquito se julgaram fortes o suficiente para usurpar o domínio do reino espiritual, ainda mais porque uma grande parte das forças de Miguel se preparava para juntar-se a eles. Tal como nas vossas revoluções na Terra, havia sido feito um grande esforço para conquistar o exército para o lado dos rebeldes. Neste ponto, Lúcifer obteve um êxito considerável. Deus mantivera essas forças, que eram, de certo modo, um exército permanente previsto para qualquer necessidade futura — tal como vós mantendes exércitos permanentes como salvaguarda contra emergências súbitas.

"Quando a batalha começou e os espíritos escolheram lutar a favor ou contra Cristo, Deus interveio. A hora da prova havia passado; a deserção interna e aberta tornara-se um facto, e a punição seguiu-se. O príncipe Miguel recebeu ordens para subjugar os rebeldes com as legiões que permaneceram fiéis. Armado com o poder de Deus, cumpriu o comando. Terrível foi o destino que então sobreveio ao outrora portador da luz e aos seus principais cúmplices: foram banidos para as mais baixas esferas da Criação, para uma escuridão e um horror que não consegues imaginar. Não posso tornar compreensível a verdadeira natureza das profundezas da escuridão.

"O mesmo sucede com a vossa escuridão terrestre: vós experimentais a escuridão quando a luz desaparece por completo. Quanto mais a luz se esvai, maior se torna a escuridão. Ela deve a sua existência ao recuo da luz, mas aquilo de que verdadeiramente é feita ultrapassa a vossa compreensão. Sabeis também, por experiência, que a mistura de todas as cores produz o branco e que todos os tons estão contidos no raio de luz; sabeis, ainda, que o negro é simplesmente a ausência de todas as cores. Translada essas observações humanas ao exílio dos espíritos caídos, privados de todo o contacto com a luz e, consequentemente, com toda a cor, e terás uma ideia da impenetrabilidade da sombra para onde foram enviados, ainda que não possas conceber a verdadeira natureza da escuridão.

"As Sagradas Escrituras contêm referências frequentes a essa batalha dos espíritos e à derrota dos maus: o próprio Cristo diz "Vi Satanás como relâmpago cair do céu" (Lucas 10:18); o apóstolo João teve a visão da luta de Miguel e das suas legiões contra o dragão: "Houve então uma batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e o dragão e os seus anjos opuseram-se. Mas não prevaleceram, nem mais lugar lhes foi encontrado no céu" (Apocalipse 12:7–8); e Pedro escreve: "Deus não poupou os anjos quando pecaram, mas lançou-os no inferno, entregando-os a cavernas de trevas, reservando-os para o juízo" (2 Pedro 2:4).

"O texto original da Bíblia continha, como primeiro relato, a Criação espiritual e a apostasia de parte do mundo de espíritos, de forma muito semelhante à que aqui vos descrevi, mas esse trecho foi posteriormente eliminado.

"Ao considerar o afastamento de grande parte do mundo espiritual, o homem pode perguntar-se como foi possível que espíritos elevados, gozando de perfeita felicidade, caíssem. A razão, para eles, foi a mesma que tantas vezes desvia as vossas próprias almas: o anelo por mais. Quem tem muito quer ainda mais, e quem detém grande poder deseja aumentá-lo, mesmo correndo o risco de tudo perder de um só golpe. Não vedes o mesmo exemplar nos grandes líderes da história da humanidade, e à escala diminuta da vida quotidiana?

"Por ordem de Deus, Ezequiel cantou um lamento sobre o rei de Tiro, retratando em palavras emotivas a razão da sua apostasia de Deus, enquanto espírito, no tempo da grande revolta espiritual sob Lúcifer, da qual participou como seguidor e de que resultou a sua derrocada: "És o modelo de perfeição, cheio de sabedoria e esplendor. No Éden, jardim de Deus, os teus ornamentos

eram cravados de pedras preciosas: sardónica, topázio, jaspe, crisólito, berilo, ônix, safira, rutilo, esmeralda. Em ouro eram feitas as suas guarnições e ornamentos; tudo foi preparado no dia em que foste criado. Eras um querubim ungido, havia-te designado guardião; no monte santo de Deus habitavas, entre pedras ardentes passeavas. Íntegro eras em todos os teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Pela multiplicação do teu comércio se multiplicou a tua perversidade, e, pelo teu prodigioso saber, corrompeste o teu âmago; lancei-te por terra diante de reis, para que te olhassem com desprezo" (Ezequiel 28:12–17).

"As palavras 'pela multiplicação do teu comércio' expressam o motivo da queda do mundo espiritual: o desejo de governar, não de servir, precipitou a sua ruína.

"Quanto ao destino da grande massa de espíritos comuns, estes foram muito menos culpados que a horda de líderes e, uma vez que as punições de Deus se adequam sempre à ofensa, não podia ele reuni-los com Lúcifer no mesmo poço de trevas. Tratou-os com notável clemência, impondo-lhes uma pena relativamente leve: foram privados da antiga glória, mas apenas transferidos para uma esfera que, caso a pudesses ver, considerá-la-ias como paraíso. Talvez não igualasse o esplendor de que desfrutaram no reino de Deus, mas correspondia à vossa ideia de paraíso.

"A esfera para onde foram levados é o "paraíso" da vossa Bíblia — não na Terra, como presumes erroneamente, pois, nesse tempo, a Criação material ainda não existia. A descrição bíblica do paraíso como um jardim com rios, árvores, flores e frutos levou-vos a imaginá-lo na Terra, sem saberdes que tudo o que tendes em forma material se encontra também em forma espiritual nos domínios do Além: habitações, rios, árvores, arbustos, flores, frutos, alimentos e bebidas, ouro e pedras preciosas, montanhas e vales, música, perfumes, cores e sons. Muitos textos sagrados descrevem a Cidade de Deus com muros e portões, águas correntes, flores e tesouros que alegram o coração — não metáforas, mas realidade. Mas o próprio Cristo disse: 'Na casa de meu Pai há muitas moradas.'

"'Se assim não fosse, eu já vo-lo teria dito. Vou agora preparar-vos um lugar e, depois de nele estar e de o ter preparado, voltarei e levá-lo-ei comigo, para que também vós estejais onde eu estou (João 14:2–3).' Não disse também Cristo: "Eu vos garanto que não beberei deste fruto da vide até aquele dia em que o beba de novo no reino do meu Pai" (Marcos 14:25)? No Antigo Testamento, não

disse o anjo Rafael a Tobias: "Eu alimento-me de manjar invisível e de bebida que os olhos humanos não veem" (Tobit 12:19)? Por fim, não menciona o profeta Ezequiel, ao descrever o querubim caído, as vestes formosas cravadas de pedras preciosas e bordadas a ouro em que aquele espírito se revestia antes da sua queda?

"Não te disse eu, ao falar de Od, que todo espírito possui um corpo Ódico como corpo espiritual, e que os vossos corpos terrenos são meras condensações dos corpos Ódicos? O estado mais perfeito do Odo não é aquele em que está condensado na matéria, mas sim o estado espiritual. Não é o corpo material que é mais belo, mas o corpo espiritual; não é a gema material que é mais esplendorosa, mas a gema espiritual; não é o ouro material, mas o ouro espiritual que tem maior valor. O ouro e as gemas, em forma tanto material como espiritual, não são mais do que Od maravilhosamente preparado, estando nuns casos condensado e noutros não.

"Tal pode ser-te difícil de compreender, pois tens o hábito de pensar no mundo material, sem verdadeira conceção de um estado espiritual, sobre o qual nada aprendeste na tua infância. Contudo, os clarividentes, cuja visão espiritual lhes permite ver o etéreo, entendem perfeitamente o que te expliquei. Compreendem também que a descrição do paraíso, com as suas árvores, plantas, frutos e rios, se aplica a uma esfera espiritual. E o que vivenciamos, vemos e ouvimos nos sonhos não é percebido fisicamente; tudo isso se apresenta ao sonhador em forma e aspeto espirituais.

"Tal era a esfera espiritual do paraíso para onde foram enviados os espíritos comuns dos rebeldes, não apenas como punição, mas também para os testar novamente. Foi ato de justiça e de bondade de Deus dar-lhes mais uma oportunidade para redimir a transgressão que haviam cometido por fraqueza. Eram meros seguidores que não pecaram por malícia, mas porque, num momento de fraqueza, cederam aos atrativos do tentador. Haviam renunciado exteriormente à autoridade de Cristo, mas no íntimo ainda se encontravam divididos entre Cristo e Lúcifer, tal como sucede hoje com tantas pessoas.

"Inclinavam-se de ambas as partes, mas a justiça de Deus exigia que escolhessem definitivamente, inclusive no que respeita às suas convicções. Ao transportá-los para a esfera do paraíso, colocou-os numa "zona neutra" onde poderiam decidir. Teria sido escolha fácil, não tivessem perdido parte das faculdades mentais que possuíam quando habitavam o reino de Deus. Como vos havia referido ao falar de Odo, todo ato de insubordinação a Deus por parte de

um espírito acompanha-se de alteração no seu corpo Ódico, que se torna turvo, perdendo a pureza espiritual e sofrendo certa condensação. Tal não só prejudica o intelecto, como sobretudo priva o espírito de toda recordação da sua existência anterior.

"Consequentemente, os espíritos na esfera do paraíso eram incapazes de evocar o esplendor em que viveram no reino de Deus antes da sua queda. Se o fizessem, o teste ali proposto seria impossível, pois, ao compararem consciente e voluntariamente a antiga felicidade com a condição presente, escolheriam sem hesitar. Mas não se lembravam de nada do esplendor perdido, da batalha espiritual travada ou da própria deserção nessa batalha. Só tinham consciência do presente, tal como vós mortais só tendes consciência da vida que realmente viveis, sem qualquer recordação de um estado anterior de existência, a maioria acreditando que o nascimento na Terra é também a primeira vida. Nada sabeis do vosso anterior convívio com Deus nem das sucessivas encarnações do vosso espírito; só poucos têm vaga noção de terem vivido antes.

"O teste a que estes espíritos foram submetidos consistia numa proibição divina cujo propósito lhes era incompreensível, representada pela Bíblia como certo fruto que lhes era vedado comer. Essa proibição estendia-se a todos os partidários que, como Adão, haviam participado na revolta, que habitavam a mesma esfera e se revestiam de corpos Ódicos semelhantes.

"Esses espíritos foram alvo de atenção particular tanto dos exércitos fiéis do céu como das sinistras potências do abismo: uns procuravam persuadi-los a manterem-se firmes e a observarem o mandamento de Deus, outros despendiam todos os esforços para os convencer de que o melhor seria ignorar essa ordem, atraindo-os com promessas sedutoras. Era a mesma luta que hoje envolve cada ser humano: de um lado, as insinuações do Mal, que aconselham a violação das leis divinas e enaltecem o pecado; do outro, a voz interior da consciência, que admoesta e adverte a não ceder à tentação. Compete-lhe decidir a qual das duas dará ouvidos.

"Sempre que vós, humanos, quereis atrair a grande massa para a vossa causa, procurais primeiro conquistar pessoas de relevo na comunidade, cujos juízos e ações tenderão a determinar o rumo das massas.

"O mesmo sucedia com os habitantes do paraíso, entre os quais Adão, outrora príncipe elevado no céu, se destacava pelas suas elevadas qualidades espirituais. Era, pois, natural que a sua atitude face à proibição divina determinasse o comportamento dos demais espíritos no paraíso. Por isso, o Mal

empenhou-se sobretudo na sua queda, valendo-se de um espírito feminino — aquela que a Bíblia vos apresenta como Eva — que fora atribuída a Adão como sua dupla. Eva sucumbiu às tentações do Mal e, na sua queda, arrastou Adão. O seu exemplo foi seguido por todas as hordas espirituais que habitavam o paraíso.

"Com esta segunda queda pecaminosa, Adão e os seus seguidores tornaram-se propriedade do Maligno, quase ao nível de Lúcifer. Expulsos do paraíso, foram lançados nas profundezas mais sombrias, e então Lúcifer tornou-se seu senhor. No seu domínio, ele era um governante autónomo — ainda sujeito ao poder de Deus, mas livre para exercer autoridade sobre aqueles que voluntariamente se haviam tornado seus súbditos. Foi esta a terrível consequência da justiça divina: Lúcifer pôde reivindicar para si todos os que se lhe juntaram. Para eles, não havia escapatória: mesmo que se arrependessem, não poderiam regressar, pois haviam-se vinculado ao Soberano do Inferno por toda a eternidade. É esse o contrato de que Paulo fala nas suas epístolas, qualificando-o de "obstáculo insuperável" à salvação dos caídos.

"Não é diferente nos vossos Estados terrenos: quem adere a um país deve sujeitar-se às suas autoridades, não pode abandonar as suas fronteiras sem permissão e, em caso de guerra, jamais se lhe permite unir ao inimigo. Assim é também no reino de Lúcifer, em eterna guerra com o reino de Deus — impossível, portanto, qualquer retorno de um súbdito do Mal ao reino divino.

"Tomai outro exemplo: quem se alista por vontade própria na Legião Estrangeira obriga-se às condições do alistamento. Por muito que se arrependa ou sofra, não há retorno. A disciplina é dura e implacável; quem tenta desertar será capturado e castigado com rigor. Não há ponte que o leve de volta ao país que deixou voluntariamente.

"O domínio de Satanás é, pois, uma espécie de legião estrangeira das trevas: quem nela ingressou não pode recuar nem atravessar a abismo que o separa do reino de Deus. Só mais tarde se construiu essa ponte na Redenção operada por Cristo. Por isso, na parábola do rico insensato e do mendigo Lázaro, Cristo faz falar Abraão, que diz: "Além disso, entre nós e vós está posta uma grande ombreira, de modo que os que querem passar daqui para vós não podem, nem tampouco os que dali quisessem passar para nós o conseguem" (Lucas 16:26).

Pensa, ainda, no destino de um soldado que, em tempo de guerra, abandona o próprio lado para unir-se ao inimigo: por mais amargo que seja o seu

remorso e por muito que ansie regressar, não lhe será concedida a liberdade. Levei-te até aqui para mostrar que existem dois reinos antagónicos, em oposição intransponível: o reino dos separados de Deus (o "reino dos mortos") e o reino de Deus — a esfera das trevas contra a esfera da luz, o reino de Lúcifer contra o reino de Cristo.

"Ainda assim, Deus ama todos os seus filhos, mesmo aqueles expulsos da morada paterna pelos próprios pecados. Visto tê-los criado por intermédio do Seu Filho e os ter implantado como membros espirituais no corpo de Cristo, desejava que esses membros cortados voltassem a unir-se ao corpo espiritual de Cristo: "Porque, se não permanecerem na incredulidade, serão recortados de novo; pois Deus tem poder para (voltá-los a) cortar" (Romanos 11:23).

"Mas essa reinserção só era possível se desejada livremente pelos espíritos apóstatas, a quem Deus concedera o livre-arbítrio. Fora por vontade própria que se uniram aos rebeldes na batalha espiritual; alguns como líderes, outros como seguidores, e fora ainda por livre escolha que, mais tarde, haviam tropeçado de novo na esfera do paraíso. Cabia-lhes, portanto, erguer-se de novo por sua própria vontade e regressar à Casa do Pai.

"Parecia impossível: o regresso de Lúcifer e dos seus tenentes estava fora de questão, pois o orgulho caído em vingança amarga prefere a infelicidade à humildade. E a mentalidade dos seguidores, enganados ao juntar-se à revolta, continuava tão diversa da dos líderes que não vislumbravam esperança de salvação. Onde não há esperança, falta-lhe a vontade de lutar, e onde falta a vontade, não se prepara o caminho para a salvação.

"Mesmo que esses espíritos tivessem possuído o desejo de escapar, teriam de enfrentar um obstáculo insuperável, que era o controlo que Lúcifer exercia sobre eles — um poder que, como Deus lho tivera concedido, não Lhe era possível restringir.

"Mas os caminhos de Deus são maravilhosos, e a Sua sabedoria encontra sempre meios para alcançar cada fim. Como está escrito: "Mas Tu poupas tudo, pois tudo és Tu, Senhor, amigo de toda a vida, pois o teu espírito imortal está em todas as coisas" (Sabedoria 11:26–12:1).

"Após a deserção dos espíritos, Deus resolveu pôr em prática um plano para recuperar aqueles que O haviam abandonado. O Plano de Salvação de Deus foi o grande mistério revelado a Paulo e aos outros apóstolos por espíritos que Cristo lhes enviou, mas até mesmo eles não ousaram revelar esse plano na sua

totalidade às primeiras congregações cristãs — muito desse ensinamento lhes seria incompreensível. Também lhes coube, através dos espíritos de Deus falando por intermédio de médiuns, instruir gradualmente essas congregações na verdade completa, tal como estou a instruir-vos neste momento.

"Tu próprio terás dificuldade em compreender de imediato toda a dimensão do Plano de Salvação. Como Paulo repetidamente ensinou aos primeiros cristãos, os mortais não conseguem digerir alimento sólido, pelo que, no início, são alimentados com leite, como os bebés. A verdade em toda a sua grandeza é o alimento espiritual sólido, próprio apenas dos que já adquiriram força espiritual; para os que ainda são crianças na fé, dá-se apenas um conjunto de verdades fáceis de entender — esse leite primário.

"Naquilo que te ensinarei em seguida não haverá leite, mas alimento sólido, pois já relacionei contigo bastantes ensinamentos substanciais. Não me limitarei a transmitir-te as verdades sobre as grandes questões do Além, mas quero que compreendas em profundidade as causas fundamentais que sustentam cada um dos ensinamentos, pois só o entendimento das causas subjacentes satisfaz o espírito.

"Tal como Paulo escreveu: "Falamos sabedoria entre os perfeitos, mas não da sabedoria deste mundo… proclamamos o mistério de Deus, o Plano oculto, que Ele concebeu antes dos séculos para nossa glória" (I Coríntios 2:6–7).

"Depois da revolta de grande parte do mundo espiritual, Deus estabeleceu um plano para salvar os infelizes que haviam caído no abismo e para os trazer de volta ao Seu reino. A Sua clemência seria primeiro aplicada aos menos culpados — as incontáveis hostes que, submetidas a um novo teste na esfera do paraíso, haviam cometido o pecado da deserção final. Somente depois de estas serem salvas é que os seus corrompedores, Lúcifer e os seus tenentes, seriam admitidos de novo na Casa do Pai.

"Deus é justo: os que foram enganados pecaram por fraqueza, mas os que os engataram pecaram com premeditação. Como as ofensas foram de natureza diferente, a punição e o caminho de regresso do abismo também seriam distintos.

"O primeiro passo para a salvação foi a criação, por Deus, de esferas de progresso ou aperfeiçoamento, organizadas segundo leis que vos escapam e que só a infinita sabedoria divina concebe. Paulo refere-se a estes degraus numeração aos Efésios, descrevendo as esferas de desenvolvimento que Deus

criou para que os espíritos pudessem ascender das trevas em direção a Ele, usando a metáfora de "vários andares de uma casa". Se interpretardes essa metáfora no sentido espiritual, perceberão mais facilmente o que se segue sobre as "esferas de aperfeiçoamento" para os espíritos caídos.

"O que vós chamais "inferno" é apenas o nível mais baixo a que todos os espíritos caídos foram enviados, mas mesmo o inferno possui diversas esferas de progresso, pelas quais um espírito pode subir ao alterar o seu coração, até alcançar a primeira das esferas terrestres. Estas iniciam-se nos níveis das formas de vida animal mais rudimentares e passam pelas etapas dos minerais, plantas, ervas, flores e animais superiores, até ao estágio mais elevado, que vós conheceis como "seres humanos". Essas esferas terrestres existem não só na vossa Terra, mas também noutros corpos celestes, havendo, portanto, muitos níveis paralelos aos da Terra.

"Cada estágio existe não apenas em forma material — reino mineral, vegetal e animal — mas também em forma espiritual, correspondendo a ele esferas espirituais onde os seres se revestem de corpos Ódicos, equivalentes aos corpos materiais que conheceis na Terra. Os espíritos, após a morte corporal, regressam às esferas espirituais paralelas, onde permanecem até renascerem por meio de uma nova encarnação. Os espíritos que não progridem reencarnam-se no mesmo estágio tantas vezes quantas forem necessárias para poderem depois subir a um nível superior.

"Cada progresso exigiu um ato especial de Deus para a configuração física planeada dos espíritos: Ele incorporou as figuras Ódicas de pares de espíritos na forma própria de cada estágio e concedeu-lhes o poder de gerar corpos correspondentes a esse nível. Os espíritos, porém, são reintegrados nesses corpos segundo as leis fixas do mundo espiritual.

"Vós, mortais, de facto não podeis compreender o "como" de todos esses processos, assim como não entendeis realmente os processos da natureza que vos rodeiam, embora os vejais todos os dias.

"A ciência humana ocupa-se da questão da descendência, particularmente da descendência do homem em relação aos símios. Não existe qualquer descendência física de uma forma superior a partir de uma inferior. As plantas não geram animais, nem os animais inferiores geram os de formas superiores. Cada forma de vida reproduz-se de acordo com a sua espécie, ainda que dentro de cada espécie existam muitas raças, cujos indivíduos são mutuamente férteis.

"O homem pertence à ordem dos símios. Ele constitui a raça mais elevada dessa ordem, e estais certos ao dizer que o símio é a forma mais baixa do homem, assim como o homem é a forma mais elevada dos símios. O homem é, pois, o animal supremo na Terra. No entanto, não descendemos fisicamente do símio, apesar de, em termos de desenvolvimento físico, ser este aquele com que mais se assemelha.

"Antes da sua primeira encarnação num corpo humano, o espírito de um ser humano habitava o corpo de um animal. É, pois, o mesmo espírito que ascende pelos diversos estádios da evolução, aproximando-se cada vez mais da perfeição. Esses estádios em si não sofrem alterações físicas: são hoje os mesmos de há milhares de anos. Apenas, ao longo das eras, certas espécies se extinguiram porque já não nelas se encarnavam espíritos. Deus criou formas mais elevadas para acolher esses espíritos, que foram desenhados originalmente para as espécies extintas. As espécies desaparecidas serviram de etapas intermédias na evolução desses espíritos. Quando se extinguiram e foram substituídas por formas superiores, aqueles espíritos tiveram de aguardar mais tempo até poderem nascer nas espécies de nível superior.

"Por isso encontrais ainda hoje vestígios materiais de espécies extintas de plantas e animais que viveram em eras passadas. Não existe regressão de um espírito a uma etapa inferior, embora um espírito possa permanecer muito tempo no mesmo nível. Como já vos disse, um espírito que, à sua morte terrena, não progrediu nesse estádio de encarnação, deve renascer no mesmo nível tantas vezes quantas forem necessárias até estar apto a entrar no próximo nível. O mesmo se aplica aos humanos: se, durante a vida terrena, um espírito não fizer progresso suficiente no caminho que leva a Deus, terá de viver novamente como ser humano. Cada vida é um exame: quem não o aprova, deve tentar outra vez até o conseguir. São leis divinas que se aplicam com igual rigor a toda a Criação. Os caminhos de Deus não são caprichosos.

"Quando te disse que um espírito não retrocede para um estágio inferior, foi porque, embora possa ter involuído num aspeto, terá progredido noutro, de modo a manter-se um equilíbrio. Tal também obedece à lei divina. Não podeis conceber as eras que decorrem desde o momento da queda dos espíritos até ao dia em que o primeiro espírito caído ficou apto a encarnar em forma humana: "Para Deus um dia é como mil anos" (2 Pedro 3:8).

"A Cristandade de hoje ignora todos estes factos, que se opõem às vossas ideias anteriores. Mas deveria eu ocultar-vos a verdade porque ela possa parecer

incrível e porque os vossos semelhantes possam zombar dela? Tendes a oportunidade de investigar estas verdades durante as comunicações espirituais em todo o tipo de sessões mediúnicas divinas e encontrareis as minhas afirmações confirmadas por toda a parte.

"Infelizmente, os factos importantes que te acabei de revelar foram suprimidos do relato bíblico da Criação. Quase nenhum permaneceu. Nesse relato não se fala da Criação dos espíritos por Deus, nem da revolta e secessão dos espíritos, nem das esferas de progresso, nem da formação dos corpos Ódicos dos espíritos caídos em várias etapas, nem da encarnação desses corpos na substância terrestre. A vossa história bíblica da Criação do mundo descreve-a como uma criação original e inteiramente independente, sem qualquer ligação à criação dos espíritos nem à sua queda.

"A Bíblia original continha todos esses factos, mas quando o Texto Sagrado foi revisto mais tarde, as Potências das Trevas trabalharam para privar a humanidade do conhecimento de como as coisas se relacionam no Plano de Salvação de Deus e para lhes negar o consolo de saber que, em última análise, tudo regressará a Deus: "Porque é vontade de Deus que todos os homens se salvem e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1 Timóteo 2:3–4). Foi com o propósito de reconduzir tudo a Deus que o mundo material foi criado.

"As Potências das Trevas beneficiaram muito mais da doutrina do desespero e da impotência, e da crença num "inferno eterno", sobre o qual o vosso poeta [Dante] escreveu palavras terríveis: "Abandonai toda a esperança, vós que entrais". Esses sentimentos eram bem mais aceitáveis para os senhores do inferno do que a ideia de um Deus misericordioso, que, embora possa indignar-se e punir com justiça, acabará por perdoar os Seus filhos e chama-los de volta. A verdadeira conceção da Divindade foi aviltada pela doutrina da "condenação eterna", concebida apenas para inspirar medo. Além disso, essa doutrina dificultou a realização do Plano de Salvação idealizado por um Deus que enviou à humanidade pecadora e sofredora esta mensagem de amor redentor: "Ainda que uma mãe esquecesse o seu filho, eu, todavia, não me esquecerei de ti" (Isaías 49:15).

"Muitos trechos da vossa Bíblia sofreram o mesmo destino que as obras-primas dos antigos mestres nas paredes de algumas das vossas igrejas antigas. Nos tempos posteriores, pintores eclesiásticos remendaram com banalidades os murais originais. Quando hoje se remove cuidadosamente essa camada

superficial de tinta, as composições antigas ressurgem, deixando maravilhado quem as contempla pela arte dos grandes mestres.

"Do mesmo modo, a imagem verdadeira apresentada pela Bíblia original foi, mais tarde, desfigurada. Mortais errantes revisaram os relatos, omitindo o que não entendiam e acrescentando as suas próprias interpretações erradas. Os seus sucessores "aperfeiçoaram" ainda mais o trabalho, adicionando e suprimindo ao seu bel-prazer. Assim, não só a verdade foi relegada para segundo plano, mas também se infiltraram nas Escrituras muitas passagens que caricaturam a palavra de Deus. Um poeta humano cunhou a frase: "Os livros têm o seu destino", e, infelizmente, isso é verdade também da Bíblia. Muito do que ela deveria conter foi eliminado, e muito do que contém nunca deveria ter sido admitido, pois contraria a verdade.

"Quando certas "igrejas" se recusam a reconhecer este facto e insistem em considerar como "autêntica" a Bíblia que têm, servem mal a causa de Deus — fazendo-lhe, de facto, mais mal do que bem. Até mesmo os menos instruídos, ao lerem cuidadosamente a Bíblia – sobretudo o relato da Criação –, devem perceber que parte do que lá está escrito não pode estar correto.

"O próprio Deus, através do profeta Jeremias, queixa-se das falsificações introduzidas no Antigo Testamento: "Como podeis dizer: 'Somos sábios, temos a lei do Senhor'? Eis que a pena mentirosa dos escribas a tornou mentira. Os sábios envergonham-se, atemorizados; susteve-se a verdade, pois o Senhor castigou-os" (Jeremias 8:8–9).

"Noutras passagens do Texto Sagrado, a verdade sofreu nas mãos de tradutores que tornaram certas palavras e expressões do original tão inadequadas que lhes distorceram o significado além de qualquer reconhecimento.

"Pelo que te disse, entendes agora a razão da grande obscuridade e das numerosas imprecisões que hoje se encontram no relato da Criação. Apenas algumas referências ocasionais mantêm um débil resplendor da verdade. Alguns estádios da evolução da Criação material são insinuados, mas não coincidem com os factos, nem quanto ao número nem quanto à sequência.

"O mesmo sucede no relato bíblico da criação dos primeiros seres humanos, onde a criação dos espíritos confunde-se com a encarnação dos primeiros espíritos em corpos humanos. No primeiro capítulo da Bíblia, diz-se que Deus criou o homem por último, depois da terra, das plantas e dos animais:

"Criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, dizendo-lhes: 'Frutificai e multiplicai-vos'" (Génesis 1:27–28).

"É verdade que Deus criou os dois espíritos que foram os primeiros a encarnar-se como seres humanos, chamados "Adão" e "Eva", à Sua imagem, antes da sua apostasia; também é verdade que Ele os criou como espíritos masculino e feminino e abençoou a sua união. Mas isto não ocorreu depois de a Terra e a sua flora e fauna já existirem; refere-se ao tempo da sua criação enquanto espíritos. Tudo o que Deus cria à Sua imagem deve ser espírito puro – Deus é espírito, e não matéria. Logo, aquilo que Ele cria à Sua imagem só pode ser espírito, e não parte espírito e parte matéria, como sucede convosco, mortais.

"O restante relato bíblico da Criação do homem contém contradições ainda mais flagrantes. Pouco depois, diz-se que Deus fez apenas o homem, o macho, quando não havia mais nada vivo na Terra, ao passo que, no primeiro relato, o homem é criado após toda a vida. Segundo o segundo relato, Deus colocou o homem numa Terra árida e só depois criou um jardim no Éden, para lá o conduzir. Só então cresceram árvores com frutos suculentos em tal "paraíso", como lhe chamais. Deus terá então mandado o homem cultivar e guardar o jardim – embora, sendo tudo o que havia na Terra, seja difícil imaginar de quem ele teria de guardar o jardim. Tantas frases, tantas contradições!

Compara este quadro incompreensível com o verdadeiro que te tracei: ali, o paraíso é a esfera espiritual para onde Deus enviou os espíritos menos culpados dos rebeldes – em parte como punição e em parte para os testar. Ali estava a árvore espiritual do conhecimento do bem e do mal, que não era senão o mandamento de Deus, outorgado para pôr à prova os espíritos naquela esfera, cujo significado lhes escapava. O cumprimento ou a violação desse mandamento – mais propriamente, dessa proibição – revelaria se os espíritos do paraíso estariam dispostos a voltar a juntar-se a Deus ou se se haviam definitivamente comprometido com Lúcifer.

"Se respondessem a esse teste obedecendo a Deus, o mandamento tornar-se-ia para eles a árvore da vida no reino glorioso de Deus; se o violassem, seria a árvore da morte, e seriam então expulsos desse paraíso para as esferas de Lúcifer, consumando-se o seu afastamento de Deus no dia da sua "morte" espiritual: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Génesis 2:17).

"Até os menos instruídos, ao lerem atentamente a Bíblia – e especialmente o relato da Criação –, devem aperceber-se de que parte do que aí se escreve não pode estar correto. O próprio Deus, por intermédio do profeta Jeremias, lamenta as falsificações introduzidas no Antigo Testamento, acusando a "pena mentirosa dos escribas" de corromper a verdade (Jeremias 8:8–9). Noutras passagens, tradutores alteraram termos e expressões de tal modo que o significado original ficou irreconhecível.

"É fácil compreender por que razão o vosso relato da Criação surge envolto em obscuridade e repleto de contradições. Apenas algumas referências mantêm um débil reflexo da verdade; os estádios da evolução da Criação material são mencionados de forma incongruente, tanto no número como na sequência. O mesmo sucede no relato da criação dos primeiros seres humanos, onde se confunde a criação dos espíritos com a encarnação dos primeiros espíritos em corpos terrenos.

"No início da Bíblia, diz-se que Deus criou o homem à Sua imagem depois da terra, das plantas e dos animais: "Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem… homem e mulher os criou" (Génesis 1:27–28). É verdade que Deus formou, à Sua imagem, os dois primeiros espíritos que mais tarde se encarnariam como Adão e Eva e que os criou como masculino e feminino, abençoando a sua união. Mas isso ocorreu ao nível espiritual e não depois da existência da Terra e dos seus seres. Tudo o que Deus faz à Sua imagem é puro espírito – Deus é espírito, não matéria. Pouco depois, porém, a narrativa afirma que Deus fez primeiro o homem, apenas o macho, num mundo deserto, só criando depois o jardim do Éden e as árvores frutíferas. Como poderia o homem proteger o jardim se não havia ninguém ou nada para o ameaçar? Tantas frases, tantas contradições!

"Compare-se este quadro incompreensível com o verdadeiro: o paraíso é a esfera espiritual para onde Deus enviou os espíritos menos culpados dos rebeldes, em parte como punição e em parte para os testar novamente. Ali encontrava-se a árvore espiritual do conhecimento do bem e do mal, que correspondia ao mandamento proibindo comer o seu fruto, cujo propósito era avaliar a fidelidade dos espíritos. Se obedecessem, esse mandamento tornar-se-ia, para eles, a árvore da vida no reino divino; se o violassem, seria a árvore da morte e seriam expulsos para as esferas de Lúcifer, consumando-se a sua "morte" espiritual: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Génesis 2:17).

"Agora compreendes por que foi ordenado a Adão que guardasse o paraíso: proteger-se a si próprio e aos outros contra a queda na tentação de pecar, desobedecendo a Deus. Entendes também o que as Escrituras significam ao dizer que, depois da expulsão do paraíso dos espíritos que haviam revelado deslealdade, querubins com espadas flamejantes impediram o seu regresso. O destino estava selado: haviam prestado vassalagem ao príncipe do abismo e, doravante, as esferas das trevas seriam a sua herança. Não mais teriam qualquer direito sobre os campos do paraíso, que lhes permanecerão fechados até ao dia em que, a caminho de Deus, voltem a alcançar essa esfera de felicidade como etapa preparatória para o reino celestial. Então poderão reentrar no Jardim espiritual do Éden e dessa altura ascender à glória de que outrora foram expulsos pelos seus próprios pecados.

"Por isso é verdadeiro o oposto do que, segundo o vosso relato bíblico, Deus teria proferido zombeteiro: naquela ocasião em que incontáveis hostes dos Seus filhos eram lançadas ao indescritível martírio do exílio total do Seu reino, diz-se que Deus exclamou: "O homem tornou-se como um de nós, conhecendo o bem e o mal; não permitais agora que estenda a mão, colha o fruto da árvore da vida e viva eternamente" (Génesis 3:22). Essas são palavras de um demónio, não de um Deus infinitamente benigno, e, de facto, elas correspondem ao escárnio de Satanás contra os espíritos enganados. Deus, pelo contrário, deseja que esses espíritos, mesmo após a queda, alcancem a árvore da vida, em obediência à Sua vontade e no regresso a Ele.

"Contudo, os poderes do abismo empenham-se em impedir que esses espíritos, que primeiro experimentaram a clemência divina nas esferas de aperfeiçoamento, estendam a mão para a árvore da vida e regressem a Deus. Se Lúcifer tivesse obtido o seu intento, tais esferas nunca teriam sido criadas e o mundo material jamais existiria; poderia exercer, sem constrangimento, um domínio despótico sobre todos os espíritos, sem receio de perder um único súdito.

"Devo também contestar a forma como é descrita a criação da primeira mulher. Segundo o relato bíblico, Deus quis dar ao homem uma auxiliadora para a sua solidão e formou então da terra todos os animais e aves, apresentando-os a Adão para que encontrasse entre eles uma companheira. Não encontrando uma adequada, terá Deus feito Adão cair num sono profundo; durante esse sono tomou-lhe uma das costelas, fechou o orifício com carne e, da costela, criou a mulher, apresentando-a a Adão.

"Conforme sabes, esta narrativa tem sido alvo de zombaria, sobretudo entre os irreligiosos. É doloroso ver o ato criador de Deus tão grosseiramente deturpado e exposto ao ridículo pelos homens. Também neste caso o Mal converteu a justa imagem da verdade numa caricatura repulsiva, através dos seus agentes humanos, para ridicularizar a conceção de um Deus omnipotente e omnisciente — pois ridicularizar algo é forjar a arma mais letal contra ele. Deus não impediu essa distorção da verdade, assim como não intervém quando o homem quer praticar o mal. Os buscadores da verdade e os justos sempre tiveram meios para discriminar o verdadeiro do falso, mesmo nas versões adulteradas das Escrituras, pois são livres de comunicar com o mundo espiritual benevolente, de onde podiam aprender a verdade a qualquer momento.

Qual será, então, a verdadeira história da criação do primeiro casal de seres humanos? Adão foi o primeiro espírito a atingir o ponto em que podia emergir das ordens superiores do reino animal e encarnar-se em forma humana, embora a sua encarnação não tenha ocorrido da forma equivocadamente narrada na Bíblia. Deus não moldou uma figura humana de argila e insuflou-lhe vida pelas narinas, criando assim o homem. Antes, a encarnação do primeiro espírito humano seguiu as mesmas leis que ainda hoje regem a materialização dos espíritos.

"Sobre esse assunto já vos instruí detalhadamente: sabeis que hoje o Od dos chamados "médiuns de materialização" é necessário para converter as formas espirituais em matéria. A mesma lei foi aplicada por Deus na encarnação do primeiro espírito humano. Como naturalmente não havia médiuns terrenos capazes de fornecer o Od necessário, Deus extraiu-o da terra numa composição equivalente à de um corpo humano. A mistura Ódica correspondia exatamente à de que hoje se serve o corpo humano em crescimento. Já Paulo dizia: "Cada ser tem o seu corpo, mas nem todos os corpos são iguais. O corpo do homem é um, o dos animais quadrúpedes é outro, o das aves, outro, e o dos peixes, outro" (I Coríntios 15:38–39). A preparação do Od para a encarnação de Adão foi, portanto, obra do mundo espiritual de Deus.

"O corpo do primeiro homem, a quem chamais "Adão", foi literalmente formado "da terra", embora não da maneira que sempre acreditastes. Não se modelou figura alguma em argila; em vez disso, os membros espirituais daquele ser revestiram-se de um corpo material graças ao Od condensado da terra. Esse mesmo corpo de Adão, assim formado, dissolveu-se de novo em Od terrestre após a sua morte, regressando à terra na forma de Od — a lei que rege todos os seres materiais.

"Adão foi, pois, único no seu gênero. Como diz a vossa Bíblia, sentia-se só, cercado apenas de plantas e animais, e ansiava pelo momento em que outro espírito atingisse o grau necessário para encarnar-se em forma humana. Examinava então os animais superiores, procurando aquele que, à sua morte, fosse digno, aos olhos de Deus, de ascender ao estágio humano. A Sagrada Escritura alude a isso quando afirma que Deus trouxe a Adão todos os animais, para que ele escolhesse uma auxiliadora entre eles. Chegou finalmente o dia em que outro espírito atingiu o nível humano. Tratava-se de um espírito feminino, a mesma que havia sido consorte de Adão no reino espiritual de Deus e, mais tarde, na esfera do paraíso, onde foi a primeira a desobedecer e arrastou Adão consigo.

"Por ter sido mais culpada, a sua punição foi também maior, e a sua ascensão dos abismos decorreu de forma mais lenta, fazendo-a alcançar o nível humano depois do seu espírito-duplo masculino. O relato bíblico moderno da encarnação de Eva sugere vagamente esta verdade. A materialização de "Eva", como a primeira mulher é chamada na vossa Bíblia, ocorreu segundo o mesmo processo que hoje possibilita a materialização de espíritos. No seu caso, já não era preciso extrair o Od da terra, pois Adão servia de médium de materialização: possuía extraordinários poderes mediúnicos devido ao facto de o mundo espiritual lhe haver materializado o corpo e manter contacto constante com ele.

"Tal como atualmente uma materialização só é viável se o médium se encontrar em profundo transe, assim foi com Adão: o "sono profundo" de que fala a Bíblia (Génesis 2:21) foi, de facto, um transe mediúnico, durante o qual o seu espírito se apartou do corpo. Nesse estado, o Od de Adão não bastava para realizar a materialização completa, pelo que o mundo espiritual dissolveu parte da substância física emprestada pelo médium para moldar o corpo de Eva. É daí que surgiu a narrativa de que Deus retirou uma das costelas de Adão: "Feito o homem cair em profundo sono, Deus tomou uma de suas costelas…" (Génesis 2:21–22).

"Geralmente, a materialização dos espíritos é temporária: depois dissolve-se e o Od e a matéria cedidos pelo médium são-lhe devolvidos. Contudo, no caso de Eva visava-se uma materialização permanente, pelo que nenhum dos elementos retirados a Adão lhe foi restituído. O mundo espiritual teve de suprir essa falta recorrendo de novo ao Od da terra, como fizera na formação do corpo de Adão, conforme indica a Bíblia ao afirmar que Deus "fechou o lugar onde a costela fora tirada, cobrindo-o com carne". É assim que se formou o primeiro

casal de seres humanos, do qual toda a humanidade haveria de descender por reprodução.

"Na reprodução física, somente a semente de onde o corpo da criança há de crescer é transmitida. O espírito une-se a esse corpo apenas momentos antes do nascimento, em conformidade com leis que vos são desconhecidas. A vida da criança no ventre materno origina-se nela: é o seu sangue que circula pelo corpo do feto e faz funcionar os seus órgãos assim que estão em condições de o fazer, o que geralmente ocorre no quinto mês de gestação. Esse movimento dos órgãos ainda no útero é necessário para os habituar às funções que depois desempenharão.

"Não provém, pois, do próprio espírito da criança — que só se encarna mais tarde —, mas da mãe. Trata-se de um processo semelhante ao do "amaciamento" de um motor acabado de montar: põe-se a funcionar por uma fonte externa até adquirir o seu próprio motor interno, sob o qual operará doravante. O mesmo se aplica aos corpos dos seres terrestres em desenvolvimento.

"A omnipotência e a sapiência de Deus revelam-se de forma incomparável no grande segredo da natureza — o aparecimento de uma nova vida humana no mundo — e, naturalmente, o mesmo se passa com todas as outras criaturas vivas. Em todos os casos, são espíritos caídos que se incorporam em corpos gerados pela procriação, segundo leis divinas concebidas com tal sabedoria que o vosso entendimento humano jamais poderia apreender este mistério, mesmo que eu o tentasse explicar.

"Adão e a sua mulher tiveram filhos e filhas (Génesis 5:4). Os irmãos uniram-se às irmãs em matrimónio, de modo que, quando lereis na Bíblia que Caim, após matar Abel, fugiu para outra terra e aí "conheceu" a sua mulher, isso não significa que a tenha encontrado pela primeira vez nesse lugar, como se existissem outros seres humanos não descendentes de Adão e Eva. Segundo o uso hebraico, "conhecer" equivale a ter relações sexuais. Diz-se de Caim: "E Caim conheceu a sua mulher; ela concebeu e deu à luz a Enoque" (Génesis 4:17). As mesmas palavras se empregam em relação a Adão: "E Adão conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz a Caim" (Génesis 4:1).

"Assim, toda a humanidade descende do primeiro casal humano e constitui o nível terrestre mais elevado de progresso na ascensão dos espíritos caídos. Esse era o limite da jurisdição de Lúcifer e, antes da Redenção, nenhum espírito caído podia ultrapassá-lo. Por serem legalmente súbditos de Lúcifer, nenhum

podia escapar ao seu domínio, pois ele não abria mão do direito de soberania mesmo sobre aqueles que se haviam arrependido e ansiavam regressar ao reino de Deus.

"A cessação desse direito só lhe pôde ser imposta por um Redentor; antes de Sua vinda, todos os espíritos humanos estavam obrigados a permanecer na esfera humana — seja como encarnações corpóreas, seja como espíritos numa esfera de nível equivalente ao dos seres terrestres. Para além dessa fronteira estendia-se o grande abismo que separa o reino de Lúcifer do reino de Deus, e para o transpor era necessária uma vitória sobre Lúcifer. Mais adiante, dar-vos-ei detalhes acerca do conceito de Redenção e do modo como se consumou.

"Deus planeou, uma vez consumada a Redenção, a criação das "esferas espirituais" pelas quais os espíritos humanos poderiam, após a morte terrestre, subir passo a passo até ao reino do céu. Criar tais esferas antes da Redenção não faria sentido, pois nenhum espírito caído poderia alcançá-las e, através delas, chegar ao céu.

"Aqui convém lembrar uma outra verdade de grande importância: antes da Redenção viveram muitos seres humanos que não eram encarnações de espíritos caídos, mas de espíritos celestiais a quem Deus permitira nascer como humanos para ajudarem outros a alcançar a verdadeira fé em Deus e, assim, se prepararem para a Redenção. Entre esses espíritos elevados que habitaram corpos humanos contam-se Enoque, Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Josué, Calebe, a maioria dos profetas, Maria, mãe de Jesus, e muitos outros cujos nomes não figuram nos documentos originais das Escrituras. Após a sua morte terrena, esses espíritos regressaram ao reino de Deus, pois, tendo permanecido fiéis, não caíram sob a jurisdição de Lúcifer.

"Quanto às esferas espirituais previstas no Plano de Salvação de Deus, por meio das quais os espíritos humanos subiriam a Deus depois da Redenção, são treze ao todo. Não preciso descrevê-las pormenorizadamente: tudo quanto, enquanto mortais, podeis apreender deste tema foi-vos já revelado em comunicações espirituais por espíritos dessas várias esferas, através de médiuns, para a vossa edificação. Pelo modo como surgiam e pelo que vos transmitiam, ficastes a compreender o que representam nos seus níveis respetivos, bem como a aparência geral de cada uma.

"Viste os espíritos humanos sofredores que, após a morte terrestre, passaram para a mais baixa das treze esferas espirituais, e deles aprendeste o sentido das palavras de Cristo: "Lança-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e

ranger de dentes." Também deles conheceste o significado do versículo bíblico: "Os mortos nada sabem." Esses espíritos, cortados de Deus e condenados à "morte" espiritual por descrerem em vida, nada conheciam: esquecidos de quem foram enquanto humanos, ignoravam onde viveram e onde agora habitavam, bem como o sentido dos horrores que experimentavam naquela escuridão que os atormentava.

"Pudeste observar que, à medida que os espíritos ascendiam a esferas mais elevadas, a consciência se ampliava e diminuía a sua resistência a Deus. Durante estas comunicações, também distinguiste os diferentes efeitos luminosos próprios de cada esfera — as cores que vão do negro mais intenso no nível mais baixo até ao branco resplandecente da esfera mais alta. A décima terceira esfera é de um branco tão ofuscante que nenhum olho mortal a suportaria; é lá que habitam os espíritos puros de Deus, o que vós chamais "céu".

"Daquilo que observaste nos espíritos das esferas mais baixas, compreenderás como lhes é penoso o esforço de ascenderem do seu estado lamentável, pois só podem progredir nessas esferas se se voltarem para Deus. Mas tu próprio testemunhaste a atitude rebelde que esses espíritos mantêm perante qualquer pensamento em Deus. É um grande ato de clemência divina permitir-lhes reassumir forma humana com a menor demora possível, porque, enquanto humanos, lhes é mais fácil adquirir a fé em Deus – pelo que veem da Sua Criação, pelas próprios reflexos ou pelo ensino e exemplo de outros – do que seria nas esferas espirituais inferiores.

"A maioria dos espíritos humanos terá de regressar à Terra diversas vezes, visto que as suas vidas terrenas repetidamente deixam muito a desejar e conduzem-nos de volta às esferas inferiores em vez de os preparar para os estádios mais elevados do Além. Considera as vidas da maioria dos humanos: não giram elas quase por completo em torno dos assuntos mundanos? Quantos pensam de facto em Deus, creem firmemente n'Ele e vivem de forma reta? Desde que as Potências do Mal introduziram o dinheiro no mundo, dispuseram de um instrumento que lhes conferiu domínio irrestrito sobre a maioria da humanidade.

"O tempo que os espíritos das esferas inferiores devem permanecer no Além antes de reencarnarem em forma humana varia de caso para caso. É parcialmente determinado pelos seus pecados durante a permanência terrena anterior. Deus é justo, e cada falta deve ser expiada, mas é também misericordioso, e nunca pune as Suas criaturas com a severidade que merecem.

"As comunicações espirituais pelo meio das quais aprendeste aquilo que conheces das treze esferas foram obtidas por médiuns dos mais variados tipos, para que tivesses provas da veracidade dessas revelações. Se todas te tivessem chegado por intermédio de um só médium, poderias julgar tratar-se de produto do seu subconsciente. Sabes bem que a ciência moderna recorre sempre ao termo "subconsciente" para explicar tudo aquilo que não consegue fundamentar em termos puramente humanos e a que recusa atribuir origem espiritual.

"A criação das treze esferas espirituais foi o último ato do Plano de Salvação de Deus e, antes de a realizar, era necessário resolver um problema muito mais árduo: de que valiam estágios de progresso que iam do inferno mais profundo até ao nível humano mais elevado, bem como treze esferas espirituais para a ascensão final até Deus, enquanto Lúcifer se recusasse a libertar quaisquer espíritos que tivessem ficado do seu lado e mantivesse o seu direito de soberania sobre eles — um direito que Deus lhe concedera e que agora a Sua própria justiça Lhe impedia de retirar?

"Quem, de facto, poderia forçar Satanás a abdicar dos seus direitos, ainda que sobre espíritos contritos que ansiassem regressar a Deus? Certamente Deus próprio poderia fazê-lo, mas o Seu sentido de justiça havia atribuído esses direitos a Lúcifer e agora O impedia de os reter.

"Só um espírito disposto a entrar no reino do Príncipe das Trevas e a expor-se às duras regras do seu domínio ditatorial teria o direito de lhe fazer frente — do mesmo modo que um povo oprimido e atormentado pelos seus tiranos só pode erguer-se contra eles se permanece firme, recusando a submissão. Mas esse espírito não podia, ao desertar de Deus, tornar-se súbdito de Lúcifer e cair irremediavelmente nas suas garras. Tinha de ser um espírito celestial que, assumindo forma humana, penetrasse no domínio de Satanás apenas em corpo, porque tudo o que está revestido de matéria fica exposto à influência das Potências do Mal. A esse poder do Mal estão sujeitos todos os seres terrenos, mesmo os de boa índole: até os mais justos entre os homens enfrentam diariamente o poder do Mal e muitas vezes sucumbem à sua influência.

"Portanto, o empreendimento implicava grande risco para o espírito celestial que o tentasse: após o nascimento humano, seria um homem como outro qualquer, sem memória da sua existência anterior no Céu, ignorando tanto a própria identidade como a missão que o levara a encarnar, sujeitando-se às tentações do Mal como todos os demais. Além disso, Deus não lhe conferiria

nenhum auxílio espiritual extraordinário, pois tal feriria o Seu sentido de justiça — qualquer auxílio adicional teria de ser conquistado pela própria resistência do espírito às investidas do Mal. Na medida em que resistisse às grandes tentações, receberia cada vez mais auxílio divino, mas, à medida que a ajuda de Deus aumentasse, também se intensificariam os ataques das Potências das Trevas, pois Deus não permite que alguém seja tentado para além das suas forças: uma criança não sofre as mesmas investidas do Mal que um adulto, e não se exige a um ombro fraco que carregue o dobro do peso.

"Assim, o espírito celestial que se tornasse humano não seria exposto, durante a infância, à intensidade de influências malignas que enfrentaria na idade adulta; só depois de descobrir a sua identidade e missão se permitiria ao inferno libertar toda a força das suas hostes. Teria então início uma luta de vida ou de morte: como mortal, o espírito teria de combater defensivamente o Mal, que tentaria levá-lo a abandonar Deus. Este combate deveria terminar no martírio físico do espírito celestial encarnado, se permanecesse fiel até à morte.

"É procedimento usual das Potências das Trevas, quando a sua artilharia leve e média não abate uma fortaleza, trazer toda a sua artilharia pesada — sob a forma de tortura física — para forçar a rendição, contando sempre com instrumentos e ajudantes humanos. Se, perante as maiores torturas de corpo e espírito que o ente mortal pudesse sofrer às mãos das Potências do Inferno e dos seus agentes humanos, mantivesse a fidelidade até ao último suspiro, então teria conquistado a maior dose de auxílio e fortaleza divinos que pode ser concedida a qualquer espírito. Armado desse poder divino, após a sua morte terrena, poderia travar batalha ofensiva contra as Potências do Inferno, contra as quais, enquanto mortal, apenas se defendera. A vitória sobre Lúcifer seria então assegurada, pois as legiões do Céu estariam ao seu dispor.

"Tinha de ser uma batalha semelhante àquela que um dia deflagrou no céu, quando Miguel e as suas legiões derrubaram Lúcifer e os seus seguidores. Desta vez, porém, a luta teria lugar no inferno, que o espírito celestial redentor invadiria para enfrentar Lúcifer no seu próprio território. Lúcifer não seria destituído da sua soberania sobre os espíritos apóstatas nem condenado à impotência total: o vencedor limitá-lo-ia apenas, pois até aí exercera o seu poder não só sobre os que com ele concordavam de coração, mas igualmente sobre aqueles que, embora tendo tomado partido por ele, haviam-se arrependido e desejavam libertar-se da legião estrangeira de Satanás para regressar ao reino de Deus.

"Pela vitória desse alto espírito celestial, Satanás seria forçado a dispensar do seu jugo os espíritos penitentes, conservando, porém, o direito de tentá-los como antes, para os reconquistar. Mas não poderia mantê-los à força sob o seu cetro, obrigando-os a rendição como no passado. Teria de retirar, por assim dizer, os seus guardas fronteiriços da ponte que o Redentor edificara, de modo que nenhum espírito que desejasse regressar à sua pátria fosse impedido por violência.

"Se o Príncipe das Trevas aceitasse essa limitação dos seus direitos – a que, como derrotado, seria compelido – e se a mesma constasse expressamente nos termos do tratado de paz, a sua observância tornar-se-ia obrigatória, pois Deus próprio, omnipotente e justo, seria o garante do acordo, ao qual até o próprio inferno estaria sujeito, ineficaz contra o Seu braço.

"As consequências de tal paz seriam, em última análise, desastrosas para Lúcifer e o seu reino, pois, um a um, veria os seus súbditos abandoná-lo-iam e, reduzido à absoluta impotência, não lhe restaria senão reconhecer a derrota e render-se. Assim como um general cujas tropas se desertam em massa acaba por admitir a rendição, assim Lúcifer, abandonado por todos, acabaria por reconhecer a sua fraqueza perante Deus e seria o último a submeter-se de livre vontade.

"Esse seria, pois, o dia em que, segundo o Plano de Salvação de Deus, não haveria mais separação d'Ele, não haveria mais "morte". Nesse dia, todos os ramos outrora cortados da árvore da vida seriam enxertados de novo nela — o dia em que o pranto e o lamento cessariam para sempre — e o dia em que todas as lágrimas derramadas pelos Seus filhos errantes ao longo da longa estrada da separação seriam por Ele enxugadas. Seria também o dia em que o reino de Deus resplandeceria de novo em toda a glória de antes da queda dos espíritos e em que todos os Seus filhos, já regressados, retomariam os lugares que lhes pertenciam na casa do Pai.

"Até mesmo Lúcifer, o último e mais tardio a cruzar a ponte construída pelo seu conquistador, voltaria a ser o glorioso portador da luz de outrora, ao lado do seu irmão régio, Cristo, cujo amor e sábio governo desprezara tão insolentemente, e os céus far-se-iam eco de hinos jubilosos.

"Assim era o Plano de Salvação concebido por Deus depois da queda de Lúcifer e dos seus anjos, mas só foi revelado por Ele ao Seu Filho primogénito e a alguns dos espíritos mais elevados do céu. Um deles voluntariou-se para, a seu tempo, aceitar a perigosa missão de nascer como ser humano e derrotar o

Príncipe das Trevas. Todos sabiam o que significava assumir forma humana: correr o risco de ser derrotados pelo inimigo que vinham combater e, nessa eventualidade, comprometer o êxito da Salvação, podendo tornar-se necessário enviar outro redentor, talvez vários, até que a missão fosse cumprida. Ainda assim, cada um dos elevados espíritos celestiais ofereceu-se de bom grado para a missão.

"Mas foi Cristo, o mais elevado de todos os espíritos criados e rei por decreto divino do mundo espiritual, quem primeiro pediu permissão para tentar. Contra ele Lúcifer se havia revoltado, por sua causa se abrira o grande abismo entre o reino de Deus e o reino das Trevas, e por isso sentia que só ele deveria construir a ponte que permitisse a todos os filhos desorientados de Deus regressar ao Lar.

"Deus consentiu que o Seu Filho encarnasse quando, pelo menos, alguns dos espíritos caídos, ao ascenderem pelas esferas de aperfeiçoamento, tivessem alcançado o nível humano e demonstrado desejo de regressar a Deus. O plano manteve-se em segredo, tanto para os demais espíritos do reino celestial como para as Potências das Trevas, para que o inferno não o frustrasse. Se as forças do mal soubessem a verdadeira finalidade do nascimento humano do Filho de Deus — que a Sua luta desesperada contra o mal e a Sua agonizante morte na Cruz eram condições prévias à vitória enquanto espírito sobre Lúcifer — nunca o teriam tentado; teriam feito tudo para impedir, em vez de facilitar, o Seu sacrifício redentor.

"Só depois da morte redentora de Cristo estaria maduro o momento de revelar à Criação o Plano de Salvação em toda a sua grandiosidade, pois então já não poderia ser destruído, apenas fortalecido pela proclamação desse mistério, cujo cumprimento residiria no regresso dos espíritos que um dia abandonaram Deus e agora atravessariam a ponte que o Redentor ergueu para eles.

"Todas as partes do Plano de Salvação que podiam servir de âncora às esperanças da humanidade foram originalmente incluídas na Bíblia: a criação dos espíritos, a sua revolta, a sua queda, as esferas de reabilitação como meio de ascensão gradual do abismo e a vinda de um grande mensageiro divino como libertador. Exceto pela profecia do Messias vindouro, tudo foi progressivamente suprimido dos escritos sagrados do Antigo Testamento. A humanidade deixou de compreender esses mistérios e tende a descartar como tolices o que não entende.

"Isso sucedia ainda nos dias de Cristo: o que excedia a experiência quotidiana ou contrariava as tradições herdadas dos antepassados escapava à compreensão popular, então como hoje. Por isso Cristo não se demorou a expor esses mistérios, limitando-se a proclamar a verdade sobre Deus, o cumprimento da vontade divina e a sua própria missão em nome do Pai. Todo o resto ficou a cargo dos espíritos portadores da verdade que Ele planeou enviar à humanidade.

"Desde que o mundo espiritual de Deus se apresentou no papel de mestre, só aqueles que haviam progredido no conhecimento da verdade puderam compreender o Plano Divino de Salvação, pois para os demais seria um alimento demasiado sólido para digerir. Houve mesmo cristãos que julgaram Paulo insano quando ele lhe pregava sobre este tema (2 Coríntios 5:13). E, quando Paulo falou diante de Agripa, na presença do governador Festo, acerca das revelações que recebera, Festo exclamou em alta voz: "Estás louco, Paulo! Demais letras te fazem delirar" (Atos 26:24).

"Também tu, quando apresentares estes meus ensinamentos aos teus semelhantes, serás acusado de devaneio absurdo e de loucura. Foi sempre o destino da verdade ser rotulada de falsidade e loucura, enquanto doutrinas manifestamente incorretas sobre o Além são aceites sem questionar, pregadas e elevados a credos religiosos. O que te revelei sobre o Plano Divino de Salvação encontrarás confirmado detalhadamente mais adiante, quando expuser todo o ensino de Cristo no contexto em que foi revelado aos fiéis, em parte pelo próprio Cristo e em parte pelos espíritos da verdade que falaram através dos apóstolos e de médiuns. Então traçaremos também uma comparação instrutiva — para ti e para os teus semelhantes — entre o ensino autêntico de Cristo e o cristianismo de hoje."

* * *

Que pensais vós de Cristo?" Esta pergunta ardia em letras de fogo diante dos meus olhos desde o dia em que me decidi a tornar-me sacerdote. A minha missão não seria apenas proclamar os ensinamentos de Cristo aos meus irmãos na fé, mas também revelar a verdade sobre a Sua pessoa, a Sua vida e a Sua obra.

Quem foi Cristo? O que fora antes de se tornar homem? O que foi, como homem? Seria Deus ou apenas Filho de Deus? Depois do Seu nascimento terreno, era um homem como nós em mente e corpo? Fora gerado e nascera como todos os homens? Tivera de adquirir conhecimento na infância, como as outras crianças? Tivera de aprender a conhecer Deus passo a passo, seguindo o mesmo

caminho que trilhamos todos quantos buscamos compreender a natureza e a vontade de Deus? Foi Ele sujeito às tentações do mal e a todas as consequências das suas escolhas, tal como nós todos? Seria possível que Ele, como tantos, cedesse a essas tentações e, levado pelas Potências do Mal, abandonasse a Deus? E, se fora enviado para redimir a humanidade, em que consistiu essa Redenção? Como se explicam todas estas interrogações interligadas?

Quando me convenci, nas sessões mediúnicas divinas, de que os espíritos de Deus falam através dos médiuns, tal como na primeira comunidade cristã, foi sobretudo a resposta a estas perguntas sobre Cristo que pedi. O meu desejo foi atendido em minúcia, e esse conhecimento tornou-se o tesouro mais precioso da minha alma.

Reproduzo, pois, a seguir as verdades sobre Cristo — a Sua vida e a Sua obra redentora — tal como me foram transmitidas pelo espírito que me ensinou.

"Buscas esclarecimento acerca da pessoa de Cristo, do Seu nascimento humano, da Sua vida, das Suas dores, da Sua morte como homem e da verdade relativa à Redenção. Algumas dessas perguntas já respondi, ao falar-te da Criação de Deus, do seu destino e do Plano de Salvação.

"Nessa ocasião dissera-te que Cristo é o primeiro e mais elevado dos espíritos criados por Deus e o único a haver sido criado diretamente por Ele; que o resto do mundo espiritual surgiu por intermédio de Cristo e formou, em conjunto com Ele, uma grande comunidade espiritual — um reino com Cristo como Rei, segundo a vontade de Deus. Nesse Reino, Cristo foi, por assim dizer, o representante de Deus; não era Deus, mas apenas o primogénito de Deus, e ao Criador devia o Seu poder, a Sua glória e o Seu reino. Também Ele era criatura de Deus, não eterno como Deus.

"Foi contra o Seu reinado que se dirigiu a revolta de Lúcifer e dos seus adeptos. Depois da deserção de parte do mundo espiritual e da sua queda nas esferas do abismo, Cristo voluntariou-se para reconduzir os espíritos caídos ao Reino de Deus, em conformidade com o Plano de Salvação concebido por Deus."

"A obra redentora de Cristo teve início imediatamente após a apostasia das hostes espirituais. Foi Cristo quem criou os estágios de reabilitação de que vos falei pormenorizadamente ao expor o Plano de Salvação de Deus. Assim, Cristo tornou-se criador de todo o universo material, que serve de escadaria para a ascensão dos espíritos caídos do abismo até aos píncaros do reino divino.

"Desde os primeiros dias em que aqueles espíritos alcançaram o nível humano, Cristo passou a guiar a humanidade, esforçando-se por orientar os pensamentos, naturalmente inclinados ao mal, em direção a Deus. Mas as Potências dominantes do inferno empenharam-se com igual veemência em conservar o seu domínio sobre os homens, dando-lugar à poderosa luta entre Cristo e Lúcifer pelas almas encarnadas em corpos humanos — conflito que constitui o fio condutor do que sobreviveu nos escritos do Antigo Testamento.

"Nessa contenda, Cristo contou com o apoio do mundo espiritual benévolo sob o Seu comando, muitos dos quais voluntariaram-se para encarnar na Terra, a fim de, pela pregação da verdade e pelo exemplo de vida reta, conduzir as pessoas a Deus.

"Um desses espíritos celestiais que obteve permissão para encarnar foi Enoque, que ensinou aos contemporâneos o verdadeiro Deus e o caminho correto para O conhecer. Acima de tudo, instruiu-os na comunicação com o mundo espiritual de Deus, com o qual mantinha contacto diário. Na sua época, quase toda a gente se entregava à comunicação com espíritos malignos, mergulhando na mais abominável idolatria e em toda espécie de depravação.

"Infelizmente, os resultados dos esforços de Enoque não perduraram: o poder do mal era tão dominante que as nações daquele tempo se embrenharam em abominações inimagináveis para vós. Os espíritos infernais mais elevados serviram-se de médiuns em transe profundo não apenas para falar, mas também para se propagarem: assim como o espírito de um médium pode usar o corpo deste para manifestar-se, um espírito estranho pode aí entrar e, por esse corpo, propagar-se — e as mulheres daquela época consideravam-no honra participar nesses abusos nas cerimónias idólatras. Encontrareis confirmação disso na Bíblia, onde se relata que "os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram bonitas, e, tomando-as por mulheres, geraram filhos para si" (Génesis 6:4).

"A expressão "filhos de Deus" aqui designa aqueles antigos príncipes celestiais que haviam caído e assumido papel destacado na revolta; são os mesmos de que Jó fala: "Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se ao Senhor, também Satanás apareceu entre eles" (Jó 1:6). Mesmo como senhores do reino das trevas, esses "filhos de Deus" não eram totalmente livres de agir à sua vontade, pois continuavam sujeitos à soberania divina e, por vezes, chamados a prestar contas a Ela.

"Os esforços de Cristo e do mundo espiritual amigo para influenciar aquela raça humana completamente corrompida foram em vão, e toda a geração teve

de ser destruída e substituída por outra melhor. A aniquilação deu-se no Dilúvio, do qual só se salvaram os familiares de Noé, progenitores de uma nova humanidade.

"Todavia, pouco depois do Grande Dilúvio, o mal ergueu-se de novo entre os descendentes de Noé, como testemunham Sodoma e Gomorra e a própria família de Ló. Quanto mais a humanidade se expandia, mais fervorosamente os homens serviam o Diabo por meio da idolatria e dos vícios.

"Para cumprir o Seu desígnio em face do terrível domínio do mal sobre a humanidade, Cristo empenhou-se, muito antes da Sua encarnação, em conquistar ao menos uma pequena minoria para a causa de Deus — minoria que seria portadora da fé e da esperança da Salvação para as gerações vindouras. Seria o fermento que acabaria por levedar toda a massa da humanidade, a semente de mostarda que, ao crescer, se tornaria a grande árvore da verdadeira crença e do desejado encontro com Deus, abrigando sob os seus ramos todos os seres humanos ao longo dos tempos.

"Quando essa árvore atingisse tamanho suficiente, chegaria o "tempo determinado" para que o Redentor descesse à Terra, como Filho do Homem, a fim de completar o derradeiro ato da Sua missão de Salvação. Só então faria sentido erguer a ponte que permitiria aos espíritos justos cruzar do reino de Lúcifer para o reino de Deus — tal como vós não construís um viaduto se não houver tráfego que justifique a sua utilidade.

"Abraão foi escolhido como fermento e semente de mostarda da fé e da esperança da Redenção, homem de lealdade inabalável a Deus. Cristo comunicou-se com ele, às vezes diretamente, outras vezes por intermédio de espíritos, pois Abraão também era um espírito celeste encarnado.

"A devoção de Abraão a Deus foi posta à prova de forma extremosa, como sucede com todos aqueles a quem Deus planeia confiar uma missão de grande importância. Quando constróis uma ponte ferroviária para tráfego de mercadorias e passageiros, testai-a exaustivamente antes de a abrir ao público: se as provas revelam fragilidades, reforçai-la, e, se continuar insegura, condenai-la e reconstruí-la. Deus procede semelhantemente com os mortais selecionados para tarefas vitais no Seu reino. Se falharem às provas e se forem infrutíferos os esforços para os fortificar, são considerados incapazes, sendo escolhidos outros em seu lugar. É frequente pessoas, por outro lado aptas para os grandes desígnios divinos, serem rejeitadas por defeitos que elas próprias teimam em conservar. Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.

"Medonho foi o teste imposto a Abraão quando lhe foi ordenado sacrificar o próprio filho, pois quem ama o pai, a mãe, o irmão, a irmã, o filho ou a filha mais do que ama a Deus não é digno dos grandes dons divinos nem do encargo de grandes tarefas.

"Abraão superou esse severo exame e recebeu a promessa de Deus: "Porque não me negaste o teu filho, o teu único, eu te abençoarei grandemente e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia da praia… e em tua descendência serão benditas todas as nações da terra" (Génesis 22:16–18). A "descendência" aí mencionada não alude ao progenitor humano de Abraão, pois esse jamais poderia abarcar todas as nações da Terra nem alcançar em número "as estrelas do céu e a areia do mar".

"Deus não exagera; o que Ele declara é sempre a pura verdade. A descendência de Abraão era espiritual e, em última análise, abrangeria todos os espíritos caídos, porquanto a fé e a devoção de Abraão estender-se-iam gradualmente a todos quantos abandonaram Deus. Aliás, teria sido fado amargo para Abraão ter centenas de milhares de descendentes humanos, muitos dos quais poderiam desviar-se ao mal: de facto, em gerações futuras, ramos inteiros da sua linhagem terrestre abjuraram a religião verdadeira em favor da idolatria.

"A segunda geração dos descendentes humanos de Abraão, Jacó e os seus filhos, foi conduzida ao Egito, onde se estabeleceram na fértil região de Gósen, transformando-se numa grande nação, isolada dos idólatras habitantes do país e livre para manter viva a verdadeira fé. Mas a prosperidade prolongada põe sempre em perigo a fidelidade a Deus, e por isso Ele permitiu que os faraós oprimissem severamente os hebreus — como passaram a ser conhecidos os descendentes de Abraão — submetendo-os a trabalhos forçados.

"Não foi Deus quem influiu no faraó para que seguisse esse rumo, mas sim as Potências do Mal, que tinham percebido que a nação hebraica, porta-voz da verdadeira fé, constituía uma arma perigosa nas mãos de Cristo e poderia ser usada contra elas; pretendiam, pois, aniquilá-la. Como o trabalho forçado não surtia efeito nesse sentido, impulsionaram o faraó a exterminar todos os meninos hebreus à nascença, instilando-lhe o receio de que, pelo seu aumento numérico, os hebreus se tornassem perigosos aliando-se a inimigos do Egito.

"O medo do rei pelo seu trono foi o ponto fraco explorado pelos demónios, e assim se iniciou o massacre dos recém-nascidos do sexo masculino. Segundo o plano, tal teria levado ao extermínio de todos os hebreus homens em pouco tempo, e as mulheres restantes teriam ficado à mercê dos egípcios,

absorvidas na sua sociedade e sucumbindo à idolatria, anulando-se de um golpe todos os esforços de Cristo e do seu mundo espiritual para preservar os portadores humanos da fé. Mas, como tantas vezes sucede na natureza e na vida dos homens, a própria força maligna que pretendia fazer o mal acabou por favorecer o bem: no momento em que um povo vê os seus filhos assassinados sem piedade, torna-se mais fácil persuadi-lo a abandonar o lugar de dor.

"Havia, ainda, outra razão decisiva para tirar os hebreus do Egito: durante os quatro séculos da sua estadia, tinham-se aos poucos deixado influenciar pela idolatria egípcia e muitos participavam já nos ritos pagãos. Era essencial, pois, um êxodo que os livrasse do perigo de corrupção, e o massacre dos seus meninos tornou aquela hora o momento mais favorável para a partida. Conduzir tão numeroso e incontrolável povo fora do Egito exigia um grande líder humano, e Cristo escolheu um dos seus elevados espíritos celestiais para essa missão, fazendo-o nascer como homem — Moisés. Filho de pais hebreus, foi salvo da morte pela filha do faraó, que o educou nas ciências da época, preparando-o para liderar um povo tão vasto.

"Na idade adulta, Cristo falou com Moisés através da sarça ardente e designou-o para dirigir "o povo de Deus": incumbiu-o de anunciar aos hebreus cativos a sua missão de os libertar do Egito e de persuadir o faraó a deixá-los partir. Para isso, Moisés recebeu poder sobrenatural, mas as forças infernais, vendo os seus planos contrariados, apareceram em força e serviram-se dos magos egípcios como instrumentos. Iniciou-se então a maior batalha espiritual jamais travada na Terra: de um lado Cristo e o seu mundo espiritual benevolente, com Moisés como campeão visível; do outro, o inferno e os magos como seus agentes. Com o auxílio dos espíritos bons invisíveis a seu lado, Moisés realizou os maiores milagres já vistos, excluindo apenas os de Cristo, para convencer tanto o povo como o faraó da natureza divina da sua missão.

"No início, os magos imitaram os seus prodígios, mas rapidamente foram vencidos e tiveram de reconhecer: "Isto é o dedo de Deus." Nunca se testemunharam materializações espirituais tão poderosas: do lado de Moisés, o seu cajado, desmaterializado por um bom espírito, transformou-se em serpente; os magos, com espíritos malignos, reproduziram o mesmo fenómeno; legiões de espíritos tornaram-se em rãs por ordem de Moisés, e espíritos inferiores fizeram o mesmo sob o comando dos magos; Moisés converteu as águas do rio em sangue com o auxílio de Deus, e os feiticeiros repetiram o milagre com o auxílio dos demónios. Deus permitiu que os ímpios usassem até ao máximo os seus poderes, para depois manifestar a Sua omnipotência e fortalecer sobretudo a fé

dos israelitas — pois se aquele povo, "primogénito" da fé verdadeira, sucumbisse ao inferno, demoraria muito a surgir outro apto a assumir esse papel.

"Cristo, o primogénito de Deus, combateu em favor dos primogénitos do inferno a favor dos primogénitos humanos da fé e da esperança de salvação, e saiu vitorioso: o anjo vingador de Deus matou todos os primogénitos do Egito, decidindo assim o desfecho. Aterrorizado, o faraó, pressionado pelos seus, permitiu a partida dos hebreus. Num pilar de nuvem, Cristo guiou o povo de Israel, falando de dentro dele a Moisés e protegendo-os dos egípcios em perseguição. O mundo espiritual amigo abriu o mar em duas muralhas de água, à direita e à esquerda do povo, e os filhos de Israel, confiantes na voz que lhes falava do pilar de nuvem, atravessaram o leito seco no meio do mar.

"Eles receberam o seu primeiro batismo em Cristo, com plena fé no "Anjo do Senhor", que não era outro senão o próprio Cristo. Deus e Cristo guiaram Israel através do deserto; a seu mando, o mundo espiritual benévolo fez jorrar água da rocha e providenciou o maná. Por isso Paulo diz, com razão: "Não quero que ignoreis que todos os nossos pais estiveram sob a proteção da nuvem e todos passaram pelo mar; e todos foram batizados na nuvem e no mar, seguindo Moisés; e todos comeram o mesmo alimento espiritual e beberam a mesma bebida espiritual, pois beberam da rocha espiritual que os acompanhou, e essa rocha era Cristo" (I Coríntios 10:1–4).

"Deus e Cristo, tal como o mundo espiritual amigo, deram ao povo todo o conselho e toda a instrução necessários. Foi o próprio Deus quem proferiu os Mandamentos no monte Sinai. A longa permanência no deserto destinou-se a pôr à prova o povo, para mostrar se a sua fé e a sua crença em Deus seriam suficientemente fortes para resistir aos perigos que encontrariam junto dos povos pagãos da terra que mais tarde iriam conquistar. Era imperativo que esse povo preservasse a sua fé em Deus, caso contrário todos os esforços anteriores teriam sido em vão.

"Havia ainda outro perigo que ameaçava a sua fidelidade a Deus: a cobiça por bens terrenos e o apego excessivo às coisas materiais tendem a empurrar o homem para os braços do mal. Cristo recorreu a todas as medidas possíveis para prevenir ou, pelo menos, atenuar esses perigos, tomando medidas radicais para curar o povo judeu dessas fraquezas. Instituiu leis segundo as quais os israelitas — como os hebreus acabaram por ser conhecidos — tinham de pagar o dízimo, oferecer as primícias dos seus bens (ou resgatá-las com outro sacrifício) e

multiplicar as ofertas de animais e produtos agrícolas: holocaustos, ofertas de cereais, ofertas de paz, ofertas pelo pecado e ofertas pela culpa, aceitando-se apenas dons sem mancha. Durante as colheitas, não lhes era permitido debulhar completamente os campos nem ajuntar os resíduos; deviam deixá-los para os pobres e para os forasteiros. A cada sete anos o solo ficava em pousio, e a cada cinquenta anos devolvia-se a cada um a sua herança. Por fim, proibiu-se a usura desde o princípio.

"Se o povo de Israel observasse estas estatutos, o perigo de se deixar governar inteiramente por considerações mundanas e de trair Deus por amor de Mamom não seria demasiado grande. Mas o outro perigo, o da idolatria dos povos que encontrariam na terra prometida, era muito mais grave, porque consistia, como sempre, em comunicação sensível com o mundo espiritual inferior. O reino dos espíritos é misterioso aos olhos humanos, e o mistério exerce uma atração irresistível: histórias de fantasmas atraem enorme atenção, e onde quer que algo misterioso ou espectral aconteça, reúne-se uma multidão.

"Os israelitas já tinham sido tentados pelas práticas idólatras do Egito. Paulo faz referência a isso ao dirigir-se aos coríntios: "Sabei que, quando éreis gentios, éreis atraídos pelos ídolos mortos" (I Coríntios 12:2). Nem penseis que os israelitas se limitavam a olhar para as imagens: esculturas e talhos não atraem quem quer que seja— o encanto da idolatria residia na comunicação real com o mundo espiritual inferior. Através de imagens ou de médiuns humanos, esses espíritos falavam e realizavam prodígios que fascinavam as pessoas, respondendo-lhe a perguntas sobre o futuro e satisfazendo as suas paixões, pois o vício era enaltecido como virtude, enquanto a virtude era rotulada de vício. Quem se vicia nesse género de comunicação espiritual dificilmente se liberta do hábito.

"Para prevenir a queda dos seus seguidores na idolatria, Cristo adotou duas medidas. A primeira foi oferecer-lhes vias legítimas de comunicação com o mundo espiritual amigo, em substituição da comunicação proibida com os espíritos inferiores: deu aos israelitas o Tabernáculo, o peitoral do juízo e os bons médiuns, conhecidos como profetas, conforme já vos descrevi detalhadamente. A segunda medida consistiu em ordenar-lhes que exterminassem certas nações cujo grau de idolatria e abominação tornava impossível a sua conversão à fé em Deus: seis povos habitavam a terra que lhes estava destinada e corria-se o risco de, ao convivê-los, ver corrompida a fé dos israelitas. Por isso foi-lhes imposto que os expulsassem totalmente da terra prometida.

"O decreto de exterminar aqueles povos levou muitos a considerarem o Deus do Antigo Testamento como uma divindade cruel e a afirmar que os autores veterotestamentários* ainda não estavam aptos a conceber um Deus como aquele que Cristo pregou. Se assim fosse, jamais lhes teriam atribuído tamanha crueldade. Enganam-se, porém: foi o mesmo Cristo que ensinou a conceção de Deus que encontrais no Novo Testamento quem ordenou a destruição daqueles povos idólatras. Em ambos os casos, Ele se revela como Salvador. Ao mandar exterminar aquelas nações, preservou-as de descerem ainda mais no descrédito e na depravação, dando-lhes, na sua nova existência, a oportunidade de se elevarem das profundezas onde haviam caído. O motivo subjacente fora o mesmo que, em tempos anteriores, levara ao quase extermínio da raça humana no Dilúvio e à destruição de Sodoma e Gomorra.

**(NT: Relativo ao Antigo Testamento.)*

"Motivo ainda mais importante fora o de conservar a fé em Deus entre o Seu povo. Quando um exército faz guerra, não hesita em abater qualquer um que tente convencer um soldado a desertar — situação que considerais perfeitamente justificada. Não estaria Deus igualmente no seu direito de mandar morrer quem tentasse instigar os Seus eleitos a trair a sua causa e unir-se às Potências das Trevas? Além disso, era através do povo de Deus que se prepararia a hora da Redenção de toda a humanidade. Cristo podia, pois, ficar inerte enquanto o inimigo ameaçava arruinar uma missão já de si tão difícil?

"Vós, mortais, tornais-vos comovidos quando, em Sua sabedoria e justiça, Deus ordena a destruição de povos completamente corrompidos, para que não venham a contaminar milhões de outros e para que, como espíritos, possam ainda ser trazidos de volta ao caminho da salvação. Não esqueçais que é Deus, o Senhor da vida e da morte, quem assim procede, mostrando-lhes grande paciência mesmo depois de tudo abominável que cometeram na idolatria — chegando a sacrificar os próprios filhos em holocausto aos falsos deuses (Deuteronómio 12:31).

"No entanto, quando os israelitas entravam em guerra com outras tribos, eram obrigados a comportar-se com humanidade: "Quando te aproximares de uma cidade para lhe fazer o cerco, primeiro lhos farás rebentar pela paz" (Deuteronómio 20:10). Era-lhes ainda interdito derrubar árvores frutíferas em redor do sítio sitiado; deveriam usar para os seus aríetes madeira de árvores que não produzissem fruto.

"Aos judeus foi dada a primeira lição sobre o perigo da idolatria no episodio do bezerro de ouro; pouco depois, quando acamparam em Sitim, perto de Moabe, "os israelitas prostituíram-se com as filhas de Moabe… pois estas convidaram-nos para os sacrifícios dos seus deuses, e o povo bebeu e adorou os seus ídolos" (Números 25:1–2). A "prostituição" a que ali se alude fazia parte do ritual pagão, exigida pelos demónios através de médiuns, e era comum entre todos os povos gentios.

"Munidas da arma da idolatria e dos vícios a ela associados, as Potências do Mal causaram depois grandes danos entre o povo de Deus, sacrificando assim as preparações para a Redenção. Quase gerações inteiras daqueles eleitos abjuraram a fé verdadeira. Para reconduzi-los, Deus impôs-lhes julgamentos terríveis. Cristo enviou-lhes os profetas — médiuns do mundo celestial — que combateram duramente, mas, graças aos seus esforços, a crença no Deus verdadeiro e no Redentor vindouro não foi totalmente extinta.

"Chegou enfim o momento em que grande parte da humanidade, pelo menos no desejo, se mostrou pronta a aceitar em fé a obra redentora de Cristo e a atravessar a ponte que Ele edificaria sobre o abismo que separa o reino das trevas do reino de Deus. Incontáveis almas humanas aguardavam para cruzá-la. Então atingiu-se a plenitude dos tempos previstos no Plano de Salvação, e o Redentor estava para se manifestar.

"Pouco antes do seu nascimento terreno, Cristo enviou um arauto para preparar e anunciar a Sua vinda. Esse arauto, também espírito celestial, foi Elias, o mesmo que, em época de maior idolatria, combatera vitoriosamente os instrumentos das Potências do Mal e, concluída a missão, fora elevado ao Céu sem experimentar a morte. Agora, preparatório de Cristo, reencarnou como filho de Zacarias, recebendo o nome de João.

"Antes mesmo do nascimento de João, fora anunciada a vinda do Ungido de Deus. O arcanjo Gabriel, que levara a Zacarias a notícia do nascimento de João, recebeu também a incumbência de proclamar o nascimento humano do Redentor. Gabriel dirigiu-se a uma virgem de Nazaré, chamada Maria, a quem escolhera por mãe do Salvador."

O NASCIMENTO HUMANO DE JESUS

"A procriação e o nascimento na Criação de Deus obedecem a leis imutáveis: a união da semente masculina e da semente feminina é sempre necessária; não há exceções. A conceção humana só pode ocorrer quando o sêmen de um homem humano se une ao de uma mulher humana. Logo, nenhum espírito desencarnado — celestial ou infernal — pode gerar descendência sem recorrer a um corpo humano e ao seu sêmen.

"A narrativa bíblica da conceção de Cristo tem sido interpretada como se um espírito celestial houvesse gerado a criança no ventre de uma virgem, sem recurso a corpo ou semente humanos — interpretação incorreta e que dá azo a sérias dúvidas, mesmo entre crentes. Há, porém, uma explicação completa: quando um médium de materialização entra em profundo transe e o seu espírito se retira, um espírito estranho, bom ou mau, pode entrar no corpo e usar os seus órgãos como se fossem seus.

"Assim, um espírito ocupando o corpo de um médium masculino pode gerar prole com uma mulher. Não vos lembrais de que, nos tempos antediluvianos, os "filhos de Deus" — espíritos caídos — tiveram relações carnais com as filhas dos homens, gerando filhos? Se isso era possível a espíritos malignos, não o seria também aos bons, em benefício da salvação da humanidade?

"Tens agora a chave para entender a conceção humana de Cristo. O médium humano foi José, a quem Maria estava prometida em casamento. Já antes, espíritos de Deus falavam com Maria através de José, prevendo-lhe a Redenção. Para Maria, tais mensagens mediúnicas não eram invulgares — em Judá era prática corrente comunicar-se com o mundo espiritual. Isso é evidenciado na narrativa das Escrituras da aparição Od anjo a Zacarias. Quando Zacarias saiu do templo e ficou mudo, o povo soube que Zaqueu tinha sido visitado por um mensageiro de Deus (Lucas 1:22).

Maria não se assustou, pois, quando, certo dia, um espírito entrou em José como seu médium e lhe trouxe uma mensagem. Em contrapartida, surpreendeu-a a forma de tratamento usada pelo espírito, que a chamou de "bendita entre as mulheres", indicando-lhe que ela se tornaria mãe — algo incompreensível para Maria, pois nunca tivera relações com homem algum. O anjo explicou-lhe que um espírito santo a cobriria de poder, obra do Altíssimo, por isso o ser nascente seria chamado Filho de Deus. Revelou-lhe em detalhes como sucederia o milagre — ponto em que a Bíblia atual permanece em silêncio —, informando-a de que,

assim que o espírito deixasse o corpo do médium, outro muito elevado no Céu o substituiria, e por esse meio ela engravidaria, conforme a lei geral da procriação. Maria aceitou, então, o plano divino.

"Depois de Gabriel sair do corpo mediúnico de José, ainda antes de José acordar do seu profundo transe, entrou o próprio Cristo no corpo dele e concebeu-se em Maria segundo as mesmas leis que regem a conceção de todos os filhos de mulher. Pouco antes do parto, o espírito de Cristo entrou no corpo do menino — à semelhança de todas as encarnações espirituais, que se operam na fase final do nascimento, quando o espírito entra no organismo infantil.

"Os primeiros cristãos conheciam bem este modo de geração de Cristo, pois lhes fora revelado pelos mesmos meios que agora vos revelo. Sabiam que o corpo humano de Cristo fora gerado pelo próprio Cristo, usando José como seu médium. Ou seja, o espírito que Gabriel anunciara como vindo sobre Maria era Cristo em pessoa. Ele quis realizar pessoalmente tudo o que considerava necessário para consumar a Redenção: assumira desde o início o árduo trabalho preparatório, escolhera o povo de Deus como porta-voz da fé, conduzira-o, ensinara-o, admoestara-o, advertira-o e corrigira-o, enviara altos espíritos celestiais como profetas. O derradeiro passo dessa preparação foi gerar o corpo humano em que se encarnaria meses depois, no ventre materno, para, nascendo como mortal, viver entre os mortais como um deles.

"Ao acordar do transe, José ouviu de Maria o relato de tudo quanto se passara e viu-se perante um enorme dilema: acreditaria no que ela lhe dissera? Dentro dele travou-se uma terrível luta, pois, tal como todos nós, José era apenas humano. As Potências do Mal esforçaram-se para o convencer de que Maria o havia enganado e que tivera relações com outro homem, usando a alegação de que um espírito de Deus ocupara o seu corpo. Sem prova concreta, José, homem justo, não queria acusar Maria de adultério, o crime punido com a morte segundo a lei judaica. Receoso de a desposar enquanto voltassem as dúvidas, José contemplou secretamente o repúdio. Maria suportou em silêncio os tormentos daquela suspeita. À noite, porém, um anjo do Senhor apareceu ao médium José em espírito — Maria também era clarividente — e explicou-lhe tudo, pondo fim ao conflito interior.

"Sei que esta verdade te parecerá demasiado humana e conforme às leis mundanas da Natureza para vos convencerem plenamente, pois o ato da procriação é considerado reles por muitos, que chegam a censurar Deus por incluí-lo na ordem das coisas. Para eles, Deus não seria suficientemente puro.

Que julgamento tão injusto sobre a mais maravilhosa das leis — decretada pela onipotência e sabedoria divinas ao criar a procriação, a vida pré-natal e o nascimento de cada criança! Cristo, o mais elevado dos espíritos criados, não se julgou indigno de gerar o seu próprio corpo terreno segundo as leis eternas da procriação, para habitar, sofrer e morrer entre vós.

"Ainda que a verdade sobre a sua conceção humana te possa parecer pouco miraculosa, para Cristo tudo o que ocorre segundo as leis sagradas do Pai é milagre — como diz o pregador: "Tudo o que Deus ordena é eterno; nada se lhe pode acrescentar, nem nada se lhe pode retirar; Deus o fez assim para que os homens O temam" (Eclesiastes 3:14). Infelizmente, não O temeis, e por isso inventais teorias mirabolantes para explicar a encarnação de Cristo, teorias repletas de contradições que oferecem aos céticos bons motivos para ridicularizar o primeiro ato que Cristo realizou ao tornar-se homem.

"Se a Sua encarnação não obedecesse às leis da procriação humana, Paulo não poderia ter afirmado que Cristo "se fez como um de nós": então a Sua conceção diferiria em substância da de qualquer homem, e o Seu corpo não resultaria de semente humana. Mas Paulo estava certo: Cristo fez-se como vós no que à geração do corpo diz respeito.

"Sobre as doutrinas da Igreja Católica relativas a este tema — pertinentes para vós, que foste sacerdote —, comece-se pela isenção de Maria do "pecado original". Isto é verdadeiro, mas não pelas razões que a Igreja diz. Tal como outras criaturas terrenas escolhidas para grandes tarefas — Enoque, Abraão, Moisés, Elias e, mais tarde, João Batista —, Maria também fora um espírito celestial encarnado. Logo, ela não havia traído Deus nem caído em apostasia; estava, pois, livre do pecado que sobre todos os mortais pesa: o pecado original.

"A doutrina católica de que Maria, enquanto mortal, estaria isenta de todo o pecado, mesmo o mais leve, é, porém, completamente falsa. Não existe mortal sem defeitos humanos, como lhes chamais, mas esses nada têm que ver com o verdadeiro pecado de que Cristo veio redimir o mundo — o pecado de ter-se rebelado contra Deus. Esse é o pecado real. Todos os outros são fraquezas humanas, das quais nem mesmo Maria ficou livre. No entanto, ela permaneceu fiel a Deus, tal como Moisés, aquele excelso espírito celeste, apesar de ter, como homem, transgredido mais do que uma vez, razão pela qual lhe foi vedada a entrada na Terra Prometida.

"A Igreja Católica também erra ao afirmar que Maria permaneceu virgem depois da conceção e do nascimento de Cristo. A partir desse momento, deixou

de ser virgem, tal como qualquer mulher que concebe e dá à luz um filho; somente antes da conceção de Cristo ela o era, pois não convinha que o Redentor nascesse de alguém que já houvesse dado à luz outros filhos. É isso que significa a passagem de Mateus: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho" (Mateus 1:23).

"Também não corresponde à verdade a doutrina de que Maria não tenha tido mais filhos depois de Cristo. Com que fundamento pensas que ela teria renunciado ao direito de ser mãe, ou que José abriria mão dos seus direitos de esposo e pai? O facto de Cristo ter irmãos e irmãs que tenham nascido depois dele em nada lhe diminui o valor, nem afeta a sua pessoa, a sua vida, os seus ensinamentos ou a sua obra.

"Quando os textos originais do Novo Testamento se referem diversas vezes aos irmãos e irmãs de Jesus, falam dos seus irmãos e irmãs de carne e osso, não de "parentes" — como a Igreja Católica tenta a todo custo provar. Se fossem "parentes" teriam sido assim chamados e não "irmãos e irmãs"; será que a língua daquela época não dispunha de termo para "parentes"?

"Repara: na narrativa de Jesus, aos doze anos, no Templo, os seus pais procuram-no "entre seus parentes e conhecidos", mostrando que, quando querem referir-se a parentes, usam explicitamente essa palavra. Mais tarde, quando o mesmo evangelista diz: "Chegaram sua mãe e seus irmãos" (Lucas 8:19), não quer dizer "parentes", mas irmãos de sangue. E, quando quem lhe avisa diz: "Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?" (Marcos 3:33), usa de novo "irmãos", não "parentes". Também Mateus e Marcos relatam que a "mãe" e os "irmãos" de Jesus foram ter com Ele. Acreditais mesmo que os três evangelistas teriam escrito "irmãos" quando queriam dizer "parentes"? Seria ridículo.

"Quando, em Nazaré, Ele ensinou na sinagoga e a multidão admirou-se, perguntando uns a outros: "De onde lhe vem tamanha sabedoria e poder de fazer milagres? Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E não vivem aqui connosco igualmente as suas irmãs?" (Mateus 13:54–56) Estavam sem dúvida a listar o pai, a mãe, os irmãos e as irmãs de Jesus, não meros parentes. Qual o sentido de darem os nomes dos pretensos "parentes"? Admiravam-se das palavras e dos ensinamentos de um homem cujos familiares nada de extraordinário tinham: o pai, carpinteiro como todos, a mãe, mulher humilde, os irmãos e irmãs, gente comum de Nazaré, sem qualquer sinal de dom especial — exceto Jesus.

"A ideia de que "irmãos" e "irmãs" seriam apenas "parentes" é absurda. Vedes como uma falsidade só subsiste apoiada noutra? A Igreja Católica defende a virgindade perpétua de Maria, apesar de ter dado à luz Jesus, e, para manter essa doutrina — e, com ela, a infalibilidade papal —, foi obrigada a classificar historicamente comprovados irmãos e irmãs de Jesus como "parentes".

"O nascimento de Jesus decorreu como qualquer outro: a mãe deu à luz, o bebé foi amamentado, cuidado e, decorrido o tempo, desmamado, tal como acontece com todas as crianças. A mensagem dos anjos aos pastores, a sua aclamação do Redentor, a apresentação de Jesus no Templo e a vinda dos Magos do Oriente ocorreram exatamente como narra o Novo Testamento. Os Magos eram instrumentos divinos, dotados de grandes poderes mediúnicos. Nas suas terras, propagavam a fé verdadeira e, através da comunicação com o mundo espiritual benevolente, conheciam muitas verdades sobre a salvação.

"Foi esse mesmo mundo espiritual que, proclamando aos pastores o nascimento do Salvador, também revelou a boa nova aos Magos, que já tinham sido avisados da vinda iminente do Messias. Foram então convidados a partir em busca da criança onde o Filho de Deus se encarnara, embora o lugar lhes fosse ocultado — souberam apenas que uma estrela luminosa, visível a todos, os guiaria, tal como a coluna de nuvem guiara Moisés e o povo de Israel.

"Dirigiram-se primeiro a Herodes, em Jerusalém, ato divino para que o príncipe terrestre fosse informado do nascimento daquele que haveria de governar o mundo, e para que se cumprisse o destino dos meninos de Belém, profetizado pelos antigos. As Potências do Mal, porém, inspiraram Herodes de novo com medo pelo seu trono, levando-o a ordenar o massacre das crianças, para que o mensageiro da verdade perecesse.

"Os Magos só chegaram a Belém depois da apresentação de Jesus no Templo, pois seus pais tinham ido lá com o menino e aí ficaram algum tempo antes de regressar a Nazaré. Durante a estadia em Belém, apareceram então os Magos. Quando estes partiram de regresso, um mensageiro de Deus advertiu José em sonho a fugir para o Egito com Maria e o Menino, pois Herodes, ao saber do nascimento do novo Rei dos Judeus, decidira matá-lo. José decidiu-se, assim, a partir naquela mesma noite rumo ao Egito.

"Depois de a criança Cristo ter superado a fase da mais tenra infância, a sua meninice desenrolou-se como a de qualquer outro garoto: aprendeu a andar e a falar, brincou com os demais e, ocasionalmente, comportou-se mal — tal como todos os meninos. Com o passar dos anos, o seu entendimento foi-se

desenvolvendo e, embora como encarnação do mais elevado dos espíritos criados fosse dotado de grandes talentos, teve de empenhar-se em aprender, tal como qualquer um. Em criança, chegou a conhecer Deus pelas lições dos seus pais e professores, ouvindo os ensinamentos na sinagoga de Nazaré e discutindo-os com os anciãos, aos quais pedia explicações sempre que algo lhe escapava ou parecia-lhe incongruente.

"Também não lhe faltaram as tentações que assolam toda a humanidade, na medida em que o vigor da tentação cresce à proporção da maturidade física e intelectual. Conseguiu vencê-las na medida em que o seu conhecimento do mal se ia ampliando com a idade, mas nem sempre escapou a pequenas transgressões de fraqueza humana, tal como sucede com as melhores crianças. Cada vitória sobre a tentação concedia-lhe, porém, maior força interior e conhecimento espiritual, e Deus, vendo o seu progresso, permitia que o mal o tentasse com ainda maior intensidade — é assim com qualquer mortal, pois toda a vida de um homem temente a Deus é um combate permanente com as potências hostis.

"À medida que crescia, as incongruências e imperfeições da fé judaica professada pelos seus pais deram-lhe motivo a profundas interrogações. Quando aprendeu hebraico e pôde ler os textos originais do Antigo Testamento, começou a questionar as interpretações correntes da Lei, mas, ao manifestar essa franqueza, era severamente censurado pelos que o instruíam. Foi esse conhecimento crítico das doutrinas judaicas que, aos doze anos, o levou ao Templo de Jerusalém, onde espantou os doutores ao lhes colocar questões e ao responder-lhes com a sua própria sabedoria.

"Como qualquer "menino prodígio" — e ele o foi no domínio da compreensão dos caminhos de Deus —, Jesus era humano. No início, desconhecia a sua identidade e a missão que haveria de cumprir. Mas, pouco depois de atingir a idade da razão, começou a revelar capacidades mediúnicas notáveis, desenvolvendo plenamente os dons de clarividência (ver espíritos) e clarividência auditiva (ouvir o que os espíritos diziam). Tais dons não lhe eram inéditos, pois muitos outros antes dele também os possuíam, mas nele atingiram o máximo grau de perfeição que um homem pode alcançar.

"Foi através dessa comunicação com o mundo espiritual divino que aprendeu, já em vida, tudo o que precisava para a sua missão — pois, enquanto mortal, nada sabia ainda. Como a encarnação de qualquer espírito, não guardava memória da sua existência anterior. Assim, tudo o que ensinou em vida foi-lhe

transmitido pelo mundo dos espíritos, tal como sucedera com Moisés, que aprendeu diretamente de Deus no Tabernáculo.

"Desse modo, viveu Jesus a infância, a adolescência e entrou na maturidade crescendo em sabedoria — não apenas no desenvolver natural de todos os que amadurecem, mas sobretudo graças aos ensinamentos dos espíritos divinos. Crescia também a sua bondade, de que vos dá testemunho o Evangelho em poucas palavras: "Jesus crescia em estatura, sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens" (Lucas 2:52).

"Trata-se de progresso real e não de simples revelação gradual de algo já perfeito: sendo matéria inerentemente imperfeita, todo corpo humano transmite fraquezas ao espírito que o habita. Mesmo um espírito puro, ao encarnar-se, tem de lutar passo a passo contra as influências degradantes do mal para alcançar a perfeição. A mortalidade de Cristo não o isentou dessa regra: até ao último suspiro teve de combater contra imperfeições humanas, e mais de uma vez cedeu à fraqueza em confronto com o Mal.

"No jardim do Getsémani, até o maior dos vitoriosos tremeu e orou ao Pai para que o livrasse daquele cálice de sofrimento, concluindo, porém, "não a minha vontade, mas a tua seja feita". Só um ser perfeito, isento de toda a fragilidade, teria dito: "Pai, envia o que quiseres; eu suportarei tudo", mas tal perfeição não existe na carne. E mesmo no alto da Cruz, imolado por nós, Jesus vertia o clamor humano: "Eloí, Eloí, lamá sabactâni?" ("Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?") — grito que jamais teria proferido um ser sem qualquer fraqueza humana.

"Paulo registou esta verdade na sua Epístola aos Hebreus, em palavras incómodas para quem considera Cristo como Deus e, por isso, nega a possibilidade de Ele pecar ou rebelar-se contra Deus. Paulo escreveu: "Naqueles dias em que vivia na terra, Cristo, em grande agonia e com muitas lágrimas, elevava súplicas fervorosas àquele que o podia livrar da 'morte'… As suas petições foram atendidas e ele foi liberto do seu temor. Embora fosse Filho de Deus, aprendeu a obedecer através dos sofrimentos que suportou. Só depois de alcançar a perfeição se tornou fonte de salvação para todos os que lhe obedecem" (Hebreus 5:7–9).

"Nestas palavras encontrarás confirmação de tudo quanto vos revelei, até ao mais pequeno pormenor.

"Na minha explicação do Plano de Salvação de Deus, chamei a tua atenção para o facto de mesmo o mais elevado dos espíritos criados, ao encarnar, correr o risco de ser vencido pelo Mal e de desertar de Deus. Esse perigo ameaçava o próprio Cristo, de que Ele estava plenamente consciente. Mais do que uma vez esteve prestes a sucumbir às insídias de Satanás. Paulo indica isso quando diz que Cristo clamou a Deus em meio a grandes angústias e prantos para ser salvo da morte. Se não se tratasse de morte física, pois Paulo afirma que as suas preces foram ouvidas, significa que Deus o preservou daquele tipo de morte de que Cristo mais temia — a morte espiritual, o abandono de Deus.

"A Bíblia nada diz das batalhas diárias que Cristo travou com as Potências do Inferno, que tudo tentaram para quebrar a sua vontade e levá-lo a renegar Deus. Mas, pelo facto de Cristo, em lágrimas, clamar a Deus por livramento, e de temer poder não resistir por muito mais tempo — tudo isso mostra que era possível que mesmo Ele abandonasse Deus. Tivesse Satanás sabido que a derrota era impossível, não o haveria de atacar com tal violência; ataca sempre apenas aqueles a quem vê vulneráveis. Se Lúcifer, o segundo mais elevado dos espíritos, pôde desertar, por que não poderia também o mais alto? Satanás, conhecedor do que faz, não arrisca empreitadas sem uma razoável perspetiva de sucesso.

"Paulo refere no mesmo texto que Cristo teve fraquezas e defeitos humanos, ao dizer que Cristo, apesar de Filho de Deus, "aprendeu a obedecer pelas coisas que sofreu". Portanto, como mortal, Cristo teve de aprender a obedecer, não cedendo sempre aos apelos da sua melhor natureza, mas sendo corrigido pelas consequências de cada ato de desobediência. Foi assim que, por meio da mais completa obediência — a Sua morte na Cruz —, Ele alcançou a perfeição.

"É precisamente isso que torna Cristo grandioso e admirável: sendo Filho de Deus, lutou contra as imperfeições humanas e resistiu, apesar de tudo, aos ataques infernais. Sofreu as mais violentas investidas, tremeu de medo, suplicou a Deus em oração e, ainda assim, manteve-se fiel. "Porque não temos um sumo sacerdote incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas, mas um que, tal como nós, foi tentado em tudo — porém sem pecado" (Hebreus 4:15). Aqui "pecado" não designa as falhas humanas de que ninguém se livra — nem Cristo —, mas a iniquidade que nos separa de Deus, o pecado mortal de apostasia, da qual Cristo nunca se culpabilizou.

"A aparição pública de João Baptista como pregador do arrependimento foi decisiva na vida de Cristo, pois até aí Ele não sabia ainda que era o Messias prometido. Quando, porém, procurou João e este O saudou diante do povo como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo", Cristo compreendeu então a Sua identidade e essa convicção foi confirmada pela voz de Deus que disse: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo."

"Chegara, assim, o momento em que o mundo espiritual de Deus revelou a Cristo a Sua missão terreno: era o primogénito dos espíritos criados, Filho de Deus, incumbido de proclamar a verdade divina, de resistir às investidas de Satanás — que Lhe causaria a morte na Cruz, como previam os profetas — e de, só depois de consumar esse sacrifício, alcançar a vitória final sobre o inferno.

"O inferno reconheceu em Cristo o Mensageiro de Deus, enviado para conduzir a humanidade através dos Seus ensinamentos e pronto a morrer por essa verdade. Mas nem mesmo Lúcifer percebeu a ligação entre a Crucifixão e a vitória definitiva sobre o mal — caso soubesse, não haveria de O tentar nem conspirar pela Sua morte. Limitou-se a eliminá-lo rapidamente, esperando denegrir os Seus ensinamentos através de uma morte humilhante: um Messias mortal não poderia impedir o Seu próprio fim, e, se falhasse nessa missão, tudo o que ensinara seria esquecido, pois nenhum aspirante a Rei dos Judeus terminaria crucificado sem desacreditar-se a si próprio. Essa foi, de facto, a lógica de Satanás.

"Cristo passara a saber quem Ele era e a dimensão da Sua grande missão, mas antes de a pôr em prática também a Sua resistência teria de ser posta à prova, tal como acontecera com todos quantos O haviam precedido como instrumentos de Deus. Precisava de demonstrar-se à altura da Sua tarefa de alcance tão vasto e decisivo. Foi para esse fim que um espírito de Deus O conduziu ao deserto.

"Ali, foi chamado a enfrentar um ataque aterrador das Potências das Trevas. Não O assistia nem O consolava ser humano algum — nem a mãe, nem os irmãos, nem os amigos podiam alcançá-Lo naquele lugar de solidão, em que a alma, dilacerada pelo conflito interior, ansiava pelo amparo de um coração humano. Em vez disso, ouviu o uivar das feras e, pelos Seus olhos clarividentes, destoaram formas infernais, que se erguiam e desapareciam incessantemente diante d'Ele.

"Podia ouvir vozes a seduzir, prometer, ameaçar. Recorreram a todas as tentações a que o homem se rende, pois Satanás dispõe de especialistas em

cada campo do mal. Surgiram espíritos de desânimo e de cobardia, de dúvida — para abalar a Sua convicção de Filho de Deus e de Mensageiro Divino — e levá-Lo ao desespero; espíritos de Odio, para O amargurar contra um Deus que O abandonara no deserto; espíritos do prazer, a pintar-Lhe quadros de conforto e deleites desesperadamente atrativos, em contraste com o árido deserto. Todos, porém, apareciam sob o disfarce de anjos de luz, fingindo ser amigos.

"Os espíritos sedutores cumpriam o seu papel com mestria, mas os mais hábeis eram os de dúvida, que retornavam continuamente ao ataque. Como poderia Deus enviar o Seu Filho primogénito para padecer fome e torturas da alma? Tudo o que o batista lhe fizera ouvir, tudo o que ouvira da voz divina junto ao Jordão, não seria acaso uma ilusão coletiva ou obra do Maligno? Seria Ele mesmo Filho de Deus, ou não estaria apenas enredado numa grande alucinação?

"Era nesse ponto que o inferno concentrava o seu cerco: destruir a fé de Cristo na Sua filiação divina. Uma vez destruída essa convicção, Satanás teria ganho o combate, pois quem perde a fé na sua missão abdica voluntariamente dela. Durante quarenta dias e quarenta noites, aquela perseguição implacável prosseguiu contra o Filho do Homem — privado de toda a força humana, com o corpo fraco da fome e da insónia — no meio de nada além de areia e rocha. Inúmeras vezes, em lágrimas, Cristo clamou ao Pai por livramento da morte espiritual que tanto temia, pedindo força para resistir até ao triunfo final.

"Quando, no último dia, falharam todos os artifícios dos demónios, surgiu em pessoa o Príncipe das Trevas, especialista em maravilhas infernais. Aproximou-Se de Jesus, que mal podia manter-se de pé, e disse-lhe: — Tu dizes ser Filho de Deus. Se assim for, não precisas de sofrer fome: basta ordenares que estas pedras se convertam em pão. Mas não tens esse poder, homem iludido, e por essas tuas crenças hás de morrer aqui de inanição. Eu, porém, posso fazê-lo, pois sou também filho de Deus — que eu abandonei e que, na Sua crueldade, te deixou a padecer. Eu trabalho milagres que Deus não me pode retirar. Se quiseres, transformo estas pedras em pão; verás que posso fazê-lo.

"Renega aquele que te abandonou e junta-te a mim; terás os melhores manjares da terra. — Vai-te embora, Satanás — respondeu Cristo — não quero o teu pão nem o que eu próprio pudesse criar com estas pedras. Aguardo a palavra divina que, no tempo assinalado, me dará alimento e me manterá vivo.

"Satanás, porém, não se deixou desencorajar — Muito bem — replicou — se não executas milagres diante de mim nem aceitas o pão que te ofereço, há outro modo de testar se és mesmo o Filho de Deus. Esta é a cornija do Templo:

lança-te daqui abaixo e verás se as mãos dos anjos te amparam. Tu mesmo sabes que eu não te ajudarei, pois quero mostrar-te que não és Filho de Deus, certo de que a queda te fará em pedaços. Mesmo assim, experimenta-o! Deus não pode exigir de ti uma fé cega. Se não aceitares este desafio, não te dignas compreender. Se sobreviveres incólume, até eu acreditarei em ti; mas, se morreres, agradece a Deus por te livrar depressa dessa ilusão louca, em vez de te veres desperdiçar a vida até ao fim, desiludido e desprezado pela humanidade. — Não vou pôr à prova o meu Senhor — retorquiu Cristo, reunindo o que ainda Lhe restava de forças físicas e espirituais —. Não usarei este expediente para provar a minha filiação divina. Entrego essa prova ao Pai, que não me falhará, como já verás tu próprio.

"Nesse instante, o coração de Lúcifer, o segundo Filho de Deus e caído, vacilou perante o irmão leal. A Sua fé inabalável em Deus e a recusa de recorrer a prodígios mundanos frustraram toda a magia infernal. Cristo passou, então, a saber quem era e qual o alcance da Sua grande missão, mas antes de a iniciar, também a Sua resistência teve de ser posta à prova, como sucedera com todos quantos antes serviram Deus como instrumentos Seus. Precisava de comprovar que estava à altura de tão decisiva tarefa. Foi um espírito de Deus que O conduziu ao deserto.

"Lá, foi chamado a enfrentar um ataque aterrador das Potências das Trevas. Não lhe assistia alma humana alguma — nem a mãe, nem os irmãos, nem amigos — precisamente quando, consumido pelo turbilhão interior, mais ansiava por um gesto de compaixão. Em vez disso, ouvia o clamor de feras selvagens e, pelos Seus olhos clarividentes, vislumbrava formas infernais a surgir e a desaparecer sem cessar. Ouvia-as murmurar tentações, prometer delícias e lançar ameaças.

"Todas as tentações humanas foram empregues contra o Filho do Homem, pois Satanás dispõe de especialistas para cada domínio do mal: espíritos de desânimo e medo, de dúvida — para abalar a Sua convicção na Oprah divina e na missão que Lhe fora confiada —, espíritos de Odio — para O amargurar contra um Pai que O abandonava naquele ermo —, e espíritos de prazer — a pintar-Lhe quadros de conforto supremo, em óbvia contradição com o vazio do deserto. Todos se apresentavam sob o disfarce de anjos de luz, fingindo ser amigos.

"Por fim, no derradeiro dia, surgiu em pessoa o Príncipe das Trevas, especialista em maravilhas infernais. Aproximou-Se de Cristo, já exausto da fome e do cansaço, e disse-Lhe: — Tu és Filho de Deus, dizes tu. Se assim for, não

faltará pão: basta ordenares que estas pedras se convertam em alimento. Mas não tens esse poder, e por isso morrerás aqui à míngua. Eu, porém, filho de Deus que abandonei, posso fazê-lo. Renega o Pai que te deixou neste padecimento e junta-te a mim — terás na terra todas as delícias. — Vai-te embora, Satanás — respondeu Cristo, reunindo o pouco de força que Lhe restava — não aceito o teu pão, nem quero milagres feitos por ti. Aguardo a palavra do Pai, que me dará sustento no tempo marcado.

"Satanás, porém, persistiu: — Bem, então prova tu mesmo a tua filiação divina. Vê aquele ângulo do Templo: lança-te e os anjos, cujas mãos te sustentam, amparar-te-ão. Eu não te ajudarei, pois quero mostrar-te que não és Filho de Deus. Se sobreviveres, até eu acreditarei em ti; se pereceres, agradece a Deus por te livrar depressa desse delírio insensato, em vez de desperdiçares a vida até ao fim, humilhado. — Não testarei o meu Senhor — replicou Cristo — e não me vale recorrer a tais provas. Entrego essa comprovação ao Pai, que não me desonrará.

"Em face de tal fé inabalável, Lúcifer, por instante, sentiu-se derrotado. O Seu castelo de areia não cedera nem à tentação nem ao temor. Perdera-se, pois, a esperança de vencer pelo engano ou pela sedução. Restava-lhe apenas usar a mais cruel das armas: a tortura física. Emprestar-lhe-iam a mão legiões de súbditos, do mais erudito ao mais ignaro, reis e camponeses, autoridades seculares e eclesiásticas. Sabendo esperar o momento certo, Satanás retirou-se para aguardar nova ocasião: "E, depois de o diabo ter esgotado toda a tentação, apartou-se dele até um tempo oportuno" (Lucas 4:13).

"Eram justamente essas afrontas infernais que Paulo tinha em mente quando escreveu que Cristo, "em grande angústia e muitas lágrimas, ofereceu súplicas fervorosas a quem o podia livrar da 'morte'" — significando a morte espiritual de abandono divino.

Vês, Deus não concede os Seus mais preciosos dons sem exigir algo em troca: cabe aos recipientes provar-se dignos, resistindo a duríssimas provas. Mesmo Cristo, enquanto mortal, teve de ganhar a força necessária para a Sua grande missão por meio do combate. A cada vitória contra o mal, recebia maior auxílio divino: "Então, anjos vieram servi-Lo" (Mateus 4:11), que até Lhe trouxeram alimento terreno após os quarenta dias de jejum — prodígios que só se permitiu aceitar depois de rejeitar o pão infernal.

"Após vencer esta primeira prova, Cristo iniciou o Seu ministério de pregação, escolhendo junto de Si alguns homens pobres e simples — os

Apóstolos — dispostos a aceitar a verdade. Pretendia iniciá-los nos mistérios da Redenção, mas logo constatou que, apesar da boa vontade, também eles eram débeis e só podiam suportar parte da verdade.

"Antes de mais, tinha de convencer discípulos e povo de que era o emissário de Deus: revelar-lhes a Sua identidade e missão e provar tudo isso com o poder de Aquele que O enviara. O mesmo sucedera com Moisés, cuja missão antecipava a do Messias: "Levantar-te-ei um profeta semelhante a mim" (Deuteronómio 18:15).

"Moisés tinha sido enviado pelo Senhor para conduzir um único povo da terra da servidão para a Terra Prometida. Os escravos eram os israelitas; seus opressores, os egípcios sob o reinado de Faraó. A quem Cristo veio libertar da escravidão foram todos os espíritos que haviam se afastado de Deus; seus senhores eram as Potências do Inferno, sob o governo de Lúcifer. Antes que Moisés pudesse resolver o problema que lhe estava colocado, era preciso realizar duas coisas. Primeiro, teria de convencer o seu povo a concordar em deixar a terra da servidão e a aceitá-lo como líder. Em seguida, e muito mais difícil, teria de forçar os egípcios e o seu rei a permitir que os israelitas partissem, pois está fora de dúvida que Faraó e os seus súbditos não abririam mão de boa vontade da mão-de-obra barata dos seus escravos, homens e mulheres.

"Do mesmo modo, a Redenção operada por Cristo dependia de dois passos: primeiro, deveria persuadir os espíritos caídos que tinham chegado ao nível de encarnação humana, mas ainda padeciam sob o jugo do Mal, a declararem-se dispostos a abandonar os seus caminhos; depois, permanecia a tarefa muito mais árdua de obrigar os Senhores do Mal, sob o comando de Lúcifer, a entregar-lhes os súditos que desejavam regressar a Deus.

"Tanto para Moisés como para Cristo, a obra dividia-se claramente em duas fases. No caso de Moisés, incluía-se, acima de tudo, a necessidade de manter-se firme perante o Faraó, sem permitir que ameaças ou promessas o desviassem da missão que Deus lhe confiara, pois bastaria o seu fracasso para anular todo o Plano Divino. Ao mesmo tempo, o povo de Israel tinha de cumprir a sua parte, declarando-se pronto a levantar-se e segurando-se à espera da partida. Em seguida, cabia a Deus conceder-lhes a vitória decisiva sobre Faraó e consumar a sua libertação, de um modo que nem Moisés nem o povo tinham de conhecer: isso seria problema exclusivo do Senhor.

"O mesmo ocorreu com Cristo. Tampouco lhe cabia explicar ao povo como a Redenção se haveria de realizar. Cabia-lhes apenas proclamar que chegara a

hora da libertação, que deveriam esforçar-se por se fazerem dignos do dom e que Ele era o Mensageiro que Deus lhes enviara como Salvador.

"Por seu turno, Cristo tinha de vigiar para não sucumbir às investidas das Potências das Trevas, que não poupavam qualquer artifício para O levar a renegar o Seu Deus e abandonar a missão divina. Tal como Moisés, Cristo teve de defender-se contra o inimigo que veio combater. Se resistisse nos postos de combate até ao fim, caberia a Deus decidir como transformar a defesa numa ofensiva vitoriosa — pois, enquanto mortal, Cristo não podia travar campanha ofensiva contra espíritos inimigos, podendo apenas repelir as suas investidas através da fé, da resistência à tentação e da recusa às intimidações, aparições e conspirações dos agentes humanos do Mal. Só como espírito, depois da morte terrena, poderia Ele passar à ofensiva contra Satanás, altura em que se cumpriria: "desceu ao inferno".

"Conforme já te disse, existia a possibilidade de Cristo, na condição de homem, ter sido vencido por Satanás; se isso tivesse ocorrido, o Príncipe do Inferno contaria também o Primogénito de Deus entre os seus vassalos. Nesse caso, Deus faria encarnar outro dos príncipes celestiais mais elevados para consumar a Redenção, que, por causa das fraquezas humanas, o Seu Filho primogénito não teria logrado realizar.

"Estremecem ao pensar que Cristo poderia ter sucumbido aos ataques de Satanás, e no entanto isso é um facto. Vós, mortais, não apreciais sequer remotamente o amor do vosso Pai Celestial, que não poupou o Seu primogénito, mas que, por amor de vós, arriscou perdê-Lo tal como perdera o Seu segundo filho. Também não conseguem imaginar quão terrível foi a batalha que Cristo teve de travar contra todo o inferno, para que pudésseis ser redimidos. O mais ínfimo dos demónios pode provocar o vosso afastamento de Deus em tão poucos momentos; a vitória dele conquista-se com uma mão cheia de dinheiro, com a fama terrestre ou com prazeres sensuais.

"Mas Cristo, o vosso irmão mais velho, foi atacado por todas as forças do inferno, lideradas pelo próprio Lúcifer, não apenas uma vez e por breves instantes, mas repetidamente, ao longo de toda a Sua vida humana. Coluna após coluna desses guerreiros sinistros avançava, dia após dia, contra o Filho do Homem, recorrendo finalmente aos tormentos físicos mais infernais, até que a Sua vítima sangrou até à morte na Cruz. Morreu, de facto, em corpo humano, mas não vacilou na Sua lealdade a Deus. Satanás demonstrou ser impotente contra Ele, ainda que Aquele contra quem se juntaram todas as forças infernais

fosse tão humano como vós e em tudo se parecesse convosco. Este, pois, é o verdadeiro retrato do Redentor, e assim foi concebida a Sua missão de Redenção.

"Tal como Moisés, que primeiro teve de se fazer reconhecer pelos israelitas como enviado Divino para os salvar e que teve de provar a sua missão através de milagres, Cristo também devia revelar às pessoas quem Ele era e qual a missão que tinha de cumprir. E, tal como Moisés, teve de dar credibilidade à Sua missão de Redenção mediante milagres. Quem era Cristo e o que Ele próprio professou ser? 'Eu sou Cristo, o Filho do Deus vivo.' Este é o Seu testemunho, confirmado pelas palavras de Deus: 'Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.' Cristo era, portanto, o Filho de Deus, e nada mais reivindicou ser. Não era Deus.

"Em nenhum momento disse 'Eu sou Deus'. Nem uma só vez afirmou ser igual a Deus em qualquer aspeto. Não se cansou de repetir, com ênfase, que nada podia fazer por Si próprio, que as Suas palavras não eram d'Ele e que não podia realizar milagres por conta própria. É o Pai que O enviou, de Quem recebeu toda a verdade e de Quem recebeu o poder para curar os doentes e ressuscitar os mortos. Tudo o que faz é segundo a vontade do Pai e na hora por Ele marcada. Tal como um procurador só pode agir em nome e por conta do soberano que o nomeou e apenas dentro dos limites da autoridade que lhe foi delegada, assim é Cristo.

"Mesmo que um governante conferisse poderes plenos ao seu procurador, este não poderia chamar esses poderes seus, pois não é o governante, mas sim um seu dependente em tudo. Pode ser destituído do cargo a qualquer momento. Assim aconteceu com José, procurador do Faraó: recebeu poder ilimitado para salvar o país e, como símbolo do seu poder real, o Faraó deu-lhe o seu anel real e vestiu-o com traje régio. Com esse anel, José devia autenticar todos os documentos como documentos reais; com aquela veste, era semelhante ao Faraó. No entanto, não foi José, mas o Faraó, quem continuou a ser o soberano chefe do Estado.

"José era meramente o seu procurador, embora investido de plenos poderes reais, que não detinha por direito próprio, mas por concessão voluntária do rei, o qual podia restringi-los, retirá-los ou conferi-los a outra pessoa conforme a sua vontade. Esta é a forma mais simples e clara de ilustrar a relação de Cristo com Deus. Deus é Senhor e Criador de todas as coisas, inclusive do Seu Filho. Deus é em Si mesmo eterno, omnipotente, omnisciente. Não o é o Seu Filho. O Pai conferiu ao Filho a regência da Criação e, acima de tudo, a tarefa da

Redenção. Mas o Filho não tem nada em Si mesmo: nem a Sua existência, nem a Sua regência, nem o Seu poder. Tudo Lhe foi dado pelo Pai. Embora, no céu, o Filho possa estar revestido como o Pai e agir com autoridade Divina, não é Ele Deus, assim como José não era o Faraó. Este facto está tão claramente expresso nas Sagradas Escrituras que é surpreendente constatar que se tenha feito de Cristo 'Deus', perante a solene declaração do Pai e Senhor de toda a Criação: 'Eu sou Deus, e não há outro'.

"Nem mesmo as denominações cristãs que veneram Cristo como Deus e O igualam ao Pai ousam afirmar que Ele alguma vez disse 'Eu sou Deus'. Baseiam a sua tese, antes, no facto de Ele se ter chamado Filho de Deus. Argumentam como fizeram os sumo-sacerdotes, escribas e fariseus, de quem a Bíblia diz: 'Procuravam insistentemente matá-lo, porque, não só profanava o sábado, mas também, ao chamar Deus o seu verdadeiro Pai, se fazia igual a Deus.' (João 5:18) Cristo não se defendeu da acusação de se ter chamado Filho de Deus, pois era 'Filho de Deus' num sentido que não cabia a nenhum outro 'filho de Deus' ou espírito Divino. Era não só o mais elevado dos espíritos criados por Deus, mas o único cujo corpo celeste também fora criado por Deus.

"Quanto aos outros filhos de Deus, apenas os seus espíritos foram criados por Deus, enquanto os seus corpos celestes deviam a existência ao Seu primogénito. Cristo era, portanto, não só o 'primogénito' de Deus, mas também o único cujo ser inteiro resultara da criação Divina direta. Era único. Era o 'Filho unigénito' do Pai. Num outro aspeto também era Filho de Deus num sentido que só a Ele cabia: sobre Ele, e apenas sobre Ele, Deus conferira a regência da Criação. Deus dera-Lhe a mesma posição no Seu reino que o Faraó dera a José no reino do Egito. Neste particular, pois, os judeus tinham razão: Cristo chamou-Se Filho de Deus num sentido especial. Ele era o Filho de Deus. Mas contra o que Cristo se defendeu com veemência foi contra a acusação trazida pelos Seus inimigos judeus de que Ele se fazia igual a Deus.

"Inúmeras vezes protestou, afirmando que não tinha poder e que nada podia fazer por Si mesmo. Se alguém nada pode fazer por Si próprio, isso prova irrefutavelmente que não é Deus. Trata-se de uma conclusão tão óbvia que nem os sumo-sacerdotes nem os escribas teriam deixado de a perceber. E, embora compreendessem bem o que Jesus queria dizer com a expressão 'Filho de Deus', fingiam não entender, pois procuravam pretextos para a Sua morte e não encontravam melhor do que acusá-Lo de se fazer igual a Deus ao chamar-Se Filho de Deus. Uma vez agarrados a esse pretexto, tiveram de lhe permanecer fiéis a todo o custo; nada do que Cristo dissesse em sua defesa lhes seria útil.

"É verdade que Cristo tinha plena autoridade na terra e no céu, mas não por si mesmo. Assim como José detinha o seu poder no Egito pela graça do Faraó, Cristo derivava o Seu poder do Pai. Da mesma forma que José não era o Faraó, Cristo não era Deus. Só o Pai é Deus, e todo o poder reside exclusiva e unicamente Nele. Ao Seu bel-prazer, o Pai pode delegar esse poder a qualquer espírito criado, servindo-Se dele para realizar as Suas obras. O poder conferido a Cristo poderia ter sido dado pelo Pai a qualquer outro ser criado, não precisaria de ser o Seu primogénito.

"Os grandes milagres realizados por Cristo poderiam ter sido feitos por qualquer outro humano, se Deus Lhe concedesse o poder necessário. O próprio Cristo afirmou sem rodeios que quem quer que n'Ele acreditasse teria também o poder de fazer as mesmas obras e até maiores: "Quem crer em mim fará obras maiores do que estas" (João 14:12). Crer em Cristo é crer em Deus, não porque Cristo seja Deus, mas porque Ele proclama os ensinamentos de Deus: "Não falei de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, esse me deu ordens sobre o que havia de dizer e ensinar" (João 12:49). Entre o Pai e Cristo existe perfeita unidade de amor, e qualquer criatura de Deus pode alcançar essa mesma união com o Pai.

"Cristo ora ao Pai pelos Seus discípulos, pedindo que sejam um como Ele e o Pai são um: "Para que todos sejam um, como tu, Pai, em mim e eu em ti, para que também eles sejam um em nós" (João 17:22-23). Vedes como é ilógico que a vossa Igreja baseie a divindade de Cristo no "Eu e o Pai somos um", quando esse mesmo ser prometido ao Filho está à disposição de todos os que creem. Se estudardes as palavras em que Cristo descreve a Sua relação com o Pai, vereis quão sacrílego é chamá-Lo Deus, apresentá-Lo como o doador, quando Ele não passa de recetor e só pode dar aos outros aquilo que recebe do Pai. O mesmo sacrílego pecado de blasfémia que os judeus imputaram a Cristo ao acusarem-No de se equiparar a Deus é hoje cometido por aqueles que fazem de Cristo Deus, apesar de Ele próprio rejeitar essas pretensões.

"Cristo ensinou, quanto à Sua pessoa, à fonte da Sua doutrina e ao poder de que dispõe, que tudo recebia do Pai; em Si mesmo nada tinha — não é Deus. Houve coisas que Deus negou até a Cristo e reservou para Si mesmo: o lugar à direita e à esquerda no reino não Lhe competia dar, mas cabia ao Pai determinar quem as receberia (Mt. 20:23); o dia do Juízo Final não era do conhecimento do Filho, mas somente do Pai (Mt. 24:36); e o pedido de escapar à agonia da cruz, orado no jardim do Getsémani, não Lhe foi concedido.

"A própria família de Cristo, os Apóstolos e muitos que Nele creram viam-No apenas como profeta e emissário de Deus. Mesmo Sua mãe, embora soubesse pelo anjo que Ele era um dos "Filhos de Deus" encarnado, reconhecia-O como humano, sujeito a fraquezas, e não aprovava abertamente todos os Seus ensinamentos, que contrariavam a doutrina judaica tradicional. Quando Ele atacou publicamente os líderes espirituais do judaísmo, Maria e os Seus irmãos tentaram contê-Lo e fazê-Lo regressar a casa, temendo o Odio dos sacerdotes, escribas e fariseus, e a possível excomunhão de todos os que Lhe seguiam (Mc. 3:21; Jo. 7:5; Jo. 9:22).

"O sacerdócio judaico advertia o povo contra Jesus e os Seus ensinamentos, valendo-se livremente da calúnia como arma, referindo-O como "falso profeta", "possuído pelo diabo", "agitador", "bebedor de vinho", "desregrado", que passava o tempo na companhia de mulheres afastadas do caminho e se sentava à mesa com publicanos e pecadores notórios. Não havia expediente tão reles que eles não usassem para torná-Lo inofensivo, pois Ele representava uma ameaça ao seu domínio sobre o povo. Não podiam tolerar que a grande maioria aceitasse como verdade religiosa algo que divergia do que eles próprios pregavam.

"Aos sacerdotes cabia-lhes a obediência popular: o que o clero não acreditasse, o povo não podia crer, sob pena de condenação. "Há acaso algum membro do Sinédrio ou dos fariseus que tenha vindo a crer n'Ele? Não, apenas o povo comum, que nada sabe da Lei. Malditos sejam!" (João 7:48-49). É sempre a mesma história antiga, entoada pelo clero de todas as confissões assim que veem ameaçada a sua influência por um arauto da verdade. Também tu o experimentarás quando tornares públicas as verdades que te transmiti: repetir-se-ão todos os acontecimentos daqueles dias.

"O servo não é maior do que o seu senhor, e chamar-te-ão padre renegado, falso profeta, louco, possuído pelo diabo, degenerado. Mesmo os teus parentes te lançarão acusações, dizendo-te que deverias ter ficado calado, pois o que servia a outros clérigos bastaria para ti. Mas não temas! Confia em Deus! Que tens a recear dos homens? Antes, ao difundires a verdade, farás grande bem a muitos. Até membros do clero que lerem o teu livro se convencerão de que ele contém a verdade, embora não a admitam publicamente. Não foi diferente na época de Cristo: "Muitos dos membros do Sinédrio creram em Jesus, embora não o confessassem por medo de serem excomungados pelos fariseus, porque preferiam a honra dos homens à honra de Deus." (João 12:42-43).

"Até os Apóstolos duvidaram do seu Mestre em mais de uma ocasião, pois concebiam um Messias diferente. Só no dia em que Simão Pedro proclamou: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mateus 16:16) souberam os discípulos que, em Jesus de Nazaré, o Filho de Deus havia vindo à terra. Pedro, porém, chegou àquela convicção não pelas palavras ou ações de Cristo, nem por raciocínio próprio, mas por revelação divina: "Não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus." (Mateus 16:17). Quanto à forma como as revelações divinas chegavam a Cristo, já te mencionei, mas quero aprofundar o tema, pois é essencial para compreender a Sua vida e obra.

"Ver-se-á pois que, também neste aspeto, a experiência de Cristo nada trouxe de completamente novo ou inédito. Basta recordar como Deus transmitira Suas revelações e mandamentos aos Seus instrumentos: a Abraão, Isaac e Jacó; a Moisés e Josué; aos juízes, reis e profetas; a Zacarias, Maria e José. Foi do mesmo modo que agora comunicou-Se com Cristo: Deus pôs o Seu mundo espiritual em contacto com Ele, revelando tudo o que era necessário para cumprir a Sua missão. Os requisitos para essa comunicação eram para Cristo os mesmos que para qualquer outro. Naturalmente, as suas faculdades mediúnicas se encontravam no grau máximo, pois era o mais elevado e puro dos espíritos criados por Deus para a encarnação humana.

"Cristo possuía a capacidade de concentração e de "submersão do espírito" a um nível que nenhum homem antes ou depois alcançou. Além disso, nenhum outro médium humano teve odor físico tão puro como o de Cristo. N'Ele existiam, portanto, as condições para comunicar com os espíritos divinos num grau inatingível para qualquer outro mortal. A missão que Cristo tinha de cumprir em favor do reino de Deus foi a maior já confiada a um mortal; por isso, era necessário que Deus Lhe enviasse espíritos em abundância, não só em número, mas também em força e habilidade.

"Entre eles estavam espíritos de fortaleza para infundir-Lhe novo vigor quando o Seu próprio fraquejava na luta contra as forças do mal; muitas vezes acompanhados de espíritos de esperança, alegria e paz de alma. E, quando Lúcifer reuniu suas hostes infernais para abater Jesus e a fúria dos ataques ameaçava exceder a força humana, vinham em Seu auxílio os anjos militantes das legiões de Miguel. Espíritos de verdade e de conhecimento instruíam-No acerca dos ensinamentos que devia apresentar às multidões como Palavra de Deus ou respondiam a questões pessoais sobre Si e a Sua missão. Espíritos de sabedoria ensinavam-No a cumprir Suas tarefas individuais, mas somente depois

de Ele ter esgotado todos os recursos próprios sem encontrar as respostas. Com Ele, como com todos os mortais, aplica--se o lema: "Deus ajuda quem se ajuda."

"Se quiseres alcançar um bom fim, emprega primeiro as tuas forças; se não bastarem, Deus intervirá com a ajuda do Seu mundo espiritual. Deus não distribui as Suas dádivas descuidadamente nem dá-te vitória sem esforço; exige que todos se esforcem ao máximo, e assim exigiu de Cristo também. Quando os doentes recorriam ao Seu cuidado, espíritos de cura vinham em Seu auxílio sempre que o Seu poder curativo natural não bastava para sanar o doente, embora muitas vezes o Seu grande poder pessoal de cura fosse suficiente sem a assistência dos espíritos. Ainda assim, Cristo não curou todos os que Lhe recorriam, pois há enfermidades enviadas por Deus como punição, a ser sofridas pelo tempo proporcional à ofensa.

"Os Seus poderes de clarividência e clariaudiência permitiam-Lhe discernir em cada caso se o pedido devia ser atendido. Além disso, a fé em Deus e n'Ele, como enviado de Deus, era condição prévia para toda cura que realizasse. Nem sempre a cura era permanente, pois muitos recaíam na moléstia ao perder a fé em Deus e em Cristo, sendo o principal objetivo da cura testemunhar a veracidade da mensagem que proclamava.

"É verdade que em todos os casos de suposta "ressurreição dos mortos", quer aqueles mencionados no Antigo Testamento, quer os realizados por Cristo, os espíritos daqueles que foram assim "restaurados à vida" não tinham realmente passado para o Além-Túmulo. Ninguém que tenha realmente morrido pode voltar à vida; o seu espírito não pode reassumir o corpo abandonado na morte mortal, pois esta é lei divina sem exceções. Assim que um espírito cruza para o Além, encerra a sua carreira terrena de forma irrevogável; só através de um novo nascimento poderá voltar a assumir forma humana. Todos os indivíduos "despertados" por Cristo eram espíritos que, embora já se tivessem retirado dos seus corpos, permaneciam ligados a estes por um frágil cordão de Od. Esse cordão era tão débil que o espírito não poderia regressar ao corpo por seus próprios meios ou por qualquer tentativa humana de reanimação, de modo que ocorreria a verdadeira morte natural pouco depois, pela rutura do vínculo.

"No caso de Lázaro, o cordão Ódico já se tornara tão fraco que nem sequer a força vital mínima necessária para impedir o início da decomposição poderia ali ser transmitida. Nem o odor a putrefação nem as manchas lívidas no cadáver são provas infalíveis de óbito final. O facto de esses "mortos" haverem sido apenas aparentemente mortos fica evidente pelas próprias palavras de Cristo ao chamar

a filha de Jairo à vida: "A menina não está morta, mas apenas adormecida." (Mateus 9:24)

"Não foi uma ironia: Cristo não brincava com tais assuntos, sobretudo quando se tratava de demonstrar ao povo o carácter divino da Sua missão. Quanto a Lázaro, chamou também a atenção dos Apóstolos para a não-morte real quando, ao saber da enfermidade, lhes disse: "Esta enfermidade não é para morte, mas para a glória de Deus." (João 11:4) E, quando a julgaram morto, anunciou: "O nosso amigo Lázaro adormeceu; mas vou despertá-lo." (João 11:11)

"Como não O entenderam, após o sepultamento, limitou-se a afirmar: "Lázaro está morto." (João 11:14) Era a única forma de se expressar, pois Lázaro já estava na tumba e era considerado morto; mas de facto permanecia em estado de "sono aparente". Nada disto diminui o mérito do prodígio: o que Cristo fez não podia ser alcançado por poder humano algum, mas apenas pela intercessão dos espíritos divinos. Por clarividência, Cristo observava o trabalho do mundo espiritual e, ao Seu comando, o espírito unia-se de novo ao corpo, e o que parecia morto ressurgia à vida.

"Mortais como tu não concebem que tais feitos obedecem a leis divinas, o que vale para todas as maravilhas realizadas por Jesus. Quando convertia água em vinho, não o fazia por Sua vontade imediata, mas porque o mundo espiritual, obedecendo à ordem divina, completara o trabalho necessário – cada tarefa requer tempo, mesmo para os espíritos. A falta de compreensão destes processos impede-vos de entender certas passagens bíblicas mal traduzidas. Por exemplo, ao ver Maria e os judeus chorarem em torno de Lázaro, João 11:33 diz que "ele se indignou em espírito e perturbar-se-á". Algumas versões traduzem por "irritou-se" ou "enfureceu-se", mas o texto original relata um arrepio que percorreu o Seu espírito, um tremor físico produzido pelas poderosas emanações Ódicas dos espíritos que O rodeavam – agradável na presença dos bons, desagradável com os maus.

"Foi essa vibração que anunciava a presença dos espíritos que Lhe deram força para exultar: "Lázaro, sai para fora!" Por fim, a ressurreição dos mortos só era empreendida quando mensageiros de Deus Lhe revelavam que assim deviam agir, pois todo sinal do poder divino se manifestava no sentido de promover o reino de Deus ou confirmar o seu enviado e os Seus ensinamentos. Em público, Cristo raramente mencionava a Sua ligação ao mundo espiritual, só o fazia quando era acusado de expulsar demónios com poder satânico, respondendo

que, se expulsava com o auxílio de um espírito de Deus, então o reino de Deus já havia chegado a eles (Mateus 12:28).

"Além da clarividência, possuía a faculdades de ler espíritos humanos e pensamentos – dons raros, mas regulados por leis eternas. Até Cristo observava essas leis ao escolher o tempo e o local mais propícios para se comunicar com os espíritos: em bosques tranquilos, ao crepúsculo ou à noite, pois luz, calor e ruídos diurnos perturbam o Od necessário para o contato espiritual, razão pela qual Ele se retirava à solidão dos bosques ou jardins na frescura noturna.

"É verdade que tudo o que Cristo previu sobre o futuro lhe fora revelado pelos mensageiros espirituais enviados pelo Seu Pai. Entre vós tornou-se hábito considerar os milagres e profecias de Cristo como prova da Sua divindade. Tal conclusão é inteiramente errada. Confundis o Agente com o Seu instrumento. O Agente é Deus; o Seu instrumento visível pode ser qualquer ser, enquanto os Seus instrumentos invisíveis são os espíritos divinos que lhe são subordinados. Bastaria refletir um pouco para perceberdes isto por vós mesmos.

"Quando pregavas a "divindade de Cristo" citando os Seus milagres e profecias, nunca te ocorreu compará-Lo com os emissários de Deus que O precederam? Não operaram eles milagres tão notáveis como os de Cristo? Terão sido menos extraordinárias as maravilhas de Moisés — a varinha transformando-se em serpente, a água em sangue, a morte dos primogénitos do Egito, a travessia do Mar Vermelho, a água a jorrar da rocha — do que o vinho tirado da água, Cristo a andar sobre as águas ou a acalmar a tempestade?

"Se invocas as obras de Jesus como prova de que Ele era Deus, terás de considerar Moisés divino também. E José, Elias, Eliseu, e todos os grandes profetas que, como enviados de Deus, curaram os enfermos e ressuscitaram mortos? Terás de considerá-los deuses igualmente. Até os Apóstolos, que realizaram prodígios semelhantes e, segundo Cristo, poderiam fazer obras ainda maiores. Não há um único milagre de Jesus que não tenha sido também realizado, ou assemelhado, por outros mortais a serviço de Deus. Compreende que Deus credencia os Seus instrumentos por meio de feitos extraordinários, para que a humanidade os reconheça como designados por Ele.

"Todos os emissários de Deus, no cumprimento da sua missão, sofreram intensamente às mãos dos homens. Viveram na dura provação: foram os vasos de onde irradiou a luz e a verdade divinas, mas o homem, escravo da escuridão do pecado, não suporta essa luz intensa e volta-lhe as costas, procurando destruir o portador. Sempre foi assim, assim é hoje e assim permanecerá

enquanto houver almas humanas que, doloridas pelo pecado, não possam suportar o clarão da verdade. As Potências do Mal e todos os que lhes estão subjugados odeiam essa luz e os seus porta-vozes, esforçando-se ao máximo para eliminá-los.

"Imagina, pois, quão feroz terá sido a luta infernal para romper o poder do maior Portador de Luz que pisou a Terra! Quão amarga a estrada de sofrimento que Cristo não teve que percorrer! Os tormentos interiores que Lhe foram infligidos pelos poderes infernais estiveram ocultos aos olhos humanos, por isso a Bíblia limita-se a dar uma narrativa superficial da tentação no deserto. Mas as investidas de Satanás aí foram tão violentas que qualquer dos emissários anteriores de Deus teria abandonado a missão, não fora o Pai permitir-Lhe suportar tal ímpeto.

"Acresce o sofrimento físico que Jesus teve de suportar até ao último suspiro na Cruz — dores que os Seus predecessores não poderiam aguentar, sobretudo porque se somavam ao tormento simultâneo da Sua alma. De facto, para Cristo, esses sofrimentos tinham significado muito mais elevado do que para qualquer outro profeta divino. Para estes, o fim da vida terrena marcava apenas a consumação da sua missão, enquanto para Cristo a Sua morte na carne foi apenas a primeira parte da obra de Redenção: a vitória como espírito sobre o Príncipe das Trevas.

"A Crucifixão constituía apenas a condição prévia dessa vitória — não o ato em si, mas o fato de Ele sofrer sem vacilar na Sua fidelidade a Deus. Poderia Cristo, ainda vivo na Cruz, ter perdido a fé no Pai e sucumbido ao inimigo? Se assim fosse, embora morresse na Cruz, seria derrotado por Satanás e apóstata. Até aquele momento mantivera-se na retaguarda, defendendo-se da saraivada de assaltos infernais; cedendo, tudo perder-se-ia, a Redenção fracassaria e Cristo ficaria cativo do Príncipe das Trevas.

"Mas se, como homem, resistiu à mais terrível angústia de alma e corpo, o momento da Sua morte na terra marcou o início da segunda etapa da batalha: como espírito, avançou para atacar o inferno e alcançar a vitória completa, descendo até aos abismos infernais.

"Quero, porém, deter-me um pouco mais na primeira fase dessa luta — a mais importante que jamais se travou. Quero rever contigo aquelas horas de sofrimento humano de Cristo que chamais "Paixão". Mortais, pouco compreendeis a agonia indescritível que este divino Portador da Cruz suportou para salvar a humanidade.

"Na véspera da Sua morte, Jesus celebrou a Páscoa numa câmara, acompanhado dos discípulos. Foi a última ceia que teve com eles. Quem poderá aferir a angústia da Sua alma? Sabia pelos mensageiros divinos que tudo estava pronto para a Sua prisão e rápida execução. Sabia que um dos discípulos, por trinta moedas de prata, se dispunha a traí-Lo; naquele exato momento, o traidor jazia à Sua mesa. Não estavam sentados à maneira como concebeis nas representações pictóricas, mas reclinados sobre peles, a dois ou três em pequenas mesas baixas, um braço no encosto, outro à mesa. À Sua esquerda jazia João, a cabeça junto ao peito de Jesus; à direita, Judas, que evitava o olhar do Mestre e ansiava pelo momento de sair sem chamar atenção.

"O coração do Mestre sangrava ao ver diante de Si aquele Apóstolo que Lhe seria traidor e cujo terrível fim Ele já pressentia: "Melhor lhe fora não haver nascido." Repetidas vezes, ao contemplá-lo, os olhos de Cristo encheram-se de lágrimas, pois o Seu coração transbordava de amor até por esse irmão perdido. Em Sua mente surgia o quadro do que, em poucas horas, se tornaria realidade: Judas, consciente da monstruosidade do seu ato e tomado pelo desespero, de corda em punho junto à árvore em que ceifaria a própria vida, com Lúcifer pronto a levar o Seu espírito para as profundezas. Horrorizado por essa visão, o Mestre estremeceu.

"Quanto aos outros Apóstolos, estariam eles presentes na hora do martírio, prontos a oferecer auxílio e consolo? As fatídicas doze horas vindouras passaram diante de Seu espírito como um filme. Viu-os fugir aterrorizados para salvar a própria vida, e Pedro, trêmulo de medo perante uma criada, jurar que nada O conhecia. Viu os demónios ajuntar-se à porta do cenáculo, prontos a envolver os discípulos quando saíssem, enchendo-lhes a mente, naquela mesma noite, de dúvidas em relação ao Mestre, para que não Lhe prestassem socorro algum. "Satanás pediu para vos peneirar como trigo." Por que exigira Satanás tal coisa?

"Só então Deus Lhe revelou quanto estava em jogo nesta batalha: a soberania do inferno sobre os espíritos caídos. Deus revelou-lhe que, se permanecesse firme até ao último momento, após a agonia da morte, como espírito avançaria contra o inferno ao comando das hostes celestiais, e que, assim, o Príncipe do Mal seria vencido e privado de grande parte dos seus direitos soberanos. Ao ouvir isto, Satanás estremeceu e, invocando a justiça divina que Lhe concedera absoluta soberania sobre os espíritos caídos, exigiu que Deus mantivesse estrita neutralidade, retirando-se por completo de Jesus e não Lhe concedendo apoio humano, ao passo que permitiria ao inferno livre

curso às suas operações. Se Deus aceitasse, Lúcifer esperava conseguir, no derradeiro instante, quebrar o espírito de Jesus de Nazaré e lançá-Lo ao desespero.

"Deus concedeu-lhe os termos pedidos, reservando somente o direito de fortalecer a vitalidade física de Cristo. Não o tendo feito, Jesus teria morrido ainda no jardim do Getsémani, e o martírio jamais se consumaria.

"Por vontade de Lúcifer, toda a angústia espiritual e física da terra, condensada em poucas horas, abater-se-ia sobre Cristo, enquanto as hostes infernais, em força total, atacariam a Ele e aos Seus seguidores. Para Jesus, sozinho, traído por um dos Seus, abandonado pelos demais e privado de auxílio divino contra as forças do inferno, Lúcifer esperava um fim digno de um Judas.

"Mesmo depois da partida de Judas, quando Jesus repartiu com os Apóstolos o pão e o vinho simbólicos da Sua iminente morte e lhes disse as últimas palavras, o Seu coração sangrava por mil feridas. Era humano, como vós, sem vantagens sobre outros mortais naqueles momentos, antes pelo contrário: desprovido até dos consolos que em geral fortalecem o homem no sofrimento.

"Imagina-O agora, caminhando para o jardim do Getsémani na escuridão da noite, inimiga mortal de quem sofre. Os discípulos, já sob a influência dos espíritos malignos, seguiam-no em silêncio, temendo o que viria; também Ele, oprimido pela angústia da alma, permanecia em silêncio. No recanto do jardim onde Cristo escolheu orar para obter forças, Lúcifer e seus mais capazes colaboradores aguardavam-no, prontos a quebrantar-Lhe a resistência espiritual com esforços conjuntos. Era a hora que Deus concedera ao Príncipe das Trevas.

"Palavras humanas não bastam para retratar os terrores das visões infernais que o diabo conjurou contra a Sua vítima naquela breve hora. Como uma vez, no deserto, Lúcifer lhe mostrara, para tentá-Lo, os reinos do mundo em todo o esplendor, assim agora e com o mesmo fim revelou-Lhe a face mais vil da humanidade: sucessões de quadros hediondos de blasfémia, perversidade e corrupção. Depois, projetou diante dos Seus olhos clarividentes os supostos "frutos" dos Seus anos de esforço entre os judeus como povo eleito, apontando-Lhe os discípulos—um deles liderando uma horda, os outros adormecidos sem uma palavra de consolo para o Mestre, incapazes de velar uma só hora por Seu amor.

"E por estas gentes morrereis para confirmar o evangelho?" zombava Lúcifer em Sua mente, "por estes humanos que blasfemam contra Teu Pai e Te

condenarão de louco por entregares a vida por tais criminosos? Já pensaste no teu fim?" Diante dos olhos trêmulos de Cristo desfilavam os sofrimentos que o aguardavam: a prisão, a fuga dos discípulos, a negação de Pedro, o clamor sanguinário da multidão—que dias antes O saudara com hosanas—, a sentença de morte, a flagelação, a brutalidade dos carrascos, a coroa de espinhos, o caminho para o Calvário, a Crucifixão—tudo pintado nos quadros mais aterradores, para Lhe incutir o desespero e a derrocada espiritual.

"Espíritos de desespero ali semeavam pensamentos insanos na mente daquele a quem todos abandonaram: o Seu pulso latejava, o corpo inteiro estremeceu com tremores febris, o coração ameaçou rebentar; o terror da morte apoderou-se-Lhe, gotas de sangue fugiam pelos poros, junto com o suor frio, caindo ao chão. E, durante todo aquele horror, os Seus discípulos dormiam tranquilos.

"As parcas linhas preservadas na vossa Bíblia sobre a Paixão não exprimem de modo algum a angústia de alma e corpo suportada pelo vosso Redentor. Muitos dos piores suplícios nem sequer são mencionados ali. Nada se diz, por exemplo, das horas infernais que Jesus passou nas celas subterrâneas do pretório, molhadas e repletas de vermes, para onde os soldados O arrastaram depois de O flagelarem, zombarem d'Ele, coroarem-No de espinhos, esfregarem sal nas incontáveis chagas deixadas pelo açoite e Lhe atarem as mãos para que não removesse o sal e encontrasse algum alívio dos tormentos indescritíveis.

"Jamais algum homem suportou tamanha tortura como o Filho de Deus encarnado. Por meio dos seus instrumentos humanos, o inferno fez o pior que podia, pois nele reconheceu o maior inimigo que alguma vez poderia surgir na Terra. No entanto, os sofrimentos físicos a que foi submetido não foram tão grandes como os que a sua alma teve de suportar; além disso, ambas as formas de tormento — da alma e do corpo — foram-lhe infligidas simultaneamente. Acrescente-se a isso o facto de que, até ao fim, ele esteve sem qualquer consolo humano e, ainda mais doloroso, sem qualquer auxílio Divino. Deus retirara a Sua mão protetora e deixara-o indefeso perante os desígnios do inferno.

"O brado lançado por Jesus enquanto agonizava na Cruz: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» revela plenamente a agonia que sentiu ao perceber-se abandonado por todos na hora do seu sofrimento supremo na Terra. Satanás não deveria jamais poder alegar que falhara em reduzir este mortal à submissão por causa de qualquer ajuda que ele tivesse recebido de fontes externas. Teria de admitir que encontrara o seu igual num ser humano

não assistido, que, apesar dos tormentos mais atrozes do corpo e do espírito, não se deixou afastar do seu Deus.

"A narrativa bíblica segundo a qual a mãe de Jesus estava junto à Cruz, acompanhada por João, não é correta. Mesmo esse consolo lhe foi negado. Nenhum dos que lhe eram mais queridos esteve presente na Crucificação. Não teriam sido capazes de suportar tal visão. Onde, de facto, se encontra uma mãe que possa assistir à crucificação do seu próprio filho? E vai-se ainda mais longe ao afirmar que Maria esteve junto à Cruz durante todo o tempo; se tivesse realmente estado presente, certamente não teria permanecido de pé, mas teria desmaiado e caído por terra.

"Por isso, também não é verdade que Cristo tenha exclamado da Cruz para sua mãe: «Mulher, eis o teu filho!», e para o discípulo João: «Eis a tua mãe!» Na verdade, ele proferiu palavras semelhantes para Maria e João quando estava a ser conduzido do pretório, depois de Pilatos ter pronunciado a sentença de morte, enquanto a sua mãe e João se agarravam a ele em angústia, até serem arrancados pelos soldados.

"A sua mãe estivera presente no julgamento, tal como os discípulos, mas nunca perdera a esperança de que o desfecho lhe fosse favorável. Pensava constantemente na história de Abraão, cujo filho fora poupado ao sacrifício no último instante, mesmo quando o cutelo já estava erguido para o matar. Até hoje não há mãe que não compareça a um julgamento em que a vida do seu filho esteja em risco, mas nenhuma que consiga assistir à execução do próprio filho.

"Ver a sua mãe à beira do desmaio, dominada pela dor e pelo terror, dilacerou a alma de Jesus, quando tudo em que pensava era em poupá-la a mais sofrimento. Por isso, implorou a João que a levasse para sua casa até que tudo terminasse, e falou-lhe com ternura, pedindo-lhe que o acompanhasse e rogasse a Deus por força nesta hora de tribulação, dizendo-lhe que era vontade do Pai Celeste que ele passasse por tudo aquilo e que, ao fim de três dias, ela o veria novamente.

"João acedeu de bom grado ao pedido do Mestre e levou a mãe de Jesus, trespassada de mil dores e mantendo-se de pé apenas com enorme esforço, para sua casa. Não a levou para viver consigo de forma permanente, como poderá parecer pelo texto da vossa Bíblia, mas apenas temporariamente, para a afastar daquele cenário dilacerante. Um após outro, todos os outros fiéis seguidores de Jesus também foram para lá. Algum tempo depois, quando se pôde presumir que a Crucificação fora consumada, alguns deles, incluindo Maria

Madalena, dirigiram-se a um local de onde se podia ver o local da execução, e regressaram trazendo a notícia da morte de Jesus.

"A mãe de Jesus permaneceu na casa de João apenas enquanto esteve em Jerusalém. Depois, regressou a Nazaré, a sua casa e a dos seus outros filhos. Naturalmente, voltou muitas vezes a Jerusalém para ver os Apóstolos, especialmente João, enquanto estes viveram ali.

"Assim como Cristo fora confirmado como enviado de Deus pelo poder de Deus durante a sua vida, também o foi na hora da sua morte. O sol escureceu durante três horas. Não foi um escurecimento por causas naturais, mas provocado pelo poder de Deus. No momento em que Jesus entregou o espírito, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo, como símbolo de que o muro que separava o domínio de Deus do de Satanás fora derrubado pela morte de Jesus. A terra tremeu e as rochas fenderam-se. Mas a narrativa contida na vossa versão do Evangelho de Mateus, segundo a qual os mortos saíram dos túmulos e foram vistos por muitos em Jerusalém, é uma falsificação do texto originalmente correto, que dizia:

"O véu do templo rasgou-se em dois de alto a baixo; a terra tremeu; as rochas fenderam-se, e os túmulos abriram-se; e muitos cadáveres daqueles que tinham morrido foram lançados fora. Muitos dos que tinham vindo da cidade santa viram os cadáveres ali deitados.» Este texto, que é o autêntico, regista, portanto, o que naturalmente se esperaria que acontecesse — e de facto aconteceu — ou seja, que os túmulos escavados nas rochas se abriram com os abalos do terramoto, e que os cadáveres foram lançados à superfície. Ali ficaram, visíveis para os muitos que tinham vindo da cidade para assistir ao espetáculo da Crucificação e que tiveram de passar junto aos túmulos destruídos.

"Aqui se tem mais um dos muitos exemplos de como, no passado, foram introduzidas falsificações nos Textos Sagrados por motivos específicos. A falsa doutrina de que os corpos terrenos dos homens ressuscitarão um dia fora introduzida e, para a sustentar com passagens bíblicas, este trecho, entre outros, foi distorcido mediante a alteração do texto original. Em vez das palavras «Os cadáveres dos que tinham falecido foram lançados fora», introduziram as palavras «Os corpos dos santos que tinham falecido foram ressuscitados».

"A palavra «santos» teve de ser interpolada, só para que não se dissesse que também os corpos dos não-santos tinham sido ressuscitados aquando da morte de Cristo. Mas havia ainda uma dificuldade maior a superar na falsificação

desta passagem, uma vez que a Igreja sustenta que não podia haver ressurreição de corpos antes da Ressurreição de Cristo. Cristo teria sido o primeiro dos mortos a ressuscitar. Assim, tornou-se necessário acrescentar a frase: «Depois da sua Ressurreição, entraram na cidade santa e apareceram a muitos.»

"Os que cometeram esta falsificação não se detiveram a considerar que já tinha sido declarado expressamente que os corpos se haviam erguido na Sexta-feira Santa, ou seja, três dias antes da Ressurreição de Cristo. Se apareceram ao povo de Jerusalém nesse mesmo dia ou no Domingo de Páscoa, isso não altera a questão. Além disso, onde estiveram esses corpos supostamente ressuscitados entre a Sexta-feira e o Domingo? E para onde foram depois do Domingo de Páscoa?

"Voltaram eles aos seus túmulos? E, se não, para onde foram? É estranho que os outros três Evangelistas nada digam acerca desta ressurreição de corpos na Sexta-feira Santa. Naturalmente, Mateus também não disse coisa alguma do género, como se pode verificar pela explicação que acabei de dar.

"Cristo estava morto. A sua morte terrena libertara o seu espírito do corpo material. Enquanto mortal, resistira a todos os ataques do inferno e, assim, cumprira com sucesso a primeira e mais importante parte da sua missão messiânica. Não fora vencido pelo inferno. Contudo, só isso não bastava para garantir a vitória sobre o inimigo que repelira, pois, numa batalha entre dois oponentes, aquele que se limita a defender-se não é verdadeiramente o vencedor, mesmo que consiga proteger-se de todos os ataques do adversário. Para que se possa declarar vencedor, tem de sobrepujar o inimigo e forçá-lo a reconhecer a derrota.

"Assim também foi com Cristo. Como homem, repelira todos os ataques do seu poderoso adversário. Isso era tudo o que podia fazer enquanto homem. Agora, porém, liberto da carne, podia, como espírito, avançar contra o seu inimigo, o Príncipe das Trevas. Desceu ao inferno, confiando no poder divino, todo-poderoso, que ganhara enquanto mortal pela sua fidelidade a Deus, o qual agora lhe enviava as hostes celestes como companheiras de armas. Começava assim uma luta semelhante àquela que ocorrera quando Lúcifer, com os seus seguidores, enfrentara as Legiões Celestes nos tempos da grande revolta no reino espiritual de Deus.

"A batalha presente travava-se no domínio de Lúcifer e era ao mesmo tempo um duelo pessoal entre Cristo e Lúcifer, e um combate generalizado entre as legiões celestes e as das trevas. Este poderoso conflito alastrou até às

profundezas mais baixas do inferno, para onde Lúcifer e os seus tinham sido obrigados a recuar. Então, quando a derrota dos Poderes do Inferno já não deixava margem para dúvidas, muitos daqueles que antes haviam sido seus vassalos mas que, apesar disso, se arrependiam da sua deslealdade para com Deus, passaram para o lado das hostes celestes e combateram com elas contra os seus antigos opressores. O número dos que assim desertavam crescia de momento a momento.

"Quando Lúcifer viu que tudo estava perdido, implorou por misericórdia. Aquele que no deserto tentara seduzir o Filho de Deus oferecendo-lhe os reinos do mundo, tremia agora diante daquele cuja filiação divina então procurara minar. Agora tremia ao pensar que esse mesmo Jesus de Nazaré estava prestes a privá-lo de todo o seu poder soberano e que chegara o momento em que ele e os seus seguidores seriam condenados às profundezas das trevas. Conhecia demasiado bem a profecia que anunciava o tempo em que ele, como príncipe do reino dos mortos, com os seus cúmplices, seria precipitado nos abismos, despojado de todo o seu poder e privado da sua soberania sobre os filhos de Deus que haviam caído.

"Cristo, no entanto, revelou-lhe que não seria completamente destituído da sua soberania, mas que esta seria restringida àqueles dos seus súbditos que lhe fossem totalmente fiéis, e que todos os que desejassem abandonar o seu reino e regressar a Deus deveriam ser libertados. Já não lhe seria permitido considerá-los seus súbditos. Poderia, se assim o quisesse, tentar prendê-los a si por meio de artifícios e enganos, mas não mais pela força, como até então.

"Satanás aceitou estas condições. Não tinha outra escolha. Na verdade, esperava condições muito mais duras. O título pelo qual detinha a sua soberania, e que Deus próprio lhe concedera outrora, foi alterado conforme os desejos do seu conquistador, Cristo. Deus, em nome de quem o vencedor estabeleceu os termos com Lúcifer, é o justo e todo-poderoso Guardião que garante o cumprimento rigoroso deste tratado de paz. Tudo, até o inferno, está sujeito ao Seu poder. Os Seus mandamentos devem ser obedecidos mesmo pelos Seus inimigos.

"Ficava assim concluída a grandiosa tarefa da Redenção. O Plano de Salvação de Deus fora realizado em todos os seus aspetos essenciais. O abismo que separava o Reino das Trevas do Reino de Deus fora transposto por uma ponte que todos os que desejassem abandonar a legião estrangeira de Satanás e regressar à sua antiga pátria na casa de Deus podiam agora atravessar

livremente. Nenhum sentinela ao serviço do inferno podia impedi-los de cruzar a fronteira.

"Cercado pelas suas hostes triunfantes, Cristo regressou da fortaleza de Satanás à esfera que fora outrora o paraíso, e os querubins que desde então vigiavam a sua entrada baixaram as espadas flamejantes em saudação a Cristo, seu Rei e Senhor, e às suas legiões espirituais vitoriosas. Ali, no paraíso, permaneceram até ao dia em que, com Cristo à frente, a grande procissão reentrou pelas portas do céu.

"Durante esse tempo, porém, nem Cristo nem as suas hostes espirituais estiveram inativos. A sua permanência no paraíso teve de ser aproveitada para difundir por toda a Criação a notícia do triunfo do Redentor e para incitar todos os que estivessem dispostos a iniciar o caminho de regresso a casa. Procuraram-se com especial diligência os inúmeros sofredores das esferas inferiores do espírito, para que fossem instruídos, encorajados e consolados, e exortados a despertar e a iniciar o caminho para a casa do Pai, que Cristo abrira.

"O próprio Cristo dirigiu o aconselhamento desses inúmeros irmãos e zelou para que o maior número possível partisse sem demora rumo ao lar. É a isso que alude Pedro na sua epístola: «Como espírito, Cristo foi levar a boa nova aos espíritos em prisão, àqueles que outrora foram desobedientes, quando Deus esperava pacientemente nos dias de Noé, enquanto se construía a arca.» (1 Pedro 3:19-20)

"Cristo apareceu, materializado em forma humana, àqueles que lhe tinham sido mais próximos em vida e que muito haviam sofrido com ele e por ele: a sua mãe, os Apóstolos e os seus amigos.

"Chegou o dia em que Cristo regressou às hostes espirituais que o aguardavam no paraíso, depois de se despedir dos seus amigos na Terra e de lhes ter confiado as respetivas missões. Foi o dia da sua ascensão, no qual, como herói conquistador, liderou um vasto exército espiritual de regresso ao Reino de Deus.

"Desde que a Redenção foi alcançada por Cristo, todos os que se afastaram de Deus ficaram livres de aproveitar a oportunidade redentora que lhes foi oferecida. As prisões de Satanás foram abertas pela vitória de Cristo, e os seus cativos ficaram livres de regressar à sua pátria. Cabe a cada um decidir se aproveita ou não essa oportunidade. Cristo construiu, de facto, a ponte, mas o uso que dela se faz para regressar ao lar depende de cada indivíduo, que não

pode fugir às dificuldades da jornada. Basta pensar nos sofrimentos que os prisioneiros da Primeira Guerra Mundial estavam dispostos a enfrentar, uma vez libertos pela paz, vagando desde os confins da Sibéria com os pés em sangue, semana após semana, na ânsia de regressar às suas terras natais.

"Os prisioneiros de Satanás devem fazer o mesmo, se quiserem encontrar o caminho de volta para a pátria de Deus. Cristo ajudá-los-á, através do seu mundo espiritual, a superar as dificuldades que encontrarão durante a caminhada. Os seus mensageiros mostram-lhes o caminho, fortalecem-nos, encorajam-nos e consolam-nos, e levantam os que caíram de exaustão. Mas os viajantes que seguem rumo a casa não devem voltar atrás nem regressar às fileiras do inimigo, desertando de Deus; se o fizerem, tanto mais demorará até que voltem a tomar a resolução: «Levantar-me-ei e irei ter com o meu Pai.» Mas todos, sem exceção, verão o dia em que já não conseguirão saciar a sua fome de paz e felicidade nas manjedouras do mal, e finalmente partirão pelo caminho de regresso a casa.

"Para alguns, a duração de uma única vida humana será suficiente. Outros terão de sofrer durante centenas de anos, e ainda outros durante milhares, longe de Deus, na busca do ouro da felicidade, que procuram nos antros de falsificação do reino das trevas, sendo levados pelos sequazes de Satanás de um engano para outro. É por culpa própria que têm de passar por repetidas encarnações humanas e que demoram tanto a encontrar a Estrada da Luz, que o Pai amoroso e o seu Filho, o grande Redentor dos caídos, construíram para eles."

OS ENSINAMENTOS DE CRISTO
E O CRISTIANISMO ACTUAL

«Vede que ninguém vos iluda com filosofias e vãs subtilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo.» (Colossenses 2:8)

Durante a primeira sessão espiritualista em que participei, perguntei ao espírito que falava através do médium: «Porque é que os ensinamentos de Cristo já não parecem exercer qualquer influência sobre as pessoas de hoje?»

Responderam-me que já não possuímos os ensinamentos de Cristo na sua pureza e clareza originais, e que, com o passar do tempo, muitos erros humanos se infiltraram no Cristianismo. Mais tarde, recebi uma explicação detalhada, na qual os verdadeiros ensinamentos de Cristo foram comparados com as doutrinas das igrejas cristãs atuais, especialmente com as da fé católica, da qual eu era sacerdote. Disseram-me:

"Onde é mais pura e mais límpida a água de um ribeiro — perto da nascente ou perto da foz? Com toda a certeza, perto da nascente. À medida que a água da nascente flui sob a forma de riacho, vai perdendo frescura, e com ela a sua pureza e transparência. Águas lamacentas que afluem de ambos os lados misturam-se com a sua corrente. Mais abaixo, recebe os esgotos das habitações humanas, os resíduos humanos e animais, bem como os da indústria. Já não refresca os que dela bebem para matar a sede. Só a bebem com repugnância e apenas como último recurso, quando não há água de nascente disponível. O mesmo se pode dizer da verdade. Recolhida na fonte, é uma bebida revigorante que dá nova vida, mas quando se obtém do curso que atravessou os vales baixos do erro humano e das paixões mundanas, já perdeu a pureza e a frescura. As falsidades e erros nela misturados deram-lhe um mau sabor. O sedento buscador da verdade bebe deste curso turvo apenas com repulsa interior, e apenas quando lhe é negada a água límpida da nascente da verdade.

"Os ensinamentos de Cristo tiveram um destino semelhante ao da água de uma nascente que passa pelas moradas dos homens. Também eles foram corrompidos ao fluírem por canais humanos. O mal que reside no homem e os Poderes do Mal que o rodeiam conspurcaram de tal modo os ensinamentos puros de Cristo que estes perderam o seu poder vivificante. A fonte de toda a verdade é Deus — uma fonte à qual o homem não pode aceder na sua forma terrena. Depende, por isso, dos portadores da verdade que dela se abastecem.

Estes são os mensageiros espirituais de Deus, e só eles têm acesso à fonte. Só eles possuem os vasos limpos com que se pode trazer a verdade, fresca e imaculada, à humanidade.

"O primeiro e o maior portador da verdade foi Cristo enquanto espírito, nos tempos que antecederam a sua encarnação. Foi ele quem, em parte pessoalmente, em parte através dos seus subordinados no mundo espiritual, trouxe a bebida da verdade à humanidade primitiva. Daí o ativo intercâmbio com os espíritos no mundo cansado e doente do Antigo Testamento. Daí também o ir e vir, nos primórdios da era cristã, dos espíritos portadores da verdade, que constantemente iam à fonte divina e traziam a água da verdade, a mando de Cristo, às almas humanas sedentas de verdade.

"É, por conseguinte, um dos ensinamentos fundamentais da verdadeira fé cristã que o ser humano não pode proclamar a verdade a partir da sua própria consciência. Só o pode fazer enquanto instrumento do mundo espiritual de Deus. Mesmo Cristo, enquanto mortal, não podia aceder por sua própria vontade à fonte da verdade. Enquanto homem, não tinha mais conhecimento inato da verdade do que qualquer outro ser humano. O que ele conhecera nos tempos em que, como primeiro espírito criado, vivia com Deus, fora completamente apagado da sua memória ao entrar num corpo material, tal como o conhecimento de uma existência anterior é apagado da lembrança dos outros seres humanos, apesar de também eles, outrora, terem habitado junto do Pai. A propriedade da matéria que apaga a recordação de uma existência anterior exerceu o mesmo efeito sobre o Cristo encarnado que exerce sobre qualquer outro espírito encarnado na forma humana.

"Assim, também após a encarnação, Cristo dependia dos mensageiros espirituais enviados pelo Pai. Ele reconheceu isso ao afirmar: «Vereis os mensageiros de Deus subirem e descerem sobre o Filho do Homem.» (João 1:51) Era apenas o enviado de Deus, e não tinha qualquer vantagem sobre os mensageiros divinos que o precederam, pois também estes haviam sido instruídos pelos espíritos de Deus. Enoque, Abraão, Moisés e todos os profetas do Antigo Testamento não pregaram coisas que tivessem surgido das suas próprias mentes, mas todos eles, como diz Pedro, «falaram a palavra de Deus inspirados por um espírito santo». Um espírito de Deus inspirava-os com aquilo que deviam dizer.

"Cristo assegurou repetidamente aos seus ouvintes que não falava com base no seu próprio saber, mas apenas o que ouvira do Pai. Foi o Pai quem lhe

transmitiu os ensinamentos necessários, através dos Seus mensageiros espirituais, que subiam e desciam constantemente sobre o Filho do Homem. «Compreendereis que nada faço por mim mesmo, mas apenas falo o que o Pai me ensinou.» (João 8:28) «Digo ao mundo apenas aquilo que d'Ele ouvi.» (João 8:26)

"A mesma fonte da verdade da qual Cristo se abasteceu deveria servir a todos os que, depois dele, viessem difundir o seu evangelho. Primeiro, os seus Apóstolos, que não se limitariam a repetir aquilo que haviam aprendido de Cristo, segundo a sua própria interpretação. As más interpretações surgem facilmente quando se pede a seres humanos que repitam o que alguém disse. De cem ouvintes do mesmo orador, cada um, se instado a repetir as suas palavras, acabará por dizer algo diferente do que foi realmente dito ou pretendido. Assim, também os Apóstolos deveriam ser novamente instruídos pelos espíritos da verdade quanto ao que aprenderam de Cristo enquanto homem, para garantir que as suas palavras não fossem deturpadas por interpretações erróneas.

"Deveriam receber dos espíritos de Deus tanto a confirmação dos ensinamentos proclamados por Cristo como certas novas verdades que Cristo tivera de lhes ocultar — ou porque, segundo o Plano de Salvação de Deus, essas verdades não podiam ser reveladas antes da morte do Redentor, ou porque os próprios Apóstolos ainda não estavam suficientemente amadurecidos para as receber e, por isso, não as compreenderiam.

"Encontrarás esta minha afirmação confirmada nas próprias palavras de Cristo: «Pedir ao Pai que vos envie outro Consolador, para que esteja convosco para sempre, o mundo espiritual da verdade.» (João 14:16) «Tenho ainda muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora. Contudo, quando vier o mundo espiritual da verdade, ele vos guiará a toda a verdade.» (João 16:12-13) «O Consolador, porém, o mundo espiritual santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á tudo o que for necessário e recordar-vos-á tudo quanto vos tenho dito.» (João 14:26)

"Segundo estas palavras, os espíritos da verdade tinham uma dupla missão. Primeiro, recordar aos fiéis aquilo que Cristo, enquanto homem, lhes dissera, e confirmar a sua veracidade. Depois, continuar os ensinamentos que Cristo iniciara e revelar as verdades que ele propositadamente retivera, pelos motivos já referidos. Além disso, os espíritos de Deus permaneceriam para sempre com os fiéis, pois, face ao poder do mal e à fraqueza do homem, o perigo do erro estaria sempre presente. As gerações futuras não deveriam

depender dos registos religiosos dos seus antepassados, pois tais registos humanos não ofereciam qualquer garantia de veracidade, e os que os recebessem não teriam como discernir o que provinha da fonte divina da verdade e o que era fruto do erro humano.

"Assim, depois da morte corporal de Cristo, os mensageiros de Deus começaram a chegar constantemente como espíritos da verdade, conforme a sua promessa. Os Apóstolos citavam-nos continuamente ao exortar os ouvintes a acreditar nos seus ensinamentos. As cartas de Paulo, especialmente, abundam em referências a esses mensageiros: «As palavras que vos disse e preguei não foram proferidas com sabedoria humana impressionante, mas foi um espírito de Deus e o poder de Deus que falou por mim. A vossa fé não devia fundar-se na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.» (1 Coríntios 2:4-5) «Mas a nós, Deus revelou essas coisas pelo seu espírito... Ora, os espíritos que recebemos não são os que dominam o mundo, mas espíritos que vêm de Deus. Pregamos não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas em palavras ensinadas pelos espíritos de Deus; assim, transmitimos a mensagem do espírito com as mesmas palavras em que o espírito no-la deu.

"É certo que uma pessoa de mentalidade mundana não aceita o que vem de um espírito de Deus, pois considera isso uma loucura. Não está apta para compreender, porque essas coisas se discernem espiritualmente.» (1 Coríntios 2:10-14) «Sois uma carta de Cristo, escrita por nós como seus servidores, não com tinta, mas com um espírito do Deus vivo.» (2 Coríntios 3:3) «Digo-vos, irmãos, que o evangelho que prego não é palavra de homens. Não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado por homem, mas foi-me revelado por Jesus Cristo.» (Gálatas 1:11-12)

"Não só os Apóstolos recebiam os seus ensinamentos dos espíritos de Deus, mas também os "médiuns", que existiam em todas as comunidades. Como já sabeis, eram chamados «profetas». Paulo escreve que os mistérios de Cristo «foram agora revelados aos seus santos apóstolos e profetas por um espírito de Deus.» (Efésios 3:5) Era por meio destes médiuns, enquanto instrumentos dos bons espíritos, que os fiéis podiam, a qualquer momento, verificar se uma doutrina era verdadeira e como devia ser compreendida. Por isso Paulo escreve aos Filipenses: «Se alguém entre vós pensa de modo diferente em algum ponto, Deus vos esclarecerá também sobre isso.» (Filipenses 3:15) Podiam interrogar Deus nas suas reuniões religiosas e eram respondidos pelos seus espíritos, que falavam através dos médiuns.

"Falando tanto dos antigos profetas como dos que pregavam o evangelho no seu próprio tempo, Pedro afirma que estes «anunciaram o evangelho pelo poder de um espírito santo enviado do céu» (1 Pedro 1:12), e acrescenta noutra epístola: «... nenhuma profecia jamais surgiu por vontade humana; é unicamente por ordem de Deus que os homens falaram como instrumentos de um espírito santo.» (2 Pedro 1:21) A palavra «profecia», que tantas vezes ocorre na Bíblia, não significa, como julgais, a previsão de acontecimentos futuros, mas qualquer discurso proferido por um espírito de Deus através de um médium humano.

"No Antigo Testamento, Deus exortava a humanidade a buscar a verdade junto d'Ele: «Perguntai-me!» — e Ele dava-a através dos Seus mensageiros espirituais. Pelo seu próprio testemunho, Cristo, enquanto mortal, recebeu a verdade de espíritos de Deus. Prometeu aos seus Apóstolos que também eles aprenderiam toda a verdade por meio dos espíritos da verdade. Os Apóstolos testemunham que essa promessa de Cristo se cumpriu, e que receberam os seus ensinamentos dos espíritos de Deus.

"E de onde retira hoje o Cristianismo a sua verdade? Poderão os ministros das várias confissões cristãs afirmar que um espírito de Deus fala através deles? Poderão testemunhar, como Paulo, que o que pregam não é palavra de homens, que não o receberam de homem algum, nem lhes foi ensinado por homens, mas que lhes foi revelado por Jesus Cristo? Não podem. Estão ao serviço das suas igrejas, cujas doutrinas estudaram sob orientação humana em escolas, seminários e universidades. O que aí absorveram foi sabedoria humana, sabedoria de professores, com todos os seus erros, e é isso que transmitem às suas congregações. De espíritos como mensageiros de Deus e portadores da verdade nada sabem.

"Aos seus olhos, é — para usar uma expressão de Paulo — loucura esperar ainda hoje ensinamentos de um espírito de Deus. Acreditam que já não são necessários, nos tempos atuais. Segundo a sua opinião, tais ensinamentos poderiam ter sido úteis nos tempos em que os homens eram, supostamente, muito mais ignorantes do que são nesta vossa era iluminada. Um homem como Moisés ainda precisava de comunicar com o mundo espiritual de Deus e de «interrogar Deus» para conhecer a verdade. Assim também os grandes profetas, o próprio Cristo, e os seus Apóstolos. Mas hoje tudo isso é considerado antiquado e coisa do passado. Sem dúvida, fizestes grandes progressos na ciência, todos sabeis ler e escrever e tendes milhões de livros para consultar. Além disso, não vos faltam teólogos eruditos, doutores em divindade e professores. Devem saber o que é a verdade.

"Na realidade, são precisamente esses doutores e professores de «teologia sagrada» os responsáveis pela introdução das doutrinas contra as quais Paulo lança este aviso: «Vede que ninguém vos iluda com filosofias e vãs subtilezas, fundadas nas tradições dos homens e nos poderes espirituais que dominam o mundo, mas que nada têm em comum com os ensinamentos de Cristo.» (Colossenses 2:8) «Querem passar por entendidos, mas não compreendem o sentido das palavras que usam nem aquilo de que falam com tanta segurança.» (1 Timóteo 1:7) «Estes são os que causam divisões, pessoas meramente sensuais, que não receberam um espírito santo.» (Judas 1:19)

"O mundo espiritual de Deus há muito foi eliminado dos credos cristãos; os líderes das igrejas expulsaram o espírito santo. Contudo, onde quer que os espíritos de Deus tenham sido forçados a ceder, apresentaram-se espíritos de outra natureza, como aqueles de que Paulo escreve a Timóteo: «O mundo espiritual de Deus afirma expressamente que, em tempos futuros, muitos se afastarão da verdadeira fé e se voltarão para espíritos enganadores e doutrinas inspiradas por demónios.» (1 Timóteo 4:1)

"No lugar dos bons espíritos entraram os Poderes do Mal, cuja principal preocupação é obscurecer e inverter a verdade — um objetivo que procuram alcançar explorando todas as fraquezas humanas, como a vaidade, o orgulho intelectual, ou a cobiça por poder, prestígio, dinheiro e luxo. Todos estes motivos são por eles utilizados para deturpar as verdades da sabedoria, do amor e da misericórdia de Deus, transformando-as em correntes com as quais os líderes das igrejas acorrentam os seus pobres e inexperientes seguidores, tornando-os submissos.

"A raiz de todo o mal é a ganância — o amor ao dinheiro. O dinheiro também desempenha um papel importante nas vossas igrejas cristãs. Satanás sabia bem o que fazia ao usar o dinheiro como isco também no domínio da religião. Sabia que esta era a forma mais segura de prender os líderes espirituais ao erro. Sabia que nenhum deles estaria disposto a renunciar a uma posição vitalícia bem remunerada como servidor religioso de uma igreja, mesmo que reconhecesse o erro das doutrinas que estava a pregar.

"Foi assim que, desde o momento em que se prescindiu da comunicação com o mundo espiritual de Deus como o único caminho para a verdade, os mais variados e profundos erros começaram a infiltrar-se no Cristianismo. Século após século, a situação piorou. Verdade após verdade foi contaminada por erro e tornou-se intragável. E qual foi o resultado? Hoje tendes diante de vós um

Cristianismo dividido em centenas de fragmentos, em incontáveis credos, cada um proclamando uma verdade distinta e cada um afirmando que só o seu representa os verdadeiros ensinamentos de Cristo.

"Admiras-te que um Cristianismo assim adulterado e fragmentado tenha deixado de exercer influência sobre a humanidade? Restitui à humanidade a fé dos primeiros cristãos! Liberta-a dos fardos espirituais impostos por dogmas humanos motivados pela sede de poder. Deixa que a humanidade tenha novamente acesso aos mensageiros da verdade de Deus — e ficarás surpreendido ao ver quanta influência o verdadeiro Cristianismo ainda pode ter, mesmo sobre os homens de hoje.

"A Igreja Católica procura explicar essa fragmentação em tantas "seitas" cristãs, como lhes chama, dizendo que todas as outras confissões cristãs dela se afastaram, sendo ela a única igreja verdadeira e a única que conduz à salvação. Mas mostrar-te-ei que mesmo a Igreja Católica conserva muito pouco do Cristianismo de Cristo e dos seus Apóstolos.

"É certo que conseguiu criar um substituto humano para os espíritos divinos tão presentes nos primeiros tempos da era cristã. Introduziu a doutrina da "infalibilidade papal." Esta resolveu o problema da verdade da forma mais simples, poupando a Cristo o trabalho de enviar os espíritos da verdade à humanidade errante, conforme prometera. Já não era necessário que cumprisse a sua promessa de permanecer com os fiéis até ao fim do mundo, pois agora havia um "vigário de Cristo" na Terra. Onde há um vigário, o representado já não precisa de estar presente.

"Sob esta doutrina do "vigário infalível de Cristo na Terra", a fonte de onde podiam ser obtidas as verdades divinas foi colocada inteiramente nas mãos de mortais falíveis e pecadores, excluindo os mensageiros de Deus e abrindo, assim, a porta ao capricho humano e à sede de poder. Podeis proclamar que as eleições papais são conduzidas sob a orientação do "Espírito Santo", mas não podeis citar um único exemplo em que um papa tenha sido escolhido por um espírito de Deus.

"Alguma vez aconteceu, numa eleição papal, que um espírito de Deus, utilizando um dos eleitores como instrumento, anunciasse quem deveria ser o papa — como faziam os espíritos de Deus nas igrejas cristãs primitivas sempre que um presbítero ou bispo devia ser ordenado? Basta olhar para a história das eleições papais. Não foram por vezes conduzidas de forma abertamente diabólica? Não se recorreu a intrigas de toda a espécie e até à força armada para

colocar a tiara na cabeça de protegidos e favoritos de certas famílias? Não foram, sucessivamente, vários papas instrumentos do inferno nas suas ações e nas suas vidas diárias, em vez de "vigários de Cristo"?

"Para contornar esta questão, recorreu-se ao estranho expediente de distinguir entre o papa enquanto homem e o papa enquanto "vigário de Cristo", afirmando que até mesmo o mais perverso dos homens, ao tornar-se papa, passa a representar Cristo e adquire infalibilidade. Instrumento de Satanás e, ao mesmo tempo, representante de Cristo? Poderia haver blasfémia maior contra Cristo e contra Deus? Permitir-se-ia algum ser humano que o seu maior inimigo o representasse, ainda que apenas por uma hora? Com certeza que não. E pensarás tu que Deus e Cristo fariam isso? Que Deus confiaria os dons sublimes do Seu plano de salvação a um servo do inferno? O simples bom senso deveria dizer-vos que isso é impossível.

"Os espíritos de Deus só concedem os seus dons aos justos, e apenas permanecem com eles enquanto estes mantêm a sua retidão. Isso é demonstrado pela história de Saul. Enquanto esse rei, dotado por Deus, permaneceu obediente, comunicava diariamente com o mundo espiritual divino e podia "consultar Deus" sempre que precisava de esclarecimento, recebendo sempre resposta dos espíritos da verdade. Quando, porém, rompeu a sua fidelidade para com Deus, essa comunicação foi imediatamente interrompida. As perguntas que dirigia a Deus permaneceram sem resposta, e em lugar dos espíritos divinos, espíritos malignos tomaram posse dele. Num só momento foi-lhe retirado todo o dom que possuía.

"Nenhum homem perverso pode jamais ser portador dos dons sagrados de Deus, nem mesmo se for papa. Segue-se que, entre os papas, pelo menos os maus não poderiam ter sido infalíveis e, dado que não tendes forma de saber se um papa — ou qualquer ser humano — é, no íntimo, amigo ou inimigo de Deus, nunca podeis estar seguros de que as doutrinas de um papa são verdadeiras ou falsas.

"Só Deus escolhe, entre os homens, aqueles a quem envia os seus espíritos da verdade, e nenhuma escolha humana pode estabelecer um mortal como portador das verdades divinas. Nem mesmo Cristo escolheu os seus Apóstolos segundo o seu próprio critério, pois está declarado expressamente nos Atos que os escolheu "através de um espírito santo". (Atos 1:2) Segue-se que Deus não pode fazer do dom da infalibilidade algo dependente de qualquer cargo conferido pela graça dos homens, como é o caso do papado.

"Por conseguinte, também são totalmente erróneas as interpretações que se dão a muitas passagens do Novo Testamento em apoio da infalibilidade papal. Entre essas passagens estão as palavras dirigidas a Pedro por Jesus: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus: e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.» (Mateus 16:18-19)

"A partir destas palavras conclui-se que Pedro, o homem, era o fundamento da igreja de Cristo; que, como líder dessa igreja, não poderia errar na proclamação da verdade; e que, além disso, lhe fora conferido o poder de ligar e desligar os membros da igreja. Esse cargo teria sido então transmitido aos seus sucessores, os papas da Igreja de Roma. Consequentemente, afirma-se, eles possuem os mesmos dons e poderes que um dia foram de Pedro. Mas tudo isto não passa de enormes falácias.

"Não era a Pedro, o homem, mas sim à fé de Pedro que Cristo se referia como a rocha sobre a qual a sua igreja seria edificada. A crença de Pedro em Cristo como o Messias enviado por Deus é a rocha eterna e imutável contra a qual o inferno não pode prevalecer — não a pessoa de Pedro, que pouco tempo depois foi vencido pelo inferno ao negar o seu Mestre três vezes sob juramento. Assim demonstrou quão pouco Deus pode depender dos homens, e que nenhum Plano de Salvação pode repousar sobre eles. Isso seria construir sobre areia. Uma só coisa é imutável: a verdade, e a fé na verdade transmitida pelos espíritos de Deus. Também Pedro recebeu a verdade — que Cristo era o Messias — por meio dos mensageiros de Deus, pois, como Cristo disse: «A carne e o sangue não te revelaram isso, mas sim o meu Pai, que está nos céus.»

"Foi por Pedro receber essa revelação dos espíritos de Deus que acreditou, e nessa crença permaneceu firme sobre a rocha inabalável, pois o mundo espiritual de Deus não mente. Quem fizer como Pedro, também se encontra sobre essa mesma rocha na qual Pedro firmou a sua fé. Quem estiver disposto a receber a verdade de Deus das mãos dos mensageiros da verdade e nela crer pertence à igreja de Cristo. Esta, portanto, é uma igreja do espírito. Não reconhece filiação externa sob a forma de pertença a uma religião organizada na Terra. Não reconhece bispos nem sacerdotes com os amplos poderes assumidos pelo clero da Igreja Católica. Não reconhece papa infalível. Cristo não tem vigário na Terra. Pessoas de todas as religiões do mundo pertencem à igreja de Cristo.

"Esta igreja espiritual de Cristo nunca poderá ser vencida pelo Mal, pois ela é a fonte da verdade, e a verdade é invencível. Os seus mensageiros da verdade não são homens — não são papas, bispos ou padres — mas espíritos de Deus.

"As «chaves do Reino dos Céus», que Cristo prometeu dar a Pedro por causa da sua fé, são as verdades de Deus. Por meio delas, Pedro deveria «ligar e desligar», entregando essas chaves aos que se encontravam presos nas cadeias do erro. Quem rejeitasse essas chaves, opondo-se à verdade com incredulidade, ficaria ainda mais preso ao seu erro, mas os laços daqueles que aceitassem com ânimo a chave oferecida seriam desfeitos. O ligar e desligar aplicava-se tanto à existência terrena como, sobretudo, à vida no Além.

"A mesma metáfora das «chaves do Reino dos Céus» é usada por Cristo ao dirigir-se aos líderes espirituais do povo judeu da sua época. Com as doutrinas falsas que pregavam, haviam dado ao povo judeu a chave errada — uma chave com a qual as portas do Reino dos Céus não podiam ser abertas. A chave certa, oferecida por João Baptista e pelo próprio Cristo e que o povo estava pronto para receber, foi-lhes arrancada das mãos pelo clero judaico. Por isso Cristo exclamou: «Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Fechais aos homens o Reino dos Céus; vós mesmos não entrais, e não permitis que entrem os que o desejam.» (Mateus 23:13)

"As palavras: «Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas», que Cristo, após a sua Ressurreição, dirigiu a Pedro, são também interpretadas, por vós, como um sinal de preferência por Pedro. Mas tal não é o caso. Pedro negara publicamente o seu Mestre três vezes, sob juramento, e, segundo todos os critérios humanos, seria de esperar que Cristo o demitisse do seu serviço e o afastasse do cargo apostólico. O próprio Pedro esperava isso, recordando-se das palavras de Cristo: «Todo aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante do meu Pai, que está nos céus.»

"Esse é o rumo que vós, humanos, seguiríeis perante tais circunstâncias. Mas Cristo teve misericórdia do arrependido Pedro. Restabeleceu-o no apostolado e também lhe conferiu os deveres de pastor. A Pedro foi permitido, apesar da sua falta de fé, conduzir os seus semelhantes aos pastos da verdade em pé de igualdade com os outros Apóstolos. A pergunta de Cristo a Pedro — «Amas-me?» — repetida três vezes, destinava-se a recordar-lhe a sua tríplice negação, e a dar-lhe consciência da imensa bondade de Deus para com ele, conservando-o como evangelista do Reino de Deus e como instrumento dos espíritos de Deus, apesar de tudo o que se passara.

"Vês, assim, quão erradas são as interpretações que a tua igreja [Católica] dá às passagens em questão, e que estas não podem, de forma alguma, ser usadas para sustentar qualquer estatuto preferencial de Pedro ou a doutrina da infalibilidade papal. O inferno há muito conquistou essa igreja, e o Mal é também o autor da doutrina da infalibilidade do papa. Como a maioria das doutrinas dessa igreja são totalmente erradas, o inferno empenha-se em perpetuá-las na humanidade o maior tempo possível. Esse fim é melhor alcançado através do instrumento coercivo da infalibilidade, pois, tendo a igreja ensinado os seus erros sob o selo da infalibilidade, já não os pode retratar. Renunciar a eles equivaleria a autodestruir-se.

"A vossa doutrina papal acumula inverdade sobre inverdade. Assim, é historicamente falso que o Bispo de Roma seja o sucessor direto de Pedro no cargo apostólico, pois os bispos das primeiras comunidades cristãs não eram eleitos pelos homens, nem nomeados pelos Apóstolos, mas eram escolhidos exclusivamente pelos espíritos manifestantes de Deus. Se por vezes aconteceu que um Apóstolo ou discípulo de Apóstolo ordenasse alguém como bispo, isso era feito apenas depois de um espírito de Deus ter indicado a pessoa a ser ordenada.

"Além disso, nenhum bispo era superior a outro, e nenhum Apóstolo tinha mais poder que os seus companheiros. «A mim pouco me importa», diz Paulo, «a estima que se tenha pelos Apóstolos. Deus não faz aceção de pessoas.» (Gálatas 2:6) Na mesma epístola, relata como, certa vez, enfrentou o Apóstolo Pedro com firmeza e o repreendeu diante de toda a comunidade, afirmando que o seu comportamento não estava de acordo com o verdadeiro evangelho.

"Se bastasse a Deus revelar o evangelho a Pedro como primeiro papa infalível, as igrejas cristãs primitivas não teriam necessidade de visitas dos espíritos de Deus, pois, em Pedro, teriam uma fonte infalível da verdade. Além disso, por que razão Paulo não foi enviado a Pedro, para receber dele a verdade? A distância entre ambos não era grande. Por que motivo foi, como o próprio diz, ensinado por Cristo diretamente?

"Passarei agora a apresentar-te, de uma forma geral, certas verdades específicas dos ensinamentos de Cristo, comparando-as com as doutrinas do Cristianismo moderno, em particular com aquelas que tu próprio pregaste enquanto membro do clero católico. Com isso, dou cumprimento ao desejo que há muito nutres. E também revelarei a falsidade de outras doutrinas que, em diferentes igrejas cristãs, se desviam dos ensinamentos de Cristo.

1. “Cristo ensinou um Deus em uma só pessoa — o Criador do Céu e da Terra. Ele não conhece um Deus trino, tal como ensinam a Igreja Católica e outras igrejas cristãs. Só o Pai é Deus. Nenhum outro lhe é igual, nem o Filho, nem aquilo a que chamais o «Espírito Santo». Depois da sua Ressurreição, Cristo disse: «Subo para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus.» (João 20:17) Segundo as palavras de Cristo, o Pai está acima de tudo: «O meu Pai, que me deu as ovelhas, é maior do que tudo, e ninguém as pode arrebatar da mão do Pai.» (João 10:29) Se o Pai é maior do que tudo, nada lhe é igual, e Ele é maior do que o Filho — uma verdade que Cristo confirma ao dizer: «O Pai é maior do que eu.» (João 14:28) Ele também chama a Deus o único ser bom. Sempre que Jesus era tratado por «bom Mestre», respondia: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão um só, que é Deus.»

“Porque Deus está acima de tudo, pode conferir poder a quem quiser, como o fez com o seu Filho, a quem investiu com plenos poderes: «Deste ao Filho poder sobre toda a carne, para que conceda a vida eterna a todos quantos lhe confiaste.» (João 17:2)

“Que Cristo não é Deus, mostrei-vos com o auxílio das Sagradas Escrituras, e com mais pormenor quando vos ensinei sobre a sua vida e a sua missão.

“A verdade de que só o Pai — e não o Filho — é Deus é, além disso, sustentada pelos ensinamentos dos Apóstolos. Assim, Paulo escreve: «Sabemos que não há outro Deus senão um só. Embora haja aqueles que sejam chamados deuses, tanto no céu como na terra — e de facto há muitos “deuses” e muitos “senhores” — para nós, cristãos, há um só Deus, o Pai, de quem tudo provém e para quem existimos.» (1 Coríntios 8:4–6)

“Além disso, Paulo chama ao Pai o «Deus de Jesus Cristo»: «Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo vos conceda um espírito de sabedoria.» (Efésios 1:17) Segundo Paulo, também, a vinda de Cristo será realizada «pelo único Todo-Poderoso, que sozinho possui a imortalidade e habita numa luz inacessível». (1 Timóteo 6:15-16) Se o Pai, sozinho, possui a imortalidade, então o Filho não a possui. Se o Pai é o único Todo-Poderoso, o Filho não pode sê-lo. Segue-se, pois, que o Filho não é Deus, mas é, como ele próprio se denomina e como os Apóstolos unanimemente o proclamam, o «Filho de Deus», inferior ao Pai, de quem é criação.

“Toda a Bíblia, tanto o Antigo como o Novo Testamento, reconhece apenas um Deus numa só pessoa. O Pai é Deus — e só Ele. Nenhum dos Seus filhos, nem o primogénito nem qualquer outro, é Deus.

"Por terdes feito de Cristo um Deus, enfrentais dificuldades insuperáveis para compreender a sua personalidade, a sua vida, os seus sofrimentos e a sua morte. A vossa falsa conceção impede-vos de aceitar as suas próprias declarações claras sobre a sua relação com o Pai tal como realmente são: a relação de um ser criado — embora o mais elevado — com Deus, seu Criador.

"Que teorias absurdas os vossos teólogos tiveram de inventar para tentar conciliar os factos incontestáveis da vida de Jesus, bem como as suas próprias palavras, com a sua alegada divindade! Reconstruíram a pessoa de Jesus, alegando que nele, como homem, existiam dois espíritos: um divino e outro humano. Consequentemente, Cristo teria tido uma dupla vontade e um duplo conhecimento: uma vontade divina e uma vontade humana, um conhecimento divino e um conhecimento humano. No entanto, ambos os espíritos seriam considerados como formando uma só personalidade. Isto é puro disparate. Cada espírito possui uma personalidade independente, e nem sequer Deus pode fundir dois espíritos numa única personalidade — tal como não pode fundir dois seres humanos num só — por mais omnipotente que seja, pois é intrinsecamente contraditório que dois sejam iguais a um.

"O simples bom senso devia dizer-vos que, se Cristo fosse Deus, não poderia ter clamado na Cruz: «Meu Deus, porque me abandonaste?» Poderia Deus abandonar-Se a Si mesmo? E mais: se nas Escrituras se afirma que Cristo foi ressuscitado dos mortos pelo poder do Pai, que necessidade havia do poder do Pai se Cristo fosse Ele mesmo Deus? Segundo a vossa doutrina, depois da sua morte terrena, ele teria deixado para trás todas as limitações humanas, sendo então apenas Deus e, como tal, igual ao Pai em todos os aspetos. Se assim fosse, teria o mesmo poder que o Pai e, possuindo esse poder, porque teria de depender de um poder alheio?

"Estas contradições são irreconciliáveis. E, além disso, como explicais o facto de Cristo nunca ter afirmado: «Eu sou Deus, igual ao Pai em tudo», apesar de ter falado da sua relação com Deus em inúmeras ocasiões? Será razoável presumir que nunca tenha dito a verdade, nunca tenha admitido ser Deus? Pelo contrário, ele chama a si próprio apenas de «Filho de Deus», e afirma depender do Pai para todas as coisas. Declara solenemente: «E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.» Ele é apenas o enviado de Deus; não é Deus. Paulo chama-lhe o «primogénito da criação». Foi, portanto, criado por Deus e é, assim, criatura de Deus, não sendo, por isso, mais Deus do que todas as outras criaturas.

"Como nada se podia encontrar no Novo Testamento que sustentasse a falsa doutrina de que Cristo é Deus, recorreu-se à falsificação de várias passagens das Escrituras para que surgissem provas em favor dessa crença. Citarei várias dessas passagens.

"Na sua Epístola aos Romanos, Paulo escreve: «De boa vontade aceitaria ser separado da comunhão com Cristo, se com isso pudesse salvar os meus irmãos, os homens da minha raça segundo a carne. São israelitas. Outrora, eram o povo de Deus. Testemunharam as obras gloriosas de Deus; foi com eles que Ele fez a sua aliança; foi a eles que deu a Lei, a verdadeira forma de culto, as promessas. Deles vêm os patriarcas, e deles descende, segundo a carne, o corpo mortal de Cristo. Que o Deus que governa sobre todos seja louvado para sempre. Amém.» (Romanos 9:3-5) Nesta passagem, como noutras epístolas, Paulo expressa o seu profundo agradecimento a Deus pelo facto de o Messias ter nascido de um povo ao qual ele próprio pertencia. Mas o texto foi alterado para dizer: «... e deles descende, segundo a carne, Cristo, que é Deus sobre tudo, louvado eternamente.» Com esta falsificação, o Messias foi identificado como Deus.

"Um caso semelhante de deturpação ocorre na Epístola a Tito (Tito 2:13): «Devemos aguardar a bem-aventurada esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e do nosso Salvador Jesus Cristo.» Paulo fala aqui da glória do grande Deus, cujo esplendor é o fim último de toda a Criação material, e também da glória do nosso Salvador Jesus Cristo, pela qual seremos conduzidos à glória de Deus, conforme as palavras de Cristo: «Ninguém vem ao Pai senão por mim.» Assim, Paulo distingue entre a glória do Pai e a glória de Cristo. Mas o sentido desta passagem foi distorcido pela sua formulação adulterada: «... a vinda da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo», com o objetivo de dar a entender que Cristo é o próprio grande Deus cuja glória devemos esperar.

"Claro está que falsificações deste tipo são imediatamente reconhecíveis por quem conheça bem as epístolas de Paulo, pois sabem quão claramente este Apóstolo distingue entre a pessoa de Cristo e a de Deus em todos os seus escritos, referindo-se ao Pai como o «Deus de Cristo» e a Cristo apenas como o «Senhor» designado por Deus. Paulo ensina que Deus submeterá todos os Seus inimigos ao Filho, sendo o último deles Lúcifer, o Príncipe da Morte, e que então o Filho também se submeterá Àquele que tudo lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos. (1 Coríntios 15:27-28)

"A saudação de Paulo é sempre: «Graça e paz a vós da parte de Deus, nosso Pai — e da parte do Senhor Jesus Cristo.» Nunca diz: «e da parte de Deus, o Filho». Portanto, se existe alguma parte da vossa atual Bíblia que possa ser interpretada como sugerindo outra coisa que não a verdade de que só o Pai é Deus, o erro reside ou na tradução, ou numa falsificação do texto grego original, ou, nalguns casos, numa combinação de ambos. Encontrareis um exemplo disso na carta de Paulo aos Filipenses, numa passagem que, segundo a vossa tradução atual, diz: «Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, que, embora tivesse forma divina, não considerou como usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo.» (Filipenses 2:5-7)

"O texto correto diz: «Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, que, embora na aparência externa parecesse um deus, não considerou como perda humilhar-se perante Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a aparência exterior de servo.» É verdade que o corpo celestial de Cristo, como espírito, se assemelhava a um deus, e que todos os espíritos que o viam pela primeira vez pensavam estar a ver o próprio Deus — de tão gloriosamente que Deus dotou o seu primogénito. O texto original foi grosseiramente falsificado ao se substituírem as palavras: «humilhar-se perante Deus» por «ser igual a Deus».

"Como acabo de usar a expressão «parecia um deus», mencionarei também o início do Evangelho de João, frequentemente citado como prova da divindade de Cristo: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.»

"Antes de mais, o texto deveria dizer: «... o Verbo era *um* deus»; e não: «o Verbo era Deus». Nesta passagem, João usa o termo «um deus» tal como era utilizado na sua época para todos aqueles que eram instrumentos especiais de Deus e que, como Seus enviados, estavam em comunicação particular com Ele, o único Deus verdadeiro. O mesmo uso foi feito pelo próprio Deus quando falou a Moisés, o grande mensageiro de Deus e modelo de Cristo, a quem disse: «E ele (Aarão) falará por ti ao povo; ele te servirá de boca, e tu lhe servirás de *deus*.» (Êxodo 4:16)

"Também Cristo, quando foi acusado pelos judeus de se fazer igual a Deus por se declarar «Filho de Deus», respondeu com a pergunta: «Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses? Se a Escritura chamou "deuses" àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida, como me acusais de blasfémia a mim, que o Pai santificou e enviou ao mundo, por ter dito: Sou Filho de Deus?» O que Cristo diz

com estas palavras é: «Como podeis acusar-me de me fazer igual a Deus por me chamar Seu Filho?

"Mesmo que me tivesse chamado "um deus", não teria cometido blasfémia, pois aqueles que anteriormente vieram como enviados de Deus foram chamados "deuses", porque vinham cumprir missões atribuídas por Deus. Com muito mais razão eu poderia chamar-me "um deus", pois a mim foi confiada a maior missão alguma vez entregue a um emissário de Deus. Mas abstenho-me propositadamente de me chamar "deus", a fim de evitar qualquer má interpretação da palavra, e chamo-me, como verdadeiramente sou, o Filho de Deus.»

"Paulo também escreve: «Pois ainda que haja os que são chamados "deuses", tanto no céu como na terra — e, de facto, há muitos "deuses" e muitos "senhores" — para nós, cristãos, há um só Deus, o Pai... e um só Senhor, Jesus Cristo.» (1 Coríntios 8:5-6) Paulo afirma aqui que os cristãos não devem continuar a usar o termo «deus» no seu sentido derivado, em que também é aplicado às criaturas de Deus, mas devem reservar a designação «Deus» apenas para o único verdadeiro Deus, «o Pai», e que não devem chamar «Deus» a ninguém além d'Ele — nem mesmo a Jesus Cristo, a quem devem chamar «Senhor».

"Outra falsificação encontra-se na Primeira Epístola de João, onde a versão correta diz: «Sabemos que o Filho de Deus veio à Terra e nos deu entendimento verdadeiro para conhecermos o Deus verdadeiro, e estamos em comunhão com o Deus verdadeiro, pois estamos em comunhão com o seu Filho, Jesus Cristo, que é verdadeiro e vida eterna.» (1 João 5:20) Para além de outras imprecisões, a palavra «Deus» foi acrescentada à última frase, para que se leia: «Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.» O que João ensina aqui é exatamente o que tantas vezes foi dito por Cristo e pelos Apóstolos: Deus é o verdadeiro Deus, mas o Filho também é verdadeiro, pois fala as palavras de Deus, ensinando apenas o que o Pai lhe ordenou. Em tudo o que proclama, é, pois, tão verdadeiro como o próprio Pai. Assim, aqueles que estão em comunhão com o Filho estão, por conseguinte, em comunhão com o verdadeiro Deus. E como Deus concedeu ao Seu Filho a vida eterna, o Filho também é vida eterna para todos os que com Ele estão em comunhão.

"A doutrina de que em Deus existem três pessoas que constituem um só Deus encontra o seu principal apoio numa passagem grosseiramente falsificada da Primeira Epístola de João, cujo texto correto é: «Porque são três os que dão

testemunho: o espírito, a água e o sangue; e os três concordam.» (1 João 5:8) A esta frase foi acrescentada a seguinte sentença espúria: «E são três os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e os três são um.» Os vossos teólogos católicos sabem muito bem que toda essa última frase é uma inserção forjada. No entanto, ela é mantida nas edições católicas da Bíblia, embora outras denominações cristãs já a tenham eliminado.

"Excetuando a passagem acima mencionada, não existe em todo o Novo Testamento o mais leve indício que apoie a doutrina de que o que chamais de «Espírito Santo» é uma divindade igual ao Pai. O termo «Espírito Santo», tal como é usado no Novo Testamento, refere-se a todo o mundo espiritual do bem. Deus é um «espírito santo» — o mais elevado e sagrado de todos os espíritos. O Filho de Deus é um «espírito santo» — o mais elevado e sagrado de todos os espíritos criados. Os príncipes celestes, como Miguel, Gabriel, Rafael e muitos outros, são espíritos santos. Todas as legiões de Deus são espíritos santos. Também Lúcifer o era antes da queda, assim como toda a humanidade e toda a Criação material.

"O grande mal-entendido que surgiu do termo «o Espírito Santo» deve-se a traduções imprecisas dos textos gregos do Novo Testamento, pois sempre que aparece a expressão «um espírito santo», esta foi traduzida, por alguma razão desconhecida, como «o Espírito Santo». Isto é ainda mais surpreendente dado que os tradutores dominavam a língua grega e sabiam bem como se observa estritamente a distinção entre o artigo definido e indefinido, especialmente naquela língua.

"Durante os teus estudos, aprendeste grego, a língua em que o Novo Testamento nos foi transmitido, e não terás dificuldade em confirmar o que aqui se diz consultando o Novo Testamento grego. Citarei apenas algumas das muitas passagens.

"Comecemos pelo Evangelho segundo Mateus. No seu capítulo inicial, lemos que Maria concebeu de «um espírito santo», e não do «Espírito Santo». Poucas linhas adiante encontras: «a criança que nela foi concebida é de um espírito santo», não do «Espírito Santo», como se houvesse apenas um.

"Se agora abrires o Evangelho segundo Lucas, verás o mesmo. Também aqui o texto deveria dizer: «Um espírito santo virá sobre ti, e o poder de um ser altíssimo te cobrirá com a sua sombra», e não, como a vossa tradução católica apresenta: «O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com

a sua sombra.» Não foi o Altíssimo, mas um dos espíritos mais elevados de Deus, que cobriu Maria.

"Do mesmo modo, na referência anterior ao nascimento de João, a leitura correta é: «Ele será cheio de um espírito santo desde o ventre materno.» O mesmo se aplica à passagem relativa a Isabel, que deveria dizer: «Ela foi cheia de um espírito santo.» Igualmente a respeito de Zacarias: «Ele foi cheio de um espírito santo.» Cristo diz: «Mas se eu expulso demónios por meio de um espírito santo...» (Mateus 12:28), e João Batista declara: «Aquele que vem depois de mim vos batizará com um espírito santo.» (Marcos 1:7-8)

"Nos primeiros versículos dos Atos dos Apóstolos, lemos que Jesus escolheu os seus Apóstolos sob a orientação de um espírito santo, e no segundo capítulo, que no dia de Pentecostes todos os que estavam reunidos foram cheios de um espírito santo.

"Ao explicar os capítulos 12 e 14 da Primeira Epístola aos Coríntios, já tinha chamado a tua atenção para este erro desastroso de tradução, que levou à crença de que existe apenas um Espírito Santo, uma pessoa divina, formando uma única divindade com o Pai, como ensina a vossa [Igreja Católica].

"Em todas as passagens onde o texto grego diz "um" espírito santo ou "um" espírito, os vossos tradutores escreveram "o" Espírito Santo ou "o" Espírito.

"Sempre que os textos gregos originais utilizam "um" espírito, está-se a referir a um entre muitos. Portanto, ao substituíres por "o" Espírito Santo, deturpas completamente o sentido. É verdade que existem passagens em que se fala de "o" espírito ou "o" Espírito Santo, mas nestes casos o termo significa ou o espírito em oposição à matéria — como na frase: «O espírito está pronto, mas a carne é fraca» —, ou então refere-se ao Espírito de Deus, ou seja, ao próprio Deus, ou ainda a espíritos de determinado tipo, como "o espírito da luz", "o espírito das trevas", "o espírito da verdade", "o espírito do consolo", entre outros.

"Isto não significa que exista apenas um espírito de luz, ou de trevas, de verdade, de consolo, de força, etc., mas trata-se apenas de um uso do singular no lugar do plural, como acontece nas línguas modernas. Quando dizes a uma pessoa enferma: «Vou chamar *o* médico», não estás a afirmar que há apenas um médico no mundo; e quando falas de "*o* agricultor" que teve um ano próspero, estás a referir-te a todos os agricultores. O mesmo se aplica a expressões como

“o trabalhador”, “o advogado”, “o artista”, “o teólogo”, querendo dizer todos os trabalhadores, advogados, artistas e teólogos.

“Assim, quando Cristo diz: «Enviar-vos-ei o espírito da verdade», quer dizer os espíritos da verdade, pois como já sabes, os espíritos divinos estão atribuídos a diversas funções segundo as suas missões. Existem espíritos de proteção, de combate, de consolo, de força, de sabedoria, e inúmeros outros. Um espírito da verdade tem tarefas muito diferentes das de um espírito das legiões de Miguel, e por isso possui diferentes capacidades. Um espírito de combate não pode assumir a missão de um espírito de consolo, de sabedoria ou de verdade.

“Cada espírito tem a sua vocação própria, estando dotado com os talentos e forças adequados. Da mesma forma, Lúcifer também organizou as suas hostes conforme funções específicas. Ele possui igualmente as suas forças de combate, os seus espíritos de mentira, de desânimo, de cobiça, orgulho, inveja, vingança, luxúria e de todos os outros vícios. Os diversos tipos de espíritos, bons e maus, são especialistas nos seus domínios e bem preparados para influenciar aqueles sobre os quais trabalham, seja para o bem ou para o mal.

“Como podes ver, a doutrina de uma Trindade divina não só é contrária ao bom senso como é completamente desprovida de apoio nas Escrituras. Contudo, embora só o Pai seja Deus, enquanto o Filho e todos os outros espíritos são Suas criaturas, existe uma harmonia e unidade profundamente íntimas entre o Pai, o Filho e o mundo espiritual do bem — uma unidade de vontade e de ação. O que o Pai quer, também o quer o Filho, bem como os exércitos espirituais sob o comando do Filho. Deus é o senhor e proprietário de toda a criação, espiritual e material; tudo Lhe pertence. Confiou ao Filho a gestão da criação, tal como um dono de fábrica entrega a administração da sua fábrica ao filho mais velho, colocando toda a força de trabalho sob a sua supervisão. Neste caso, o filho recebe as instruções do pai, do qual continua dependente em tudo, pois o pai permanece como senhor e proprietário da fábrica, e o filho pode agir apenas dentro das orientações recebidas.

“Mas, no que toca aos operários e empregados, o filho é o “patrão”, cujas ordens devem obedecer, e qualquer pedido que queiram dirigir ao pai, como dono, deve passar pelo filho como agente e representante. Transpõe este exemplo humano para a relação entre Deus e o Seu Filho, e todas as declarações de Cristo sobre este tema tornar-se-ão claras. A Cristo foi concedida toda a autoridade necessária para governar a criação como representante do Pai. Essa

autoridade não a possui por virtude própria. Tudo está subordinado ao Filho, mas apenas porque assim foi ordenado pelo Pai.

"Tudo quanto o Pai deseja realizar no Seu universo, fá-lo por meio do Filho, e apenas por meio do Filho é que o Pai pode ser alcançado. Por isso Cristo diz: «Ninguém vai ao Pai senão por mim.» O Filho recebe as instruções do Pai, e aquelas que não executa pessoalmente são transmitidas aos espíritos mais aptos para a tarefa, os quais as cumprem por ordem direta do Filho e por ordem indireta do Pai. É este também o sentido das palavras que Cristo dirigiu aos Apóstolos ao enviá-los em missão, palavras estas que estão algo mal citadas na vossa Bíblia: «Ide, pois, e ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, num espírito santo.» (Mateus 28:19)

"A missão a que Cristo enviou os Apóstolos foi-lhes atribuída pelo Pai; por isso, atuavam indiretamente em nome do Pai, mas como tinham sido enviados diretamente pelo Filho, era em nome deste que cumpriam a sua missão. E como essa missão só podia ser realizada com a ajuda de um espírito santo, dizia-se que era levada a cabo sob o poder de um espírito santo, ou "num espírito santo".

"Os espíritos santos de que os Apóstolos necessitavam para as suas tarefas foram-lhes designados pelo próprio Cristo. Por isso, os Apóstolos invocam constantemente esses espíritos na sua pregação e sublinham que a verdade lhes foi revelada por um espírito santo. Assim também sucede em tudo o que fazes conforme a vontade de Deus — estás a agir no cumprimento da Sua vontade e, por conseguinte, em nome do Pai. A vontade de Deus é-te revelada através do Filho, pelo que também estás a agir em nome do Filho; e a força de que precisas é-te dada por um espírito santo. Logo, estás a cumprir a tua tarefa num espírito santo.

2. "Pouco se encontra no Novo Testamento sobre a Criação divina e o seu destino, pois os factos relativos à criação dos espíritos, à rebelião de parte do mundo espiritual sob a liderança de Lúcifer, às esferas de progresso criadas por Deus para reconduzir os espíritos decaídos a Ele, e ao envolvimento dos espíritos na matéria — eram tão difíceis de compreender para o povo daquela época como o são para o de hoje. As epístolas dos Apóstolos também pouco dizem sobre o assunto, pois estas verdades não se prestam facilmente ao ensino por meio de cartas, sendo acessíveis aos fiéis apenas por transmissão oral.

"Contudo, Paulo ao menos alude a estas verdades em várias passagens dos seus escritos, mesmo que não as compreendas porque já não se enquadram na tua visão religiosa atual. Assim escreve ele na sua epístola aos Romanos (8:19-

24): «Toda a Criação aguarda com ânsia o momento em que se libertará dos corpos materiais como filhos de Deus. Pois estão sujeitas à impermanência da matéria, não por vontade própria, mas por ordem d'Aquele que determinou tal sujeição, na esperança de que serão libertadas da escravidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que até agora toda a Criação geme e sofre as dores de parto de um novo nascimento. E não só elas, mas também nós, que já possuímos o primeiro dom de comunicação com os espíritos de Deus, também nós gememos em nosso íntimo, aguardando a libertação dos nossos corpos.»

"Pelo que já te dei a saber, sabes quais são as relações a que aqui se faz referência. Nesta passagem, Paulo afirma que toda a Criação anseia ardentemente por ser libertada da escravidão da existência material — referindo-se assim às pedras, plantas, ervas, flores, animais e seres humanos. Tal "anseio" só é possível num ser em que esteja encarnado um espírito. Portanto, em toda a Criação há espíritos incorporados em diferentes formas de matéria.

"São os espíritos outrora rebeldes, que no princípio viviam em glória e esplendor como filhos obedientes de Deus e Seus santos espíritos, mas que se tornaram desobedientes e, por isso, foram exilados da casa do Pai. Embora exilados, continuam a ser filhos de Deus até hoje. Anseiam regressar ao lar do Pai e esforçam-se por libertar-se dos corpos materiais em que se encontram encerrados, tal como um filho em dores de parto luta por sair do ventre da sua mãe. Estes espíritos não estão nos corpos materiais por sua própria vontade, mas foi Deus que os encarnou por misericórdia, para que, através da prova e da purificação, pudessem ser salvos.

"Todos os seres materiais anseiam por essa salvação, mesmo que não conheçam o caminho ou o fim, e suspiram pelo dia em que, purificados e libertos dos corpos materiais, serão novamente chamados filhos de Deus. Esse anseio é particularmente forte nas pessoas que acreditam em Deus, pois mesmo que, como os primeiros cristãos, estejam em comunhão diária com os mensageiros espirituais vindos do lar do Pai e já tenham recebido o primeiro dom e uma antevisão do Reino de Deus, ainda assim não alcançaram esse Reino enquanto viverem na carne.

3. "A evolução ascendente da natureza é assinalada por Paulo na sua epístola aos Efésios, onde diz: «... dando-nos a conhecer a vontade de Deus, que Ele planeou realizar na plenitude dos tempos, quando o desenvolvimento por Ele ordenado estivesse concluído: reunir tudo em Cristo, o que está nos céus e o

que está na terra...» (Efésios 1:9-10). Ora, há muitas coisas na terra além dos seres humanos, que representam apenas uma pequena parte do que nela existe. Se Deus tenciona reunir tudo o que está na terra sob a liderança de Cristo, segue-se que em todas as coisas há espíritos que, na evolução ordenada por Deus, progridem gradualmente até regressarem, como espíritos puros, à grande comunidade sob Cristo à qual outrora pertenciam, antes da sua queda.

"O facto de tudo — não apenas a humanidade, mas também o restante da criação — se achar incluído no Plano de Salvação de Deus, torna-se evidente na seguinte passagem da Epístola aos Romanos (11:25-32): «Pois não quero, irmãos, que ignoreis este mistério, para que a vossa presunção não vos conduza a conclusões erradas: uma parte de Israel foi endurecida de coração, e assim permanecerá até que todos os gentios tenham entrado no Reino de Deus. Depois disso, também todo o Israel será salvo... Pois Deus confinou todas as coisas por causa da sua desobediência, pois tenciona usar de misericórdia para com todos.»

"Dei-te esta passagem tal como deve ser. Se a última frase na tradução que tens diante de ti diz: «Pois Deus entregou todos os homens à desobediência, para usar de misericórdia para com todos», é porque o tradutor cometeu dois erros. Primeiro, escreveu "todos os homens" quando o texto grego diz "todas as coisas". Segundo, traduziu por "à desobediência" o que deveria ter sido: «Deus confinou todas as coisas por causa da sua desobediência», significando que todas as coisas foram por Ele encerradas em matéria, conforme os diversos estágios de progresso. Deus não confina ninguém à desobediência; pelo contrário, deseja o retorno à obediência de todos os que outrora foram exilados do Seu Reino por causa da desobediência.

"O Israel dos milénios passados era o povo a quem tinha sido revelada a fé pura e que deveria disseminá-la entre as outras nações da Terra, agindo como fermento da verdade. Se Israel tivesse cumprido fielmente esta missão, teria sido o primeiro a regressar ao Reino de Deus após a Redenção. Contudo, a maior parte de Israel mostrou-se indigna da elevada missão que lhe fora confiada. Por conseguinte, os primeiros a serem salvos serão os não-israelitas, precisamente aqueles que, no passado, nada sabiam de Deus; e só depois de todos os não-israelitas terem regressado a Deus, serão salvos aqueles que uma vez possuíram a verdadeira fé, mas não seguiram os seus preceitos. «Os primeiros serão os últimos.» Mas todos, sem exceção, serão salvos.

"As referências ao plano redentor de Deus na Primeira Epístola aos Coríntios por Paulo são breves mas claras: «Assim como, em Adão, todos morreram, também em Cristo todos serão vivificados, mas cada um por sua vez: primeiro Cristo; depois os que são de Cristo, por ocasião da Sua vinda. Depois, virá o fim, quando Ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo o domínio, toda a autoridade e poder. Pois Cristo deve reinar até que tenha posto todos os inimigos debaixo dos Seus pés.

"O último inimigo a ser vencido será a "morte". Pois Deus submeteu todas as coisas a Cristo. Mas quando Ele diz: "tudo está submetido", é evidente que está excluído Aquele que tudo submeteu ao Filho. E, quando todas as coisas Lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho também se sujeitará Àquele que tudo Lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos.» (1 Coríntios 15:22-28)

"Assim, tudo o que se tinha separado de Deus e se encontrava sujeito, como espiritualmente "morto", ao príncipe da morte espiritual, regressará a Deus. Cristo conduzirá todas as coisas de volta ao Pai. Ele foi também o primeiro a regressar do inferno — o domínio do Príncipe da Morte —, depois de ali descer e vencer Lúcifer no seu próprio território. Foi a primeira ressurreição dos mortos espirituais. Com o tempo, todos os mortos espirituais O seguirão, à medida que forem conhecendo e amando Deus — mas «cada um a seu tempo», o que depende dos próprios espíritos.

"Aqueles que se apressam e se esforçam por buscar Deus e viver como Ele quer chegarão antes dos que não pensam no retorno ou mostram pouco zelo. Tudo depende da sua própria iniciativa. Quem reprova repetidamente nos exames demorará mais a alcançar o objetivo. Isto é válido tanto na vida terrena como no Além. O último de todos a regressar a Deus será o próprio Príncipe da Morte, Lúcifer. Paulo chama-lhe "morte", pois ele é a causa de toda a apostasia do Reino de Deus e, por conseguinte, da morte espiritual. É o "assassino desde o princípio", culpado da morte espiritual de todos os que se separaram de Deus, e de ter feito todo o possível, ao longo de milhões de anos, para impedir o regresso dos seus súbditos ao Reino da Vida em Deus. É, pois, a personificação da separação de Deus, a personificação da morte.

"Assim, quando lês no Apocalipse de João (20:13): «E a morte entregou os mortos que nela havia», o significado é que Lúcifer, o Príncipe da Morte, foi obrigado a entregar os mortos espirituais que estavam no seu reino. E quando disse que a ordem do regresso dos espíritos caídos depende da vontade livre de cada um, devo qualificar essa afirmação acrescentando que Lúcifer é o único que

não pode regressar a Deus antes de o último daqueles que desviou alcançar esse objetivo. Ele não o pode fazer, mesmo que tente por arrependimento. Também não lhe é permitido, ainda que reconheça cedo o erro do seu caminho, exortar qualquer dos espíritos caídos a reformar-se ou sequer ajudá-los com conselhos para assim apressar o seu próprio regresso a Deus. Este é o justo destino que sobre ele recai como instigador original, e que não pode ser alterado.

"A Redenção de todos os que se afastaram de Deus, incluindo Lúcifer, é a boa nova anunciada não apenas nas epístolas de Paulo, mas revelada também aos profetas da Antiga Aliança nas suas visões. É esta a boa nova a que o Apocalipse de João se refere com as palavras: «Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver prestes a tocar a trombeta, então será cumprido o misterioso Plano de Salvação de Deus, conforme Ele anunciou na boa nova aos seus servos, os profetas.» (Apocalipse 10:7) Se fosse verdade que existe um inferno eterno, como hoje se ensina, onde residiria então a "boa nova" prometida por Deus como a consumação do Seu plano?

"Uma consumação que implicasse a condenação eterna de incontáveis espíritos não seria, com certeza, um dia de alegria, mas um dia de horror para toda a Criação de Deus. Que seria, então, da Redenção de todos, tantas vezes e tão insistentemente pregada por Paulo? E quanto ao cumprimento da promessa de Deus, feita pela boca do profeta Isaías, de que todo o joelho se dobrará perante Ele, toda a língua jurará fidelidade, e todos virão a Ele, mesmo os que Lhe tinham sido hostis? Que fim levariam todas as passagens de que te falei?

"Todos os inimigos de Deus serão colocados aos pés do Pai por Cristo, não pela força, mas por um amor misericordioso, contra o qual nem mesmo Lúcifer poderá resistir para sempre. Deus não força nenhum espírito caído à submissão; se assim o desejasse, poderia tê-lo feito há muito tempo, pois até o inferno deve obedecer à Sua vontade omnipotente. Quando o inferno se humilhar perante Ele, fá-lo-á por livre vontade, num reconhecimento contrito da Sua justiça, amor e paciência.

"Uma doutrina à qual vos apegais com espantosa tenacidade, embora fosse desconhecida dos primeiros cristãos, é a do "inferno eterno". É um espectro que pareceis relutar em abandonar. Imaginais talvez que conseguis mais junto da pobre humanidade pregando uma falsidade bárbara do que pregando o amor e a misericórdia? A que ponto chegais para tentar encontrar suporte para tal falsidade! Dizeis que um chamado "pecado mortal" deve acarretar punição eterna, pois constitui uma ofensa imperdoável a Deus. São

conceitos totalmente erróneos, criados pelos homens. Nenhuma criatura pode ofender Deus de forma imperdoável e incorrer assim numa punição sem fim.

"Quanto mais baixo for o estatuto de quem vos ofender, menos atenção lhe dais — e o que será uma miserável criatura comparada com o seu Criador? Um simples grão de pó! As vossas ofensas não atingem Deus; não O ferem a Ele, mas a vós próprios. Além disso, se um pecado mortal fosse uma ofensa imperdoável a Deus, não poderia ser perdoado nem sequer durante a vida terrena. Ora, se, como afirma a vossa doutrina, pode ser perdoado a um homem em vida, por que não poderia sê-lo a um espírito no Além? Afinal, são os mesmos espíritos, quer habitem um corpo mortal, quer estejam separados dele pela morte. É o mesmo "eu", com todas as suas características espirituais, tanto Aqui como no Além. Assim, a mudança de coração pode ocorrer tanto nos espíritos encarnados como nos desencarnados.

"A prova de que os tormentos do inferno são eternos é, frequentemente, buscada através da Bíblia, citando-se a palavra "eterno" nas vossas traduções do Novo Testamento, em ligação com a punição no Além. Mas qual é a palavra usada nos textos originais gregos que os vossos tradutores converteram em "eterno"? O que importa não são as traduções, mas o sentido da palavra no texto original. Acontece que, em todas as passagens em que os vossos tradutores usam "eternidade" ou "eterno", o texto grego emprega a palavra "aión". Vós próprios adotastes este termo, e falais de "eões" para designar longos períodos de tempo.

"Isso é correto, pois também em grego a palavra "aión" nunca significa "eternidade" ou algo sem fim, mas apenas um período indefinido de tempo. A Antiguidade foi um "éon", a Idade Média foi outro, a Época Moderna é outro. Os Romanos consideravam um "éon" equivalente a cem anos. Um "éon" é, pois, um espaço de tempo cujos limites, por vezes, estão mais próximos, outras vezes mais distantes. Mesmo a vida humana, por vezes, é assim designada. Nunca, contudo, pode "aión" significar um período sem fim. Por isso, jamais se deveria traduzir "aión" por "eternidade", nem o adjetivo daí derivado por "eterno". As traduções corretas são "tempo" e "temporal".

"Quero primeiro chamar-te a atenção para o facto interessante de que, em muitas passagens da Bíblia, a palavra "aión" e o adjetivo correspondente foram corretamente traduzidos como "tempo" e "temporal", pois nesses casos a palavra "eterno" seria um completo disparate. Apenas quando se fala de castigo

no Além é que os tradutores usaram essa palavra, mostrando claramente que foram influenciados pelas religiões cristãs que pregam a condenação eterna.

"Vejamos algumas das muitas passagens bíblicas em que a palavra "aión" só pode ser traduzida por "tempo" ou "referente ao tempo". Assim, diz-se que a blasfémia contra o Espírito não será perdoada, nem neste "éon" nem no que há de vir — ou seja, nem nesta era nem na próxima, nem nesta vida nem na próxima. Dado que só existe uma eternidade, não se pode traduzir racionalmente que tal pecado não será perdoado "nesta eternidade" ou na "eternidade que há de vir", pois não há duas eternidades. Na parábola do semeador, diz-se que algumas sementes foram sufocadas pelas preocupações deste "éon", e foi corretamente traduzido como "pelas preocupações desta vida". Aqui, também, "eternidade" seria um absurdo.

"O mesmo se passa na parábola do joio e do trigo, onde Cristo explica que a colheita será o fim deste "éon", ou seja, o fim desta era ou deste mundo. Também aqui não pode querer dizer "eternidade". Nesta passagem, a palavra "éon" aparece mais duas vezes, ambas em sentido delimitativo. Por fim, cito algumas passagens das epístolas de Paulo: «Não vos conformeis com este "éon" (este tempo).» «Falamos de uma sabedoria que não é deste "éon", nem dos príncipes deste "éon", mas falamos da sabedoria misteriosa de Deus, que Ele predestinou antes de todos os "éons".»

"Destas passagens, que poderiam ser multiplicadas muitas vezes, podes concluir que a palavra "éon" não significa "eternidade", mas um período de tempo limitado. Ora, essa mesma palavra "éon" surge quando se fala de punição no Além. De onde vem, então, o direito de traduzir essa palavra por "eterno" quando se refere à condenação, quando a traduzistes como "tempo" em inúmeras outras passagens? Quase parece que vos agrada pensar num inferno eterno.

"Segundo a vossa tradução, Cristo disse: «É melhor para ti entrares na vida coxo ou manco do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo "eterno."» O que aqui designais por "fogo eterno" é apenas um fogo que durará durante um "éon" e, portanto, só por um tempo. Curiosamente, o texto original nem sequer continha a palavra "éon" nesta passagem; foi acrescentada como falsificação. O texto original dizia: «no fogo do inferno», e não «no fogo eterno»... Alterações espúrias semelhantes foram feitas noutros locais. Assim, nas vossas traduções atuais da Bíblia lê-se: «Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno», quando a versão autêntica era: «Afastai-vos de mim, malditos,

para as trevas exteriores.» Creio que estas explicações bastarão para te convencer de que não há fundamento bíblico para sustentar essa vossa doutrina desumana e falsa de um "inferno eterno".

"A duração do castigo infligido aos diferentes espíritos depende, acima de tudo, dos próprios espíritos. Quanto mais persistem na sua atitude rebelde, mais prolongado será o seu exílio e o castigo da separação. Nem mesmo Deus sabe quando os espíritos individuais regressarão a Ele, já que o seu regresso depende da sua livre vontade e, como já te disse, todas as decisões futuras que os espíritos são livres de tomar estão fora do alcance da presciência de Deus.

Também aquilo que tem sido incorretamente traduzido como "vida eterna", devido a uma má tradução da palavra "éon", é apenas uma vida nos "éons" ou "eras" vindouras. Quanto tempo essa vida com Deus poderá durar depende de vós próprios. Se permanecerdes fiéis a Deus, essa vida será, de facto, eterna. Mas quem poderá garantir que no futuro não haverá nova rebelião dos espíritos, em que volteis a participar, tal como participastes na primeira revolta sob Lúcifer? Os espíritos no céu têm hoje a mesma liberdade de escolha que antes, e a possibilidade de mau uso dessa liberdade é tão real agora como na altura da primeira revolta. Se ocorrerá ou não, nem Deus o sabe, pelas razões que já te indiquei.

"Não se pode, portanto, falar de uma recompensa "eterna", tal como não se pode falar de um castigo "eterno".

"Sempre que a Bíblia se refere ao "fogo" do inferno, trata-se de um símbolo da dor intensa sofrida por aqueles que devem suportar os castigos do inferno. Também vós falais de uma dor "abrasadora" sem vos referirdes a um fogo literal. Os tormentos do inferno são tão profundos que ultrapassam a compreensão humana. Cristo diz: «Os condenados serão salgados com fogo», porque, tal como o sal penetra tudo, também a agonia penetra os espíritos dos condenados. Mas Ele acrescenta: «O sal é bom.» Assim também, os tormentos que os espíritos devem suportar são, na verdade, benéficos para a sua Salvação, mesmo que pareçam cruéis e incompreensíveis para os homens, e contrários à imagem de um Deus misericordioso.

"E, no entanto, os tormentos do inferno são uma prova do amor de Deus. Uma mãe que submete o filho à faca do cirurgião, para que este seja curado de uma ferida perigosa, age sob o impulso do amor materno e vê-se obrigada a expô-lo à dor porque não há outro remédio. Do mesmo modo, as convicções profundas dos espíritos no abismo só podem ser reformadas através do

sofrimento que têm de suportar; não existe outro caminho. Mas, para todos, mesmo os mais endurecidos, chegará a hora em que, através do seu tormento, reconhecerão o erro dos seus caminhos e se levantarão para regressar à casa do Pai.

"É precisamente por o cristianismo atual não ter uma verdadeira compreensão do panorama mais vasto dos acontecimentos do mundo que se revela tão impotente nas questões mais importantes relativas ao Além. É por isso que não consegue explicar a origem da alma humana, nem o pecado que sobre ela pesa como consequência da revolta contra Deus, nem o propósito da Criação material. As doutrinas que mantém relativamente a todas essas questões são totalmente erradas.

4. "Sempre que se pergunta às denominações cristãs atuais qual a origem do espírito humano, a resposta é: «O espírito humano é criado por Deus no momento da conceção. No entanto, está sujeito ao chamado "pecado original", porque Adão, o antepassado de toda a humanidade, pecou no Paraíso terrestre, e o seu pecado recaiu sobre toda a sua descendência.»

"Não se detêm para considerar o quão absurda é tal doutrina. Não param para pensar que tudo o que Deus cria sai das Suas mãos puro e sem mancha, e que a contaminação de um espírito só pode ocorrer por culpa própria. Consequentemente, se o espírito humano fosse criado por Deus no instante da conceção, seria inteiramente puro e imaculado. Nesse caso, não se poderia falar de "pecado original", pois por que razão haveriam os descendentes de Adão de ser castigados com o peso do pecado e o exílio do Reino de Deus por causa da culpa do seu antepassado?

"E isso por um Deus que afirmou: «A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai.» (Ezequiel 18:20) Segundo esta afirmação, os descendentes de Adão não podem ser punidos por Deus pela queda do seu antecessor, se não participaram nela. De facto, eles próprios caíram – como já te disse – ao seguirem o exemplo do espírito de Adão, incorrendo assim, como ele, na expulsão do Reino de Deus com todas as suas consequências nefastas, por sua própria culpa.

"É, pois, verdade que o espírito humano carrega desde o nascimento uma iniquidade que vós chamais "pecado original". Mas é falso afirmar, como o fazeis, que o espírito humano passa a existir apenas no momento da conceção e que carrega um pecado sem ter pecado.

"Como podeis, à luz dessa vossa doutrina errónea sobre a origem do espírito humano, explicar todo o sofrimento que existe na Terra? Imaginais que Deus criou as Suas criaturas para sofrerem pela vida fora e morrerem em agonia sem que tivessem sido pessoalmente culpadas de qualquer erro? Pensai nos milhões de crianças que morrem todos os anos entre os maiores sofrimentos! O que fizeram elas para merecer tal destino? Porventura ofenderam assim tanto a Deus durante a sua curta vida na Terra para merecerem tal castigo? Eram incapazes de pecar, pois ainda não distinguiam o bem do mal. Acaso um Deus infinitamente bom e justo atormentaria crianças inocentes? Onde estaria então a Sua bondade, e sobretudo, a Sua justiça? Nem o mais brutal dos pais humanos seria tão cruel e injusto ao ponto de maltratar um filho que nada lhe fez. Deus faria isso? Podeis apresentar todas as explicações que quiserdes; não conseguireis justificar a horrenda injustiça que seria infligida a estas crianças, caso a vossa doutrina estivesse correta.

"O mesmo se aplica ao destino da humanidade em geral. Mas, se souberes que o teu espírito veio a esta vida carregando os pecados de uma existência anterior, todos os mistérios do destino se resolvem de imediato. Então verás a grande revolta contra Deus, na qual os espíritos mortais participaram outrora, bem como as reencarnações anteriores em forma humana, nas quais cada um cometeu pecados pelos quais a vida presente deve fazer expiação. Tendo isto em mente, serás menos tentado a exclamar, em momentos de profundo sofrimento: «O que fiz eu para merecer isto?» Se Deus, em resposta a essa pergunta, te mostrasse uma imagem de todo o teu passado, ficarias sem palavras, horrorizado.

"Além disso, muitas partes das Sagradas Escrituras que até agora te pareciam obscuras tornar-se-ão claras. Tu próprio, pelo raciocínio, poderias resolver a aparente contradição do Antigo Testamento, que numa passagem diz: «O filho não levará o pecado do pai», e noutra: «Visitarei os pecados dos pais sobre os filhos até à terceira e quarta geração.»

"Quando Deus castiga os filhos pelos pecados dos pais, não o faz permitindo que crianças inocentes sofram pelos erros dos pais. Isso seria manifestamente injusto. O que faz, sim, é encarnar nos filhos de pais pecadores espíritos que eles próprios incorreram num destino doloroso, e cujo destino serve também de punição visível para o pai. Ora, como um pai raramente vive o suficiente para conhecer mais do que três ou quatro gerações dos seus descendentes, para ele esse castigo só pode durar até à quarta geração.

"Como explicais, ainda, perante a vossa doutrina de que o espírito humano começa a existir no momento da conceção, a afirmação bíblica: «Deus pode suscitar filhos a Abraão destas pedras»? Podeis dizer que Deus, na Sua omnipotência, pode transformar pedras em seres humanos, mas tais seres não seriam filhos de Abraão. Só poderiam tornar-se filhos de Abraão por via da procriação, como seus descendentes através de uma linhagem humana. Mas como poderiam pedras tornar-se filhos de Abraão por procriação?

"Todo o vosso saber teológico não será capaz de responder a esta questão. Quando, porém, souberes que existem espíritos nas pedras, como existem em toda a matéria, a explicação torna-se evidente. Então compreenderás que Deus pode despojar os espíritos das pedras dos seus corpos materiais e colocá-los nos corpos das crianças que venham a nascer como descendentes de Abraão, segundo as leis estabelecidas da procriação.

"O mesmo se aplica às palavras de Cristo: «Digo-vos que, se eles [os discípulos] se calarem, as pedras clamarão.» (Lucas 19:40) É evidente que as pedras não podem clamar, a menos que haja espíritos nelas encarnados.

5. "Tal como estabelecestes uma doutrina errada sobre o pecado original, também a vossa conceção de pecado em geral é equivocada.

"A Bíblia distingue entre o pecado da "separação de Deus" e os pecados dos fiéis cometidos por erro humano.

"Na Primeira Epístola de João há uma passagem cuja explicação vos causa grandes dificuldades. Lê-se: «Se alguém vir o seu irmão cometer um pecado que não seja para a morte, orará por ele, e Deus dará vida àquele que não peca para a morte. Há pecado para a morte; por esse não digo que se ore. Toda a injustiça é pecado, e há pecado que não é para a morte.» (1 João 5:16-17) João distingue assim entre o pecado para a morte e o pecado que não é para a morte — e isto é o que mais vos confunde nas palavras do Apóstolo: ele diz que nem sequer é necessário orar por aqueles que cometeram pecado para a morte.

"O sentido destas palavras explica-se melhor por meio de um exemplo. Os soldados, ao alistarem-se nas forças armadas, são obrigados a prestar um juramento de fidelidade. Com isso, tornam-se soldados da sua pátria. Ora, acontece frequentemente que os soldados cometam faltas pelas quais são punidos com medidas disciplinares, sem por isso deixarem de ser soldados do seu país. Há, no entanto, um pecado pelo qual um homem deixa de ser soldado

da sua pátria e cuja pena é a morte: a deserção ao inimigo. Tal ato torna-o morto para a sua pátria.

"Do ponto de vista militar, cometeu um "pecado para a morte". Seria inútil que a mãe de tal desertor apelasse à clemência do governo do seu país em favor do seu filho, pois este já não está sob a jurisdição do seu próprio governo, mas submeteu-se ao de um Estado inimigo, cujas leis, doravante, lhe são vinculativas. Esse Estado não o entregará, mesmo que o desertor queira regressar. Naturalmente, ele não deseja regressar à sua antiga pátria. Por conseguinte, qualquer apelo à misericórdia dirigido pela mãe ao governo de origem é inútil.

"Aplica este exemplo à relação que tens com Deus. Como mortais que acreditam n'Ele, sois súbditos do Reino de Deus. Mesmo que, como peregrinos errantes que sois na Terra, não passe um só dia sem que cometais alguma falta, grande ou pequena, pela qual sereis devidamente castigados por Deus, não deixais por isso de ser Seus súbditos. Se, porém, derdes as costas a Deus, abandonando a vossa fé n'Ele, negando-O ou vivendo como se Deus não existisse, cometeis deserção. Este é o pecado pelo qual vos separais do Reino de Deus e passais para o reino das forças malignas, que são hostis a Deus. Abandonais completamente a vossa lealdade a Deus, tal como um desertor abandona a sua lealdade ao seu soberano.

"Estais mortos para o Reino de Deus, tendo cometido o "pecado para a morte". Que valor teriam então as orações de alguém em favor de tal renegado? Ele nada quer saber de Deus e não deseja regressar a Ele. Para que as vossas orações fossem atendidas, Deus teria de o forçar a voltar. Isso, Ele não pode fazer, pois concedeu a todos o dom do livre-arbítrio e, por isso, nunca recorre à força para obrigar as decisões das Suas criaturas. Cada um deve alcançar a sua própria Salvação através da livre escolha.

"A primeira deserção foi a grande revolta dos espíritos liderada por Lúcifer. Esse foi o primeiro "pecado para a morte".

6. "A Ressurreição dos mortos é, pois, a sua ascensão arrependida do exílio no reino dos mortos espirituais para o Reino de Deus. É o regresso a casa dos antigos desertores. Devem ao Redentor o facto de poderem regressar e o facto de Lúcifer, o governante do reino hostil a Deus, já não os poder reter pela força. Pela sua vitória sobre o governante do reino dos mortos, Cristo garantiu a libertação de todos os que sinceramente se arrependem dos seus caminhos e anseiam regressar a Deus. Cristo foi o primeiro a descer aos mortos no inferno sem Ele próprio ser um dos separados de Deus. Foi também o primeiro a

ascender do inferno ao Céu. Antes d'Ele, tal não era possível para nenhum dos espíritos caídos.

"Os espíritos, uma vez entrados no inferno, eram impotentes para escapar das profundezas. A ascensão de Cristo do inferno foi a primeira "Ressurreição dos mortos", à qual Paulo se refere frequentemente nas suas epístolas, como na que escreveu aos Efésios, onde diz: «Ora, que quer dizer 'subiu', senão que também desceu às partes mais baixas da terra?» (Efésios 4:9). Paulo refere-se aqui às esferas do inferno. São elas, como te disse noutra ocasião, mais baixas que as esferas terrestres. Aos Colossenses escreveu: «Despojando os principados e as potestades, expôs-nos publicamente ao desprezo, triunfando deles.» (Colossenses 2:15)

"As potestades e autoridades a que Paulo se refere são as do inferno, contra as quais Cristo combateu, auxiliado pelas legiões celestes, após a Sua descida ao inferno, e que Ele venceu, forçando Lúcifer, seu governante, a libertar aqueles dos seus súbditos que desejavam escapar ao seu domínio. Paulo refere-se a isso na mesma epístola com estas palavras: «Pois, estando mortos nos nossos pecados, Ele nos deu vida juntamente com Ele.» (Colossenses 2:12-13) Os Colossenses, a quem Paulo escrevia, também tinham sido espiritualmente mortos e súbditos de Lúcifer, mas com o tempo vieram a acreditar em Cristo e no Reino de Deus.

"Pela sua fé, tornaram-se leais a Cristo e passaram a fazer parte do Reino de Deus juntamente com Ele. Quando se diz que Cristo foi restituído à vida, isso não significa que estivesse espiritualmente morto, mas que tinha estado no reino dos espiritualmente mortos e, exteriormente, separado do Reino de Deus. Em todos os aspetos, Cristo foi, durante a Sua estadia no inferno, como alguém espiritualmente morto, embora Ele próprio não o estivesse. Deus restituiu-lhe a vida no sentido em que lhe deu o poder de vencer as forças do reino dos mortos e, assim, o trouxe de volta ao Reino da vida celeste.

"A "Ressurreição dos mortos" nada tem que ver com a ressurreição dos corpos físicos. Não existe "ressurreição da carne", como se afirma nos credos das várias denominações cristãs. Nos primeiros séculos da era cristã, os credos falavam da "Ressurreição dos mortos" e não da "ressurreição da carne", transmitindo assim a mensagem consoladora de que todos os que estavam espiritualmente mortos, incluindo Lúcifer, regressariam um dia a Deus. Mais tarde, essas palavras foram alteradas, quando se introduziu a doutrina falsa de que os corpos terrenos dos mortos voltariam à vida, apesar de Paulo ter dado a

verdadeira doutrina com estas palavras: «Semeia-se corpo animal, ressuscita corpo espiritual.» (I Coríntios 15:44)

"Nem sequer o corpo terrestre de Cristo ressuscitou. Tal como os corpos físicos de todos os mortais, foi criado a partir do Od da Terra e, como eles, voltou à Terra, com a exceção de que não foi transformado em Od terrestre pela decomposição, mas por desmaterialização, levada a cabo pelo mundo espiritual. Do mesmo modo que o corpo de Cristo, também os corpos de homens como Enoque e Elias foram transformados em Od. Todos os corpos humanos são criados a partir do Od da Terra e em Od da Terra acabam por ser transformados. Esta é uma lei que não admite exceções.

"Para os cristãos de hoje, a "Ressurreição dos mortos" significa o restabelecimento do corpo físico, e a Ressurreição de Cristo no Domingo de Páscoa é tida por eles como a reunião do seu espírito com o corpo, que estivera no túmulo durante três dias. Estas ideias são completamente erradas, pois, repito, a Ressurreição de Cristo dos mortos significa apenas o Seu regresso do reino dos espiritualmente mortos, o Seu regresso do inferno, para onde o Seu espírito havia descido. O Credo Apostólico exprime isto corretamente nas palavras: «Desceu aos infernos, ao terceiro dia ressuscitou dos mortos.» Seria ainda mais claro se se dissesse: «Desceu aos mortos, ao terceiro dia voltou dos mortos.»

"O termo "Ressurreição dos mortos" confunde-vos como confunde outros, porque a palavra "morte" significa para vós apenas a cessação da vida terrestre, e "os mortos" faz-vos pensar apenas em cadáveres, sepulturas e cemitérios. Não levais em conta a formulação da Bíblia, segundo a qual "morte" significa separação de Deus, e "os mortos" são os que se encontram nessa separação.

"As traduções incorretas de certas passagens bíblicas contribuíram amplamente para esse mal-entendido, como, por exemplo, a passagem do Livro de Job (19:25-26): «Porque eu sei que o meu Redentor vive e, por fim, Se levantará sobre a terra. E, depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.» Estas palavras foram completamente deturpadas, tornando-se o contrário do seu significado original, na versão que diz: «Eu sei que o meu Redentor vive e há de levantar-me do pó, quando, revestido desta minha pele, na minha carne verei a Deus.»

"Outra falsificação que já te expliquei é a da passagem do Evangelho de Mateus que fala da ressurreição dos mortos dos túmulos no dia da Crucificação,

quando, na realidade, dizia que o terramoto lançou corpos para fora dos seus sepulcros.

"Devo ainda mencionar aqui uma passagem do Evangelho de João (5:28), que diz: «Vem a hora, e já chegou, em que todos os que estão nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão.» A palavra "túmulos" aqui refere-se à mesma realidade que Pedro designa como "prisão", quando escreve na sua epístola: «Cristo foi, em espírito, anunciar a Boa Nova aos espíritos que estavam na prisão.» (1 Pedro 3:19) Noutra passagem lemos: «Deus não poupou os anjos que pecaram, mas lançou-os no inferno, entregando-os a cavernas de trevas.» (2 Pedro 2:4)

"É evidente que a palavra "túmulos", tal como usada por João na passagem citada, não pode significar sepulturas no cemitério, como se vê nas palavras de Cristo: «Já chegou a hora em que os mortos nos seus túmulos ouvirão a voz do Filho de Deus.» Se fosse esse o caso, os corpos dos mortos teriam de sair imediatamente das sepulturas. O que Cristo quis dizer com estas palavras foram os mortos espirituais, nas masmorras de Satanás, que Ele pretendia redimir aquando da Sua próxima descida ao inferno, desde que dessem ouvidos à Sua voz.

"Além disso, o facto de Cristo, após a Sua morte terrena, ter aparecido aos Seus seguidores em forma material levou-vos à conclusão errada de que o Seu espírito teria regressado ao Seu antigo corpo físico. Na realidade, Ele tornou-Se visível da mesma forma que todos os espíritos o fazem, ou seja, pela materialização do Seu corpo espiritual. Não o tinham já feito muitos espíritos antes d'Ele? Não apareceram três espíritos a Abraão em forma completamente humana, comendo com ele, tal como Cristo comeu com os Seus discípulos depois da morte?

"Não acompanhou o Arcanjo Rafael o jovem Tobias durante várias semanas, comendo e bebendo com ele, ao ponto de Tobias estar convencido de que se tratava de um homem comum? Teria sido, então, algo extraordinário que Cristo Se mostrasse aos Seus discípulos após a Sua morte e que com eles falasse, comesse e bebesse? Casos semelhantes de materialização ainda hoje ocorrem. Mesmo espíritos malignos são capazes de se materializar da mesma forma.

"O verdadeiro significado da "Ressurreição dos mortos" foi esclarecido aos Apóstolos e aos fiéis pelos espíritos de Deus apenas depois da ascensão de Cristo. Sempre que, durante a Sua vida terrena, Cristo falava aos Apóstolos sobre a Sua "Ressurreição dos mortos", eles não conseguiam compreender o

que Ele queria dizer. «E discutiam entre si o significado da expressão "ressuscitado dos mortos".» (Marcos 9:10) Quanto às opiniões dos líderes religiosos do povo judeu da época sobre a "ressurreição dos mortos", os Atos relatam: «Os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjos, nem espíritos; mas os fariseus reconhecem ambas as coisas.» (Atos 23:8)

"Para regressar do reino dos mortos espirituais ao Reino de Deus, ninguém necessita de qualquer instituição humana, nem de uma religião organizada ou de clero, como se encontra nas religiões de hoje e, em especial, na Igreja Católica. Quem quer que se tenha afastado de Deus pode, em qualquer momento, comunicar espiritualmente com Deus, o Pai, e receber d'Ele, sem o auxílio de intermediários humanos, o perdão e a força para viver segundo a vontade de Deus.

7. "A vossa Igreja [Católica], pelo contrário, ensina a necessidade dos chamados "sacramentos" para alcançar a Salvação, e como esses sacramentos só podem ser administrados por sacerdotes ordenados por bispos, a Igreja Católica possui nessa doutrina um meio perfeito de vincular os fiéis à sua organização. Pois, segundo os seus preceitos, ninguém pode chegar a Deus senão por intermédio de um sacerdote.

"Ao leres o Novo Testamento, notarás que não há uma única palavra nos ensinamentos de Cristo e dos Seus Apóstolos que possa servir de base a essa doutrina dos sacramentos. Os vossos sacramentos, aos quais atribuís tão grande importância teológica, são criações humanas, como agora te mostrarei.

"O primeiro e mais essencial dos vossos sacramentos é o do batismo com água. Afirmam que o batismo, por si só, ou seja, inteiramente sem a participação da pessoa batizada, transforma um inimigo de Deus num dos Seus filhos, através da erradicação do chamado pecado original, bem como de todos os pecados pessoais. Por isso vão ao ponto de batizar crianças tão pequenas que não têm sequer consciência de que o rito está a ser realizado.

"Isto revela uma incompreensão total do significado do batismo, que, nos primeiros tempos do Cristianismo, era apenas um rito externo, simbólico de uma disposição interior. O batismo, portanto, não criava nada de novo, como pregais, mas era apenas a manifestação exterior dos sentimentos daqueles que o recebiam. Assim, o batismo administrado por João era uma declaração pública da parte dos que se faziam batizar de que estavam dispostos a aceitar o seu evangelho e a corrigir os seus caminhos. A essência do rito residia no facto de

ser realizado em público, para que todos soubessem quem eram os que tinham sido batizados.

"Talvez penses que uma disposição de espírito não requeira um sinal exterior, mas vós, mortais, frequentemente iludis-vos quanto aos vossos verdadeiros sentimentos e só tendes plena certeza deles quando sois chamados a professá-los em público. Nessa altura, frequentemente descobris que o bem em vós não é tão forte como imagináveis.

"Entre aqueles que iam ouvir João Baptista pregar, havia muitos que pensavam estar a viver uma mudança de coração, mas, quando se viram confrontados com o batismo em público como sinal exterior dessa mudança, faltou-lhes a coragem. O medo dos homens era mais forte do que o bem que havia neles; temiam os escárnios dos seus semelhantes, e especialmente os da classe sacerdotal judaica, que não reconhecia João como enviado de Deus.

"Por medo, recusaram o batismo. Se não tivessem sido confrontados com a escolha entre aceitar ou rejeitar essa manifestação exterior, nunca teriam percebido que, na verdade, ainda não estavam prontos para o Reino de Deus. Quem, por considerações mundanas, se recusa a afirmar publicamente aquilo que sabe ser verdadeiro e justo, e a aceitar todas as consequências dessa ação, não é de confiança. Não serve à causa de Deus, pois os assuntos do mundo têm para ele mais valor.

a. "Foi por essa mesma razão que Cristo aceitou o batismo de João. Ele quis, também, que todos vissem que apoiava a verdade pregada por João.

"Como sinal de aceitação dos seus ensinamentos e de desejo de emendar a vida, João escolheu o batismo por imersão em água. Poderia ter escolhido outro símbolo qualquer, mas a imersão era o mais belo, por indicar o propósito da sua pregação. Ele ensinava a purificação do pecado mediante o abandono da má disposição anterior e, assim como os batizados eram lavados fisicamente pela imersão, surgindo das águas como seres renovados, também a aceitação da verdade purificaria as suas almas e permitir-lhes-ia, como seres novos, levar uma vida de obediência a Deus.

"Foi por causa do carácter simbólico do rito que Cristo manteve o batismo com água como sinal exterior da aceitação do Seu evangelho.

"As pessoas de hoje mal conseguem imaginar as consequências que, para os primeiros cristãos, representava o seu batismo público como sinal de

conversão ao Cristianismo. Os convertidos judeus expunham-se, assim, ao Odio e à perseguição por parte dos seus antigos correligionários e, especialmente, por parte da classe sacerdotal judaica, e sofriam prejuízos financeiros. Eram insultados nas ruas, arrastados para a prisão e apedrejados. A história de Paulo e o destino de Estêvão mostram o fanatismo com que os judeus da época perseguiam os seus compatriotas convertidos ao Cristianismo. A perseguição por parte dos gentios era igualmente feroz. A religião pagã era a religião do Estado; o culto dos deuses, as festas em honra dos ídolos e os sacrifícios que lhes eram oferecidos estavam prescritos por lei.

"Considerava-se uma das mais graves ofensas contra o Estado e contra o seu soberano faltar a esses atos de culto idolátrico e sacrifícios cerimoniais, sendo essa falta punível com a morte e com a confiscação de bens. Naturalmente, nenhum cristão podia continuar a participar nesses eventos, ainda que soubesse que, se fosse denunciado, teria de estar preparado para o pior. Os horrores que acompanharam a perseguição dos cristãos pelo paganismo são-vos demasiado conhecidos. A morte e a perda dos seus bens foi o destino de muitos cristãos.

"Quantos dos chamados cristãos de hoje estariam dispostos a aceitar um batismo que implicasse tais consequências para as suas vidas e bens? E, contudo, quem não tem coragem de testemunhar a sua fé face a tais sacrifícios não é um verdadeiro cristão.

"O batismo não conferia, pois, qualquer graça interior especial, mas era apenas um símbolo de que a pessoa batizada estava disposta a aceitar todas as consequências decorrentes da confissão pública da sua fé.

"Quais serão pois as implicações disto? Em primeiro lugar, resulta que o batismo de crianças pequenas não tem qualquer valor, visto que são completamente incapazes de reconhecer a verdade ou de nela crer conscientemente. É por isso que os cristãos dos primeiros séculos nunca batizavam crianças.

"É também por isso que Cristo ordenou aos seus Apóstolos que primeiro pregassem o evangelho e só depois batizassem aqueles que estivessem dispostos a aceitá-lo. Também decorre disto que a doutrina das igrejas cristãs segundo a qual o batismo purifica uma criança do pecado original e que as almas das crianças que morrem sem batismo perdem para sempre o Reino de Deus é completamente errada. A purificação do pecado só pode ser alcançada através

de um esforço decidido para abandonar os caminhos do mal, e não por qualquer ato que venha de fora.

"Paulo refere-se a alguns cristãos do seu tempo que se fizeram batizar em nome de pessoas já falecidas. Isto foi um exemplo de zelo excessivo por parte de novos convertidos. Ninguém pode ser batizado em lugar de outro. Cada um deve trabalhar pela sua própria salvação, pois aqui não pode haver substituição. No entanto, as intenções desses convertidos eram boas: com esse gesto pretendiam proclamar que os falecidos, se ainda estivessem vivos, também teriam aceitado os ensinamentos de Cristo e recebido o batismo como testemunho exterior. Fizeram-no como sinal de amor pelos que partiram.

"b. O segundo sacramento reconhecido pela vossa Igreja é o da "confirmação". O bispo administra este sacramento impondo as mãos sobre o confirmado, ungindo-o e rezando por ele. Acredita-se que, por virtude deste ato, o "Espírito Santo" desce sobre o confirmado, tal como desceu sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes.

"É verdade que Cristo prometeu que, após a Sua Ressurreição, enviaria os espíritos do Pai aos fiéis, mas não condicionou esse envio a qualquer cerimónia conduzida por um bispo. Os mensageiros de Deus seriam enviados a todos os que estivessem espiritualmente preparados para os receber. Mesmo que nos Atos dos Apóstolos haja uma referência à imposição das mãos em ligação com a efusão dos santos espíritos, a relação entre estas duas coisas era bastante diferente da que hoje se assume. O ancião impunha as mãos sobre a pessoa recentemente batizada ou convertida como sinal da sua admissão na congregação.

"Como os anciãos possuíam elevado poder mediúnico, o poder Ódico dos indivíduos dotados era significativamente aumentado por esta imposição de mãos durante o batismo, de tal modo que mensagens espirituais eram frequentemente transmitidas através deles. Para isso, não era necessário um estado de transe profundo; a influência do mundo espiritual manifestava-se frequentemente tal como se vê nos chamados "médiuns de inspiração". Sob essa influência, pronunciavam palavras de oração ou louvor a Deus — uma manifestação conhecida desde os primeiros séculos do Cristianismo como "oração no espírito".

"Frequentemente, também proferiam palavras de advertência ou instrução que impressionavam profundamente os ouvintes. Além disso, a imposição de mãos era feita àqueles a quem fora confiada alguma missão especial em nome

da comunidade, para significar que deviam ser considerados instrumentos de Deus, após terem sido assim designados pelos mensageiros espirituais de Deus.

"Quando, portanto, o Apóstolo Paulo adverte o seu colaborador Timóteo a não impor as mãos a ninguém precipitadamente, tem em mente duas coisas: primeiro, que Timóteo não deveria ajudar ninguém a tornar-se médium sem antes verificar o seu carácter e fidelidade à fé, para que o médium não viesse a utilizar os seus dons para fins malignos, causando assim grande prejuízo espiritual à comunidade; segundo, que ninguém deveria ser sancionado com a imposição das mãos como instrumento de determinada missão se não tivesse sido especificamente designado para essa missão por um espírito de Deus.

"Uma pessoa a quem só tivesse sido concedido o dom de curar só poderia ser utilizada como curandeiro, e não, por exemplo, como mestre, tarefa para a qual não fora chamada nem estava habilitada. «São todos apóstolos?» pergunta Paulo na sua epístola aos Coríntios. «São todos profetas? São todos mestres? Operam todos milagres? Têm todos o dom de curar? Falam todos línguas estrangeiras? Interpretam todos essas línguas?» (1 Coríntios 12:29-30) E quando Paulo exorta o mesmo Timóteo a reavivar o dom de Deus que havia nele pela imposição das mãos de Paulo, está a referir-se ao dom de ensinar. Sob a direção de um espírito de Deus, Timóteo fora comissionado por Paulo, pela imposição das mãos, a ensinar o evangelho da Salvação e fora enviado nessa missão. Contudo, pelas muitas dificuldades encontradas no exercício da sua missão como mestre, Timóteo desanimara.

"Se comparardes a ação dos espíritos nos primeiros tempos da era cristã com aquilo que hoje ensinai sobre o assunto, vereis até que ponto vos afastastes da verdade também nesta matéria. O espírito de Deus não se submete à vontade dos mortais. Ele vem àqueles cuja vida interior os tornou dignos de o receber e que o desejam de todo o coração — sem necessidade de intervenção de bispos ou dos seus rituais de unção. O espírito de Deus «sopra onde quer», e não onde os homens o desejam.

"Antes de Cristo trazer a Redenção, o espírito das trevas dominava toda a humanidade, exercendo sobre ela a sua influência maligna. Podeis ver isto pelos numerosos casos de possessão mencionados nas Escrituras, nos relatos das curas realizadas por Cristo. Noutros casos, as vítimas sofriam graves males físicos às mãos dos espíritos malignos; assim, ledes nos evangelhos sobre pessoas que ficaram mudas, surdas, cegas ou epiléticas sob a sua influência. Por

vezes, era um só demónio que se apoderava da vítima; noutras, uma legião inteira. «Somos legião», confessou um deles.

"Mesmo que a maioria das pessoas não fosse tão visivelmente afetada pelos poderes do Mal como aquelas que sofriam tormentos físicos, a sua influência era tal que lhes impedia de ver a verdade e o caminho da retidão e endurecia os seus corações.

"Contudo, nem sequer a Redenção operou qualquer mudança na influência dos espíritos malignos sobre aquelas pessoas que, por falta de fé, continuam voluntariamente a ser escravas dessa influência. Satanás exerce o seu poder, agora como então, sobre todos os que lhe pertencem no coração. Também hoje existem muitos casos de pessoas possuídas por demónios. Chamais-lhes doentes mentais, mas em todos os casos em que a loucura não é causada por doença cerebral, trata-se de possessão.

"Para aqueles, porém, que regressam à fé em Deus e à obediência à Sua palavra, o poder do mal sobre eles foi quebrado pela Redenção. Naturalmente, mesmo esses têm de continuar a lutar e precisam, como diz Paulo, da "armadura de Deus", para que possam resistir aos ataques astuciosos do Diabo. Pois combatem «não contra carne e sangue, mas contra poderes e forças sobrenaturais, contra os dominadores das trevas, contra os exércitos dos espíritos malignos no universo». (Efésios 6:11-12)

"c. O terceiro sacramento reconhecido pela Igreja Católica é conhecido como "Eucaristia". Outras igrejas cristãs chamam-lhe "Comunhão"; Paulo refere-se a ela como "Ceia do Senhor". Também este sacramento foi, com o passar dos séculos, transformado em algo totalmente diferente daquilo que Cristo pretendia.

"Os banquetes sacrificiais eram uma característica comum dos ritos religiosos tanto dos judeus como dos pagãos e constituíam uma parte essencial dos seus serviços religiosos. Animais eram abatidos em locais consagrados, o sangue era derramado diante da divindade, em cuja honra também se queimavam certas partes da carne, enquanto o restante era consumido pelos fiéis num banquete comunitário. Não apenas animais, mas também frutos, pão, azeite e vinho, entre outros, eram oferecidos em sacrifício. Uma parte destes elementos era destruída em honra da divindade; o restante era consumido na refeição sacrificial. A parte que era queimada ou derramada servia, como sabeis, para preparar a corrente de poder necessária à comunicação com os espíritos.

"Mas mesmo a parte que era consumida pelos participantes era considerada sagrada e santificada pela divindade. Comer e beber os restos do sacrifício era um símbolo de comunhão interior com a própria divindade. Tal como os alimentos e bebidas consagrados se uniam aos corpos daqueles que os consumiam, assim os participantes do banquete deveriam unir-se espiritualmente à divindade, na crença e na execução da sua vontade. Tal era o significado dos banquetes sacrificiais, tanto para judeus como para pagãos.

"A festa judaica da Páscoa, celebrada no aniversário da saída do Egipto, era o símbolo do desejo de permanecerem em comunhão com o Deus que Se revelara a eles por meio de Moisés, seu libertador, e de obedecer aos Seus mandamentos no futuro. A refeição pascal dos israelitas era, assim, o símbolo da sua redenção da escravidão do Egipto sob a liderança de Moisés, o enviado de Deus.

"Cristo foi o grande enviado de Deus, prefigurado e profetizado por Moisés, e destinado a libertar a humanidade da escravidão de Satanás, o faraó do inferno. Na véspera do dia em que consumaria a libertação da humanidade através da sua morte e vitória sobre o inferno, celebrou, com os seus discípulos, a mesma festa que outrora fora celebrada por Moisés na véspera da libertação do povo judeu. Esta ceia tinha um duplo significado: a partida iminente de Cristo da Terra, pela morte do corpo, e a sua contínua união espiritual com os seus seguidores.

"Como símbolos, escolheu o pão e o vinho. Tomando o pão, partiu-o e deu-o aos discípulos com estas palavras: «Tomai e comei. Este é o símbolo do meu corpo, que é entregue à morte por vós. Fazei isto em memória de mim!» Tal como o pão fora partido, assim, no dia seguinte, o seu corpo terrestre foi destruído na morte e separado da vida.

"De igual modo, tomou um cálice de vinho e deu-o a beber a todos, dizendo: «Este cálice é o símbolo da nova aliança no meu sangue, que será derramado por vós. Sempre que dele beberdes, lembrai-vos de mim!» Assim como o vinho fluía do cálice ao beberem, também no dia da sua morte o sangue fluiu do seu corpo.

"Na sua essência, porém, esta ceia era simbólica da comunhão espiritual que Cristo tencionava manter com os seus seguidores, apesar de se separar deles fisicamente. Assim como o pão distribuído aos discípulos fora uma única peça, e os goles de vinho que beberam vieram de um único cálice, também os

discípulos deveriam estar unidos em espírito e amor a Cristo, bem como entre si. Foi por essa unidade que Cristo orou com tanta fervor e emoção nessa noite.

"Exortou-os a manter no coração o amor pelo seu Mestre e, assim, a permanecerem unidos com Ele num corpo espiritual, do qual Cristo seria a cabeça e eles os membros. Suplicou-lhes que se lembrassem disso sempre que se reunissem para repetir, em memória d'Ele, a refeição que haviam partilhado como despedida. Não deviam esquecer que fora um banquete de amor que o seu Senhor e Mestre celebrara com eles, e que só aqueles que estivessem unidos a Deus e à humanidade por laços de amor podiam participar deste ato. Quem não sentisse esse amor no coração não estaria apto a receber este rito comemorativo do amor.

"Aquele que o recebesse abrigando Odio, inimizade, raiva, inveja e outros pecados contra o amor ao próximo seria culpado da mais grave hipocrisia. Isso seria uma afronta flagrante Àquele que instituiu este rito em memória do seu amor. Portanto, todos os que desejarem recebê-lo devem examinar os seus corações, para saber se verdadeiramente amam o Senhor e ao próximo, pois de outro modo a Comunhão seria uma zombaria de Cristo.

"Esse é o verdadeiro significado da Ceia do Senhor e da sua celebração em memória d'Ele.

"Mas o que foi feito deste rito ao longo dos séculos? Estabeleceu-se a doutrina de que Cristo, por virtude das palavras que proferiu ao distribuir o pão e o vinho, transformou o pão no seu verdadeiro corpo e o vinho no seu verdadeiro sangue; que, portanto, o pão e o vinho não eram meros símbolos, mas que o pão se tornara o corpo vivo de Cristo e o vinho o seu sangue vivo, ainda que essa transubstanciação não fosse percetível aos sentidos humanos. Sustenta-se ainda que essa mesma transubstanciação ocorre hoje em dia sempre que um sacerdote pronuncia as palavras de Cristo sobre o pão e o vinho.

"Isto é, talvez, a doutrina mais absurda que alguma vez se pediu ao espírito humano que aceitasse. Implicaria que, na ocasião da Última Ceia, naquele cenáculo em Jerusalém, a pessoa de Cristo estava presente em 23 formas ao mesmo tempo: estava fisicamente presente diante dos Apóstolos; cada pedaço de pão comido pelos onze discípulos seria o mesmo Cristo vivo, e cada gole de vinho que beberam seria igualmente Cristo, corpo e alma, em carne e sangue.

"É incompreensível como os seres humanos puderam inventar uma ideia tão insana. Nenhum ser humano, nem espírito algum, pode multiplicar-se a si

mesmo. Nem sequer Deus. Ninguém — nem mesmo Deus — pode estar presente, como personalidade, em mais de um lugar ao mesmo tempo. Ninguém pode transformar-se noutra coisa e continuar a ser o que era. Cristo não poderia estar sentado diante dos Apóstolos como homem enquanto era simultaneamente consumido por eles sob a forma de pão e vinho. Cristo não poderia comer-se a si mesmo — pois, segundo essa doutrina, como também participou do pão que distribuiu, estaria a comer-se.

"Não encontro palavras, na vossa língua, que bastem para qualificar essa doutrina como o cúmulo da ilusão humana.

"Além disso, ensinais que a mesma transubstanciação é realizada diariamente pelos vossos sacerdotes e que, ao pronunciarem as palavras "Isto é o meu corpo; isto é o meu sangue", cada migalha de pão e cada gota de vinho se transformam na pessoa de Cristo. Com isto, os vossos sacerdotes arrogam-se um poder que nem o próprio Deus possui, pois nem Ele pode realizar o que é intrinsecamente impossível.

"Podeis protestar o quanto quiserdes, dizendo que é um mistério insondável; podeis chamá-lo de mistério da fé. O facto é que esta doutrina é falsa. A palavra "mistério" pode ser usada para encobrir qualquer erro humano. Palavras há sempre, mesmo quando não têm sentido.

"Há algo nesta doutrina que sempre me deixa perplexo. Todos vós ledes a Bíblia; nunca vos ocorreu que, em todo o Novo Testamento, não há o menor indício que sustente esta visão absurda? Se, na Ceia do Senhor, o pão e o vinho tivessem sido transformados no verdadeiro Cristo, os Apóstolos nunca se cansariam de destacar esse acontecimento incompreensível. Esse milagre dos milagres teria sido registado em pormenor nos evangelhos e, além disso, os Apóstolos teriam feito referência a essa ceia comemorativa repetidamente nas suas epístolas aos primeiros cristãos. Mas não encontrais uma única menção a tal coisa.

"O Apóstolo João, que se reclinava junto ao seu Mestre durante a ceia e foi o primeiro a receber um pedaço do pão consagrado, nada diz no seu evangelho sobre a distribuição do pão e do vinho por parte de Cristo. Relata que Jesus lavou os pés dos discípulos. Relata a traição de Judas. Será razoável que nada dissesse acerca do mais misterioso e grandioso acontecimento da vida de Jesus? Os Apóstolos não fazem qualquer menção à Ceia do Senhor nas suas epístolas. Nos Atos dos Apóstolos, apenas se regista que os primeiros cristãos perseveravam no ensinamento dos Apóstolos e na comunhão, no partir do pão e

na oração. Aqui, pois, a celebração da ceia é descrita como "partir do pão", e não como aquilo que fizestes dela hoje. Era pão que partiam e comiam, mas enquanto o faziam, os seus pensamentos e orações estavam dirigidos Aquele que lhes prometera: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles».

"A participação no pão e no vinho era, para eles, um símbolo sagrado da sua comunhão espiritual com o Redentor.

"O apóstolo Paulo, que escreveu um grande número de epístolas às congregações, é o único que se refere à Ceia do Senhor, na sua primeira carta aos Coríntios — e mesmo assim, só o faz por estar obrigado pelas circunstâncias. Tinha sabido que a celebração da Ceia do Senhor pela congregação de Corinto se distinguia por comportamentos indignos.

"Entre os primeiros cristãos, a celebração da Ceia incluía a participação numa refeição completa, tal como acontecera na ceia de Cristo em Jerusalém. Com efeito, antes de dar aos seus discípulos o pão e o vinho em memória de si mesmo, Cristo comera o cordeiro pascal e outros alimentos, e bebera vinho com eles. Do mesmo modo, os primeiros cristãos, ao celebrarem a Comunhão, começavam com carnes e outros pratos, e bebiam vinho. Só no final da refeição partiam o pão e bebiam de um cálice comum em memória de Cristo.

"Também estes cristãos eram frágeis seres humanos e tinham as mesmas imperfeições de todos os homens, como infelizmente ficou patente durante a celebração da Comunhão em Corinto. Esta realizava-se em casas privadas, e como o dono da casa onde se celebrava não tinha meios para fornecer a refeição a todos os participantes — a maioria dos primeiros cristãos era pobre — era necessário que cada um trouxesse os seus próprios alimentos e bebidas para a refeição comum que precedia o rito. Acontecia por vezes que os muito pobres traziam pouco ou nada, contentando-se com a participação apenas na parte da Comunhão propriamente dita, após a refeição.

"Com frequência, tinham de assistir a como os membros mais abastados da congregação desfrutavam de refeições abundantes acompanhadas de vinho, e, por vezes, ultrapassavam os limites da decência e embriagavam-se. Situações deste género não podiam, naturalmente, ser toleradas, não apenas por constituírem uma afronta aos pobres, que eram forçados a assistir, mas sobretudo porque estavam em completo desacordo com o espírito da celebração da Comunhão.

"Quando, portanto, Paulo teve conhecimento de tais acontecimentos na congregação de Corinto, interveio e repreendeu severamente os coríntios pelo seu comportamento. Ao fazê-lo, não pôde evitar falar-lhes do verdadeiro significado da Comunhão. Começa por criticar a conduta durante a celebração da Ceia do Senhor: «Quando vos reunis assim, não posso chamar a isto a Ceia do Senhor. Porque cada um come a sua própria ceia antes da cerimónia da Comunhão; e um fica com fome, e outro embriaga-se. Não tendes casas para comer e beber? Ou pensais que não deveis ter consideração pela congregação de Deus e que podeis envergonhar os pobres? Que hei de dizer acerca de tal comportamento? Hei de louvar-vos? Nisso, certamente que não.» (I Coríntios 11: 20-22)

"Depois, aponta-lhes o significado da Comunhão, ainda que não fossem necessárias longas explicações, pois já os havia instruído pessoalmente sobre o assunto. Citando as palavras pronunciadas por Cristo na ceia de Jerusalém, resume assim o seu significado: «Sempre que comerdes este pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha.» A Ceia do Senhor é, pois, uma participação no pão e no vinho como símbolo da morte de Cristo, que deu a vida por amor aos espíritos caídos. Assim, aquele que, durante um rito celebrado em memória d'Ele, trata de forma indigna os símbolos do corpo e sangue do Redentor, peca não só contra os símbolos, mas contra o próprio Cristo.

"Além disso, quem desonra uma celebração realizada em honra do seu soberano, comete uma ofensa contra a própria pessoa do soberano e é punido por isso. «Portanto, quem comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado de pecado contra o corpo e o sangue do Senhor.» Paulo exorta ainda os seus ouvintes a examinarem as suas consciências antes de receberem a Comunhão, para determinarem se os seus sentimentos estão alinhados com os do Salvador: «Examine-se cada um a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice. Pois aquele que come e bebe, sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe a sua própria condenação.»

"Aquele que trata o pão e o vinho — quando estes são símbolos do maior e mais sagrado ato de amor da Criação — com indiferença ou desrespeito, e aquele que os consome estando embriagado ou em qualquer outro estado igualmente censurável, deve ser punido por Deus. Mesmo os seres humanos ressentem-se quando se menospreza um presente que ofereceram como recordação. A falta de respeito pelos símbolos da morte de Cristo e do seu amor inclui, acima de tudo, uma disposição interior indigna da parte de quem participa

na Comunhão. Num rito celebrado em memória do amor, é completamente desadequado que os corações dos participantes estejam cheios de sentimentos opostos.

"Quando o coração está cheio de discórdia, inimizade, amargura e outros pecados contra o amor ao próximo, não se pode participar na Ceia do Amor. Também neste ponto os coríntios pecaram gravemente, pois Paulo indica como causa principal do facto de a Comunhão não lhes trazer bênçãos, mas antes prejuízo espiritual, a existência de divisões e disputas entre eles, sinal claro de que tinham pecado contra o mandamento do amor fraterno.

"Onde a Ceia do Senhor era celebrada de modo tão indigno, tanto exterior como interiormente, como na congregação de Corinto, não é de estranhar que o Apóstolo tenha caracterizado muitos dos participantes como «fracos e doentes», e notado que alguns já haviam sucumbido ao pior — isto é, ao sono espiritual da indiferença em relação a Deus.

"Como vedes, nada nas epístolas de Paulo indica que ele tenha considerado o pão e o vinho como algo diferente de símbolos do corpo e do sangue de Cristo. Se o pão tivesse deixado de ser pão, como vós ensinai, e tivesse sido transformado no corpo de Cristo, Paulo tê-lo-ia dito claramente. E quanto mais enfaticamente este ardente discípulo teria interpelado os coríntios, se o pão da Comunhão fosse o próprio Cristo!

"Já numa parte anterior da mesma epístola, Paulo menciona a Comunhão cristã ao abordar o tema das festas idólatras. Nessa passagem, compara essas festas com a celebração cristã do rito da Comunhão. O sentido das suas palavras é o seguinte: ao comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, os pagãos comungam com os espíritos malignos. A carne sacrificial em si não é nada de extraordinário; é carne, e continua a ser carne, como qualquer outra. Mas é a convicção com que é oferecida e consumida pelos pagãos que lhes permite comungar com os espíritos malignos.

"Os cristãos comungam com Cristo ao receberem o pão e o vinho, que não mudam de natureza por causa deste rito, mas continuam a ser pão e vinho. É apenas a convicção com que se consomem o pão e o vinho consagrados que permite a comunhão com Cristo. Por isso mesmo, os cristãos estão proibidos de participar em festas sacrificiais pagãs, pois, ao fazê-lo, entrariam em comunhão com os espíritos malignos. «Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos espíritos malignos; não podeis ser comensais à mesa do Senhor e à mesa dos espíritos malignos.» (I Coríntios 10:21)

"O pão e o vinho de que os cristãos comungam não se transformam no corpo de Cristo pelo simples facto do rito, mais do que a carne comida pelos pagãos se transforma em espíritos malignos. Em ambos os casos, porém, estabelece-se uma comunhão com o mundo espiritual. No caso dos pagãos, trata-se de uma comunhão com os espíritos malignos, simbolizada pela carne e pelo vinho sacrificiais, enquanto que, no caso dos cristãos, é uma comunhão com Cristo, simbolizada pelo pão e pelo vinho.

"Além disso, tal como os pagãos, nas suas festas sacrificiais, entravam em comunhão não apenas com o demónio em honra do qual se celebrava a festa, mas com todo o mundo dos espíritos malignos, que forma uma unidade, também os cristãos, ao receberem o pão e o vinho, comungavam não apenas com o espírito individual de Cristo, mas com todos os espíritos do reino de Deus, cujo rei é Cristo. Paulo descreve esta grande comunidade como o "corpo do Senhor". Cristo é a sua cabeça, e todo o mundo dos espíritos criados e bons, incluindo todos os seres humanos que acreditam em Deus, são os seus membros. Assim, quem está em comunhão com Cristo está também em comunhão com os membros de Cristo.

"Esta comunhão é simbolizada na Ceia do Senhor especialmente pelo único pão: tal como esse pão, antes de ser repartido, era um todo, também os muitos que dele participam devem constituir uma só unidade pelo vínculo do amor. "Tal como há um único pão, também nós, sendo muitos, somos um só corpo espiritual, pois todos participamos desse único pão." (I Coríntios 10:17)

"A imagem de que todos os que pertencem a Cristo formam um só corpo espiritual com Ele é frequentemente utilizada por Paulo nas suas epístolas. É aquilo que vós chamais no vosso credo de "comunhão dos santos".

"Para apoiar a vossa falsa doutrina da transubstanciação do pão e do vinho na pessoa de Cristo, citais as palavras que Ele alegadamente teria dito: "Isto é o meu corpo — isto é o meu sangue", sublinhando que, em ambos os casos, disse "é" e não "significa". Mas como sabeis que na língua que Ele falava usou uma palavra correspondente ao vosso "é"? Não conheceis as palavras do aramaico falado por Ele e já não possuís sequer o texto grego original do Novo Testamento. Na verdade, Cristo, na Última Ceia, não disse nada que indicasse algo mais do que uma referência ao pão e ao vinho como símbolos da sua morte iminente para a Redenção do mundo.

"Admitamos, contudo, que Ele tenha realmente dito: "Isto é o meu corpo — isto é o meu sangue". Todo aquele que conhece a Bíblia sabe que Cristo só

falava por parábolas, como Ele próprio afirmou: "Disse-vos estas coisas por figuras; mas virá a hora em que já não vos falarei por figuras." (João 16:25) Lembrais-vos quando foi que Ele disse estas palavras? Como podereis verificar, foi por ocasião da Última Ceia, apenas algumas horas antes da sua morte. Como homem, falava sempre em parábolas. "Todas estas coisas Jesus falou às multidões em parábolas; e nada lhes dizia sem usar parábolas." (Mateus 13:34)

"Além disso, na véspera da sua morte, não falou apenas do pão e do vinho como símbolos da sua morte próxima, mas noutra parábola descreveu a sua relação viva com os discípulos: "Eu sou a videira, vós sois os ramos." (João 15:5) Se, portanto, não estais dispostos a aceitar o pão e o vinho num sentido figurado, também não podeis atribuir sentido figurado às suas palavras sobre a videira e os ramos; teríeis de afirmar que, ao dizer "Eu sou a videira e vós sois os ramos", Cristo se transformou numa videira e os seus discípulos nos seus ramos. A forma de expressão é a mesma em ambos os casos, e uma transformação não é mais difícil do que a outra — ambas são igualmente impossíveis.

"É compreensível que a Igreja Católica procure até as provas mais rebuscadas na Bíblia para apoiar a sua doutrina absurda. Assim, toma literalmente outras expressões figuradas, como quando Cristo diz de si mesmo que é o "pão" que desceu do céu, ou quando afirma que a sua carne é verdadeiramente comida e o seu sangue verdadeiramente bebida. Tudo isto deve ser entendido num sentido espiritual, como Cristo nunca se cansou de repetir: "O espírito é que vivifica; a carne de nada serve. As palavras que vos disse são espírito e vida." (João 6:63) Ao falar de si mesmo, diz que a sua "comida" é fazer a vontade do seu Pai celeste.

"Prometeu à samaritana junto ao poço de Jacob que lhe daria "água" que jorra para a vida eterna. Estas são todas expressões simbólicas que nunca devem ser tomadas à letra, sob pena de se cair nas maiores absurdidades. Cristo não é verdadeiramente uma videira, nem os seus discípulos são ramos. O pão e o vinho da Ceia do Senhor não são realmente o seu corpo e o seu sangue. Tudo isto deve ser compreendido de forma espiritual e simbólica, e foi assim que os Apóstolos e todos os cristãos dos primeiros séculos o entenderam.

"O culto divino que se centra na suposta transubstanciação do pão e do vinho na pessoa de Cristo é conhecido pelos católicos como a "Missa". É também descrito como a reencenação da Crucificação. Ora, não existe tal coisa como uma reencenação da morte de Cristo, nem mesmo uma reencenação "sem sangue". Como imaginais que a morte de Cristo na cruz poderia ser reencenada

sem sangue? Na verdade, nem sequer pensais nisso, pois o assunto não se presta a pensamentos razoáveis.

"A missa surgiu de uma extensão das orações ditas na celebração da Ceia do Senhor nos tempos do cristianismo primitivo, mas com o decorrer dos séculos perdeu todas as características de refeição comunitária e de refeição em memória do Senhor. Assim, a atual "missa" já não conserva nada de bom, salvo uma série de orações que podem perfeitamente ser ditas por qualquer pessoa em privado. Não necessitam do auxílio de qualquer sacerdote. A grande fé que os católicos depositam na eficácia das missas pagas é, infelizmente, uma grande ilusão.

"Restituí ao povo a cerimónia da Comunhão dos tempos dos Apóstolos. Era um rito sagrado que trazia bênçãos ao povo! Deve ser observado com frequência, sendo as ocasiões mais apropriadas as vésperas das vossas grandes festividades religiosas ou os próprios dias festivos. Podeis também reunir-vos para celebrar esta cerimónia noutras datas que tenham especial significado para vós. Podeis fazê-lo sem ajuda externa, em vossos lares, no seio da vossa própria família. Não são necessários "sacerdotes" nem quaisquer outros clérigos, nem igrejas. Em cada círculo de fiéis haverá alguém capaz de conduzir dignamente o serviço da Comunhão.

"Dada a importância do assunto, desejo dar-vos uma breve descrição de tal cerimónia.

"O melhor pão a usar é o pão ázimo, ou o que conheceis por "matzot". O vinho, tinto ou branco, deve ser vertido num cálice de vidro ou cristal. O pão e o vinho devem ser colocados sobre uma mesa coberta com uma toalha branca. O cálice com o vinho deve permanecer tapado até ser utilizado, para que nada o contamine. Do mesmo modo, o pão pode ser coberto com um pano limpo. Podeis ainda seguir o costume dos primeiros cristãos e colocar uma cruz simples — e não um crucifixo — sobre a mesa. Colocai sete velas atrás da cruz, dispostas de forma que a do centro fique diretamente por detrás e próxima da cruz.

"Quando vos tiverdes reunido à hora marcada, começai o serviço com um cântico apropriado à cerimónia. Após isso, a pessoa que conduz o culto faz uma oração com palavras suas, seguindo-se a leitura de um salmo adequado à ocasião. Pode, se desejar, escolher de entre vários salmos os versículos que considerar mais apropriados. Em seguida, faz-se uma leitura da Sagrada Escritura. Se estiver presente alguém capaz de proferir um breve sermão, isso será também valioso.

"Depois disso, a congregação dedica alguns minutos à reflexão silenciosa, meditando sobre os seus pecados e falhas e pedindo a Deus, com verdadeiro arrependimento, o perdão. Em seguida, o dirigente, ou toda a congregação em uníssono, recita o Salmo 130: "Do fundo do abismo clamo por ti, ó Senhor!" Ao concluir este salmo de arrependimento, o dirigente aproxima-se da mesa e, com palavras suas, ora para que Deus abençoe o pão e o vinho, de modo a que estes contribuam para a salvação de todos os que deles participarem.

"Depois, parte pedaços de pão e entrega-os, um a um, a cada adorador presente, dizendo: "Toma e come; este é o símbolo do corpo de Cristo, nosso Redentor, que morreu na cruz para que sejamos salvos!" Estas palavras são pronunciadas apenas uma vez, muito lentamente, enquanto distribui o pão, que os fiéis comem assim que o recebem. O dirigente é o último a tomar um pedaço e a comê-lo. Do mesmo modo, passa depois o cálice de membro para membro, dizendo: "Bebei todos dele. Este é o símbolo do sangue do nosso Senhor Jesus Cristo, que foi derramado para o perdão dos nossos pecados!" Também aqui, o dirigente é o último a beber do cálice. A seguir, oferece uma oração de agradecimento, e o serviço é encerrado com um cântico.

"Se estiver presente um médium de transe profundo, o espírito que se comunica por seu intermédio tomará a direção da cerimónia e dará as instruções necessárias.

"Não é de modo algum proibido que o serviço da Comunhão seja seguido de um evento social alegre, que pode incluir uma refeição, pois é justo que sintais alegria e que a expresseis. Deveis usufruir, com júbilo e gratidão, não apenas dos dons espirituais de Deus, mas também das suas bênçãos terrenas — sempre com decoro e em louvor ao Senhor.

"d. A Igreja Católica possui um Sacramento da Penitência. Segundo os ensinamentos do Novo Testamento, "penitência" significa uma mudança de coração.* João Baptista pregava o arrependimento como meio para alcançar o perdão dos pecados, e acerca de Cristo está escrito: "Desde então, Jesus começou a pregar a mensagem da salvação, dizendo: 'Arrependei-vos, pois o reino dos céus está próximo.'" (Mateus 4:17) Arrepender-se significa literalmente: "Mudar a maneira de pensar." O arrependimento é, por conseguinte, uma transformação espiritual, pela qual a mente deixa de albergar pensamentos maus e se volta para Deus. Quem abandona um hábito mau e adquire um bom dá prova de mudança de coração e é um penitente.

**(N.T.: Transformação interior, ou Arrependimento.)*

"Os católicos atribuem um alcance muito mais vasto ao sacramento da penitência. Não consideram que a reforma do pensamento e da conduta seja suficiente. A Igreja Católica exige, como condição para essa reforma e reconciliação com Deus, a confissão de cada pecado grave a um padre católico, que, segundo os seus ensinamentos, é o único que possui o poder de agir em nome de Deus e conceder o perdão. Para os católicos, não há perdão sem absolvição sacerdotal; e é assim que a Igreja mantém os seus fiéis estreitamente vinculados ao sacerdócio e à estrutura eclesiástica. Este é o poder espiritual pelo qual exerce domínio absoluto sobre as suas almas.

""Ninguém pode perdoar pecados senão Deus." Ao afirmarem isto a Cristo, os escribas estavam certos. Nenhum mortal, nenhum sacerdote, pode conceder absolvição; nem sequer Cristo podia. É verdade que Deus pode incumbir um mortal como instrumento para anunciar a um pecador em particular que os seus pecados foram perdoados. Tal missão foi confiada ao profeta Natan, que Deus enviou a David para lhe dizer que Ele o tinha perdoado pelos pecados de adultério e homicídio. De forma semelhante, Cristo foi especialmente investido por Deus, nos casos individuais em que anunciou o perdão a certos pecadores.

"Ele não concedia esse perdão por sua própria iniciativa ou critério, mas apenas o proclamava àqueles que Deus, por meio dos seus mensageiros espirituais, designava como dignos de perdão. Isso é confirmado pelo próprio Cristo, quando afirma expressamente aos seus opositores que foi o Pai que o autorizou a fazê-lo — e não que lhe tenha dado autoridade irrestrita, mas sim autoridade específica em cada caso concreto.

"O padre católico, contudo, afirma que recebeu do seu bispo o poder de conceder ou recusar a absolvição aos fiéis conforme o seu próprio juízo humano. Como pode ele saber se Deus perdoou os pecados de uma pessoa e não os de outra? Ou ilude-se ao pensar que Deus perdoará a um pecador apenas porque foi absolvido por um padre, e negará o perdão a outro porque um padre recusou absolvê-lo? Será que os mensageiros espirituais de Deus orientam o sacerdote, como orientaram o profeta Natan e Cristo, sobre quando conceder e quando recusar a absolvição?

"Terá o padre talvez algum dom sobrenatural que o guie nesta decisão? Poderá ele ler nos corações dos penitentes se Deus os perdoou? O sacerdócio católico terá de admitir que não possui tais dons. Como podem então garantir

aos seus semelhantes que Deus perdoou os seus pecados, se não têm qualquer base para saber se tal é verdade?

"O padre não pode ler o coração do pecador, nem conhecer a vontade de Deus. Apesar de dizerdes que a absolvição depende da condição de que o penitente se arrependa verdadeiramente e se esforce sinceramente por mudar, o absurdo da absolvição sacerdotal reside no facto de o sacerdote nunca estar em posição de saber se o penitente é sincero. Por isso, nunca poderá dizer: "Eu te absolvo dos teus pecados." No máximo, pode dizer: "Que Deus te perdoe os pecados!" Mas para proferir esse desejo não é preciso ser sacerdote. Qualquer pessoa o pode fazer. Trata-se apenas da expressão de um anseio, sem qualquer efeito real.

"No entanto, o padre diz explicitamente: "Eu te absolvo dos teus pecados", pronunciando assim uma sentença judicial cuja validade diante de Deus lhe é totalmente desconhecida. Que pensarias de um juiz terreno que proferisse sentenças sem respaldo legal? Seria uma farsa, não? Assim é a doutrina católica do perdão dos pecados por um padre, como o vosso bom senso vos há de indicar. A verdade é esta: quem se arrepende sinceramente dos seus pecados e se volta para Deus será perdoado por Ele, quer tenha ou não recebido o perdão de um padre; e quem não se arrepende não será perdoado por Deus, por mais vezes que tenha recebido a absolvição sacerdotal. A vossa doutrina do perdão dos pecados pelos padres é, pois, uma das maiores ilusões humanas que se introduziram na religião ao longo do tempo.

"Para sustentar a sua alegação de que os seus sacerdotes possuem o poder de conceder a absolvição, a Igreja Católica invoca uma passagem bíblica espúria, à qual chamei a vossa atenção aquando do nosso primeiro encontro. Essa passagem reza: "Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos." (João 20:23)

"Conforme já sabes, uma única palavra foi omitida do texto grego, alterando completamente o sentido da frase. Em vez de "lhes" (ou "deles"), o texto original dizia "vós", o que faria a passagem ler-se assim: "Se perdoardes os pecados dos outros, os vossos serão perdoados; se os retiverdes (ou não perdoardes), os vossos próprios serão retidos (não perdoados)." Com estas palavras, Cristo transmite o mesmo ensinamento que está contido nas palavras da Oração do Senhor: "Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido", e nas palavras que proferiu imediatamente a seguir: "Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, o

vosso Pai Celestial também vos perdoará a vós. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco o vosso Pai perdoará as vossas ofensas." (Mateus 6:14-15)

"Na medida em que o poder de remissão dos pecados, tal como é reivindicado pela Igreja Católica, não existe nem pode existir, nunca foi ensinado nem exercido nos primeiros tempos do Cristianismo. Por isso, os cristãos daquela época nunca foram obrigados a confessar os seus pecados a um sacerdote, mas eram exortados, conforme os ensinamentos de Cristo, a confessar os seus pecados uns aos outros — isto é, aqueles pecados que tivessem cometido entre si.

"Esperava-se que reconhecessem os erros cometidos contra os seus semelhantes perante os próprios e, assim, alcançassem a reconciliação, pois esta é, afinal, a única e a mais rápida forma de expiação. Se alguém que vos ofendeu vem até vós e admite que errou, dareis de boa vontade a vossa mão em reconciliação. É isto que Cristo exige quando diz: "Se, ao ofereceres a tua oferta no altar, te recordares de que o teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão, e só depois vem apresentar a tua oferta." (Mateus 5:23-24)

"Se a confissão perante um sacerdote e a absolvição por ele fossem necessárias para o perdão dos pecados, Cristo e os Apóstolos não teriam deixado de o mencionar repetidas vezes. Teria constituído a parte mais importante dos ensinamentos cristãos, já que sem perdão dos pecados ninguém pode entrar no reino dos céus. No entanto, nem Cristo nem os Apóstolos fazem qualquer menção à confissão perante um sacerdote ou à absolvição por ele.

"A confissão e absolvição sacerdotal são instituições humanas que não tornam o caminho para Deus mais fácil para o crente. Pelo contrário, tornam-no mais difícil, ao induzi-lo a um falso sentimento de segurança. Ele confessa-se, recebe a absolvição do sacerdote e segue o seu caminho, convencido de que se reconciliou com Deus. Torna-se, assim, vítima de uma grande ilusão. Todo o erro na verdade da Salvação é como o caminho errado tomado por um viajante — afasta-o, em vez de o aproximar, do seu destino.

"Na religião católica, os chamados "exercícios penitenciais exteriores" desempenham um papel importante. Prescreve-se a abstinência de certos alimentos em determinados dias, ordenam-se dias de jejum, considera-se a mortificação do corpo como grau superior de virtude, recomendam-se peregrinações e exige-se o celibato dos sacerdotes e membros das ordens religiosas como passo em direção à perfeição. Todas estas práticas nada têm

que ver com a verdadeira ideia de arrependimento e perfeição interior. Cristo nunca jejuou voluntariamente nem mortificou a carne. Quando jejuou no deserto, foi por necessidade: não o pôde evitar, pois o deserto não oferecia alimento. Por conseguinte, não encontrareis uma única palavra nos ensinamentos de Cristo ou nas epístolas dos discípulos que ordene abstenção de certos alimentos ou castigo do corpo. Pelo contrário, tais coisas são descritas como sem valor. Assim escreve Paulo aos Coríntios:

"A comida que comemos ou deixamos de comer em nada afeta a nossa posição diante de Deus." (I Coríntios 8:8) Aos Colossenses escreve: "Se, com Cristo, vos libertastes totalmente dos poderes espirituais que governam o mundo, por que razão ainda vos sujeitais a preceitos como: Não toques nisto, não comas aquilo, não pegues naquilo outro – como se ainda estivésseis submetidos ao mundo? Todas essas coisas existem para serem usadas e consumidas. Tais preceitos são leis e doutrinas humanas e, embora tidos como sábios devido à piedade autoimposta, falsa humildade e mortificação do corpo, não têm qualquer valor real e servem apenas para satisfazer a carne." (Colossenses 2:20-23)

"Todos os preceitos impostos à humanidade pelas diversas religiões cristãs não provêm de Cristo, mas, como Paulo escreve a Timóteo, "de homens que se desviaram da verdadeira fé e se voltaram para espíritos enganadores e doutrinas inspiradas por demónios. Foram seduzidos pelo comportamento enganoso de falsos pregadores, que carregam em si mesmos a culpa. Esses homens proíbem o matrimónio e exigem abstinência de certos alimentos, apesar de estes terem sido criados para serem gozados com uma oração de agradecimento por aqueles que creem e chegaram ao pleno conhecimento da verdade. Porque tudo o que Deus criou é bom, e nada é proibido, desde que se receba com uma oração de agradecimento; pois é santificado pela palavra de Deus e pela oração." (I Timóteo 4:1-5)

"A Igreja Católica é uma das que atribui grande valor à abstinência alimentar em dias específicos, cujas regras de jejum prescrevem uma única refeição. Proíbe os seus clérigos e religiosos de casar e considera o estado monástico como o mais perfeito. Também esta igreja se entregou a doutrinas inspiradas por demónios, pois todas essas normas são puramente humanas e, conforme as palavras do Apóstolo, são tidas por sábias em virtude da piedade autoimposta, da humildade exterior e da mortificação do corpo, mas não têm qualquer valor real. Não têm valor algum para a Salvação da humanidade e, por

conseguinte, nenhuma igreja tem o direito de impor tais regras aos seus fiéis e de rotular como "pecado grave" qualquer infração dessas normas.

"É verdade que a vossa igreja [Católica] afirma, no que respeita à ordenança do celibato, que não há coerção na matéria, já que ninguém é obrigado a entrar no sacerdócio ou numa ordem religiosa. É certo que ninguém é forçado a ser padre, monge ou freira, mas se alguém acredita que foi chamado a proclamar as verdades da Salvação como sacerdote, essa igreja obriga-o a um voto de celibato, oferecendo-lhe apenas a escolha entre abandonar a sua vocação ou fazer o voto de viver uma vida de celibato — algo não ordenado por Deus, mas sim pela instituição eclesiástica.

"Está, pois, sujeito à maior pressão espiritual que pode ser exercida sobre um ser humano, pois, embora a Igreja não obrigue abertamente ninguém a entrar numa ordem religiosa e, por conseguinte, a manter-se solteiro, exerce, contudo, uma pressão sobre a alma das mais intensas ao apresentar a existência monástica como o auge da perfeição. Ora, acontece que são precisamente os melhores indivíduos que sentem como seu dever atingir o ideal da perfeição; e, uma vez que a vida celibatária como membro de uma ordem religiosa é falsamente apresentada como esse ideal, o seu desejo de perfeição leva inevitavelmente ao celibato.

"Não se diga que Deus concede força àqueles que sentem o chamamento para o sacerdócio ou para uma ordem religiosa a fim de levarem uma vida de castidade irrepreensível. Isso é pura engano de si mesmo. Deus só concede força para o cumprimento daquilo que é Sua vontade, e não para a realização daquilo que os homens impõem a si próprios ou aos seus semelhantes como demonstração exterior de uma suposta piedade, em violação da vontade divina. A bondade e a perfeição residem unicamente em fazer aquilo que está em conformidade com a vontade de Deus, e isto é, em todos os tempos, completamente voluntário.

"Nunca poderá algo ser bom ou perfeito se for realizado sob coação, mesmo que o primeiro passo tenha sido dado voluntariamente mas implique, a seguir, uma obrigação perpétua. Nem sequer Deus impõe a alguém que faça a Sua vontade. Como pode, então, uma igreja privar os homens do seu direito à autodeterminação — um direito ao qual o próprio Deus jamais renuncia? A coação e a escravização são os instrumentos com que o mal governa; o governo do bem assenta na liberdade. Foi o mal, e só o mal, que introduziu a opressão na religião. A ânsia de poder absoluto sobre os outros é a responsável pela

introdução, na Igreja Católica, da supressão da liberdade pessoal sob o disfarce de alcançar uma perfeição superior.

"O celibato do clero, bem como a vida monástica com votos de pobreza, castidade em forma de celibato, e obediência cega à autoridade eclesiástica, são as armas mais eficazes da religião católica para fortalecer a sua organização interna. Nem Cristo nem os Apóstolos conheceram um sacerdócio como o da Igreja Católica; não reconheceram ordens religiosas. Nunca ensinaram nem fundaram nada desse género. Não proclamaram que a perfeição ideal estivesse nos votos de pobreza, nem na castidade entendida como celibato, muito menos na obediência cega a superiores eclesiásticos.

"Não conheciam a pobreza voluntária como a Igreja Católica a define. Não fundaram ordens monásticas, nem ensinaram que estas devessem ser fundadas para que as pessoas nelas entrassem e, ao fazê-lo, entregassem os seus bens terrenos. Podem, com verdade, ser chamados pobres os membros das ordens monásticas? Não estão, antes, livres de qualquer preocupação quanto ao sustento para o resto das suas vidas? Não têm a mesa posta todos os dias? É isso que chamais pobreza? Se todos estivessem assim, não haveria pobreza no mundo. Se a perfeição ideal estivesse na pobreza, como se explica que tantos mosteiros estejam ricos em bens terrenos?

"Se a pobreza é o estado ideal para o indivíduo, então também o deve ser para a comunidade. Além disso, porque não praticam os vossos clérigos, que pregam a pobreza voluntária como um dos mais altos graus de perfeição, essa mesma pobreza? Quem prega um ideal deve ser o primeiro a praticá-lo. Ou acaso chamais pobres aos vossos clérigos? É o papa pobre? São os bispos pobres? São os padres pobres? Não haveria mais pobreza na Terra se todos vivessem como aqueles que proclamam a pobreza como ideal.

"Invocais o discurso de Cristo ao jovem rico para provar que a pobreza voluntária é necessária à perfeição, mas a vossa interpretação das suas palavras está totalmente errada. Quando Cristo disse ao jovem: "Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens e distribui-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me", este conselho dirigia-se àquele jovem em particular, cujo coração estava preso ao dinheiro e às posses, que se haviam tornado um laço para ele e impediam o seu ingresso no Reino de Deus. Quando, ao ouvir esse conselho, o jovem se afastou de Cristo, o Senhor disse aos seus discípulos: "Meus filhos, quão difícil é para aqueles que confiam nas riquezas entrar no Reino de Deus!"

"Nem todos os que têm bens materiais são "ricos" no sentido em que Cristo aqui empregou, mas apenas aqueles cujo coração está entregue ao Mammon e que fazem dele um deus. Abraão, Isaac, Jacob, Job e David foram ricos em bens materiais, sem pertencerem à classe dos ricos a que Cristo se referia, pois a sua riqueza não lhes foi obstáculo no caminho para Deus. Cristo nunca lhes teria dito para venderem tudo o que tinham para serem perfeitos. Era outro o caso do jovem rico, cuja afeição às riquezas era tal que não o deixava seguir o chamamento de Deus. Preferia renunciar ao Reino de Deus do que aos seus bens.

"Todos os seres humanos se deparam com obstáculos quando tentam aproximar-se de Deus. Esses obstáculos são tão diversos quanto os próprios indivíduos. Cabe a cada um remover o seu próprio obstáculo, como indicam as palavras de Cristo: "Se o teu olho te leva a pecar, arranca-o e lança-o de ti." Se há algo na tua vida que te impede de cumprir a vontade de Deus, afasta-o, mesmo que te seja tão caro como o teu próprio olho. No caso do jovem rico, a riqueza era o obstáculo, e por isso lhe foi pedido que se desfizesse dela, vendendo tudo o que tinha e dando-o aos pobres.

"Mas se a riqueza não constitui obstáculo no progresso espiritual de alguém, então não há razão para se desfazer dos seus bens. Além disso, se fosse obrigatório para todos venderem os seus bens para alcançar a perfeição, também seria errado adquiri-los, pois se a posse de dinheiro e bens impede a perfeição, a sua aquisição também a impediria. Nesse caso, as igrejas e os mosteiros, certamente, não teriam permissão para adquirir nem conservar propriedade.

"O próprio Cristo não era pobre antes de aparecer em público. Era proprietário de várias casas, que adquiriu com o esforço do seu trabalho. Vendeu-as quando começou a pregar, dando os lucros àqueles seus amigos junto de quem se hospedava durante a sua missão pública. Portanto, embora deixasse de possuir bens depois de iniciar a sua carreira de mestre, não necessitava de pedir esmola a ninguém.

"Outro ideal de perfeição, segundo a doutrina da Igreja Católica, é o da castidade absoluta sob a forma de celibato. A castidade absoluta é algo que todos devem e podem observar, mas isso nada tem que ver com o celibato, pois não há nada de impuro no matrimónio. Os casados podem ser perfeitamente castos, e os solteiros, mesmo que sacerdotes ou religiosos, podem não o ser.

"A verdadeira castidade consiste em exercer moderação nas questões relativas às leis naturais da vida sexual. Tal como a moderação na comida e na bebida não está em suprimir à força a fome e a sede, mas sim em evitar os excessos, assim também se passa com a vida sexual. O instinto sexual foi implantado em todos os seres criados pelo Criador como uma das leis da Natureza, e visto que tudo o que Ele criou é bom, não deve ser suprimido à força pelo homem, mas usado dentro dos limites estabelecidos por Deus.

"A lei da procriação aplica-se a todos os seres humanos, e a constituição de família é uma ordem de Deus que ninguém pode evitar sem consequências. A procriação na Terra é o meio pelo qual os espíritos decaídos devem progredir através das etapas da Natureza, a fim de alcançar a perfeição. Deus, na Sua sabedoria, determinou que aqueles dos espíritos decaídos que alcançaram determinado estágio terreno auxiliem os seus irmãos e irmãs, por meio da procriação, a ascender dos estágios inferiores aos superiores da Natureza. Se irmãos caem juntos num poço, o primeiro a conseguir sair dele estenderá a mão para os ajudar. É este um dever fraternal que uns devem aos outros.

"É com esta perspetiva da sabedoria e da misericórdia divina que deveis considerar a lei da vida sexual. Deus fez o impulso sexual tão forte quanto é porque a procriação faz parte do Seu Plano de Salvação, e para que as Suas criaturas não evitem com facilidade o dever de colaborar com Ele na realização desse plano.

"É, pois, claro que este é um dever do qual uma pessoa só pode ser dispensada por razões das mais graves. Assim, o voto de celibato é uma grave ofensa contra a vontade de Deus. Nem os padres católicos nem os membros de ordens monásticas têm, aos olhos de Deus, fundamentos adequados para permanecerem solteiros.

"Sei que o celibato tem sido justificado com base no capítulo sete da primeira Epístola aos Coríntios, onde Paulo apresenta diversas razões pelas quais é melhor permanecer solteiro. Aconselha o casamento apenas àqueles para quem o celibato representa perigos.

"Esta opinião do Apóstolo era errada, e ele não tinha qualquer autoridade de Cristo para pregar tal doutrina. O próprio Paulo estava consciente disso, como se verá se for lido esse capítulo com atenção. Ao fazê-lo, notar-se-á algo que não ocorre em nenhuma das suas outras epístolas: a insistência repetida de Paulo de que está apenas a expressar as suas opiniões pessoais quanto ao celibato, e que, neste assunto, não fala sob mandato do Senhor. Daí as suas

repetições constantes das palavras: "Digo eu." "Digo, pois, aos solteiros e às viúvas..." "Quanto aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor..." "Aos restantes digo eu, não o Senhor..." "Acerca das virgens não tenho mandamento do Senhor, mas dou o meu parecer..." No final do capítulo volta a salientar: "É o meu parecer!" A sua opinião estava errada, mesmo que ele termine dizendo que pensa ter também o Espírito de Deus.

"O próprio Paulo não era casado, estado que justificava pelo facto de a sua missão de pregador exigir que fizesse longas e frequentes viagens numa área vasta. Se tivesse uma família, essas viagens teriam sido impossíveis, pois não poderia levar consigo a esposa e os filhos, nem deixá-los sozinhos durante meses ou anos. O seu estado de solteiro levou-o a uma visão estreita e fanática sobre o assunto. Todos os seres humanos têm as suas falhas, facto que se aplica mesmo aos Apóstolos.

"Posteriormente, Paulo foi esclarecido por Cristo quanto ao seu erro acerca do celibato e foi instruído a corrigir essa posição numa carta dirigida a todas as congregações. Esta é a carta de que vos falei no nosso primeiro encontro, e onde também foram corrigidas várias outras passagens das suas cartas anteriores que haviam levado a mal-entendidos. Nessa ocasião, disse-vos que esta carta foi destruída mais tarde porque algumas das explicações e correções que continha não eram aceitáveis para a Igreja das épocas posteriores nem para os seus ensinamentos.

"A mudança radical da opinião de Paulo sobre o celibato, na sequência do esclarecimento recebido do seu Mestre, pode ser vista nos seus escritos a Timóteo e a Tito. Aquele que escrevera aos Coríntios desejando que todos fossem como ele, solteiros, já não tolerava a nomeação de homens ou mulheres solteiros para qualquer cargo na congregação. A julgar pela sua epístola aos Coríntios, poder-se-ia esperar que ele preferisse os solteiros para os cargos em questão, mas não — todos deviam ser casados. "É necessário, pois, que o bispo seja esposo de uma só mulher... Deve governar bem a própria casa e educar os filhos com toda a dignidade; pois se alguém não sabe governar a sua casa, como cuidará da congregação de Deus?"

"Os diáconos, também, devem ser maridos; devem governar bem os seus filhos e as suas próprias casas." (1 Timóteo 3:2-12) Uma recomendação semelhante é dirigida a Tito: que não escolha homens solteiros como anciãos, mas apenas casados cujos filhos sigam a fé. (Tito 1:6) Se ele havia escrito aos Coríntios que preferia que as viúvas permanecessem solteiras, escreve agora a

Timóteo: "Quero, pois, que as viúvas jovens se casem, tenham filhos e administrem os seus lares." (1 Timóteo 5:14)

"Quando Paulo sublinha que bispos e diáconos devem ser "maridos de uma só mulher", não quer dizer que os homens não possam casar pela segunda vez, pois, se recomenda que as viúvas se voltem a casar, como faz na carta a Timóteo, então reconhece o mesmo direito aos viúvos. O termo "marido de uma só mulher" é usado porque vários homens convertidos do paganismo ao cristianismo tinham concubinas além das esposas legais, facto que era do conhecimento geral. Por causa dos efeitos prejudiciais que disso podiam resultar, Paulo não admitia que tais homens fossem nomeados para cargos nas comunidades religiosas. Para tais funções queria apenas homens casados de boa reputação entre cristãos e não cristãos, como escreve a Timóteo: "Importa, além disso, que tenha bom testemunho dos de fora, para que não caia no opróbrio e no laço do difamador." (1 Timóteo 3:7)

"Durante mil anos, o matrimónio, que Paulo tornara obrigatório para os anciãos, bispos e diáconos do seu tempo, foi também permitido aos padres católicos. Quando o papado impôs o celibato ao clero, os motivos não foram religiosos, pois não podiam sê-lo, já que de outro modo teriam levado à imposição da regra do celibato desde os primeiros tempos da Igreja cristã. O factor determinante posterior foi de ordem puramente mundana: fortalecer o poder do papa, pois um clérigo sem laços familiares é um instrumento muito mais obediente da organização eclesiástica do que um sacerdote que tenha o apoio moral e material de esposa e filhos. Pode acrescentar-se ainda que um sacerdote celibatário, com maior probabilidade, deixaria os seus bens à Igreja.

"Os perigos do celibato, que levaram um homem como Paulo a rejeitar pessoas solteiras como servidores da Igreja, são os mesmos em todas as épocas. Não eram maiores no seu tempo do que são hoje. O alegado ganho de pureza moral e de dedicação à causa de Deus por parte de um clero celibatário é apenas um pretexto que sempre se revelou ilusório.

"O que foi dito sobre os votos de pobreza absoluta e de castidade permanente sob a forma de celibato aplica-se igualmente ao voto de obediência cega a superiores humanos. Isso também é contrário à vontade de Deus, sendo apenas uma invenção da sede de poder dos homens.

"Deus concedeu a cada espírito, no momento da sua criação, como maior dádiva, o dom do livre-arbítrio. Deus não restringe a liberdade de ninguém para que possa, por decisão pessoal, escolher o que fará ou deixará de fazer.

Também não é Sua vontade que essa liberdade seja restringida pelos homens, uma vez que cada um é pessoalmente responsável por tudo quanto faz em todos os momentos da sua vida. É uma responsabilidade que ninguém pode assumir por outrem. Ninguém pode justificar-se diante de Deus alegando que subordinou a sua vontade e as suas decisões pessoais à vontade de outro.

"Assim que uma pessoa atinge a idade da razão, jamais deve subordinar cegamente a sua vontade à de outro ser humano, seja uma autoridade eclesiástica ou secular. A obediência cega é devida apenas a Deus. Quando na Bíblia se diz: "A obediência vale mais do que o sacrifício", isso refere-se apenas à obediência a Deus, nunca à obediência ao homem, apesar de pessoas em posição de autoridade, especialmente eclesiásticos, citarem frequentemente essa passagem para garantirem a obediência cega dos seus subordinados.

"Também se difundiu a falsa doutrina de que a obediência cega a um superior eclesiástico isenta o obediente de toda a responsabilidade pessoal pelos atos praticados, bastando que não chegue ao ponto de cometer pecado. Isto é um grande erro, pois o ser humano é responsável não só pelos males que comete, mas também pelo bem que deixa de fazer. Na verdade, os pecados de omissão podem ser mais graves do que os de ação.

"De acordo com a vossa doutrina, se um superior eclesiástico ordena a um subordinado que cometa um roubo, essa ordem não deve ser obedecida. Se, por outro lado, o superior proíbe o subordinado, por exemplo, de ajudar um semelhante quando está nas suas mãos fazê-lo, este último deve abster-se de prestar ajuda, apesar de que, aos olhos de Deus, essa omissão pode constituir um pecado muito maior do que o roubo. Nesse caso, o subordinado não poderá justificar-se diante de Deus alegando que o seu dever para com o superior o impediu de fazer o bem que teria praticado, se estivesse livre para seguir os ditames da sua própria consciência.

"Pelo contrário, é seu dever obedecer à sua consciência em todas as circunstâncias. A consciência de outro homem nunca pode substituir a nossa. A cada indivíduo, Deus atribuiu uma tarefa especial, e essa tarefa deve ser cumprida, sem que se permita ser impedido por ordens humanas ou por normas impostas pelos homens. Segue-se que ninguém deve subordinar a sua vontade à de outro através de um voto de obediência. O voto de obediência feito pelos vossos padres e membros das ordens religiosas é, pois, contrário à vontade de Deus.

"No caso das autoridades seculares, também, a obediência é-lhes devida apenas na medida em que as suas leis não entrem em conflito com as de Deus.

"Citais as palavras do apóstolo Paulo no início do capítulo 13 da Epístola aos Romanos como base para a vossa doutrina de que o homem deve obediência aos seus superiores humanos, mas tendes interpretado completamente mal o sentido dessas palavras e traduzido de forma incorreta. Paulo não está a falar aqui de autoridades temporais, mas das autoridades espirituais que Deus atribui a cada um. A cada pessoa, Deus concedeu os seus espíritos para orientação e direção — mais a uns, menos a outros — consoante a grandeza da missão que lhes foi confiada por Deus. Esses espíritos de Deus não são apenas enviados para proteger, admoestar interiormente, advertir, ensinar e encorajar à prática do bem, mas também têm o direito de punir. Eles empunham a espada da punição divina, pois os castigos infligidos por Deus são executados pelos seus espíritos, como sabeis de inúmeras passagens da Bíblia.

"Dar-te-ei agora a interpretação correta das palavras de Paulo: "Toda a alma está sujeita às forças espirituais sob cuja orientação se encontra, pois não existem poderes espirituais sobre vós senão os que foram designados por Deus. Quem se opõe a esses poderes espirituais, opõe-se à vontade de Deus e, por isso, incorre em castigo. Esses poderes não são motivo de temor para os que fazem o bem, mas apenas para os que praticam o mal. Se quereis, pois, não temer tal poder, fazei o bem, e recebereis a sua aprovação, pois esses servos de Deus foram-vos designados para a realização do bem. Mas se fizerdes o mal, então tereis razão para temer.

"O poder espiritual não empunha em vão a espada do castigo. Como servo de Deus, tem a missão de vingar a ira de Deus contra os que praticam o mal. Sede, portanto, obedientes a esse poder, não apenas por temor à ira de Deus, mas também em obediência à vossa consciência. Prestai também os sacrifícios espirituais que vos forem requeridos, pois esses poderes são enviados de Deus, e estão constantemente junto de vós com esse propósito. Dai a cada um o que lhe é devido! Se um deles exigir sacrifícios, prestai-os; se um espírito exigir que executeis uma tarefa, realizai-a; se um vos fizer temer algo, temei; se um vos mostrar algo como valioso, valorizai-o! Nada deixeis por fazer daquilo que essas forças divinas vos pedirem. Cumpris os vossos deveres em todos os casos se amardes o próximo, pois quem ama o próximo cumpriu toda a Lei."

"Como podeis interpretar estas palavras como sendo relativas aos vossos governantes terrenos? Acreditais seriamente que toda a autoridade terrena é

instituída por Deus? Será que os incontáveis reis e príncipes da história, que tantas vezes foram instrumentos do mal, governaram "pela graça de Deus" ou não será antes "pela graça do Diabo"? Serão aplicáveis aos governantes que cometeram os maiores atos de crueldade, injustiça e opressão as palavras que dizem: "são servos de Deus para a realização do bem"? Vós, humanos, colocais os vossos líderes seculares e religiosos no poder por via de normas humanas — não é Deus quem o faz. Nenhum espírito de Deus participa nas vossas coroações, nem nas eleições dos vossos papas e bispos.

"Quando, na vossa tradução do texto em causa, falais de "impostos" e "tributos" e pensais que a passagem se refere aos governantes terrenos a quem estes são devidos, esqueceis que há também tributos espirituais que deveis a Deus. São os frutos do espírito. Tal como o "pagamento anual" de uma árvore consiste nos frutos que produz, também vós sois chamados a prestar tributo a Deus com os frutos que os espíritos que Ele vos atribuiu procuram incessantemente amadurecer.

"Como podes ver, os ideais de perfeição da Igreja Católica — pobreza voluntária nas ordens religiosas, castidade sob a forma de celibato e obediência cega a superiores eclesiásticos — são, na realidade, grandes erros, desconhecidos pelos primeiros cristãos.

"No âmbito da doutrina católica sobre a penitência e remissão dos pecados, devo mencionar uma doutrina muito peculiar defendida por essa igreja: a doutrina das indulgências. Esta é um apêndice da doutrina da remissão dos pecados, pois, se a igreja pode perdoar pecados, por que não teria também o poder de remitir os castigos deles decorrentes? Em virtude desta doutrina, a igreja reivindica o direito de conceder perdão. Mas assim como só Deus pode perdoar pecados, só Deus pode remitir o castigo pelos mesmos.

"Especialmente insólita é a justificação apresentada pela Igreja Católica para sustentar esse poder de perdoar: fala de um "tesouro da Igreja", um fundo de méritos excedentários conquistados por Cristo e pelos santos. Em seguida, retira desses méritos sob a forma de indulgências para colmatar a falta de méritos dos pecadores arrependidos, de forma que os castigos pelos seus pecados possam ser perdoados, total ou parcialmente, consoante a indulgência seja plenária ou parcial.

"Esta doutrina das indulgências é absurda por diversos motivos.

"Em primeiro lugar, nenhuma criatura de Deus, nem espírito nem mortal, pode oferecer a Deus mais do que Lhe é devido. Aos olhos de Deus — de quem se disse que nem os céus são puros — até o espírito mais perfeito é apenas um servo que não faz mais do que o seu dever, mesmo quando dá o seu melhor. Deus não reconhece nenhum "excedente de mérito". Nem sequer Cristo fez mais do que o seu dever naquilo que realizou, pois se tivesse feito menos, não teria cumprido a sua missão sublime.

"Teria sucumbido ao inferno e afastar-se-ia de Deus. Ninguém pode fazer mais do que cumprir a vontade de Deus, e ao fazê-lo, não faz mais do que o que lhe é exigido. Não pode transferir um grama sequer a outros que falhem no cumprimento do seu dever. Cada um deve conquistar a sua própria salvação. Esse é o segundo motivo pelo qual os méritos de uma pessoa não podem ser aplicados a favor de outra. O que é inadmissível segundo as vossas leis humanas de justiça é igualmente inadmissível na justiça de Deus. Tal como os vossos juízes jamais reduziriam a pena de um infrator porque outros cidadãos cumprem fielmente a lei, assim também nenhum castigo é perdoado a um pecador porque outros obedeceram às leis de Deus. Onde ficaria, então, a justiça divina?

"Além disso, o que imaginas tu que seja esse "tesouro da Igreja" feito de méritos alheios? Pensais acaso que a vida espiritual em Deus pode ser armazenada num cofre como os tesouros terrenos das vossas igrejas, para ser distribuída conforme a necessidade? Quão irracionais podeis ser, vós, mortais! Quão insensata é a prática observada pela Igreja Católica na concessão das indulgências!

"Podereis, enquanto seres racionais, realmente acreditar que a remissão de penas pelos pecados dependa da observância de comportamentos exteriores ridículos? Pensais que o vosso castigo será perdoado se rezardes com um rosário benzido, mas não se rezardes a Deus sem o rosário na mão? Pensais que recebereis remissão completa de todos os pecados por recitardes uma determinada oração num certo dia numa certa igreja, mas não se recitardes a mesma ou até uma melhor oração no recato do vosso quarto?

"Acreditais verdadeiramente que todas as penas pelos vossos pecados serão remidas na hora da vossa morte, apenas por estardes a segurar um crucifixo benzido na mão ou a usar um escapulário associado pela vossa Igreja a uma chamada indulgência plenária? Acreditais sinceramente que o crucifixo ou o escapulário consagrado vos pode salvar, se sem eles incorreríeis no castigo de Deus? Podeis realmente crer que certas orações, peregrinações a santuários e

ritos semelhantes podem trazer remissão de castigos conforme determinado e regulado pela vossa Igreja? Não será isso antes uma blasfémia contra o grande e santo Deus, considerar que as Suas manifestações de amor e misericórdia dependem de tais absurdos? Nenhum ser humano, nem mesmo um papa ou um bispo, pode conceder remissão da pena pelos pecados. Deus, e só Deus, retribui a cada um segundo as suas obras.

"Deus perdoa e concede graça segundo o arrependimento interior do pecador e as suas obras de amor. Quem se volta para Deus com contrição será por Ele perdoado dos seus pecados, e se, além disso, procurar praticar obras de caridade, perdoando as faltas dos seus semelhantes e ajudando-os conforme as suas possibilidades, as penas que porventura tiver contraído ser-lhe-ão remidas na devida proporção. Por isso Cristo diz de Maria Madalena: "Muito lhe será perdoado, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa, pouco ama." Naturalmente, aqui não se fala de amor carnal, mas do amor a Deus e ao próximo. Quem demonstra grande amor pelo próximo, por esse amor será amplamente perdoado e verá muitas das suas penas remidas. De um lado da balança colocam-se as penas incorridas pelos pecados; do outro, as obras de amor do pecador — e na medida em que as penas superam as boas obras, nessa mesma medida será ele castigado. Aqueles a quem pouco se perdoa, é porque pouco fizeram de bom.

"Maria Madalena muito tinha pecado, mas sempre se mostrara pronta a socorrer os que sofriam e os que eram injustamente perseguidos. Por isso muito lhe foi perdoado, depois de ela abandonar a sua vida de pecado.

"É verdade que Cristo fala de um pecado que não será perdoado nem neste mundo, nem no outro. O termo "perdoar" é aqui usado, como em muitas outras passagens da Bíblia, no sentido de "conceder graça" ou "remitir castigo". Para esse pecado não há graça possível; a pena deve ser cumprida por completo, "até ao último ceitil". Trata-se do pecado que Ele descreveu nestas palavras: "Todo o pecado e blasfémia será perdoado aos homens; mas a blasfémia contra o espírito [mundo espiritual] não será perdoada. Mesmo que alguém fale contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado; mas se alguém falar contra o espírito santo [mundo espiritual], não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no outro." (Mateus 12:31-32)

"Quem chega a conhecer a atuação do espírito de Deus, cuja alma é iluminada pela verdade comunicada pelos espíritos de Deus atuando sob o Seu poder, e que, por motivos terrenos, ainda assim rejeita a verdade, comete

pecado contra o mundo espiritual e incorre numa pena para a qual não há perdão. A razão de não se conceder graça neste caso reside na natureza do pecado, pois se nem a prova mais clara da verdade, trazida pelos espíritos de Deus, leva alguém a aceitá-la — mesmo reconhecendo no íntimo que é verdade — então não há outro meio de o levar à aceitação da verdade. Resta apenas uma via: ele terá de ser interiormente quebrado pela expiação total desse pecado; terá de passar por fome e miséria, como o filho pródigo. Só então estará pronto para que Deus lhe ofereça de novo a verdade.

"O sacerdócio judaico, os fariseus e os escribas cometeram esse pecado contra o mundo espiritual. Ouviram o Evangelho pregado por Cristo e viram com os seus próprios olhos, diariamente, a confirmação desse Evangelho através do poder dos espíritos de Deus, pelos quais Ele curava os doentes, ressuscitava mortos e realizava outros milagres. Provas mais convincentes da verdade não poderiam ter sido oferecidas, mas apesar delas, os Seus opositores recusaram aceitá-la. Pelo contrário, blasfemaram contra os espíritos de Deus que atuavam em Cristo, chamando-lhes "demónios".

"Do mesmo modo, também vós pecaríeis contra o espírito, se, perante as provas esmagadoras que tendes recebido do bom mundo espiritual, viésseis a rejeitar as verdades que vos foram dadas por medo dos vossos semelhantes ou por qualquer outro motivo.

"Para todos os outros pecados, Deus mostra uma misericórdia muito maior do que os homens merecem, desde que eles mostrem boas intenções e se esforcem por seguir o bem. Toda a humanidade e todos os espíritos caídos necessitam da Sua misericórdia, pois ninguém está sem pecado e ninguém passa imaculado desta vida para o Além. Por isso, também não existem "santos" humanos no sentido ensinado pela Igreja Católica.

"Por "santo", a Igreja Católica entende algo muito diferente do significado que os primeiros cristãos atribuíam ao termo. Os Apóstolos fazem uso frequente da palavra "santos" nas suas epístolas, aplicando-a a todos os que aceitam o Evangelho de Cristo como verdade de Deus e procuram viver de acordo com ele. Assim, dirigem-se aos membros das comunidades cristãs como "santos". Com isso, não querem dizer que os primeiros cristãos estavam isentos de pecado. Pelo contrário, censuram-nos em quase todas as epístolas pelas suas falhas diárias e debilidades humanas. Sabiam que nenhum homem está sem pecado. "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós", escreve o apóstolo João.

"A vossa Igreja [Católica] vê este ponto de modo diferente, sustentando que aqueles que ela venera como "santos" estavam ou inteiramente livres de pecado durante toda a vida, como a mãe de Jesus, ou que, após a sua conversão, nunca mais pecaram. Ensina que esses "santos" vão diretamente para a presença de Deus após a morte terrena e que Deus confirmou a sua santidade por meio de milagres. Além disso, a Igreja presume ter o poder de declarar infalivelmente se uma pessoa deve ou não ser venerada como "santa".

"A santidade reside na vontade e na disposição interior de cada um. Como nenhum homem — nem mesmo um papa — pode ler e julgar infalivelmente o coração de outro, não é necessário mais nenhum argumento para demonstrar que a canonização feita por seres humanos não pode, de modo algum, reclamar-se verdadeira. Deus é o único juiz da santidade; não há outro. Só Deus conhece o coração humano; não está ao alcance do homem afirmar se um semelhante mereceu o amor de Deus ou incorreu no Seu Odio. É uma presunção monstruosa o homem declarar infalivelmente se esta ou aquela pessoa está com Deus, pois ao lado da verdadeira santidade existe também a falsa santidade — o santarronismo ou beatice — e, muitas vezes, não é possível distinguir uma da outra.

"Quanto aos milagres alegadamente realizados por Deus através dos santos, muitos podem ser relegados ao domínio da lenda. Outros acontecimentos na vida desses santos, que vos podem parecer milagrosos, resultaram simplesmente do facto de possuírem diversos dons mediúnicos e, por meio deles, manterem contacto com o mundo espiritual — mas se foram espíritos bons ou maus que se manifestaram, isso já não pode ser averiguado neste momento. Os feiticeiros egípcios do tempo de Moisés e o mago Simão, de Samaria — a quem os seus contemporâneos chamavam "o grande poder de Deus" — realizaram mais "milagres" do que qualquer santo da Igreja Católica. No entanto, operaram-nos sob o feitiço do Mal disfarçado de Bem.

"Deus não está interessado em revelar-vos, por meio de milagres, se uma pessoa é santa ou não, pois Ele não deseja veneração de santos nem das suas relíquias, nem peregrinações aos túmulos dos santos ou a quaisquer outros santuários. Todas essas práticas não passam de idolatria disfarçada. Por que razão quis Satanás o corpo de Moisés? Porque pretendia entregá-lo ao povo de Israel como objeto de veneração, do mesmo modo que vós venerais os restos mortais dos vossos "santos".

"Por que razão disputou Miguel com Satanás o corpo de Moisés? Pela mesma razão pela qual hoje não deveis venerar santos nem relíquias, nem realizar peregrinações: o povo de Israel teria desviado grande parte da sua adoração a Deus para o corpo de Moisés e teria criado em torno dele um culto semelhante ao que vós prestais aos restos mortais dos vossos santos. Podeis dizer que adorais Deus através dos santos, mas isso não passa de um pretexto. Na realidade, os católicos depositam grande parte da fé que deviam pôr em Deus nos santos e nas suas imagens, estátuas e relíquias. Se Deus o quisesse, bem poderia ter permitido aos israelitas possuir o corpo de Moisés.

"Nos primeiros tempos da era cristã não havia veneração de santos nem de Maria — a quem, como bem sabeis, a vossa Igreja dedica mais atenção do que a Deus. A "Avé Maria" é recitada muito mais vezes do que o "Pai-Nosso". Pensai no vosso rosário, recitado em substituição da oração em toda e qualquer ocasião.

"Cristo, os Seus Apóstolos e os primeiros cristãos adoravam apenas Deus; não reconheciam adoração a espíritos do reino de Deus. Mesmo no seu tempo havia mortais que, segundo todos os critérios humanos, morreram como grandes "santos": entre eles, João Baptista, a quem Cristo chamou o maior entre os nascidos de mulher; Estêvão, que morreu mártir; e o Apóstolo Tiago, para citar apenas alguns dos que faleceram em tempos bíblicos. Contudo, nunca ocorreu aos Apóstolos sequer mencionar esses homens como santos, muito menos torná-los objeto de culto divino, como acontece hoje. Maria também nunca é mencionada pelos Apóstolos. Toda a prática da veneração de santos é uma invenção humana, de data muito posterior. O Apóstolo Paulo censura aqueles que se comprazem em adorar "anjos", entendendo por "anjos" todos os espíritos que residem com Deus — o que vós designais como "santos".

"Nenhum espírito santo criado por Deus possui qualquer coisa por direito próprio. Por isso, nenhum espírito pode, por sua própria vontade, conceder algo à humanidade. Tudo vem de Deus. Que toda a glória seja, pois, para Deus somente! Esta é também a razão pela qual os bons espíritos de Deus, quando se manifestam, rejeitam sempre os vossos agradecimentos. Sempre que tentastes agradecer-lhes, a resposta foi invariavelmente: "Agradecei a Deus!"

"Na Igreja Católica existe um sacramento a que chamas "últimos sacramentos" [hoje conhecido como "Unção dos Doentes"]. Também os primeiros cristãos praticavam a unção dos doentes com óleo, mas o seu significado era completamente diferente daquele que agora atribuís aos

"últimos sacramentos". Vós ungis os doentes apenas em caso de doença grave e com o propósito principal de obter o perdão dos pecados — sendo o alívio da enfermidade apenas um efeito secundário. Para os primeiros cristãos, porém, a unção dos doentes visava a cura física. A sua eficácia dependia da eliminação do pecado no coração do paciente.

"Na Epístola do Apóstolo Tiago lê-se: "Se alguém entre vós estiver doente, chame os anciãos da congregação, para que orem por ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e se tiver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai, pois, uns aos outros as vossas culpas e orai uns pelos outros, para que sareis. A oração fervorosa do justo tem grande eficácia." (Tiago 5:14-16)

"Os "anciãos" das primeiras comunidades cristãs eram homens altamente favorecidos por Deus e dotados de poder de cura. Visitar os doentes era uma das suas principais funções. Ao ungirem os pacientes com óleo, transmitiam-lhes esse poder curativo em oração. Através da oração, estabelecia-se uma comunhão mais íntima com Deus, fonte de toda cura — e quanto mais sincera fosse essa comunhão, maior o poder obtido por quem orava.

"Sabemos, pelos relatos das curas operadas por Cristo, que certas doenças são castigos por pecados, especialmente por pecados contra o amor ao próximo. Assim, Cristo advertia frequentemente os que curava: "Não peques mais, para que não te suceda coisa pior." Era necessário, antes de tudo, eliminar o pecado que originara a doença. Isso era feito mediante a confissão das faltas cometidas às pessoas contra quem se havia pecado. O doente, sempre que possível, chamava a seu leito os que havia prejudicado, para se reconciliar com eles.

"É por isso que o Apóstolo Tiago exorta: "Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, para que sareis." Não se tratava de confessar a um qualquer, nem a um sacerdote, mas sim àqueles contra quem se havia pecado. Após a reconciliação com a parte lesada, Deus perdoava o pecado e a doença desaparecia, pela ação do poder curativo do ancião, transmitido ao doente, como dissemos, através da unção e da oração.

"As palavras do Apóstolo descrevem a forma mais nobre de cura oferecida ao ser humano: a cura do corpo e da alma.

"E o que foi feito hoje dessa unção e cura dos doentes? Segundo a vossa doutrina, o óleo utilizado deve ser consagrado por um bispo e só pode ser

aplicado por um sacerdote ordenado por um bispo, o qual deverá recitar uma oração prescrita enquanto administra os últimos sacramentos. Acreditais que isso trará o perdão dos pecados ao enfermo. Chegais ao ponto de administrar os últimos sacramentos a pessoas inconscientes, acreditando que mesmo nesse estado os ritos surtirão efeito.

"O bom senso deveria indicar-vos que a unção de um inconsciente não pode afetar o estado da sua alma. Também entre os primeiros cristãos não era a unção que perdoava os pecados, mas sim o perdão prévio que removia o obstáculo, abrindo assim caminho para a cura e permitindo que o óleo exercesse a sua propriedade curativa sobre o doente. Uma vez que, nos ritos atuais, todas as condições que existiam nas comunidades cristãs primitivas estão geralmente ausentes, os chamados "últimos sacramentos" não passam de uma cerimónia externa, sem qualquer efeito interior.

"Também nos primórdios do Cristianismo não existia a ordenação sacerdotal. A palavra "sacerdote" deriva do termo grego *presbyter* utilizado pela igreja primitiva, que significa "ancião". No entanto, não se referia à idade cronológica, mas à maturidade espiritual no serviço de Deus. A eles aplicavam-se as palavras da Sabedoria de Salomão: "A verdadeira honra não se mede pela duração dos dias, nem é avaliada pelo número de anos. O discernimento é a verdadeira velhice do homem, e uma vida imaculada é a verdadeira longevidade." (Sabedoria 4:8-9)

"Assim, os presbíteros da Igreja cristã primitiva não eram escolhidos pelos homens, pois estes não podiam julgar o merecimento dos seus semelhantes. Eram designados nas assembleias de culto divino por comunicação dos espíritos de Deus, que os indicavam como escolhidos de Deus para os Seus propósitos. Eram então solenemente reconhecidos, com a imposição de mãos, pelos membros das suas comunidades cristãs como investidos do cargo por vontade de Deus.

"Em que consistiam, pois, os seus deveres? Possuíam eles maior autoridade espiritual do que os restantes cristãos? Detinham alguma autoridade espiritual que exercessem sobre os seus companheiros de fé, tornando estes dependentes deles nas suas relações com Deus e para a obtenção da Salvação? De modo algum! Não existia naquele tempo um sacerdócio como o que tendes hoje. Nessa época, não havia sacerdotes investidos de poderes espirituais especiais que apenas eles pudessem exercer. Não havia sacerdotes que administrassem os chamados sacramentos, que perdoassem pecados ou que conferissem

quaisquer outras formas de graça espiritual. Não havia bispos que ordenassem outros como sacerdotes e os investissem de autoridade espiritual. O cargo de "ancião" ou *presbítero* implicava deveres de natureza completamente diferente.

"Onde quer que as pessoas se reúnam e se juntem com um determinado fim, é necessário haver um líder que mantenha a ordem e assegure que todas as formalidades sejam cumpridas, de forma a alcançar o objetivo pretendido. Assim também sucedia entre os primeiros cristãos. Reuniam-se com o fim de prestar culto a Deus, de celebrar a Ceia e de se fortalecerem mutuamente na fé. Era necessária uma pessoa que organizasse tudo, preparasse o local, marcasse a hora, liderasse a assembleia e garantisse que tudo fosse realizado com ordem e harmonia, pois Deus é um Deus de ordem em toda a Criação. Assim como Ele designou guias e líderes no mundo espiritual para supervisionar o cumprimento das Suas determinações, também é Sua vontade que existam líderes na Terra, nas congregações que buscam a Salvação, encarregues de organizar tudo de modo que os fiéis obtenham o maior benefício espiritual possível.

"Essa era a função dos presbíteros. Em primeiro lugar, tratavam dos aspetos práticos: decidiam em que casa se realizariam os encontros de culto, asseguravam-se de que o espaço estivesse devidamente preparado e com tudo o que fosse necessário, marcavam os horários e zelavam por todos os requisitos.

"No entanto, tinham também deveres mais importantes no que dizia respeito à vida espiritual da congregação. Durante os cultos, eram frequentemente transmitidas instruções importantes pelos espíritos assistentes sobre o progresso espiritual dos fiéis, e era tarefa do presbítero assegurar-se de que essas orientações e incumbências fossem cumpridas pronta e conscienciosamente.

"Como a verdadeira religião consiste em servir o próximo, os primeiros cristãos atribuíam grande valor à ajuda aos verdadeiramente necessitados da congregação, e era o presbítero quem mantinha contacto constante com as famílias, aconselhando-as nas dificuldades do corpo e da alma. Era o melhor amigo de todos. Todos depositavam nele total confiança, porque tinha sido designado pelos mensageiros espirituais de Deus como aquele que partilharia as suas dores e alegrias e a quem podiam confiar tudo. Em consequência dessa escolha por parte do mundo espiritual, possuía também o dom divino de lhes oferecer sempre o melhor conselho e auxílio. Descobria quem precisava de ajuda, visitava os doentes e os solitários, as viúvas e os órfãos, e assegurava-se de que recebessem o apoio necessário das outras famílias cristãs.

"Era hábito dos primeiros cristãos levarem aos encontros diversos donativos, confiando-os ao presbítero para que este os distribuísse pelos necessitados.

"Como o presbítero também possuía o dom da cura e era de grande ajuda para os enfermos, acabava por conquistar o afeto e carinho dos seus irmãos na fé também por razões humanas, devido à sua dedicação. Além disso, pela confiança que inspirava, os membros da congregação confiavam-lhe as suas dificuldades espirituais, confessando-lhe muitas vezes os seus pecados e pedindo conselhos. Ele, por sua vez, confortava-os, animava-os, orava com eles, sendo em todos os sentidos um guia espiritual e verdadeiro pastor.

"As congregações cristãs primitivas eram compostas por grupos de vizinhos, formados por um determinado número de famílias que viviam num certo raio. Não podiam ser muito grandes, pois o espaço limitado das casas particulares não permitiria acolher reuniões muito numerosas. Por esse motivo, nas cidades grandes ou em regiões populosas, o número de congregações podia ser bastante elevado, cada uma com o seu próprio presbítero. Muitas vezes sucedia que uma congregação era composta maioritariamente por famílias abastadas, enquanto outra podia ser formada quase exclusivamente por necessitados.

"Como as famílias mais ricas tinham o desejo de usar os seus bens para o bem comum e nem sempre encontravam essa oportunidade na sua própria congregação, tornou-se necessário estabelecer laços entre as diferentes congregações, selecionando alguém que mantivesse contacto com todos os presbíteros da região. Era tarefa dessa pessoa informar-se junto dos presbíteros sobre o número de necessitados e os recursos disponíveis. Assim se instituiu um sistema de dádiva e apoio mútuo, pois os presbíteros mantinham registos precisos quer das famílias pobres, quer dos meios disponíveis para ajuda nas suas respetivas congregações.

"A pessoa encarregada da coordenação e distribuição dos donativos e socorros às congregações de uma dada região era chamada *epíscopos* — palavra de que deriva o vosso termo moderno "bispo", e que significa "supervisor". Esta figura não tinha contacto com os membros das congregações individuais. O seu dever consistia em reunir-se com os presbíteros da sua zona, discutir e organizar esforços conjuntos para fornecer auxílio cristão, e encaminhar os recursos aos diferentes presbíteros para distribuição final. Era natural que, durante estas

reuniões, os presbíteros e o *episcopos*, ou bispo, também tratassem de outras questões importantes relativas ao cuidado espiritual dos seus paroquianos.

"Tal como os presbíteros, o bispo não era eleito por mortais, mas designado por pronunciamento dos espíritos de Deus. A sua influência na vida das congregações cristãs era naturalmente muito grande, mas tratava-se de uma influência que assentava no valor do seu carácter e na sua conduta exemplar. Por essa razão, a sua opinião era solicitada em todas as questões importantes. Em todas as questões que afetavam a totalidade da comunidade cristã, o mundo espiritual remetia os presbíteros para o bispo do respetivo distrito, o qual era instruído pelo espírito de Deus sobre o que deveria fazer.

"Contudo, vós, mortais, tendes tendência para abusar de qualquer influência que possais adquirir sobre os vossos semelhantes, e as congregações cristãs não foram mais tarde exceção a esta regra. Com o passar do tempo, os espíritos de Deus foram banidos da Igreja cristã, e os presbíteros e bispos deixaram de ser designados pelo mundo espiritual, passando a sê-lo por pessoas influentes. A ânsia de poder e outros vícios humanos manifestaram-se, pois onde os espíritos de Deus estão ausentes, outros espíritos — que não se preocupam com a salvação do homem, mas com a sua perdição — estão em ação. O bem governa pela liberdade, o mal pela imposição.

"A Igreja original, na qual os espíritos de Deus empunhavam o cetro, era uma Igreja de liberdade para os filhos de Deus. A Igreja posterior, que baniu os espíritos de Deus, tornou-se, sob a influência dos Poderes do Mal, uma Igreja de escravidão espiritual, na qual os líderes assumiram uma autoridade que colidia com a vontade de Deus e, em virtude dessa autoridade, bloquearam o caminho direto dos fiéis até Deus. Esta situação manteve-se na Igreja Católica até aos dias de hoje.

"Os católicos estão ligados às vestes do sacerdócio, pois sem recorrer a esse sacerdócio, segundo a doutrina dessa Igreja, não pode haver perdão dos pecados, nem presença do Espírito de Deus, nem Ceia do Senhor, nem unção dos enfermos, nem casamento legítimo. O casamento foi também classificado como um sacramento pela vossa Igreja, mas não preciso de me alongar sobre esse assunto, depois do que já vos disse.

"Se Cristo voltasse à Terra hoje, seria novamente forçado a exclamar: "Tenho pena do povo!" Se as igrejas cristãs atuais querem tornar-se novamente portadoras dos verdadeiros ensinamentos de Cristo, têm de regressar ao serviço divino praticado pela Igreja cristã primitiva. Não há, é claro, qualquer esperança

de que esse regresso ao Cristianismo de Cristo seja iniciado pelos líderes das igrejas cristãs atuais. Esse movimento terá de partir do povo. O povo, que foi sobrecarregado com tantas regras humanas em nome da religião, deve aprender de novo a procurar Deus e a cumprir a Sua vontade da mesma forma que os primeiros cristãos, sob a orientação dos espíritos de Deus – pois a frase que a Igreja cristã original tomou como princípio orientador continua válida até hoje:

"*Onde estiverem os espíritos de Deus, aí está a verdade!*"

"Tendemos a rejeitar tudo o que entra em conflito com as nossas tradições. Isso faz parte da natureza humana. O hábito é a mais forte de todas as forças na vida do indivíduo, tal como na de um povo. É por isso que nos apegamos tão firmemente aos costumes e hábitos transmitidos pelos nossos pais e observados desde a infância. Isto é particularmente verdade em relação a tudo o que se refere à religião dos nossos pais. Aquilo que o pai e a mãe de uma criança lhe apresentam como sagrado e divino, aquilo que praticaram como dever religioso e imprimiram no coração da criança como tal, é difícil de erradicar completamente. Ainda que a maioria de nós não se comporte de acordo com os ensinamentos recebidos na infância, continuamos a encará-los como algo digno de reverência, como algo diante do qual permanecemos em respeito e que não estamos dispostos, pelo menos exteriormente, a descartar por completo.

"Ainda sentimos que o nosso próprio funeral deve realizar-se segundo os moldes tradicionais dos nossos antepassados, mesmo que tenhamos levado uma vida incoerente com a sua fé, julgando que, pelo menos nesse momento, devemos isso à tradição familiar e religiosa. Estamos todos tão fortemente marcados pelas opiniões e sentimentos religiosos do nosso lar e dos nossos companheiros de fé, que algo dessa marca permanece, por mais vezes que tenhamos mergulhado nas águas de uma vida quotidiana irreligiosa.

"Essa força do hábito é o maior inimigo da verdade em todos os campos, e particularmente no da religião, pois não só desencoraja as pessoas de procurar a verdade por iniciativa própria, como as leva instintivamente a rejeitar, sem mais investigação, tudo o que possa contrariar as suas ideias anteriores. E para isso só há um remédio: a experiência pessoal da verdade.

"A minha própria experiência em relação às verdades apresentadas neste livro não foi muito diferente. A minha religião ensinara-me que existe um Deus e um mundo espiritual, e sobre isso eu estava convencido, mas o facto de que se pudesse estabelecer comunicação percetível aos sentidos humanos com esse mundo espiritual contrariava a doutrina da minha Igreja, e por isso considerava

tal ideia uma tolice. Consequentemente, quando um dia fui chamado a investigar aquilo que alegadamente eram mensagens espirituais, estava interiormente convencido de que conseguiria facilmente desmascarar tudo como sendo uma fraude.

"Naturalmente, compreendia que tal investigação só poderia ser conclusiva se conduzida segundo os mesmos princípios científicos que devem ser aplicados em todos os campos, se se pretende descobrir a verdade. Estes são os princípios de causa e efeito, que são geralmente válidos e não admitem exceção. Um efeito sem uma causa correspondente é impensável em qualquer domínio. Assim, sempre que pensamentos são expressos com clareza e nitidez, tem de haver um portador desses pensamentos, um "eu" pensante. Se um ser humano exprime pensamentos que lhe são e sempre foram desconhecidos, se fala e escreve em línguas estrangeiras cujo som nunca antes ouvira, então não pode ser o "eu" dessa pessoa a causa do efeito produzido.

"Isto é ainda mais evidente se essa fala ou escrita ocorre durante um estado de total inconsciência, sendo contrário a toda a razão acreditar que alguém nesse estado possa falar racionalmente durante horas sobre os assuntos mais difíceis, respondendo e discutindo todas as questões e aspetos secundários de forma inteligente. Ainda menos seria possível que uma pessoa inconsciente falasse ou escrevesse numa língua que nunca ouvira ou estudara. Num caso assim, não podemos aceitar o "eu" da pessoa em causa como portador dessas mensagens e somos forçados a assumir a presença de outra entidade pensante que utiliza o corpo da pessoa inconsciente como instrumento para falar e escrever. Esta conclusão é inescapável, mesmo se aplicarmos os princípios das ciências exatas.

"Se, além disso, estas entidades pensantes, invisíveis aos nossos olhos, nos garantem repetidamente que são espíritos desencarnados, e se nos explicam as leis que lhes permitem comunicar com a humanidade, então temos os meios para testar a veracidade das suas afirmações. Precisamos apenas de cumprir as condições que, segundo o mundo espiritual, são necessárias para que possam comunicar connosco. Se então se comprovar que, mediante a observância dessas condições, a comunicação com os espíritos de facto ocorre – e mais ainda, que ocorre sempre e em qualquer lugar – então a comunicação espiritual é tão inegável quanto o é o facto de que, ao obedecermos às leis da transmissão radiofónica, conseguimos receber mensagens de rádio vindas de pontos distantes.

"A validade das leis é a mesma em ambos os casos. As leis que regem a transmissão por rádio não foram criadas hoje; são tão antigas quanto o universo, mas apenas recentemente foram descobertas. Do mesmo modo, as leis que regem a comunicação entre o mundo espiritual e a humanidade sempre existiram. Nem sequer são uma descoberta recente, pois povos de todos os países e de todas as épocas as conheceram e utilizaram para comunicar com o Além.

"As minhas próprias experiências neste campo, bem como as de milhares de outras pessoas — entre as quais se encontravam numerosos investigadores científicos — não são ilusões, alucinações ou enganos semelhantes dos sentidos. São acontecimentos puramente objetivos. Estava na plena posse dos meus sentidos ao observar e testar os fenómenos que testemunhei. Não possuo quaisquer dons mediúnicos, não sou clarividente, nem clariaudiente, nem sensitivo de qualquer espécie.

"Desconheço em mim qualquer estado de transe. Dotado de boa saúde e nervos firmes, observei estes fenómenos aos 50 anos de idade, após 25 anos de serviço como sacerdote católico, período durante o qual me familiarizei com os altos e baixos da vida humana. Ao longo do exercício diário do meu ministério, testemunhei inúmeros casos de histeria, nervosismo extremo, insanidade, epilepsia e outras condições mentais semelhantes, mas aquilo que vi relacionado com a comunicação espiritual, tal como descrito neste livro, era algo completamente diferente. Não apresentava sequer a mais remota semelhança com ocorrências anormais no domínio psíquico.

"A consciência de que tudo estava em jogo era, por si só, suficiente para me obrigar a conduzir as minhas observações com a máxima seriedade e escrúpulo. Como clérigo, ocupava uma posição que me libertava de todas as preocupações materiais para o resto da vida, e é evidente que ninguém abandona uma posição dessas para enfrentar o mundo sem meios de subsistência, a não ser por motivos da mais elevada importância.

"Mas teria de a abandonar, caso se confirmasse a veracidade daquilo que aprendera através do que considerava ser comunicação com o mundo espiritual, pois essas revelações contrariavam as doutrinas que, como sacerdote católico, eu era chamado a pregar aos meus fiéis e a aplicar no ministério das suas almas. Se as mensagens que me foram transmitidas pelo mundo espiritual fossem verdadeiras, teria de renunciar ao meu cargo de clérigo católico.

"Há ainda algo que desejo dizer ao leitor deste livro, em resposta à pergunta sobre se é imprescindível que todos procurem entrar em comunicação com o mundo espiritual de Deus da forma descrita nesta obra. A resposta é "Não." — Pois quem crê em Deus e confia n'Ele, quem obedece à Sua vontade conforme o melhor do seu conhecimento, alcançará Deus. Este fim pode ser atingido sem uma comunicação percetível com o mundo espiritual de Deus. No entanto, aquele que alberga dúvidas sobre a existência de Deus, que deseja obter clareza sobre se as doutrinas da sua religião são verdadeiras ou falsas, que busca esclarecimento sobre as grandes questões da existência e da vida para além da morte, só poderá alcançar a verdade de uma forma: através da comunicação com o mundo espiritual do bem.

"Chegar a uma convicção firme acerca da sua relação com Deus e com o Além é um dever de todo o ser humano, segundo as palavras do Apóstolo Paulo: "Cada um tenha a sua convicção, e mantenha-a diante de Deus. […] Tudo o que se faz sem convicção é pecado." (Romanos 14:22-23)

"Para o verdadeiro buscador da verdade, esta é o tesouro de que Cristo fala numa parábola: "O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontrou e escondeu novamente; e, cheio de alegria, foi vender tudo o que possuía e comprou aquele campo." (Mateus 13:44)